SERÕES

Nº 7 — JANEIRO 1906

R. Carneiro

FERREIRA & OLIVEIRA Lº — LISBOA

SERÕES

SERÕES

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

SEGUNDA SÉRIE — VOLUME II

LISBOA
FERREIRA & OLIVEIRA L.da — EDITORES
132, — RUA DO OURO — 138

1906

O segundo concurso de

PHOTOGRAPHIA

Aberto pelos "SERÕES"

O magnifico exito que obteve o nosso primeiro concurso de photographia, limitado apenas aos photographos amadores, leva-nos a abrir já n'este numero dos Serões um outro, a que poderão concorrer não só os profissionaes e os amadores de photographia mas os proprios paes de familia, ou outras quaesquer pessoas que tenham creanças a seu cargo, visto que o thema que agora offerecemos se, proficionalmente interessa os primeiros, não menos apaixonará e captivará os segundos.

Visto que as **Creanças,** pela graça de flor das suas phisionomias, pelo tocante encanto das suas attitudes, pela radiosa vivacidade dos seus gestos, pela cariciosa e angelica expressão dos seus rostinhos meigos, são um elemento superior de Esthetica e um manancial fecundo de Poesia e de Belleza, será á glorificação e á apotheose da infancia que este concurso se destina.

Todos poderão, portanto, concorrer com quaesquer photographias, contanto que não tenham sido publicadas, de

CREANÇAS OU GRUPOS DE CREANÇAS DIVERSAS.

Devem além d'isso os concorrentes submetter-se ás seguintes

CONDIÇÕES

1.º — As photographias devem ser de qualquer formato conforme a vontade do concorrente, comtanto que o minimo seja o de 9 × 12 centimetros.

2.º — As photographias premiadas serão publicadas nos **SERÕES** com o nome e a residencia do concorrente. Além d'isso a direcção dos **SERÕES** reserva-se o direito de publicar, com menção honrosa, todas aquellas que d'isso forem julgadas dignas.

3.º — A propriedade de todas as photographias premiadas, para os effeitos da publicação, ficará pertencendo aos **SERÕES**.

4.º — A direcção dos **SERÕES** não se compromette a devolver as provas que lhe forem remettidas, a não ser que para isso lhe enviem um envelope devidamente estampilhado.

5.º — A decisão dos **SERÕES** será definitiva.

6.º — As provas devem ser enviadas á direcção dos **SERÕES** com o boletim que abaixo publicamos, o qual se cortará d'esta pagina e se preencherá devidamente.

7.º — Haverá **TRES PREMIOS**, sendo o primeiro de **10:000 réis;** o segundo **Uma collecção dos 4 volumes dos SERÕES** já publicados ou, se o preferirem, **Uma caixa com bonecos;** o terceiro **Uma assignatura de um anno nos SERÕES** a qual póde reverter em favor de qualquer pessoa indicada pelo premiado, caso este já seja assignante.

Boletim para cortar e remetter com a photographia

SEGUNDO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS "SERÕES"

Ultimo dia de recepção — 31 de março

Titulo da photographia ....

Local em que foi tirada ....

Nome e endereço do photographo ou da pessoa que n'ol-a enviar ....

....

Declaração. — Declaro que a photographia, que junto remetto, nunca foi publicada.

Assignatura ....

Endereço: A' Direcção dos **SERÕES**, Livraria Ferreira & Oliveira L.da, Rua Aurea, 132 a 138, devendo no verso do enveloppe indicar — Concurso de Photographia.

Summario

Nos nossos proximos numeros

Artigos de Julio Diniz, *inedito*

Dr. Alfredo Luiz Lopes
Alfredo Mesquita
Anthero de Figueiredo
Coelho de Carvalho
Dr. Curry Cabral
Domingos Guimarães
João de Barros
D. João da Camara
João Luzo
D. José Pessanha
Wenceslau de Morães
Zacharias d'Aça

Correspondencia dos «Serões»

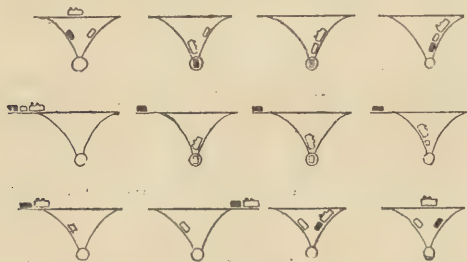
QUEBRA CABEÇAS

Eram quatro os problemas incertos no nosso numero 4, que exigiam resposta. Para facilidade, numeral os-hemos.

1 *Conta de hotel* — Este problema sahiu com um erro, que foi aliás verificado por alguns decifradores. A conta de 18 tostões deve decuplicar-se: são 18$000 réis. Os convivas eram 12 e cada um pagou 1500 réis. Se fossem 18 e cada um desse 1200 réis, perfariam 19$000, isto é, mais um quartinho para a gorjeta.

2 *Patetinha!* — O patetinha andou 32 kilometros e faltavam-lhe apenas 5 para percorrer o caminho todo.

3 *Enigma — Vintem* ou *vinte.*

4 *Problema de caminhos de ferro* — A figura junta mostra a serie de manobras a fazer.

Decifradores. — Matultimo (2 e 4), Lucar Som (1, 2, 4), Luiz Braz (4), X. Psilonn (3 e 4), T. R. (2, 3 e 4), Sphynge, (2 e 3).

ONDE IRÁ PARAR?

Vamos agora, segundo a nossa promessa, continuar a discussão aberta sobre o curioso problema *Onde irá parar?* do 1.º numero dos *Serões,* inserindo a opinião do sr. *Réclus... manqué,* e guardando ainda a restante correspondencia sobre o assumpto, visto não serem infelizmente elasticas estas paginas supplementares dos *Serões.*

Eis pois o que diz o sr. *Réclus... manqué,* referindo-se á solução apresentada no n.º 5 dos *Serões:*

«Segundo ella, o navio descreve uma espiral sobre a superficie da esphera, approximando-se indefinidamente do polo, sem nunca o attingir.

Esta solução é perfeitamente verdadeira, tratando-se do movimento d'um ponto, mas como na presente questão se falla de um navio, por pequenas que sejam as suas dimensões, não posso perceber como dê um numero infinito de voltas de espiral em torno do polo, sem nunca o attingir. Parece-me que, pelo contrario, deve terminar a sua curiosa viagem n'este ponto. Por outro lado, quem souber o que é uma *helice cylindrica* e uma *helice conica* não pode estranhar que, por analogia, se designe com o nome de *helice espherica* o caminho seguido pelo navio, julgando eu que d'esta maneira não ficaria a curva peior definida, do que chamando-lhe *espiral,* como nas soluções publicadas.

«D'este modo, penso que a solução que eu enviei antes d'esta, é verdadeira, parecendo-me de justiça que V. lhe tivesse feito referencia, differente da que vem no n.º 4, a qual faz parecer tratar-se d'uma resposta absolutamente erronea e me fez guardar impaciente a solução genuina. Felizmente que, depois de a conhecer, readquiri o socego d'espirito.»

KURHAUS SANT'ANNA — ALAMEDA DA ENTRADA

KURHAUS SANT'ANNA

Os Sanatorios da Madeira

ANTECEDENTES HISTORICOS

Já lá vão dois annos, que uma companhia allemã, presidida pelo principe de Hohenlohe, requereu ao governo portuguez a concessão de facilidades para o estabelecimento de Sanatorios, na Ilha da Madeira, a mais formosa e sadía das terras portuguezas.

A companhia comprometttia-se a edificar dois sanatorios, um para ricos e de sua exploração e outro para nacionaes pobres e gratuito; ainda mais faria a edificação de um hotel para as pessoas que acompanhassem os doentes, visto uma casa de saude não estar em condições de conforto e distracção para abrigar gente com saude. Era rasoavel. Nada mais queria a companhia allemã do que a entrada isenta de direitos dos materiaes para a construcção dos sanatorios.

Embora um interesse, talvez puramente commercial, arrastasse um grupo de homens a explorar a pureza do ar e a temperatura excepcional do clima madeirense, evidentemente que a ideia não podia ser mais feliz nem mais sympathica.

Portugal parece que devia ter grande interesse na valorisação de uma das mais brilhantes joias dos seus vastos dominios, no aproveitamento das condições paradisiacas que a Madeira offerece ao mundo.

Foi em maio de 1903 que Sua Alteza o Principe de Hohenlohe se propoz organizar uma empreza com o

fim d'estabelecer na Madeira sanatorios para tuberculosos, construidos segundo os mais modernos preceitos da sciencia, sollicitando logo como necessaria condição de tão benemerito emprehendimento, entre outras vantagens, que lhe fosse decretada a utilidade publica e urgencia das expropriações dos terrenos necessarios ás installações projectadas, pedido que foi deferido pelo governo em lei de 5 de junho de 1903, ficando, comtudo, a concessão definitiva dependente da apresentação e approvação dos projectos e realisação do deposito offerecido.

Em setembro era enviada pelo Principe de Hohenlohe, d'accordo com o nosso governo, uma commissão technica encarregada de escolher os locaes mais apropriados para as installações projectadas, commissão de que fazia parte, como delegado do governo, o illustre medico portuguez sr. D. Antonio de Lencastre, medico particular de S. Magestade a Rainha D. Amelia, sendo então indicada, como região mais propria para os estabelecimentos de Sanatorios Maritimos e Kurhoteis, a zona littoral a oeste do Funchal, na facha de 500 metros a contar da beira mar para o interior, e na extensão que vae da «Quinta Lambert» á fabrica de distillação d'alcool no sitio do Salto Cavallo, comprehendendo-se por consequencia n'esta zona a «Quinta Pavão».

Isto consta do relatorio da commissão medica, assignado no Funchal a 28 de setembro de 1903, e do relatorio do delegado do governo, publicado na folha official de 21 de novembro do mesmo anno.

A seguir foi elaborado o projecto geral de sanatorios, que foi apresentado ás estações competentes acompanhado d'uma planta chorographica da cidade do Funchal e seus arredores, onde eram especialmente indicadas as zonas escolhidas pela commissão medica, tendo sido o projecto submettido, com pareceres favoraveis da commissão executiva da Assistencia Nacional dos Tuberculosos e Conselho Superior d'Hygiene Publica, á apreciação do governo, que o approvou por despacho ministerial de 4 de janeiro de 1904, e no qual se ordenou ao requerente que entrasse com o deposito de dez mil libras para garantia das clausulas e condições da concessão, assim feita, declarando-se, expressamente, que o concessionario ficava auctorisado ao levantamento dos projectos definitivos das construcções a fazer dentro das zonas indicadas, afim de serem submettidas á ulterior approvação do governo e «se poder depois seguir os termos regulares e legaes das expropriações a fazer para esse effeito».

Assim ficou tornada definitiva a concessão, reconhecida depois ainda pelo decreto de 15 de dezembro de 1904 que regulou a importação, com isenção de direitos, dos materiaes e instrumentos destinados aos Sanatorios da Madeira.

Temos seguido a ordem chronologica de todos os trabalhos e por esta exposição se conclue que só faltava, para se tornar effectivo o direito d'expropriação a que se refere a lei de 5 de junho de 1903 e o despacho de 4 de janeiro de 1904, a approvação dos projectos definitivos, formalidade que o governo cumpriu, como se vê pelo despacho de 13 de setembro de 1903, approvando os projectos definitivos dos sanatorios de *montanha*, e do despacho de 10 de maio do corrente anno, que deu approvação ao projecto definitivo do sanatorio *maritimo* ou Kurhotel.

Ora este ultimo despacho foi communicado a Sua Alteza o Principe de Hohenlohe por officio da Direcção Geral de Saude e Beneficencia Publica, datado de 11 de maio do corrente anno, no qual se declara «que foram approvadas todas as peças de que se compõe o projecto definitivo», entre as quaes figura a planta cadastral do terreno destinado ao Kurhotel, e da qual faz parte a propriedade que se pretende expropriar.

Eis pois as bases juridicas em que assenta o pedido d'expropriação da «Quinta Pavão».

O QUE DEU MOTIVO AO INCIDENTE DIPLOMATICO

A Companhia da Madeira esteve muito tempo em negociações com as

antigas proprietarias da Quinta em questão, porque todo o seu desejo era, como aconteceu com os outros terrenos, chegar a um accordo completo ácêrca das condições de compra.

Não a detiveram nunca circumstancias que se prendessem com os preços de quaesquer terrenos, offerecendo sempre o que lhes foi pedido, sabendo d'antemão que n'estes casos se exige muito mais do que é representado pelo valor real.

Mas, com a «Quinta Pavão», acontece que depois da Companhia haver chegado a um accordo com as suas proprietarias, é surprehendida por um contracto de arrendamento realisado em 24 de dezembro de 1904, — muito posterior, como se vê, á escolha official das zonas destinadas aos sanatorios — no qual se dava ao arrendatario o direito de preferencia no caso de venda, direito que foi reclamado pelo interessado na occasião opportuna, adquirindo o predio em abril do corrente anno, e transferindo pouco depois os seus direitos aos actuaes possuidores, ainda dentro d'este mesmo mez.

A compra foi feita depois dos actuaes possuidores saberem que a Quinta estava contida na faixa sujeita a expropriação e, por consequencia, esse acto veiu embaraçar os projectos da Companhia da Madeira que desejava ádquirir esses terrenos em circumstancias normaes, como já havia tratado, a qual se viu na necessidade de recorrer aos seus direitos d'expropriação assegurados pela lei que especialmente lhe respeita.

SANATORIO D. AMELIA — FRENTE DO EDIFICIO MOSTRANDO AS VARANDAS DA CASA

RIVALIDADES ENTRE INGLEZES E ALLEMÃES

O commercio inglez na ilha, que se manifesta sob varios aspectos, tem como principal ramo de exploração os

hoteis. Por isso, como a empreza resolvesse um grande hotel annexo aos sanatorios, naturalmente os proprietarios dos hoteis inglezes sentiram-se lesados e procuraram de todas as maneiras impedir ou pelo menos difficultar essa construcção que fatalmente os havia de prejudicar. D'ahi a insinuação de que os sanatorios eram apenas um pretexto para á sua sombra passarem aos direitos os materiaes para o hotel, prejudicando-os não só a elles e ao governo portuguez, mas ainda aos madeirenses, negando lhes trabalho nas obras que só dariam a allemães mandados vir. A empreza, querendo defender os seus interesses, fundou um jornal, o *Heraldo da Madeira*, que, diga-se em abono da verdade, é para o Funchal uma publicação de primeira ordem. Este jornal, dirigido pelo tenente sr. Reis Gomes, que é um grande talento, muito tem feito na defesa dos interesses da companhia.

O commercio inglez tambem tem um jornal, *O Diario de Noticias*, que, pelo fallecimento do Barão do Jardim do Mar, foi adquirido pela casa Blandy, a mais rica e prestigiosa casa ingleza de commercio no Funchal.

É n'este jornal que o elemento inglez, auxiliado pelos seus empregados, todos madeirenses, faz a sua politica local.

Depois de tudo isto, não é difficil encontrar a causa de todos os incidentes havidos e por haver no que diz respeito a sanatorios da Madeira. Luctas de interesses que certamente nunca deixarão de existir, porque entre os elementos inglez e allemão não póde haver *entente* possivel, sobretudo agora que a rivalidade chegou ao estado em que se encontra.

Quando o contracto provisorio foi assignado entre a companhia e o governo portuguez, os concessionarios puzeram a sua obra sob a protecção de Sua Majestade a Rainha, que tem dedicado um grande affecto aos trabalhos

SANATORIO D. AMELIA — UM QUARTO DE DORMIR

SANATORIO D. AMELIA — QUINTA SANT'ANNA

d'esta natureza. Sua Majestade, que prometteu o seu auxilio, pediu ao dr. Lencastre para ir á Madeira vêr as condições em que os sanatorios seriam edificados, combinando os medicos allemães com o distincto medico portuguez a escolha dos locaes e como installação transitoria o Kurhaus Sant'Anna; porém, antes de acabada esta obra, uns commerciantes allemães pensaram fazer no Funchal uma canalisação de agua ramificada pelas habitações. Era uma companhia das aguas que prestava um grande beneficio á cidade, porque esta é fornecida por agua de um certo numero de nascentes e chafarizes. Quem precisa agua tem que mandar buscar em bilhas á fonte. Todas as sobras vão para o mar na canalisação de exgoto ou infiltrada nas camadas do sub-solo.

Quem tem aproveitado estes sobejos é a casa Blandy, nas Fontes — por concessão camararia, fornecendo as barcas de agua, que por sua vez abastecem os vapores e outras embarcações que tocam o porto.

Evidentemente que a ideia da companhia das aguas prejudicava a casa Blandy e portanto, entendeu esta pôr toda a sua influencia em campo, para impedir ou pelo menos addiar a realisação d'esta ideia; e apesar dos esforços dos allemães, a ideia parece que abortou e tudo nos leva a crêr que os inglezes venceram. Como esta, outras questões se teem dado, dia a dia, até que a ultima, a da «Quinta Pavão», to-

Bianchi Pavão

VISTA PANORAMICA DAS TR

mou vulto, chegando os allemães a pedir ao seu governo que interviesse sobre a questão provocando o incidente diplomatico que felizmente parece resolvido sem maiores consequencias.

A origem d'este conflicto ultimo foi o requerimento por parte do concessionario para a expropriação da «Quinta Pavão» para ali se construir um estabelecimento Kurhotel, destinado aos predispostos á tuberculose.

D'ahi o conflicto, que não foi mais do que uma questão de direito internacional privado.

A «Quinta Pavão», com a linda vista de mar, que é uma das mais lindas vivendas da cidade, sombreada de cedros e florida de rosas, conhecida do povo que a baptisou pela cantiga triste e arrastada de um pavão que ali nasceu e ali morreu, ficou agora celebre na historia dos sanatorios, augmentando o seu valor pelo interesse que despertou.

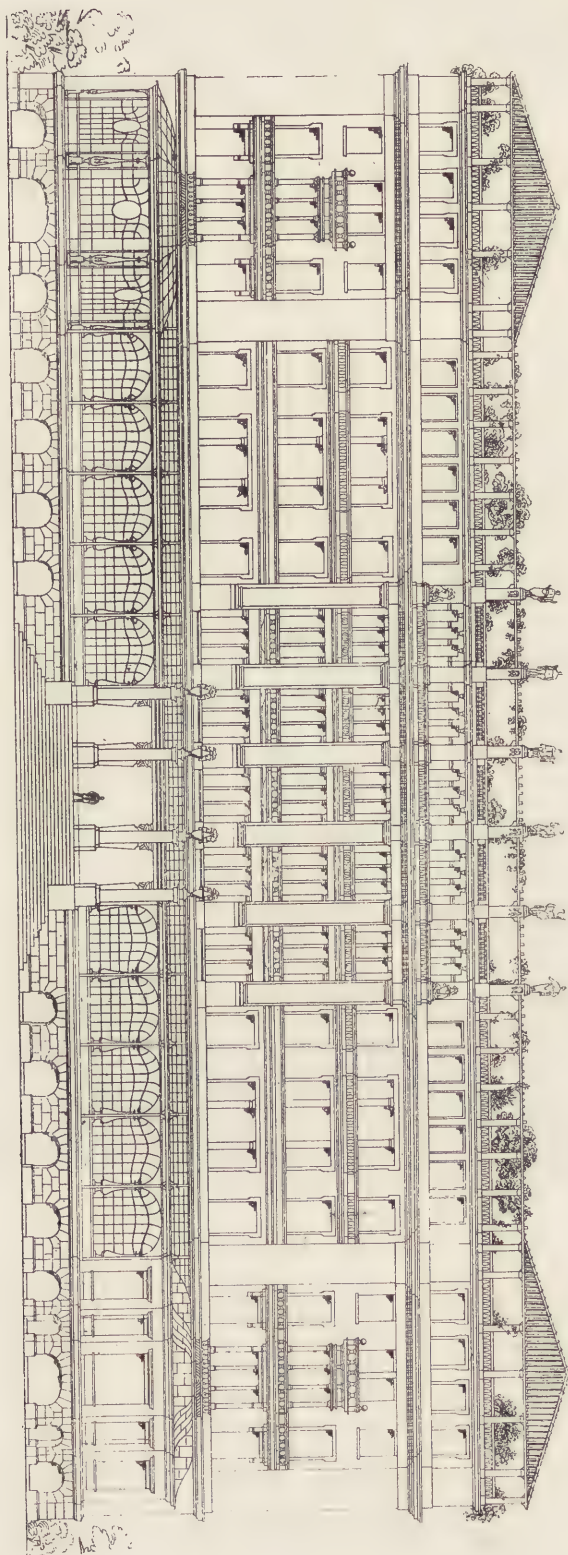
Resolvido o incidente, as obras continuam e d'aqui a uns annos esperamos vêr construidos os Sanatorios Maritimos, como agora vemos os estabelecimentos provisorios da Montanha.

Vigia

IGIA, PAVÃO E BIANCHI

CASA DE CURA SANT'ANNA

Na quinta d'este nome, meia encosta de Nossa Senhora do Monte, n'uma altitude de 360 metros, a dentro da zona que a commissão scientifica escolheu como sendo a mais apropriada para o tratamento da tuberculose, fica a serie de edificios que a Companhia da Madeira mandou construir, installações

PROJECTO DE UM KURHOTEL

magnificas, completando-se umas ás outras, as quaes, no seu conjuncto harmonico e elegante, formam o chamado Kurhaus Sant'Anna, servido por um soberbo e bem delineado parque.

A antiga casa de residencia, mandada construir no começo do seculo passado pelo dr. Oliveira, medico d'el-rei D. João VI, foi completamente transformada n'um delicioso Kur Restaurant, concebido n'um fino gosto, de moderno luxo, com a sua cosinha modelo e os seus confortaveis salões, salas de bilhar, bibliotheca, etc.

Cá fóra, os jardins, com massiços de flôres em mosaico pelos canteiros entufados, estendem-se sobre um tapete ondulante de relva arripiada ao sopro da viração.

Que mestria e sabio contraste! Aqui, uma alameda de arvores seculares, austeras, abraçando-se a folhagem n'um tunnel convidativo á meditação, que breve termina n'uma franca e graciosa esplanada, d'onde a vista se espraia pelas vertentes verdejantes e luxuriosas; lá em baixo a cidade apinhada de casaria branca, acavalgada, o porto sereno, envernisado, a reflectir as embarcações, e as rochas da costa, além, pardacentas a fugirem, sumindo-se n'um azul manchado de cinzas.

Depois, o encruzilhado d'um passeio que vae serpenteando sempre á procura d'uma inclinação suave, de cujos taludes pendem, com frescor, as fron-

des viçosas dos fetos. N'uma escarpa revestida artificialmente de pedras de basalto lascado, lamellar, os cactus papudos se illudem, julgando vegetar da rocha.

Plantas raras, arbustos exquisitos e de ornamentação, fraternisam contentes de bem tratados, embalsamando o ar n'uma fusão extranha com o aroma sadío dos pinheiraes.

PLANTA GERAL DOS TERRENOS ONDE SE DEVIA CONSTRUIR O KURHOTEL COM SEUS JARDINS E PARQUE

SANATORIO D. AMELIA

Todos os passeios vão dar ao novo edificio D. Amelia, modelo requintado de sanatorio, onde não falta a mais sonhada commodidade ao lado de quanto a hygiene tem inventado com as suas extraordinarias exigencias.

Surgiu este sanatorio como por encanto á vara magica d'uma fada, tal o afan e rapidez com que foi construido por processos completamente novos na Madeira.

Elegante e opulento nos mais pequenos detalhes, é o edificio consagrado aos protegidos da fortuna, e, todavia, foram lá provisoriamente reservados logares para indigentes soffredores de molestias pulmonares.

Alli se acham as installações de banhos turcos, electricos, luminosos, mineraes, tudo magnificamente installado, funccionando sob a direcção d'um

pessoal escolhido e competentemente habilitado.

Aos andares superiores leva um elegante elevador interno, evitando o cansaço da subida por uma vasta escadaria ornada de balaustradas em arte nova.

Os quartos de dormir surprehendem: leitos largos de bronze polido, macios estofos, todo o mobiliario branco, immaculado, passadeiras e tapetes moveis, amortecendo o ruido, condizem alegremente, n'um tom claro, com a côr das *chaises longues* e dos *fauteuils*.

Na altura da base do zimborio, que faisca em reflexos metallicos, fica o espaçoso terraço de cura, um novo jardim, onde os doentes passam as horas indicadas pela prescripção medica no arejamento dos pulmões.

Nada foi descuidado. E apesar d'este edificio ter sido construido com material incombustivel, varias boccas de incendio estão promptas a lançar, a um tempo, jorros d'agua sobre pressão.

Os terrenos do Kurhaus abrangem uma area de 60 hectares.

N'um outro edificio ficam: a casa das machinas, geradores da luz electrica com poderosos accumuladores para um caso de desarranjo, as lavanderias, branqueação a vapor, estufas de desinfecção, a fabrica de gelo, de aguas mineraes, etc.

Duas pequenas *villas* — Camelia e Meyrelles — onde residem os empregados, fecham o extenso polygono do Kurhaus.

Alli, poderá recuperar o convalescente as suas forças abaladas e o *touriste* rico encontrará todos os recursos que até ha bem pouco lhe não poderia offerecer a Madeira.

QUINTA SANT'ANNA — UM ASPECTO DOS JARDINS

A CONVERSÃO

I

A vida sentimental de Julião, hoje lavrador opulento, pae de filhos robustos e gordos, marido affavel e correcto, e outrora poeta elegiaco, sem ser talvez muito rara, original e saliente como psychologia amorosa, é em todo o caso bem interessante como drama e, sobretudo, como farça. Porque esse solido e trigueiro proprietario rural, que eu encontrei ha poucos dias ainda, por uma dourada e evocadora manhã d'outomno e que tão effusivamente me abraçou, tem com effeito na sua existencia episodios comicos e dramaticos. Eu conheci-o n'uma época remota e saudosa para o meu espirito — se a lembro florida das puras rosas da adolescencia, sob ceus esplendidos de fulgor e de luz! Era pallido, lymphatico, trazia longa cabelleira então em moda nos rapazes apenas saidos dos encantos e dos languidos desfallecimentos do romantismo, fazia madrigaes, lia romances e vivia mergulhado nas inquietações e nos extasis d'uma paixão constante. Os seus versos (que eram banaes, sem vibração e sem riqueza de themas inspiradores) laboriosamente rimados á sombra deleitosa das arvores ou nos suaves silencios do seu desconfortavel quarto de bohemio, alludiam sempre a virgens loiras que passavam, rosadas de pudor sob a alvura das candidas capellas de flôr de larangeira, na pompa dos cortejos nupciaes, a um sol fulvo, para os templos recolhidos e austeros, ou a noivas tristes que se finavam ao brando cair dos crepusculos, d'olhos postos no ceu. Compôz tambem um poema lancinante, *Precito* (o precito era o meu lamentavel amigo!) que foi celebrado com enthusiasmo e ardor, na roda dos esturdios que com elle conviviam. Ahi se declarava furiosamente, em plena manhã e em plena primavera da vida, viuvo d'affeição, sem fé, sem amor, escorraçado dos homens e escorraçado de Deus, vendo tudo sombrio, errando n'um mundo que não o comprehendia e que era um vasto cemiterio, onde a penumbra das cruzes se projectava desoladoramente sobre os tumulos — entre a dôr e o ermo. O precito tinha um gesto que nos pareceu soberbo, pela sua altivez: — suicidava-se, blasphemando e legando aos que ficavam:

«O desprezo, a chimera, o soffrimento!»

Ah! com que sincera, com que espontanea e calorosa admiração nós todos o saudámos na hora inolvidavel em que Julião nos declamou, com gritos, o poemeto glorioso, que era a sua renuncia desdenhosa e amarga a todos os gozos, a todas as seducções e a todos os desenganos do universo! Para celebrarmos o genio lirico e d'um tão negro espiritualismo do nosso camarada, que ousamos comparar a uma luminosa figura do agiologio, organisámos uma ceia tremenda, que ficou celebre na ruidosa chronica da «Taberna Elegante». Comemos como só se come na juventude: houve até um certo prato de pescada com pimentos — n'essa éra amavamos as commoções fortes, mesmo em culinaria! — que pareceu mais bello ao poeta de que os intensos regalos da existencia; e lembro-me que depois do vinho, todos concordaram em que a vida era uma burla, o amor uma fraude, a arte uma futilidade e as religiões uma mentira. Fomos especialmente muito severos para a Philosophia, ali demolida asperamente, n'essa noite memoravel, a murros tumultuosos, sobre o marmore das mezas — tão tumultuosos que accordaram um sombrio cava-

TODOS CONCORDARAM EM QUE A VIDA ERA UMA BURLA

lheiro que dormia com a face congestinada sobre os braços cruzados e que, despertando precisamente no momento em que o auctor do *Precito* berrava com raiva: — «Abaixo Kant!» rugiu: — «Viva a Carta Constitucional!» — e pediu um calice de genebra. Foi sério! Assim ultrajados nas suas convicções e no seu scepticismo, os meus arrebatados companheiros queriam immolar á politica mais uma victima. Accudiu então a patrulha e deu coronhadas nos adversarios da Carta.

Quando saimos para a rua, fazia um luar maravilhoso de translucidez, uma serenata soluçava ao longe, havia idyllios pelos silenciosos balcões: e nós pensavamos que tinhamos alluido, d'um golpe pezado e irremediavel, todos os systhemas philosophicos e toda a illusão humana. A mocidade possue d'estas adoraveis e profundas confianças!

II

Julião tinha um tio abbade n'uma repoisada e verde aldeia do Minho, santo velho d'alma ingenua e infantil que ainda agora estou a vêr, terno e sorridente, alporcando os craveiros nos alegretes do seu passal. Que encantadora e immaculada velhice! Os cravos eram a sua unica adoração terrestre: e com que carinho os cuidava, regando-os ao descer das tardes harmoniosas em que os coloridos esmorecem docemente! Nos dias lindos de julho, era uma clara e victoriosa symphonia de tonalidades. Havia-os brancos como neve, amarellos como uma geada de topasios que o frio congelasse, vermelhos como sangue, côr de fogo e côr d'oiro! E entre o esplendor de tanta belleza radiante, dir-se-ia que a candura d'aquelle padre simples se tocava de maior enlevo e de maior unção! Foi n'este placido refugio que Julião se isolou para convalescer da doença d'alma que o devastava. A tensão nervosa, a exaltação vehemente, a intensidade sentimental, as irregularidades d'uma vida desordenada, sem methodo e sem uma occupação d'elevada nobreza moral que a enchesse e lhe désse relevo, desiquilibraram-n'o e exhauriram-n'o de toda a energia e de toda a vontade.

O amor, para elle, era uma visão enygmatica, incorporea, mysteriosa como as divindades e como ellas intangivel. Nunca o encontrava, por mais que o procurasse. O Viegas, moreno e sensual, custumava dizer que o auctor do *Precito* andava sempre sordidamente embriagado de poesia; e o Péres, um sceptico intransigente, accrescentava, n'um riso sarcastico e frio:

— De poesia, não! De cognac!

Quando partiu para a quieta residencia abbacial, que lhe refez uma tão pura virgindade de espirito, o meu pobre amigo ia mal do corpo e mal do coração, e a derradeira noite que na cidade passei com elle foi tempestuosa e revolta de coleras. Hallucinado, fumando desabaladamente, percorria o quarto a grandes passos e blasphemava. A aldeia aterrava-o, com a sua quietação, os seus scenarios, a sua paysagem, a sua simplicidade e o seu tedio. Fez e desfez as malas, n'uma hesitação que me consternava; mas, por fim, a emoção, as recordações ineffaveis d'éras gratas, chocaram-n'o e venceram-n'o; e, com uma decisão que eu não lhe conhecia, saccudiu para o pó da rua, em cinzas, tudo o que o prendia ao passado: — flôres seccas, madeixas de cabellos, ardentes cartas de namoro, ganchos, retratos, ligas romanticas, fitas de sêda — e ficou curvado e mudo sobre a janella, d'olhos

COM QUE CARINHO OS CUIDAVA,
REGANDO-OS AO DESCER DAS TARDES!

fixos na escuridão, como quem espreita a solitude d'um tumulo. Assim morria o idealista! Quando queimou cruelmente a ultima confissão da eterna Elvira, Julião estava pessimista; e o molle aperto de mão que me deu foi, com effeito, o d'um homem que se fizera descrente. Com que tristeza o vi desapparecer, por uma tarde morna de primavera, ao arquejar da machina d'um comboyo que o arrebatava ao meu affecto fraterno!...

Ainda no verão d'esse anno me demorei com elle toda uma semana doce, em casa do tio, o bom abbade d'olhos azues tão fundos e tão absorventes de luz, que toda a alma se espelhava n'elles. E que alma simples! Era, como Jesus, amigo das creancinhas, que lhe puxavam pela batina e lhe estendiam, na innocencia celeste da bocca, castos beijos; como Jesus, fallava aos velhos e aos pobresinhos, que se acolhiam confiados á sua protecção. Sempre que o contemplava, pareciame que por este homem, perdido nos confins remansosos d'uma provincia, entre gente humilde, nunca tinham passado, com o seu fogo impuro, as vãs paixões do mundo hostil. Jámais olvidarei as suas longas praticas nas noites solitarias, ao chá, na residencia tranquilla. Por toda a parte, jarras de faiança com flôres; a sala de jantar tinha tecto de maceira, e nos frisos, que corriam ao longo das paredes, as maçãs camoezas amadureciam e perfumavam; e, deante d'um oratorio onde um Christo macilento agonizava na cruz, havia sempre cravos rajados, orvalhadas rosas exhalando aromas adocicados, e ardiam velas votivas. A voz do padre era austera e vibrante, mas d'um tom persuasivo e brando que amollecia todas as resistencias e convencia.

Discutiamos, n'um d'estes vagarosos serões, a felicidade. Julião, cada vez mais desinteressado da vida, negava com irritação e teimosia; eu duvidava tambem: e só o santo sacerdote, olhando o sobrinho com dolorosa ternura, affirmava convictamente, como se nos seus sessenta serenos annos enflorassem miraculosamente os chimericos vergeis da ventura. Fóra, no largo campo de linhas indecisas que a lua cheia illuminava, tudo era quietação; pela janella aberta, entrava liricamente um ramo de madresilva cheirosa: e o abbade, com um rubor extranho na face, e de mão tremula no ár, exclamava:

— Como os rapazes de hoje são fracos! A felicidade, meus filhos, existe! Mas, para desencantal-a no seu sagrado templo, é preciso que nas almas nunca se apague a etherea claridade da fé! E vocês, aos vinte annos, começam por eliminar essa fé transcendente e redemptora, como se ella fosse uma vergonha social!

— Abstrações! — rosnou Julião com rancor.

— Realidades! — atalhou o padre vivamente.

— As portas d'oiro do Palacio lendario, já hoje se não abrem triumphantemente aos peregrinos! — disse eu.

— Elles cançam a meio de jornada, meu amigo! No meu tempo!...

Adivinhei um drama sob a escuridão d'essa batina preta, e pareceu-me que uma onda de sangue corava a face enrugada e branca do sacerdote. Teria elle amado? Bateria ainda, da saudade de uma lembrança profana, aquelle coração fechado ás tentações da carne? Fitei-o com curiosidade devoradora, mas o abbade comprehendeu certamente a impaciencia do meu irreflectido movimento, e curvou-se a aspirar o aroma d'um cravo opulento que vicejava n'um claro vaso de crystal.

Quando deixei a pacifica abbadia, julguei Julião inteiramente perdido.

III

Oh! a surpreza indizivel, que ainda tenho no coração como um cantico de juventude e de renascimento! N'essa preciosa manhã estava eu n'um café melancholico, ouvindo bater as pedras do dominó sobre a mesa e lendo, para exacerbar o meu aborrecimento mortal, o artigo de fundo violento d'um jornal da opposição, que insultava o governo. E de repente sinto, com sobresalto, cair rijamente sobre o meu hombro exangue uma poderosa mão musculosa e dextra. Ia já para responder com uma brutalidade bem portugueza, quando encarei um rosto brunido e respirando saude, que um riso affavel e bom allumiava.

— Oh! Julião! — berrei, levantando-me.

Os braços do meu amigo apoderaram-se do meu corpo exhausto e magro apertando-o n'um abraço tão formidavel, que espavoriu os somnolentos e bocejantes moços do botequim.

— Pois és tu?

— Sou eu, com effeito!

O que o campo, o que a quietude virgiliana e rustica tinham feito d'esse rapaz effeminado e pallido, a quem nós chamava-

mos outr'ora «Monsieur Zephiro»! Todo elle resplandecia de contentamento, de alegria de viver, de satisfação! Engordára soberbamente, o seu peito era amplo, a sua face queimada e, por debaixo das mangas do casaco, havia estriados, elasticos musculos.

— Mas é uma resurreição!

— Sim, amigo! Levantei-me do tumulo! Mas vê: — sou contemporaneo e tenho apetite ao almoço, um apetite grosseiro que a tua sensibilidade desculpará a um cavador serrano!

E de braço dado, n'uma conversa interminavel e saborosa, dirigimo-nos ao primeiro restaurante que encontrámos. Ahi soube, entre um *beef* nutriente e a sobremeza, toda a historia moderna de Julião. Casára havia annos, quando no passal do tio abbade desabrochavam os primeiros cravos, com uma creatura meiga que o seu coração amou, e para distrahir a sua ociosidade — fizera-se lavrador.

— COMO OS RAPAZES DE HOJE SÃO FRACOS!

— Tu casado, meu propagandista feroz de celibato!

— E' verdade! Casado e satisfeito! — exclamou Julião com a larga fronte toda envolvida de claridade e de riso!

Viéra á cidade comprar, precisamente, machinas agricolas para aperfeiçoar a cultura das terras, que era primitiva na sua aldeia. Tinha grandes e novas plantações de bacellos, onde amadurecia, em setembro, um vinho mais leve e grato do que o que os poetas suavemente cantaram, tinha campos d'oliveiras, quintas a milho e trigo, pomares de fructa, lameiros para a pastagem das manadas, adegas, celleiros, tulhas e uma vivenda tranquilla, entre castanheiros, na quebrada d'um valle, onde era ineffavel passar os dias de descanço, ouvindo a cantilena bucolica das aguas que reverdeciam constantemente as tenras alfombras, e aspirando o cheiro picante e cálido das roseiras de trepar, que subiam pelas paredes e se despenhavam em festões e em grinaldas em flôr. E, sobretudo, possuia uma fé arreigada, luminosa, transfiguradora, na existencia — que outrora lhe parecera a mais dura das condemnações e que hoje era o seu maior gozo! O seu lar era confortavel e quieto, a mulher que seduzira a sua alma, a mais docil e a mais intelligente das mulheres, a fragilidade e a graça, a candura, o amor!

— Que linda novella, Julião!

— Que incomparavel certeza e que perfeita verdade, amigo!

E como o seu riso era consolador e facil!

A sua vida — antigamente tão atormentada! — deslisava agora placida, egual, sem asperezas nem soffrimentos. De manhã, sobre o dorso d'um pôtro, de cajado traçado sob a perna, galopava pelos caminhos, envolvido na caricia do ar refrigerante e no fio

CASARA HAVIA ANNOS...

dourado da luz, e ia vigiar os trabalhos; e ao meio dia, quando regressava, sempre á porta da sua habitação encontrava um peito que o acolhia com affecto e a alegria infinita dos filhos, que lhe offereciam, na candidez da sua bocca, beijos amoraveis!

— E nunca sentiste a necessidade de vêr homens?!...

— Nunca. Bem sei que o homem, na opinião do philosopho, é o mais forte e sensacional espectaculo para o homem; mas eu prefiro idealisal-o á sombra dos meus limoeiros ou das minhas ramadas, contemplal-o de longe, sem que tenha de roçar-me por elle. Como a vida, entre a ventura e a adoração, purifica e inspira!

Dilecto Julião! Optimista, proprietario abastado, um vigor esplendido, sangue rico de seivas, e, mais que tudo, crente, jocundo e amado!

— Ah! Precito! — exclamei, quando elle accendia o charuto e soprava com delicia o fumo á brisa.

— Asneiras de mocidade! Acreditas que apenas comecei a robustecer, quando perdi a faculdade de rimar tolices?

— Pois já nem fazes versos, Julião?

— Nem já faço versos, meu caro. E creio que a poesia e a dispepsia são as duas enfermidades mais anniquiladoras da humanidade! Padeci cruelmente d'ambas, mas sarei!

Antes de volver ao seu paraizo, Julião fez-me prometter que eu iria passar a sua casa umas tranquillas férias; e eu, certamente, vou, porque me dizem que a felicidade é contagiosa...

João Grave.

Concurso photogrophico dos «Serões» — Menção honrosa

PONTE SOBRE O DÃO

Photographia do sr. Eurico da Silva Balthazar Brito

Aspectos da capital

O CHIADO PELOS MEIADOS DO SECULO XIX

O Chiado

CHAMA-SE, officialmente, agora: *Rua Garrett.*

É assim que o tratam em escripturas solemnes, registo de arrendamentos, diante de testemunhas e reconhecimentos de notarios.

No uso vulgar, porém, elle continúa a ser simplesmente, o Chiado; um nome facil, rapido, bom para telegramma, que não arruina ninguem, se lá de fóra, do estrangeiro, quer mandar saudades á familia, pelo telegrapho terrestre ou submarino.

Ha nomes de ruas em Lisboa que desequilibram as finanças a qualquer, que não tenha previsto, no seu orçamento, a possibilidade de ter de recorrer á telegraphia electrica, além da fronteira, para dizer aos da casa que chegou ou partiu, está são ou doente.

Chiado!

Não ha nada de mais economico nem de mais modesto. O contrario de muitos outros arruamentos, que nos fazem rir com as suas séries de nomes, prenomes e appellidos, ou com os seus atavios ridiculos e pomposos de cartas de conselho.

Os municipios teem algumas horas da vida em que suas arduas tarefas acabam por completo, e, em vez de seguirem velhos preceitos que determinam aos que não teem que fazer... fazer colheres, entreteem-se com as ruas da capital, substituindo nomes antigos, apagando alguns que todos sabiam de quem eram ou o que significavam, por outros que todos desconhecem e não decifram; fazendo promoções de beccos a travessas e de travessas a ruas, como em qualquer quadro burocratico de repartição do estado; fabricando apotheosesinhas a individuos, de quem as chronicas não rezam o mais pequeno feito; estabelecendo, emfim, grandes baralhas no nosso espirito, como se tivessemos a resolver algum complicado logogripho.

A este capricho de ideias e de evoluções não poderam fugir essas seis letras — Chiado — a que nós haviamos habituado os labios e os ouvidos, apezar de terem a sua origem em cousa de pouca monta, ao que parece.

Até hoje outra origem não lhe encontraram os que rebuscam nos archivos e cousas velhas, senão de que a ladeira era fallada pelo movimento de pezados carros, que por ali passavam e chiavam desalmadamente, o que seria muito pittoresco, mas que a capital foi pondo, por incommodo e monotono, para fóra de portas e estradas de provincia.

O CONVENTO DO ESPIRITO SANTO

No local onde mais tarde foi a casa do Manoel José dos Contos, depois palacio Barcellinhos, depois palacio Ouguella, e onde actualmente estão installados os Grandes Armazens do Chiado.

Muita gente suppõe que a denominação da calçada provém de alli ter vivido e morrido no seculo XVI um poeta popular, quando é certo, no dizer dos eruditos, que o vate celebrisado por seus improvisos e jocosidades, de nome Antonio Ribeiro, é que, por habitar uma das moradias do sitio, recebeu do publico a alcunha de *O Chiado*, com que passou vida galhofeira e foi assignalado na chronica dos tempos.

Actualmente, se não se vê um poeta, por muito popular e bemquisto que seja, baptisado com o nome da rua onde móra, não é difficil encontrar, entretanto, na secção das nobiliarchias geradas no ministerio do reino, publicadas na folha official, varios titulos de barões e de viscondes do arruamento em que vivem, á falta de melhores grandezas.

*
* *

O Chiado adquiriu, de ha muito, fóros de elegancia e de bom tom, que ainda hoje conserva, apezar de todos os progressos e transformações porque tem passado a capital.

Abrem-se, por ahi fóra, novos bairros, rasgam-se largas avenidas, cortam-se parques e *squares*, levantam-se palacios, arrazam-se casebres, corrigem-se e alindam-se, por toda a parte, praças e ruas; quem não venha a Lisboa ha trinta annos quasi a não conhece se volta a visital-a, tanta cousa lhe falta e tanto de novo ella adquiriu; e, comtudo, o Chiado vae resistindo, luctando, mantendo a mesma linha, senhor do mesmo reclamo, com as mesmas pretenções fidalgas e os mesmos requintes de coquetismo.

Pódem querer amesquinhal-o, comparal-o a um arruamento vulgar, em vista dos seus gallegos ás esquinas e dos seus magotes de pobres a abusarem da caridade dos afortunados; podem atravancal-o com os carros electricos, apezar das suas curvas apertadas e dos seus passeios mesquinhos, onde os peões se acotovellam em tardes de concorrencia; podem tudo tentar que lhes aprouver e apetecer para o perderem, para o anniquilarem; o Chiado será sempre... o Chiado.

Nenhum outro ponto da cidade tem, normalmente, aspecto mais festivo, nem sonha conquistar sympathias tão profundas á nossa sociedade. É como que a nossa *Regent's street* ou a nossa *rue de la Paix*, ambas tão apregoadas pelos seus armazens de luxo e os seus elegantes frequentadores.

Tudo alli se tem ido transformando desde que o azeite foi substituido pelo gaz e este

começou a luctar com a electricidade. O camartello da civilisação, como vulgarmente se diz, tem ido demolindo lojas rachiticas, pequeninas baiúcas de capellistas, tabernas e hervanarios, que por alli viviam ao lado de outras, que já tinham nomeada e onde se davam *rendez-vous* bellas heroinas da moda e fallados homens do *sport*.

Alli assentaram seus arraiaes muitas das primeiras costureiras, que vieram de paizes estrangeiros com as suas bagagens de sedas e de rendas, para attrahirem ricas clientelas e imprimir-lhes donaires e graciosidades de salões aristocraticos. Alli fizeram época a Marsoó, a Levaillant, a Elisa, a Marie, a Aline e outras muitas que foram desapparecendo como os seus manequins predilectos.

Ainda hoje é fallado, como uma recordação historica, o Marrare do polimento, um café da moda, onde se reunia o janotismo decantado pelas suas proezas e aventuras, conquistadores famosos de beldades em evidencia; duellistas e brigões, que expunham facilmente o peito a uma estocada em defeza da sua dama; prosadores, poetas e politicos da época, uns que iam alli muitas vezes ensaiar os seus discursos, com que, no dia seguinte, derrubariam os governos, outros que iam escrever missivas e madrigaes, poemas de fogo com que pretendiam incendiar os corações das deusas que passavam e lhes sorriam do fundo das suas seges e traquitanas,

O ANTIGO ARMAZEM DE MARIE LEVAILLANT POR 1852

Distingue-se pelo tropheu junto da janella

lindas figurinhas das comedias de amor dos salões de Farrobo, valsistas e cantoras festejadas das assembleias e clubs frequentados pela alta.

O MARRARE DO POLIMENTO

Pelos meiados do seculo XIX

Cá fóra, no passeio, alguns punham cadeiras para gozarem mais á sua vontade, e, commodamente reclinados com seus dandysmos e requebros, melhor verem

Quantas mulheres tão bellas
Ebrias de amor e desejos

por alli passavam felizes, enamoradas d'elles, porque elles eram os leões do tempo, e o reclame de que disfructavam era como que um aperitivo para o crime... de amor.

Era moda, no verão, irem alli as senhoras tomar neve.

Os sorvetes tinham alguma fama, mas não era, positivamente, esta a causa da concorrencia. Ia-se alli porque se tinha a certeza de encontrar fulano ou beltrano, porque era chic relatar, no programma executado durante o dia, um quarto de hora no Marrare entre um sorvete bem gelado e o olhar bem ardente d'um admirador enthusiasta.

Mais adiante havia o Toscano, um outro café, que tambem era fallado e tinha clientela vária, mas que não deixou, ao que parece, tantas recordações como o seu visinho.

*
* *

Quando o Marrare do polimento desappareceu, surgiu immediatamente o Café Cen-

O PASSEIO PUBLICO EM NOITE DE ILLUMINAÇÃO EM 1851

tral, que vinha como que gritando: *le roi est mort, vive le roi!*

A linha, porém, era bem differente da do seu antecessor.

Isso não quer dizer que na historia romanesca e cavalheirosa do Chiado, não deixasse egualmente nome celebrado.

Não era um centro de lettras, de politica, de janotismos.

O que alli predominava era o toureiro, o

OUTRO ASPECTO DO PASSEIO PUBLICO EM NOITE DE ILLUMINAÇÃO EM 1851

Segundo lithographias do tempo

toureiro amador, o toureiro fidalgo. D'alli e do seu visinho, um pequenino estanco, do Nunes, especie de annexo do famoso café, partiram os grandes planos e programmas de touradas que ficaram assignalados; tardes festivas de que hoje ainda fallam com orgulho os poucos que restam d'esses brilhantes torneios, onde havia arte e coragem, galhardia e dextreza, que emocionavam a praça inteira.

A bravura que caracterisava os *habitués* do Central, rapazes de bons musculos e desembaraçados que não se temiam de rixas e desafios, fez escola, que, como tudo da vida, teve os seus exageros e peccados.

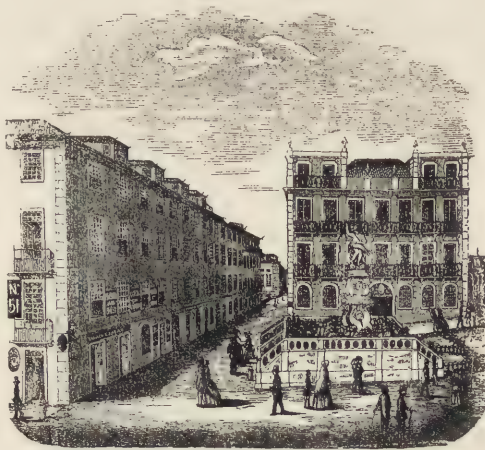
D'alli nasceu o Marialva, brigão audacioso mas provocante, que, apenas pelo luxo de ser fallado, sem causa a justificar-lhe o acto, armava horrivel contenda, onde o *box* e a canna da India eram, por vezes, valiosos auxilios de triumpho; batia e levava com a maior frescata, antegozando uma notoriedade de valente e destemido, o prazer infinito de ser cotado entre os verdadeiros bravos, que, da sua bravura, só davam provas em casos de brio e honra.

Cabeça rachada ou braço partido eram

MADAME STOLTZ, NA «FAVORITA»

Lithographia do tempo

sympathicos titulos de orgulho para futuros reptos.

O Marialva era, em geral, delgado, ossudo, o rosto macilento pelas noites perdidas

LARGO E CHAFARIZ DO LORETO COM O CELEBRE NEPTUNO

Em meiados do seculo XIX

á meza do jogo, nas ceias dos restaurants, nas alcôvas perfumadas do *demi-monde*.

Não o attraiam os salões, a conquista de preciosas que córavam por um nada de amor; horrorisava-o o galanteio, o *flirt* entre valsas e *cotillons*, a phrase delicada e madrigalesca escutada atravez d'um leque de rendas d'Alençon. Seduzia-se antes com a vida irrequieta e alterosa das mulheres faceis, que vinham, de mão em mão, até se lhe aproximarem, gastas, cançadas, materilisadas, e tinham, como divisa, viver e gozar.

Trajava pittorescamente o *Marialva:* a calça esguia, apertada pela perna, um pouco larga sobre a bota, chapeu alto de aba direita, que as modas inglezas ou francezas jámais conseguiam transformar; outras vezes o serrano e o varino tinham primazias e encantos indiscutiveis; o calçado era quasi sempre de salto de prateleira, onde a espora de correia telintava caindo desdenhosa.

A espera de touros era o seu divertimento favorito.

E quanto mais brilhante e mais arriscada, alli, á cabeça do gado, que se tresmalhava de quando em quando, correndo montes, valles, passando as barreiras, vindo passear até as portas do Passeio Publico ou até ás esquinas do Rocio, derrubando ou furando

A CELEBRE CANTORA ALBONI

qualquer besta ou individuo que encontrasse no caminho, maior alegria e enthusiasmo a festa despertava.

E este nome de Marialva, que na historia patria figura em brilhantes epopeias, ia sendo apelintrado pelo publico, que o applicava, indistinctamente, a todos aquelles que se manifestavam na provocação de justas reles, de uma triste heroicidade.

*
* *

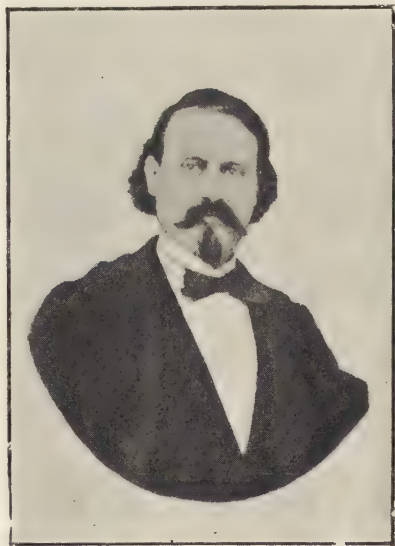
O Chiado e o seu visinho o theatro de S. Carlos deram-se sempre á maravilha.

As physionomias mais conhecidas n'este foram sempre conhecidas n'aquelle.

Ás tardes, pelas esquinas do arruamento, notaram-se, em todo o tempo, os que a nossa Opera considera como a sua plateia *d'élite*, discutindo os triumphos e *fiascos* de emprezarios e de cantores. Ahi se combinaram essas noites memoraveis da Bocabadati e da Barili que fizeram as delicias dos nossos avós, da Stoltz e da Novello, da Alboni e da Castellan, e de outras muitas que, em successivas épocas, tiveram fervorosos enthusiastas e terriveis adversarios, Rey-Balla, Fricci, Sass, Pasqua e De-Reszké, em honra das quaes se organisavam cortejos vistosos, com carros de gala, estribeiros fidalgos, fanfarras, fogos de bengala, vivorio e taças de champagne, que muitas vezes punham em risco as caras dos que não adheriam e antes protestavam.

N'esse tempo o theatro de S. Carlos não era apenas frequentado pelo snobismo frio e *poseur;* tomava-se calor, havia batalhas, havia aventuras. Por isso a velha guarda, esse corpo de veteranos, que se vae extinguindo pouco a pouco, olha com desprezo os tempos que vão correndo e grita a cada momento: já não ha rapazes! já não ha cantores! e cita, com uma certa gulodice e saudade, os dós de peito do Mongini e a elegancia de corpo e frescura de voz da Volpini.

O Chiado tomou sempre parte n'estas festas de honra de cantoras, que, depois da diva se recolher a valle de lençoes, se terminavam nas ceias do Matta, esse Vatel portuguez, que andou sempre contornando o arruamento, de que nos occupamos, com os seus famosos restaurants da rua do Alecrim, rua do Carmo e rua do Outeiro, nos salões dos quaes elle viu desfilar algumas gerações, a gente da moda, alegre e gastadora, que, mais tarde, passou para o Silva (Restaurant-Club), onde viveu largas noites e viu romper muitas madrugadas.

Era o proprio Matta que cosinhava os finos jantares e deliciosas ceias de noivados, tanto da mão direita como da mão esquerda, por-

O FAMOSO TENOR MONGINI

O TURF-CLUB ORNAMENTADO POR OCCASIÃO DA VISITA DO REI DE INGLATERRA EDUARDO VII

que uns e outros a elle recorriam, certos de que ninguem como o Matta sabia observar a *Physiologia do paladar*, descripta por Brillat-Savarin.

E, entretanto, este cosinheiro famoso, que Lucullo não desprezaria, depois de preparar tantos festins, o que saboreava com verdadeiro prazer era uma posta de bacalhau em qualquer humilde taberna.

O Baldanza, que ainda hoje existe e deve o seu nome á frequencia que lhe dava um cantor amigo da nossa viticultura e dos bons petiscos nacionaes, tambem mereceu clientela escolhida e afamada de entre os *dilettanti* de S. Carlos.

D'alli saía o *piteireiro fino*, como diz Julio Machado na sua *Lisboa na rua*.

O Chiado teve por um momento o seu jornal. Já lá vão quasi trinta annos. Intitulava-se *Gazeta do Chiado*.

Era feito n'um gabinete do Restaurant-Club, onde nos reuniamos todas as noites em alegres ceias. O jornal era humoristico e brincalhão, mas feito *à la diable*, incorrendo cada numero em multa por falta de habilitação... que custava muito caro para as magras bolsas dos proprietarios da folha. Vendiam-se perto de dois mil exemplares, o que era um successo enorme, mas morreu ao undecimo numero.

Cantava n'esse tempo, no Principe Real, a Preciozi, uma cantora de opereta de olhos de fogo, que fazia a cabeça doida á rapaziada de Lisboa, e dava a moda no Chiado o Jeronymo Collaço (Condeixa). Vinha de quando em quando de Paris disfructar a Parvonia, impingindo-lhe *toilettes* mirabolantes, que elle não se atrevera a vestir nos *boulevards*, como sendo o ultimo figurino, e que os *gommosos*, como então se chamavam os janotas, que Ramalho denominou *estoiradinhos*, copiavam ás cegas.

Foi um celebre do Chiado esse Jeronymo Collaço, mão de redea notavel e notavel esgrimista, apreciado nos Clubs de Paris mais requintados, que no seu palacio da rua da Horta Secca tinha o capricho de dormir n'um quarto armado em camara ardente, só para fazer desesperar o indigena que d'elle se occupava nas mais pequeninas cousas. Todo o seu amor era por Paris e tão grande era esse amor que, sentindo-se aqui gravemente enfermo e percebendo que morria, quiz que o levassem para lá e lá foi morrer d'ali a dias, ouvindo nos ultimos momentos todo esse ruido da vida parisiense, que, sob o balcão da sua

garçonnière, passava como que cantando em festa as suas melhores canções.

*
* *

Os tempos tem ido mudando tudo; o Marrare, o Matta, o Central, o Silva, de ha muito passaram á historia com os seus heroes: o Catarro, o Keil, o Stauss, que faziam a moda masculina, foram sendo substituidos; o Godefroy começou a ter concorrentes varios; as luvas do Baron deixaram de ser melhores do que as outras, que a industria nacional ia fabricando; espalharam-se por toda a parte modistas, costureiras reclamadas em secções de *high-life;* por toda a parte se abriram armazens com as primeiras novidades de Paris; mas o Chiado ficou sempre, como dizemos no começo d'este artigo, aureolado de sua tradição, mantendo ainda reputações de sport, não se dando por vencido pelas avenidas que se cortavam por essa Lisboa, depois que o Passeio Publico foi arrazado, sepultando no esquecimento seus festivaes e amores, noites alegres do velho Price.

Quem quizer conhecer a Lisboa elegante, que se diverte, que anda fallada nos theatros e nos bailes, a que viaja, vae a Paris e ás aguas estrangeiras, que tem dinheiro, emfim, vá pelo Chiado em tarde de Carnaval, de Procissão de Passos, de alguma festa em honra de reinante que nos visita.

Os primeiros andares sobretudo, disputados com todo o fervor e enthusiasmo, offerecem-nos n'essas solemnidades, nas suas janellas, o aspecto de recitas de gala com toda a Lisboa galante nos camarotes.

Aquelle que não a conhecer, fica-a conhecendo, e facil será ouvir da bocca dos que passeiam cá em baixo, cortejando as mais bellas, a historia de cada uma, as virtudes d'aquellas, os ridiculos d'estas, como se perfumam, como ellas amam, como resistem e... como capitulam.

CARLOS DE MOURA CABRAL.

O LARGO DAS DUAS EGREJAS, NA ACTUALIDADE

NOTA DO ORIGINAL INGLEZ

Aos leitores do presente romance interessa porventura saber que o autor crê ser elle baseiado n'um facto verdadeiro.

Consta que ha cousa de vinte e cinco ou trinta annos um negociante aventureiro, tendo ouvido a alguns indigenas do territorio para o interior de Quilimane a lenda de um grande thesouro enterrado por volta do seculo XVI *por um grupo de portuguezes que depois foram trucidados, para descobrir esse thesouro recorreu por fim ás operações mesmeristas ou hypnoticas. Segundo se conta, a creança que se sujeitou á experiencia revelou, no estado hypnotico, as aventuras e a morte dos desgraçados portuguezes de ambos os sexos, dois dos quaes se precipitaram do cimo de um elevado rochedo no Zambeze. Comquanto não soubesse lingua alguma a não ser o inglez patrio, essa creança vidente diz-se que repetiu em portuguez as orações que os infelizes ergueram ao ceu, e até cantou os hymnos que elles entoaram. Além d'isso, com muitos outros pormenores, ella descreveu a fórma por que se enterrou o grande thesouro e a sua situação exacta, com tanta precisão que o branco e o hypnotisador conseguiram escrever e encontrar o sitio «onde elle estivera» — porque os saccos tinham desapparecido, varridos pelas cheias do rio.*

Ainda restavam comtudo algumas moedas de ouro, uma das quaes era um ducado de Aloysio Mocenigo, doge de Veneza. Mais tarde o pequeno foi novamente posto em transe hypnotico (ao todo foi oito vezes hypnotisado), e revelou onde permaneciam ainda os saccos; mas antes que o negociante branco podesse continuar nas suas pesquizas, o seu rancho foi expulso do territorio pelos indigenas, cujos temores supersticiosos havia despertado, e a custo escaparam da morte os europeus.

Deve accrescentar-se que, como no romance que segue, o regulo, que alli governava quando occorreu a tragedia, declarava que o local era sagrado, e que, no caso que alguem lá chegasse, succederia algum desastre á tribu. Assim se explica que durante muitas gerações ninguem se atrevesse a violal-o, até que afinal os descendentes do regulo foram repellidos á força de armas das margens do rio, e foi da boca de alguns d'elles que, o commerciante branco poude colher a lenda.

NOTA DO TRADUCTOR

Dadas as qualidades de imaginação que notabilisam o grande romancista inglez Rider Haggard, autor das «Minas de Salomão», de «She», de «Ayesha», de tantos livros que obtiveram em todo o mundo uma brilhante voga, o romance «Benita», actualmente em via de publicação, offerece todas as garantias de interesse dramatico e de pittoresco. Para os lei-

tores portuguezes, tem elle além d'isso um interesse palpitante, visto que se refere, como vimos na nota preliminar, a personagens da nossa terra, dos tempos gloriosos em que raros europeus comnosco partilhavam as glorias de pioneiros da civilisação nos sertões da Africa.

Qual será a lenda evocada pelo inglez Rider Haggard n'este seu novo trabalho? A suspeita que nos occorreu de que tivesse connexão com a dolorosa historia de Sepulveda, é naturalmente posta de parte, por isso que o naufragio do illustre portuguez occorreu em 1552, dezoito annos antes que Aloysio (ou Luiz) Mocenigo fosse eleito doge de Veneza. Possivel é que se ligue com outra tragedia maritima, a que teve por protogonista D. Paulo de Lima em 1589, comquanto as circumstancias não pareçam identificar-se de todo com a rapida narrativa da nota. Da preciosa collecção portugueza, conhecida pelo nome de «Historia tragico-maritima», outro episodio nos não occorre que tivesse podido suggerir a Rider Haggard o seu novo romance, cujo começo desde já nos empolga. Convidamos os nossos leitores, dados a investigações historicas ou conhecedores de cousas africanas, a enviar-nos qualquer suggestão sobre a lenda a que se refere o autor inglez. Seria interessante confrontar essas differentes suggestões com a ideia originaria do romance, a qual a seu tempo se desenvolverá. Na correspondencia dos «Serões» iremos publicando o que sobre o assumpto se offereça ao espirito dos nossos prezados leitores.

I

Confidencias

Formosa noite aquella! Não havia uma aragem; o fumo negro do paquete *Zanzibar* extendia-se por cima da superficie do oceano como as plumas colossaes e fluctuantes de um abestruz que uma a uma se desfizessem á luz das estrellas. Benita Beatriz Clifford (era esse o seu nome por extenso, havendo sido baptisada com o nome da mãe, Benita, e o da unica irmã de seu pae, Beatriz), indolentemente debruçada no varandim do tombadilho, pensava de si para comsigo que uma creança poderia por alli navegar n'um barquinho de cortiça até surgir em porto de salvamento.

Subia da camara um homem alto, de uns trinta annos de edade, fumando um charuto. Quando elle se aproximava, ella afastou-se um pouco como para lhe dar logar ao seu lado, e houve o quer que fosse n'este movimento que, para alguem que a estivesse observando, poderia ter suggerido que entre os dois existiam laços de amizade ou porventura intimidade maior. Durante um momento elle hesitou, e espalhou-se-lhe na physionomia uma expressão de duvida, de magua até. Era como se comprehendesse que da acceitação ou da recusa do gentil convite dependia para elle materia de importancia, e como se vacillasse no procedimento a seguir.

E de facto muito dependia de tal passo, nada menos do que os destinos de ambos. Se Roberto Seymour se houvesse afastado para acabar no isolamento o seu charuto, teria esta narrativa um desenlace muito differente; ou antes, sabe Deus como ella haveria concluido! O terrivel e predestinado successo de que essa noite estava pejada, teria chegado a produzir-se sem que certas palavras se trocassem. Ter-se-hia seguido uma separação violenta, e ainda que ambos elles houvessem sobrevivido ao terror, que perspectiva se offerecia de que as suas vidas se tivessem jámais encontrado n'essa immensidade da Africa?

Mas não o havia assim determinado o destino, porque justamente no momento em que elle avançava um passo para proseguir no seu caminho, Benita falou com a sua voz branda e melodiosa.

— Vae para a sala de fumo ou para a sala de baile, sr. Seymour? Disse-me agora um dos officiaes que se ia dansar — acrescentou ella em modo de explicação — Está tão sereno que parece que estamos em terra firme.

— Nem para uma banda, nem para outra — redarguiu elle — A sala de fumo está atu-

lhada de gente, e a respeito de dansa, já lá vae para mim esse tempo. Não; a minha tenção era fazer exercicio depois do nosso copioso jantar, e em seguida sentar-me para ahi n'uma cadeira e deixar-me adormecer. Mas — proseguiu elle, com interesse crescente — como percebeu que era eu? Nem sequer voltou a cabeça.

— Tenho ouvidos, assim como tenho olhos — respondeu ella com um risinho — e depois de passarmos quasi um mez juntos aqui a bordo, não admira que lhe reconheça o andar.

— Não me lembro de ninguem até hoje que o tenha reconhecido — disse elle, mais comsigo do que para ella.

Em seguida acercou-se e encostou-se ao varandim á beira de Benita. Tinham-se-lhe desvanecido as duvidas. O destino falara.

Houve uns momentos de silencio; em seguida elle perguntou se ella ia dansar.

Benita abanou a cabeça.

— Porque não? Miss Clifford gosta de dansar, e dansa perfeitamente. Não faltam officiaes para lhe servirem de pares, especialmente o capitão... — e Seymour interrompeu-se.

— Effectivamente — replicou elle — não deixava de ser agradavel, mas... Sr. Seymour, tomar-me-ha por doida se lhe confessar uma cousa?

— Nunca a tomei como tal até hoje, Miss Clifford, por isso não sei por que motivo havia de principiar agora. Que é?

— Não vou dansar porque estou com medo, deveras, com um medo horrivel.

— Medo! Medo, de que?

— Sei lá! Mas o que é certo, sr. Seymour, é que tenho um presentimento terrivel, como se estivessemos á beira de uma tremenda catastrophe, como se estivesse imminente uma mudança radical, e além d'ella uma outra vida, um futuro novo e extranho. Colheu-me esta impressão ao jantar, foi por isso que me levantei da meza. N'um relance de olhos repentino, toda a gente se me afigurou differente do que era, toda a gente, sim, com raras excepções.

— Tambem eu lhe pareci differente? — interrogou elle com curiosidade.

— Não, o senhor não!

A elle, pareceu-lhe que a ouviu acrescentar entre dentes: Graças a Deus!

— E Miss Clifford, estava differente?

— Isso não sei. Nem olhei para mim: era eu que via, não era ponto de mira. Sempre fui assim.

— Má digestão — disse elle com ar reflexivo — Nós comemos de mais a bordo, e o jantar foi muito comprido e pezado. Foi o que eu lhe disse ha pouco, é por isso que eu faço... quero dizer, é por isso que eu tencionava fazer exercicio.

— E dormir depois?

— Exacto! Primeiro o exercicio, depois o somno. Miss Clifford, é esta a lei da vida... e da morte. Com o somno acaba o pensamento, por isso para alguns de nós essa sua catastrophe era devéras apetecivel, porque representaria um prolongado somno sem pensamento.

— Eu o que disse é que quasi todos estavam mudados, não que tivessem deixado de pensar. Talvez até que pensassem mais.

— Então roguemos a Deus que desvie de nós tal catastrophe. Eu receito-lhe bismutho e bicarbonato de soda. Com um tempo d'estes não parece muito natural imaginar cousas similhantes. Repare agora, Miss Clifford! — acrescentou elle com uma nota de enthusiasmo na voz, apontando para leste — Ora repare!

O olhar d'ella seguiu-lhe a mão extendida. Além, acima do nivel do oceano, erguia-se o enorme disco da lua africana. Subito, toda aquella faixa de mar se transformou em prata, uma ampla estrada tremeluzente, que da lua se alongava até elles. Dir-se-hia o caminho dos anjos. A luz suave e macia batia de chapa no navio, mostrando os mastros esguios e todas as minucias do apparelho. Passava por sobre elles, e ia revelar a linha baixa e franjada de espuma da costa, erguendo-se n'um que outro ponto, ponteada de arvores e moutas. Até as choupanas arredondadas dos kraals cafres chegavam a ser visiveis n'aquella radiação. Visiveis eram tambem outras cousas — por exemplo, as feições dos dois interlocutores.

O homem tinha a tez clara, cabello louro que já ia descambando para grisalho, especialmente no bigode, porque não usava barba. A physionomia era de um corte accentuado, e não particularmente bello, por isso que, sem embargo da sua finura, as feições careciam de regularidade; as maçãs do rosto eram demasiado salientes e o mento em extremo curto, defeitos que eram até certo ponto res-

— EU TAMBEM SEI SERVIR-ME DA ESPINGARDA, MEU AMIGO

gatados pela firmeza e alegria dos olhos garços. Quanto ao resto, era espadaúdo e bem constituido, marcado com o cunho indiscriptivel do *gentleman* inglez. Tal era o aspecto de Roberto Seymour.

Á claridade do luar, parecia galante a juvenil creatura que estava á beira d'elle, se bem que de facto não lhe sobrassem titulos á classificação de formosa, a não ser talvez pela figura que era de linhas arredondadas e flexiveis, e singularmente graciosa. O seu rosto nada tinha de inglez; era extranho, de olhos negros, bocca um tanto rasgada e muito movel, testa larga, ar doce e a espaços meditativo, mas sempre prestes a aclarar-se de sorrisos repentinos. Não se podia dizer uma belleza, mas era excessivamente attrahente e possuia uma estranha força de magnetismo.

Ella encarou a lua e a estrada argentea que sob o astro se estendia, depois voltou-se para o lado da terra.

— Até que afinal estamos perto da Africa — disse ella.

— Perto demais até, parece-me — replicou elle. — Se eu fosse ao commandante, afastava-me para fóra um ponto ou dois. É uma terra extraordinaria, esta, cheia de surprezas. Miss Clifford, será grosseria da minha parte perguntar-lhe o motivo que a traz a estas terras? Nunca m'o disse, nem sequer de relance.

— Não, porque é uma historia triste; em todo o caso, se o deseja, posso contar-lh'a. Quer?

Elle fez um gesto affirmativo, e puxou duas cadeiras de balanço, em que ambos se accommodaram, n'um recanto formado por um dos escaleres atracados dentro do navio, virando os rostos para o mar.

— Saiba então que eu nasci em Africa — disse ella — e lá vivi até aos treze annos. Por signal que ainda sou capaz de falar zulu; ainda esta tarde experimentei. Meu pae foi um dos primitivos colonos do Natal. Meu avô paterno era do clero, e filho mais novo dos Cliffords de Lincolnshire. É uma familia ainda importante d'essa provincia, mas creio bem que nem sequer sabem da minha existencia.

— Eu conheço-os — respondeu Roberto Seymour. — Ainda em novembro passado andei a caçar nas suas propriedades. Foi quando veiu a catastrophe — accrescentou elle suspirando — Peço-lhe que continue.

— Pois meu pae teve desavenças com o pae d'elle, não sei lá porque, e emigrou. No Natal casou com minha mãe, uma Miss Ferreira, cujo nome de baptismo, tal qual como o meu e o da mãe d'elle, era Benita. Eram duas irmãs: o pae, André Ferreira, que casara com uma senhora ingleza, era meio hollandez e meio portuguez. Lembro-me perfeitamente d'elle, um bello velho de olhos negros e barba preta polvilhada de brancas. Era rico, pelo menos para aquelles tempos, quero dizer, tinha terras no Natal e no Transvaal, e muita somma de gado. Vê pois que eu sou meio ingleza, um pouco hollandeza, e mais de um quarto portugueza, um perfeito mistiforio de raças. Meu pae e minha mãe davam-se mal. Para lhe falar com franqueza, sr. Seymour, elle embriagava-se, e apezar de ter uma grande paixão por minha mãe, ella tinha muitos ciumes d'elle. Além d'isso desbaratou no jogo a maior parte do seu patrimonio, e depois da morte do velho André Ferreira, o casal empobreceu. Uma noite houve entre elles uma scena medonha, e elle, perdido de cabeça, bateu na mulher.

«Ora minha mãe era orgulhosa e resoluta. Virou-se para elle e disse assim... ouvi eu... «Nunca te perdoarei; está tudo acabado entre nós.» Na manhã seguinte, meu pae, já no seu juizo, pediu-lhe perdão; ella porém nem lhe respondeu, comquanto elle estivesse de partida para uma jornada de quinze dias não sei aonde. Depois de elle se ir embora, minha mãe mandou pôr o carro, emmalou a sua roupa, agarrou em algum dinheiro que pozera de parte, foi direita a Durban, e depois de tratar no banco de um rendimentosinho seu, fez-se de viagem comigo para Inglaterra, deixando a meu pae uma carta em que lhe dizia que nunca o tornaria a vêr, e se acaso elle tentasse dispôr de mim, ella collocar-me-hia sob a protecção dos tribunaes inglezes, os quaes nunca permittiriam que me levassem para casa de um alcoolico.

«Fomos viver para Londres, com minha tia, que enviuvára de um major King, ficando com cinco filhos. Meu pae fartou-se de escrever para convencer minha mãe a que voltasse para elle; ella comtudo recusou sempre, no que me parece fez mal. Assim fomos vivendo uns doze annos ou mais, até que minha mãe morreu de repente, e eu fiquei com uma fortunasinha que orçava entre 200 a 300 libras de renda annual, dinheiro que ella tinha res-

guardado por forma que ninguem lhe podesse tocar. Foi isto ha cousa de um anno. Escrevi a meu pae communicando-lhe o fallecimento d'ella, e recebi em resposta uma carta que me commoveu, e depois mais outras a seguir. Implorava-me que fosse ter com elle e não o deixasse morrer ao desamparo, porque o desgosto o mataria se eu não annuisse. Dizia-me que de ha muito se tinha deixado de beber, conhecendo que esse vicio fôra causa de toda a desgraça da sua vida, e mandava-me um attestado n'esse sentido, com a assignatura de um magistrado e de um medico. Que remedio! Afinal, por mais que minha tia e meus primos me aconselhassem em contrario, eu cedi, e aqui estou. Meu pae deve encontrar-se comigo em Durban, mas o que eu não sei dizer é como nos daremos ao depois. O que eu sei é que estou anciosa por o vêr, porque no fim de tudo elle sempre é meu pae.

— Fez bem em vir, sejam quaes forem as circumstancias. Deve ter excellente coração — disse Roberto reflexivamente.

— Não fiz mais que o meu dever — volveu ella — E quanto ao resto, medo não tenho; se nasci em Africa! O que lhe affianço é que vezes sem conto eu tenho desejado voltar para aqui, vêr-me em pleno sertão, longe das ruas e do nevoeiro de Londres. Sou nova e forte, e quero vêr os espectaculos da natureza, não os preparados pela mão do homem, percebe? as cousas que me lembro de ter visto em pequena. Sempre haverá ensejo de voltar para Londres.

— Haverá, pelo menos para algumas pessoas. Cousa curiosa, Miss Clifford! Fique sabendo que já me encontrei com seu pae. A sua presença sempre me deu idéa d'esse homem, mas tinha-se-me varrido o nome da memoria. É agora que me occorre, era Clifford.

— Em que sitio foi? — perguntou ella muito surprehendida.

— N'um sitio extranho deveras. Como já lhe contei, eu já estive um tempo em Africa, em circumstancias differentes das de hoje.

«Ha quatro annos que vim aqui, na idéa de apanhar caça grossa. Iamos da costa para o interior, eu e meu irmão... já morreu, coitado!... vae senão quando achámo-nos algures, no paiz dos Matabeles, nas margens do Zambeze. Como por alli a caça escasseava, dirigiamo-nos para o sul, quando uns indigenas nos falaram de umas ruinas maravilhosas que se erguiam n'um monte, sobre o rio, a poucas milhas de distancia. Deixámos o nosso carro áquem da ladeira empinada, por onde não seria facil arrastal-o, pegámos ambos nas nossas carabinas e pozemo-nos a caminho. As tres ruinas ficavam mais longe do que nós suppunhamos, embora as podessemos vêr nitidamente do cimo da ladeira, e antes de lá chegarmos cahiu a noite.

«Ora nós tinhamos avistado do lado de fora dos muros um carro e uma tenda que pensámos devia pertencer a gente branca, e para lá nos encaminhámos. Havia luz dentro da tenda, e a cortina estava aberta por isso que a noite era abrazadora. Dentro vimos dois homens sentados, um d'elles velho, de barba grizalha, e o outro um sujeito robusto, de quarenta annos, quando muito, com ar de judeu, olhos pretos e penetrantes, barba negra e ponteaguda. Estavam a examinar com attenção um monte de contas e dixes de ouro, n'uma meza collocada entre os dois. Ia eu para falar quando o homem da barba negra ou me presentiu ou deu com os olhos em mim. Agarrou n'uma carabina que estava encostada á meza, deu uma volta sobre si e apontou-me a arma.

«— Pelo amor de Deus não atires, Jacob — disse o velho — Olha que são inglezes.

«— Deixal-o serem! — redarguiu o outro em voz abafada, com um leve sotaque extrangeiro. — Nós não queremos aqui espiões nem ladrões!

«— Não somos nem uma nem outra cousa, mas eu tambem sei servir-me da espingarda, meu amigo — observei eu, fazendo tambem a minha pontaria.

«Então elle reflectiu, e largou a carabina. Nós explicámos que andavamos simplesmente n'uma digressão archeologica. Por fim de contas, viemos a tornar-nos amigos, se bem que nenhum de nós ia muito á bola do tal sr. Jacob... não me lembro do appellido. Impressionou-nos a promptidão com que manejava a carabina, e metteu-se-me em cabeça que elle tinha um passado mysterioso e um tanto ou quanto sinistro. Em summa, seu pae, porque era elle, percebeu que nós não tinhamos intenções de roubar, contou-nos com toda a franqueza que elles andavam alli á cata de um thesouro. Tinha-lhes chegado aos ouvidos uma historia qualquer ácerca de um deposito consideravel de ouro que tinha sido escondido por aquelles sitios por uns portuguezes, havia dois ou tres seculos. Mas o que

os embaraçava eram os Makalangas, que viviam na fortaleza, a qual se chamava Bombatse, não lhes darem licença de fazer excavações. Diziam lá elles que aquelle sitio estava encantado, e que se tal fizessem aconteceria desgraça á tribu.

— E elles chegaram a lá ir? — interrogou Benita.

— Isso é que eu não sei, porque nos fomos embora no dia seguinte. Certo é que, antes de partirmos, fomos ter com os Makalangas, que nos deixaram entrar sem reluctancia, com a condição que não levassemos enxadas comnosco. Quanto ao ouro que nós vimos em frente de seu pae e do outro individuo, esse tinha sido encontrado n'uns tumulos antigos da banda de fora dos muros, mas não tinha nada com o tal grande thesouro mythico.

— Que tal era o sitio? Eu cá sou apaixonada pelas ruinas — interrompeu Benita.

— Ah! era admiravel! Uma muralha gigantesca, circular, construida Deus sabe por quem, mais acima na encosta outra muralha, e perto do cimo terceira, a qual, pelo que entendi, cercava uma especie de sanctuario, e por cima de tudo, mesmo á beira do precipicio, um grande cone de granito.

— Artificial ou natural?

— Não sei. Não nos deixaram lá subir, mas apresentaram-nos ao seu chefe e summo sacerdote, que reunia os poderes do estado e da egreja, e por signal que era um velho admiravel, muito avisado e sympathico. Lembro-me de elle me affirmar que nos tornariamos a encontrar, e pareceu-me extraordinaria a affirmativa. Perguntei-lhe pelo thesouro, e o motivo por que elle não queria consentir que os outros brancos o procurassem. Respondeu que elle nunca seria descoberto por nenhum homem, nem branco nem preto, que só uma mulher o encontraria no tempo marcado, quando aprouvesse ao fantasma de Bombatse, sob cuja guarda elle estava.

— Que vinha a ser esse espirito de Bombatse, sr. Seymour?

— Não sei dizer-lhe, nunca consegui colher nada de positivo a seu respeito, a não ser que era uma figura branca, e que apparecia ás vezes ao nascer do sol, outras ao luar, em pé sobre o pincaro de rocha de que lhe falei. Lembro-me que me levantei de madrugada para vêr se a descobria... Patetice minha, já se sabe, porque não vi cousa nenhuma! E é tudo quanto sei do assumpto.

— E nunca chegou a conversar a sós com meu pae?

— Sim, um pouco. No dia seguinte elle acompanhou-nos até ao nosso carro, quer-me parecer que satisfeito por mudar um instante da companhia perpetua do tal Jacob. Não é para admirar, n'um homem que fôra educado em Eton e Oxford, e quaesquer que fossem os seus defeitos... não que eu percebesse vislumbre d'elles, porque não lhe vi tocar uma gota de alcool... sempre era um *gentleman,* ao passo que Jacob não o era. No emtanto, esse Jacob tinha tido a sua leitura, especialmente sobre assumptos extravagantes, e sabia falar quantas linguas existem; um maroto esperto e insinuante, em summa.

— E meu pae contou-lhe alguma cousa a respeito de si proprio?

— Contou. Disse-me que toda a vida fôra infeliz, e que tinha muitas culpas na consciencia, porque nós abrimo-nos um com o outro. Acrescentou que tinha familia em Inglaterra... que familia era, é que elle não disse... e que estava ancioso por a enriquecer como reparação de faltas passadas. Era por isso que elle andava na pesquiza de thesouros. No emtanto, pelo que Miss Clifford me conta, quer-me parecer que elle nunca chegou a encontrar nada.

— Não, sr. Seymour, nunca encontrou e nunca encontrará, mas o que me alegra é saber que elle pensava em nós. Não se me dava de explorar esses sitios de Bombatse.

— Tambem eu gostava, em sua companhia e na de seu pae, mas não na de Jacob. Se la fôr com elle alguma vez, sempre lhe direi: Cautela com Jacob!

— Ora! Jacob não me mette medo — redarguiu ella rindo — comquanto eu supponha que meu pae ainda tem ligações com elle; pelo menos n'uma das suas cartas fazia menção do seu socio, que era allemão.

— Allemão! É provavel que elle quizesse antes dizer judeu allemão.

Seguiu-se entre elles um intervallo de silencio, após o qual elle exclamou de repente:

— Já me contou a sua vida; gostaria agora de saber a minha?

— Gostava — respondeu ella.

— Pois bem! Não leva muito tempo a contar, porque a minha historia, Miss Clifford, é destituida de interesse. Vê na sua presença uma das creaturas mais inuteis do mundo, um membro como qualquer outro da classe

trivialmente chamada dos ociosos, d'esses que não sabem fazer absolutamente nada que mereça a pena fazer-se, a não ser excellentes pontarias.

— Com effeito! — atalhou Benita.

— Miss Clifford não parece que se impressione muito com esta habilidade — proseguiu elle. — Comtudo a pura verdade é que de ha quinze annos a esta parte... e fiz trinta e dois este mez... todo o meu tempo foi effectivamente consagrado a esse exercicio, com uns intervallositos de pesca durante a primavera. Como eu não quero deixar o meu credito por mãos alheias, cumpre-me acrescentar que me contam entre os seis melhores atiradores de Inglaterra, e que a minha ambição... sim, Deus do Ceu! a minha ambição... era tornar-me superior aos outros cinco. Foi este peccado que perdeu o pobre diabo que lhe está falando. Attribuiam-me alguns talentos; pois eu desprezei-os todos para me dedicar a este genero de ociosidade. Não arranjei profissão alguma, não trabalhei, e o resultado é que aos trinta e dois annos estou arruinado e quasi desesperado.

— Arruinado, desesperado, porque? — perguntou ella com anciedade, porque a maneira de accentuar aquellas palavras a commovia ainda mais do que o sentido d'ellas.

— Arruinado, porque meu tio, o Honourable John Seymour, de quem eu era herdeiro, commetteu a imprudencia de casar com uma menina que lhe fez presente de dois gemeos. Com o apparecimento d'esses dois gemeos, desappareceram não só as minhas esperanças de futuro, mas tambem o subsidio de 1:500 libras por anno, que elle tinha a bondade de me fornecer afim de manter a minha posição como seu parente mais chegado. Eu tinha alguma cousa de meu, mas tambem tinha dividas, e no momento presente tenho na algibeira uma lettra de 2:163 libras, 14 shillings e 5 pence, a qual, com mais uns trocos de pouca monta, representa a somma dos meus bens terrenos, a quantia pouco mais ou menos que estava costumado a gastar por anno.

— Eu cá não chamo a isso ruina, chamo-lhe riqueza — redarguiu Benita, como alliviada. — Com 2:000 libras para começo de vida, pode fazer fortuna em Africa. E esse desespero, qual é a razão d'elle?

— É que não tenho absolutamente nada de que lance mão, caso me falhem estas 2:000 libras. Não sei maneira de ganhar seis pence. N'este dilemma, occorreu-me que a unica cousa a fazer era valer-me das minhas habilidades de atirador, e fazer-me caçador de caça grossa. Por conseguinte faço tenção de matar elephantes até que um elephante me mate a mim. Pelo menos — continuou elle mudando de tom — fazia essa tenção até ha cousa de meia hora.

II

O fim do «Zanzibar»

— Até ha meia hora? Então porque?.. — e Benita interrompeu-se.

— Porque é que eu mudei o meu modesto plano de vida? Eu lhe digo, Miss Clifford, visto que tem tido a bondade de mostrar um certo interesse por meu respeito. É porque durante os ultimos trinta minutos, dominou-me de todo uma tentação a que até agora tenho podido resistir. Não ha cousa alguma que não tenha o seu ponto fraco — e Roberto puxou nervosamente uma fumaça, atirou com o charuto para o mar, fez uma pausa, e proseguiu — Miss Clifford, eu commetti a ousadia de lhe ter amor. Espere! ouça-me ainda! Quando eu terminar, sempre será tempo de me dar a resposta que aliás espero. Entretanto, pela primeira vez na minha vida, permitta-me o luxo de falar a serio. Isto para mim é uma sensação nova, e portanto inapreciavel. Dá-me licença que continue?

Benita não respondeu. Elle levantou-se com uma certa pachorra que caracterisava todos os seus movimentos, porque Roberto Seymour parecia nunca ter pressa, e collocou-se de pé em frente d'ella, de forma que o luar dava em cheio no rosto de Benita, deixando o d'elle na sombra.

— Além d'estas 2:000 libras que occasionalmente possuo, nada mais tenho a offerecer-lhe. Sou uma creatura indigente e insignificante. Até nos meus tempos de prosperidade, quando tinha promessas de uma avultada fortuna, por mais que m'o suggerissem, nunca me julguei com direito de pedir a uma senhora que compartilhasse comigo d'essa fortuna em perspectiva. Supponho agora que o verdadeiro motivo era eu nunca me ter sentido deveras attrahido para qualquer mulher, aliás o meu egoismo levaria provavelmente de vencida os meus escrupu-

los, como acontece esta noite. Benita... permitta-me que a trate assim, pela primeira e ultima vez, Benita, eu... eu amo-a.

«Ouça ainda! — proseguiu elle, abandonando as suas maneiras compassadas, e falando precipitadamente, como um homem que tem um recado importante e pouco tempo para o dar. — É extraordinario, incomprehensivel, mas é verdade, a verdade pura; apaixonei-me desde a primeira vez que a vi rosto a rosto. Lembra-se? Estava encostada aqui mesmo, no tombadilho, quando eu vim para bordo em Southampton, e emquanto eu ia pela prancha fóra, os meus olhos encontraram os seus. Parei de repente. Aquella senhora edosa e gorda que desembarcou na Madeira esbarrou comigo, e pediu-me que fizesse o obsequio de me decidir, se ia para deante ou para traz. Lembra-se?

— Lembro — respondeu ella em voz baixa.

— Foi uma allegoria, aquelle incidente — continuou elle. — Assim o percebi desde logo. Sim! Estive vae não vae para responder «Para traz!» e dar de barato o preço da passagem. Depois olhei outra vez para o seu rosto, e houve uma voz cá dentro que me bradou: «Para deante!» Galguei o resto da prancha e tirei-lhe o chapeu, saudação que eu não tinha o direito de fazer, mas á qual me recordo que correspondeu.

Calou-se um instante, e depois proseguiu:

— Assim como isto começou assim foi continuando. É sempre o que succede, pois não é verdade? O principio é que é tudo, o fim ha de chegar fatalmente. E chegou agora, e ainda não ha meia hora que eu estava profundamente resolvido a que assim não fosse quando de repente esse vêr sem olhar com que deu por mim... Ah! que amor lhe tenho, que amor lhe tenho! Não, não fale; eu ainda não acabei. Disse-lhe já o que sou, e realmente pouco mais tenho a dizer-lhe a meu respeito, porque não tenho vicios especiaes, a não ser o peior de todos, a preguiça, nem o mais ligeiro vislumbre de qualquer virtude que eu possa descobrir. Mas possuo um tal ou qual conhecimento do mundo, adquirido n'uma longa serie de caçadas, e é como homem do mundo que me abalanço a dar-lhe um conselho. É possivel que para Miss Clifford um caso meu de vida ou de morte não passe de uma distracção para quebrar o tedio do viver a bordo. É comtudo tambem possivel que o encare sob outro aspecto. N'esse caso, como amigo e como homem do mundo, rogo-lhe não faça tal. Não se importe comigo. Mande-me tratar da minha vida; nunca se arrependerá se o fizer.

— Está brincando, ou sabe bem o que diz, sr. Seymour? — perguntou Benita, falando sempre a meia voz e olhando em frente de si.

— Se sei! Está claro que sei! Porque me faz essa pergunta?

— Porque tenho sempre ouvido dizer que em casos d'estes toda a gente deseja dar de si a melhor conta possivel.

— É exacto, mas eu nunca faço o que devo, e agora dou graças por ter este habito, aliás nem estaria aqui esta noite. Eu o que desejo é dar de mim a peior conta que possivel seja, porque, quaesquer que sejam os meus defeitos, sou pelo menos um homem de bem. Ora agora, depois de lhe contar que sou, ou antes era ha cousa de meia hora, um mandrião, um ente inutil, um homem sem futuro, pergunto-lhe: ainda deseja ouvir o resto?

Ella soergueu-se, e, relanceando pela primeira vez a vista para elle, viu-lhe o rosto contrahir-se e empallidecer ao luar. É possivel que isso a impressionasse, a ponto de remover qualquer outra impressão adversa produzida pelo amargo sarcasmo com que elle se accusava. Seja como fôr, Benita pareceu mudar de idéas, e sentou-se de novo, dizendo;

— Continue, se assim o quer.

Elle curvou-se ligeiramente e proseguiu:

— Muito obrigado. Contei-lhe o que eu era ha meia hora; agora, na esperança de que me dê credito, deixe dizer-lhe o que sou. Sou um homem sinceramente arrependido, um homem sobre o qual se ergueu uma nova luz. Não sou muito velho, e creio que no fim de contas não sou completamente destituido de capacidade. Talvez que ainda se me depare um bom ensejo; senão, por seu amor, eu proprio o farei nascer. Não acredito que seja capaz de encontrar ninguem que lhe tenha mais amor e com mais ternura lhe queira. Desejo viver para si no futuro, mais completamente ainda do que para mim proprio vivi no passado. Não desejo influencial-a por considerações pessoaes, mas a verdade é que estou n'este momento n'uma encruzilhada. Se estiver disposta em meu favor, sinto que ainda me poderei tornar um marido de que possa orgulhar-se... Se não, escreverei *Finis* no tumulo das esperanças de Roberto Seymour. Adoro-a. É a unica mulher com quem an-

ceio por passar os meus dias; é a mulher que sempre faltou á minha vida. Supplico-lhe que tenha animo, que se arrisque a casar comigo, embora eu não possa vêr adeante de nós nada mais do que a pobreza, por isso que não passo de um aventureiro.

— Não diga isso — atalhou ella rapidamente. — Aventureiros somos nós todos n'este mundo, e eu mais do que o senhor. O que nós temos a fazer é considerarmos as nossas pessoas, e não os nossos bens.

— Seja assim, Miss Clifford. N'esse caso nada mais tenho a acrescentar; cabe-lhe agora responder.

N'este momento calaram-se na sala os sons do piano e da rabeca. Terminara uma das valsas, e alguns pares subiram para cima na idéa de flirtar ou simplesmente de tomar fresco. Um d'esses pares, evidentemente empenhado na primeira occupação, veiu collocar-se tão perto de Roberto e de Benita que tornou impossivel o seguimento do dialogo, e desatou a trocar as phrases vulgares n'essas occasiões.

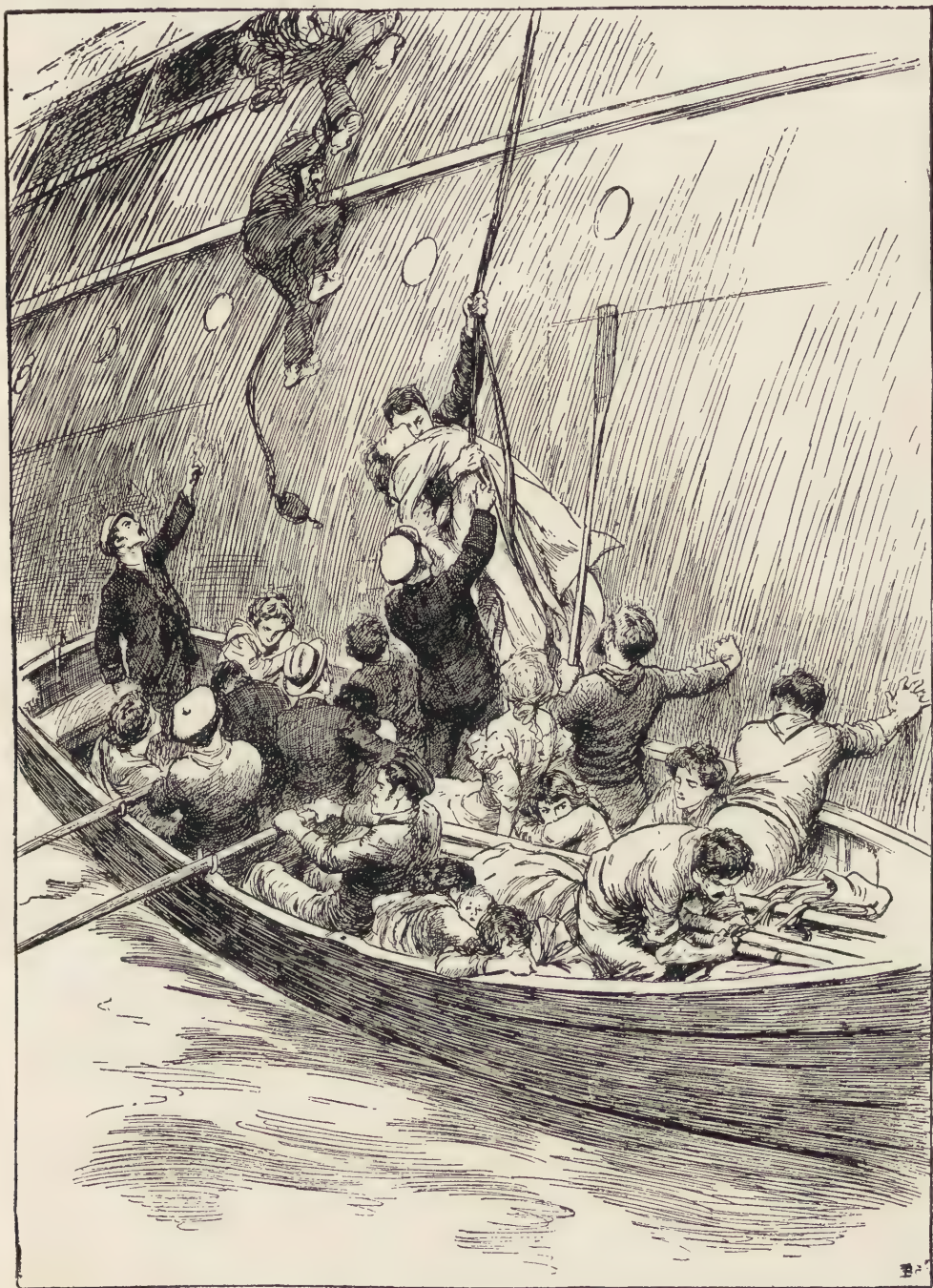
Durante uns bons dez minutos assim estiveram, n'uma desavença brincalhona sobre uma dansa de que um dos dois se julgava defraudado, até que a Roberto Seymour, em geral dado á philosophia, cresceram ancias de esganar os innocentes namorados. Sentiu, sem saber porque, que lhe estavam fugindo as contingencias de ventura; sobre elle se espalhou aquella sensação de alguma desgraça prestes a succeder, á qual Benita se referira. A suspensão ia-se tornando exasperadora, terrivel até, sem que elle podesse pôr-lhe termo. Rogar-lhe a ella que se afastassem d'alli não era correcto, especialmente tendo de pedir ao outro par que lhes dessem passagem. E durante todo este intervallo, apertava-se-lhe o coração, sentindo que provavelmente Benita estava expellindo de si qualquer vislumbre de affeição que elle porventura lhe houvesse inspirado; que, quando chegasse a resposta tão longamente differida, tudo levava a crer que ella fosse: «Não!»

O piano começou de novo a tocar, e os dois namorados, ainda altercando em tom folgazão, prepararam-se finalmente para se afastar. De repente percebeu-se alvoroço em cima da ponte, e no fundo limpido do ceu Roberto viu um homem que se precipitava para a prôa. Logo a seguir, a campainha da machina retiniu com força. Roberto comprehendeu que o signal era «Parar!», seguido immediatamente por outras campainhadas que significavam: «Toda a força a ré!»

— Que será isto? — disse elle para Benita.

Antes que as palavras lhe tivessem sahido dos labios, já ambos o sabiam. Houve uma sensação como se o casco inteiro do enorme navio tivesse estacado bruscamente, ao passo que o apparelho continuava a caminhar; seguida por outra sensação ainda mais terrivel e angustiosa: a de escorregar pesadamente e sem recurso sobre o quer que fosse, como um homem escorrega no gelo ou sobre um sobrado encerado. Estalaram mastareus, rebentaram cabos com uma detonação similhante á de um tiro de pistola. Correram pela tolda objectos pesados, todos a caminho da prôa. Benita saltou da cadeira e foi arremessada de encontro a Roberto, de forma que ambos rolaram para os embornaes. Elle ficou incolume e levantou-se logo; ella porém permaneceu immovel, e elle percebeu que alguma cousa a ferira na cabeça, d'onde lhe escorria sangue pela face. Ergueu-a, e, cheio de terror e desespero — porque a suppoz morta — palpou-lhe anciosamente o coração. Mercê de Deus! as palpitações recomeçavam — ella vivia ainda.

Cessara a musica, e houve uns momentos de silencio. Logo após ergueu-se o alarido tremendo do naufragio; gente de olhos esgazeados corria desatinada de um lado para outro; aqui e além clamavam mulheres e creanças; um clerigo cahiu de joelhos e começou a rezar.

Esta scena durou algum tempo, até que appareceu o official immediato e, affectando um ar despreoccupado, bradou que não havia perigo, que o commandante recommendava a todos que não se assustassem. Accrescentou que não estavam a mais de seis milhas da costa, e que dentro de meia hora o navio estaria a nado. Com effeito, emquanto elle falava, as machinas, que tinham parado, começaram outra vez a trabalhar, e a prôa descreveu um grande arco de circulo, apontando para a terra. Evidentemente, tinham passado por cima do recife e estavam outra vez em mar desafogado, por onde navegavam com bastante velocidade mas com forte pendor para estibordo. As bombas pozeram-se a trabalhar com uma pancada monotona e estridente, expellindo grandes columnas de agua espumosa sobre o mar estanhado. A mari-

DEIXOU-SE ESCORREGAR POR UMA DAS TALHAS ABAIXO

nhagem começou a cortar as capas dos escaleres, e a suspender alguns d'elles sobre as ondas. Tal era o que em volta dos dois succedia.

Apertando de encontro ao peito Benita desfallecida, com o sangue d'ella a correr-lhe por cima dos hombros, Roberto permaneceu momentos immovel, a meditar. Por fim resolveu-se. Encaminhou-se para o camarim d'ella, levando-a com ternura e paciencia por meio da turba desorientada dos passageiros, por isso que havia a bordo quinhentas pessoas. Encontrou o camarim vasio, porque tinha fugido a outra passageira que com ella o occupava. Deitou Benita no beliche inferior e accendeu o candeeiro de balanço. Apenas houve luz, procurou os cintos de salvação, e por felicidade achou dois, um dos quaes, com bastante difficuldade, conseguiu apertar em volta do corpo d'ella. Depois pegou n'uma esponja e banhou-lhe a cabeça com agua. Havia uma grande contusão n'uma das fontes, produzida por qualquer objecto duro que lhe tinha batido, e o sangue corria ainda; mas a ferida não era muito profunda nem muito extensa, nem, tanto quanto elle podia perceber, o osso parecia ter sido offendido. Sem poder fazer nada mais, occorreu-lhe uma ideia. No meio do chão, arremessado pelo choque para fóra da prateleira, estava a escrevaninha de Benita. Elle abriu-a, tirou uma folha de papel, e escreveu precipitadamente a lapis as seguintes linhas:

«Não obtive resposta, e é mais que provavel que nenhuma eu venha a receber n'este mundo, que um de nós ou ambos temos grandes probabilidades de deixar em breve. No ultimo caso, poderemos chegar a uma resolução n'outro sitio... talvez. No primeiro caso, se fôr sorte minha ir-me eu d'esta vida, e a sua ficar, espero que uma vez por outra se lembrará com affecto de alguem que muito sinceramente a amou. Se pelo contrario o destino a levar, então nunca poderá ler estas palavras. Comtudo, se aos mortos é dado o saber o que vae por este mundo, fique certa que me encontrará tal qual me deixou, todo seu e apenas seu. Ou permitta Deus que ambos vivamos: é o que eu d'Elle imploro. — S. R. S.»

Dobrou o papel, desabotoou um botão da blouse de Benita e metteu-lh'o no seio, por saber que assim deveria ella decerto encontral-o, caso sobrevivesse. Depois foi até á tolda, para ver o que succedia, O paquete andava ainda, mas muito devagar; além d'isso, o pendor para estibordo era já tão pronunciado que era difficil estar-se de pé. Em consequencia d'isto, quasi todos os passageiros se tinham agglomerado a bombordo, tendo instinctivamente procurado refugio o mais distante e acima da agua que possivel fosse.

A passos vacillantes, caminhava para elle um homem de aspecto livido e torvo, arrimando-se á borda falsa. Era o capitão. Deteve-se um momento, como a scismar, agarrado a um pontalete. Roberto Seymour aproveitou a occasião para lhe falar.

— Perdoe-me — disse elle — eu não gosto de me metter com cousas que não são da minha competencia, mas, por motivos que não dizem respeito a mim proprio, lembro-lhe se não seria prudente parar o navio e arriar os escaleres. O mar está em calmaria; se não houvesse demora, não seria difficil pôl-os a caminho.

O homem encarou n'elle com olhos pasmados, e retorquiu:

— Não cabem lá todos, sr. Seymour. A minha esperança é varar o vapor em terra.

— Pelo menos sempre lá cabe alguma gente — respondeu Roberto — ao passo que..

E apontou para a agua, que já estava quasi de nivel com a tolda.

— Talvez que tenha razão, sr. Seymour. Cá por mim, pouco se me dá. Sou um homem perdido; mas os passageiros, coitados! coitados!

E engatinhou por alli fora doidamente, em direcção á ponte, como um felino acossado por um tronco acima, e d'ahi a segundos ouviu-o Roberto a dar vozes de commando.

Cousa de um minuto depois, o navio estacou. Fôra tardia a decisão do commandante, de sacrificar o navio e salvar a gente. Começava a faina de arriar os escaleres. Roberto voltou ao camarim onde Benita continuava deitada sem sentidos, e embrulhou-a n'uma capa e n'uns cobertores. Depois, vendo no chão o segundo cinto, reflectiu um instante e cingiu-se com elle, sabendo que não havia tempo a perder. Em seguida, ergueu Benita, e, certo de que o impeto de gente seria para estibordo em que os escaleres quasi tocavam na agua, levou-a com difficuldade, porque a inclinação era grande, para a lancha de bombordo, que elle percebera ficaria a cargo de um marinheiro experimentado, o immediato,

a quem elle vira n'esse posto durante os exercicios, aos domingos.

Como elle tinha previsto, não era ahi grande o concurso, visto que a maior parte da gente suppunha que não seria possivel pôr a nado essa lancha sem grave perigo; ou, se haviam perdido a faculdade reflexiva, foi o instincto que lh'o suggeriu.

O immediato, habil mareante, com a tripulação que lhe fôra determinada, já estava tratando de arriar a embarcação dos turcos.

— Agora — disse elle — primeiro as mulheres e as creanças.

Precipitou-se um tropel, e Roberto viu que a lancha não tardaria a encher-se.

— Creio bem — disse elle — que posso metter-me no numero das mulheres, visto que trago uma commigo.

E por um esforço enorme, agarrando em Benita com um dos braços, com o outro deixou-se escorregar por uma das talhas abaixo, até que, auxiliado pelo contra-mestre, alcançou a lancha a salvamento.

Mais um ou dois homens precipitaram-se após elle.

— Ala para fóra! — gritou o official — a lancha não comporta mais gente.

E a lancha largou das talhas.

Quando estavam a uns quatro metros do costado, d'onde se afastaram fincando os remos, houve novo impeto de gente, sem esperança de acharem logar nos escaleres de estibordo. Alguns dos mais arrojados desceram em cacho pelas talhas, outros saltaram e cahiram no meio da lancha, outros ainda, errando o pulo, despenharam-se no mar ou vieram bater na borda da lancha, ficando mortos. No emtanto, a embarcação fez-se ao mar sem percalço, embora já muito sobrecarregada. Deitaram os remos fora, e deram volta á proa do enorme paquete que rolava nas vascas da morte, porque a sua primeira idéa foi dirigirem-se á costa, que não chegava a distar tres milhas.

Esta evolução levou-os para estibordo do navio, onde assistiram a uma scena horrenda. Centenas de pessoas barafustavam para achar logar, dando em resultado voltarem-se alguns dos escaleres precipitando a gente no mar. Outros estavam pendurados pela popa e pela proa por terem as talhas enjambrado nos gornes dos turcos, em consequencia da confusão e do phrenesi, e entes humanos, um por um, iam cahindo á agua. Em volta de outras embarcações que ainda não estavam a nado, travava-se uma lucta infernal, uma lucta de homens, mulheres e creanças, a batalhar pela vida, na qual os mais fortes, loucos de terror, não mostravam sombra de misericordia pelos fracos.

D'aquella turba humana, na mór parte prestes a perecer, erguia-se um alarido prolongado e estridente, tal como seria o clamor de um Titan agonizante. Tudo isto sob um cariz sereno, banhado de luar, e sobre um mar lizo como um espelho. No mesmo navio, tombado sobre um dos bordos, a sereia ainda soltava os seus guinchos de soccorro, e alguns homens destemidos continuavam a lançar foguetes, os quaes se erguiam para o ceu e rebentavam em chuveiros de estrellas.

Recordou-se Roberto de que o ultimo foguete que elle vira fora atirado n'uma festa nocturna para divertir os passageiros. Impressionou-o, por medonho, o contraste. Scismou se haveria gente ou poder tão ferino que se podesse divertir com uma tragedia tal como a que á sua vista se representava; e como é que essa tragedia era consentida pela misericordiosa Potestade em que a humanidade punha a sua fé.

O navio ia-se virando lentamente, da tolda e do convez rebentava o ar ou o vapor comprimido em detonações estrondosas; voavam pelos ares destroços do naufragio. O pobre commandante lá estava ainda, agarrado á varanda da ponte. Seymour podia ver-lhe a physionomia pallida; o luar parecia imprimir n'elle um sorriso horrivel. O official, que governava a lancha, gritou á guarnição que se afastasse para o largo, se não queriam ser engulidos conjunctamente com o paquete.

Prompto! o navio rolou sobre si como uma baleia moribunda, os raios de lua arrancaram-lhe do fundo chispas brancas, mostrando o rasgão denteado que lhe abrira o recife, e tudo se sumiu. Apenas uma nuvemsinha de fumo e de vapor permaneceu para marcar o sitio em que estivera o *Zanzibar*.

(Continúa.)

O artigo, admiravel de clareza e precisão, que extrahimos de uma revista americana, historia todas as vicissitudes por que passou a empreza do grande canal trans-americano, enumera os differentes projectos mostrando as vantagens e inconvenientes de cada um, relata o estado actual dos trabalhos e os progressos realisados pela administração americana, expõe nitidamente os beneficios que a civilisação universal tem a esperar da gigantesca obra ha vinte annos iniciada. Ao alcance dos menos entendidos em materias de engenharia e em assumptos de commercio e navegação, elle apresenta a summula essencial de noções, que todo o homem culto deve assimilar sobre um facto de tal magnitude, correspondendo por isso á aspiração, que sempre tem em vista a empreza dos «Serões» — o derramamento da instrucção geral. Aos commerciantes, maritimos e engenheiros, interessa especialmente pela parte technica e profissional, deduzida com todo o rigor scientifico, embora com transparente nitidez.

A historia do canal atravez do isthmo de Panamá começa no dia em que Balboa, depois de cortar á custa de enormes esforços uma floresta tropical e de trepar pela ingreme encosta de uma serrania até chegar ao local onde se encontra Darien, viu, com assombro, outro grande e desconhecido oceano. Desde então foi sempre crescendo a ancia

MAPPA MOSTRANDO A LINHA DO CANAL DE PANAMÁ

de completar a inquirição de Colombo e descobrir ou, caso se não descobrisse, abrir uma passagem do Occidente para o Oriente. Com a vontade indomavel do flibusteiro hespanhol, que não titubeava deante de obstaculos, Balboa resolveu a difficuldade, na parte que lhe interessava, carreando atravez do isthmo os seus navios, pedaço a pedaço, até os reconstituir no Pacifico. O navio moderno não pode desarticular-se com tanta felicidade; e desde que a natureza foi impotente para cortar a estreita nesga de terra que separa os dois grandes mares, cumpre aos homens do seculo XX não acarretar os navios, como fez o do seculo XVI, mas crear um curso artificial de agua pelo qual possam navegar com segurança os Leviathans modernos.

CORTE POR TERMINAR E MACHINISMOS ABANDONADOS EM OBISPO, ONDE O CANAL ATTINGE A REGIÃO MONTANHOSA, A TRINTA MILHAS DO ATLANTICO

Apenas se espalhou noticia do descobrimento de Balboa, provando a continuidade ininterrupta da terra entre os dois grandes continentes da America, a attenção dos exploradores voltou-se logo para a possibilidade de construir um caminho aquoso, e até Cortez procedeu a investigações no sentido de abrir um em Tehuantepec. Mas a colossal tarefa excedia as forças e os recursos então existentes, e ainda mesmo as que se foram desenvolvendo durante os trezentos e cincoenta annos que se seguiram.

O extremo leste do canal é realmente o extremo oeste

Antes de considerarmos o canal e os seus pormenores, convem fixar no espirito a orientação geographica de Panamá; por isso que, embora pareça extraordinario, não ha muita gente que alcance os caracteres singulares da sua situação. A concepção vulgar das duas Americas, do Norte e do Sul, é que ambos os continentes estão collocados respectivamente norte sul um do outro, e que Panamá fica pouco mais ou menos no eixo mediano dos Estados Unidos, ou, por outra, ao sul do valle do Mississipi. Basta comtudo um relance de olhos pelo mappa para mostrar que a America Meridional não está directamente ao sul da Septentrional, mas toda para leste do meridiano da Florida, de forma que a costa oriental do Brazil fica mais proximamente ao sul de Londres do que ao sul de New York. O resultado é que o isthmo de Panamá não só está a leste da Havana e de Key West, mas está pouco mais ou menos alinhado com Buffalo. Como o isthmo se extende de leste para oeste e não de norte para o sul, como vulgarmente se costuma delinear e como o canal corre de noroeste para sueste, o extremo occidental torna-se rigorosamente o extremo oriental. Estes apparentes paradoxos geographicos teem um alcance importantissimo sobre os aspectos commerciaes do canal, especialmente no que respeita á costa do Pacifico.

Por que motivo será San Francisco a verdadeira chave do Pacifico

Ha annos, quando as ilhas de Hawaii foram annexadas aos Estados Unidos, os advo-

gados da annexação apresentaram mappas mostrando que as linhas traçadas de San Francisco ou de Panamá para o Japão, China, India e Australia teriam uma intersecção commum nas ilhas de Hawaii ou perto d'ellas, e que a bahia de Honolulu se tornaria por conseguinte a chave do Pacifico. Isto é apenas verdade quando se emprega um mappa ordinario, o qual é simplesmente uma projecção plana de uma superficie curva. Quando se estude a questão das derrotas atravez do Pacifico, n'um globo, vê-se que o caso é inteiramente diverso, e descobre-se que Hawaii fica sómente perto de uma simples derrota, a de San Francisco á Australia. A mais curta distancia entre quaesquer dos pontos de uma esphera mede-se n'um circulo maximo, isto é, na linha traçada na superficie da esphera por um plano que passe pelo centro d'ella e por esses dois pontos. O circulo maximo que liga Panamá com o Japão e a China ou qualquer ponto da costa oriental da Asia, atravessa o mar das Antilhas, o golfo do Mexico, Galveston, Denver, corta a costa occidental dos Estados Unidos ao norte de Seattle, e circumda as ilhas Aleutianas. Entre o isthmo e qualquer ponto do Extremo Oriente, o navegador tem de cingir-se á costa indicada, tanto quanto o permitte a terra. Isto é, depois de atravessar o canal, deve caminhar primeiro para o sul, em seguida para o noroeste ao longo da costa da America Central e do Mexico, e, depois de dobrar o cabo de S. Lucas, extremo meridional da Baixa California, seguirá pelo circulo maximo d'ahi até á China, e este circulo maximo passará cousa de 1:700 milhas a leste de Hawaii e apenas 300 milhas a oeste de San Francisco. Como os vapores de carga vulgares não podem ou não desejarão levar carvão sufficiente para a viajem directa do isthmo para a Asia, terão de fazer escala no ponto intermedio mais conveniente para abastecer de carvão e refresco. Este ponto será San Francisco, que fica a 3:277 milhas de distancia de Panamá e a 4:536 de Yokohama ; e para isso alongarão a viajem apenas 110 milhas, ou menos de meio dia em tempo, sobre a derrota mais curta possivel n'uma distancia total de 7:813 milhas.

O resultado extraordinario — pelo menos o que não parece geralmente comprehendido pelo publico americano — é que San Francisco se tornará a chave ou a porta do Pacifico, onde todos os navios vindos de leste, não só da costa americana do Atlantico, mas tambem da Europa, farão escala para carvão e refrescos. Esse carvão, se não se encontrar de qualidade satisfatoria na costa occidental, será transportado em navios especiaes de Alabama e da Virginia Occidental, e armazenado assim como o carvão de Cardiff se armazena actualmente em varios pontos ao longo da derrota de Suez no Mediterraneo e no Indico. Em parte alguma se evidenciará a existencia do canal mais do que em San Francisco, onde diariamente surgirá uma procissão continua de vapores viajando para leste e para oeste. Esses vapores tornarão San Francisco um ponto excepcional de concorrencia para carregamentos completos.

Primeiro problema : o rio Chagres

Geologicamente falando, o isthmo de Panamá é de origem vulcanica, mas a actividade vulcanica ha muito que cessou. De oceano a oceano, em linha recta, ha uma distancia de 42 milhas, com a cumiada divisoria a cerca de 10 milhas da costa do Pacifico, a uma attitude approximada de cento e vinte metros no ponto em que a atravessam a linha do caminho de ferro de Panamá e a do canal proposto. A encosta meridional para o Oceano Pacifico é cortada por bastantes cursos de agua, nenhum dos quaes tem grande importancia. O lado do Atlantico é cortado pelo rio Chagres e seus tributarios, sendo o rio principal o unico que pode arrogar-se alguma pretensão de navegabilidade importante. N'uma distancia que attinge proximamente dois terços da linha transversal do isthmo, podem subil-o canoas ligeiras em qualquer estação. Desde os velhos tempos da dominação hespanhola, durante o alvoroço aureo da California em 1849, até se completar a via ferrea do Panamá em 1855, constituia uma parte da estrada real atravez do isthmo. Subiam barcos até á aldeia de Las Cruces, onde começava o transporte terrestre até Panamá. No tempo dos hespanhoes, os thesouros da America Meridional desembarcavam onde era então a cidade de Panamá, eram transportados por terra até Las Cruces, ahi embarcavam para seguir rio abaixo e eram descarregados sob a artilharia do Forte Lorenzo, na foz do Chagres, em navios com destino á Hespanha ou fadados para

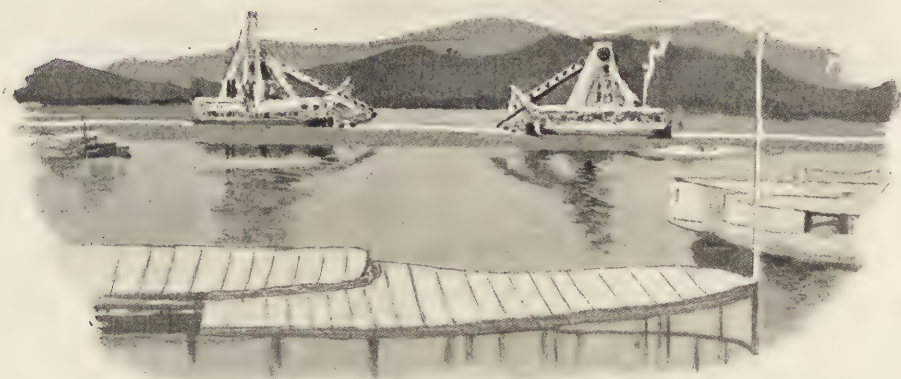
prezas de Drake e seus socios. Em 1671 o Forte Lorenzo foi tomado por Morgan e seus bucaneiros, e a cidade do Panamá saqueada e destruida, tendo permanecido até hoje apenas as pittorescas ruinas da velha torre de vigia e as paredes da Cathedral, que os hespanhoes fortificaram e defenderam até á ultima com o seu costumado valor.

O isthmo, estando uns oito a nove graus ao norte do Equador, está dentro da zona dos ventos geraes, cuja direcção varía de nordeste para noroeste. Estes ventos levam para o isthmo consideraveis porções de humidade em suspensão, a qual, ao esbarrar com a serra, se deposita em chuva grossa.

Comquanto se supponha o anno dividido em estação chuvosa e estação secca, começando a primeira em abril e extendendo-se até novembro, em todos os mezes se devem esperar chuvas no lado do Atlantico, e devem prever-se fortes temporaes, ainda mesmo no decurso da estação secca. Em Panamá, que fica do lado do Pacifico, a media annual de chuva é de sessenta e sete pollegadas ($1^{m},84$), ao passo que do lado de Colon é de cento e trinta pollegadas ($3^{m},57$), sendo a primeira quasi dupla da da costa do Atlantico na latitude de New York, e a ultima mais do triplo d'esta. De ordinario, o Chagres é um rio pequeno e de fraca corrente, e acima de Gamboa é completamente sereno. A subita violencia dos temporaes — desconhecida nas zonas temperadas — produz cheias excessivas, as quaes convertem um rio habitualmente vadeavel n'uma torrente precipitosa e desatinada. Consta do Chagres que chega a subir perto de treze metros em poucas horas e a passar em Bohio cerca de quinze mil metros cubicos de agua por segundo; isto é, um volume de agua sufficiente para encher uma milha de canal com 100 metros de largura á superficie, e $11^{m},5$ de fundo, em cinco minutos, quantidade colossal em vista do limitado escoadouro. É obvio que, se se deixasse uma catadupa d'estas entrar no leito restricto de um canal já cheio, damnifical-o-hia tão gravemente que as reparações exigiriam despezas exorbitantes. Não é pois o volume total do rio Chagres que o torna um obstaculo tão formidavel, por isso que o minimo é insignificante e o medio não chega a ser tão consideravel que não possa ser admittido sem perigo no canal. O que embaraça são as suas cheias colossaes, que raro duram mais de um dia ou dois, ás vezes apenas algumas horas, mas que, pela sua intensidade durante esse curto periodo, teem um poder tremendo de destruição.

Segundo problema: o corte pela linha divisoria de cumiada

A segunda difficuldade grave é o corte da divisoria montanhosa. Das 49 milhas

DRAGA FRANCEZA ABANDONADA — MACHINISMO FRANCEZ ABANDONADO SOBRE UMA VIA FERREA

DRAGAS FRANCEZAS VARADAS EM TERRA, AINDA APROVEITAVEIS

de extensão do canal, desde o fundo navegavel do Atlantico até ao do Pacifico, não menos de 35 milhas são de dragagem ordinaria ou excavação de terras, onde, com excepção de alguma elevação occasional, nenhum corte para alcançar o nivel medio das marés excederá 10 metros, sendo tudo obra de caracter simples. As restantes 14 milhas atravessam a serrania, onde a superficie original era de 112 metros acima do nivel do mar, e onde a profundidade media do corte até ao mesmo nivel, afora a profundidade do canal, é ainda de 46 metros proximamente, n'uma distancia de oito milhas, excavação que excede sobremaneira em importancia qualquer outra identica tentada até hoje. A composição geologica da serra é variavel, consistindo de rocha dura basaltica, argila ardosica, parecendo pedra quando começa a excavar-se, mas que se desintegra quando exposta ao tempo, argilas movediças e areia.

Terceiro problema: o clima

A terceira difficuldade é o clima. Quasi sob o sol equatorial, com todas as condições enervantes de um clima continuamente humido e quente, aquella região offerece campo fertil ao desenvolvimento de molestias. Por conseguinte, as febres tropicaes, taes como a febre amarella e a malaria, a ultima das quaes mereceu, pelo seu typo virulento e maligno, a designação local de *febre do Chagres,* teem sempre alli florescido como mortaes inimigos dos forasteiros. Afim de levar a cabo um canal trans-isthmico, deve-se encontrar uma solução satisfatoria para dominar as cheias do Chagres, cortar a linha divisoria da cumiada, e melhorar as condições sanitarias.

Erros dos francezes

Na construcção do canal de Suez, não se depararam taes estorvos, por isso que no isthmo africano havia apenas a cortar uma lingua de terra comparativamente plana. Foi pois ensoberbecido com o seu exito ahi que Fernando de Lesseps se voltou para o Panamá. Tendo adquirido uma concessão outorgada pelo governo da Colombia ao tenente Wyse, da marinha franceza, lançou-se na empreza de ligar o Atlantico ao Pacifico com toda a leviana confiança, oriunda de uma crença na sua missão de corrigir erros geographicos. Como o de Suez, o canal de Panamá tinha de ser *á niveau* — isto é, ao nivel do mar — e feito dentro de poucos annos, á custa de um numero razoavel de milhões de francos. Não havia planos preparados para o grande corte, nem methodo traçado para dominar as exuberancias do Chagres, e as febres amarella e do Chagres eram lançadas ao desprezo. Fizeram-se contractos para machinas inuteis; construiram-se locomotivas e vagões para a via europeia em vez de serem de cinco pés ($1,^{m}65$) de largura no rodado, que é a dos caminhos de ferro do Panamá, e adquiriu-se esquipamento em quantidade muito superior ás necessidades effectivas. Fizeram-se estes contractos na mira de conciliar a influencia politica e financeira, de certos interesses importantes em França, afim de assegurar a subscripção popular para o capital da companhia. É sabido que

BARCOS ABANDONADOS Á FERRUGEM E Á DESTRUIÇÃO

Esta phase desastrosa da historia do canal não precisa de mais explanações. Passaram sobre as questões envolvidas os tribunaes francezes, e o incidente está cerrado. É desnecessario reabrir o debate sobre se Lesseps foi burlado ou burlador. Basta-lhe a gloria, grande deveras, de ter sido o promotor e o constructor do canal de Suez. Convem no emtanto recordar o caso, como prevenção contra o desvario, a incompetencia, a leviandade, para não nos esquecermos de que os tumulos do passado são os marcos millenarios por onde se mede a estrada de destruição seguida pela primeira companhia — estrada que ainda existe, e que facilmente pode ser trilhada, ainda por um grande governo, se o guiarem a negligencia, uma legislação absurda, ou vangloriosa confiança em si.

sob os montões de entulho estão enterrados engenhos e machinas de toda a especie. Cumpriram a sua missão de objectivos para contractos de corrupção; não prestavam para o trabalho, e não valia a pena removel-os dos montões de sucata e terra. Outros foram abandonados ao longo da linha do canal, e perderam-se nas selvas tropicaes, onde foram aproveitados para habitação por lagartões enormes e papagaios de garrida plumagem. Em vez de dedicar as suas energias áquella parte do trabalho que mais tempo levaria a completar — isto é, o corte do Culebra — a companhia franceza foi-se entretendo na facil e rapida tarefa de excavar as terras baixas á beira do Atlantico e no leito do rio Chagres. Fez-se isto no intuito de se poder communicar para Paris que se completara uma grande percentagem da somma total das excavações. Não tardou o desenlace, com a triste e desoladora convicção de que a maior parte das economias dos parcos e engodados camponezes de França se tinham sumido sem apellação de especie alguma.

Depois da fallencia completa dos esforços de Lesseps, organizou-se nova companhia, e pela primeira vez se procedeu a um estudo systematico do problema inteiro. A nova companhia encontrou-se a braços com duas grandes difficuldades. Primeiro, approximava-se o termo da concessão feita pelo governo colombiano, e portanto a companhia dispunha de um prazo de tempo limitado. Em segundo logar, a enorme divida legada pela primitiva companhia, a qual com grande esforço se tentou resgatar em parte. Uma commissão de eminentes engenheiros decidiu immediatamente que, em vista das circumstancias, estava prejudicado o projecto de um canal de nivel. O custo addicional, sommado ao dinheiro já desbaratado, perfazia um total de tal importancia que impossivel se antolhava qualquer lucro commercial. Portanto, com alguma reluctancia, chegou-se á resolução de construir um canal com docas de passagem e um alto nivel na cumiada.

Desenvolveram-se dois planos afim de determinar a importancia das despezas de di-

nheiro e de tempo. Um d'estes planos presuppunha um nivel de cumiada com a elevação de 98 pés (cerca de 32 metros), com quatro docas do lado do Atlantico e quatro do lado do Pacifico. No outro plano havia um nivel de cumiada a 62 pés (uns 20 metros), com duas docas do lado do Atlantico e tres do lado do Pacifico. Em qualquer dos casos tinha de se construir um lago artificial a uma elevação pelo menos tamanha como a do rio Chagres, afim de servir de escoadouro a este rio. Resolveu-se que o plano de menor nivel era o melhor, por isso que mais se approximava da «Ultima Thule» do projecto de nivel do mar. A differença no custo dos dois planos não era consideravel, sendo o orçamento do primeiro, só em mão de obra, 101:850 contos (moeda portugueza, calculando mil dollars por conto), e o do segundo 105:500 contos. As docas a mais no primeiro quasi compensavam o accrescimo de excavações no segundo. Os engenheiros calcularam todavia que o plano de mais elevado nivel seria levado a cabo em menos tempo material do que o outro, e que a sua adopção tornaria mais certa a abertura do canal antes de expirar o prazo da concessão. Esta ultima consideração foi necessariamente o factor determinante para se adoptar o plano menos satisfatorio, com o nivel elevado da cumiada.

Com uma administração prudencial, os esforços da segunda ou Nova Companhia do Canal, que assim se ficou chamando, foram dirigidos para a parte mais laboriosa da obra—o corte da trincheira do Culebra—e deixou-se para occasião mais opportuna a dragagem nas terras baixas, a qual se poderia completar muito bem dentro de dois ou tres annos, o maximo, de trabalho assiduo.

Trouxeram-se de França machinismo e apparelhos aperfeiçoados, e entregou-se o trabalho a uma turba multa de operarios, armados de ferramentas.

Um relance de olhos para o perfil do canal habilitará o leitor a apreciar perfeitamente a extensão do trabalho executado por cada uma das companhias francezas. A excavação das terras baixas foi executada debaixo da direcção de Lesseps; a das terras altas, muito mais difficil, foi já executada pela nova companhia.

Infelizmente, o problema sanitario não tinha recebido a meticulosa attenção dedicada ao problema de engenharia, e as febres amarella, do Chagres, e outras tropicaes fartaram-se de dizimar gente.

A despeito de todos os esforços, a obra não podia adeantar-se com a rapidez que seria para desejar.

A politica sul-americana estorvava qualquer prorogação razoavel de concessão, e por fim a obra, com todos os direitos da companhia, foi transferida para os Estados Unidos por 40:000 contos.

DRAGAS QUE SE TRANSFORMAM EM SUCATA

EXCAVADOR FRANCEZ TRABALHANDO ACTUALMENTE NA GRANDE TRINCHEIRA DE CULEBRA

A ADMINISTRAÇÃO DO GOVERNO AMERICANO

Pela terceira, e é de esperar que pela ultima vez, se encetou o estudo da situação do Panamá. As condições, que se deparam ao governo americano, differem comtudo radicalmente das que se apresentavam ás companhias francezas, ou que se offereceriam a qualquer companhia particular que possa organisar-se. Pelo desembolso feito pelo governo americano obteve-se propriedade effectiva ou equivalente cabal de trabalho, e não peza sobre a empreza um capital desnecessario de dinheiro esbanjado. Pela cessão perpetua, feita ao governo americano pela nova republica do Panamá, de uma faixa de territorio com dez milhas de largura de oceano a oceano, afastou-se para todo o sempre toda a questão de uma concessão restricta; e finalmente, como o governo americano não tem de considerar o canal sob o ponto de vista mercantilmente lucrativo e como pode obter os fundos necessarios por um juro que certamente não excederá metade do que seria pago por uma organização particular, é obvio que se podem adoptar projectos muito mais dispendiosos e que exijam mais tempo para se realisarem. Em summa, o governo americano está desafogado de restricções vulgares. Por conseguinte, a questão que se offerece ao governo e aos seus consultores é a seguinte: Qual é o melhor typo de canal a construir, e como deve proceder-se á construcção?

A QUESTÃO SANITARIA

Comquanto o governo americano esteja livre das clausulas vexatorias de tempo e de dinheiro qne affrontavam e subjugaram por fim os francezes, não está isento de difficuldades referentes ás condições sanitarias do isthmo. Se esta grande obra tem de concluir-se com honra do povo americano, deve achar-se antes de tudo uma solução a este problema, de modo que assegure, tanto quanto é possivel n'um clima tropical, as condições da vida e da saude. Por fortuna, deu-se um grande passo nos progressos da sciencia me-

dica a tal respeito. As febres que prevaleciam no isthmo eram d'antes consideradas ou como inseparaveis das condições tropicaes ou como dependentes de uma falta geral da limpeza, á qual não parecia possivel dar remedio. Experiencias feitas em annos recentes provaram que as febres amarella e malaria não são indigenas do solo, não são infecciosas, são completamente independentes de limpeza, mas são transportadas dos doentes para os sãos por meio de certos mosquitos; que pela reducção no numero dos mosquitos se reduzem as probabilidades do contagio; e que, sequestrando o doente nos primeiros periodos da molestia, se póde evitar a expansão possivel do mal. Demonstrou-se que aos mosquitos se devia a extensão das febres malarias e a resultante origem da contaminação pelo exame dos habitantes de varias aldeias n'esta zona, durante o anno passado, o qual indicou que sessenta por cento da população tinha no sangue os parasitas da doença. Os resultados já conseguidos na Havana, e em geral na ilha de Cuba, e n'outras partes do mundo onde grassam doenças malarias, provam sem sombra de duvida as conclusões referidas.

Levantar no isthmo de Panamá a saude publica, como se fez na ilha de Cuba; modernizar as condições sanitarias; remover immundicies; e travar renhida guerra contra os mosquitos, taes teem sido os esforços do governo americano desde que tomou posse da zona do canal ha cerca de dezoito mezes. Para conseguir esses fins, aos mesmos medicos do exercito e da marinha, que tão proficuos resultados teem alcançado na Havana, se deu identico encargo no Panamá.

Para apreciar a grande importancia da tarefa, devem-se descrever as circumnstancias existentes tanto em Colon como em Panamá. Em nenhuma d'estas localidades havia systema de abastecimento de aguas ou de exgoto, a não ser um systema de aguas mantido particularmente em Colon pela companhia de caminhos de ferro para as edificações de que era proprietaria. A população de vinte e cinco mil almas da cidade de Panamá dependia exclusivamente de cisternas e poços situados perto de casas sem exgoto, sendo a agua d'esses poços transportada de casa para casa em carros e medida em vasilhas de folha. O lixo e os exgotos eram depositados em fossas no meio da populosa cidade, ou então atirados para a rua onde apodreciam, secavam e eram disseminados pelo vento. As proprias ruas eram calcetadas de pequenos seixos, impossibilitando uma limpeza efficaz, a não ser pelas enxurradas, durante a estação das chuvas.

Felizmente, nem a peste bubonica nem outras doenças infecciosas eram endemicas; mas de um momento para o outro poderia surgir um caso, proveniente de terras extranhas, e alli achar campo fertil em que desenvolver-se.

Ambas as cidades eram cercadas de pantanos em que se poderiam crear mosquitos; mas o mais ameaçador sob o ponto de vista sanitario eram as cisternas e os depositos de agua junto das casas, os quaes forneciam excellentes viveiros áquelles insectos. Como o mosquito que causa a febre amarella não é migratorio, esses viveiros no meio da população são mais perigosos do que os pantanos distantes.

(Conclue.)

ANTIGO MEIO DE TRANSPORTE DE AGUA EM PANAMÁ

Uma poetisa, filha de um grande poeta

Emmurchecer no espaço de uma manhã, como as rosas de Malherbe, é sempre triste condição. Mas que fará quando a flôr, desabrochada n'um ambiente de luz divina, guardou nas petalas raios d'esse esplendor para os espargir a eito pelo mundo, de envolta com os perfumes communs a todas as suas irmãs!

A juventude é bella, mas é um bem terreno. Bem celeste é o talento, e esse é magua quando apenas em primicias suaves logra ensejo de expandir-se entre os homens.

Nem sempre é esse dom hereditario, apezar do conhecido proloquio: Filho de peixe... Mas, quando uma scentelha acaso reverbere do genio paterno sobre um cerebro infantil, basta a atmosphera oxygenada do lar para lhe incutir vigor irradiante.

Uma filha de João de Deus, morta na flôr dos annos, é exemplo flagrante d'esta verdade. A propensão nativa ia-se-lhe serenamente desenvolvendo, a seiva poetica enriquecia-se a olhos vistos ao calor benefico de um lar onde, ainda após o desapparecimento do grande espirito, o seu influxo permanecia, como a chamma perenne ante o altar dos Penates.

Era um caracter singular, o de Clotilde Ramos, que repousa no tumulo ha cerca de dois annos. Sobre um fundo azul de bondade, nuvens de ironia vogavam, iriadas e leves. A inquietação do seu espirito, sempre ancioso por cousas novas, sempre prestes a frechar ridiculos e ruindades, sempre distillando gracejos sobre as scenas que o mundo offerecia, não perturbara a lyrica sentimentalidade hereditaria, que em ondas limpidas lhe acudia a flux. São d'isso testemunho as delicadas e sentidas quadras que em seguida transcrevemos. Representa a sua divulgação, ao mesmo tempo, a homenagem saudosa a uma nobre alma, tão cedo roubada ao affecto dos seus, e a revelação publica de um encantador talento feminino, que a Morte prostrou em flôr.

N'estas ligeiras trovas transluz, a par de uma enternecida e vaga melancholia, a funebre apprehensão de uma alma que já via proxima a definitiva romagem.

Trovas de D. Clotilde Ramos

Não sei se ria, se chore,
Ando em triste indecisão;
Se choro, magoam-se olhos,
Se rio, o meu coração.

Não querer pensar n'uma cousa,
Mais n'ella se ha de pensar;
Que, quando eu penso em esquecer-te,
Mais de ti me ando a lembrar.

Na força da minha magua,
Não sei bem o que é a dôr;
Os olhos, quando chorosos,
Não é que vêem melhor.

Ninguem falle em suas maguas
A quem mais maguas não tem,
Só tem maguas d'outras maguas
Quem maguas tiver tambem.

Por uns olhos que fugiram,
O lume dos meus perdi:
Porque nem elles me viram
Nem eu tambem mais os vi!

Fico mais alegre em vêr-te,
Estando sem vêr-te uns dias!
Quem nunca teve tristezas,
Nunca sentiu alegrias.

Chamam-te doida em não teres
O pensar que os outros têem!
Deixa lá fallar quem falla,
Faze tu por pensar bem.

A saudade bem pudera
Dar-me tambem esperança,
Se quem espera sempre alcança;
Feliz de quem sempre espera.

Quando os teus olhos diziam
Coisas que os meus encantavam,
Sei que os teus olhos mentiam
Sei que os teus olhos choravam..

Se te digo, sempre ris!
Que minhas maguas sobêjam,
Quando p'ra ser infeliz
Basta que os outros o sejam.

Se vou para quem não devo,
Não me perguntes por quê:
Antes d'amar não se sabe...
Depois d'amar não se vê...

Porque só gosto de ti
Não me has de reprehender
Gosta-se quando se gosta,
Não se gosta, se se quer.

Só é feliz quem quer pouco
E quem esse pouco tem,
Porque esse pouco é o muito,
Porque esse muito é o bem!

Dizem que uma alma partida
É um corpo que tombou.
Perdi-te... fiquei sem vida...
E inda Deus me não levou!

De só lembranças mandares
Nas cartas que me mandaste,
Cheia d'ellas me deixastes,
Para sem ellas ficares!

Trocava os teus olhos tristes
P'los alegres que são meus.
Nem depois os teus mentiam,
Nem mentiriam os meus!

Vão-se as penas que se teem
Nos suspiros que se dão,
Mas se assim vão, assim veem,
Voltam, assim como vão!

Infeliz d'esse que pensa,
Não crê em nada e em ninguem..
Creanças que tendes crença,
Ensinae-me a crêr tambem!

O solitaria andorinha
Que no espaço andaes perdida,
Vinde aqui, que a vossa vida
Talvez se entenda com a minha!

Leve-me breve o Senhor,
Nada no mundo me tem;
Já que perdi teu amor...
Que perca a vida tambem.

Tu dizes que estes meus olhos
Não têem a luz dos teus!
Pois olha que esses teus olhos
É que são a luz dos meus!

Quando leio as tuas cartas,
Com tanta loucura estou
Que cada lettra que vejo
É um beijo que lhes dou...

«Ais» são a canção sentida
Que sempre nos canta a Dôr,
Nas noites da nossa vida,
Nas trevas do nosso amor.

Se julgaes de morrer cedo,
Meu amor, perdido andaes!
Quem deseja morrer, soffre,
E quem soffre... vive mais.

Anda-me a magua crescendo,
Vae-se-me a vida a perder,
E quanto mais vou perdendo,
Mais eu sei o que é viver!

Porque vos não posso vêr,
Se vos vejo soffro mais,
Mas como eu soffro a valer,
Se não estou aonde estaes!

N'este mundo vive mal
Quem viver com o bem quer;
Que sómente vive bem
Quem com o mal quer viver.

Ao chorares por minha vida,
Recebi o pranto teu,
Como a terra resequida
Recebe o pranto do ceu!

Toldam o ceu nuvens negras
Que se desfazem em agua...
Desfazem-se nos meus olhos
As nuvens da minha magua!

Vi na noite mais fechada,
Ser manhã — nascer o dia!
O minha alma amargurada,
Tende esp'rança n'alegria!

Horas Bucolicas

Desfolhadas e vindimas na Beira

Vae no fim Setembro, — o Setembro de sésta á terra laboriosa e activa, o Setembro dos dias cançados, somnarentos e mornos...

O sol enfraquece e a sua luz resplandescente e leve já não fulge, nem crepita, como no pino do verão, quando pelos campos tudo é força e é vida e ancias fortes de crear. — Sua luz esvae-se como um sorriso amoroso, acariciador e apaixonado ainda, mas saciado e molle...

As terras envelhecem: desmaia na face dos campos a alegria dos viços, como o sangue viril das mocidades e das saudes se esvae e apaga nas faces cançadas. Chegam as doenças, a pallidez, os esmorecimentos e as rugas, como no final d'uma vida muito trabalhada, e começam já os rios a deslisar sobre os areaes em que se consumiram, indifferentes, serenos, apagados, n'um ar de quem se sente inutil e escusado.

Ao fundo das olhalvas e das fazendas miudinhas, entre as arvores polvorosas, cujas raizes vivazes bebem á solta dos rios, parátam, quietos e desoccupados, os engenhos de tirar agua.

Já não é preciso regar-se — pelas terras ociosas, nos restôlhos dos milhos, semeiam-se os primeiros nabaes.

As accacias das estradas, que são as primeiras a proclamar a primavera, florindo de branco seus enxovaes de noivas mal o sol experto d'entre Março e Abril começa a fazer-lhes namoro, são tambem as primeiras a denunciar o outômno. — E doiram-se já d'um oiro fulvo e quente, as suas folhagens recortadas. Cólhem-se as ultimas fructas dos pomares; nas figueiras que se desfolham, sob a revoada dos pardaes, retorcem-se nos pés, chupadinhos e doces, os figos vindimos.

Pelos vinhêdos, começa a surgir em pampanos vermelhos, o sangue dos primeiros attentados. Reluzem ao sol, nas varandas e nos patins, as gordas aboboras d'oiro; os rebanhos deitam-se á solta p'rá milhã secca das restevas e a pequenada manda-se p'r'ós montados ás pinhas e á caruma. É o fogo do inverno que se arrecada, ou o ninho dos animaes que se compõe nas córtes emquanto os ventos arrepiantes trazendo folhas e poeira, n'um remoinho, vão suggerindo a tormenta fria do inverno...

Esmaece a côr do céu. D'um azul gasto, ás tardes, a gente parece sentil-o adormecer-se sobre as coisas, sobre nós, n'um lento des-

OS REBANHOS DEITAM-SE Á SOLTA

cerrar de palpebras doentes emquanto toda a Natureza parece ir mergulhando n'uma languidez alquebrada e scismadora...

Já não agitam a atmosphera as vibrações claras da faina agricola, que a sua serenidade extatica, repousada, parece alarmar-se com qualquer ruidosinho. Alvoroça-se, extranha, se no meio das terras tristes, aquella voz de rapariga, álem, a rasga n'um gorgeio estridulo de gritos, ou se a gente que anda na vindima do Sr. Morgado ergue alto de mais, na sua falacia contente, a sonora alegria de colher a lindeza d'uvas que vemos suspenderem-se, em grandes redeas de cachos, das altas arvores que lhes cercam, a toda a roda, a sua grande quinta de rico-senhor... E appetece dizer-lhes:

— Schut! seus grulhas!...

Que não façam tanto barulho! Podem acordar o Azul, sob que a paisagem, maternal paisagem de terras d'amanho, todo um verão luminoso e fecundo, a labutar, a batalhar, a criar, parece agora fazer sua cama entre lençóes de sol lavado, e querer deitar-se n'um somno de descanço com a satisfação consoladora de quem cumpriu alegremente o seu dever...

Até os carros que vão levando as uvas para os primeiros lagares, sentem isto: — De subida pelos trilhos ladeirentos adoçam n'uma surdina a aspera chieira desafinada dos seus eixos.

São por este tempo, Senhores, as desfolhadas.

*

A terra não foi coisa feita apenas para um ou dois, — penso. Quando o Senhor a deu aos homens, por certo foi para que elles a dividissem entre si com egualdade e amor, como uma mãe reparte pelos filhos com fome o pedaço de pão que lhe resta em casa.

Não acontece, porém, assim.

Aqui, da pouca que ha roubada aos montes pelos rasgões verdes e fundos dos valles ou das insuas, ha quem grangeie grandes pedaços que lhes chegam e sobram, mas ha tambem, — e estes são os mais! — quem não tenha d'ella nada, ou d'ella tenha apenas uns cibos que mal chegam para semear uns tres punhados de milho.

As desfolhadas d'estes claro que são humildes, calladas e tristes como a sua pobreza.

N'um pedaço de tarde ceifaram os milheiros mesquinhos, acarretaram-nos para a porta de casa, quando lá dentro, onde mal ha cabo para dormirem, não exista logar ou palheiro onde os accommodem.

Ficam alli mesmo. . Pouco é para tomar logar ao caminho, ou estorvar quem passe, ou tentar as *vontades do alheio*. E dá-se-lhe aviamento depressa, não haja quizilias.

Ao fim de ceia, a gente de casa sae cá para fóra. Tristes e pouco fartos, trazem os escabellos em que devoraram os caldos: dependuram n'uma frincha da parede a candeia, que fuma e reluz no escuro, ao ar, como uma abelhinha d'oiro, inquieta — e a desfolhada começa.

Uma a uma, as poucas espigas cahem na canastra, os *canneiros* são atirados para o lado, — tudo muito callado, muito triste, sem festa nem algasarra, quasi envergonhadamente, entre os pequenos que principiam por brincar sob os ralhos asperos dos paes, e entre ralhos acabam por adormecer na palha, — a cuscubilhice passageira da mulher, as cantigas afogadas das moças, se as ha, a historia que conta a vizinha que do lado veio tambem dar sua demão na tarefa...

Se é de dia, pela manhã, ou á tarde na restea do lourinho sol, que já sabe bem, a scena anima-se um pouco. Sempre passa gente: saúda: — «Deus vos ajude!» — «Deus os acompanhe!» — E vae uma chalaça, e vae um ditote, um riso, em quanto as espigas se descamizam, pouco e pouco, descançadamente.

AS GALLINHAS, ALVOROÇADAS, ACORRERAM

O cão da casa vem e enrosca-se regalada, socegadamente, no folhêlho; as gallinhas dos vizinhos accorrem, alvoroçadas, e vão d'envolta com a gente, n'uma intimidade perfeita de seres eguaes e amigos, debicando os grãos mal aproveitados. Se um gesto ou um berro as escorraça, fogem atarantadas, confusas, os pescoços esganiçados p'rá frente, as azas de rastros... O rafeiro acorda: olha de soslaio sob as grandes pestanas trémulas, — resmunga. É dia claro, estende-se sobre os campos, onde chiam os carros, onde passam murmurios, e parece que na sua claridade serena, feliz, a Terra olha docemente os seus fructos, reluzindo como ouro nas mãos laboriosas d'aquelles que a fecundam.

Mas estas não se veem, nem se sentem, quasi. É preciso embrenharmo-nos pelos caminhos escusos das aldeias, onde, sob a sombra d'altas ramadas, junto das portas, e n'um aconchego quasi intimo da scena familiar, desapercebida, o lume d'oiro da candeia arde, ou sorri a luz do dia, as gentes segredam coisas, tossem, curvadas e somnolentas, os folhêlhos rugem sob as mãos, espraiando no ar um perfume doce e humido de palha orvalhada, que no ar se casa com o dos mostos das primeiras lagaradas e o dos cravos que fenecem, tristinhos, nos peitoris das janellas minusculas.

Ha as outras, — as *de estrondo*, as desfolhadas dos abastados, cujos campos mais largos dão milho em medas e cujas colheitas pôem nas noites, tambem, sua fartura d'alaridos contentes, felizes...

Estas sim! — estas são coisa pittoresca a valer!

*

De dia, homens e mulheres ceifaram. O sol já não queima: — é antes n'aquellas pelles tisnadas e retisnadas, como a macia caricia d'uns dedos d'oiro, que lhes faz cocegas, que os faz rir, e a ceifa foi uma brincadeira: — gente de casa, gente rogada, vinho ao meio dia!...

Depois os milheiros ficam no campo, em montes enormes.

A DESFOLHADA COMEÇA COMO SE FÔRA UMA FESTA

O dono á ardinha vae-se pelas casas dos vizinhos, em mangas de camisa, um riso nas bochechas, disfarçado e videiro:

...—Sabe?...Tenho lá hoje cascadella...

É no *Rechão*. Ou: é no *Valle*... Ou: é no *Arreto das Almas*—lá'riba...

Póde estar socegado: tudo vae.

Os paes mandam as moças, que já o esperam n'um anceio, como se fôra p'ra festa e os proprios velhos vão tambem, — vão dar a sua demão, — lá uma noitada, p'ra lembrar tempos passados. — E creio que, ó depois, em casa, remoçados e suggestionados, os proprios velhos noivam...

Vae, a desfolhada começa, como se fôra uma festa. Os bandos da *ajuda* repartem-se pelos montões do milho, á roda, conforme a força d'elles, conforme veem chegando: — «Deus os ajude» — «Deus os traga»!

Se faz luar basta a grande lampada da lua, cujo globo de porcellana, cheio d'uma electricidade unica, se suspende dentre as miudas estrellas do ceu recurvo e allumiado, para os campos quedados n'uma absorpção d'extase feliz. Se faz escuro, engendra-se um lampeão dependurado n'uma estaca e que, bamboleante, frouxo e escaço, deixa de volta uma penumbrazinha macia, passaculpas, propicia a judiarias e beliscões, a beijos e abraços, a palavrinhas d'amor que rolam discretas, n'um aconchego perigoso dos corpos...

A noite arrefece, ao alto; e mergulhados na palha um bom calor se faz, aviva e inquieta os sangues...

Vieram moços com violas, com harmoniums. Uma romaria! Tudo canta: são córos, são vozes sós, altas e sonoras, ondulando com largueza no ar quieto regras chorosas de fado, e de *Canninha Verde*, e de *Viras* e *Ribaldeiras*...

Bandos de moças acarretam as canastras de espigas para as eiras. Se faz luar, são de prata, as espigas, luzindo e reluzindo nas canastras. E as raparigas, de perna arregaçada, braços ó alto, esfumadas na noite, bailam cantando e rindo n'um alarido que se alastra, escorre pelo campo. Ao dobrar d'um caminho, na sombra espessa d'alguma folhagem, uma especou a conversar com algum moço que a espreita e espera. Suas falas arrulham d'amores.

No ar anda um aroma doce, sensualisa: É d'ervas, é de mostos, é dos pomares, dos mangericos que se distillam nos seios quentes das raparigas...

Quem encontrar uma espiga de milho vermelho, de milho-rei, póde dar uma rodada de abraços. Um ergue-se: luz-lhe nos olhos um triumpho: — «Upa! Cá'stá... Cá'stá!...»

Peitos que elle vae abraçar, corpos com que vae rolar no folhêlho macio e quente! — até as velhas viram de lá todas escandalisadas:

— Eh! eh! Bonda! Bonda de pouca vergonha... O cara de fome, — fome d'abraços, claro!... — e riem.

E as moças negam-se: não querem, não vale! Os latagões cheios dos seus direitos e dos seus desejos teem arremessos para ellas, que tapam as caras com as mãos, furtam os corpos, guincham suas risadinhas curtas de susto e de cócegas n'um estridente alarido de risos e gritos e chalaças sonoras, que varam a noite queda, echoam pelas quebradas, n'um imprevisto alarme. Todas se repinicam as violas; os harmoniums teem guinadas; e os cães que não gostam do barulho vão ralhando com sua auctoridade, pelos casaes, ao largo, impacientes e bravos...

Mas tudo volve a socegar-se. Desfolha-se, trabalha-se. A noite corre suave. De volta, na sombra perturbada dos montes, as paisagens commovem-se, não digam que não, as paisagens *sentem-se*, estremecidas n'um largo anceio semilhante ao das mães quando em seus peitos se repercuta a alegria dos filhos, contento e graça do proprio leite... Os córos, as violas, o zum-zum das vozes, que as distancias reduzem a um murmurio marulhante de segredos altos, pousa no seio d'essas noites, na calma dos espaços aconchegados, como uma caricia. E assim ha qualquer coisa que as espiritualisa n'uma poesia dôce, as enternece d'uma emoção branda, sincera e rude, que faz sonhar á gente seu sonho simples e humano de ser lavrador...

Ser lavrador, e ser simples: e abraçar as raparigas e andar de namoro pegado com a Terra, como deve ser alegre e bom!...

*

Dizem que lá para o verde e claro Minho, são muito pittorescas estas desfolhadas. Não sei — mas creio piamente que aqui — n'esta Beira, minha arisca e montezinha Beira! — o são ainda mais.

Lá toda a Terra parece uma terra-de-amanho, onde em toda a parte a gente cava, semeia, colhe, canta e ri. É uma herdade immensa de ricos brazileiros. O alvoroço das alegrias humanas perde-se na larga pompa das alegrias naturaes, esse silencio das coisas em que os rios fallam e gritam mais alto — que vozes. Não ha, parece, tão nuas e desoladas, estas serranias tristissimas de infecundidade, — que é o mais que por aqui ha. A sua sombra de esterilidade alastra-se por toda a parte: toda a paisagem mergulha n'ella.

Visto de longe, tudo parece terra bravia; e quando, aqui e alli, apparecem d'estes vallesitos em que a gente vive, são como risos, são como milagres, beijinhos de verdura, retalhos de velludo n'um fato de pobre! Granjeia-os a gente com um amor, com um cuidado, n'um idyllio em que terras e homens, se amam e namoram.

E quando eu pelas noites tristes, as ouço, ás desfolhadas, parece-me que ouço nellas — dentre as serras bravas, azedas, escurecidas na sua dôr d'estereis — não só a alegria egoista dos homens que colhem — mas também pelas suas vozes, a da terra agradecida dos valles, que canta e louva Deus pelo seu contentamento e fecunda virtude de criar...

CONDUZINDO AS BOJUDAS DCRNAS DE UVAS

*

* *

Or'ágora é Outubro que começa. O sol tem na sua luz fina e frouxa, não sei que expressão melancholica, esparsa, auzente. Sorri como um tisico... De róda, coram de vermelhidões de febre, as faces da paisagem. — São as folhagens dos pomares, os pampanos das altas arvores de vinho, os soitos das encostas que se afogueiam num fulvo loiro de chammas.

Cavam-se mais fundas as rugas da velhice na terra. Começam os arados a sulcar os campos. Pararam as eiras e os rios crescem, sobem, correm mais apressados sob as folhas d'oiro que cahem.

No azul dos ceus passa uma nevoasinha de saudades, uma poeira de sol em que se apagam as ultimas esperanças da verdura, e em que pelas tardes as montanhas longinquas se opalisam, indecisas, aladas n'um vago — como sonhos... Tombam mais cêdo as noites d'um fino azul, lucilando de estrellas lacrimosas, ou estendendo pelos campos, como de mãos cruzadas, um branco luar morto.

Já na penumbra, o sino das *Avé-Marias* falla com um accento mais triste, mais discreto, pezaroso e elegiaco. No intimo dos solos que se refrescam e humedecem sob a humidade das noites e sob o orvalho das manhãs, os reconditos veios d'agua fortaleceramse. — E é mais vivo e expansivo, agora, entre as ervas seccas, sobre os musgos d'oiro, o grogolejo das nascentes e o claro choro das fontes.

A luz fina, adelgaçada, dos crepusculos tem qualquer coisa d'essa transparencia lactescente que antecede os eclipses extranhos e no chão poeirento dos caminhos muito trilhados, ou na superficie pallida das arádas, a rala folhagem mesquinha e os troncos despidos das arvores, recortam-se a sombra fina, d'uma nitidez quasi cruel, requintada... As mulheres que voltam das fazendas, ou procuram as fontes, agacham já sob os aventaes curtos de serguilha as mãos encardidas, ou suspendem das cabeças enriçadas as longas, esguias capuchas de burel; — «Que faz frio... Ui!»

Entrementes, pelos rodeaes dos arretos, entre as videiras ou sobre as arvores, movem-se as manchas brancas das camisas, os vermelhos vivos das carapuças, os lenços claros das mulheres, e de vagarinho em um lento e moroso passo d'enterros, ladeiram pelos caminhos os carros dos bois, conduzindo as bojudas dornas d'uvas. Os homens que os guiam, — aguilhada sob os braços, mãos nos bolsos, — vão todos elambuzados, — ennodoados de mostos vermelhos, de vermelhos sangues.

AS VINDIMAS FAZEM-SE SEM ESTRUPIDO

Parece que fizeram algum crime. Cantarolam vagamente...

São as vindimas.

*

Não ha vinhedos grandes. Todos teem, alindando os arretos e as fazendas, seus cordões de videiras mal cuidadas, suas tenchoadas altas, suas latadinhas acantoadas sobre as reprêzas d'agua ou sobre os caminhos, onde a sombra não apouque e damnifique as terras-de-pão. Ha castanheiros enormes, todos enredados de vides, que em annos de fartura suspendem das hasteas preguiçosas uvas para encherem não sei quantos cabazes, — dos grandes, dos vindimeiros! E' quasi sempre junto das casinholas, co'as raizes a nutrirem-se da gorda terra dos quinchosos. Videiras são de respeito, e louvadas, — algumas!

As vindimas, mesmo as mulheres, fazem-se sem estrupido: meia-duzia d'homens, dos mais ligeiros e leves, para andarem com as escadas em riba das arvores; meia duzia de mulheres para vindimar rasteiro — a canalha da casa ou dos vizinhos, que vae atraz rebuscando os bagos perdidos, sujos da terra em que se rebolam, enlambusados das uvas assucaradas com que enchem as pançasitas e parece até que turbam as cabecinhas ôcas!... A canalhita d'aldeia, agarotada, viva, esperta, reforçada e rija, de curiosos olhos a pasmar de tudo, — as camisas rotas, as calças a cahirem-lhes das cintas, as cabeças enriçadas e sujas, seus instinctivos impetos p'rá maldade — ella é que faz a festa as mais das vezes.

— Eh lá! meus homens. — Vamos com isso qu'é noite — resmunga de a revezes, a voz do lavrador. De resto, nem se faz barulho.

Uma ou outra mulher diz sem vontade uma ou outra cantiga desentoada.

Parece que a melancholia das coisas peza sobre as almas — as figuras movem-se, sem ruido, em cima da paisagem, cautelosamente, discretamente, como quando se lida n'um quarto de doentes adormecidos...

Emquanto no meio dos arretos os carros da

A CANALHITA DA ALDEIA

lorna esperam — a aguilhada ao lado, os cães lormindo n'uma restea de sol, junto ás rolas — os bois desappostos, mesmo sob a anga vão retouçando nos pampanos, ruminando as folhinhas e os talos mais verdes. E, lornas cheias, os carros partem. Alguma muher que vá no caminho, ou esteja na fonte, ou apanhe os chamiços do quinteiro para acender o lume, pára ao passar do carro, — a falar da vindima, a perguntar da colheita.

— Assim, assim! — Nem que falte, nem que sóbre. — Louvado Deus! uma lagaradasinha bonita...

E um cão ou outro, mais feroz, ladra nas hortas, sobre os muros, á chiadeira indifferente dos carros que lá vão seguindo seus rumos.

*

A piza nos lagares é quasi sempre feita de noite.

Todo o lavrador remediado, possue o seu lagar em casa: um tanquesito de pedra, muito sujo, sob a grossa e antiga trave de castanho, entre tarecos velhos, rebotalhos da lavoura, arcos de pipas, o arado, a grade, as batatas, o bagaço, as teias d'aranha... o que calha. Quem o não tem, pisa *ás vezes* no lagar dos outros. E emquanto cá fóra num silencio grave as noites descem, as noites se enrolam nas coisas, os homens fortes, seminus, de musculos á mostra, velados na meia-luz indecisa e tremula duma candeia dependurada da trave, pizam, pizam, repizam, ganhando seus ares tragicos, — todos espirrados do sangue ainda quente das uvas, macabros, rindo por vezes um riso alegre e bom que parece tornar-se feroz sob as luzinhas vermelhas que lhes cortam nos rostos os chupões dos cigarros... Adormece tudo na noite, de volta, nos campos e nos povos, sob as sombras que se adensam. E elles, entretidos, vão fallando sempre, conversando sempre, contando historias: — fadas e lobishomens; mortes e desastres...

Sob os seus pés o mosto quente ferve, chia, espuma: — «É bom, — tem um cheirinho doce!»... Algum se dobra para elle, provando-o n'um sorvo da mão concava, sangrenta: — «É vivo: tem bôa tempera, melhor, peor, do que o do outro anno...» — e quando chega o lavrador, co's cigarros, co'a cabacinha da aguardente, o lampeão na mão, o riso alegre nas bochechas... louvam-lhe a colheita:

— Sim senhor! Sim senhor — uma pinga de estalo!...

O outro, agradecido, coça as orelhas, offerece a prova para o dia de S. Martinho: enleia-se:

— Louvores a Deus!... Eh! eh! rapazes, louvores a Deus!...

Quasi nunca esquece n'estas coisas, o fallar-se das virtudes de curar que o mosto tem... E com tanta fé, tamanha crença o fazem, que até seria peccado deixar d'acreditar nas suas balelas ingenuas, — como, por exemplo, aquella do José do Russo: — que estava *étego* de todo, p'ra'li a *despedir*, e vae um dia, porque a Anna Benzedeira lh'o ensinou, tirou-se dos seus cuidados e — catrapuz! — tomou um banho no mosto quente...

Banho de respeito! Ficou bom, sãosinho e rijo, como um pêro...

— Oh! o vinho de Virtude, — Sangue de Nosso Senhor!...

E adrega ás vezes cantarem os gallos, ser noite velha. Entretidamente, elles, como que se esquecem: pizando, pizando, repizando, as uvas doces, — fruta abençoada de que sahe a alegria das mezas, a tontura benigna em que tanta dor se esquece, e tanto pezar se esvae...

Vinho alegre: vinho jovial dos ridentes vinhedos da minha terra! assim se fabríca.

*

Dizem que o Douro alcantilado das vinhas sem fim, é que é por excellencia o paiz das uvas e das vindimas.

Alli, a faina é realmente larga e bella. Porém, a gente que trabalha, em regimentos, nem se conhece uma á outra, muitas vezes. Vae de longe, de todas as terras, como vae para as ceifas do Alemtejo; trabalham sem amor, sem interesse, — curvados, auzentes, mercenarios...

N'aquella grandeza dos grandes montes faustosos, não existe esta bucolica poezia, esta commovida alegria, sentimental e agradecida de colher os fructos com as mesmas mãos com que se semearam, e desveladamente se cuidaram todo um verão, entre receios, entre esperanças, entre canceiras e vigilias...

Amo mais as vindimas da minha terra — minha linda e pittoresca Beira! — feitas assim, tão discreta e desapercebidamente, no enternecimento poetico que o outomno melancholico lhes dá — e diz tão bem! tão bem! na face modesta das suas lindas paisagens...

João Corrêa d'Oliveira.

A PIZA NOS LAGARES É QUASI SEMPRE FEITA DE NOITE

Era uma organisação privilegiada a do tenente Pombo! Intelligente, vivo, e mais que tudo artista, não lhe faltava qualidade alguma, d'aquellas que, dirigidas e cultivadas, pódem levar um homem á gloria e um nome á celebridade. Effectivamente não havia nada que o Pombo não fosse capaz de fazer, porquanto desenhava bem, versejava com facilidade, e principalmente era bom musico, e tocava guitarra com mestria. Assim como improvisava versos, assim improvisava melodias; e a inspiração musical, toda rescendente ao perfume das cantigas populares e genuinamente portuguezas, ninguem melhor do que elle a traduzia nas notas plangentes do seu instrumento favorito. E ainda por cima de tudo era bonito e bom rapaz, e, como se póde imaginar, um companheiro precioso para distrahir os camaradas, quando, depois de um tiroteio ou de uma marcha forçada, a palmilhar caminho atraz dos francezes, por terras de Hespanha, era permittido accender fogueiras e descançar um pouco.

Um unico defeito, mas esse grave, punha uma nota discordante n'este conjuncto de perfeições: o Pombo bebia desalmadamente! Qualquer liquido que cheirasse a alcool, condição *sine qua non,* estava na conta para o tenente, e fosse vinho generoso ou zurrapa ordinaria, cognac fino ou aguardente mal cheirosa, ingeria tudo sem ceremonia, e quanto viesse, ficando depois como era de esperar. Foram vãos os esforços para o afastar do abjecto vicio; aquella intelligencia lucida, aquelle talento de artista foram-se apagando pouco a pouco, veio o embrutecimento e o delirio, e o Pombo morreu ainda novo, da morte desgraçada dos alcoolicos incorrigiveis.

Havia no regimento dois dignos companheiros do tenente nas lides de Baccho, o padre Bomjardim, capellão, e um outro official cujo nome, se bem que o merecesse, não passou á posteridade. Esta trindade de beberrões, entre os quaes o Pombo occupava ainda assim o primeiro logar, tinha formado uma especie de companhia, na qual só poderia ser admittido aquelle que exgotasse de um trago um copo de colossaes dimensões, que era propriedade do padre. Parece comtudo que a prova indispensavel para a iniciação era de tal modo terrivel que ninguem se abalançara a tental-a, e o numero dos confrades continuava a ser de tres sem esperança de augmento.

Uma noite, a do proprio dia em que se ferira a batalha de Albuera, estavam reunidos alguns officiaes, e entre elles o Pombo, que, empunhando a

O POETA ENTOOU UMA QUADRA QUE D'ESTA VEZ TRATAVA DE VIVOS E DEIXAVA EM PAZ OS MORTOS

guitarra, e já no estado que para elle era quasi normal, dedilhava as cordas, ao mesmo tempo que fazia versos bons como sempre, muito embora de vez em quando, no duplo calor da inspiração e da bebedeira, algum lhe sahisse menos correcto. A noite estava escura, os cadaveres ainda insepultos, e muitos já despidos, punham manchas claras na terra negra e indistincta, e apezar do enthusiasmo da victoria, que já ia meio dissipado, a impressão era triste, e tanto mais que no numero dos mortos se contava um camarada geralmente estimado, um pobre moço cuja triste sorte fazia pensar aquelles que neste momento a lastimavam, e que tão proximos estariam talvez de a ter igual. A musica e os versos ressentiam-se d'esta disposição geral dos espiritos, os accordes tinham o quer que fosse de funebre, os versos eram por demais elegiacos, mas o que é verdade é que o tenente ia arrancando lagrimas a quantos o escutavam. A situação tornara-se devéras incommoda, e alguem lembrou que de nada servia augmentar tristezas, e con-

vidou o Pombo a mudar de assumpto, e a cantar coisa mais alegre. Immediatamente da guitarra brotaram notas menos plangentes, e o poeta, entrando noutra ordem de idéas, entoou uma quadra, que d'esta vez tratava de vivos e deixava em paz os mortos:

Para allivio dos peccados
Confessei-me ao Bomjardim,
Que me deu por penitencia
Bebesse vinho... sem fim!

E depois, baixando a voz que tomou um tom de humildade e submissão, como convem a peccador contricto no tribunal da penitencia, continuou:

Olhe, padre, que ha inferno,
E eu temo beber assim.

E aqui, a voz tornava-se grossa e rispida como quem admoesta ou reprehende:

Não vê que sou sacerdote!
Pois ponha os olhos em mim.

E as lagrimas tornavam-se em risos, e da nenia passava-se ao gracêjo, já esquecido, ao menos naquella hora, o pobre morto de Albuera. Mas talvez mais tarde, quando expiraram as ultimas notas da trova, e se foram todos a dormir o somno d'aquella noite, junto dos outros que tambem ali dormiam o somno eterno, ellas voltassem de novo, as lugubres idéas, que as quadras jocosas do tenente tinham por momentos afugentado.

Por demasiado insignificante não reza a historia, muito embora historico elle seja, d'este episodio de Albuera, e os versos do tenente Pombo teriam para sempre cahido no esquecimento, se eu os não tivesse ouvido a alguem que nessa noite os ouvira da bôca do auctor, e os repetia ainda meio seculo depois.

Celestino Soares.

Concurso photographico dos «Serões» — Menção honrosa

TRECHO DE UNHAES DA SERRA

Photographia do sr. Antonio Antunes dos Santos

Se a mocidade soubesse...

V

A MALA DO REI

Betty, a bonita austriaca, mulher do burgrave de Wellenshausen, chanceller de Sua Magestade o rei Jeronymo I da Westphalia, tinha para o mal aptidões encantadoras, mas que ainda estavam por desenvolver. Fechada, durante tres annos da sua vida de casada, pelo marido ciumentissimo, n'um burgo inaccessivel, entre os montes da Thuringia, não tivera ainda ensejo favoravel para isso. A simples opportunidade que se lhe apresentara — a de separar do noivo a Sidonia, sobrinha do burgrave — fôra por ella aproveitada de modo conscienciosissimo. O moço conde tinha tido a ousadia de requestar Betty, ou pelo menos Betty imaginou isto; por conseguinte não era digno de confiança, e até merecia rigoroso castigo. A moral assim o determinava.

A empreza executou-se com extrema facilidade. Conscia do seu poder, Betty suspirava por qualquer coisa de maior momento, e estava a ponto de realisar esta aspiração.

Era o proprio ciume que fizera o burgrave cahir manietado nas mãos da mulher, que estava emfim senhora de si mesma e da situação. E por isso tinha ido para Cassel, a alegre e irresponsavel capital do alegre e irresponsavel Jeronymo, a Mecca dos seus sonhos. E não só estava em Cassel, como tambem se descartara do seu Barba-Azul. Que prazer poderia gosar uma pobre mulher, vendo constantemente a sombra do seu medonho e ciumento marido a projectar-se entre ella e o galanteio mais innocente? Foi, portanto, corrido o Barba-Azul para os quartos, a que, pela sua qualidade de chanceller, tinha direito no paço. *Madame* Barba-Azul preferia, é claro, o hotel e a sua liberdade.

Fartou-se de rugir o monstro, mas, como estava á mercê da esposa, teve de se submetter, sob a ameaça de um grande escandalo. E pelo que respeitava a Sidonia, á nova condessa de Waldorf-Kilmansegg (que por muito mais tempo não devia usàr d'este titulo, a cumprirem-se os desejos da burgravina), Betty condescendera em acceital-a a seu lado. A rapariguinha ia dar uma excellente companheira, e o espectaculo do desgosto, que ella altiva e silenciosamente estava padecendo por amor do casamento, tambem não desagradava á sua tia por affinidade.

Temos, pois, que Betty estava em Cassel, e, mais ainda, estava livre: borboleta no meio do jardim, com os longos dias do verão ao seu dispôr e podendo escolher entre todas as flôres da primavera! E que homem altamente sympathico o rei Jeronymo!... Não tinha o menor vislumbre da selvageria que se attribue geralmente aos corsos, nem qualquer indicio da sua origem plebéa. Um verdadeiro rei, na opinião de Betty. Sempre imaginara que se haviam de entender admiravelmente um com o outro. Depressa teve occasião de escrever ao seu affavel soberano duas palavras amabilissimas, n'uma folha de papel côr de rosa.

Quem levou a cartinha para o correio foi *Mademoiselle* Elisa, que deitou, já se vê, os olhos para o sobrescripto e logo jurou aos seus deuses que, visto a ama ter correspondencia com pessoas d'aquella categoria, tambem a creada não podia contentar-se muito mais tempo com o *Jaeger* ou *chasseur* do burgrave.

Foi na mesma occasião para o correio, diga-se de passagem, um insignificante bilhete dirigido ao burgrave de Wellenshausen. Esse, porém, custara á condessa Betty uma simples pennada.

*
* *

A primavera e o outomno teem muitas affinidades, mas ao passo que a primavera caminha para a plenitude da vida, o outomno dirige-se para o frio somno da morte. Distinguem-se ambos pela graça, pela energia, pelo capricho, pela suavidade. Dão-nos sorrisos e lagrimas, ceos de uma doçura impossivel no verão, virações macias como o leite, possantes como o amor, ventanias que resoam

com as vozes do oceano, da montanha e da floresta; grandes canticos de gloria, que se apoderam de nós e nos falam de coisas maravilhosas e que á passagem nos excitam o sangue, e vão, se é outomno, fazer dançar uma dança lethal ás folhas amarellecidas, e, se é primavera, acalentar os rebentos infantís nas tenras vergonteas.

Dois viajantes, um a pé e outro a cavallo, caminhavam a par na estrada imperial que ia de Gœttingen a Cassel. Batia-lhes no rosto um sadio vento forte primaveril, e ao cavalleiro, que era ainda moço, falava energicamente da primavera que lhe aquecia o sangue, falava-lhe de amor e de mysteriosas florescencias. As lufadas que elle respirava eram cheias de um aroma de crescimento e de saudade que o enlouquecia, pois tinha o sangue a escaldar nas veias e vira-se frustrado em amor.

Mas para o outro viandante, cujo cabello já ia branqueando, e que avançava como quem aprendeu a ignorar o que seja o cansaço, estava occulto um lamento de outomno nas alegrias de abril. Diziam-lhe que tudo o que nasceu tem de morrer, e como o que é lindo morre primeiro. No ciciar de cada folha acabada de formar, ouviria o futuro suspirar da queda inevitavel; na fragancia da terra em labutação, sentiria o cheiro das tristes sepulturas cavadas no anno que findou.

O cavalleiro trajava um fato fino e elegante, como convem a um viajante de alto nascimento; o peão vestia como tocador ambulante, que da musica tirava o pão quotidiano e que raras vezes sabia de manhã onde á noite descançaria a cabeça. Os acasos da jornada reuniram de modo singular estes dois homens; e Hans, o vagabundo, distillara com a sua musica, na vida do conde de Waldorf-Kilmansegg alegria e dôr, amor e odio, quasi, parecia, fazendo-lhe sentir um phantastico prazer. Porém Estevam affeiçoara-se ao allucinado companheiro. Apesar de pacificos viajantes, haviam sido envolvidos recentemente no turbilhão de uma correría de cossacos — porque nos arrancos do imperio de Napoleão tambem era abalada a Westphalia — e, com risco da propria vida, o nobre austriaco tinha salvo de uma lançada perdida o vagabundo, e, excitado pela desarrazoada generosidade da juventude, queria-lhe agora muito mais, com o ardor da ferida que recebera.

Caminhavam em silencio. Estevam sentia um peso enorme no coração: tinha perdido Sidonia quasi nos degraus do altar, e andava agora a procural-a com uma impaciencia, que os repetidos contratempos iam transformando em phrenesi. E Geiger-Hans servia-lhe de guia, tendo deixado o austriaco, desde ha muito, de admirar-se com a cega confiança que depositava n'aquella creatura de tão mysterioso ascendente.

A partir de certo logar, a floresta encostava-se á estrada imperial. Os ramos, que por cima formavam arcaria, antecipavam-lhes a noite. E já envolvidos pela sussurrante protecção do arvoredo, os dois viandantes approximaram-se mais um do outro, e como que recuperaram o uso da fala. Parecia que a natureza os tinha arrastado para um recesso verde, que convidava a falar, como a planicie deserta convidava ao silencio. O cavalleiro deu uma pancada forte no arção da sella, fazendo estremecer ligeiramente o cavallo meio extenuado.

— Pensar que ella está em Cassel, sob o esvoaçar diabolico dos olhares do imperial bonifrate! Sidonia, minha mulher, na côrte de Jeronymo!...

O rabequista, cujo rosto persistentemente sombrio se avincou em um sorriso de satisfação, commentou sentenciosamente:

— A açucena não receia o limo.

Mas o conde achou detestavel a comparação... A açucena, uma flôr que desabrocha com odiosa formosura sobre as aguas lodosas!... E amaldiçoou o ferimento de cura tão demorada, e o sangue que inopportunamente lhe escaldava assim as veias, e o interminavel caminho e a perversidade das mulheres.

— Mocidade insensata! — disse Hans seccamente. Logo, porém, em tom consolador, porque ainda a colera dominava o companheiro, accrescentou, apontando para uma luz que brilhava ao longe, atravez do escuro adejar das folhas e da sombria perspectiva dos troncos:

— É acolá que vamos ceiar e dormir. Ámanhã de madrugada, já refeitos da fadiga, continuaremos o caminho.

— Ámanhã! — interrompeu o noivo, com impaciencia. — De modo nenhum! Hei de chegar a Cassel ainda hoje!

— Esquece-se do tempo em que vivemos, meu caro companheiro. O nosso amado soberano converteu a sua capital n'uma fortaleza... fez parapeitos e esplanadas dos

DOIS VIAJANTES CAMINHAVAM A PAR NA ESTRADA DE GOETTINGEN A CASSEL

pomares e jardins das casas de campo... levantou postos de guarda em todas as barreiras da cidade. E fecha-se tudo ao render das sentinellas, uma hora depois do sol posto. Não, meu amigo, entramos em Cassel ámanhã.

Com o ardor que não admitte demoras, Estevam, o apaixonado; tinha visto com os olhos do espirito a sua peregrinação acabar com aquelle dia, tinha-se visto abatido ou premiado. Premiado! Ao acudir-lhe esta ideia, o alvoroço que lhe preenchera o coração quasi o fizera desmaiar.

O artista, com o seu poder diabolico de ver na alma dos outros, escolheu o ensejo para tirar da rabeca sons de extraordinaria suavidade.

— Acabou-se tudo! — suspirou o noivo. — Oh! Não posso supportar esta ideia!

E o tocador ficou silencioso, meditando nos caminhos que homens e mulheres seguem em relação ao amor. Esquivar-se uma noiva aos abraços do noivo... que outro caminho mais seguro para o enlouquecer de paixão?

*

* *

Tinha anoitecido e a lua cheia fluctuava no ceo, quando os dois companheiros sahiram da floresta e foram ter deante da porta da estalagem dos Tres Caminhos.

Havia lá dentro alegre freguezia n'aquella noite de abril, a julgar pelo sussurro da vozearia e das cantigas, que sahia pelas janellas de cima.

O rabequista subiu os degraus que conduziam á porta de entrada, e bateu umas pancadas fortes com a aldrava. Não obteve resposta. Rindo silenciosamente, poz-se á escuta durante alguns instantes. Lembrando-se do violino, tocou-o fortemente. Enlevados na propria musica, os convivas do primeiro andar não deram a minima attenção ao rabequista; porém no rez do chão houve logo movimento, os ferrolhos da porta ge-

meram corridos por mão pressurosa e os gonzos rangeram.

— Ah! E' o Geiger-Hans! — gritou a estalajadeira, assomando á porta. — Julgámos a principio que era o commissario de policia que estava a bater. Valha-nos Deus! Que tempos estes! Anda a gente n'um constante sobresalto, toda a santissima noite!

Apertou as mãos contra o deprimido seio, mas, ao dar com os olhos no cavalleiro, esqueceu o arquejar, a fim de ver melhor.

— É um irmão que arranjei á ultima hora — disse o artista. — Mande o *Kerl* pegar-lhe no cavallo. Os rapazes não estão cá? Tragolhes novidades. Venha, companheiro, que deve estar muito cançado.

Na cozinha, em meio de um ambiente por outros motivos agradavel, o sentido do olfato foi-lhes offendido pelo cheiro nauseabundo da vinhaça, que provinha manifestamente de um postilhão de escalavrado uniforme, que estava alapardado ao canto da chaminé.

Tinha desabotoado a jaqueta de alamares e o alto collarinho, para facilitar a communicação entre o cangirão e as guélas; piscou os olhos impudentemente para o rabequista, e voltou-os para Estevam, com expressão odienta.

— Interceptar a mala do rei... crime de lesa-magestade de primeira cabeça... pena de morte — observou elle com certo orgulho, respondendo ao olhar de espanto que o conde lhe deitara.

— E o castigo abrange todos os que tomarem parte no facto — lembrou o musico, chasqueando.

— Mas não a victima da violencia — tornou o postilhão, com serena indifferença.

Pousou com a bocca voltada para a meza o grande cangirão, a fim de advertir a estalajadeira.

A pobre, coitada, parecia observar tudo o que se passava, como a lebre pode olhar para a armadilha que lhe prende a pata.

— Os senhores estão lá em cima — disse ella, e enxugou com a ponta do avental a humidade dos beiços.

Os freguezes do andar superior começavam outra vez a dar provas ruidosas da sua presença na estalagem.

— Ao que parece, a Irmandade está empenhada n'uma ligeira discussão — notou o musico, a sorrir.

— Pelo amor de Deus, Hans, vá lá acima accommodal-os! Podem vir por ahi os *gendarmes!* — grunhiu a estalajadeira.

— Companheiro — disse a Estevam o rabequista — siga-me por esta escada, que, por signal, não é muito larga. Vou apresental-o n'uma sociedade mais nobre que todas as outras. Já lhe dei a conhecer o rei mais moderno e o burgrave mais antigo de quantos existem no mundo. Esta noite, vou pôl-o em relações com os filhos de uma nação escravisada... heroes, nem mais nem menos, meu caro conde... patriotas de primeira agua!

Estevam de Kilmansegg sentia seccos os cantos da sua bocca aristocratica. O patriotismo de Westphalia, as convulsões d'esta panella de estanho posta a um cantinho da vasta fogueira napoleonica... os heroes caseiros que rugiam o seu enthusiasmo no meio da noite, ao tilintar dos cangirões!...

Os olhos do musiço pestanejaram, como que fazendo um commentario zombeteiro ás suas palavras. Subiu a escada com agilidade, e o companheiro seguiu-o, com o andar pesado da indifferença.

Um clamor de vozes avinhadas saudou a entrada do musico. Estevam parou no limiar, com os labios arrepanhados e expressando ainda maior desdem, á vista do que se lhe deparou: tres rapazes esguedelhados e em diversos graus de embriaguez, vestidos extravagantemente á moda do *Studiosus* militante: casacos de velludo já no fio, mas com muitos alamares; botas á Frederica; enormes esporas, que provavelmente nunca haviam tocado na barriga de nenhum cavallo; golas poeticamente derrubadas; cabello muito crescido; bolsa de tabaco e espadim á cinta; cachimbo de porcelana de seis pés de comprimento, enfeitado de borlas com as côres nacionaes. Á cabeceira da meza um homem atarracado e de grandes barbas vozeava e barafustava, abraçado a um cangirão de vinho, e defendendo-lhe a posse, de espada desembainhada, contra os inuteis esforços dos outros dois, um dos quaes ria que se escangalhava, e o outro não perdia a gravidade apesar da bebedeira. A meza estava alastrada de cartas e outros papeis.

Mal o barbaças deu com os olhos no rabequista, largou a espada e o cangirão, e avançou para elle cambaleando, de braços muito abertos, e exclamando com grande enthusiasmo:

— Bem vindo sejas, irmão... mestre... irmão!

— *Salve!* — gritou o estudante das gargalhadas, precipitando-se para o cangirão e desprezando o copo que tinha ao lado. E emquanto mergulhava nas profundezas do enorme vaso a face rubra e petulante, o terceiro estudante, um tristonho de compridos cabellos pretos descahidos sobre um rosto cadaverico, cahiu sentado na cadeira a lamuriar:

— *Vilis est hominis natura!*

Mas expressando-se já na lingua materna e dando com o punho fechado no bebedor, chamou-lhe:

— Farroupilha!

— *Salve, fratres!* — exclamou o rabequista, nem por sombras espantado com esta recepção, mas esquivando-se manifestamente ao abraço, com que o barbaças ainda o ameaçava. E proseguiu, apontando para as cartas espalhadas sobre a meza: — Como é bello admirar os salvadores da patria a defenderem-lhe os interesses, até durante as horas que os outros levam a dormir!

O bebedor fitou em Estevam, por cima do cangirão, os olhos brilhantes, e bradou:

— *Prudentia!* Ha um estranho no meio de nós!

— Um estranho! *Pix intrantibus!* — gritou o barbaças; e, dando um rugido, correu para a espada.

Aproveitou-se d'esta excitação o choramigas para deitar, por sua vez, as garras ao abandonado cangirão.

— Não! — disse o musico, oppondo-se, de braços estendidos para a frente, ao ataque dos dois estudantes — *Pax intrantibus*, é o que deve dizer. Somos seus amigos!

Estevam tinha parado no limiar da porta, esboçando um sorriso de mofa. Irritado como estava, sentiria especial prazer em estiraçar no chão o par de borrachos, o que, a despeito do ferimento, executaria n'um abrir e fechar de olhos, graças á sciencia que tinha cultivado em Londres, nas salas de Jackson. Ainda chegou a dar um passo para a frente, mas o rabequista estendeu os braços para elle e conseguiu detel-o, parecia que por effeito da singular auctoridade que sobre elle exercia, e a que tambem não se eximiam os rebeldes contra Jeronymo, nem o proprio rei.

— Paz, irmão Pedro! Paz, sapientissimo doutor *in herba*. Trago-lhes um novo irmão, companheiros. É um fidalgo austriaco, tambem meio inglez e, por conseguinte, tão inimigo do tyranno como os allemães. Já faço as devidas apresentações. O conde de Waldorf-Kilmansegg... *Herr* Paulo Oster, emerito jogador de espada e decano da conspiração westphaliana. Repare, conde... o verdadeiro garbo allemão, o typo da belleza varonil! Veja esta cabeça digna do imperador Frederico Barba-Roxa! N'uma palavra, veja a espada (se posso expressar-me assim) de um grande movimento patriotico! — E aqui temos — accrescentou, virando-se e fazendo outro gesto cerimonioso — o cerebro, a lingua, o olhar penetrante, isto é *Herr* Theophilus Schmeeling, jurisconsulto, que ainda ha pouco foi investido em todas as suas honras pela universidade de Goetingen... E o terceiro?... Pousou um olhar interrogativo no estudante de cabello de azeviche, que tratava de deglutir paulatinamente os restos do vinho. O doutor de leis, surprehendentemente animado para o estado a que chegara, respondeu logo pelo tristonho companheiro, que continuava absorto e absorvendo:

— *Johannis Stempel, Sanctœ Theologiœ Studiosus.* O guia moral, digamos assim, do nosso movimento. Um coração leal e tambem —accrescentou a rir—um desvelado protector das vinhas.

O conde de Waldorf-Kilmansegg achou graça em fazer-lhes tres mesuras com ironica cerimoniosidade. O rabequista continuou, porém, sem mostrar a minima tendencia para o gracejo:

— Estamos aqui, no amago de uma grande conspiração, pondo em risco as nossas cabeças, pelo simples facto de tomarmos d'ella conhecimento. A Espada, a Lei, a Egreja! Que conspiração tão bem capitaneada!

Estevam seguiu com os olhos o gesto do vagabundo, e reconheceu que os papeis confusamente espalhados sobre a mesa, deviam ser o contheudo de uma mala de correio pendurada nas costas da cadeira, onde estava sentado o aprendiz de theologo. Lembrou-se logo do postilhão que tinha visto na cozinha e que dizia: «Crime de primeira cabeça!»

— Ora adeus!—gritou o legista.—O rei Jeronymo não manda matar ninguem; limita-se, como todos nós sabemos, a tosquiar as suas ovelhinhas.

— Queira perdoar, doutor — retorquiu o musico, em tom incisivo.—O governo mais pa-

COMO É BELLO ADMIRAR OS SALVADORES DA PATRIA!

ternal não deixa de dar um exemplo de vez em quando. A prova é que a cabeça decepada de Karl Schill, ainda está a estas horas em exposição n'uma das portas de Helmstadt. Mas soceguem! Como a odiosa invenção franceza do Dr. Guillotin ainda não substituiu o antigo cutello germanico, as suas cabeças, meus senhores, hão-de ser cortadas segundo o estylo heroico. Ineffavel consolação!

— Ai! gritou Barba-Roxa e cahiu desalentado na cadeira do topo da mesa, levando as mãos á bocca do estomago, como se aquellas palavras lhe houvessem produzido subita doença. Até a barba parecia ter empallidecido. Comtudo reanimou-se e teve uma explosão de raiva:

— Que me importa o carrasco! Mas não me dirá como se hão levar estes parvos?... Reunem-se, beberricam, emborracham-se, tornam a beberricar, e no emtanto, sobre essa mesa, ha motivo sufficiente para se cortarem vinte cabeças.

— Despejou-se o cangirão! — garganteou o estudante de theologia, como se estivesse cantando um psalmo. — *Nunc est bibendum! Aut bibe aut abi!*

O decano, com as barbas espetadas, rosnou como um cachorro, mas o jurista collocou-se de permeio e disse com brandura:

— Aquietem-se! Trato eu das cartas, e aqui está quem vae ajudar-me e não tem a cabeça como vocês. Não é verdade que me ajudas, meu querido Geiger-Hans? E emborcamos ao mesmo tempo uma garrafinha, para clarear as ideias. Não é assim, rabequista do meu coração?

— Sim, *aut bibe aut abi... sauf oder lauf...* ou beber ou safar-se — affirmou de novo o theologo.

— *Doctorlein,* estou ao seu dispôr — disse o musico suavemente. — O amigo é o diabo

não é homem — continuou elle, contemplando-o com admiração — para assim resistir, depois de ter bebido, aposto, o dobro do que beberam os seus companheiros. Mas uma pergunta, antes de mais nada: Porque está aqui a mala do rei?

— Pergunta sensatissima — respondeu o outro, com verbosidade avinhada. — *Providus home sagax*... A instancia do defensor é digna de ponderação, illustre decano. — É defensor ou accusador?

— Sou cumplice — redarguiu o vagabundo tranquillamente, ao mesmo tempo que apanhava uma mão-cheia de cartas. — Voltemos, porém, ao ponto que nos interessa, meu irmão: Porque está aqui a mala do rei?

— Porque trazia varias ordens de prisão contra a Irmandade — disse o interrogado, e continuou, batendo com a palma da mão sobre o casaco cheio de nodoas: — Aqui está a equidade em opposição ás sentenças dos tribunaes; a sagacidade juridica a derrubar os decretos reaes; n'uma palavra, o principio legitimo e verdadeiro... pois se o jurisconsulto não fôr o antidoto da lei, que demonio vem a ser? .. Responda-me!... Ah! Ahi vem o vinho! Já não são cangirões, são garrafas. A nossa hospedeira sabe como se tratam cavalheiros. Bom! Bom! Vae dormir outra vez, *Pastorlein*, e sonha com o teu primeiro sermão. Ha aqui muita obra para fazer. Respeitavel hospedeira, encha-lhe o cangirão, e com cerveja ordinaria, que elle já não conhece a differença.

O rabequista, com uma porção de cartas seguras na mão, ergueu os olhos e fitou-os no decano. Vira-o cahir pesadamente na cadeira, e ficar derreado contra o espaldar, com a vista dirigida para a frente, immovel, attonito: estava evidentemente na primeira phase, a estupefacção da embriaguez.

O aspirante a clerigo, no emtanto, lamuriava, tomando para thema o gosto pessimo da bebida que tinham acabado de trazer-lhe, e Estevam, encostado á parede caiada, observava a scena com altivez e indifferença.

— Vamos, sr. conde — disse-lhe o artista, com um dos seus rarissimos sorrisos amaveis — beba um copo de vinho!... Não quer?... Em que vae então passar o tempo, que temos de consagrar aos negocios do Estado... n'este Gabinete Negro?

Por mais duvidoso que se lhe afigurasse o proceder do companheiro, Estevam não podia de modo algum mostrar-lhe soberba. Já o conhecia muito, mas estava ainda longe de conhecel-o bem.

— Não, obrigado — disse com um leve sorriso. — Vejo acolá um canapé. Vou ver se durmo, até que tenham composto ou desfeito o Estado da Westphalia. Sinto-me exhausto de fadiga.

— Faz muito bem, amigo. Vá dormir e sonhar. E agora nós, irmão conspirador. Antes de começarmos com a papelada, ouça uma coisa. Os homens de juizo não perpetram crimes inuteis. Não temos nada com a correspondencia particular dos bons cidadãos de Cassel. Oh! Mas cá está um documento com o sello official e dirigido ao commissario de policia de Goettingen!

Atirou-o pela mesa adeante. O legista soltou um grito de triumpho.

*
* *

O canapé estava limpo e Estevam deitou-se-lhe para cima, ancioso de esquivar-se áquella sociedade tão repugnante e desagradavel. Mas o somno é ás vezes rebelde e não se submette á vontade de quem o deseja. O lamuriar do theologo, o respirar estertoroso do Barba-Roxa, a loquacidade interminavel do jurista, o estalar do papel e até o mutismo do rabequista, eram outros tantos aguilhões que o espertavam constantemente e o mantinham em vigilia febril. Contra a almofada de crina resoavam, cada vez mais fortes, as palpitações do coração de Estevam, dizendo-lhe com allucinante persistencia: «Sidonia! Sidonia!» E então, como em delirio, vislumbrava o Don Juan do rei Jeronymo, de olhar incendido; mas logo estremecia n'um espasmo de raiva, ao ter a nitida percepção do quarto mesquinho, das luzes tremeleantes, do cheiro pestilencial do vinho e d'aquella insupportavel sociedade.

— Alto, *Herr* jurista! Alto! — gritou repentinamente o musico — Largue essa carta! É de correspondencia particular.

— Nego! E' dirigida ao nosso inimigo capital, e a correspondencia com os tyrannos não póde ser considerada como particular. De mais a mais — accrescentou elle, dando uma risadinha — o enveloppe é da ultima moda franceza, e vinha tão mal fechado que se abriu apenas lhe toquei. O homem sisudo

não despreza os avisos da Providencia. Que virá aqui dentro? Oh! Travesso filho de Venus! Que macio e rosado papel!... E que mão delicada seria a que traçou estas linhas? O rei tem gosto apurado relativamente ás pombas. Não lhe nego essa qualidade... Que Sardanapalo! É quanto basta para nos tornar assanhados republicanos. Sou partidario dos direitos do homem. Os tyrannos não pódem ter o monopolio d'esta caça! Hem! Não traz indicado o logar em que foi escripta, nem a data. Que pombinha cautelosa! Ih! Como a avesinha chilreia! — N'isto apertou o papel contra os labios avinhados, com enojosa delicia. — Havia de eu apanhar aqui a beldade! Attenção! Vejamos o que ella diz. «Senhor.» O começo é quanto ha de mais frio. Estaria com as pennas arrepiadas. «Devia odial-o, mas infelizmente o odio é sentimento que não anda mais submisso, que o amor, á nossa vontade. Como seria bom para nós, as mulheres, se assim não acontecesse!» Linda creaturinha! Tem estylo tão ambiguo como o de um letrado. «Adivinho, porém, que lhe perdoarei, quando menos por dever, pois, sem duvida, seria desleal, se persistisse em rebellião para com o meu legitimo senhor. Betty. — P. S.» Ah! Agora é que vamos chegar á medulla... *medulla esculenta*... do bilhetinho côr de rosa. «Fique entendido que nada prometto, mas simplesmente que lhe perdôo. Póde vir receber o seu perdão... ou mais ainda!»

O leitor soltava exclamações de enthusiasmo, quando a voz do rabequista gritou repentina e peremptoriamente:

— Dê-me essa carta!

Houve uns instantes de silencio. O musico sentado e com os magros queixos encostados ás mãos, ficou a olhar para a folha côr de rosa, ao passo que o legista se lançou a outro montão de cartas, com actividade e manhas de macaco. O decano, pretenso director d'este *Cabinet Noir*, resonava estrondosamente. O philosopho e guia espiritual da communidade, esse então continuava meditando sobre a ruindade da bebida, que lhe tinham dado por ultimo.

— Oh! — exclamou de repente o homem de leis — outra missiva da terna pombinha!... A mesma letra, o mesmo papel!... E tambem é dirigida a importante personagem, nem mais nem menos que o chanceller Wellenshausen! Não me faça cara tão feia, querido *Minnesinger!* Digo-lhe que esta mulher não tem a menor noção de como se fecha uma carta!

Estevam ergueu a cabeça da almofada. Sentiu o estalar da folha de papel, ao ser desdobrada pelas mãos do estudante. Novas exclamações.

— Excellente! Admiravel! Escute, homem, se quer dar boas gargalhadas:

«Hotel de l'Aigle Impérial

Nunca!

Betty, burgravina de Wellenshausen.»

Com mil raios! A mulher d'elle! E' uma historia parecida com as dos dramas de Kotzebue! A mulher!... E escreve-lhe: «Nunca!» Oh! Oh! A pomba tem garras e bico!

O rabequista, sem manifestar a ruidosa alegria que fora annunciada, inclinou-se para deante e apanhou resolutamente a carta das mãos do outro. E como o jurista estremecesse e desse mostras de offendido, o musico atalhou, a sorrir:

— Ainda não descobriu outros mandados da prisão? Olhe que a noite já vae adeantada e não será mau pôrem-se a caminho de Goettingen antes que se descubra o caso.

(Continúa.)

(Traduzido do inglez por Maximiliano de Azevedo).

AGNES E EGERTON CASTLE.

Os serões das creanças

Gallinha e bacalhau

Um estudante de Coimbra ia gozar em casa dos paes as ferias do Natal. Foi isto no tempo em que não havia caminhos de ferro e se faziam as jornadas na mala posta.

N'uma estalagem, onde tinha de pernoitar, o estudante perguntou o que lhe davam para a ceia.

— Bacalhau cozido, respondeu o estalajadeiro.

— Bacalhau cozido!

— Se antes o quer guizado...

— O que eu não quero é o tal «fiel amigo», que para o meu estomago é infiel inimigo.

— OLHE! LÁ ESTÁ ELLE SENTADO ÁQUELLA MEZA

— Não sei que lhe faça.

— Pois na sua capoeira não haverá sequer uma gallinha?

— Havia muitas, mas foram-se, umas levadas pelos ratoneiros, e as outras pelos freguezes que tenho tido hontem e hoje. Já mandei comprar mais creação, mas só a recebo ámanhã.

— Essa póde o senhor comel-a. Não tem ao menos um frango?

— Tenho até uma gallinha, que deve estar já cozida.

— Ora! Ora! Que venha quanto antes para a meza! E o senhor tão calado com isso!..

— Podera não! A gallinha já está promettida a outro hospede, freguez antigo da casa. Olhe! Lá está elle sentado áquella meza, esperando a ceia.

O estudante viu com effeito um homem de certa edade, muito

gordo, e dirigiu-se para elle, sem dizer mais palavra ao estalajadeiro. Passado um instante já os dois hospedes estavam de conversa.

Falaram de apostas.

— Eu pélo-me por apostar, disse o estudante.

— E então eu!... retorqu'u o outro, que era lavrador.

— Para mim, dia em que não faço uma aposta, não é dia!

— Nem para mim!

— Olhe! Deu-me agora na veneta propôr-lhe uma aposta muito exquisita.

— Diga!

— Aposto um cruzado em como sou capaz de comer uma gallinha cozida.

— Tambem eu! Ora não ha!...

— Espere!... De comel-a com ossos e tudo.

— Aposto que não!

— E eu aposto que sim!

— Pois quero vêr isso. Toca já a casar dinheiro!

Fez se o deposito na mão do lavrador.

— ENTÃO ASSIM É QUE QUER GANHAR?

N'isto trouxeram a gallinha, n'uma larga travessa, deitando um cheiro que era mesmo um regalo.

— Podemos já vêr essa Africa! disse o lavrador todo ancho. E poz a ave em frente do estudante, que logo principiou a comel-a, deixando os ossos de parte.

— Então assim é que quer ganhar? perguntou o lavrador.

— Cada coisa por sua vez.

— Ah! Os ossos ficam para depois?

— Para o fim de tudo, justamente.

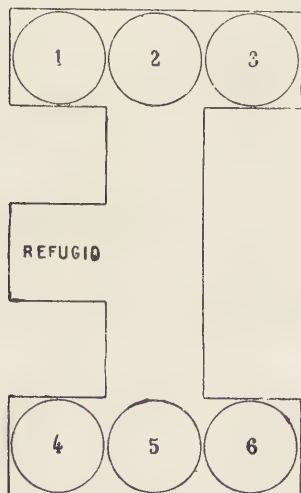
Mas quando o estudante acabou de comer a carne, desatou a gritar, queixando-se de uma dôr muito forte nos dentes, e dizendo que por isso não podia trincar os ossos.

— Então perdeu, meu caro, surriada! disse o lavrador, que teve de aguentar-se com o bacalhau.

— São os ossos do officio, meu innocente amigo, respondeu o estudante rindo ás bandeiras despregadas. Quem não apostou, nunca perdeu nem ganhou.

Para scismar

Problema dos automoveis

O dono do edificio, cujo plano está representado na figura junta, desejando utilisal-o para *garage* de automoveis, construiu um telheiro em cada um dos extremos, sendo cada um d'elles capaz de abrigar tres automoveis. O corredor que une os dois telheiros tem apenas largura para dar passagem a um automovel de cada vez. Do lado esquerdo d'este corredor ha um refugio onde cabe apenas um carro. As duas partes do corredor entre o refugio e os telheiros não teem tambem espaço para mais de um carro. Ora o proprietario deseja passar os automoveis de um para outro telheiro, de modo que os carros numerados 1, 2, 3, vão occupar o telheiro actualmente occupado com os carros 4, 5, 6 e *vice-versa*. Para resolver este problema o leitor pode facilmente desenhar um diagramma ampliado onde os carros sejam representados respectivamente por moedas de prata e cobre.

Tribulações de um industrial

Um fabricante de dados recebeu encommenda d'um certo numero d'elles que depois de fabricados quiz remetter n'uma caixa cubica; mas tendo-os mettido n'uma faltavam-lhe 576 para a encher, motivo porque tentou mudal-os para outra menor, o que não conseguiu por lhe sobrarem tantos quantos primeiramente lhe haviam faltado. Poz de parte as caixas cubicas, fez a remessa d'uma fórma qualquer, perdeu a nota do pedido antes de fazer o respectivo lançamento, e, por isso, pede aos ex.mos leitores dos *Serões* a fineza de lhe dizerem por quanto ha de debitar o seu cliente, sendo o preço dos dados á razão de 500 réis a duzia?

Matuttimo.

Curiosa propriedade de um numero

Ahi vae uma coisa realmente curiosa, em que talvez os mathematicos nunca pensassem.

Tomemos o numero 37 e a progressão arithmetica 3, 6, 9, 12, 15, 18, 21, 24, 27 e multipliquemos 37 por cada um dos termos; vem:

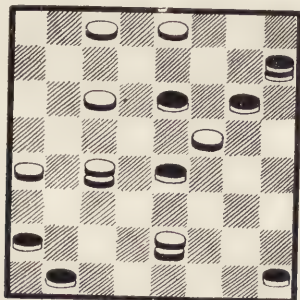
$37 \times 3 = 111 \quad 37 \times 6 = 222 \quad 37 \times 9 = 333$
$37 \times 12 = 444 \quad 37 \times 15 = 555 \quad 37 \times 18 = 666$
$37 \times 21 = 777 \quad 37 \times 24 = 888 \quad 37 \times 27 = 999$

Conclue-se esta curiosa propriedade: o numero 37 multiplicado pelos termos d'aquella progressão dá productos formados de tres algarismos iguaes, e a somma d'esses algarismos é igual ao numero pelo qual se multiplicou 37, como é facil de ver.

Jogo de damas

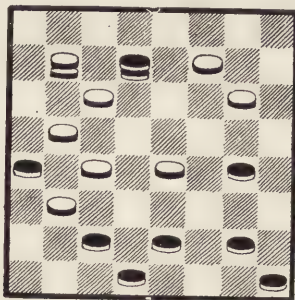
POR JOSÉ SYDER

N.º 11

B. 2, 3, 11, 14, 20, D. 19, 26

P. 9, 10, 18, 28, 29, 32, D. 5

J. P. Empatam 5 lances

N.º 12

B. 6, 9, 11, 16, 18, 19, 24, D. 8

P. 17, 20, 25, 26, 27, 29, 31, D. 7

J. B. G. 6 lances

N.º 13

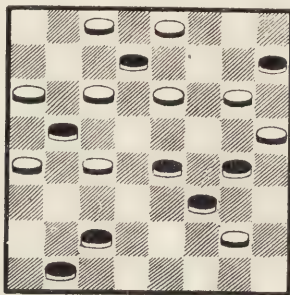
B. 5, 6, 7, 8, 11, 15, 16, 18, 19, D. 32

P. 13, 14, 20, 21, 23, 25, 26, 27, 30, 31

J. P. G. 7 lances

N.º 14

Conde Setil

B. 2, 3, 9, 10, 11, 12, 13, 19, 20, 25

P. 5, 7, 6, 17, 18, 22, 27, 32

J. P. E. em 8 lances

Por estes problemas pode se ajuisar as combinações a que este jogo se presta e nos futuros problemas iremos difficultando a sua decifração.

A quem 8 dias depois d'esta publicação nos enviar solução correcta, daremos uma Guia ou Jogo de Damas pelo author d'esta secção.

Correspondencia: O problema n.º 8 foi-nos dado pelo fallecido Conselheiro Barjona de Freitas como tendo sido composto por S. M. El-Rei D. Luiz I, de onde se infere que Sua Majestade tambem tinha predilecção por este jogo.

Problema 7. Não recebemos solução dos nossos leitores. Eil-a:

Solução do Problema 7

11-15	9-18	12-16	6-10	8-29
18-11	22-15	27-18	15- 6	

Expediente: Toda a correspondencia que diga respeito a esta secção, deve ser dirigida a José Syder, administração dos *Serões*.

Correspondencia: Recebemos varios problemas e cartas, ás quaes daremos resposta no nosso proximo numero.

Coutinho: Apezar do seu problema ser facil, publical-o-hemos. As duas soluções que nos mandou estão boas, porem para ter direito ao premio é preciso decifrar os 4 problemas acima que não foram publicados no primeiro numero por falta de espaço e material.

Grandes topicos

HORISONTES TURVOS

Este mundo é exquisito, principalmente o mundo politico. Todos enchem a bocca de desejos de paz, e ha muitos d'esses que mal disfarçam as ganas de estrefegar o proximo. Olhem o que por ahi vae por via da malfadada questão de Marrocos. Por baixo dos sorrisos complacentes vêem-se dentes arreganhados. O Cesar germanico tem a espada prompta para a atirar á balança, e se alguma cousa o detem, é menos o amor da paz do que a ameaça de um desastre. Sente-se isolado no meio de uma Europa que, se não lhe é abertamente hostil, não manifesta exuberante sympathia pela sua politica.

A este proposito, parecem-nos tão interessantes e suggestivas as seguintes linhas da *Gazeta de Frankfort*, que as julgamos dignas de consignar na nossa revista, como uma opinião insuspeita de um grande jornal allemão sobre a politica da sua patria:

«A autocracia prusso-germanica tem até hoje encontrado o mais solido arrimo na autocracia russa. Se na ultima se der um collapso, ficará a primeira isolada e tão enfraquecida que não poderá competir com as potencias occidentaes, nem no ponto de vista do poder politico, nem com

A LIBERTAÇÃO

Caricatura do «Punch»

FIXADO O LOCAL DA CONFERENCIA INTERNACIONAL DE MARROCOS, TODAS AS APPARENCIAS INDICAM QUE ELLA TERÁ UM CARACTER EXCITANTE

Caricatura do «Lustige Blätter»

respeito á sympathia das nações civilisadas. A Allemanha passará a ter dois amigos apenas, os sultões de Constantinopla e de Marrocos, sem esquecermos o Papa. É caracteristico que estes amigos são todos elles autocratas, fieis crentes na gloria da sua soberania pela graça de Deus, mas não são os associados com quem se pode dirigir uma politica mundial. Os estadistas allemães, que são responsaveis pela politica do imperio, bem andariam se investigassem sob estes aspectos a origem do isolamento da Allemanha e as fontes da desconfiança que as nações nutrem contra os que estão governando os nossos destinos. É de esperar que durante o novo anno elles encontrem ensejo para esta investigação».

Estes periodos, oriundos de um orgão politico de tamanha ponderação, alem de mostrarem que a opinião publica nem na propria Allemanha applaude sem reserva a attitude imperial, teem uma importancia vital, pelas esperanças de que o ponderado espirito germanico neutralise qualquer ancia febril de aventuras, e assegure ao mundo os beneficios da paz.

A POLITICA DO THERMOMETRO

O professor inglez Ireland, colonista abalisado, apresentou recentemente uma original theoria, digna de ser meditada pelos politicos.

Assevera elle que o calor é incompativel com as nstituições liberaes, e cita varios exemplos em apoio da sua doutrina, sobretudo no que respeita ao Imperio Britannico, objecto especial dos seus estudos.

«O primeiro ponto que impressiona o observador», diz o professor Ireland, «é que todos os territorios do Extremo-Oriente comprehendidos n'esse Imperio ficam situados na zona de calor que cinge a terra entre os dois parallelos, norte e sul, dos 30.º

«Todo o nosso imperio do Extremo-Oriente está sob a administração directa da metropole; não encontramos n'elle uma unica dependencia na qual a direcção dos negocios repouse sem reserva nas mãos de uma legislatura electiva. Se desejarmos descobrir esta fórma de governo dentro do Imperio, temos que sahir da zona do calor — para o Cabo, para a Australia, para o Canadá.

«Isto, já por si, impressiona bastante; mas se ampliarmos o campo de observação, vemos que o que é verdade para o Extremo-Oriente é egualmente verdade para toda a Africa e toda a America, na parte d'esses continentes abrangida pela zona do calor.»

Varias explicações aventa o professor para esse singular facto, entre ellas a falta de cohesão associativa nos paizes quentes, onde os individuos folgam de estar em casa a descançar e não se aventuram a ir longe para travar conhecimentos e estreitar relações politicas.

E conclue que, quanto mais quente é qualquer paiz, mais despotico é o governo. Se assim é, Deus afaste de nós as temperaturas superiores ahi a 25.º, quando muito.

Mas que risonha perspectiva offerecem taes doutrinas aos revolucionarios da Russia Septentrional.

O SULTÃO DA TURQUIA SEM SE COMMOVER COM O PROTESTO UNANIME E AS DEMONSTRAÇÕES NAVAES DAS POTENCIAS

Caricatura de «Il Fischietto»

O BURLESCO DA AMNISTIA

A LIBERDADE — *Alegra-te; vaes casar commigo.*
O POVO RUSSO — *Emquanto não me soltarem as mãos, não posso abraçar-te.*

Caricatura de «Pasquino»

CONGRESSO DAS CAPITAES

Não deixa de merecer ponderação a ideia apresentada por sir Edwin Cornwall, presidente do conselho do condado de Londres. Os prosperos resultados da *entente municipale,* recentemente estabelecida entre Londres e Paris, suggeriram-lhe a possibilidade de uma associação das auctoridades municipaes das grandes capitaes do mundo, associação cujos membros deveriam periodicamente reunir-se n'uma ou n'outra d'essas capitaes, trocando ideias e comparando notas sobre a administração dos municipios. Entre os desenvolvimentos beneficos d'este plano, que a imaginação de sir Edwin prevê no futuro, figuraria uma combinação pela qual as creanças das escolas publicas das varias grandes cidades se cambiariam em periodos determinados, de fórma a incluir no curso escolar ordinario as vantagens de uma viagem ao extrangeiro. Este plano já foi inaugurado em parte nas escolas secundarias entre a Inglaterra e a França, e é perfeitamente praticavel a sua extensão, tal como sir Edwin Cornwall a projecta.

Offerecem-se sem duvida muitas difficuldades á realisação do plano. Mas é possivel que a boa vontade de todos os interessados as vença, conseguindo dar mais um gigantesco passo para o cosmopolitismo, que é a caracteristica do presente seculo.

Quer-nos parecer que Lisboa teria muito a ganhar se fosse incluida n'este congresso. Os nossos edis, salvo o devido respeito, não teriam pouco que aprender na communicação internacional com os seus collegas.

UMA GIGANTESCA EMPREZA

Um dos primeiros planos, apresentados ao czar depois da guerra, foi o gigantesco projecto de construir um tunnel atravez do Caucaso, debaixo da actual estrada militar de Geazir, que segue de Vladikvakar a Tiflis Será o mais colossal e o mais dispendioso dos trabalhos analogos até hoje emprehendidos. O comprimento total do tunnel, que terá duas secções, deverá ser trinta e duas milhas (perto de 60 kilometros), tendo quatorze milhas uma das secções, e dezoito a outra. O monte que se deve furar será o celebre monte Cruz, e da entrada do tunnel avistar-se-ha o pico de Karbek, o monte a que Prometheu foi acorrentado.

Calcula-se que o tunnel levará dezoito a vinte annos para se concluir, e o custo total não será muito inferior a 50 milhões de libras (225 mil contos, ao par). As vantagens estrategicas da linha serão enormes. A rede dos caminhos de ferro russo-europeus ficará ligada ao systema caucasico e á linha que se dirige á fronteira persa. Construido este tunnel, será possivel em sete dias mobilizar tropas de S. Petersburgo ás fronteiras da Persia. De accordo com o ministerio das finanças, o principe Khilkoff entrou em negociações com um grupo de bancos suissos para custearem a empreza. Caso esses bancos a rejeitem, talvez as casas bancarias da America forneçam o capital necessario.

POLICIA (O KAISER) — *Pareceu-me ouvir barulho em sua casa. Precisa de auxilio?*
O CZAR — *Muito obrigado. Por cá tudo vae bem.*
POLICIA — *Sinto muito.*

Caricatura do «Pasquino»

A ESCOLHA DA NOIVA

Caricatura de «Weekblad von Nederland»

AS AMBIÇÕES DO KAISER

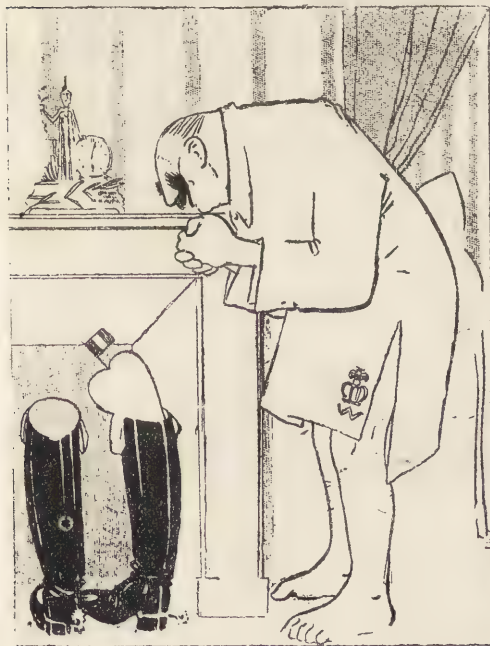
Corre por Berlim um gracejo que roça por um dicto de lesa-magestade. Um extrangeiro encarecia deante de um allemão a extraordinaria actividade e o caloroso enthusiasmo do Imperador.

—É verdade isso!—redarguiu o allemão—O Kaiser é deveras prodigioso. N'um baptisado o que elle gostava era de ser a creança, n'um casamento queria ser a noiva, e creio bem que se fosse a um enterro havia de querer ser o cadaver.

Esta mordaz zombaria foi colhida de um jornal inglez.

O NOVO MINISTERIO BRITANNICO

Eis, em summula, o programma do novo gabinete liberal da Grã-Bretanha, presidido por sir Henry Campbell-Baunaman:

Subordinação da auctoridade militar da India á auctoridade civil; cessação do recrutamento para trabalho e da importação de coolies chinezes na Africa do Sul; continuação da politica extrangeira seguida pela administração unionista; administração dos negocios domesticos da Irlanda por irlandezes, quando houver opportunidade; reducção de armamentos; alargamento das liberdades e seguranças concedidas aos agricultores; legislação tendente a minorar os males de que se queixam os faltos de trabalho.

PRESENTE DO NATAL

KAISER — *O coração da França! Ate que emfim!...* *Oh!.....*

Caricatura do «Rire»

Vida na sciencia e na industria

PREVENÇÃO DE COLLISÕES NOS CAMINHOS DE FERRO

Eis o engenhoso systema, proposto por um engenheiro de New-York, Mr. Stern, para evitar as catastrophes produzidas nos caminhos de ferro pelo encontro de dois comboyos.

Com este systema, não é preciso mais de uma só via. Quando duas carruagens caminham uma para a outra com uma velocidade de 25 milhas por hora, uma d'ellas, em vez de entrar pela outra dentro, corre pelo tejadilho d'esta até encontrar a via pelo outro lado, continuando incolume até ao seu destino, assim como a que ficou pela parte inferior.

As carruagens, embora correndo sobre rodas, são realmente pontes movediças, com compartimentos para acommodar passageiros. Sobre ellas ha uns carris em forma de arco, presos solidamente e servindo de via para a carruagem que ameaça produzir a collisão.

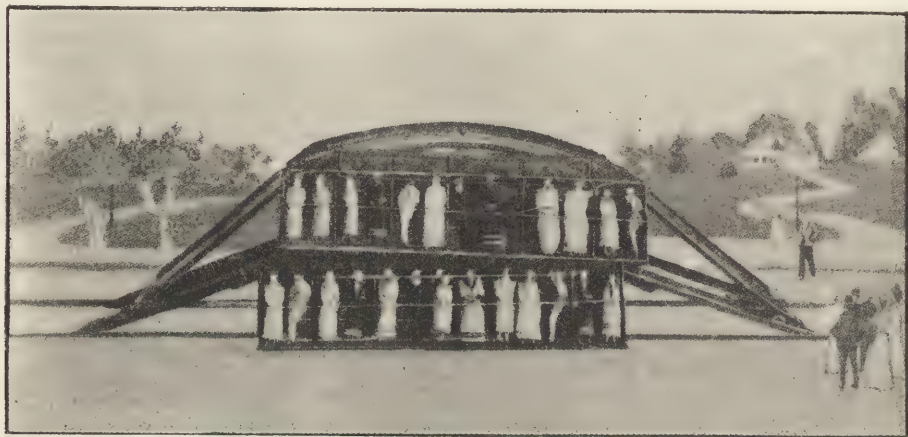
Os passageiros acommodam-se aos dois lados do apparelho rolante. As carruagens teem uma velocidade de 10 a 15 milhas, e fazem-se collidir com a velocidade de 8 milhas, o que é bastante para viagens de recreio. O principio sobre o qual ellas são construidas torna impossivel o esmagamento de uma pela outra.

Os proprios automoveis e outros vehiculos, encontrando no seu caminho uma d'estas carruagens, podem passar-lhes por cima como se subissem e descessem um declivio gradual, uma collinasinha, por exemplo.

Para a locomoção pelas ruas, existe um apparelho de segurança para evitar atropellamentos, o qual colhe o peão e o colloca a salvo do outro lado do carro.

Afim de demonstrar praticamente a exequbilidade do systema, os americanos construiram una curta extensão de via ferrea, contendo uma ladeira e uma curva, na ilha de Coney, famoso sitio de recreio dos Estados Unidos. Os passageiros teem alli ensejo de experimentar a commoção excitante de uma collisão.

Os carros são actuados por dois motores electricos. O freio, inventado pelo proprio inventor do systema, Mr. Stern, é tão efficaz que o carro que passa sobre o outro pode estacar a qualquer altura, quer subindo quer descendo, apesar da sua velocidade de 6 a 8 milhas por hora.

Não se pode prever a extensão que poderá ter este systema. É comtudo certo que elle tem muitas e importantes vantagens sobre o systema usual de tracção, sendo a principal a reducção das vias ferreas a uma unica linha.

CAMINHO DE FERRO CONTRA COLLISÕES

O TELEKINO

É um apparelho, inventado pelo engenheiro hespanhol D. Bernardo Torres Quevedo para a transmissão da energia electrica por meio da telegraphia sem fios. Uma das ultimas experiencias realisou-se a 9 de novembro em Bilbao. O terraço do Club Maritimo era a estação transmissora, comprehendendo apenas um apparelho de telegraphia sem fios. Um barco, o *Vizcaya*, levava uma bateria de accumuladores, um motor para o helice e outro para o leme, e dois servo-motores para pôr em acção o mechanismo dos primeiros. Estes servo-motores estavam directamente ligados ao telekino, com o qual formavam um apparelho unico. A corrente recebida da estação transmissora é recebida pelo telekino,

que a transmitte por sua vez aos servo-motores, os quaes vão actuar sobre os motores da helice e do leme.

No decurso da experiencia, o inventor, do terraço do Club Maritimo, fez evolucionar por todas as formas o *Vizcaya*, como se fosse por força magica, guiando-o com segurança perfeita, sem o menor contratempo.

O publico rompeu em manifestações enthusiasticas, e os mais competentes foram de parecer que o telekino representava um dos maiores triumphos da sciencia moderna.

As experiencias continuarão brevemente. O governo hespanhol tinha posto á disposição de D. Bernardo Quevedo a quantia de 8:000 libras para a construcção do apparelho, executado em Madrid, e para o custeio das experiencias.

SOMNO REPARADOR

VARÍA entre as tres e as cinco horas o periodo em que dormimos mais profundamente. D'ahi por deante, o somno torna-se gradualmente mais leve, e é muito facil acordar uma pessoa á uma ou duas horas. Mas quando chegam as quatro horas, attinge-se geralmente um estado de profundissimo torpor.

É extranho que ás horas correspondentes de tarde, a maior parte da gente se sente um pouco fatigada. Não se sabe se isto é devido ás condições electricas da atmosphera, se á posição do sol. Mas o facto é que o systema nervoso, o cerebro e os pulmões estão sobretudo vigorosos desde as dez ou onze horas (da noite e da manhã) até ás doze ou á uma.

A MASSA DOS SOES

SEGUNDO M. J. E. Gose, é a seguinte a massa de algumas estrellas em relação á do nosso sol: o Centauro vale 882 soes; Asturias 1:200; Rigel cerca de 20:000; Antares 88:000; Canopus, a maior das estrellas até hoje conhecidas, vale cerca de 1 milhão de vezes o nosso sol. Pelo contrario, muitas estrellas, como o satellite de Aldebaran, pouco maior que Jupiter, são muito mais pequenas do que o sol, o qual em summa occupa no universo um logar medio, quanto á grandeza.

TUDO SE APROVEITA

DIZ-SE que os francezes utilisam tudo quanto ha; não ha nada que se desperdice. Os trapeiros francezes compram toda a especie de calçado velho e vendem-no a certas fabricas, onde esse calçado é submettido a longos processos, que os transformam n'uma massa.

Essa massa é por seu turno transformada n'uma imitação de couro muito parecida com marroquim. Sobre esta materia estampam-se desenhos estylisados, e com ella se manufacturam papeis de forrar casas, forros de bahus, e muitos outros artigos similhantes.

HISTORIA DA BUSSOLA

EIS, segundo estudos do Padre Bertelli, barnabita de Florença, o que se sabe sobre o assumpto: 1.º a *bussola fluctuante* foi introduzida no Mediterraneo, no seculo x, pelos *Amalfitanos;* 2.º o *typo de eixo* foi substituido ao typo fluctuante pelos mesmos, antes de 1200; 3.º a suspensão Cardan foi aperfeiçoada por este inventor, mas existia antes d'elle, no seculo xv; 4.º a declinação magnetica foi descoberta por Colombo na sua primeira viagem; 5.º Flavio Gioja, o navegante napolitano do seculo xv, presumido inventor da bussola, nunca existiu.

AUTOMOVEL COURAÇADO DE ARTILHARIA

A DIFFICULDADE, que se tem sempre opposto ao uso dos automoveis para transporte de peças de artilharia, é o serem elles dispostos para correr em leitos de estrada e não prestarem para andar fóra d'ellas, como acontece á

AUTOMOVEL COURAÇADO

artilharia movida por tracção animal. Consta que este inconveniente foi vencido n'um automovel austriaco, do qual offerecemos uma illustração, fazendo com que o motor impulsione separadamente os dois eixos, anterior e posterior, das rodas do carro. Um automovel com esta disposição pode correr por terrenos accidentados e pantanosos, ou por qualquer caminho tosco, com tanta segurança como as viaturas puxadas por cavallos. O automovel tem uma couraça que o reveste inteiramente. O *chauffeur* pode tornar-se invisivel baixando a bancada. A peça está montada na parte posterior do carro. Este automovel é fabricado pela companhia Danisler, de Newstadt.

Vida na arte

O MAESTRO RICARDO STRAUSS

A NOVA OPERA DE RICARDO STRAUSS

A composição da opera *Salomé*, libretto de Oscar Wilde, musica de Ricardo Strauss, deu causa a uma desavença entre o imperador da Allemanha e o maestro. Este ultimo faz parte da casa imperial, na qualidade de regente da opera no theatro de Berlim. O Kaiser mandou-lhe dizer que não considerava a montagem de uma opera com o assumpto de *Salomé*, nem digna do talento de Strauss, nem conveniente para os progressos da arte pura. A isto redarguiu Strauss que de pessoa alguma, por mais alta que fosse a sua hierarchia, recebia lições de arte, a não ser que reconhecesse n'essa pessoa uma superior auctoridade no assumpto. Seguiu-se naturalmente a isto o imperial desfavor, e consta que não se renovará o contracto de Strauss como director da orchestra de Berlim.

Isto não impediu comtudo que a opera, em um acto apenas, fosse representada em Dresden, onde parece ter obtido grande exito.

Oscar Wilde é hoje o auctor favorito dos allemães, e *Salomé* tem a reputação de um dos mais bellos poemas que ha muitas decadas teem apparecido no mundo.

Quanto a Ricardo Strauss, que hoje conta 41 annos, é um compositor que deixa Wagner a perder de vista nos seus methodos symphonicos. O seu poder orchestral é considerado immenso. Os seus effeitos são tão extravagantes que no auditorio, antes da representação da opera, não causava extranheza o boato de que Herodiade cantaria doze compassos em lá bemol, acompanhada pela orchestra tocando em lá natural.

O maestro seguiu, apenas com ligeiros cortes, o drama de Wilde.

O MAESTRO PUCCINI

Representou-se em Londres com grande exito a ultima opera de Puccini *Madama Butterfly*, com a assistencia do proprio maestro, que tem grande predilecção pela metropole britannica e que ahi encontrou o assumpto da sua opera.

A um jornalista annunciou elle que a sua primeira obra teria como protagonista Maria Antonietta. Sempre o seduziu o periodo revolucionario, e já conferenciou com os seus librettistas, Illica e Giacosa, sobre o plano geral do trabalho dramatico.

Puccini, automobilista *enragé*, fracturou ultimamente uma perna n'uma das suas digressões. Não se corrige porém. Vive perto de Pisa, e entrega-se de coração ao automobilismo por terra e por agua, pois tem no seu jardim um lago que se presta ás evoluções do seu *motor-boat*.

O MAESTRO PUCCINI

Vida nos campos

O GYRASOL

JARDINS—FEVEREIRO Começa n'este mez o trabalho preparativo para a disposição das flores. Approxima-se a primavera, e com ella a satisfação do jardineiro, do amador, e emfim de toda a alma bem formada que no seu amor pelas flores manifesta a finura do seu caracter.

Limpa-se os canteiros, ensaibra-se os arruamentos, e guarnece-se os taboleiros com plantas vivazes que irão florescer nos mezes da primavera. Os sitios mais abrigados devem ser destinados ás plantas que primeiro florescem, para que as não vá prejudicar ainda os rigores do inverno.

Semea-se n'este mez: alecrim do norte, alfinetes de toucar, balsaminas, campainhas, cravos e cravinas, cruz de malta, espozas, goivos, girasoes, mangericão, myosotis, saudades, valverdes, etc.

O *Girasol* que a nossa gravura representa, é uma planta originaria do Perú, e pertencente á familia das compostas. Alguns povos adoraram esta planta que entre elles symbolisava o sol. Diz-se que acompanha o sol no seu curso voltando para elle as suas flores, de cujo facto lhe vem o nome. Não parece comtudo que tenha fundamento esta asserção.

De uma altura notavel, a haste é quasi despida de folhas, que são alternas e em fórma de coração.

Quer uma terra fresca e forte, não exige tratamento especial, e floresce em junho.

O girasol symbolisa a intriga, e a esta fatalidade deve talvez um pouco de desprezo com que as damas o olham, que aliás tambem se pode explicar por ser uma flor de avantajado tamanho.

Hortas — O hortelão semea n'este mez os legumes, faz a transplantação das laranjeiras, e apanha os vimes e as cannas destinadas á confecção de cestos, cabazes que lhe prestarão grande serviço na conducção de productos do seu trabalho.

Vinhas — Feitas as podas vira o viticultor as suas attenções para a adega onde se acha envazilhado o vinho da recente colheita, assentando pouco a pouco alguns dos elementos que tinha em suspensão. É agora que pouco ha que fazer nas vinhas que elle vae pois retirar de sobre o pé ou deposito de borras, o seu vinho limpo, o que se denomina

Trasfega — Consiste quasi este trabalho em mudar o vinho para outra vasilha. Essa mudança deve ser feita com toda a cautela para que o pé se não levante turvando de novo o liquido.

Nas pequenas adegas faz-se a mudança a canecos, o que é moroso, muito facil de causar o levantamento do pé, e tem ainda o inconveniente de expôr o vinho ao ar pelo que perde muito aroma e outras qualidades. Comtudo não vale para pouco serviço empregar uma bomba especial.

As bombas de trasfega fazem a mudança do vinho com toda a facilidade, sem os inconvenientes de experdição e acidificação do liquido.

A trasfega pode repetir-se sempre que o vinho tenha deposito, separando-o assim de todas as suas impurezas. Deve escolher-se para isso tempo claro, frio e sereno, e não ir alem de março.

Campos — Semea-se este mez ainda os trigos chamados tremezes, por se fazerem em tres mezes.

O temporão que já está nascido pode para o fim do mez ser já mondado.

Consiste a monda n'uma especie de sacha para a destruição da herva que afronta a planta.

Esta operação é geralmente executada por mulheres, não só por ser mais barato o seu jornal, como por exigir pouco trabalho.

Nos terrenos semeados com semeador mechanico ás linhas torna-se a monda mais facil e rapida. A industria tem inventado mesmo uns apparelhos para este serviço, mas que não estão por ora muito empregados.

Tambem se semeia favas em linhas afastadas trinta a oitenta centimetros, para facilitar mais tarde a sacha a gado, no que ha grande economia de tempo e dinheiro.

Com este mez termina o inverno, tão triste e tão cruel para quem tem de viver no campo sem o agasalho e as commodidades desejaveis; o encanto comtudo da vida alli, durante o resto do anno, deve compensar o camponez das agruras do inverno, e avigorar-lhe o natural amor pela *sua terra*.

VIDA DAS ARVORES — REGULA approximadamente por 75 annos o tempo requerido para o carvalho alcançar a maturidade. O mesmo periodo é preciso, pouco mais ou menos, para o freixo, o larico e o olmeiro. Passado esse tempo, o seu crescimento permanece estacionario por alguns annos, e depois começa a decadencia. Ha comtudo excepções, pois ainda ha carvalhos com vida, aos quaes se attribue edade superior a mil annos.

A ARVORE BRUXA — É UMA arvore notavel, natural de Nevada, a qual deve esse nome á superstição dos indios. Chega a ter pouco mais de dois metros de altura, e o tronco tem na base um diametro egual ao de tres vezes o pulso de um homem. A maravilhosa caracteristica d'esta arvore é a luz que irradia, a qual se afirma ser tamanha que n'uma noite escura se pode ver claramente a arvore a uma milha de distancia. Ao pé d'ella, de noite, pode-se ler distinctamente um jornal. Eis o que nos affiança um jornal inglez

Concurso photographico dos «Serões» — Menção honrosa

UMA LAVRA EM ERMEZINDE

Photographia do sr. Luiz Marques de Sousa

Typ. «A Editora» — Lisboa.

SERÕES

SERÕES

CORREIO

Moraes

A EDITORA

FERREIRA & OLIVEIRA L.DA — Editores *132, Rua do Ouro, 138 — LISBOA*

Summario

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Pagamento adeantado

Portugal, Ilhas e Colonias		Brazil		Estrangeiro	
		Anno (12 numeros)		Anno (12 numeros)	
Anno	2$200	Moeda fraca	12$000	Frs.	15,00
Semestre	1$200				
Trimestre	600				

Numero avulso em Portugal: 200 réis

No Brazil e Colonias o preço do numero será marcado pelos nossos agentes

A capa dos SERÕES

Estão promptas as capas do 1.º volume d'esta nossa serie dos ***Serões***, capas de um bello effeito, em fundo de percalina vermelha com ornatos a ouro e negro, effeito que mal se pode calcular pela reproducção sem cores que acima apresentamos.

Para sermos agradaveis aos nossos prezados assignantes e leitores, ***reduzimos a 300 réis o preço, que antecipadamente annunciaramos de 400 réis.*** Por modico preço irão pois os nossos leitores formando uma magnifica collecção, digna de figurar nas estantes dos mais exigentes bibliophilos.

Correspondencia dos Serões

QUEBRA-CABEÇAS

Com grande surpreza nossa, não recebemos correspondencia alguma relativa aos problemas publicados n'esta secção, no nosso numero 6. Eram tres os que demandavam resposta, a qual em seguida vamos apresentar, duvidosos sobre se o silencio dos nossos amaveis correspondentes provem da difficuldade das adivinhas, se da pouca attenção que lhes mereceram.

Na piúgada dos fugitivos.

É a seguinte a solução d'este divertido problema: O fugitivo partiu da estação n.º 1 a pé, levando a creança; na estação n.º 2, montou n'uma byciclette e, levando sempre a creança chegou á estação n.º 3; ahi collocou a creança n'um carrinho de pedreiro, como indicam os vestigios dos pés do carrinho, parou antes de chegar ao n.º 4, poz no chão o pequeno, o qual foi andando ao lado d'elle até áquella estação; d'ahi continuou o caminho n'um tricyclo, onde ia tambem a creança; no n.º 5 mudou para um monocyclo, mas a creança, que elle levava na machina, fel-o perder o equilibrio e cahir; pegou então na creança ao collo e levou-a até ao n.º 6; d'ahi partiu, levando a creança pela mão, mas mais adeante tornou a pegar-lhe ao collo e assim completou a jornada até ao n.º 7.

Banquete de familia.

O sujeito era viuvo, com uma filha e uma irmã. Elle e o pae (tambem viuvo) casaram

com duas irmãs (tendo a mulher do sujeito já uma filha do primeiro matrimonio); assim ficou elle cunhado do pae.

O irmão do sujeito casou com uma enteada d'este; assim ficou elle sogro do irmão. O sogro do sujeito casou com a irmã d'este; ficaram pois sendo cunhados. O cunhado do sujeito casou com a filha d'este, d'onde resultou ficar o sujeito sogro do cunhado.

Portanto era elle que desempenhava todos os quatro papeis mencionados.

Calculo exquisito.—Este enigma, cujo titulo vem por signal errado no texto, tem por solução a palavra C L I O, a qual, como sabem, é o nome da musa da historia, na mythologia classica. Effectivamente, cento e um, em numeração romana, escreve-se C I. Se a estas letras entremeiarem L (cincoenta) e se lhe acrescentarem uma cifra O, fica esse nome, um de entre os das nove musas.

Labyrinthos.—Continuem os nossos leitores, que estiverem para isso, a penitenciarem-se n'esta quadra de quaresma, na procura do caminho para chegarem ao centro das figuras.

A PRIMA DE JULIO DINIZ

No artigo consagrado n'este numero ao eminente e chorado romancista, escapou um equivoco com respeito á gravura a pagina 93. A senhora D. Maria Zagallo Gomes Coelho não é a figura á direita, mas sim a que se vê a meio da gravura. Pedimos desculpa d'este equivoco, devido a uma confusão justificavel do paginador, desconhecedor dos locaes e das pessoas.

CORRESPONDENCIA VARIA

Continuamos a receber incentivos e elogios de todos os pontos do paiz, que muito agradecemos, e conjuntamente alguns conselhos e algumas reclamações a que daremos a devida attenção.

Destacamos, para particularmente lhes respondermos, as observações que delicadamente nos dirige *Um quidam, assignante dos Serões.*

A secção intitulada *Serões dos Bébés* poderá *talvez* ser transferida para os *Serões das Senhoras*, mas essa transferencia, a ser possivel, só se deverá fazer quando esta ultima secção, separada do corpo do magazine, concluir o seu 1.º volume, isto é, no fim do anno que termina em junho proximo. Deve o nossso amavel correspondente concordar que isto é mais harmonico e razoavel. Não promettemos comtudo formalmente fazel-o, porque poderá ser que a isso se opponham outras conveniencias dignas de attenção.

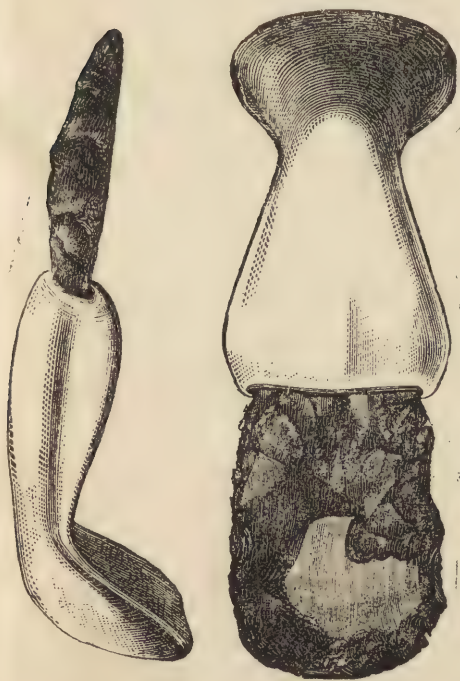
Quanto ás *Actualidades*, nem sempre o espaço de que dispomos nos permitte darlhes todo o desenvolvimento que desejariamos.

Mas deve attender-se a que essa secção é, por assim dizer, eventual n'um magazine da indole dos *Serões*, e que muitos dos assumptos palpitantes de politica, arte, sciencia, etc. são objectos de artigos especiaes no corpo da nossa revista.

RASPADOR DE ESQUIMÓS

O Homem Primitivo

POR

Edward Clodd

N'este livro, que é o segundo da nossa ***Bibliotheca de Conhecimentos Uteis,*** Edward Clodd traça-nos n'um vasto panorama cheio de pittoresco e de interesse, toda a lenta ascenção atravez extensas e mysteriosas edades, investigando as origens scientificas da vida, procurando fixar o logar do homem na historia da vida do globo, esclarecendo o tão discutido problema do ponto da terra em que elle primeiro appareceu, estudando o lento desabrochar da sua intelligencia ainda balbuciante e timida, durante as edades de pedra, de ferro, dos metaes, atravez de tantos milhares e milhares d'annos nos quaes o ser, que estava apenas ou quasi nada acima do antrophoide, se transforma no orgulhoso dominador das forças da Natureza E assim, o leitor maravilhado facilmente comprehende o que ha de formidavel e enorme no pridigioso desenvolvimento humano, que vae desde as desencabadas e rudes armas e ferramentas de ferro até ao terrivel torpedo e ao gigantesco obuz que, á distancia de vinte kilometros, tudo varre e esmaga, desde o vestuario de herva entrançada até ao agasalhador *complet* de bom cheviote da Covilhã, desde a desabrigada choça varrida por todos os ventos até á moderna casa de habitação cheia de conforto, recheiada de mil luxuosas coisas.

1 vol. illustrado e ricamente encadernado

300 Réis

O segundo concurso de

PHOTOGRAPHIA

Aberto pelos "SERÕES"

O magnifico exito que obteve o nosso primeiro concurso de photographia, limitado apenas aos photographos amadores, leva-nos a abrir já n'este numero dos **SERÕES** um outro, a que poderão concorrer não só os profissionaes e os amadores de photographia mas os proprios paes de familia, ou outras quaesquer pessoas que tenham creanças a seu cargo, visto que o thema que agora offerecemos se, profissionalmente interessa os primeiros, não menos apaixonará e captivará os segundos.

Visto que as **Creanças**, pela graça de flor das suas phisionomias, pelo tocante encanto das suas attitudes, pela radiosa vivacidade dos seus gestos, pela cariciosa e angelica expressão dos seus rostinhos meigos, são um elemento superior de Esthetica e um manancial fecundo de Poesia e de Belleza, será á glorificação e á apotheose da infancia que este concurso se destina.

Todos poderão, portanto, concorrer com quaesquer photographias, contanto que não tenham sido publicadas de

CREANÇAS OU GRUPOS DE CREANÇAS DIVERSAS

Devem além d'isso os concorrrentes submetter-se ás seguintes

CONDIÇÕES

1.º — As photographias devem ser de qualquer formato conforme a vontade do concorrente, contanto que o minimo seja o de 9 × 12 centimetros.

2.º — As photographias premiadas serão publicadas nos **SERÕES** com o nome e a residencia do concorrente. Além d'isso a direcção dos **SERÕES** reserva-se o direito de publicar, com menção honrosa, todas aquellas que d'isso forem julgadas dignas.

3.º — A propriedade de todas as photographias premiadas, para os effeitos da publicação, ficará pertencendo aos **SERÕES**.

4.º — A direcção dos **SERÕES** não se compromette a devolver as provas que lhe forem remettidas, a não ser que para isso lhe enviem um envelope devidamente estampilhado.

5.º — A decisão dos **SERÕES** será definitiva.

6.º — As provas devem ser enviadas á direcção dos **SERÕES** com o boletim que abaixo publicamos, o qual se cortará da pagina e se preencherá devidamente.

7.º — Haverá TRES PREMIOS, sendo o primeiro de **10$000 réis**; o segundo **Uma collecção dos 4 volumes dos SERÕES** já publicados ou, se o preferirem, **Uma caixa com bonecos**; o terceiro **Uma assignatura de um anno nos SERÕES** a qual póde reverter em favor de qualquer pessoa indicada pelo premiado, caso este já seja assignante.

Boletim para cortar e remetter com a photographia

SEGUNDO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS "SERÕES"

Ultimo dia de recepção — 31 de março

Titulo da photographia ....

Local em que foi tirada ....

Nome e endereço do photographo ou da pessoa que nol-'a enviar ....

....

Declaração. — Declaro que a photographia, que junto remetto, nunca foi publicada.

Assignatura ....

Endereço: A' Direcção dos **SERÕES**, Livraria Ferreira & Oliveira L.da, Rua Aurea, 132 a 138, devendo no verso do enveloppe indicar — Concurso de photographia.

Mohomed Torres

Delegado marroquino á conferencia de Algeciras

OVAR — LARGO DOS CAMPOS, ONDE ESTÁ SITUADA A CASA EM QUE RESIDIU JULIO DINIZ

JULIO DINIZ em Ovar (*)

Porque motivo deixei eu, num Agosto torrido, as campinas de arrosaes do termo de Estarreja pela densa poeira das estradas que levam á villa de Ovar — essa assustadiça terreola que fugida ao oceano, estacou alli, dispersadamente, entre canaviaes sombrios e ralos pinhaes de chão areento? Porque motivo, num invernoso Janeiro, desci do vagão e patinhei minhas sapatolas na enlameada gare de Ovar?; e, atravessando por entre saias ensacadas e viscosas de varinas maltrapilhas, cabeceando em lividas caras, com dedadas de sombra, de homens encapuzados em burel, me atolei na lama antipathica dessa villa abafada em nevoeiros? Porque? Porque me disseram que vivera ahi, havia annos, — quarenta — um homem de espirito triste que amava a solidão e era meigo no convivio de almas simples e bondosas. Um idealista que soffria do mal de viver — elle que não encontrara na terra almas como a sua havia creado para amar. Esse homem era um escritôr portuense, de corpo franzino, mãos estreitas, face pallida e olhar sem riso, que morrera, precocemente, aos 32 annos, deixando romances escritos numa

(*) Do livro em preparação *Terras Portuguêzas*.

O DR JOSÉ JOAQUIM GOMES COELHO,
PAE DE JULIO DINIZ,

que, segundo a opinião do sr. Alberto Pimentel, poderia ter concorrido para o typo de cirurgião antigo que Julio Diniz creou no dr João Semana. (*)

lingua pobre e numa prosa commum, mas compostos com tão affavel simplicidade e tal harmonia, nas paisagens doces e nos caracteres suaves, que delles irradiava para o leitor a poesia das coisas vagas e delicadas, e tambem a do amôr romantisado que é a que melhor entende e de que mais se agrada o coração português. Esse homem era Julio Diniz.

*

* *

Mas eu não fui pedir a esse clima nem a essa paisagem que me explicassem a alma de similhante autôr; e muito menos a estructura ideal das personagens de seus romances. Paizagens e personagens levava-as elle comsigo para aonde ia. Essas mulheres de candidos corações, esses padres cheios de bondade, esses fidalgos recortados pelas linhas da nobreza antiga — essas equilibradas figuras bemquistas concerta-ra-as mais sua indole que as viram seus olhos. Uma vez creadas em sua poetica imaginação e afagadas as asperezas da realidade que feria sua alma terna, buscava uma atmosphera de branda simpathia que não interrompesse seus sonhos imprecisos e primorosos de idealista. O mais eram creaturas pittorescas que punha a girar em volta da acção principal — creaturas episodicas, decorativas, como decorativos eram esses quadrinhos de paisagens risonhas, de colorido esmaltado, que logo agradavam aos olhos e deixavam na alma a fragancia das pastoraes e dos idyllios. Seus romances não teem datas, nem se passam em lugares determinados, porque, na verdade, as suas «Pupillas» tanto podem ser de hontem como de hoje, tanto podem ter vivido em Ovar como em Santo Thyrso, no termo do Porto ou nos arredores de Vianna. Do norte é que precisam de ser porque é de ahi o coração do autôr.

A paisagem, garrida e facil, essa é evidentemente localizada ora no Minho, ora no baixo Doiro; e a penetrante e doce melancolia de seus livros vem justamente do contraste entre a meiguice triste das almas generosas em que a sua se demora e

O DR. JOÃO JOSÉ DA SILVEIRA,

fallecido em Ovar em 1896, que serviu de modelo do dr. João Semana.

(*) Dr. José Joaquim Gomes Coelho, pae de Julio Diniz, era cirurgião pela Escola Medica do Porto, facultativo effectivo do hospital da ordem de S. Francisco n'aquella cidade e tinha a sua principal clinica em Villa Nova de Gaia. Nasceo em Ovar em 22 de agosto de 1802, casou em 20 de agosto de 1827 no Porto com D. Anna Constança Potter tendo d'este matrimonio 9 filhos, um dos quaes (o oitavo) foi Joaquim Guilherme Gomes Coelho (Julio Diniz).

Depois da morte de Julio Diniz, seu ultimo companheiro, veio viver para Lisboa para casa de sua neta D. Anna Gomes Coelho da Silva, onde morreu quasi repentinamente, aos 83 annos, em 21 de julho de 1885. Está sepultado no cemiterio de Agramonte, no Porto, no jazigo onde já estavam seus filhos José e Joaquim (Julio Diniz).

essa viva luz de côres á desgarrada. O desgôsto das coisas não o penetra: penetra-o a tristeza do seu scismar; e essa, como a sombra da trova, vai para aonde elle fôr.

Tambem me não fui encontrar com certa mulher que uma lenda local diz ter sido o modêlo da mais nobre alma ças, elegancias vindas de longe, demorado enlevo, caricias penetrantes, silvas de amôr que tudo promettem!

. . . .

Disso que iria eu encontrar? Silencio! Sombra! Sombra — eis o que fica de tudo que foi alvorôço!

Não, não procurei essa mulher.

OVAR — CAPELLA DAS ALMAS NO LARGO DO CAMPOS

que vive nas paginas das «Pupillas do Sr. Reitor»; e, mais que modêlo, fito de uma affeição pura e secreta. Bastou-me ver-lhe o retrato. Ah! o prestigio dos retratos antigos de mulher môça e linda! Illusão e audacia! A mocidade florindo no agrado inconsciente que o instinto põe no olhar, no sorriso, na linha do busto, na physionomia das mãos — no todo da figura para que na vida da especie não acabem nunca as primaveras! Retratos antigos de mulher môça e linda! Gra

Demais, eu creio que Julio Diniz amando sempre — a todas as horas, a todos os momentos da sua vida inquieta — nunca amou mulher nenhuma! Dobrado sobre si, o solitario do Bairro de Villar passou a vida acariciando, com seus dedos de poeta e de litterato, as linhas vagas das suas creaturas ideadas. Descer dahi á vida seria desfazer, por suas mãos, prestigiosa urdidura! Seus instintos serenos, seu morbido temperamento não o impulsavam para a mulher pela mulher e da mulher para o so-

OVAR — CASA, NO LARGO DOS CAMPOS,
onde Julio Diniz começou a escrever as «Pupillas do sr. Reitor» em junho de 1863

nho; mas, pelo contrario, esqueciam-se de a desejar, quando o poeta fechava os olhos para ver... as amaveis mentiras dos seus sonhos! Para taes feitios, nenhuma mulher vale a mulher imaginada; e nêste mysterio está todo o encanto, nêste desejo toda a magia! Ah! se elle um dia, por acaso, tivesse encontrado a mulher tal qual a scismara, que decepção! De repente, todo esse mundo desconhecido desappareceria; toda essa nebulosa de figuras meigas e discretas se desfaria ante a belleza da Realidade — coisa, nêste ponto, sem belleza para elle! Não, Julio Diniz, o apologista do «amor sem objecto como o mais puro e expontaneo culto do coração humano,» (*) nunca amou mulher nenhuma!

Nada fui, pois, perguntar a essa terra de vareiros; mas sómente procurar o rasto da alma de Julio Diniz por esses lugares onde ella, incerta, poisara nesse verão de 63, fugida aos nevoeiros do Porto; fugida ao trato duro dos negociantes da Banharia e da rua das Flôres, para quem os poetas de então eram a ralé das almas; fugida, principalmente de si proprio!

O espirito de Julio Diniz! Parece-me que o sinto commigo, porque já minha penna se demora com agrado em devaneios suaves!

. . . .

Entremos na villa.

*
* *

Vindo dos lados de Estarreja, é preciso andar um bom quarto de hora, por longa rua de casas baixas, brancas, e invariaveis de typo — porta e janela, porta e janela, portas de almofadas e janelas de bisonhas rotulas — para chegar ao centro da villa. Antes, atraves-

(*) «Pupillas do Sr. Reitor».

OVAR — CASA DO JOÃO DA ESQUINA
E' a primeira á direita.

sa-se um pequeno largo de australias modestas e casaes miudos; passa-se por uma igreja, de adro triste e dois campanarios tão agoirentos que parece que as corujas uivam ahi ao sol alto do meio dia; e pouco depois chega-se á praça, centro commercial, burocratico e politico da terra, onde ha os Paços do Concelho — construcção moderna, de farto telhado marselhês, a que tenho de voltar as costas para poder ver uma casa de um só andar, pequena, singela mas que é alguem na terra: a casa do Sr. *João da Esquina.*

Para além da praça, segue uma rua, e logo adiante, já no extremo da villa, ha um largo com arvores, casas baixas e uma capella ao fundo. A estrada, atravessado o largo, foge, livre, numa linha recta, por entre altos eucalyptos e lá vai até o mar, até o Furadoiro — uma praia dalli a poucas leguas.

O lado esquerdo desta pequena

PATEO E PORTA DA COSINHA DA CASA DO LARGO DOS CAMPOS

praça calada é quasi todo composto do tal typo de casas terreas de porta e janela. Uma dellas, guardada entre dois cunhaes, fazendo esquina para um beco, tem por cima da porta o numero 14, e a janela, de vidros aos quadradinhos, não tem rotulas. E' silenciosa a frontaria, triste a cortina da janela fechada, e, visto dahi, é merencorio o largo, as arvores e a capella do fundo, que se chama das «Almas». E' nesta casa que viveu Julio Diniz ha quarenta e três annos, no verão de 63, desde Maio a principios de Setembro. Aqui ouvira elle contar casos succedidos na terra, e conhecera costumes, crenças, conceitos e maximas de que depois se serviu nos seus romances. Aqui teve á mão o medico de aldeia, o boticario doutoraço, o fatuo tendeiro, o padre, o bacharel nos typos tradicionaes que estimava encontrar e que não via no Porto porque, fazendo vida arredada, systhematicamente se afastava dos meios onde os pudera estudar. Aqui conviveu com pessoas que depois se chamaram Dorotheia de Alvapenha, Victorina do Mosteiro, Margarida, Maria, José das Dornas, João Semana e João da Esquina. Aqui finalmente, o seu espirito desalentado pela doença creou firmes esperanças de cura! (*)

Oh! casa amiga e insinuante que tiveste a caridade da illusão para com um meigo doente, e estimulaste um espirito abatido a crear livros que a tantas almas levou o deleite subtil de uma arte amena!

Bati á porta; logo uma velha creada veio abrir e não tardou que apparecesse uma senhora idosa, magra, pallida, do-

(*) Em 11 de Maio de 1863, escrevia numa carta ao seu amigo Custodio Passos: *Sera radical esta cura? Veremos.* A 3 de Julho: — *Espero completar aqui a cura de uma doença que hoje me vou quasi convencendo ter sido mais de imaginação que real.* A 3 de Julho do mesmo anno: — ... *isto acaba de me provar que a minha cura é radical.*

OVAR — EIRA E CASA DA EIRA NO QUINTAL DO LARGO DOS CAMPOS

OVAR — OUTRO ASPECTO DO JARDIM E EIRA
A figura á direita é a prima de Julio Diniz, senhora D. Maria Zagallo Gomes Coelho

brada, os olhos azues e moidos — um todo cansado, resignado e amavel. Era a senhora D. *** prima direita de Julio Diniz. Tem hoje sessenta e tantos annos e tinha vinte, que deveram ter sido galantes e distinctos, quando, em 63, o o escritôr estivera nessa casa que era da mãi dessa senhora — tia de Julio Diniz por parte do pai. Havia quarenta annos! Mas como ella se lembra bem de Julio Diniz! Como tem presente todos os pormenores da vida que fez em Ovar o poeta seu primo!

— Aqui era a sala — diz com simplicidade. — Os moveis são os mesmos e estão onde estavam. Escrevia nesta mêsa e servia-se deste tinteiro.

Logo meus olhos sôfregos poisaram num modesto tinteiro de loiça negra, que estava sobre uma pequena mêsa encostada á parede daquella sala que dava para a porta por onde entrei — sala simples, de soalho nu, paredes caiadas, tecto liso de tabuas sobrepostas e pintadas, como os rodapés, as cornijas e os frisos das portas, fingindo marmores de côres vivas. Alem dessa mêsa, havia um bahú de pregaria, algumas cadeiras e um armario, de dois corpos, meio cravado na parede, como é de uso naquelles sitios.

— Neste armario tinha a roupa; e nesta gaveta da direita guardava papeis e, cuido, segredos, porque a tinha sempre fechada e a chave comsigo.

E abrindo a gaveta, tirou de uma pequena caixa um retrato de Julio Diniz, aos 23 annos.

— É só o que tenho delle! disse.

Ficamos os dois calados, a olhar a photographia.

— Tinha um ar triste, affirmei eu, quebrando o silencio.

— No Porto, sim, e aqui quando chegou: tudo lhe aborrecia!; e até cuspinhava, ás escondidas, na palma da mão!

— E depois?

— Depois vi-o sempre satisfeito.

— Comtudo, já estava doente.

— Não sei. Nesta casa deu-se bem: veio para estar quatro dias e esteve quatro mêses! — disse essa senhora, os olhos postos no retrato, separando com lentidão as palavras que vinham cheias de recordações. E como, subitamente, um pouco de tosse a sacudira foi sentar-se numa cadeira, juncto á mêsa, encostando a cabeça á mão que guardava ainda o retrato de Julio Diniz.

— Era então nesta mêsa que elle escrevia? — perguntei, tocando de leve o verniz da madeira.

— Era. Que eu nunca o vi escrever, nem ninguem. Sabiamos que escrevia, porque de manhã estavam aqui muitos papeis escriptos e cartas para o correio.

— Trabalhava de noite.

— Sim, talvez depois da ceia, quando se recolhia.

JULIO DINIZ AOS 26 ANNOS (1865)

— De manhã, lia?

— Não senhor, nem jornaes. Passava o dia com minha mãi e commigo a ver-me costurar. Gostava de saber tudo e sobrecosido? E isto?» — Isto chama-se a bainha. — E assim muitas perguntas como estas.

— Então, saía pouco.

JULIO DINIZ AOS 28 ANNOS (1867)

e de fazer muitas perguntas. Uma vez, estava eu a coser numa travesseira branca, e elle perguntou-me: «Oh prima, como se chama esse ponto?» — Pesponto, respondi. — «E fica no fio?» — Não, depois sobrecose-se. — «Então é cosido

— Quando chegou do Porto, saía logo depois do almoço a buscar cartas ao correio; mas para o fim estava sempre por casa, a não ser em tardes bonitas que ia por esses campos, escolhendo, de preferencia, atalhos e ca-

CASA DO LARGO DOS CAMPOS — SALA DE ENTRADA E MESA ONDE ESCREVIA JULIO DINIZ

Com os caseiros ou com o nosso recebedor é que era vê-lo entretido! E de estar na cozinha, á lareira, sentado num banco que lá temos?!

— Gostava?

— Se gostava!

— Posso ver esse banco?

— Se quizer... mas ha de desculpar... é cá a nossa cozinha.

Atravessamos um pequeno corredor deixando á esquerda a casa de jantar e entramos na cozinha — uma bem caracteristca cozinha de aldeia com a sua farta lareira, especie de saleta dentro da enorme chaminé que desce dos lados até o chão e pela frente até a altura de um homem, para amigavelmente abrigar, no seu bojo, toda a familia da casa, os creados, os caseiros, os jornaleiros, os vizinhos, o cão e o gato borralheiro! A um canto,

minhos velhos. A's vezes, iamos tambem eu e minha mãi, levavamos fructa e ladrilhos de marmelada numa cesta; elle escolhia sitio, e merendavamos sentados no chão; e elle gostava tanto!

Vi passar na bôca dessa senhora o luar de um sorriso triste...; mas logo ella se levantou e foi abrir a porta de vidros de uma alcôva contigua á sala em que estavamos, dizendo:

— Aqui está o seu quarto de dormir.

Era um pequeno quarto, quasi quadrado, rescendendo ás maças a corarem nos frisos do tecto. A cama, de pau setim com embutidos e a cabeceira almofadada de antiga chita ás ramagens largas, estava encostada á parede; defronte, a commoda e o toucador; dentro de uma redoma, santos de marfim entre jarrinhas doiradas com jacinthos de panno; um cabide; e ao canto o sumido lavatorio. A luz, pouca, vinha da sala e do postigo que dava para a viela.

— Levantava-se tarde?

— Ás 7 era o almoço, de garfo, e ao meio-dia o jantar; tomava chá á tardinha, e á noite, das 9 para as 10, pedia sempre caldo verde para a ceia.

— E até a essa hora que fazia?

— Ao principio, ainda ia a algumas casas ou vinham visitas; mas elle aborrecia-se de conversar com senhoras.

PARTE DA SALA E ENTRADA DO QUARTO DE DORMIR DO ROMANCISTA

o fôrno onde se coze o pão para toda a semana, e, proximo, a maceira, a peneira, a pá e o varredoiro. Aos lados, armarios e a cantareira; pelas paredes, as candeias, o trem de cozinha e, em prateleiras, pratos de faiança de côres vivas, as travessas dos grandes assados e os boiões das conservas que se gastam pelo anno adeante. Mesmo dentro da lareira, lá estava o classico banco, especie de canapé sem palhinha, que se chega para o lume quando aperta o frio de Janeiro, fóra se ouve bater a chuva e passar correndo o vento alucinado sacudindo as portas nos ferrôlhos e nas tranqueiras. Ahi, avido de pittoresco, conversava Julio Diniz com os homens dos campos a respeito das cearas, das hortas, dos pomares, das vinhas e dos gados na franca linguagem de seus asperos plebeismos; ahi cogitava elle no que lhe dizia essa gente simples e respeitosa, emquanto na lareira os estalidos das cascudas achas dos pinheiros bravos faziam despertar o somnolento maltez e avivavam as brazas do borralho adormecido.

Na cozinha havia uma porta alpendrada que dava para o eido; e como eu, da soleira, estendesse os olhos por esse pateo ensombrado de videiras, logo essa senhora me explicou:

— Faziam-se aqui as esfolhadas que elle descreveu. Estou a vê-lo, sentado naquella pedra, a debulhar feijões e a rir com o José Travanca — homem mais alegre!... — que dizem ser o José das Dornas das «Pupillas».

— Aqui? — perguntei aproximando-me de uma velha mó encostada a um esteio.

— Sim, ahi com o nosso «Leão» aos pés. Outras vezes, estava horas no laranjal, a ouvir cantar um rouxinol.

QUARTO DE CAMA E LEITO ONDE DORMIU JULIO DINIZ

— No laranjal?

— Já o não temos! Deu-lhe em seccar, morreu...

Entardecia. Passamos ao pequeno jardim, que era para alem de um murosinho esboroado e de uma velha cancella gemente; e ahi tudo era abandono!

— Ao tempo, isto não estava assim. Eu cuidava muito de flôres e tinha as

COSINHA — PARTE FRONTEIRA Á LAREIRA

pelo chão e em vasos neste muro. A's tardes, vinhamos para aqui, varriamos os carreiros, depois elle tirava agua daquelle poço e, enchendo o meu regador, ajudava-me a regar. Eu tinha então vinte annos e muito gôsto por estas coisas! Hoje... vê, cresce erva por toda a parte! Depois, esta minha doença!... Não me larga, cá estou com ella!

E sentando-se numa pedra tossiu cansadamente.

Ao entrarmos em casa, depois de um silencio perguntei:

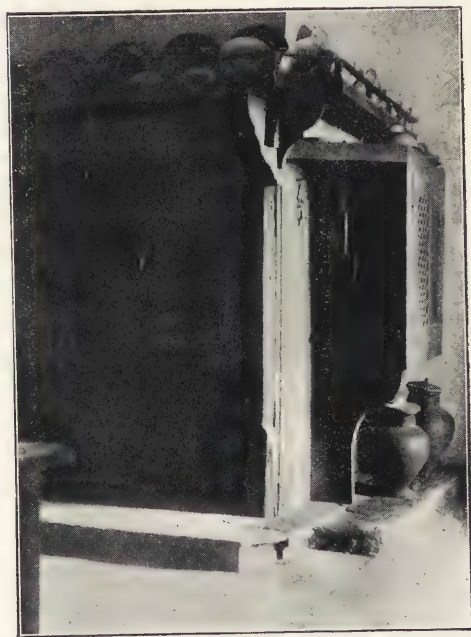
— Julio Diniz nunca mais esteve aqui?

— Nunca mais, mas escrevia muitas vezes a minha mãi; e numa carta (que não sei como se perdeu) dizia por estas palavras: «os quatro mêses que passei em Ovar foi o tempo mais feliz da minha vida».

*

* *

Nessa mesma noite, ao deixar as ruas desertas e feias de Ovar, eu vinha pensando nos ultimos annos da vida de Julio Diniz e via-o em peregrinações por diversas terras, ora em Aveiro, ora em Felgueiras, ora no Porto, ora em Famalicão, ora em Fanzeres, ora em Lisboa, ora no Funchal, mudando de ares, em busca de saude, e permanentemente perseguido por uma febresinha branda mas persistente e pontual que o irritava contra si picando-lhe o escondido orgulho, e o irritava contra os outros diante de quem mastigava silencios aborrecidos ou ironias agressivas e tristes. A algumas dessas terras creou odio e em todas deixara o rasto amargoso do seu tedio; mas lembrando-se de Ovar sorria!

Então, comparei Ovar a certas mulheres humildes e feias por quem passamos sem reparar; mas que um dia, vindas pelo acaso á nossa cabeceira, numa hora desesperada de doença afflictiva, nos trazem um tal

COSINHA — LADO DA LAREIRA E CHAMINI

sorriso de carinho e de esperança de que nunca mais nossa alma se esquece! Ovar foi essa mulher na existencia de Julio Diniz!

ANTHERO DE FIGUEIREDO

TINTEIRO E ARIEIRO DE QUE SE SERVIU JULIO DINIZ, QUANDO, EM OVAR, ESCREVEU AS PUPILLAS DO SR. REITOR (*)

Noticia biographica de Julio Diniz

Julio Diniz (Joaquim Guilherme Gomes Coelho) nasceo no Porto, na rua do Reguinho, em 14 de novembro de 1839, sendo baptisado na igreja de S. Nicolau em 18 do mesmo mez e anno. Era filho de José Joaquim Gomes Coelho, natural da villa de Ovar, cirurgião no Porto e de D. Anna Potter, neto paterno de José Gomes Coelho e D. Rosa Rodrigues, naturaes de Ovar e materno de Antonio Pereira Lopes, portuense, empregado da Companhia Geral do Alto Douro, e de D. Maria Potter, tambem nascida no Porto, mas filha de Thomaz Potter, subdito inglez natural de Londres, e de Maria Potter irlandeza, ambos catholicos. Julio Diniz cursou a Academia Polytechnica do Porto de 1853 a 1855 e formou se, aos 22 annos, em 1861, na Escola Medica do Porto, tendo sido premiado em seis disciplinas da Polytechnica e em oito da Escola Medica. Em 1865, foi despachado, em concurso, demonstrador da secção medica d'aquella escola, promovido a lente substituto em 27 de julho de 1867 e nomeado secretario e bibliothecario da mesma escola em 27 de agosto do mesmo anno.

Da sua notavel obra litteraria estão publicados, alem de varios folhetins dispersos em jornaes do Porto, os seguintes volumes: «As Pupillas do Sr. Reitor» (10.ª edição), «Uma Familia Ingleza» (7.ª edição), «A Morgadinha dos Cannaviaes» (8.ª edição), «Serões de Provincia» (6.ª edição), «Fidalgos da Casa Mourisca» (7.ª edição) e «Poesias» 3.ª edição.

Julio Diniz perdeo a mãe aos 5 annos victima da tuberculose, e d'essa fatal doença, que o victimou tambem a elle, morreram, primeiro seus oito irmãos. Sobrevivem hoje da familia Gomes Coelho seus sobrinhos, filhos de seu irmão Guilherme, D. Anna Gomes Coelho da Silva, viuva, sem filhos, e Guilherme Gomes Coelho, capitão de mar e guerra e seu filho Abel Ayala Gomes Coelho. Do lado materno, os primos Carlos Rodrigues de Freitas Pinto Coelho e D. Rita Rodrigues de Freitas Pinto Coelho e Pereira Barbosa, Constança Joaquim e Alberto primos em 2.º grau. Do ramo de Ovar, existem os primos Dr. Antonio Zagallo Gomes Coelho com seis filhos e uma irmã, D. Maria Zagallo Gomes Coelho.

Falleceo Julio Diniz no Porto, na rua Costa Cabral em 12 de setembro de 1871, com 32 annos incompletos, sendo enterrado em jazigo no cemiterio de Cedofeita, d'onde foi trasladado em agosto de 1888 para o jazigo n.º 58 do cemiterio privativo da Ordem de S. Francisco em Agramonte, onde as suas ossadas estão juntas ás de seu irmão José, fallecido em 30 de dezembro de 1855 e ao cadaver de seu pae, fallecido em Lisboa em 21 de julho de 1885.

(*) «Principiei a escrever as «Pupillas» em Ovar (1863) durante os mêses de Junho, Julho e Agôsto. Terminei-as no Porto em setembro e outubro. Ficaram-me na gaveta até ao anno de 1866, em que resolvi publical-as. Alterei bastante o romance e ampliei-o introduzindo-lhe personagens e capitulos novos. Publicou-se em 1866 de março a julho. Publicou-se em volume em outubro de 1867. O primeiro exemplar brochado em 20 de outubro».

Esta nota, inedita, tirada de um livro de apontamentos de Julio Diniz, foi-nos amavelmente fornecida por um sobrinho do escritôr o Ex.^{mo} Sr. Guilherme Gomes Coelho, illustre official da nossa armada, a quem devemos as preciosas notas que acompanham este artigo.

A ASSISTENCIA PUBLICA EM PORTUGAL

Denominado vulgarmente «Hospital do Rego»

Ninguem mais competente para descrever em todos os pormenores a nova instituição hospitalar de que Lisboa foi dotada do que o eminente clinico a quem se deve sobretudo este importante melhoramento, o digno enfermeiro-mór, que mais este relevante serviço accrescenta aos muitos que já lhe deve a assistencia publica. Foi pois ao conselheiro Dr. Curry Cabral que os SERÕES se dirigiram para cabalmente informar os seus leitores sobre a necessidade e utilidade do novo hospital. S. Ex.ª promptamente accedeu ao nosso pedido, e o agradecimento que lhe endereçamos pela sua lucida e interessante exposição vae ser certamente reiterado pelos leitores dos SERÕES.

A QUE SE DESTINA O NOVO HOSPITAL—SEU VALOR SOCIAL

Entre os factos que caracterisam a profunda remodelação que se está effectuando nas instituições hospitalares officiaes da cidade, tanto na sua installação como no seu funccionamento, no sentido de lhes dar actualidade e de tornar os doentes participantes dos enormes beneficios que as conquistas das sciencias offerecem aos que soffrem, avulta a construcção d'um novo e grande hospital destinado ao tratamento de doenças infecto-contagiosas e tambem a constituir um valiosissimo recurso em reserva para o caso de invasão d'alguma epidemia.

É um hospital privativo para o isolamento de doenças que, alem de perigosas para quem as soffre, são uma ameaça constante de morte para as populações em cujo seio se propagam facilmente;—doenças de varias especies, das quaes umas, em casos isolados, tendem a perpetuar-se onde as habitações se agglomeram, propagando-se os seus germens, disseminando se, multiplicando-se por vezes de subito, perturbando o correr da vida normal da população com os terrores da epidemia e as devastações da morte:—taes são as bexigas que nunca deixam de existir em Lisboa e de annos a annos tomam o caracter epidemico, a escarlatina, o sarampo, o typho. Outras doenças propagam-se d'um modo constante e insidioso, sem apparato alarmante que desperte a attenção geral, porque a passagem dos seus germens de individuo para individuo se faz subtil, a sua fixação nos atacados não tem a denuncial-a, em regra, o apparato da doença aguda e febril, nem desperta nas populações o alvoroço do ataque em massa das epidemias:—tal é a tuberculose que em verdadeiro e constante trabalho de sapa dizima mais as populações do que a acção relativamente fugaz das epidemias.

HOSPITAL DO REGO — VISTA GERAL

É maravilha das mais sublimadas da sciencia que vem da ultima metade do seculo passado ter desvendado o segredo mysterioso da origem e da propagação de taes doenças.

Ficou-se sabendo, que essas doenças são devidas á acção de seres infimos, microscopicos, que toda a gente hoje conhece de nome, sob a denominação generica de microbios.

Com o ardor febril d'uma curiosidade até então nunca satisfeita os sabios vieram a conhecer d'um modo preciso os pormenores da vida d'esses seres infimos, da sua propagação e da sua disseminação.

São estes conhecimentos hoje triviaes.

Cada individuo atacado da doença é um centro de activa producção de microbios; muitos dos productos destacados dos doentes como escamas de pelle, expectoração dos pulmões, fezes dos intestinos, etc.—veem carregados de microbios; todos os objectos sobre que se fixam estes productos, são vehiculos para o seu transporte; a deposição dos germens feita por qualquer d'essas formas nos individuos sãos é o modo da sua sementeira; na receptividade de cada pessoa para esses germens estão as condições da sua germinação, na invasão do organismo por esses microbios, assim recebidos, está a doença que não raro o victima e que por seu turno é foco de propagação para outros individuos.

O conhecimento d'este mechanismo que tantos seculos levou a alcançar, e que tão simples se enuncia hoje, é o mais fecundo em resultados praticos uteis á collectividade social de quantos as sciencias medicas inscrevem gloriosamente nos seus annaes.

D'ahi veio tornar-se racional e mais efficaz o tratamento dos individuos doentes; mas acima d'esse grande interesse, outro de superior importancia ficou tambem servido: a defeza da saude das populações pelo emprego dos meios que seguramente impedem a propagação dos contagios, e dos que levantam barreira impenetravel ao desenvolvimento da devastação epidemica, extinguindo-lhes os focos d'origem.

Os meios de defeza individual e de defeza collectiva são de tal precisão d'effeitos, que, applicados por todos os que compõem a população com a devida consciencia, dariam para a sociedade o enorme beneficio d'extinguir as doenças do genero contagioso.

Não pode haver duvidas a este respeito.

Descabidas seriam aqui as ponderações que

a grandeza do problema social bem merece.

É meio poderoso, embora insufficiente, para combater a propagação d'essas doenças separar dos sãos os individuos doentes, mantendo-os isolados, para que não transmittam a doença.

Receber esses doentes, tratal-os em isolamento para só os restituir ao convivio social quando n'elles estiverem extinctos os germens dos contagios, é o fim unico e exclusivo a que se destina o novo hospital, que assim vem preencher uma lacuna importante que havia na hospitalisação da nossa cidade.

IMPORTANCIA DO NOVO HOSPITAL PARA A ECONOMIA ADMINISTRATIVA

Alem d'este seu valor social a nova construcção é tambem d'uma alta importancia para a economia administrativa.

A invasão das epidemias tem sido sempre motivo de sobresalto e de difficuldades grandes para as administrações dos hospitaes e para o Estado.

Por estarem sempre cheios de doentes os hospitaes, as manifestações epidemicas teem obrigado sempre a lançar mão de algum grande edificio, ou de qualquer casa para improvisar ahi, á pressa e sem olhar a preço, hospitaes para os atacados. Acabada a epidemia todo o capital fica perdido, com persistencia das mesmas deficiencias e difficuldades quando sobrevem nova epidemia.

O novo hospital pela sua grandeza e forma d'installação fica sendo um posto sempre montado e prompto para isolar os casos suspeitos e para receber todos os epidemicos.

N'elle se encontram realisados todos os principios que a sciencia dos nossos dias tem firmado como bons em hygiene e em prophylaxia. Não é copia do allemão, ou do inglez ou do francez:—é a realisação dos principios da sciencia em acommodação ao nosso meio e aos nossos recursos,—é uma construcção portugueza, sem pretenções algumas que não sejam as de alliar a maxima simplicidade e a maior modestia, aos rigores da hygiene pratica, procurando ao mesmo tempo dar conforto e bem estar aos doentes por forma a fazer-lhes esquecer as ideias sombrias que a velha tradição traz ligadas á ideia de hospital.

EDIFICIO DESTINADO AOS TUBERCULOSOS

PARTICIPAÇÃO DADA AOS POBRES NOS PROGRESSOS SCIENTIFICOS—OS PROGRESSOS SUCCESSIVOS DE HOSPITALISAÇÃO EM LISBOA.

É de inteira justiça que aos pobres e aos devalidos se dê algum quinhão dos grandes beneficios, com que o labutar das sciencias proporciona encantos á vida.

Essa partilha em assumpto de hospitalisação só vagarosamente se póde fazer, porque depende das installações e essas só se substituem á custa de milhares de contos de reis, de que em parte alguma é facil dispôr n'um dado momento.

Todavia o caminho está traçado, é de todos bem conhecido e seria pueril e até offensa escusada, querer ensinal-o a alguem, quando por elle temos já caminhado e vamos caminhando. O hospital primitivo, verdadeiro albergue para todos os doentes accumulados sem distincção alguma, pertence só á historia.

Na nossa cidade desappareceu desde que, por uma selecção, se começaram a separar algumas especies de doentes: os alienados para um hospital privativo—o de Rilhafolles, e os leprosos para outro hospital—o de S. Lazaro.

Ficou o hospital geral alliviado d'estas duas especies e iniciada a hospitalisação em especialidades. Esta forma de proceder é hoje uma imposição da medicina pratica: ha necessidade de isolamentos para assegurar a efficacia do tratamento, é preciso fazer separações para o largo e sempre crescente desenvolvimento alcançado pelo estudo das especialidades.

E n'esse caminho lá se destacou do hospital geral de S. José para um instituto especial—o ophtalmologico—o tratamento das doenças d'olhos e para outro instituto—o bacteriologico—o tratamento da diphteria e o da raiva.

N'esse caminho ainda se particularisou em separado o tratamento das creanças de tenra idade, no hospital Estephania.

Com a mesma orientação foram sequestrados no hospital da Rainha D. Amelia os doentes portadores de contagios mais perigosos: tuberculos, bexigas, sarampos, etc.

Máo edificio para esse fim, que é agora substituido pelo grande e apropriado hospital novo

É ainda na mesma ordem d'ideias que o hospital da Rainha D. Amelia, vae servir para alojar os invalidos pela doença, verdadeiro hospital-hospicio, para onde o hospital geral descarregará os seus incuraveis.

Obediente á mesma noção de especialisar, vae em adeantada construcção um outro novo hospital—o de Santa Martha, para receber doenças d'outra forma contagiosas e

ENFERMARIA

ASPECTO DO TERRAÇO

cujo isolamento muito interessa á policia sanitaria.

Em seguimento do mesmo programma vae construir-se uma maternidade para separar do hospital geral o tratamento do parto e seus accidentes e dos recemnascidos,—para o que já as côrtes votaram parte da verba precisa.

Assim se vae restringindo a funcção do hospital geral de S. José aos limites que a sciencia actual tem para elle traçado.

Evidente fica para os nossos leitores o modo como vamos seguindo na corrente das leis que no momento actual, em todo o mundo civilisado, regem a evolução das instituições hospitalares,—e qual o valor que (sob todos esses pontos de vista) tem o hospital novo, que não é simplesmente mais uma casa para receber doentes.

COMO SE POUDE LEVAR A EFFEITO A NOVA CONSTRUCÇÃO — TRAÇOS DE HISTORIA DO ANTIGO RECOLHIMENTO.

A realisação d'uma obra d'esta grandeza depende em grande parte de se aproveitar a opportunidade. Em 1901 governava um ministro do reino—o Conselheiro d'Estado Hintze Ribeiro—que alcançou toda a comprehensão do problema hospitalar e a perfeita consciencia da necessidade urgente de dotar a cidade com um bom hospital d'isolamento.

Por esse tempo a questão religiosa em effervescencia, teve como uma das suas consequencias serem mandadas sair do edificio, em que viviam recolhidas, as *Servitas de Nossa Senhora das Dores*, revertendo o edificio e seus pertences para a Fazenda Nacional.

Era uma area de 65.000 metros quadrados de superficie, n'uma situação hygienica muito boa.

A boa vontade do ministro fez entregar á administração dos hospitaes esse grande terreno e obteve das Camaras a votação dos meios precisos para se levantar aquella villa hospitalar, cuja edificação se completou em dois annos.

Pouco houve que aproveitar do edificio; apenas uma parte das suas paredes mestras.

Não era uma edificação que fizesse lembrar sequer a dos antigos conventos, nem podia sel-o, dadas as condições da sua origem e do seu successivo fabrico.

O que n'aquelle local havia na ultima metade do seculo XVIII eram umas casas e quintas pertencentes a Custodio Ferreira Goyos,

que passaram para os proprios da Fazenda Real, pela seguinte forma.

José Luiz Serra era devedor da renda da commenda de Mertola e Goyos era seu fiador. Em execução para o pagamento d'aquella divida a propriedade foi arrematada por quatro contos e oito centos mil réis.

Depois de encorporada nos Proprios da Fazenda Real, a rainha sr.a D. Maria I, fez mercê de a emprestar a Margarida das Mercês e a Joaquina Ignacia, primeira e segunda regentes das recolhidas e convertidas de Nossa Senhora do Rosario, que se achavam estabelecidas junto ao Grilo, com obrigação de residirem alli com o mesmo recolhimento.

Gradualmente foram as recolhidas fazendo bemfeitorias, augmentando a casa, comprando terrenos, que foram sendo addicionados aos existentes para constituirem uma só propriedade com a natureza de patrimonio seu, tudo auctorisado por uma provisão regia em 1787.

Dadivas e offertas de bemfeitores foram occorendo ás despezas da ampliação do edificio e até, ao que parece, ás da construcção do templo, bonito e original, que lá está contiguo ao edificio.

A população do recolhimento cresceu grandemente em 1848, porque um decreto de 29 de maio d'esse anno mandou encorporar no recolhimento do Rego, o do Largo do Leão, junto a Arroyos, ficando ambos convertidos n'uma unica corporação com direitos e obrigações communs.

Quando esta corporação com o nome de Associação das servitas de Nossa Senhora das Dores, foi d'alli desalojada em 1901, para ir installar-se no edificio do extincto convento do Desaggravo que o governo lhe concedeu, deixou a egreja inteiramente nua e destituida de todos os objectos do culto que comsigo levou. A administração dos hospitaes conservou essa Igreja, tal qual a recebeu. Do edificio só poude aproveitar uma parte das paredes, que assim ficaram determinando o contorno geral da edificação nova.

Tinha o edificio tres pavimentos cujo telhado correspondia ao que hoje é pavimento do ultimo andar, que todo foi levantado de novo, transformando-se a agglomeração de cellas infectas, onde a custo penetrava o ar e a luz atravez de frestas irregularmente abertas nas paredes, em espaçosas salas alegres, cheias de luz e d'ar vivificante.

INTERIOR DA EGREJA

A SITUAÇÃO DO NOVO HOSPITAL — BELLESA DA PAIZAGEM

A situação do novo hospital é excellente.

Uma vasta planicie de 65,280 metros quadrados, desafogada completamente de casarias que viessem cingil-a em perigoso cerco, toldando-lhe a athmosphera com o fumo das suas chaminés, inquinando-lhe o ar com as exhalações mephiticas que se levantam sempre da accumulação de habitações, ou quebrando o silencio e perturbando o repouso, tão necessarios aos que soffrem, com os ruidos da agitação da vida do povoado.

Nada d'isso.

A situação é verdadeiramente campestre, de horizontes largos e formosos d'onde o ar afflue em corrente livre ou atravessando em alguns logares a ramaria d'arvoredos que ornam os campos distantes ou ensombram os parques proximos. Céo descoberto a derramar luz por toda a parte, durante todo o dia.

Pelo lado do norte corre a linha ferrea chamada de cintura e para alem d'ella o terreno torna-se accidentado tomando aspecto muito pittoresco: outeiros em cujo declive vegetam dispersas as oliveiras, planicies que se cobrem de massiços d'arvoredo, casas em pequeno numero, distanciadas uma das outras, de variadas architecturas e differentes cores.

Ao nascente o antigo Campo Pequeno, onde se levantou a Praça de Touros e d'onde se estendem para o sul as novas avenidas por onde desfilam os carros electricos e para o Norte o caminho do Campo Grande. Para o lado do sul planicies de terras de horta, alem das quaes, distantes, se erguem as casas de caprichosa architectura que vão orlando outras avenidas—A. S. O. o antigo e frondoso parque, que foi Jardim Zoologico e logo alem o Velodromo.

Levantam-se para o lado do poente montes que se enfileiram para a Serra do Monsanto e que abrindo uma larga garganta deixam ver no extremo do horizonte a Serra de Cintra, com todos os recortes da sua crista sobre que se ostenta o Paço da Pena.

Assim é emoldurada a planicie onde acabam de ser construidas umas 30 edificações que constituem o novo hospital; construcções de architectura singella, de linhas simples e elegantes na sua proporcionalidade, dando a todas o aspecto de casas de habitação, sadias e alegres, dispersadas por entre jardins

ENTRADA PRINCIPAL, — GRANDE ALA DO EDIFICIO DOS TUBERCULOSOS, E TERRAÇOS ENVIDRAÇADOS —SECÇÃO DE CONSULTA EXTERNA E SALA DE OPERAÇÕES

e parques que as separam umas das outras, illuminadas de todos os lados por toda a luz que o céo póde dar e purificadas pelo ar em continua circulação, que primeiro roçou pelos arvoredos e recebeu effluvios dos campos circumvisinhos.

O RECINTO DO HOSPITAL — FORMA GERAL DA SUA INSTALLAÇÃO

Ao entrar no recinto, a ideia triste e lugubre de hospital, que as tradições trazem ainda alimentadas no animo do publico, foge insensivelmente.

O espirito é bem impressionado com o aspecto geral, que faz lembrar uma villa muito cuidada na sua hygiene. Os olhos só recebem a impressão alegre do risonho aspecto das casas dispostas em bellos arruamentos, separadas umas das outras por jardins e cercadas por arvoredo, verdadeira antithese dos antigos hospitaes que, installados em velhos edificios que foram conventos, conservam o triste aspecto d'uma clausura que deprime o espirito e mais penoso torna o soffrimento.

Tem o novo hospital capacidade para receber 728 doentes.

Porque os doentes ahi recebidos hão de ser unicamente os que soffrem doenças que ao mesmo tempo são infecciosas e contagiosas, e essas doenças são de especies variadas e todas transmissiveis, a construcção foi feita para que haja um edificio destinado a cada especie. Cada edificio é independentre e largamente separado dos outros, e em cada um ha enfermaria com as dependencias necessarias, entre as quaes é para ser notada uma sala para os convalescentes passarem o dia, com muito ar e muita luz, onde lhes são dados jogos e livros para se entreterem. A enfermaria ficará assim sendo só dormitorio para os doentes que já se levantam das suas camas.

Esta forma d'installação e de regimen que são inteiramente novos na nossa hospitalisação, deve trazer um grande bem estar aos doentes e favorecer muito a sua cura.

Cada edificio com a sua enfermaria, vae ter uma vida sua, completamente isolada dos outros, que é o meio de manter o isolamento e de estabelecer garantias contra a disseminação dos contagios.

Toda a vasta area do hospital é fechada por um muro, tendo duas unicas sahidas para a rua, uma do lado do nascente e outra do poente; só duas, para que se possa exercer a maxima vigilancia sobre o estado de saneamento de quanto de dentro do hospital tenha de sahir para a rua, assegurando-se assim a condição de não haver perigo para a população da cidade, mercê do rigor com que constantemente se hão-de executar os trabalhos de desinfecção de todos e de tudo dentro do hospital.

Ha porém serviços geraes e communs que não podem deixar de estar centralisados: os da cosinha, da pharmacia, do posto de desinfecção.

E como os contagios da doença tuberculose são mais faceis de isolar do que outros,—o grande edificio onde devem ser recebidos os tuberculosos e todas as installações dos serviços geraes, occupando um espaço de perto de vinte mil metros quadrados, constituem uma secção do hospital, separada, por um muro e gradeamento, da parte destinada a ter só os doentes mais contagiosos.

SECÇÃO DE TUBERCULOSOS

O edificio destinado para receber 212 tuberculosos, é o unico para que se aproveitou alguma coisa da construcção do velho recolhimento. Pouco foi; apenas algumas das suas paredes.

Tem este edificio, que é formado por tres alas, tres pavimentos sobrepostos: o primeiro e o segundo para clinica medica e cirurgica de homens e o terceiro para clinica medica e cirurgica do sexo feminino, havendo em ambos estes ultimos enfermarias para creanças.

Todas estas enfermarias teem abundantes janellas oppostas, por onde entra muita luz e muito ar.

A ventilação é ainda reforçada por duas series de ventiladores,—uma proxima do chão e a outra proxima do tecto.

Paredes lisas e envernisadas de meio para baixo, de facil desinfecção;—angulos arredondados para que se não juntem poeiras.

O mobiliario é simples, elegante e confortavel.

Leitos de ferro, colchões de rede metalica armada em ferro sobre os quaes assentam colchões de lã. Para cada doente uma banca de cabeceira, de ferro, movel elegante com acommodação para os objectos de uso individual e privativo de cada doente: garrafa d'a-

gua, escarrador, escova de dentes, pentes, toalha etc. Cada doente tem a sua cadeira.

Para os serviços de enfermaria aparadores de *pitch pine* com tampo d'ardosia, e mezas nas salas.

Sobre os moveis jarras das Caldas com flores, ornamentação que alegra a vista dos doentes e que a administração mandou pôr tambem nas enfermarias que se vão renovando em todos os hospitaes.

olhos se encaminham, illuminado com os tons que mudam com a posição do sol e os accidentes do céo, movimentado constantemente pelo comboio que passa, pelo carro electrico e pelas carruagens que distantes rodam nas avenidas, pelo labutar dos cultivadores das terras proximas, tudo a distrahir a concentração natural do espirito de cada doente na contemplação dos seus proprios males.

Na diligencia de levantar o animo dos doentes está tambem estabelecido no regimen do hospital que a estes elementos naturaes de distracção, se juntem jogos variados, livros para leitura, estampas etc.

OBRAS PARA O NOVO HOSPITAL DE SANTA MARTHA

É do regimen do hospital que as enfermarias sejam, quanto possivel, só dormitorios dos doentes e n'ellas permaneçam durante o dia apenas os doentes que não possam levantar-se das suas camas.

Em annexos fóra das enfermarias e nos seus topos estão os lavabos e retrtetes. Abrem as enfermarias para largas varandas descobertas e terraços envidraçados, de paredes em grande parte moveis para que o ar circule na quantidade em que se quizer, onde os doentes passarão o dia e onde tomarão as suas refeições.

N'estes terraços, alem da luz e do ar puro e agradavel que se respira, a vista dos doentes tem com que se alegrar e o espirito tem com que se distrahir constantemente. O panorama é o que descrevemos cercando a area do hospital, variavel com a direcção em que os

N'estes terraços abrem elevadores que trazem a comida e as loiças da cosinha.

As loiças são d'aluminio fabricadas no Porto. Os talheres e as roupas são tambem de fabrico nacional.

No pavimento inferior do edificio se encontram casas de banhos, residencia de medico, pharmacia, habitação do fiscal, sala da administração, residencia do pharmaceutico e do chefe dos machinistas, sala de desinfecção dos empregados, dispensa, arrecadação dos fatos dos doentes.

Termina o edificio com a egreja, que se conserva tal como era no tempo do recolhimento.

RUA CENTRAL DOS PAVILHÕES — AO FUNDO A RESIDENCIA DO FISCAL E EMPREGADOS

—Bonita egreja um tanto original na sua ornamentação. Uma orla de antigos azulejos veste a base das paredes; todos os apostolos representados em relevo, se enfileiram no alto. O tecto todo de quadros em relevo é realmente formoso. Abre a egreja para a rua e com essa disposição se conserva, porque ahi é seguida a pratica adoptada em todos os hospitaes, de offerecer ao publico a missa hospitalar. Para os doentes são reservados os côros, sendo assim o publico que concorre defendido dos contagios.

SERVIÇOS GERAES

A seguir e contiguo é o edificio de habitação dos empregados.

Nas horas de folga e nas de repouso, teem estes benemeritos do trabalho a sua habitação propria, cada qual com seu aposento, e com uma sala em commum onde á vontade podem conviver.

Vivenda salubre onde irão retemperar as forças do corpo e as do espirito para o desempenho da sua difficil e perigosa missão.

Melhoramento este que por primeira vez apparece nos nossos hospitaes.

Mais além, em outro edificio, residencia de serventes e de machinistas, tendo no topo uma vasta casa para o automovel que executa todo o serviço de transportes necessarios no hospital,—modo de tracção que agora se inicia nos nossos hospitaes.

Destacando-se, ao lado dos jardins, levanta-se um edificio que tem em um dos extremos as installações de desinfecção de todos os objectos d'uso hospitalar, pela agua fervente, pelo formol e pelo vapor d'agua em pressão na estufa.

É este singelo edificio o centro vital de todo o complexo organismo que é aquelle grande hospital; de grandes caldeiras partem, como arterias, tubos que se ramificam para conduzir o vapor que vae aos caldeiros da cosinha coser os alimentos, que sobe a todos os andares a aquecer os banhos, que penetra na pharmacia para esterelisar objectos de penso e outros e produzir agua destillada, que entra nas installações de desinfecção a purificar as roupas e utensilios matando os microbios, que põe em movimento as machinas geradoras da electricidade, que, percorrendo uma extensa rede de fios, dá luz a todo o hospital durante a noite.

Para o lado do norte do grande edificio, em suave declive, sobe extenso parque em cujo extremo é fechado um grande recinto com todas as installações precisas para a execução dos serviços mortuarios.

Cercado por matta d'eucalyptos e cedros

n'um só edificio se reunem todas essas installações, tendo uma capella privativa, elegante no aspecto geral, de architectura simples e de ornamentos singelos.

Este recinto é completamente isolado do hospital pela distancia a que se encontra e pela vedação de muro e grade que o circumscreve.

Logo após o fallecimento, os cadaveres são para ahi conduzidos e d'ahi sahem por uma porta especial directamente para o cemiterio, desinfectados e preparados por forma a não ser perigoso para a população o seu percurso pelas ruas da cidade.

No caminho que conduz da entrada principal do hospital para o recinto mortuario, encontram-se duas outras edificações, das quaes uma logo á esquerda é destinada para o serviço externo do hospital.

É que alem de ser esse edificio, por assim dizer, a ante camara de todo o hospital onde são recebidas as pessoas estranhas aos serviços internos, a administração cuidou tambem em tornar a instituição prestante aos habitantes d'aquella região, distanciados como se encontram dos centros onde podem ser soccorridos. Os accidentes de momento e os desastres do trabalho ahi encontrarão soccorros immediatos,—os pobres encontrarão ahi tambem o beneficio da consulta gratuita.

Tão afastado fica este pavilhão dos focos de contagio, que nada ha a temer para as pessoas que ahi entrem; tamanho rigor e segurança ha sob este ponto de vista que no extremo d'esse edificio está collocada a sala de operações cirurgicas.

Mais alem um chalet d'aspecto elegante e pittoresco é destinado para o pessoal que tem de desempenhar o serviço de jardinagem. Completamente isolado de todas as enfermarias, sem perigo pessoal os trabalhadores se occuparão da cultura das terras.

Ainda dentro d'esta secção, junto á porta que dá transito para a outra secção, em um pequeno edificio se construiu o forno onde são diariamente reduzidos a cinzas os despojos hospitalares, as varreduras, artigos de penso servidos, objectos inuteis. Coisa alguma d'essas sahe para a rua;—a carroça municipal do lixo não entra a porta do hospital. Por mais este motivo o hospital deixou de ser perigoso para os habitantes da cidade. É este o regimen adoptado pela actual administração nos outros hospitaes.

SECÇÃO PARA DOENÇAS MAIS CONTAGIOSAS

D'esta primeira secção se passa para a immediata, que é destinada ao tratamento das doenças mais contagiosas, bexigas, sarampos e todas as que, pelo seu desenvolvimento, são susceptiveis de constituirem epidemias. Ahi está tudo disposto para serem mantidos no mais rigoroso isolamento os doentes recolhidos, como é mister.

Por isso todos os serviços geraes, cosinha, pharmacia, machinas etc. se acham concentrados na primeira secção. Na 2.ª só existem as enfermarias dos doentes e as habitações dos empregados que teem a seu cargo o seu tratamento. Os empregados dos serviços geraes não teem que entrar nas enfermarias que assim se conservam em rigoroso isolamento.

As relações externas do hospital, quer com os outros hospitaes quer com o publico, são mantidas sem aproximação alguma dos fócos de contagio. Na primeira secção se prepara tudo; na segunda se recebe apenas o que alli foi preparado. Um carro automovel em constante circulação faz os transportes dos objectos que são recebidos á porta de cada pavilhão pelos empregados ahi internados.

Tratado tudo com rigorosa obediencia aos principios de hygiene e de prophytaxia, todo o serviço se executa sem perigos.

EMFERMARIAS EM PAVILHÕES SEPARADOS

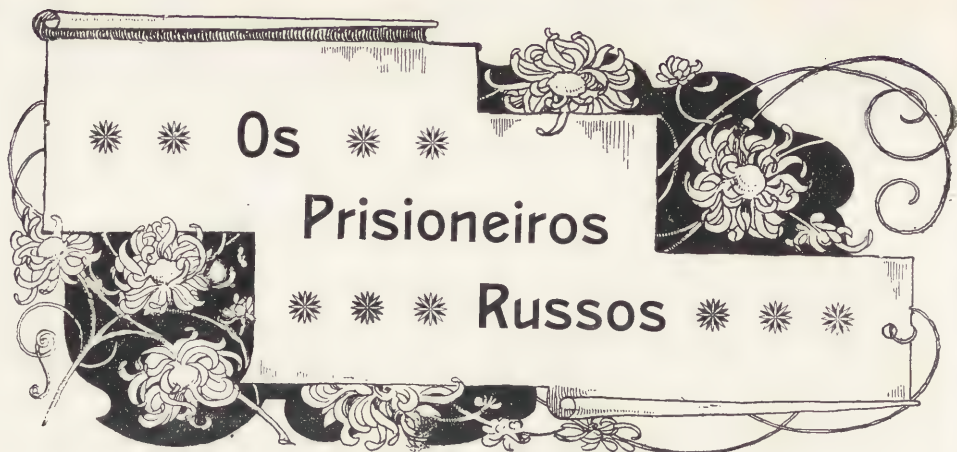
Para se manterem os isolamentos ha vinte pavilhões, distribuidos em series paralellas e bem distanciados uns dos outros;—cada pavilhão tem uma enfermaria e suas dependencias;—em cada um é tratada uma especie de doenças contagiosas. Cada enfermaria tem junto uma grande sala, onde os convalescentes passam o dia.

Dentro de cada pavilhão só entra quem tem de se occupar do tratamento dos doentes, e essas pessoas soffrem rigorosa desinfecção quando d'ahi sahem. N'essas enfermarias só estão os empregados precisos para o serviço e durante o tempo que esse serviço lhes pertence.

Para sua residencia ou para as horas de descanço são destinados dois edificios espaçosos, com optimos quartos e excellentes condições hygienicas. Em duas series parallelas, separa-

das por uma larga rua, são dispostos os pavilhões com accomodação para 33 camas cada um, 7 de cada lado.

Em outras duas series lateraes de 3 pavilhões cada uma, são callocados 2 de 15 camas e 4 de 6 camas, destinadas para os casos em que o diagnostico da doença ainda não é claro e precisa de tempo d'observação para se definir, e para os casos esporadicos que se apresentem solitarios ou em pequeno numero.

São muito espaçosas, arejadas e illuminadas as enfermarias. Esta condição junta ás do rigoroso isolamento garantem solidamente o exito do tratamento das doenças contagiosas, sem espalhar contagios.

Tem esta secção um portão especial para a rua, por onde se faz o movimento dos doentes e unicamente o transito dos empregados d'esta secção. Assim distribuidos os serviços, a policia sanitaria encontra grande facilidade em fazer cumprir com plena efficacia os seus dictames.

A largos traços eis o que é o novo hospital com que acaba de ser dotada a capital e tambem o paiz. A sua construcção era uma necessidade desde longa data reconhecida e muito reclamada, agora satisfeita no curto espaço de dois annos.

A obra foi executada pela commissão que tem a seu cargo a remodelação dos nossos hospitaes civis, composta do enfermeiro-mór, do engenheiro Luiz de Mello Correia e do secretario de administração dos hospitaes Dr. José Teixeira Gomes.

É o resultado da conjugação das duas technicas,—a medica e a de construcção—que, ligadas sempre no mais perfeito accordo, passo a passo foram realisando as aspirações á perfeição do fim a que todo aquelle trabalho era destinado.

Se a utilidade do novo hospital é grandissima para as occorrencias de todos os dias, maior a torna o ser uma reserva de alojamentos sempre promptos para o caso de desenvolvimento de qualquer epidemia.

Curry Cabral.

CHALET DE JARDINAGEM — INSTALLAÇÃO MORTUARIA

Novamente honra e opulenta os SERÕES com a sua preciosa collaboração um dos mais delicados espiritos que actualmente resplendem nas letras portuguezas. Para accentuar o papel representado no mundo da arte por Wenceslau de Moraes, urge crear um suggestivo neologismo, que corresponda ao epitheto barbaro de nipponophilo. Effectivamente, é pela sua ternura suavissima pelas cousas do Japão, pelo amor com que as descreve e as commenta, que Wenceslau de Moraes compete, em muitos pontos com vantagem, com o afamado Loti. Marinheiro e artista como elle, excede-o decerto na espontaneidade graciosa de sentimento, na desartificiosa sinceridade que reçuma de toda a sua elegante prosa.

Depois do interessante artigo publicado no nosso numero 6 sobre o culto de Sua Excellencia a Lua no imperio do Japão, envia-nos o illustre escriptor o presente artigo, de uma actualidade flagrante, sobre o destino e as vicissitudes dos desventurados prisioneiros russos internados no paiz inimigo. Todas as suas brilhantes qualidades litterarias ahi se accentuam indelevelmente, sobretudo a misericordia para com esses enjeitados da patria, á mercê dos temporaes politicos. E ao mesmo passo que de longe lhe rendemos effusivas graças pela valiosa cooperação da sua penna, egualmente lhe agradecemos a excellente documentação photographica com que nos brindou.

A guerra russo-japoneza, que tão estupendos resultados nos veio offerecendo, durante o seu longo periodo de accesa carnificina, reservava-nos para o fim, depois de assignada a paz, mais um capitulo pungente, mais uma extraordinaria surpresa, sem parallelo nos exemplos da historia,—a horda dos prisioneiros russos, nas tristes condições em que se encontram.

O Japão recebeu no seu solo cerca de setenta mil prisioneiros russos, — officiaes, soldados, marinheiros, — vindos de Porto-Arthur, vindos da Mandchuria, vindos de Saghalien, vindos das esquadras desbaratadas; distribuindo-os por varios depositos, espalhados em todo o Imperio. Assigna-se a paz, chega a hora de dar liberdade a esta chusma; e é então que começa definindo-se a estranheza da sua situação. Estes setenta mil vencidos acham-se como que fóra do direito das gentes, ninguem os quer, constituem um tremendo empecilho, para o Japão — claramente, — e tambem para a propria Russia, — o que é menos claro; — e quantas vezes já, nas mysteriosas secretarias dos dirigentes, em S. Petersburgo, não se haverão proferido meias phrases significativas, acompanhadas de sorrisos amarellos, lamentando que a metralha do vencedor não os tenha tambem prostrado no campo de batalha ou submergido com as carcassas dos navios em chammas, de mistura com os outros—tantos!—que desappareceram em taes crises!...

Já começou o exodo. E basta a gente relancear estes enxames que se vão, grotescos no aspecto dos seus variados uniformes e dos seus differentes andrajos de phantasia, para colher a impressão de não sei que catastrophe social que pesa sobre elles. É que em todos

ESTES ENXAMES QUE SE VÃO, GROTESCOS NO ASPECTO DOS SEUS VARIADOS UNIFORMES E DOS SEUS DIFFERENTES ANDRAJOS

os rostos, em que se esperaria divisar a alegria mal contida de quem diz adeus ao captiveiro, de quem pensa já nos aspectos familiares da patria, no conforto do lar e nos carinhos dos amigos, estampa-se pelo contrario uma imbecilidade nostalgica, ou uma apprehensão dolorosa, ou uma crispação de colera.

Em todos estes ex-captivos, medra latente o vulcão do descontentamento e da revolta. Elles sabem muito bem que nem os chefes militares nem os altos dirigentes do Estado confiam na sua lealdade: e adivinham a rude existencia que os espera e quantos mil obstaculos se levantarão para impedir-lhes o regresso ao solo patrio, não havendo seguramente desejo, por parte de quem manda, em reforçar as fileiras dos rebeldes. Alguns adivinham coisas peores ainda...

Ora, como se impõe á Russia a imperiosa necessidade de dar immediato destino a estes seus setenta mil filhos, dá-lhes, a todos ou a uma grande maioria d'elles, a Siberia como nova patria. Que alli vivam, que alli morram, divorciados das familias, em regiões inhospitas e improductivas; que dêem largas ao desespero, ao odio, se quizerem, devorando-se uns aos outros, como feras no encerro; mas que deixem em paz — se em paz está — a população dos centros europeus do grande Imperio... A questão ainda se simplifica: muitos milhares d'estes soldados e d'estes marinheiros entregaram-se voluntariamente ao inimigo, uns por serem judeus, outros por serem polacos, outros por qualquer outro motivo; e a estes, bem conhecidos dos generaes, — espera-os um summario conselho de guerra, meia duzia de balas no corpo, a seguir a cova no solo barbaro da Siberia, sobre a qual, pela noite, os ursos virão cantar responsos funebres...

O Japão, o Japão! A terra gentil e amena do vencedor, toda cheia de paizagens verdes, e onde abundam o vinho de arroz e as mulheres cariciosas!... Para mais, paira no ar um não sei quê de felicidade perenne, que chega a todos, aos ricos como aos pobres... Elles, os setenta mil prisio-

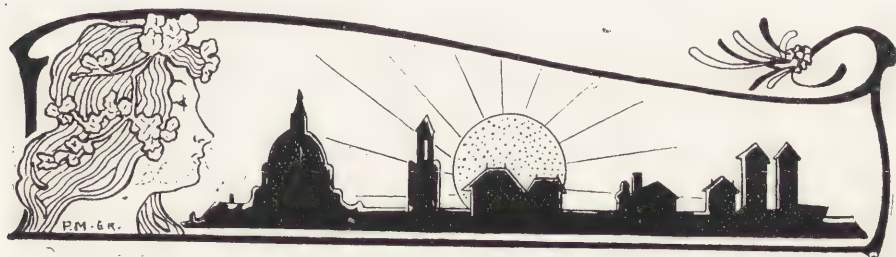
neiros de guerra, bem pensaram já n'este paraiso, onde viveram longos dias de desterro, que desejariam se prolongasse para sempre. Dez mil pelo menos, pediram para serem naturalizados japonezes.

Mas o Japão não os quer, nem poderia querel-os; concluida a paz, empurra-os para fóra. A Russia bem desejaria tambem repudial-os, mas não pode proceder assim, sob pena de lavrar, pelo proprio punho dos seus dirigentes, um enormissimo escandalo historico. «Vinde, pois, meus filhos...» e manda transportes ao Japão, para conduzil-os a Vladivostok. A bordo de dois dos primeiros transportes que partiram, a soldadesca revoltou se logo á sahida do porto de embarque. Uma outra chusma, que chegou ao seu destino, assassinava logo após, n'um café de Vladivostok, alguns dos seus officiaes, companheiros de captiveiro.

ASSISTIMOS AO DESFILAR D'AQUELLES QUE SE VÃO CAMINHO... NÃO SEI D'ONDE

Eis os varios commentarios que nos inspiram os ex-prisioneiros russos, aos que vivemos no Japão e assistimos ao desfilar d'aquelles que se vão, caminho... não sei d'onde.

Kobe, dezembro de 1905.

WENCESLAU DE MORAES

DE UMA SANGUINEA DE A. CARNEIRO

NALY

As almas são como as flores,
que adornam os nossos dias:
— umas só dão alegrias,
outras só semeiam dores.

Ás vezes no mesmo horto
cresce a myrrha e a mancenilha.
Feliz de quem, como filha,
semeia o bem e o conforto!

Naly é a flor da graça,
da modestia e da harmonia:
esparge luz e alegria
por toda a parte onde passa.

No lar é a ordem, o tino,
dos paes gazalho e guarida:
sempre a bondade, na vida,
foi um balsamo divino!

Glorias vãs, bens sem valia,
despreza-as, trata-as de resto,
basta-lhe do lar modesto
a modesta mediania.

* * *

Por isso tanto lhe quero,
da minha alma grata e amiga,
ao ver a tempera antiga
no seu caracter austero.

Nenhum ruim pensamento
embacia—astro divino!
o seu olhar crystalino
que é da cor do firmamento.

E feita de obediencia
e amor a sua ternura;
e a sua pupilla é pura
como a sua consciencia.

O seu riso alegre e franco
é como um lirio florido!
Se flôr houvesse nascido,
era mais um lirio branco!

A tudo se amolda e ageita,
tudo enflora e espiritualisa...
Não ha consciencia mais lisa,
não ha alma mais perfeita.

Gasta o lavrador a vida
no rude amanho da terra:
porém quando os olhos cerra
deixa-a ridente e florida.

Feliz quem, em vez dos cardos
que eriçam o solo inculto,
vê no chão por elle culto
brotarem lirios e nardos

* * *

Feliz o pae, de egual sorte,
que, ao termo dos seus martyrios,
deixa o lar florindo lirios,
quando entra as portas da morte!

Ha o que vive a contento
na mais obscura pobreza;
outro cria na riqueza
o seu mal e o seu tormento

Feliz quem a si se basta
e em si thesouros resume...
Naly tem luz e perfume
na sua alma forte e casta.

Parede, 9 de março de 1902.

CHRISTOVAM AYRES

VISTA GERAL DO RIO DE JANEIRO

A nova Paris da America do Sul

Actuaes transformações e embellezamentos do Rio de Janeiro — Uma das mais encantadoras cidades do mundo

O Rio de Janeiro passa neste momento por uma transformação assombrosa. Quem daqui sahiu ha um anno e agora volta, julgando encontrar ainda o «eixo» da grande avenida, inaugurado em novembro de 1904 e então resumido a uma aberta tortuosa e lugubre, furando e alongando-se entre as ruinas do casario demolido, chega áquelle ponto da rua do Ouvidor em que a velha rua dos Ourives vinha fazer esquina, e solta uma exclamação de deslumbrado, estarrecido espanto. Por alli fóra, dum lado e outro estende-se uma larga calçada de parallepipedos unidos, tão regularmente casados que formam uma lisura de soalho, por onde as carruagens rodam serenamente, sem ruido, e, á noite, os rapazes do antigo Rink vem deslisar, bamboleantes e languidos, sobre os seus patins; uma fila de postes electricos, de tres focos, corre pelo meio, a perder-se de vista, num afastado reverbero côr de perola; e, dos lados, ha ainda, a curta distancia uns dos outros e ardendo por cinco bicos Auer de rutilante energia, os combustores de gaz, pesadões como trambolhos ao lado de toda aquella electricidade, mas como se não sentissem, tal a alegria da sua luz dourada, o vexame do seu anachronismo.

E as casas, os soberbos e airosos palacetes, que á esquerda e á direita se levantam, já concluidos, já com a ultima demão nas fachadas, já occupados por lojas de modas, armazens de atacado, chapellarias, cafés, jornaes, companhias de seguros! Onde, ha mezes apenas, tudo eram destroços, traves e pilares pelo chão, pedaços de parede á espera do ultimo golpe do camartello, montões de taboas velhas, montões de entulho — tal descalabro, emfim, e tão ruinoso aspecto, que houve viajante que perguntasse se aquillo estava assim desde os bombardeamentos da revolta de 93 — enfileiram-se

agora duas idas de construcções modernas, de alto cunho artistico, do mais bello gosto architectonico, da mais variada e encantadora propriedade de estylos e de tons, dando a quem de repente alli desemboque—ou tenha subido pela rua Sete de Setembro, estreita como um becco e fedendo á cebola dos armazens de seccos e molhados, ou pela da Alfandega, com as suas tradicções de respeitavel via commercial, ou mesmo pela nobre e opulenta rua do Ouvidor, a «grande arteria» da politica e da moda — a impressão atordoante de outra terra, outro paiz, outra gente, outra civilisação.

O Rio de Janeiro faz agora lembrar um taciturno velhote, escalavrado e tolhido, vergando ao peso dos trabalhos, entregando a face ao sulco fundo dos desenganos — e que, de repente, encontra no seu caminho, cascateando e toda se offerecendo ao desespero dos seus olhos, um farto manancial da agua maravilhosa de Juventa. Dá um passo, alonga os labios, numa ancia, para o liquido crystallino que o deslumbra, lhe promette a resurreição das forças e a volta das illusões; e sorve, sorve á pressa, com uma sofreguidão em que ha o goso do liquido restaurador e ao mesmo tempo o pavor de que elle subitamente deixe de derivar, por uma pirraça mythologica — ou politica... E, então, emquanto por entre os seus labios corre, generosa e inebriante, a lympha da energia e da graça, vae-se o seu corpo de gigante recompondo e embellezando, conquistando uma alma nova e chamando outra vez a si todas as forças perdidas... E essa resurreição esplendida por toda a parte se manifesta: no viço e no perfume dos jardins que rebentam onde, ha mezes, o capim assolador afeiava as praças abandonadas; na soberbia dos altos edificios que se levantam do terreno dos casebres arrasados; na magnificencia dos caes que suffocaram o espreguiçamento molleirão das ondas sujas; e na garridice da Avenida á beira-mar, que já por toda a velha praia de Botafogo faz faiscar ao sol a areia dourada do seu macadam e ao longo da qual, por uma predilecção de luxo e elegancia só agora estabelecida, passam, nestas primeiras noites dum verão que tão aspero se annuncia, selectos ranchos em *toilettes* claras, palrando e refrescando na visinhança do

DR. RODRIGUES ALVES
PRESIDENTE DA REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL

mar, cyclistas esbaforidos e tesos cavalleiros, breaks, victorias, automoveis.

E agora se trava a luta de rivalidade—fecunda, grandiosamente fecunda! como dizia o Conde de Gouvarinho— entre as duas Avenidas, a que atravessa a cidade e a que acompanha o littoral; a Avenida da União que tem por padrinho o ministro Dr. Lauro Müller e a Avenida Municipal, a que o prefeito Dr. Pereira Passos dá todo o cuidado e carinho dum extremoso pae, a rever-se e a enternecer-se na sua obra; a Avenida commercio, hygiene, civilisação e a Avenida passeio, luxo, embellezamento; a Avenida Central e a Avenida á Beira-Mar. A esse combate glorioso, assiste, sorrindo ora a este ora áquelle gladiador, o Dr. Rodrigues Alves, presidente da Republica; e, á volta, o povo enthusiasmado, o povo maravilhado de ver que tanta coisa se fez em tão pouco tempo e já

convencido—porque ao principio desconfiava, torcia o nariz, abanava a cabeça no mais sombrio dos scepticismos—finalmente convencido de que a sua cidade vae ficar um brinco e disputar a Buenos Aires o sceptro e o throno de rainha da America do Sul, applaude e levanta vivas, cae em contemplação, de novo se arrebata, esfrega os olhos com medo de estar sonhando e torna a berrar de jubilo, e só se sacode do seu extase para recomeçar as suas aclamações.

Quando a primeira vez lhe disseram que ia ver o Pão de Assucar da rua do Ouvidor (os *brazileiros* dahi comprehenderão este cumulo) o bom povo que não gosta de caçoadas, escandalisou-se seriamente e quasi levou os dedos á bocca, para vaiar tão inverosimil carapetão. Pois viu-o, lá ao longe, de sentinella á Barra e não apenas da rua do Ouvidor, muito mais de traz, da estação de barcos da Prainha — porque a Avenida Central, rasgando a cidade pelo meio, estendeu essa recta de mar a mar! Viu-o tão distinctamente como eu estou vendo estas tiras de papel; e, desde então, acreditou em tudo, teve confiança em tudo, esperou tudo e não mais cessou de embasbacar e de se manifestar. Agora, anda dum lado para o outro, curioso e frenetico, a observar a faina colossal, a acompanhar todas as innovações que vão surgindo; acode a todas as inaugurações, comparece a todas as pedras fundamentaes, reune-se em magotes enthusiastas, deante de cada predio que se vae libertando do seu andaime. E compara-os, analysa-os, faz critica: o edificio do *Paiz*, imponente e magestoso, no qual o architecto Morales de los Rios esgotou todo o seu saber technico e toda a sua imaginação de artista; a casa de flores Rosenvald, graciosa como um jardim de luxo, trabalhada como uma renda; o *Bastidor de bordar*, decorado pelo magistral pincel de Henrique Bernardelli; e outros predios monumentaes ou simplesmente bellos, que se levantam, um a um, na nova cidade cheia de esplendores...

Quem não concorda com o povo é o Conselheiro Andrade Figueira que pelos *A pedido* do *Jornal do Commercio* vem de tempos a tempos resmungar a sua incondicional reprovação a tudo O Conselheiro Andrade Figueira é monarchista; e, já no tempo da monarchia, se salientava pelo seu intran-

O VELHO RIO DE JANEIRO — A RUA DO OUVIDOR

OS IRMÃOS BERNARDELLI—O ESCULPTOR E O PINTOR

sigente amor a todas as tradições; pertencia ao partido conservador, guerreava as concessões ao liberalismo e ainda hoje conserva as suas opiniões militantes de escravocrata. *Os cidadãos moleques,* como elle um dia os dominou, ficaram-lhe atravessados na garganta, para sempre. Agora, os artigos ineditoriaes em que desabafa o seu descontentamento, atacam Ministros e Prefeito, accusando-os do esphacelamento da cidade e ameaçando-os com tal descalabro financeiro que, no seu modo de ver, já a bancarrota se annuncia e já a Europa prepara os seus canhões, para vir ás aguas da Guanabara, cobrar a divida do Brazil pelo mesmo systema de violencia e vexame infligido á pobre Venezuela.—E, isto, para quê? pergunta o articulista implacavel aos leitores do *Jornal.* As ruas do Rio de Janeiro devem ser estreitas, o mais estreitas possivel; o saneamento é uma leria; dantes, não se pensava em nada disto e vivia-se perfeitamente; o Brazil prosperava; o cambio mantinha-se a 27; a nação era grande e respeitada pelas outras nações! — Tão

O NOVO RIO DE JANEIRO — ASPECTO DA AVENIDA CENTRAL

O NOVO RIO DE JANEIRO — AVENIDA CENTRAL — AO FUNDO, AVISTA-SE O PÃO DE ASSUCAR

O NOVO RIO DE JANEIRO — OUTRO ASPECTO DA AVENIDA CENTRAL

cerrada e irrespondivel argumentação, tornou-se, na sua penna que a repete sempre, inexgotavel; e não se julgue que passa dalli para o cesto dos papeis, inteiramente despercebida e sem applauso. Ha quem concorde com o Conselheiro Figueira, quem pense como elle na ruina do paiz, quem se dôa de todo esse dinheiro esbanjado, como se elle lhe sahisse das proprias algibeiras; quem chegue a odiar o ministro e o prefeito por esta febre de reformas e de aperfeiçoamentos.

Os senhores proprietarios, por exemplo. Os senhores proprietarios andam desesperados. Acham os ultimos im-

O NOVO RIO DE JANEIRO — A AVENIDA Á BEIRA MAR — PRAIA DO BOTAFOGO — VISTA TIRADA DO LADO DO MAR

O NOVO RIO DE JANEIRO—AVENIDA Á BEIRA MAR—PRAIA DO BOTAFOGO—VISTA DO LADO DE TERRA

postos uma extorsão e um insulto — como se os alugueres em que actualmente levam ao cidadão metade do seu ordenado não fossem tambem um insulto e uma extorsão — olham o dia de amanhã com um pavor de condemnados á ultima miseria; o que, porém, inteiramente lhes faz perder a cabeça e arrancar desta os ultimos cabellos, são as medidas de bota-abaixo do Dr. Passos, o prefeito terrivel. Quando se trata de alargar uma rua, retirar de certo ponto um velho casarão, uma *estalagem* (nome que aqui se dá ás *ilhas* do Porto), o nosso Marquez de Pombal, como já um adulador lhe chamou, não olha á raiva nem attende aos prantos dos excellentissimos donos dessas fealdades ou dessas podridões. Uma intimação secca ordena a mudança, a demolição, a limpeza; e, quando o intimado não obedece logo ou tenta pôr embargos á medida expedita, emquanto elle corre a requerer de um juiz o famoso «mandado de manutenção», o pessoal da Prefeitura arremette, com alviões e picaretas e, antes que o magistrado rabisque a sua firma, destelha, arromba, despeja, arrasa.

Arbitrariedade! prepotencia! despotismo! bradam os abastados proprietarios, levando as mãos afflictas á pansa, como se contra ella se houvesse assestado o camartello prefeitural. Mas é tarde, está feito. Nas secções livres dos jornaes, os advogados dos senhores proprietarios clamam e barafustam, appellando para o presidente da Republica; o Dr. Rodrigues Alves sorri; e fiado nesse estado de coisas, já outro dia o illustre escriptor sr. Carlos de Laet annunciou para muito breve – o quê, meu Deus?— a restauração da monarchia!

Entretanto, o povo regala-se de olhar para a sua nova cidade e revela uma satisfação sem limites. Ah, o povo, coitado, não possue predios, não é dono dos casebres em que mal respira, nem dos *cortiços* onde se amontoa, anda positivamente num sino. E, como unica apresentação e unico programma deste novo collaborador dos *Serões*, limito-me á honra de declarar aos seus leitores que pertenço, de corpo e alma, a essa numerosa classe, obscura, pauperrima e contentissima que se chama — o povo!

João Luso.

SUMMARIO DOS CAPITULOS I E II

Benita Clifford, que se dirigia á Africa a bordo do paquete ZANZIBAR afim de se reunir a seu pae em Durban (Natal), tem por companheiro de viagem Roberto Seymour, o qual se enamora d'ella. Seymour conta como encontrou o pae d'ella e Jacob Meyer em Bambatse, no interior de Africa, onde se suppunha existir um valiosissimo thesouro escondido. A declaração do seu amor é interrompida, quando ella está para responder, pelo naufragio do paquete. Seymour salva com grande difficuldade Benita, desfallecida por um ferimento na cabeça, mettendo-a dentro d'uma lancha.

CAPITULO III

Como Roberto chegou a terra

o logar do *Zanzibar*, uma enorme cova no meio do oceano, onde fervilhavam as aguas e appareciam e desappareciam objectos negros.

—Quietos, se querem viver!—disse o immediato em voz serena—não tarda ahi o remoinho.

E não tardou, puxando-os para baixo a ponto de a agua escorrer por sobre as bordas da lancha, e para traz direitos ao sorvedouro. Mas antes que elles lá chegassem, o pégo digerira a preza e voltava á calmaria, apenas turvado por grandes bolhas de ar que em derredor d'elles rebentavam e uma ondulação complexa e fora do natural. Por então, estavam salvos.

—Passageiros—exclamou o official—vou fazer-me ao mar até romper o dia. Pode ser que se nos depare por ahi algum navio, ao passo que, se teimarmos em remar para terra, é quasi certo que nos vamos desfazer em cima das pedras.

Ninguem fez objecção; pareciam todos tão atordoados que nem podiam falar. Começaram a vogar, mas ainda não tinham vencido uma duzia de metros quando lhes surdiu pelo travez uma cousa negra. Era um troço de madeira, ao qual se agarrava uma mulher apertando uma trouxa ao peito.

Denunciou-se-lhe a vida, porque desatou a implorar em altos brados que a mettessem na lancha.

—Salvem-me! salvem o meu filho!—gritava ella.—Pelo amor de Deus, salvem-me!

Roberto reconheceu a voz quebrada de soluços; era de uma senhora ainda nova, com quem elle se dera bastante a bordo, e que ia mais o filhinho ter com o marido ao Natal. Alongou o braço e lançou mão d'ellas, mas o official disse gravemente:

—A lancha não pode com mais carga. Previno-o de que corremos serio perigo, se mettermos mais alguem cá dentro.

N'isto, os passageiros despertaram do seu assombro.

—Empurrem-na para fora!—disse uma voz—que se avenha como poder!

E estas medonhas palavras foram acolhidas com um murmurio de approvação.

—Pelo amor de Deus, pelo amor de Deus! —gemia a desgraçada, prestes a afogar-se, aferrando com desespero a mão de Roberto.

—Se tenta puxal-a cá para dentro, deitamol-o ao senhor pela borda fora!—tornou a voz.

E ergueu-se uma navalha como para lhe cortar o braço. O immediato falou então de novo.

—Essa mulher não pode embarcar na lancha, a não ser que alguem saia d'ella. Eu de bom grado o faria, mas é dever meu ficar. Ha ahi algum homem que queira ceder-lhe o logar?

Mas todos os homens, sete ao todo, alem da guarnição, penderam as cabeças e permaneceram silenciosos.

—Deixem-me passar—disse o official com o mesmo tom austero.—Ella já vae largar-nos.

Emquanto estas palavras lhe passavam pelos labios, Roberto pareceu viver um anno. Eis ahi estava a opportunidade de expiação para a sua vida ociosa e commodista. Uma hora antes, jubilosamente a agarraria, mas n'aquelle momento, n'aquelle momento! Com Benita desmaiada de encontro ao peito, e a sua resposta cerrada ainda no seu coração dormente? Mas Benita approvaria decerto uma morte como esta, e, ainda quando em vida o não amasse, aprenderia a amar-lhe a memoria. N'um instante, a sua tenção estava formada, e foi com grande rapidez que elle falou.

—Thompson,—disse elle para o immediato —se eu me for embora, jura tomar a bordo essa mulher e essa creança?

—Juro, sr. Seymour.

—Então vou eu. Se alguma das pessoas presentes viver, diga a esta senhora como eu morri—e apontou para Benita—e accrescente que o fiz, por estar convencido de que ella o desejaria.

—Fique descansado—retorquiu o immediato—saiba que para a salvar, farei tudo que estiver na minha mão.

—N'esse caso segurem Mistress Jeffreys, emquanto eu dispo o casaco. Quero deixar-lh'o para ella se cobrir.

Um marinheiro obedeceu, e com difficuldade Roberto libertou a mão.

Serenamente, estreitou Benita ao peito e deu-lhe um beijo na testa; em seguida deixou-a resvalar suavemente para o fundo da lancha. Depois despiu o casaco e com o maximo fleugma lançou-se por sobre a amurada para o mar.

—Agora—disse elle—puxem para dentro Mistress Jeffreys.

Assim se fez com certa difficuldade. Elle viu-a a ella e ao filho cahirem desmaiados no logar que elle deixara.

—Deus o proteja! É um valente!—disse Thompson.—Não me sahirá de memoria, ainda que eu viva duzentos annos.

Mas ninguem disse mais palavra; talvez que todos estivessem, desde logo, corridos de vergonha.

—Não fiz mais que o meu dever,—redarguiu Seymour de dentro de agua—A que distancia fica a terra?

—A cousa de tres milhas—bradou Thompson—mas agarre-se bem a essa taboa, aliás não vence com vida a rebentação. Adeus.

—Adeus—respondeu Roberto.

A lancha afastou-se d'elle e d'ahi a pouco desvanecia-se na superficie nevoenta do pelago.

Descansando sobre a tabua que salvara a vida de Mistress Jeffreys, Roberto Seymour olhou em roda de si e poz o ouvido á escuta. De quando em quando ouvia o grito debil e abafado de algum misero que se afogava, e á distancia de umas centenas de metros deu-lhe na vista um objecto negro que elle cuidou fosse um escaler. Se fosse, reflectiu que deveria estar atulhado. Alem de que, não lhe seria possivel alcançal-o. Não; a sua unica esperança estava em attingir a costa. Era excellente nadador, e por fortuna a agua estava tepida quasi como leite. Parecia não haver motivo que o impedisse de lá chegar, aguentado como estava com o cinto de salvação, se acaso os tubarões o deixassem em paz, o que era possivel em razão do sobejo mantimento que lhes fornecera o naufragio. O rumo a seguir sabia elle bem, porque no silencio amplo do oceano ouvia perfeitamente o troar da calema a rebentar na costa.

Ah! aquella arrebentação! Lembrava-se de terem estado, n'aquella mesma tarde, elle e Benita, a examinar, de binoculo assestado, como levantava nuvens de espuma de encontro ás asperas muralhas de penedia, e ambos extranhavam que tal força tivesse ainda com o mar calmo. Agora, se tivesse vida para lá chegar, estava sentenciado a defrontar-se com

«NÃO ME SAHIRÁ DA MEMORIA, AINDA QUE EU VIVA DUZENTOS ANNOS»

essa enorme força. Embora! quanto mais depressa o fizesse, mais depressa attingiria o desenlace, por uma forma ou por outra. Havia uma cousa que o favorecia: a maré que voltara e que puxava para terra. Pouco mais tinha a fazer, realmente, do que apoiar-se na tabua, que elle atravessara debaixo do peito, e ir-se dirigindo com o movimento dos pés. Assim mesmo foi avançando bastante, talvez perto de uma milha por hora. Poderia ir mais depressa se acaso nadasse, mas elle estava poupando as forças.

Extranha derrota aquella, sobre o mar silencioso, por debaixo das silenciosas estrellas, e extranhos foram os pensamentos que acudiram á alma de Roberto. Perguntava a si proprio se Benita escaparia com vida e o que diria ella. Podia porem ser que ella estivesse morta áquellas horas e que a breve trecho se encontrassem ambos. Estaria elle sentenciado á morte? Poderia o seu sacrificio expiar os seus erros passados? Tinha essa esperança, e ergueu aos ceus uma prece n'esse sentido, e por si proprio e por Benita, e mais por todas as malfadadas creaturas que antes d'elle haviam partido, arrojadas do bulicio dos prazeres para os antros da Morte.

Assim vogava elle, emquanto cada vez mais proximo recrescia o ribombante marulho, acompanhando os seus pensamentos desvairados e desconnexos, até que por fim surdiu já muito perto o que elle tomou por um tubarão, e no aperto da conjunctura varreram-se-lhe da mente todas as scismas. Reconheceu que era apenas um sarrafo de madeira, mas foi d'ahi a bocado que appareceu com effeito um tubarão, de que elle distinguiu perfeitamente a barbatana dorsal. Todavia, o voraz animal ou estava saciado ou receioso, por isso que, apenas Roberto gritou, chapinhando na agua, elle fugiu, e fugiu de vez.

Finalmente, Roberto penetrou na larga ondulação que precedia a arrebentação da terra. De repente, sentiu-se resvalar por uma ladeira suave, e sem esforço da sua parte viu-se arrastado para uma collina fronteira, de cuja crista dominou com a vista as linhas brancas de espuma, e alem d'ellas os contornos de uma costa escarpada e fusca. Um pouco á direita havia um ponto em que a espuma parecia menos densa e interrompida a linha dos penhascos, como se alli houvesse uma fenda. Para essa fenda dirigiu portanto a sua prancha, apanhando a vaga de esguelha, o que por fortuna a corrente lhe permittia fazer sem grande esforço.

Os valles eram cada vez mais cavados, e as cumiadas fronteiras empennachavam-se de espuma. Estava a contas com a arrebentação, e começava a lucta pela vida. Adeante d'elle precipitavam-se os vagalhões solemnes e tremendos. O espectaculo d'estes rolos do mar, presenciado de qualquer sitio seguro, é deveras terrivel, como pode testemunhar quem o haja visto d'esta costa ou da ilha da Ascensão. Imagine-se pois qual seria o seu aspecto para esse naufrago, amparado a uma simples prancha, vendo-os, como elle, á claridade mysteriosa do luar e n'uma soledade absoluta. Mas o seu espirito não succumbiu perante a temerosa emergencia; se tinha de morrer, morreria batalhando. Tinha arrefecido e estava fatigado, mas frio e cansaço desappareceram; sentiu-se quente e vigoroso. Da crista de uma das empinadas vagas, afigurou-se-lhe que a cerca de meia milha de distancia desembocava um riacho do centro da garganta, e para a foz d'esse riacho soltou elle o rumo.

A começo tudo correu bem. Era o mar que o levava; ia resvalando entre flocos de espuma branca. Até que foi augmentando o cavado da vaga, e a espuma começou a desfazer-se-lhe por sobre a cabeça. Roberto já não podia guiar-se; não teve remedio senão deixar-se ir ao sabor das ondas. Logo a seguir, de repente, entrou n'um barathro de aguas onde, se não fosse o cinto e a prancha, teria sem duvida perecido sem remissão. Assim, ora era atirado para as funduras do pego, ora emergia á flor de agua para ouvir um referver sibilante, e por cima de tudo um troar continuo como de grandes canhões — o marulho das vagas a quebrarem-se.

A prancha, torcendo-se no embate das ondas, era quasi arrancada ao seu aferro; elle porem agarrava-se a ella com desespero, embora as arestas lhe rasgassem os braços. Quando as ondas se quebravam por cima d'elle, sustinha a respiração, e quando nas curvetas o arremessavam aos ares, tomava de novo a respiração em anhelitos rapidos e fundos. Umas vezes sentava-se na crista de uma d'ellas como o faria um tritão; de outras, mergulhava como um golfinho, e, ao sentir-se desfallecer, os pés tocavam-lhe no fundo. D'ahi a instantes, rolou por esse fundo sentindo sobre si como um peso de montanhas. A pran-

cha escapou-se-lhe, mas a cortiça do cinto trouxe-o logo á superficie. A ressaca arrastou-o de novo para o pego, onde se sentiu desesperado e perdido, já sem forças para luctar contra o destino.

Foi então que veiu uma vaga formidavel, excedendo todas as que elle vira até então, d'essas a que os cafres da costa dão o nome de «mãe das ondas». Apanhou-o na sua enorme voluta verde. Arrebatou-o para deante como se elle não passasse de uma palha, atirou-o com violencia por sobre o espinhaço terrivel dos penhascos. Rebentou como um trovão, arrojando-o por cima das pedras, rolando-o com a sua irresistivel potencia, até que essa tremenda força se exhauriu tambem, e a espuma começou a retirar para o mar, sugando-o a elle juntamente.

Roberto, embora se lhe esvaisse a intelligencia, teve no emtanto tino bastante para perceber que, mais uma vez arrastado para o peirao, podia considerar-se perdido. Emquanto a corrente o ia puxando, aferrou-se ao fundo com as mãos ambas, e por misericordia divina empolgou o quer que fosse. Seria um tronco incrustado na areia ou um penhasco? Eis o que nunca veiu a saber.

Pelo menos era um objecto firme, e a elle se agarrou com desespero. A onda tremenda não se retiraria por fim? Tinha os pulmões a rebentar; mais um instante e teria que perder o aferro! Ah! a espuma ia-se adelgaçando; a cabeça já passava por cima d'ella; abalara finalmente, deixando-o em secco, tal como um peixe que desse á costa. Alguns momentos assim permaneceu, a arquejar, depois, olhando para traz de si, viu outra onda que avançava nas trevas. Forcejou por levantar-se, baqueou, ergueu-se de novo, e correu aos tropeções, fugindo da fera que lhe rugia no encalço. Ávante, ávante sempre, até estar fora do seu alcance, sobre a areia secca. Então as forças vitaes desampararam-no, e, com o sangue a escorrer de innumeras feridas, cahiu pesadamente de bruços e ficou immovel.

A lancha em que ficara Benita, muito mettida na agua, a custo vogava contra a maré, porque a turba dos passageiros embaraçava os remadores. Passado algum tempo, repontou uma aragem da terra, como acontece muitas vezes por volta da madrugada; e o immediato Thompson abalançou-se a içar a vela. Isto se fez com alguma difficuldade, por isso que teve de se arvorar e apparelhar o mastro, apesar do alarido das mulheres, quando o vento inclinou o fragil lenho a ponto que a borda estava quasi de nivel com a agua.

—Vae pela borda fora a primeira pessoa que se mecher!—bradou o official, e todos ficaram socegados.

Agora avançavam bastante para o largo, mas era grande a anciedade dos praticos, porque o vento mostrava tendencias para refrescar, e, se algum macareu lhe saltasse dentro a lancha sobrecarregada não teria grandes esperanças de resistir. Com effeito, d'alli a duas horas viram-se forçados a carregar a vela e a derivar com a corrente, emquanto não rompesse o dia. Thompson esforçou-se por lhes dar alento, dizendo que estavam agora na linha de derrota dos navios, e se não conseguissem avistar nenhum quando chegasse a manhã, elle correria pela costa abaixo até encontrar sitio livre de arrebentação onde podessem desembarcar. Se as suas palavras não inspiraram esperança, pelo menos acamaram-nos. Agachados n'um silencio torvo, espreitavam o ceu.

Finalmente o cariz foi-se aclarando, e logo, com uma subita explosão peculiar á Africa do Sul, ergueu-se o enorme disco rubro do sol, começando a dissipar a neblina da superficie do mar. D'ahi a meia hora, desapparecida ella, os raios esplendidos trouxeram vida nova aos corpos entorpecidos, e uns e outros se olhavam, a ver quem da triste companha estava ainda vivo. Pediram de comer, e distribuiu-se-lhes bolacha e agua.

Durante todo este tempo, Benita permaneceu inconsciente. Até um passageiro impiedoso, cujos pés tinham pousado n'ella como n'um tamborete, alvitrou que ella deveria estar morta e que melhor fôra atiral-a ao mar, afim de alliviar a lancha.

—Se atirar com essa senhora ao mar, quer esteja viva ou morta—disse Thompson cravando n'elle um olhar sinistro—irá fazer-lhe companhia, sr. Batten. Lembre-se de quem a trouxe aqui e de como esse homem pereceu.

Então o sr. Batten reduziu-se ao silencio, emquanto Thompson, de pé, perscrutava a amplidão dos mares. D'ahi a pouco segredou a um marinheiro que estava tambem de pé junto d'elle, o qual, depois de lhe seguir o olhar, respondeu com um gesto affirmativo.

—Deve ser o paquete intermedio da outra linha—disse elle.

E os passageiros, voltando a cabeça, viram ao longe, á direita, uma listra de fumo no horizonte. Deram-se ordens, largou-se a vela meio colhida, com um trapo branco qualquer atado por cima, e deitaram-se os remos fora. A lancha singrou de novo àvante, obliquando para a esquerda na esperança de interceptar o vapor.

Este seguia com terrivel rapidez, e elles, tendo algumas milhas a vencer, não se atreviam a largar mais panno com aquella briza. D'alli a meia hora tinham o paquete quasi enfiado na proa, e ainda estavam a uma distancia enorme. Largaram mais algum panno, que os impelliu pela mar fora com a maxima velocidade a que não era em extremo perigoso aventurarem-se. O paquete ia passando a umas tres milhas, e apoderou-se d'elles um torvo desespero. Então Thompson lançou mão de outro recurso; despiu-se sem cerimonia, tirou a camisa branca que vestira para o baile, e ordenou a um marinheiro que a atasse a um remo e capeasse com ella.

O vapor continuou a seguir, até que finalmente ouviram-lhe os sons da sereia, e perceberam que fazia proa para elles.

A ESPUMA COMEÇOU A RETIRAR PARA O MAR, SUGANDO-O A ELLE JUNTAMENTE

— Já deram por nós—disse Thompson— Dêem todos graças a Deus, porque o vento está refrescando. Arria a vela! já não nos é precisa para nada.

D'alli a meia hora, com muitas precauções, por isso que, como elle previra, o vento começava a levantar mereta e a enxovalhar a popa da lancha muito mergulhada, amarravam elles a um cabo atirado de bordo do paquete *Castle*, de tres mil toneladas, com destino ao Natal. Cascalhando de encontro ao casco, arriou-se a escada de quebra-costas, e alentados marinheiros foram-n'os arrancando um por um á morte de que haviam estado tão proximos. A ultima pessoa a ser içada, afora o immediato, foi Benita, que foi necessario cingir-se de um cabo.

— Vale a pena? — perguntou de cima o official, relanceando os olhos para aquella fignra inerte.

— Não sei dizer; mas espero que sim—redarguiu Thompson—chame o doutor.

E com toda a cautela Benita foi alada até á amurada do paquete, emquanto precipitadamente se acudia a chamar o medico, que ainda repousava no seu camarote.

O capitão do *Castle* estava na ideia de abandonar a lancha, mas Thompson oppoz-se, e afinal içaram-na tambem para dentro. Entretanto havia-se espalhado a noticia. Os passageiros do *Castle*, despertos do somno, revestidos de pyjamas, penteadores, e até mantas de cama, agglomeravam-se á roda dos miseros naufragos ou conduziam-nos caridosamente aos camarotes.

—Eu sou da Sociedade de Temperança— disse o immediato Thompson depois de fazer uma succincta narrativa ao commandante do *Castle*—mas ficava muito agradecido a quem me offerecesse uma dose de whiskey e soda.

E logo o serviram.

CAPITULO IV

O pae de Benita

Comquanto o choque recebido na cabeça fosse sufficiente para a privar dos sentidos durante tantas horas, o ferimento de Benita não era de extrema gravidade. O bloco da madeira ou fosse que objecto fosse, que lhe cahira em cima, tinha-lhe batido na testa de raspão, e não em cheio. A isso deveu, apezar das escoriações na epiderme e de uma contusão no craneo, ter escapado de qualquer fractura. Com apropriados cuidados medicos não tardou que recuperasse os sentidos, mas, como estava ainda muito aturdida e continuava a suppôr-se a bordo do *Zanzibar*, o medico julgou prudente conserval-a durante algum tempo n'essa illusão.

Por conseguinte, depois de ella tomar um caldo, ministrou-lhe um soporifero, cujos effeitos duraram até á manhã seguinte.

Voltou então a si completamente, e ficou admirada de sentir aquella impressão dolorosa na cabeça, que estava atada com ligaduras, e de ver ao pé de si uma mulher extranha apresentando-lhe uma tigela de caldo.

—Onde estou eu? Estarei sonhando?—inquiriu ella.

—Tome este caldinho, que eu já lhe conto —respondeu a creada.

Benita obedeceu, porque sentia apetite, e em seguida repetiu a pergunta.

—O seu paquete naufragou—disse a creada —afogou-se immensa gente, coitados! mas a senhora salvou-se n'uma lancha. Olhe para o seu fato; veja como está enxuto.

—Quem é que me levou para dentro da lancha?—perguntou Benita em voz baixa.

—Dizem que foi um sujeito que a embrulhou n'um cobertor e lhe poz um cinto de salvação.

Benita recordou-se logo de tudo que succedera antes que a escuridão a envolvesse —a pergunta a que não dera resposta, o par de namorados que estavam perto d'ella—tudo lhe occorreu á memoria.

—E o sr. Seymour está salvo?—murmurou ella, com o semblante livido de pavor.

—É de crer, Miss—respondeu a creada evasivamente—Mas aqui a bordo não ha ninguem com esse nome.

N'este momento entrou o medico, a quem ella tambem se fartou de pedir informações. Mas tendo sabido da abnegação de Roberto, da bocca do immediato Thompson e de outras pessoas, elle não quiz dar resposta, porque desconfiava de que natureza eram as relações entre os dois, e receiava os effeitos do choque. Apenas disse que tinha todas as esperanças de que Seymour tivesse escapado n'outra embarcação.

Só passados dois dias é que não tiveram remedio senão dizer a verdade a Benita, por ser impossivel continuar a escondel-a. Foi Thompson que veio ao camarote e tudo lhe contou. Ella escutou em silencio, surpreza e apavorada.

—Miss Clifford,—disse elle—quanto a mim, foi um dos actos de maior coragem que se teem praticado no mundo. A bordo do *Zanzibar*, confesso que sempre o tomei por um patusco, um cabeça no ar, mas era afinal um homem ás direitas, e peço a Deus que lhe tenha dado vida, e o mesmo pedem essa senhora e essa creança por quem elle se sacrificou e que estão ambas de perfeita saude.

—Sim!—repetiu ella automaticamente—um homem ás direitas! E — accrescentou n'um relampago extranho de convicção—creio que elle vive ainda. Se elle tivesse morrido, eu tel-o-hia sabido logo.

—Deus a ouça!—redarguiu Thompson, que tinha uma convicção opposta.

—Ouça!—continuou ella—sempre lhe quero dizer uma cousa. Quando se deu a castastrophe, acabava o sr. Seymour de me pedir que casasse com elle, e eu ia responder-lhe que sim... porque lhe quero muito. Estou convencida de que ainda lhe hei de dar esta resposta.

Thompson, tão honesto e affectivo como valente e habil mareante, retorquiu de novo que o desejava com todas as veras da sua alma; mas lá no intimo apprehendia que a resposta d'ella não poderia dar-se áquem do tumulo. Depois, em conformidade com a recommendação que recebera, entregou-lhe o papel que lhe fora encontrado no seio e, incapaz de supportar mais tempo esta penosa scena, sahiu precipitadamente do camarote.

Ella leu e releu avidamente e apertou o papel aos labios, murmurando:

—Sim, hei de lembrar-me de ti com ternura, Roberto Seymour, com a maior ternura que por um homem pode sentir uma mulher. Quer seja agora, quer de futuro, hei de dar a resposta ao teu pedido, caso ainda a

desejes. Onde quer que tu vás, onde quer que tu estejas, a minha resposta será a mesma, Roberto.

N'essa tarde quando ella serenou um pouco, veiu Mistress Jeffreys visital-a, mais o filhinho. A pobre creatura estava ainda descorada e abatida, a creança porem não soffrera damno da immersão n'aquella agua tepida.

—Que ha de pensar de mim, Miss?—disse ella cahindo de joelhos ao pé de Benita.—Mas se eu nem sabia o que fazia! Era o terror, e era meu filho! — e beijou apaixonadamente a creança a dormir. — Nem sequer percebi nada, n'aquelle momento. Estava com a cabeça perdida! E aquelle homem... um heroe... deu a vida por mim, quando os outros me queriam enxotar com os remos. Sim, tenho nas mãos o sangue d'elle; d'elle que morreu para nós vivermos, eu e o meu anjinho!

Benita olhou para ella e respondeu com muita doçura:

—Talvez que elle afinal não morresse. Não se afflija. Se morreu, que morte gloriosa a sua! Tenho orgulho n'essa morte, mais do que que se elle houvesse continuado a viver como os outros... os taes que queriam enxotal-a com os remos. O que fôr, será da vontade de Deus, e sem duvida pelo melhor. Sequer ao menos, Mistress Jeffreys e o seu filho serão restituidos a seu marido, embora isso me custe a mim aquelle que meu marido viria a ser.

N'essa noite Benita subiu á tolda e falou com as outras senhoras que tinham logrado salvar-se, colhendo todos os pormenores que poude. Mas não dirigiu a palavra a nenhum dos homens, a não ser Thompson, e elles, percebendo o que lhe ia no espirito, desviaram-se d'ella como já o tinham feito de Mistress Jeffreys.

O *Castle* tinha pairado pelo local do naufragio durante umas trinta horas, e salvara outra barcada de sobreviventes, e mais um fogueiro que vogava agarrado a um destroço do navio.

Mas não lhe fora possivel communicar com a costa, porque se levantara o vento que se receiava, e o rolo da praia não permittia o desembarque.

A um vapor que passava com destino a Port Elisabeth tinha comtudo dado noticia do tremendo desastre, que áquellas horas era já conhecido em todo o mundo, assim como os nomes das pessoas que o *Castle* havia salvo.

Na noite do dia em que Benita falou com Mistress Jeffreys, o *Castle* surgiu na costa, em frente de Durban, por isso que n'aquelle tempo a barra não dava entrada a um navio do seu tamanho. Pela manhãsinha, a creada despertou Benita do seu inquieto somno, para lhe participar que viera no rebocador um sujeito de edade que a procurava; com receio de excitar mentidas esperanças, ella accentuara cautelosamente as palavras «de edade». Com a ajuda d'ella Benita vestiu-se, e quando o sol nascente innundava de luz o Berea, a Ponta, a cidade muito branca, a linda costa do Natal, ella subiu á tolda, e ahi, encostado ao varandim, viu um homem grisalho, cujo aspecto, apezas do decurso dos annos, lhe era ainda familiar.

Estremeceu toda ao vel-o alli, absorto em meditações. Apezar de tudo, era seu pae, o homem a quem devia a sua presença n'este mundo de devastação e de esperança supremas. É possivel que não fossem mais os peccados d'elle do que aquelles de que fôra victima. Encaminhou-se para elle e tocou-lhe no hombro.

—Meu pae!—disse ella.

Elle voltou-se com a rapidez de um rapaz porque havia n'elle uma agilidade peculiar que a filha tinha herdado. Possuia ainda tanta viveza no corpo como no espirito.

—Minha querida filha!—exclamou elle—Era capaz de te reconhecer a voz, fosse onde fosse. Ha um ror de annos que ella me obsidia em sonhos. Minha querida, obrigado por teres vindo ter comigo e graças a Deus que te conservou a vida onde tantas se perderam.

Cingiu-a nos braços e beijou-a com ternura. Ella desviou-se um pouco, porque elle por inadvertencia maguara-a no sitio da ferida.

—Perdoe-me—disse ella—é a cabeça que doe ainda. Uma contusão que soffri, não sei se lhe disseram.

Elle então viu-lhe a ligadura na testa, e ficou muito pezaroso.

—Não me disseram nada, Benita—exclamou elle na sua voz leve e requintada, uma das chancellas de nobreza de sangue e educação que tantos annos de má vida não haviam conseguido apagar.—Disseram-me apenas que estavas salva. É a minha má sorte, logo a começo do nosso encontro, vir maguar-te, a ti a quem já tantas maguas tenho causado.

APEZAR DE TUDO ERA SEU PAE

Benita comprehendeu que estas palavras eram um signal de arrependimento, e sentiu-se commovida.

—Não vale nada—redarguiu.—Nem meu pae sabia, nem o fez de proposito.

—Não, minha querida. Acredita, nunca pequei por intenção, mas sim por fraqueza. Estás uma linda mulher, Benita, muito mais do que eu esperava.

—Ora essa!—respondeu ella com um sorriso.—Com estes trapos á roda da cabeça? São os seus bons olhos, por certo.

Mas intimamente ella pensou que elogio identico seria mais applicavel a seu pae, o qual realmente, apezar da edade, era um bello homem, com os olhos azues e vivos, o rosto expressivo, a bocca bem feita, com a curvatura dos cantos que era tambem tão sua d'ella, a barba grizalha e fina. Como podia ser este, scismava ella, o mesmo homem que levantara a mão para sua mãe? Foi então que se lembrou d'elle, nos tempos em que o alcool o escravisava, e afigurou-se-lhe simples a explicação.

—Conta-me como chegaste a salvamento, meu amor—disse elle, acariciando-lhe a mão com os dedos delgados. — Mal sabes que afflicções tive. Estava aqui hospedado no Royal Hotel, quando chegou o telegramma annunciando a perda do *Zanzibar* e de toda a gente que vinha a bordo. Pela primeira vez depois de tantos annos, bebi para afogar o desgosto... Ah! não tenhas medo, filha, foi a primeira e a ultima vez. D'ahi a pouco chegou outro telegramma dando o nome das pessoas que se sabia estarem salvas, e... Deus seja louvado! estava entre elles o teu.

E respirou com força, ao recordar-se da alegria que tivera.

—Sim—redarguiu ella—A Deus creio que devo agradecer... a Deus, mas não só a elle. Não lhe contaram o que succedeu... quero dizer, como o sr. Seymour me salvou?

—Pelo alto. Emquanto te vestias, estive a conversar com o official que veiu a commandar a tua lancha. Esse Seymour era um valente, Benita, e peza-me ter de te dizer que... já não é d'este mundo.

Ella agarrou-se com ancia a um dos varões, encarando-o com a physionomia pallida e transtornada.

—Como sabe, meu pae?

Clifford tirou da algibeira do casaco um numero da vespera do *Natal Mercury*, e emquanto ella esperava, cheia de alvoroçada angustia, passou a vista sobre as longas columnas descriptivas da perda do *Zanzibar*. Afinal deu com o periodo que procurava, e leu-lh'o alto. Dizia assim:

«Referem pessoas, que andaram em investigações pela costa fronteira á scena do naufragio, terem encontrado um cafre que andava por alli de jornada, o qual lhes mostrou um relogio que affirma ter tirado do bolso de um branco, por elle encontrado extendido na areia, na foz do rio Umvoli. Na parte interior da tampa tem gravado o seguinte: «A Seymour Roberto Seymour, de seu tio, no seu vigessimo primeiro anniversario.» O nome do sr. Seymour apparece como um dos passageiros de primeira classe para Durban no *Zanzibar*. Pertencia a uma antiga familia do Lincolnshire. Era esta a sua segunda viagem á Africa do Sul, que elle visitara ha annos com seu irmão, n'uma expedição de caça grossa. Todos que então o conheceram se unirão a nós no sentimento por esta perda. O sr. Seymour era um atirador notavel e um *gentleman* da mais fina roda. Assevera um dos sobreviventes da catastrophe tel-o visto pela ultima vez conduzindo para um escaler Miss Clifford, filha do bem conhecido pioneiro do Natal com este nome. Mas, constando que esta senhora se salvou e visto elle ter embarcado com ella no escaler, ainda não temos explicação do modo como elle veiu a tão desastroso fim».

—Creio, por desgraça, que isto é bastante claro—concluiu Clifford, dobrando o jornal.

—É claro, é—repetiu ella em voz abafada.
—E no emtanto... no emtanto... ah! meu pae, elle acabava de me pedir que o desposasse, e eu não posso acreditar que elle tenha morrido sem eu ter tempo de lhe responder.

—Valha-me Deus!—exclamou o velho—Isso é que ninguem me contou. Que tristeza! que desgosto medonho! Deus te dê animo, minha pobre filha. Nada mais ha que dizer senão que elle foi uma, entre trezentas victimas. Não succumbas, filha, deante de toda esta gente. Olha! ahi vem o rebocador.

A semana que se seguiu passou para Benita quasi como um sonho confuso. Quando chegaram a terra, uns velhos amigos de seu pae levaram-n'os a ambos para casa, uma vivenda socegada na margem do Berea. Ahi, pas-

sada a primeira excitação do salvamento e do desgosto, produziu-se a reacção inevitavel, trazendo comsigo tão inquietadora fraqueza que o medico obrigou-a a ficar de cama durante cinco dias. Com a cicatrisação da ferida voltaram-lhe afinal as forças, mas era uma desolada creatura a Benita que uma tarde se ergueu para ir vacillando até á varanda e contemplar o fero oceano, agora tão pacifico como o firmamento que o cobria.

O pae, que durante esses negros dias a tinha tratado com a maior ternura, veiu sentar-se ao pé d'ella, tomando-lhe a mão entre as suas.

—Magnifico!—disse elle, olhando-a anciosamente.—Até que emfim voltas a ser o que eras d'antes.

—Nunca mais serei o que era d'antes—retorquiu ella.—Essa antiga Benita está morta, embora o exterior voltasse á mesma. Meu pae, supponho que faço mal n'isto, mas o que eu desejava era ter morrido tambem. O que eu desejava era que elle me tivesse levado quando se atirou ao mar para alliviar a lancha.

—Não digas isso, filha!—atalhou elle com impetuosidade.—Eu sei de sobra que não valho de muito na tua vida... Depois do que se passou, que admira? Mas quero-te muito, e se eu ficasse outra vez sósinho...

E calou-se.

—Não ficará sósinho, se isso estiver na minha mão—replicou ella, fitando no velho os olhos negros e affectuosos.—Um ao outro nos temos só no mundo, pois não é verdade? Tudo o mais se foi, para nunca mais voltar.

Elle cingiu-a nos braços e, achegando-a a si, beijou-a apaixonadamente.

—Se tu ao menos podesses aprender a ter-me amor!—disse elle.

—Tenho, sim—redarguiu ella—e nenhum outro homem amarei mais n'este mundo.

Foi este o inicio de uma affeição que despontou entre pae e filha e que nunca mais esmoreceu.

—Ha alguma noticia?—perguntou ella d'alli a pouco.

—Nenhuma, nenhuma que lhe diga respeito a elle. A maré sem duvida que arrebatou o cadaver, depois do cafre se afastar. Agora lembro-me perfeitamente d'elle. Era um rapaz perfeito, e occorre-me que, ao despedir-me d'elle sobre as taes ruinas, tive vontade de ter um filho assim. E por um triz que elle esteve para fazer as vezes de meu filho! Que se lhe ha de fazer! O capim tem de curvar-se quando sopra o vento, como dizem por aqui os indigenas.

—Alegra-me que o tenha conhecido—redarguiu ella com simplicidade.

Começaram então a falar de outros asumptos. Elle contou-lhe que a historia se divulgara, e que toda a gente alcunhava Roberto Seymour de «heroe», e que a pessoa d'ella despertava egualmente a curiosidade geral.

—N'esse caso, vamo-nos embora quanto antes—disse ella nervosamente.—Mas para onde iremos nós, meu pae?

—Isso é comtigo, queridinha. Escuta! A minha situação é esta. Ha annos que eu trabalho com pertinacia e energia, e o resultado é que eu e o meu socio temos uma bella fazenda no Transvaal, nas terras altas ao pé do lago Chrissie, lá para os lados de Wakkerstrom. Dedicamo-nos á creação de cavallos, que nos tem dado lucros soberbos. Eu já tenho 1500 libras de economias, e a fazenda rende-nos umas 600 libras por anno, salvas das despezas. Mas é um sitio muito isolado, apenas com uns poucos de boers na visinhança, verdade seja que boa gente. Não deves gostar de viver alli completamente só.

—Bem me importa isso a mim!—respondeu ella sorrindo.

—Por emquanto não te importas, porque mal imaginas o que aquillo é. Ora eu podia vender ao meu socio o meu quinhão na fazenda. Estou que elle o comprava. Ou então podia confiar n'elle para me remetter uma parte dos lucros, mas por isso é que elle talvez não estivesse. Então, se tu quizesses, podiamos viver em alguma das cidades ou nos seus arredores, ou mesmo, visto que possues um rendimento teu, voltar para Inglaterra, se tal fôr o teu desejo.

—E o seu, é esse?—inquiriu ella.

Elle abanou a cabeça.

—Não é, não! Aqui é que está toda a minha vida. Alem d'isso, antes de morrer, quero encontrar uma cousa... e é por teu amor, queridinha.

—Lá no meio das taes ruinas, não é isso?—perguntou ella, olhando para elle com curiosidade.

—Exacto. Com que então sabes?...—redarguiu elle com um lampejo nos olhos azues—É isso, foi Seymour que te contou. É no meio das ruinas, é; mas essa historia, hei de contar-t'a para outra vez, aqui não, aqui não

Que desejas então fazer, Benita? Lembra-te de que estou nas tuas mãos; obdecer-te-hei em tudo.

—Nem quero morar n'uma cidade nem voltar para Inglaterra—replicou ella, ao passo que elle pendia ancioso das suas palavras.—Esta terra é que é de ora ávante a minha terra santa. Meu, pae, quero acompanhal-o para a fazenda; é onde poderemos, ambos nós, viver tranquillos.

—Pois sim!—retorquiu elle um pouco inquieto.—Mas é preciso que saibas, Benita, que ahi não estaremos nós completamente isolados. O meu socio, Jacob Meyer, habita lá tambem.

—Jacob Meyer? Ah! agora me lembra!—e teve um gesto imperceptivel de enfado—É um allemão, um homem a modo excentrico, pois não é?

—Judeu allemão, supponho eu, e excentrico deveras. Já por uma duzia de vezes que podia ter feito fortuna, e ficou sempre na mesma. Pouco pratico, um visionario, cheio de invenções e de manias. Boa alma não digo que seja, Benita, mas dou-me bem com elle, e pelo contracto que fizemos não me é possivel ver-me livre d'elle.

—Como se tornou elle seu socio?—perguntou Benita.

—Eu te digo. Ha um bom par de annos appareceu-me elle com uma historia lastimosa. Disse-me que tinha andado a negociar entre os zulus; desaveiu-se com elles, não sei como nem porque, deitaram-lhe fogo ao carro, roubaram-lhe as fazendas e os bois, e mataram-lhe a gente do seu serviço. Ao que elle conta, davam tambem cabo d'elle, se não escapasse por um expediente muito extraordinario.

—Como?

—Diz elle que hypnotisando o chefe e fazendo com que este o conduzisse pelo meio da sua gente. Uma historia extravagante a valer, mas eu acredito n'ella, por se dar com Jacob. Trabalhou por minha conta seis mezes e mostrou-se muito habil. Depois, uma bella noite, lembro-me que foi uns dias depois de eu lhe contar a historia do thesouro portuguez nos Matabeles, sacou do forro do colete 500 libras em notas do banco de Inglaterra, e propoz-me comprar metade dos interesses da minha fazenda. 500 libras, nem mais nem menos! E eu todos aquelles mezes a tomal-o por um pobretão! Bem! Em vista da habilidade d'elle, e ser preferivel tel-o por companheiro a ficar isolado n'aquella solidão, resolvi-me afinal a acceitar. Desde então temos sido bastante felizes, a não ser n'aquella expedição á cata do thesouro que não topámos, apesar de termos pago de sobra as despezas com o marfim que comprámos. Mas para a outra vez

PROPOZ-ME COMPRAR METADE DOS INTERESSES DA MINHA FAZENDA

havemos de ter mais sorte—accrescentou elle com enthusiasmo—o caso é conseguirmos convencer os makalangas a deixar-nos pesquizar á vontade aquella serra.

Benita sorriu.

—Antes continuasse na creação dos cavallos.

—Depois me dirás, em sabendo a historia. Mas tu, creada e educada em Inglaterra, não terás medo de ir para o lago Chrissie?

—Medo de que?

—Ora essa! do isolamento, e mais de Jacob Meyer.

—Eu cá nasci no *veld*, meu pae, e sempre embirrei com Londres. Quanto ao seu exquisitorio amigo Meyer, não ha homem no mundo que me metta medo. Já não quero saber de homens. Sequer ao menos quero experimentar o sitio, a ver se lá me darei bem.

—Bello!—redarguiu o pae com um suspiro de allivio.—A todo o tempo é tempo para voltar, pois não achas?

—Pois sim!—disse ella com indifferença.—Mas quer-me parecer que nunca mais voltarei.

(*Continúa*).

ADEUS

Vai-te. Eu vinha, a sangrar, caminheiro inexperto,
por esta aspera rota, allucinado, quando
ante mim te avistei, manso oasis, pompeando
na escalvada rechã do meu triste deserto.

Os meus sonhos de amor, quaes beduinos em bando,
olhos postos em ti, já te julgavam perto,
verde oasis em flor! bosque tranquillo, aberto
em abrigos arcuaes, ao repouso chamando...

Fugiste como a nevoa ao sopro de uma aragem.
Deante de mim deixaste, em breve, unicamente,
o roteiro fatal de intermina viagem.

Não maldigo de ti. Toda miragem mente,
e tu foste, afinal, uma simples miragem,
illusão de um olhar cansado e descontente...

S. Paulo — Amadeu Amaral

BAHIA DE ALGECIRAS

A Conferencia de Algeciras

Sempre desejosa de dar vividas impressões sobre os assumptos palpitantes, a direcção dos SERÕES obteve de um amavel e talentoso correspondente o primoroso artigo que segue, onde *de visu* se descrevem e analysam aspectos extra-officiaes da conferencia que actualmente reune em Algeciras diplomatas das principaes nações interessadas em Marrocos. Serão de paz ou de guerra os resultados? Eis a pergunta anciosa que todos os espiritos formulam, e que torna altamente interessante tudo quanto respeita a este culminante facto politico mundial.

Á hora do comboio especial que de Madrid trazia os delegados plenipotenciarios parar no caes de Algeciras, toda a população d'esta pacata cidadesinha estava na rua, ou anciosamente dependurada nos largos balcões e nos miradores mysteriosos.

Fazia um sol de primavera, e isto pôz logo bom humor nas caras dos diplomatas mais edosos, que vinhamdurante a viagem na incredulidade do apregoado clima d'esta região, e não tinham ainda podido resignar-se ao fracasso da tentativa de reunir a conferencia em Madrid, onde a calefacção existe, e quasi todos tinham domicilio permanente.

O DUQUE DE ALMODOVAR DEL RIO
Presidente da conferencia, no seu gabinete do Hotel Reina Christina

Aquelle sol congraçou muita gente com o conde de Tattenbach; e os supersticiosos tiraram bons augurios d'esta entrada em materia: começava-se com o céo limpo de nuvens...

Foi portanto com a mais regosijada complacencia do seu variado reportorio de attitudes, que os diplomatas receberam os cumprimentos do duque de Almodovar, correcto, magestoso e um pouco estrabico e de suas excellencias o Hach Mohamed-Ben-Larbi-Torres, delegado de S. M. Sherifiana em Tanger e seu embaixador extraordinario na conferencia, Sid Mohamed-El-Mokri, antigo almotacé em Fez, do Hach Mohamed-Seffar e de Sid Abderraman Ben-Nis,

CHEGADA DOS DIPLOMATAS Á ESTAÇÃO DE ALGECIRAS
Apresentações feitas pelo duque de Almodovar

todos delegados plenipotenciarios, todos envoltos em brancas djilaias, calçados com babuchas amarellas, risonhos, abanando gravemente as cabeças morenas e não cessando de levar as dextras, largamente espalmadas, ao sitio do coração.

Até que se acabaram as apresentações officiaes, não parou de se ouvir a Marcha Real Hespanhola, tocada pela banda d'um regimento de caçadores, que fazia a guarda de honra.

Por fim, as carruagens que de Sevilha vieram para o serviço das differentes missões (e que custam 75 pesetas cada uma), levaram para o hotel Cristina aquelle punhado de homens, sobre os quaes a attenção do mundo se ia concentrar nervosamente durante um largo tempo, e de quem se dizia que, á semelhança do consul romano, ao chegar a Cartago, levavam nos bolsos das sobrecasacas a paz ou a guerra...

Os marroquinos alojaram se n'um *chalet* á beira mar, que tem sobre a bahia uma larga galeria envidraçada; em frente, obstruindo-lhe o horisonte, fica-lhe a rocha imperativa e formidavel de Gibraltar—o seu antigo Gib-el-Tarik—; á direita, as primeiras montanhas do littoral africano, onde nos dias claros se distingue a casaria branca de Ceuta—gloriosa sob o poder de Almansor, e mais tarde incorporada pelos Almohades ao reino mouro de Granada—; á esquerda, apinha-se Algeciras, a Al-Djezirah da primeira invasão sarracena

O DUQUE DE ALMODOVAR E OS DIPLOMATAS RECEM-CHEGADOS,
saudando o pavilhão hespanhol

HACH MOHAMED-BAN-LARBI-TORRES
delegado de Marrocos

OS CONDES DE TOVAR E DE MARTENS FERRÃO
delegados de Portugal

RADOVITZ E O CONDE DE TATTENBACH
delegados de Allemanha

RÉVOIL, DELEGADO DA FRANÇA, E SEUS SECRETARIOS
Dirigindo-se á conferencia

— toda caiada, dir-se-hia pallida do terror do monstro inglez que a defronta.

N'este scenario poisam diariamente (e os indiscretos dizem que alta noite tambem) os olhos fatigados do velho Mohamed-Torres. De todos os cantos do horizonte lhe veem evocações do esplendor antigo da sua patria, que elle aqui vem representar e defender, n'um lance talvez definitivo para o seu futuro. Os nomes das ruas d'esta terra, que os seus ergueram como primeiro estadio da sua triumphal correria peninsular, são nomes de derrotas: *Affonso XI*, *El Salado*...

CAES DE ALGECIRAS
ao longo do rio Miel; ao fundo, o morro de Gibraltar

No meio d'esta frivolidade ambiente aqui congregada em affectada attitude de importancia, a figura d'este moiro tão velho, curvado e arrimado a um bordão, onde só falta o molho de lyrios para em tudo o parecer a S. José, é a unica nota romantica e melancolica d'esta memoravel reunião internacional.

EM PASSEIO
O conde de Tovar, delegado portuguez, e Mr. de Testa, delegado hollandez

Um espirito independente, observador dos reflexos que em cada face põe indubitavelmente o modo da vida interior, não pode deixar de impressionar-se vivamente com o aspecto d'estas morenas cabeças marroquinas, aureoladas d'um suggestivo nimbo e nobreza innata, e em que os olhos por vezes

O SECRETARIO FRANCEZ
dando aos jornalistas a nota officiosa de uma sessão

fulgem, crepitantes, cheios de colera e de tristeza, como faúlhas do grande fogo que lhes devora as almas...

Em passeio, em visita, em plena fogueira das sessões da Conferencia, parecem uns phantasmas: teem um ar alheado e um gesticular lento e somnambulo; se fallam, ninguem os entende, se falam os outros, não os entendem elles! Veem d'outras edades, d'outro remoto mundo. enlevados e solemnes como figuras de baldaquino, e se os apertam com perguntas, os interpretes, em resposta, dizem que

RECEPÇÃO NO AYUNTAMIENTO NO DIA DO SANTO DE AFFONSO XIII

Da esquerda para a direita: Mr. Testa, Dr. Armando Navarro, um interprete, o conde de Tovar, Venosta filho, Mohammed Torres, Casanova, Palmaroli, El Mokri, Siae Benis, secretarios de Marrocos e de Hespanha

elles estão contentes, que são amigos de todas as nações, que amam a civilisação moderna, que querem que os ajudem a europeisar se (horrivel verbo!) e que ao voltar ao seu paiz irão cantar louvores á hospitalidade dos christãos.

Impermeaveis á nossa influencia material e moral, indifferentes no fundo a todas as suggestões ou pressões para lhes incutir amor pelas nossas formas de viver politicas ou sociaes, cuja necessidade o seu espirito satisfeito, fatalista e ankylosado na doutrina coranica não sente, elles só assimilaram totalmente, do seu contacto comnosco, a arte subtil de velar com as roupagens da linguagem, a academia tortuosa da Intenção. N'isso são mestres admiraveis; e não ha forças humanas capazes de acertar com a chave d'estes enigmas vivos. São como enguias, que quanto mais se apertam mais escorregam d'entre as mãos.

RECEPÇÃO NO AYUNTAMIENTO

Grupo de diplomatas

Em meio do assalto continuado e geral, que a brutalidade umas vezes, outras a manha, dão á sua existencia nacional, elles manteem-se de pé, perturbadores e imperturbaveis, com a unica força, até hoje invencivel, da sua resistencia passiva.

Esta conferencia é uma prova extrema para a sua sagacidade eminente; e pouco ha-de viver, quem não poder dizer, fundado em factos, se foi a Europa ou se foi Marrocos quem d'aqui sahiu mais diminuido...

NO TERRAÇO DO HOTEL

Delegados hespanhoes

Como quer que seja, quem não tiver o coração pervertido pelos desvios do egoismo assanhado, não pode furtar-se a um intimo sentimento de consideração por elles: se vencedores, pela habilidade demonstrada, e se vencidos, pela respeitosa piedade que merecem os que morreram por não fazer traição a si proprios.

* * *

O acampamento dos christãos n'esta batalha incruenta, é, como se sabe, no *Hotel Cristina*. Architectura indefi-

AVEAJLILIV
Residencia do enviado britanico, sir Thomaz Nicholson

nivel, commodidades de casa rica ingleza.

Vive-se lá n'uma continuada algazarra, n'uma enervante algaraviada polyglota, como se tivesse resurgido a legendaria torre de Babel.

Só á hora das comidas, no amplo salão que Maple mobilou, se faz um relativo silencio; os diplomatas comem com recolhimento e consciencia, e d'ahi talvez as queixas frequentes contra as aptidões do cosinheiro: não está à altura d'aquelles estomagos acostumados a equiparar, na importancia transcendente, a arte de bem *mijoter* um pitéu e a de bem redigir uma nota.

Falla-se mesmo d'uma representação collectiva das Potencias contra o facto da comida escaldar mais as bolsas do que as boccas, e de se deitar mais sal nas contas do que nos pratos.

Parece até que este incidente, *grave, excessivement grave*, como diria o Steinbrocken do Eça, provocou uma crise ministerial, sendo substituido o funccionario incompetente. Dada a importancia real que as digestões teem nos humores em geral, e nos diplomatas em particular, este assumpto pode ter, para os resultados da conferencia, uma influencia decisiva, como facilmente se deprehende.

Assim a animação do salão de leitura, onde todos se empilham depois das refeições, se ressente do valor dos *menus*.

Rapidamente a atmosphera torna-se quasi irrespiravel: 50 charutos ardendo simultaneamente, toldam o ar d'um fumo anilado; os friorentos encostam-se aos fogões altissimos, forrados de azulejos velhos, aqui e ali apanhados ao acaso de vendas de occasião. Os outros atiram-se ao cavaco, e durante uma boa hora, a sala toma, pela animação, o aspecto d'um *foyer* de theatro n'um entreacto de peça discutida.

As quatro senhoras, mulheres de diplomatas, que tiveram a caridade de vir adoçar este desterro ingrato com a sua graça e os encantos do seu espirito, são rodeadas, procuradas com afan, disputadas com decisão, e conservadas com egoista energia.

E' n'esta altura, que sobre as figuras que são mais salientes na Conferencia, se abate a nuvem dos jornalistas. E é curioso, instructivo e divertido, assistir aos duellos que assim se travam nos vãos das portas, detraz dos biombos, e á roda da larga meza em que se espalmam jornaes de todos os paizes... e de todos os tempos.

D'aquellas palestras, em que os jornalistas atacam e os diplomatas se defendem com egual valor, sahem os telegrammas e as chronicas para o dia seguinte; as noticias são tiradas a ferros, para fazer ferro aos *chers collègues* dos outros jornaes; e de vez em quando vê-se um correspondente isolar-se, tirar do lapis, e largar a escrever desesperadamente no primeiro papel disponivel. Outros, mais ladinos, largam pela porta fóra, direitos ao telegrapho; e assim o mundo está sabendo diariamente que *aqui no pasa nada*

Entre todos estes jornalistas (alguns de positivo valor e illustração) destaca-se a figura do celebre correspondente do «Times» em Tanger, o sr. Harris, singularmente parecido com o sr. Cabral Moncada. A pouco e pouco, ahi por volta das onze horas, a sala vae-se esvasiando: uns vão dormir, outros jogar o *bridge*, e outros — coitados! —

vão trabalhar na commissão dos relatores da Conferencia.

É este o momento solemne em que entre os poucos que ficam, se iniciam ou continuam conversações reservadas e ultra-confidenciaes. Successivamente, Visconti-Venosta, alto, espadaúdo, com uma cabeça que é a de Saldanha da bocca para cima, e a de Kruger da bocca para baixo, é abordado pelo conde de Tattenbach (*el amo del cotarro*, como lhe chamou um hespanhol), sempre concentrado, encostado a uma perpetua bengala que só larga para dormir; pelo sr. Révoil, intranquillo, vivo e com um ar *affairé* que dizem ser-lhe habitual; pelo duque de Almodovar del Rio, presidente da conferencia, e d'uma serenidade inalteravel, tão inalteravel como o negro do seu admiravel cabello, que aqui se tem feito notado, entre esta assembleia de carecas, incipientes ou concludentes; pelo sr. White, delegado americano, enorme e que parece vergar pelo seu pezo, as pernas um pouco arqueadas...

RESIDENCIA DO DELEGADO FRANCEZ
E MAIS AO FUNDO A DO DELEGADO MARROQUINO

NO PATEO DO HOTEL
Radowitz entrevistado por um jornalista

A estes conciliabulos chamou já irreverentemente alguem uma segundo cosinha, por n'elles se prepararem os *menus* que depois se servem nas sessões da Conferencia, e lá teem sido devorados sem dar logar a reclamações.

Á uma hora da noite, o hotel cahe em silencio; todos dormem. O somno dos justos? Quem sabe?!

De dia, e sobretudo quando não ha sessões, a distribuição do tempo é um problema. Algeciras é o que os inglezes, nas suas *guias,* chamam *a very dull and sleeping place.*

Como distracções, para os não contemplativos que não gostam de quedar-se a olhar o mar desde as varandas do hotel, ha passeios de carro pelas tres unicas estradas que d'aqui arrancam, e das quaes a mais concorrida é a de Tarifa, e nas idas a Gibraltar, para onde ha vapores de hora a hora.

UMA CONFERENCIA AMOROSA

NO TERRAÇO DO HOTEL REINA CHRISTINA
A esquerda, M.me Sager (Suecia), Radowitz, filho (Allemanha), conde Cassini (Russia)
A' direita, duque de Almodovar, condessa de Tattenbach (Allemanha)

Os mouros são os que mais uso dão á carruagem, que no seu paiz não teem, e que evidentemente lhes agrada. Confiemos em que esta doce experiencia os levará á rapida construcção de estradas no imperio de Moghreb...

Esta monotonia de vida, aggravada com a forçada promiscuidade, constante e inevitavel, em que passam os dias e as noites, foi interrompida, no dia do *Santo* do rei de Hespanha, pelas cerimonias e cumprimentos officiaes a que deu logar.

Todos os delegados, com o pessoal das suas missões, foram de grande uniforme á recepção no Ayuntamiento. Foi um dia historico em Algeciras! Aquelle desfilar de carruagens abertas, luzindo ao sol as fardas mais diversas e vistosas, contará nos futuros annaes d'esta terra. Acontecimentos menos *brilhantes* teem passado á Historia!

Para o perpetuar, foram feitas varias photographias do *cercle diplomatique*; e ahi mais uma vez, o sr. Benoliel, informador graphico dos *Serões*, representou com zêlo e competencia (como usam dizer louvores officiaes) o seu papel difficil e em que é mestre, como se prova pelos documentos juntos.

Os photographos fazem uma terrivel concorrencia aos jornalistas e teem sobre elles uma grande vantagem: operam a distancia, e por surpreza. Assim é que não param e estão em toda a parte.

Foi talvez isto que motivou este grito de allivio d'um diplomata, quando se viu enfocado pela centessima vez no mesmo dia: — «Está feito! A execução foi rapida!»

Tal é, em grandes linhas, o aspecto exterior d'esta conferencia, com tanto estrepito e reclamo preparada e annunciada.

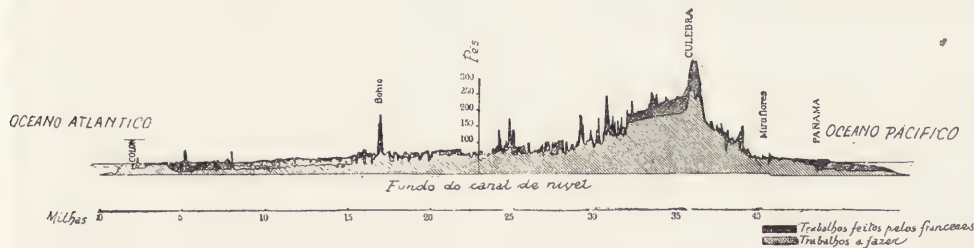
Por fóra, cordas de viola, por dentro... o tempo o dirá!

(CONCLUSÃO)

TRABALHOS JÁ FEITOS

Que se fez? Construiu-se um reservatorio na serra perto de Culebra, do qual se canalisou agua para Panamá, e ahi se distribuiu pelas casas por um systema de tubagem; construiu-se um systema moderno e bem planeado de exgotos; deram-se ordens para a remoção permanente de cisternas e fossas; e logo que seja possivel entulhar-se-hão todos os poços. O lixo será descarregado para o mar pelos canos de exgoto, o que é simples em consequencia da grande amplitude das marés. Com tanta pertinacia se está travando a guerra contra os viveiros de mosquitos dentro da area da cidade que até se procedeu a exame nas pias da cathedral contendo agua benta; e ao acharem-se n'essas pias os insectos damninhos, convidaram-se as autoridades ecclesiasticas a deitar-lhe sal. Organisou-se a limpeza das ruas, tão efficazmente quanto o permitte a escabrosidade da calçada. Para produzir melhores resultados, já se fizeram aprestos para cobrir gradualmente as ruas com asphalto ou qualquer outra substancia que produza uma superficie liza. Em Colon escolheu-se logar apropriado para um reservatorio, e trata-se de aperfeiçoar o defeituoso systema de aguas existente; alem d'isso, projecta-se elevar toda a superficie da cidade, actualmente apenas 1,m65 acima do nivel do mar, permittindo assim um escoamento e um exgoto efficaz. Entre as cidades seccam-se os pantanos e entulham-se os sitios mais baixos afim de difficultar quanto possivel a vida dos mosquitos. Reparou-se e ampliou-se o antigo hospital francez em Ancon, perto de Panamá; melhorou-se o hospital local de Panamá, e dispoz-se completamente para serviço o hospital de Colon; e agora estabeleceram-se novas casas hospitalares para recurso immediato ao longo da linha do canal, nas quaes os casos suspeitos podem ser immediatamente isolados dos mosquitos, e removidos depois a coberto para os principaes hospitaes em cada um dos terminus. Afim de obviar á importação de molestias, estabeleceu-se em ambos os portos um serviço rigoroso e efficaz de quarentenas.

MAIS DIFFICIL QUE NA HAVANA

O problema em Panamá é de mais difficil solução do que na Havana, por ser o clima mais depauperante e a terra firme não estar tão sujeita á vigilancia como uma ilha; mas conseguiu-se um progresso sensivel e ha a probabilidade de que se alcance um exito cabal. Não teem apparecido epidemias como as que assignalaram os trabalhos precedentes, e comquanto se tenham empregado operarios até ao numero de dez mil simultaneamente, a

SECÇÃO TRNSVERSAL DO ISTHMO PELA LINHA DO CANAL

media dos obitos é quasi tão baixa como para um numero egual nos Estados Unidos. De febre amarella, que é a mais terrivel das pragas, houve apenas cento e sessenta e um casos desde julho de 1905, dos quaes apenas setenta e nove mortaes, e d'esses só setenta

ESTADO DO CORTE DO CULEBRA, PELO NATAL DE 1904

e nove e quatorze respectivamente occorreram em empregados da commissão.

O grande numero de homens empregados tem-se destinado em parte ás obras de sanidade, mas sobretudo ás obras propriamente de construcção do canal, as quaes teem caminhado em progresso continuo desde que o canal foi adquirido pelo governo. Comquanto não se houvessem determinado os planos definitivos para o canal, ainda faltam tantas excavações que as obras podem seguir-se com energia durante talvez mais dois annos sem irem de encontro a qualquer projecto que de futuro se adopte. Installaram-se novos machinismos de typo moderno, habilitando os engenheiros do governo a proseguir a construcção emquanto pendem decisões sobre o typo do canal e a celebração de contractos.

DE NIVEL OU COM DOCAS DE PASSAGEM?

Quanto propriamente ao canal e ás difficuldades physicas a elle attinentes, a primeira questão a resolver é esta: Qual deverá ser o typo? O canal será de nivel, ou terá docas de passagem? D'esta solução depende o methodo conveniente de tratar as innundações do Chagres e a extensão da tarefa para rasgar a trincheira do Culebra. *A priori*, se pode comtudo affirmar que um canal perfeito de nivel é uma impossibilidade, em consequencia da variação nos niveis das marés nos dois oceanos.

Do lado do Atlantico o preamar e o baixamar variam entre 0,^{m}30 e 1 metro, ao passo que do lado do Pacifico a variação é entre 5 metros e 6,^{m}5, de forma que pode haver uma differença de nivel, dependente de ventos e condições locaes, de cerca de 3,^{m}5. Quando se correram os primeiros niveis atravez do isthmo, descobriu-se uma differença importante entre os preamares dos dois oceanos, d'onde proveiu a falsa crença popular

de que existia uma variação effectiva no nivel dos oceanos. A elevação a meia maré nos dois oceanos é exactamente a mesma; isto é, a maré baixa no Pacifico fica tanto abaixo da maré baixa do Atlantico quanto fica acima a maré cheia no primeiro em relação á do segundo. Se se abrisse entre elles um canal, a differença na altura de 3,m5, de excesso no extremo norte na baixamar e no extremo sul na preamar, produziria uma corrente tão rapida que os navios não poderiam governar com segurança. Por conseguinte, em qualquer caso, tem de se construir uma doca de marés do lado do Pacifico, provavelmente em Miraflores, dentro da qual os navios com destino ao sul se elevarão quando a maré no Pacifico estiver baixa, e descerão quando ella estiver alta.

Duas vezes por dia, no periodo da meia maré, e durante algumas horas em que a variação de nivel não seja tamanha que produza uma corrente perigosa, pode a comporta permanecer aberta; ao passo que durante as phases em que a variação de nivel é minima, é provavel que para os navios ordinarios esta doca de marés se possa conservar aberta mais de metade do dia. Em Suez, a differença de 1,m32 a 1,m50 dos niveis das marés no Mediterraneo e no Mar Vermelho não determina a necessidade de doca de passagem.

REGULARISAÇÃO DO CHAGRES

Afim de que o resto do canal se construa sem a complicação das comportas, tem de se dominar absolutamente o curso do Chagres. É possivel isto construindo uma repreza em Gamboa, onde o Chagres encontra a linha do canal, e onde dá uma volta de cerca de um quarto de circulo; as collinas da margem approximam-se sufficientemente para permittir a construcção de uma repreza de grandes mas rasoaveis dimensões. Se a repreza se elevar á altura de cincoenta metros acima do leito do rio, formar-se-ha um lago de tal extensão que exigiria quasi um anno de innundação continua do Chagres para se encher. Por meio de açudes na parte inferior pode o fluxo medio do rio correr com segurança para o canal, e sob a pressão de uns trinta e tantos metros, por exemplo, pode converter-se a sua energia em electricidade. Quando occorrem as chuvas violentas, o superfluxo do Chagres precipitar-se-ha para o lago, cuja superficie se elevará lentamente por detraz da repreza. Quando os temporaes acabam, o escoamento das aguas excederá o influxo e a superficie ha de abater. Haverá assim uma mudança continua no nivel do lago, conforme o influxo do Chagres fôr maior ou menor do que o fluxo medio, e o lago será um reservatorio sufficientemente amplo para abranger qualquer excesso possivel de torrente. A energia por esta forma armazenada bastará para illuminar o canal de extremo a extremo, assim como as cidades de Panamá e de Colon, e as pequenas povoações ao longo da linha dentro da zona, e para actuar sobre obras necessarias tanto para o canal como para o caminho de ferro do Panamá, deixando ainda um excesso para fins commerciaes. Por este projecto, as cheias do Chagres, que teem sido sempre o grande e ameaçador obstaculo ao emprehendimento, não só serão dominadas, mas regularisar-se-hão e tornar-se-hão de futuro o factor mais importante para o exito da obra.

Por outro lado, se se adoptar o plano de docas de passagem, o tratamento do rio Chagres assume um caracter differente. A elevação do leito do rio em Gamboa é de cerca de dezeseis metros acima do nivel medio das marés, de modo que, fazendo-se a elevação do nivel de cumiada pelo menos tão alta como esta, as cheias affluirão para o lago, formando parte do canal. O excesso de agua d'este lago seria recolhido n'uma caldeira situada a distancia da linha do canal e conduzindo sem damno para o mar pelo canal actual do rio Chagres, o qual, desde Gatum até ao Atlantico, oito milhas, não forma parte do grande canal projectado. Este lago, assim como o que fica por detraz de uma repreza em Gamboa, serviria de reservatorio regularisador com uma elevação fluctuante de superficie. Uma repreza situada em Bohio formaria este lago de nivel de cumiada, o qual em varios projectos foi denominado Lago Bohio, e o qual, com diversas variantes, tem sido a base dos differentes planos de docas até hoje propostos.

Pode portanto assegurar-se a regularisação do Chagres para um canal de nivel, construindo uma repreza em Gamboa, estabelecendo um grande reservatorio, accrescido de canaes artificiaes de diversão, parallelos ao grande canal afim de carrear o fluxo dos pequenos affluentes abaixo de Gamboa; ou para

um canal de docas construindo um lago interior em que as cheias se possam receber e descarregar sem prejuizo. Em nenhum dos casos as obras a fazer serão de extraordinaria importancia, mas o trabalho de combinação requererá grande pericia por parte da engenharia.

A TRINCHEIRA DO CULEBRA

O busilis da construcção, pela novidade das dimensões, é o corte da serrania divisoria, a qual no extremo sul é chamada Culebra e no norte Emperador, mas que o presente artigo designa com o primeiro nome. A elevação da superficie onde os francezes começaram era de cerca de 112 metros acima do nivel do mar; hoje a superficie está a cousa de 50 a 53 metros de altitude, á qual se deve juntar a profundidade do canal abaixo do nivel do mar, que anda por 11 a 13 metros. Cortou-se proximamente metade da profundidade maxima, embora não se tivesse ainda removido metade do entulho. Se este corte tem de completar-se excavando mais sessenta e tantos metros n'uma extensão de 8 milhas, tem de arrancar-se ainda e remover-se mais de 200 milhões de metros cubicos de rocha e argila. Este material seria sufficiente para atulhar uma rua urbana de 20 metros de largura, guarnecida de casas de tres andares e meio de altura, de fachada a fachada, desde o solo até ao telhado, n'uma distancia de 500 milhas ou 166 leguas, mais do comprimento e da largura de Portugal, sommados. Para conseguir este gigantesco desentulho, serão precisos enormes machinismos, e para o remover um serviço de caminho de ferro perfeitamente organizado; porque para se concluir o trabalho em dez annos, devem expedir-se diariamente durante esse periodo não menos de 5000 grandes vagões carregados de material. O serviço das machinas e dos comboios exigirá provavelmente 20:000 homens; e como por um motivo ou outro ha sempre individuos que faltam ao trabalho, para se conseguir uma força effectiva d'aquelle numero, será preciso incluir pelo menos 25:000 nomes nas folhas de pagamento. Bastam estes algarismos para dar ideia da grandeza da tarefa, a qual excede qualquer outra obra de engenharia até hoje emprehendida. Se o canal tem de ser de nivel, é preciso remover todo o entulho; se tem de ser de comportas, basta remover uma parte, conforme a elevação do nivel de cumiada que fôr arbitrariamente fixada.

ESCAVADOR AMERICANO EM TRABALHO

LAS CRUCES, EXTREMO DE NAVEGAÇÃO NO RIO CHAGRES

NAVEGAÇÃO DO CANAL

Seis a oito annos são precisos para se levar a cabo o projecto de differentes niveis, dez, talvez doze, para se concluir um canal de nivel. Qual dos dois typos afinal será preferivel, é problema que demanda grande ponderação. Por um lado, requer-se grande acrescimo de capital e alguma delonga no tempo, se bem que esta ultima de pouca importancia seja naturalmente na vida de uma empreza d'estas. O factor decisivo será provavelmente a utilidade pratica do typo, quando terminado. Seja qual fôr o projecto, o canal não pode ser navegado em todo o seu comprimento por grandes vapores com a mesma liberdade com que elles percorrem um rio amplo. Pensa-se que a largura do canal no fundo andará por 50 metros, dando uma largura na superficie de entre 65 e 115 metros, conforme a inclinação dos taludes marginaes, dependentes do caracter local da rocha ou do terreno atravez do qual se cavar o canal. Como os grandes vapores modernos teem 25 metros de boca, é obvio que dois navios d'estes não podem passar um pelo outro no canal regular. Ao chegar a cada um dos terminus, o navio sollicitará do funccionario competente uma licença de passagem, e, se fôr navio de vela, um rebocador. Depois da devida inspecção, de tomar carvão, refrescos e um piloto, de ser medido e de pagar a importancia da portagem, o navio receberá então ordem para poder seguir. Esta ordem será similhante á expedição de um comboyo por um caminho de ferro de uma só via, autorisando-o a ir até certo ponto, e ahi encontrar-se e passar por um navio vindo do outro extremo, ou encostar-se a um dos lados para dar passagem ao outro navio, ou esperar outras ordens para proseguir. Esta travessia em sentido contrario será regularisada pela construcção de refugios ou gares, isto é, alargamentos do canal em que o navio possa atracar convenientemente. Realisado o encontro, o navio segue então para a gare seguinte, onde espera outro navio, e tudo isto será regulado por ordens telegraphicas da es-

tação central, onde haverá uma planta mostrando a posição exacta de qualquer navio em qualquer occasião, corrigida de instante a instante pelos avisos recebidos das estações locaes. Pelas margens fora haverá signaes semaphoricos de dia, e luzes de noite, indicando a posição dos estorvos ou dos navios afim de evitar collisões. Ao chegar a uma doca, deparar-se-ha ao navio uma structura perfeitamente similhante em principio, mas muito maior que um açude vulgar. Estas docas deverão ter 330 metros de comprimento e uma largura maxima de 33 metros, afim de accommodar não só os vapores de 270 metros que hoje se constroem, mas os que de futuro possam fazer-se ainda maiores. As comportas que fecham as docas pelo lado do nivel mais baixo terão uma altura egual ao fundo do canal, mais a altura do dique, e mais cousa de tres metros, ou um total de 25 a 33 metros, conforme as condições; dimensões que excedem muitissimo as de quaesquer outras comportas do mundo. Apenas o navio entra na doca e fica amarrado de forma que não actue sobre elle a corrente, mas que possa comtudo subir ou descer com a mudança de nivel, fecham-se atraz d'elle as grandes comportas e deixa-se entrar na doca a agua do nivel mais elevado ou exgota-se para o nivel mais baixo, conforme o navio fôr na carreira ascendente ou na descendente. Quando se attinge o novo nivel, abrem-se as outras comportas, e o navio prosegue a sua derrota entre margens atravancadas até á babugem de agua com o emmaranhamento caprichoso de uma selva tropical ou com as plantações regulares de bananeiras. Ao chegar ao terminus do canal, desembarca o pratico, e o navio desapparece mar em fora.

Se a entrada se fizer por Panamá, as casas caiadas e os telhados vermelhos, sobrepujados pelos campanarios da velha cathedral, e as copas das grandes palmeiras da praça, trarão á mente reminiscencias da antiga Hespanha; d'ahi seguir-se-ha pelo canal, em direitura das Cordilleras, que da banda do Pacifico não offerecem á vista rompimento algum. Nenhum fez a natureza, e o feito pela mão do homem não será visivel a distancia. Depois de atravessar a grande trincheira, cujas empinadas bordas testemunharão para todo o sempre a grandeza da obra, a cota dos terrenos adjacentes irá gradualmente descendo até ás terras baixas de Colon. Ahi encontrar-se-ha a antithese de Panamá. Em vez da antiga Hespanha, ver-se-ha uma cidade cheia do bulicio e da vida do seculo XX, com as suas enormes pilhas de carvão, armazens de toda a especie, docas e diques para reparação dos navios. Para alem fica o Atlantico, d'onde vieram aquelles que procuravam, não um mundo novo, mas o caminho para o antigo.

No melhor dos casos, a derrota pelo canal será demorada. A capacidade do canal para a passagem dos navios, embora grande, será limitada, e todos os obstaculos occasionaes contribuirão não só para acrescer o tempo do transito, mas tambem para diminuir a capacidade. Uma doca, por mais engenhosamente planeada e habilmente construida, é um elemento de delonga e de perigo importante. Gastar-se-ha tempo não só nas funções mechanicas de abrir e fechar comportas, mas tambem na perda da velocidade do navio ao approximar-se ou ao afastar-se, e no vagaroso processo de introduzir um grande navio na bacia. Quanto menor fôr o tempo do transito, menos navios haverá no canal n'um dado momento, e maior será assim a efficacia do canal para transporte. Quanto ao perigo, sempre o ha em metter um navio grande entre muros de alvenaria, com um pequeno espaço a cada um dos bordos, e em introduzir agua que eleve um peso de 50:000 toneladas talvez, ou em retiral-a para baixar esse enorme peso de um para outro nivel.

Qualquer accidente pode inutilisar temporariamente a doca, e, embora as docas sejam em duplicado, qualquer interrupção pode occasionar graves transtornos.

Por outro lado, os advogados do systema de docas allegam que as docas com as suas reprezas produzirão lagos, augmentando assim efficazmente a secção do canal, e habilitando assim os navios a andarem com maior velocidade para contrabalançar em parte a perda de tempo occasionada pela entrada e sahida das docas. Em resumo, o plano de nivel dará um canal com o minimo de tempo para o transito, o maximo de capacidade e o minimo de perigo; ao passo que um canal com docas de passagem poupará um avultado capital, algum tempo no iniciar dos trabalhos, e, na opinião dos seus advogados, terá capacidade sufficiente para as exigencias da navegação e, com o uso das necessarias salva-guardas, reduzir-se-hão os perigos a uma quantidade desprezivel.

MUDANÇA DE CONDIÇÕES

Pergunta-se com frequencia como é que tão radicalmente se alteraram as condições desde o fiasco dos francezes, que permittissem aos Estados Unidos intentar agora a mesma obra com esperança de exito. Em primeiro logar a primeira administração franceza foi incompetente e prodiga quasi alem do que se pode imaginar. Em segundo logar, tanto essa primeira companhia como a sua successora eram sociedades particulares trabalhando para um lucro mercantil, e obrigadas a pagar pelo menos 6 por cento do seu capital; ao passo que o governo americano, podendo contrahir emprestimos por quasi um terço d'aquelle juro, pode empregar cerca de tres vezes o mesmo capital sem maior encargo annual para a empreza. Em terceiro logar, tem-se realisado um consideravel progresso nas machinas excavadoras, tendo por consequencia o trabalho mais em conta, podendo alem d'isso compensar-se o excesso pelo desenvolvimento da energia electrica em Gamboa, o qual era a começo irrealizavel. Finalmente, como justificação senão como razão, os navios teem augmentado tanto de tamanho que seria hoje insufficiente o que bastaria ha vinte annos, tanto mais que o canal deve estar concluido d'aqui a doze annos.

Não soffre duvida que a solução ambicionada é o canal de nivel, dando passagem com o maximo de capacidade, o minimo de demora, e o minimo perigo. O fallecido engenheiro chefe da commissão do canal relatou que tal resultado se pode obter com uma despeza extra de cerca de 80 milhões de dollares (80:000 contos de réis) em dinheiro e dois a tres annos a mais. Para uma empreza de tão transcendente influencia, e para um governo que dispõe de grandes recursos, cem mil contos não é quantia exorbitante e tres annos não representam dilação excessiva, em comparação com as vantagens addicionaes que se asseguram.

UM CANAL PARA A AMERICA

O principal beneficiario do canal será o povo dos Estados Unidos, de forma que o canal do Panamá será essencialmente um canal americano. Dos portos da Europa Septen-

CASAS PARA OPERARIOS AO LONGO DA LINHA DO CANAL

HOSPITAL EM PANAMÁ
EDIFICADO PELOS FRANCEZES

PALACIO DE LESSEPS EM COLON

AGENCIA CENTRAL DO CANAL EM PANAMÁ, CONSTRUIDA POR LESSEPS

trional para a India, China, Japão, a distancia por Suez ou por Panamá será substancialmente identica; e portanto os navios continuarão provavelmente a seguir a derrota costumada, a não ser no caso de navios de excepcional grandeza, que não podem passar sobre o fundo restricto do canal de Suez, o qual os limita a um calado de agua de 28 pés (9^m,25). Da Grã-Bretanha e da Alllemanha dara a Australia e a Nova Zelandia haverá uma economia em distancia de cerca de mil e quinhentas milhas sobre a derrota de Suez — sufficiente segundo todas as probabilidades para se tornar factor determinante. Para o commercio americano o encurtamento será sobremaneira importante. De New-York para Manilla não é grande a differença; mas para Yokohama já ella importa em 3729 milhas nauticas; para Shangai, 1629 milhas; e, comparada com a derrota pelos estreitos de Magalhães, para Callao a vantagem é de 6343 milhas, e para San Francisco, 7640 milhas. O novo canal aproximará 6000 milhas de Liverpool os campos de cereaes dos estados do noroeste do Pacifico, e 9500 milhas de San Francisco o ferro e o carvão dos estados do golfo do Mexico embarcados em Nova Orleans e Pensacola, dando aos primeiros um novo e importante mercado que ainda não se lhes abrira, e aos ultimos uma vantajosa collocação de material de fabrico. Até hoje, o grosso do commercio americano tem sido com a Europa. Grande como o trafico transatlantico, o transpacifico offerece grandes possibilidades de desenvolvimento. Nas costas longinquas d'este oceano ha quatrocentos milhões de almas, avidas de fazer negocio e começando rapidamente a comprehender os beneficios do commercio internacional. D'essa gente, oito milhões, se não são propriamente cidadãos americanos, pelo menos estão sob a protecção e a influencia dos Estados Unidos. O valor das importações e exportações annuaes entre o Extremo Oriente e o porto de New-York tão sómente sobe a quasi 200 milhões de dollares e promette desenvolver-se muito

O CAMINHO DE FERRO DE PANAMÁ E O RIO CHAGRES EM GATUM
EMBARCAÇÕES TRAZENDO BANANAS PARA O MERCADO

com as facilidades de transporte. O canal de Panamá só cederá aos caminhos de ferro transcontinentaes na tarefa de desenvolver o trafico americano, tanto interno como internacional.

Annunciou-se que o governo americano tem a intenção de conceder a todas as nações clausulas eguaes e eguaes direitos e a cobrar impostos de portagem sem a mira de lucros commerciaes. Esse procedimento, tendendo a aproximar os confins do globo e a estreitar as relações dos povos, é a maior promessa de paz universal e um passo importante para o periodo aureo em que os conflictos entre as nações assim como entre os individuos, serão resolvidos sem appellar para as armas.

Quando finalmente se misturarem no hemispherio norte as aguas do Atlantico e as do Pacifico, colher-se-hão os fructos sazonados do descobrimento de Balboa, que não só perdeu a vida no isthmo, mas a quem até quizeram roubar a gloria d'esse feito em favor de Cortez. Na lingua hoje mais espalhada pelo mundo, praticou tal injustiça o poeta Keats, dizendo:

> Or ike stout Cortez when with eagle eyes
> He stared at the Pacific, and all his men
> Look 'd at each other with a wild surmise,
> Silent, upon a peak in Darien.

(Ou, como o forte Cortez quando com olhos de aguia contemplou o Pacifico, e todos os seus, desconfiados e feros, se encaravam mutuamente, silenciosos, sobre um pincaro do Darien).

Se a mocidade soubesse...

V

A MALA DO REI

stevam, cuja attenção foi despertada vivamente, quando o homem de leis pronunciou o nome de Betty, voltou-se outra vez no canapé, n'um grande abatimento de corpo e de espirito. Apenas soube o endereço da burgravina e o facto consolador de que tanto ella como Sidonia—pois onde aquella estivesse, estaria esta—não se achavam no Palacio Real, e que era Betty, a encantadora e frivola Betty, a presa cubiçada em que se tinham fixado os olhares libertinos de Jeronymo, sentiu um profundo allivio. Certamente cahiu em somnolencia, porque se viu outra vez no velho burgo de Wellenshausen, com Sidonia, a sua linda noiva. Estava sentada n'uma cadeira de elevado espaldar e com o seu vestido de noivado, como elle a vira a ultima vez.

Olhava-o, porém, a sorrir e dizia-lhe:

—O tio deu-me a sua carta. Foi tudo um equivoco, um grande equivoco.

E querendo avançar para ella, na ancia de tomal-a nos braços, de repente, com o horror phantastico dos sonhos, a physionomia de Sidonia tornou-se outra, vermelha, desfigurada, semilhante ao rosto avinhado do estudante que violava as cartas particulares. E a voz da donzella mudou tambem, passando a rouquenha, entrecortada constantemente de risadinhas de escarneo.

Dizia:

—Nunca me teve amor, vejo-o agora bem claro. Procedeu correctamente para comigo, bem sei, mas o nosso casamento é impossivel perante Deus e perante os homens. Se a tempo eu tivesse comprehendido isto, preferiria a morte a dar o meu consentimento. Mas ainda não é tarde. O nosso casamento não é verdadeiro casamento. Já me informei e tenho a certeza de que em breve podemos ficar livres. Nunca mais o torno a ver, nunca mais!

Estevam sentou-se na cama e sentiu como que um gemido. O rabequista tinha passado em volta da meza com agilidade de gato, e, sem diezr palavra, cahiu sobre o legista, paralysando-lhe, com pulso de ferro, a mão que segurava a carta.

Foi o que obrigou o outro a mugir, como se o carrasco já estivesse a contas com elle. O decano acordou estremunhado e vociferou «Traição!», ao passo que o theologo, como se o brado lhe desse o ultimo retoque á instabilidade, cahiu para o chão, qual massa inerte, agarrado ao cangirão mais uma vez despejado. O decano atirou-se ás cegas para cima do rabequista, o que, visto pelo conde, o fez saltar do canapé.

Embora tivesse apenas livre um braço, porque ainda trazia o outro ao peito, Estevam subjugou facilmente o bebedo. Vendo-se livre da Espada da Conspiração, Hans levou a melhor com o homem de leis, e apossou-se novamente da carta. Tinha ao de leve escarlates as emaciadas faces, e a palpitarem as finas azas do nariz; no mais não denunciava a minima alteração.

Estevam ouviu-o com espanto dizer, cheio de ira e desprezo:

—*Palsambleu!* Já não posso atural-os! Que suinos tão avinhados e boçaes! Vamos! É deital-os para o chiqueiro! Conde, atire o seu a rolar pelas escadas abaixo! Se lhe doe o hombro, tem sãs as pernas, e boas solas nas botas de montar!

O legista, em quem, durante muito tempo, o vinho parecera actuar como estimulante, afinal tambem fraquejou, e, deitando os braços ao pescoço do musico, exclamou com grande ternura: «Ai o meu querido, o meu velho amigo!», e pareceu que ia adormecer encostado a elle.

—Pff!... bradou o rabequista, desenvincilhando-se por um movimento rapido, e, pregando-lhe uma revira-volta, fez com que elle fosse de escantilhão parar ao corredor. Em frente escancarava-se suggestivamente a porta de um quarto deserto, que o luar alumiava. Para lá atirou o decano, bem como a espada, o cinturão e o cachimbo.

que subia do rez do chão, reinava silencio na estalagem dos «Tres Caminhos».

—É o correio—disse o vagabundo.—Não lhe annunciei, meu nobre amigo, que o levava para a companhia de heroes? Ouça-os! É assim que se conspira na Westphalia.

UM CORREIO QUE ARRIPIAVA A TROTE O CAMINHO DE CASSEL

Quando voltaram para o quarto onde tinham estado primeiro, o musico encaminhou-se para a janella e esteve aspirando a longos haustos o aroma purissimo do arvoredo. Estava-se na hora mais tranquilla e mysteriosa da noite—a que precede a madrugada. Tingia-se o firmamento de um estranho e profundo azul para quem o via com os olhos deslumbrados ainda pela luz do candieiro que ardia interior do quarto. As estrellas iam empallidecendo. Com a cabeça descahida para traz, o artista ergueu a vista e ficou olhando. Estevam já se habituara a respeitar certas coisas que elle fazia. Por isso não lhe disse nada, nem se lhe approximou; depois de ter desinfectado o quarto pelo simples expediente de pôr de lá para fóra todas as garrafas e cangirões, sentou-se e ficou esperando, absorto em dolorosa meditação.

O musico soltou afinal um profundo suspiro, e, deixando aberta a janella, veiu sentar-se defronte do companheiro. Entre elles estava o contheudo da mala furtada ao postilhão.

O velho tinha severo aspecto no semblante pallido e fatigado. Sempre em silencio, foi apanhando a correspondencia que ficara intacta, e deitando-a para dentro da mala.

—Dê-me, por quem é, e minha carta!—disse-lhe Estevam surdamente. N'isto, porém, o sangue quente e juvenil atraiçoou-o, arrancando-lhe este grito de amargura: Oh! Sou um miseravel!

Estevam seguiu este exemplo, mas foi mais compassivo, pois lançou a sua carga para cima de um colxão de pennas.

—Temos outro ainda—disse o artista, sacudindo das mãos a poeira. Parecia enojado. Já não era o rabequista Hans, mas sim um verdadeiro *grand-seigneur*, offendido nos requintes de elegancia aprendidos em Versalhes. Levou outra vez Estevam até ao mesmo quarto.—Acarretemos para aqui o cevado. Segure-o pelos pés, que eu levanto-o pela cabeça.

O theologo ainda não tinha tugido nem mugido. Os dois ergueram-n'o e foram deital-o a par do legista. Ficaram ambos estiraçados sob a luz branca do luar, e guardando uma tal ou qual symetria, como peixes no balcão de um peixeiro.

Sahiram para fora e Hans fechou a porta á chave. Foram escutar ao alto da escada, envoltos pela escuridão. A não ser a bulha que vinha de dentro do quarto, feita pelos conspiradores a resonaram, e um ruido semilhante

O companheiro olhou-o de soslaio. Coisa extranha—pois que era elle afinal, senão um desgraçado, meio demente e vencido da vida?—o sorriso que se lhe desenhou no rosto fez com que o mundo se animasse aos olhos do muito rico e nobre Estevam Lee, conde de Waldorf-Kilmansegg.

—Oh! Abençoados os infortunios da mocidade!—exclamou elle á sua antiga maneira, entre commovido e folgazão.—Essas magoas e suspiros, talvez não creia, hão de ser-lhe mais agradaveis nas recordações da velhice, que as bulhentas alegrias da sua mocidade! Aqui tem a carta. Vamos! Chore sobre ella, enfureça-se com toda a raiva dos anceios reprimidos. Pois que! Abre-lhe os braços, e Sidonia, em vez de precipitar-se n'elles immediatamente, ousa esquivar-se! Condescende em correr-lhe no encalço, e ella não pára immediatamente, deixando-se apanhar! Imaginou que o sol de amanhã o veria cingir a sua noiva contra o seio, e conhece afinal que ainda tem de fazer-lhe a côrte! Chore o seu cruel destino, acho-o realmente digno de lastima!

—Não tem aqui a rabeca?—perguntou Estevam, apanhando a folha de papel, que o outro lhe apresentava.— Podia pôr em musica a minha loucura. Quando quizer prégar-me algum sermão, prefiro, se não o incommodar, que o faça por meio das cordas do seu Stradivarius.

O musico ia já tomando como impertinencia estas palavras, e ainda chegou a contrahir o rosto, mas logo esboçou um sorriso; suspirou e disse por fim, retomando um aspecto de triste serenidade, ao mesmo tempo que desferia as cordas do instrumento, que Estevam lhe approximara.

—Não!

E poz as mãos sobre as cordas, para lhes fazer calar o som gemebundo. Continuou:

—Se eu agora tocasse, não seria musica para a sua mocidade, mas a que traduzisse uma dôr inconsolavel. Tolo! Pois não está viva aquella a quem ama? E ainda me vem falar, a mim, de desgraça!

As palavras eram desabridas, mas a expressão tinha ineffavel suavidade. Se Estevam se atrevesse, estenderia a mão para tocar na do musico. Não o fez porém, e foi bom.

O vento sussurrou nas arvores; na floresta havia bulicio e murmurios; o cariz do ceo purpurino e azul estremecia com pallidos cambiantes.

—Vae romper a manhã—notou o rabequista com voz fatigada.—Deite-se outra vez, que precisa dormir. Tem deante de si um dia de lucta. Guarde essa carta debaixo da almofada. Se lhe parecer cruel, lembre-se de que ella a teve nas mãos. Ah! Se soubesse como estaria ferido aquelle coração, para se desentranhar em palavras tão severas! É orgulhosa? Tanto mais propria para sua companheira. E de modo nenhum quer um casamento sem amor? Não é porque nunca venha a amar. Pobre Sidonia, que ainda hontem era uma creança!.... Já que a tornou mulher, como tal deve aprecial-a.

Estevam, junto do sophá, estava palpitante sob as doiradas visões que ante os seus olhos febris evocavam aquellas palavras.

Sidonia, a gracil creaturinha, de fartos cabellos de oiro, e olhos castanhos e verdes, claros embora profundos, como arroio deslisando á sombra do arvoredo... Sidonia, cujos labios elle beijara uma vez, uma vez só, e que lhe sorrira por baixo do seu veu de noiva....

Negara-se a tocar o artista, mas era musica divina o que as suas palavras evocaram para Estevam, sob a luz purissima da madrugada.

O velho sahiu afinal da melancolica abstracção. Estendido no canapé, no completo abandono da fadiga, Estevam dormia como uma creança; o seu bonito e fresco semblante sorria, voltado para a luz da aurora. A ternura destendeu as feições do artista, que murmurou a meia voz.

—*O' bella gioventú!*

Baixou os olhos para os papeis que tinha dispersos deante de si, e franziu os labios n'um sorriso de mofa. Ali estava a obra do mesquinho crime praticado n'aquella noite, sob color de patriotismo e de conspiração nacional. Mas por fim de contas, não se poderia tirar do caso algum proveito? Como dormia profundamente o pobre moço!... Não é que o vagabundo invejasse a quem dormia, excepto se para o somno não houvesse despertar.

—Bom! Mãos á obra!

Cheio de repugnancia, pegou com as pontas dos dedos na missiva em que a burgravina Betty se rendia ao regio Don Juan. Era claro que a gentil serigaita se desvanecia com a ideia de ser uma das *mil e tre*. Mas a borboleta Betty era casada!... Sim, tornava-se preciso salvar a borboleta, ao menos por amor

A CARTA QUE ME MANDASTE HOJE DE MANHÃ, MINHA BETTY!

da innocente creança, que não tinha, por emquanto, melhor agazalho que o d'aquellas azas tremulas e coruscantes.

Tornou a ler a carta destinada a Jeronymo Bonaparte e sorriu. Desdobrou depois a outra folha com a ponta do dedo. O terminante «Nunca!» resaltava do papel, traçado na fina lettra de Betty.

Sorriu-se de novo.

*

* *

Atravez da janella, veiu um raio horisontal do sol bater nas faces do dormente.

O rabequista ergueu-se para ir fechar o postigo. Estevam franziu os olhos e acordou.

A floresta, lá fora, entoava uma canção de força e vida, n'aquelle dia afanoso de primavera: eram chilreadas e gritos, era o investir das vergonteas e renovos, era a lucta dos rebentos prenhes de seiva, era o zumbir das azas juvenis, era o tumultuar de animaes de pelo avelludado perpassando nas matizadas clareiras.

Dormir n'aquella manhã chegava a ser uma vergonha. Estevam respirou largamente o ar vivificante e descartou-se do mau humor.

—Está bem—disse-lhe o artista, como se elle lhe tivesse falado. Dá-nos o exemplo a natureaz, que em tendo trabalho para fazer sempre o faz bem. Vamos a isto, companheiro: tambem temos deante de nós uma tarefa para desempenhar e sem demora. A mala está prompta. Façamos com que o postilhão parta novamente, a cumprir as interrompidas obrigações. Sabe Deus em que estado iremos encontrar o brutamontes. Naturalmente será preciso despejal-o á bomba. E então, ala para Cassel!

Quando já iam na escada, ouviram o som melodioso que os patriotas, resonando, produziam dentro do quarto fechado á chave. O postilhão já não dormia, mas ainda estava de papo para o ar, estendido no banco, de cara voltada para as vigas do tecto e mirando estupidamente um molho de ervas que lhe pendia por cima da cabeça.

Apesar da hora matinal, a casa já estava em plena actividade.

Na vasta lareira crepitava alegremente um bom lume, e de um quarto interior vinha o fresco som da agua a correr. O dono de estalagem, postado ao meio da porta aberta de par em par, contemplava a estrada deserta, mas voltou-se para traz, apenas sentiu os passos dos dois companheiros que desciam a escada, e assumiu prazenteiro aspecto ao ver o rabequista.

— Bons dias! — disse-lhe Hans. — Bonitas coisas se passaram em sua casa esta noite.

—Então que quer!... Travessuras de estudantes!—respondeu o estalajadeiro, tomado de subito embaraço e recuando para a cozinha. Á passagem desviou furtivamente os olhos pequeninos, da mala que o rabequista acabava de pôr em cima da meza. E continuou: —D'essas coisas não quero saber. Deus me livre de quebrar a cabeça pensando no que faz quem é mais do que eu, e em partidas de estudantes. É por isso que hontem á noite peguei em mim e fui metter-me na cama. Eram coisas com que eu não tinha nada!—Riu muito contrafeito e proseguiu:—O que elles haviam de fazer!... Pespegaram-n'o, coitado do homem! dentro de uma pipa, que estava em Cassel, no pateo trazeiro da taberna do *Cacho de uvas*, onde elle costuma ir beber uma golada antes de fazer o seu giro. E tres d'elles... que demonicos!... sentaram-se na pipa, e, cantando e fumando nos seus cachimbos, sairam por uma das portas da cidade, nas barbas dos soldados francezes, que os viram passar e até se riram, sem que um unico dedo se levantasse para mandal-os parar. Palavra que foi uma partida de mão cheia! A carroça e a pipa estão ali, no pateo.

E com o dedo pollegar designou, por cima do hombro, o pateo banhado pelo sol, ao mesmo tempo que ria forçadamente.

—Os seus esturdios—disse-lhe o musico ambulante—estão dormindo o somno das consciencias tranquillas no melhor quarto da hospedaria. Fechei-os á chave para que o bom vinho que o sr. estalajadeiro lhes deu a beber, não lhes arrastasse a innocencia e leviandade a novos gracejos... que podiam ser de peor gosto.

Tirou a chave do bolso e lançando-a para cima da meza, accrescentou:

—Quando julgar conveniente, abra a gaiola aos passaritos.

O estalajadeiro pegou na chave, com certo contentamento. O musico durante segundos ficou pensativo, de olhos fitos no estiraçado postilhão, e casquinou afinal um frouxo de riso, murmurando:

—Dentro de uma pipa! É uma verdadeira graça de allemão, e não deixa realmente de

ter algum chiste! E o pobre diabo deu a entender que o tinham levado á força. Dizia a verdade.

O estalajadeiro ia já piscando o olho, mas reprimiu-se e limitou-se a tossir, resmoneando:

—Oh! Estes estudantes!

—Já me não admira que o animalejo tresande a vinhaça!—exclamou subitamente o conde, franzindo o nariz delicado. Ahi está a explicação do medonho fartum a vinho azedo, que nos ia transtornando o estomago hontem á noite, quando aqui entrámos, e que ainda se sente, apesar de estarem abertas as portas e janellas á fresca brisa da manhã.

—Tem toda a razão, fidalgo—acudiu o estalajadeiro—tanto mais que o sarrafaçal está ensopado em vinho, quer por fora quer por dentro. Se o espremerem, distilla vinagre... Deixal-o! Como me pagaram...

A este philosophico parenthesis, juntou:

—Minha mulher já lhe deu uns poucos de safanões, sem conseguir que elle se levantasse. Ali continua estatelado, mas era bem bom que se puzesse ao fresco.—Relanceou a vista com certo embaraço para o lado da mala, como se quizesse perguntar: «Que se ha de fazer áquelle impecilho?»

O musico disse com gravidade:

—Muito bem. O homem tem correspondencia para distribuir, não é assim? Distribuil-a-ha um pouco mais tarde. É coisa que em Cassel não tem hoje maior importancia. Necessita, porém, de ser completamente refrescado, e então eu e o meu companheiro levamol-o para junto da pia e o sr. estalajadeiro dá á bomba. Ah! Não será mau tirar-lhe primeiro o casaco. Vá, homem de Deus! Não esteja com indecisões. Se Sua Magestade tiver conhecimento do caso, talvez lhe dê uma condecoração. Pense n'isto!

—Deus me acuda!—disse o estalajadeiro, pondo-se branco enfiado e fazendo uma cruz sobre o alto do avental.—Se o rei Jeronymo soubesse isto, mandava-me fuzilar!

—Qual historia!—atalhou o musico alegremente.—Vá-se já com esta que lhe digo: dentro em pouco já não se dão condecorações nem se fazem execuções em nome de Jeronymo. Vamos no entretanto cumprir o nosso dever.—E voltando-se para Estevam:—Nunca me pareceu tão enojado, meu caro companheiro, mas tenha paciencia, que não tarda um minuto a purificação do animalejo, como o sr conde muito bem lhe chamou.

*
*   *

Era realmente um correio purificado, um postilhão regenerado e submisso, que pouco depois arripiava a trote o caminho de Cassel, bifurcado no mesmo cavallo, que na vespera á noite o havia d'ali trazido dentro da sua prisão de humidas paredes. Suspensa a tiracollo levava a grande mala da correspondencia, diminuida apenas em dois mandados de prisão e uma carta particular, que, valha a verdade, já tinha chegado ao seu conveniente destino. Tambem levava uma moeda de oiro na algibeira, e na cabeça uma historia plausivel de violencias soffridas e do modo por que se libertara, para contar se por ventura lh'a exigissem.

*
*   *

No melhor quarto da *Aigle Impérial* em Cassel acordou a burgravina Betty de Wellenshausen, e deitou para tudo o que a cercava um somnolento sorriso de complacencia.

Bocejou e espreguiçou-se deliciada. Como era bom acordar em Cassel, e sentir proximo o sussurrar da vida, a bulha incessante do pateo da hospedaria, as trompas dos postilhões, a bulha dos carros, o alegre vozear dos guardas francezes pedindo o café matutino, e os sons distantes das musicas marciaes trazidos pela briza! E encantava-se ainda mais com tudo isto, comparando-o com a solidão do seu burgo de Wellenshausen, alcandorado no cimo de uma rocha, onde a luz da manhã podia encontral-a ás vezes com as nuvens adejando-lhe abaixo dos pés, e onde apenas quebrava o sepulchral silencio o esvoaçar de alguma ave que passasse perto do torreão envolto em nevoeiro.

Sim, achava *du dernier agréable* em Cassel—as preferencias de Betty inclinavam-se naturalmente para os francezes—o despertar na perspectiva de um dia que provavelmente ia dar-lhe a experiencia de coisas absolutamente novas e divertidas. Jeronymo era sem duvida um homem encantador!

Excedia talvez um pouco os limites do conveniente o pedido que elle lhe fizera de um *rendez-vous* secreto, porém Betty não lamentava a resposta que tinha dado. Sem estar completamente resolvida a ceder, acaso não teria

direito, louvado Deus! para distrahir-se um pouco, depois de tres annos passados em Wellenshausen!

Ainda não acabara estas futeis considerações, quando sentiu a porta ranger...

Esfregou os olhos e pensou que ainda estava a sonhar: no vão da porta apparecia a figura atarracada e a calva luzidia do marido.

Não havia duvida possivel. Era o burgrave de Wellenshausen em pessoa.

Betty sentou-se na cama, com a touquinha de rendas a escorregar-lhe das aneladas madeixas, um tudo nada aberta a bocca vermelha como cerejas, e muito arregalados os olhos: a verdadeira imagem do espanto e da indignação.

O burgrave avançou pelo quarto pesadamente e na ponta dos pés, lembrando um urso quando sae do covil. Tinha fechado a porta e parou a sorrir, meio timido, meio enfatuado.

Betty ergueu para o ceo as mãos, com os dedos enclavinhados, e pousou-as outra vez nos lençoes, rouquejando:

—Como se atreveu a!... Pois eu não lhe tinha prohibido?...

—Socega, minha Betty, amorzinho do meu coração, minha pomba! Vejo que te assustei. Estavas a dormir, meu anjo?... Logo que recebi a tua adorada cartinha, bem vês que...

—A minha adorada cartinha!—gritou Betty, com os olhos ainda mais esbogalhados e os cabellos mais em pé. Ficou immovel, a pensar. É certo que elle a bombardeara com supplicas abjectas, verdadeiros mugidos lançados ao papel; comtudo a resposta fôra terminante e firme.

—A minha adorada cartinha!—tornou Betty a dizer em voz baixa. E recordando-se do que tinha escripto ao marido, a custo sofreou uma gargalhada, e mais se lhe cavaram as covinhas das faces. O burgrave, contemplando-a amorosamente, disse comsigo mesmo que tinha deante dos olhos a mais seductora e allucinante creaturinha de quantas foram creadas para delicia ou tormento do homem. Afinal murmurou, tirando da algibeira do peito um papel côr de rosa:

—A carta que me mandaste hoje de manhã, minha Betty. Admiras-te de que eu, mal a recebi, corresse logo em busca da minha terna esposa?—E, com o braço estendido, apresentou-lhe a missiva.—Queres que te leia as palavras tão dignas e repassadas de fidelidade conjugal, que escreveste aqui? Ouve: «seria desleal se persistisse em rebellião para com o meu legitimo senhor».

A situação esclareceu-se repentinamente para a burgravina: por um inexplicavel descuido tinha trocado os sobrescriptos das cartas, que escrevera na antevespera. Que negregada moda a tal dos sobrescriptos, inventado pouco antes pelos francezes!

Cerrou os labios, apertando-os com os dentes, e assim poude suffocar o grito, que ia soltar. Forcejou por se lembrar do theor d'aquella carta que tanto a desvanecera, e deu graças á Providencia, por lhe ter suggerido aquellas expressões finamente ambiguas. Salvavam a situação... e salvavam Betty, burgravina de Wellenshausen, de uma desgraça irreparavel.

Voltou-se e sorriu para o burgrave d'um modo encantador, arrulhando:

—Monstro! Por ventura mereces perdão?

*

* *

Estava um sol brilhante quando Estevam entrou pelas portas de Cassel. Ia a par d'elle o rabequista, mas, apenas se viu dentro da cidade, estacou e fez um aceno ao companheiro, dizendo-lhe:

—Adeus!

—Como assim!—exclamou o austriaco, tomando a redea ao cavallo e sentindo um grande abalo com esta partida inesperada.

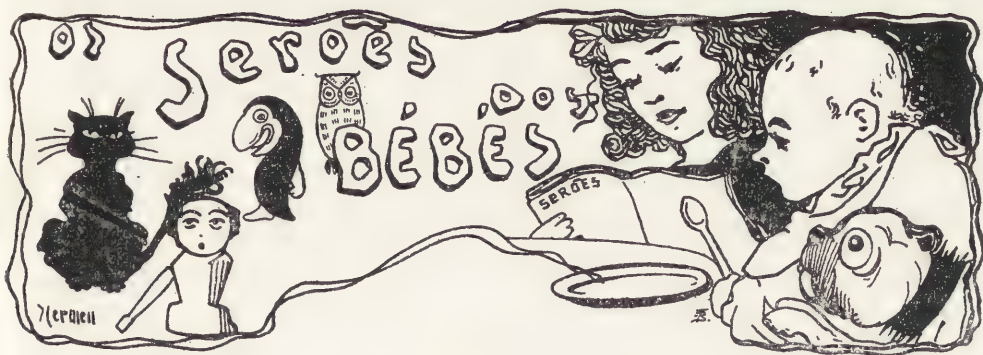
—Ah! Meu noivosinho! Se assim é necessario!... Que linda figura eu ia fazer na alegre Cassel! Não quero empanar-lhe de sombras a fidalga magnificencia.

Não obstante, approximou-se do companheiro, por cima dos seixos da calçada, pousou a mão no pescoço do cavallo, ergueu para o mancebo os olhos pisados, d'onde a zombaria tinha fugido, espancada pela meiguice, e disse-lhe baixinho:

—É um rapaz de bem e ama-a. Ande, vá dizer-lhe a pura verdade!

(Continúa.)

AGNES E EGERTON CASTLE.

(Traduzido do inglez por MAXIMILIANO DE AZEVEDO.)

Nicolau e Venceslau

Todos conheciam n'aquella terra o Nicolau e o Venceslau, dois homens nem moços nem velhos, nem altos nem baixos, nem bonitos nem feios, um gordo, outro magro.

Ora o Nicolau tinha uma fazenda onde havia uma figueira, que dava bellos figos moscateis. O Venceslau foi lá um dia, trepou á figueira, apanhou muitas duzias de figos e metteu uns para a barriga e outros para as algibeiras.

Deu por isto o Nicolau e protestou que havia de arranjar um varapau para dar uma sova no Venceslau, que era ratoneiro e marau.

Foi ter com um marmelleiro que havia na fazenda, e o marmelleiro disse-lhe:

— Como estás tu, ó Nicolau?

E o Nicolau respondeu-lhe:

— Estou bom e quero um dos teus ramos, para arranjar um varapau, para dar uma sova no Venceslau, que é ratoneiro e marau.

E o marmelleiro respondeu-lhe:

— Se queres um dos meus ramos, arranja um machado para me cortares.

O Nicolau foi ter com o machado, e o machado disse-lhe:

— Como estás tu, ó Nicolau?

E o Nicolau respondeu lhe:

— Estou bom e quero que cortes um ramo de marmelleiro, para arranjar um varapau, para dar uma sova no Venceslau que é ratoneiro e marau.

E o machado respondeu-lhe:

— Se queres que eu corte o marmelleiro, arranja uma pedra para me afiares.

O Nicolau foi ter com a pedra e a pedra disse-lhe:

— Como estás tu, ó Nicolau?

E o Nicolau respondeu:

— Estou bom e quero que afies o machado, para cortar o marmelleiro, para arranjar um varapau, para dar uma sova no Venceslau, que é ratoneiro e marau.

E a pedra respondeu-lhe:

— Se queres que eu afie, arranja agua para me molhares.

O Nicolau foi ter com a agua que havia no poço da fazenda, e a agua disse-lhe lá de baixo:

— Como estás tu, ó Nicolau?

E o Nicolau respondeu-lhe:

— Estou bom e quero que molhes a pedra, para afiar o machado, para cortar o marmelleiro para arranjar um varapau, para dar uma sova no Venceslau, que é ratoneiro e marau.

E a agua respondeu-lhe:

— Se queres que eu molhe a pedra, arranja que a nóra me leve lá para cima.

E o Nicolau foi ter com a nora, e a nora disse-lhe:

— Como estás tu, ó Nicolau?

E o Nicolau respondeu-lhe:

— Estou bom e quero que levantes a agua para molhar a pedra, para afiar o machado, para cortar o marmelleiro, para arranjar um varapau, para dar uma sova no Venceslau, que é ratoneiro e marau.

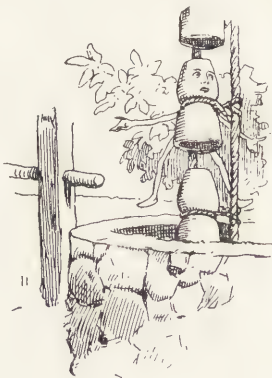
E a nora respondeu:

— Se queres que eu levante a agua, arranja que o boi me faça andar.

O Nicolau foi ter com o boi, e o boi disse-lhe:

— Como estás tu, ó Nicolau?

E o Nicolau respondeu-lhe:

— Estou bom e quero que façanhas andar a nóra, para levantar a agua, para molhar a pedra, para afiar o machado, para cortar o marmelleiro, para arranjar um varapau, para dar uma sova no Venceslau, que é ratoneiro e marau.

E o boi, que era muito manso e obediente, fez andar a nora, e a nora levantou a agua, e a agua molhou a pedra, e a pedra afiou o machado, e o machado cortou o marmelleiro, e o Nicolau arranjou o varapau, com que deu uma sova no

Venceslau, a quem chamou ratoneiro e marau.

Mas como não era peco, o Venceslau tirou o varapau das mãos do Nicolau e deu-lhe um troco menos mau.

E assim ficaram ambos castigados: por furtar os figos o Venceslau e por ser vingativo o Nicolau.

Concurso photographico dos "SERÕES" — Menção honrosa

UM TRECHO DE UNHAES DA SERRA

Photographia do sr. Antonio Antunes dos Santos

Concurso Photographico dos "SERÕES"—Menção honrosa

BUSSACO — AVENIDA DA RAINHA

Photographia do sr. Joaquim Severiano Pereira

ACTUALIDADES

Grandes topicos

Politica mundial

Todas as attenções se acham n'este momento voltadas para Algeciras, embora das sessões officiaes dos diplomatas pouco possa comprehender o publico avulso para formar previsões até certo ponto seguras sobre os seus resultados. A parte essencial da conferencia passa-se entre bastidores, e aqui e alem, pela imprensa dos paizes principalmente interessados, surgem leves indicios do que vae occorrendo.

ARMAND FALLIÈRES
NOVO PRESIDENTE DA REPUBLICA, ELEITO A 17 DE JANEIRO DE 1906

Apezar dos protestos pacificos do imperador da Allemanha, a attitude dos jornaes do seu paiz não disfarça em grande parte a hostilidade tradicional contra a França. A linguagem provocadora encontra echo até nas regiões officiaes, e ainda ultimamente, por occasião do anniversario natalicio do Kaiser, os discursos pronunciados cheiravam bastante a polvora. Naturalmente, a imprensa franceza nem sempre póde conter-se nas normas de moderação de que ultimamente tem dado provas brilhantes e, para falar com franqueza, inesperadas.

A politica estrangeira de França parece não dever modificar-se com a ascensão á cadeira presidencial de Mr. Fallières, eleito a 17 de janeiro, e que se prevê continuará no caminho prudentemente trilhado pelo seu antecessor Loubet. Por conseguinte, em presença da attitude dubia da Allemanha, formula-se a mesma interrogação anciosa sobre o proximo emprego dos for-

midaveis armamentos, que tem sido a preoccupação das potencias europeas.

Internamente, acha-se a republica franceza a braços com um grave problema. Os motins occasionados pela execução da lei de separação da Egreja e do Estado fazem receiar complicações de ordem religiosa, que são porventura as mais temiveis entre as dissensões civis. Que as afaste Deus, para quem presentemente se apella, como facho de guerra, Elle que os puros christãos respeitam como symbolo eterno de paz e concordia!

Todos estes successos teem desviado as attenções geraes do que se nos afigura um dos factos mais transcendentes do presente seculo. Referimo-nos á revolução russa, que continua em alternativas tragicas, ensanguentando o extensissimo solo moscovita.

O PRIMEIRO CARDEAL BRAZILEIRO
Sua Eminencia Arcoverde de Albuquerque bispo do Rio de Janeiro

N'este momento, é a reacção que parece levar a melhor. A autocracia, dominada pela burocracia que a tão lastimoso estado tem reduzido a Russia, trata de se esquivar ás promessas que um momento de justo terror lhe arrancou. Pelo menos, é licito duvidar da sua sinceridade, ao contemplar a maneira feroz por que tenta abafar-se o movimento revolucionario e a benevolencia com que se acolhem os protestos de fidelidade ao despotismo. Isto não impede comtudo que o incendio se propague e que resurja nos pontos mais afastados do imperio, desde o Baltico até Vladivostok, desde a Filandia e a Polonia até ao Caucaso.

É uma peripecia mais de um colossal drama

A SECESSÃO AUSTRO HUNGARA
O que pode vir a succeder
(Do «Nebelspalter»)

sangrento, esta a que estamos assistindo, e, apesar das esperanças dos reaccionarios, a autocracia não póde por emquanto gabar-se de objectivo para a apotheose final.

E já que as cousas da Russia nos levam os olhos para o Extremo-Oriente, accentuemos o resurgimento do espirito nacionalista no Celeste Imperio,

OS BRINDES DO KAISER
«Ergo dois brindes: o primeiro á Paz, segundo á Guerra»
(Do «Weekblad vou Nederland»)

onde os europeus estão sendo perseguidos e expoliados, como em antigas eras. O facto assume n'este momento gravidade excepcional. É porventura um symptoma da consciencia que a raça amarella vae adquirindo da sua força, triumphalmente manifestada nas ultimas victorias do Japão. Os mongolicos querem entrar na posse exclusiva da sua terra, e não tardará porventura que se valham, como o Japão, dos elementos bellicos que lhes proporciona a civilisação occidental. E se assim fôr, o commercio europeu tem de contar com menos uma clientela importante, e a politica europea com menos uns vastissimos territorios para a sua expansão.

CARICATURA RUSSA SUPRIMIDA
O cocheiro representa o dormente e senil ministerio russo, que está inconscientemente guiando as pilecas esfalfadas e o carro escangalhado, representando a nação russa, para a ruina, sem reparar no aviso collocado no poste
(Do «Oskolki»)

UMA GRANDE CATASTROPHE NAVAL

Uma catastrophe tremenda, enlutando o paiz nosso irmão de alem do Atlantico, feriu profundamente os corações portuguezes. Um dos mais bellos navios da marinha de guerra brazileira, o couraçado *Aquidaban*, foi destruido por uma explosão perto do Rio de Janeiro, victimando centenas de pessoas, entre as quaes dois almirantes e muitos officiaes. A narrativa do triste acontecimento consta de toda a imprensa diaria. Abstemo-nos por isso de a reproduzir, emquanto o nosso illustre correspondente litterario do Rio de Janeiro não nos fizer chegar as mãos notas ineditas e vigorosamente impressionistas sobre o assumpto. Limitamo-nos por agora a consignar nos *Serões* a expressão da nossa profunda magua, e a noticia do sympathico movimento que na patria portugueza, vae alastrando, para nos associarmos de uma maneira condigna ás

POBRE WITTE!
WITTE — *Não me estrangules, aliás despenhamo-nos ambos*
(Do «Kladderadatsch»)

manifestações dolorosas pelo tragico successo que feriu nossos irmãos de alem-mar.

Cerimonias funebres se teem realisado em varios templos, promovidas por brazileiros e portuguezes. Projecta-se em Lisboa um grande cortejo, afim de angariar subsidios para as familias orphanadas, e para o mesmo effeito se preparam espectaculos em diversos theatros. É um tocante symptoma da confraternisação internacional pela dôr.

RAIOS DE SOL QUE ALCANÇAM LONGE
Todo o mundo aguarda com interesse e alguma anciedade os resultados dos triumphos japonezes na Mandchuria
(Do «Minneapolis Journal»)

Vida na sciencia e na industria

A ORIGEM DA VIDA

A descoberta dos radiobios, feita ha mezes pelo sabio Burke, á qual já n'este logar nos referimos, e que tanto alvoroço despertou no mundo scientifico, presta actualidade frizante á obra ultimamente publicada em Inglaterra pelo dr. Bastian, e intitulada *A natureza e a origem da materia viva.*

O dr. Bastian não crê que os radiobios sejam realmente vivos, basta como argumento em contrario a sua solubilidade na agua. Está comtudo convencido da verdade da archebiose e da heterogenese. Por archebiose entende-se o desenvolvimento das cousas vivas das destituidas de vida, e o dr. Bastian acredita na realidade constante d'esse phenomeno.

«As absurdas noções antigas», diz o erudito auctor, «sobre a geração espontanea, taes como os ratos produzidos dos lodos do Nilo, as enguias do lodo dos rios em geral (Aristoteles), as abelhas nascidas da carne putrefacta dos bois (Virgilio), e outras fantasias do mesmo jaez, é claro que não são dignas de consideração scientifica... Com respeito ao processo da archebiose, nenhum sectario da evolução poderá nunca suppôr que elle tenha algo de commum senão com a origem de formas organicas inferiores e simples... Por sua mesma natureza deve ser um processo completamente fóra da experiencia humana — e que é de presumir nunca venha a entrar nos limites da observação effectiva dos homens.

«De fórma que, ainda quando ao professor Huxley fosse dado, como elle disse n'um discurso celebre, «olhar para além do abysmo do tempo geologicamente definido», não seria nada provavel que elle fosse capaz de assistir, como elle affirmava, a uma «evolução do protoplasma vivo proveniente da materia sem vida». O maximo que elle poderia vêr (e ainda armado de um poderoso microscopio) seria o que lhe era dado ver durante a sua existencia, em condições mais favoraveis, isto é, uma emergencia gradual na esphera do visivel, dentro de algum fluido apropriado, das particulas minimas do protoplasma vivo».

É isto mesmo que o dr. Bastian assevera ter observado em repetidas experiencias a emergencia, n'um fluido absolutamente isento de vida, de minimas particulas vivas que rapidamente se transformam em bacterias ou n'outras formas reconhecidas da vida inferior. Suggere elle que se deve buscar a explicação na actividade natural de moleculas, similhante á que produz os crystaes. Deve citar-se um importante argumento de puro raciocinio:

«Se, «pergunta elle,» como sustenta a maioria dos evolucionistas, surgem formas primitivas de vida apenas no passado remoto e não continuam a surgir até hoje, como é que ainda enxameiam na terra esses organismos inferiores — bacterias, amebeas, bolores, infusorios, e outros que taes? Ha muito que a evolução as devia ter elevado na escala dos seres.»

A sua persistencia e universalidade demonstram que esses organismos, dos quaes, ou de identicos, se teem evolvido organismos superiores atravez dos seculos, estão a cada passo sendo creados da materia inerte. Em resumo, a creação é um processo incessante, não um facto remoto que só uma vez occorreu.

A outra theoria, a heterogenese (a transformação de um organismo n'outro), constitue a especialidade do dr. Bastian. De ha muito se sabe que nos pecegueiros hão de, sem se perceber como, apparecer nectarinas, que entre os pavões ordinarios apparecem pavões de espadua negra, e assim por deante; e nos graus inferiores da escala das cousas, ainda ultimamente se viu a transformação do radium em outros metaes. O dr. Bastian pretende, e para o demonstrar descreve um grande numero de experiencias, ter visto varios organismos inferiores transformados n'outros organismos inferiores, por exemplo, corpusculos de Alorophylle em amebeas, infusorios originados nos ovos de uma especie de moscas, etc.

Por todo o livro ha muita heterodoxia, mas uma conclusão pratica, exarada em appendice, transcende muito além das especulações da sciencia pura. Mostra o dr. Bastian como das suas theorias se deduz que os germens de febre typhoide, tuberculose, lepra, etc., não se originam forçosamente de outros germens, mas podem ser «gerados espontaneamente» pelo ar viciado ou casas similhantes. Por outras palavras, segundo o seu parecer, é um erro a tendencia moderna de achar no contagio a causa unica e exclusiva de taes molestias.

A INTELLIGENCIA DOS ANIMAES

Com respeito á psychologia dos animaes, ha pelo menos tres escolas distinctas em presença: a de Descartes, que considera o animal simplesmente uma machina animada; a que attribue todos os actos dos animaes ao puro e simples instincto; e finalmente a que considera que, se ha casos em que o animal actua automaticamente e outros em resultado ao instincto, nem por isso elle deixa frequentes vezes de praticar actos resultantes de associação de ideias, por outra, do raciocinio. A esta ultima escola pertence o naturalista francez Mr. Lepinay, que ao assumpto consagrou muitos annos de attenção e fez em Paris conferencias periodicas perante um auditorio tão mesclado quanto possivel, comprehendendo medicos e professores da universidade n'um dos extremos da escala, cocheiros e tosquiadores de cães na outra.

Entre os animaes classificados como intelligentes

ecusa-se Mr. Lepinay a incluir aquelles que foram ensinados por um treno prolongado, muitas vez á custa de castigos crueis, a executar as habilidades que se presenceiam nos circos. Para elle, animaes intelligentes são exclusivamente os que espontaneamente praticam certos actos. «Por exemplo,» diz elle, «se eu me ausentar uns dias de casa e por inadvertencia tiver deixado o meu cão fechado n'um aposento, e se ao voltar, perceber que o animal, na mira de matar a fome, levantou o fecho da porta, entrou na cosinha e ahi abriu um armario tambem fechado para encontrar um prato de carne, devo decididamente applicar ao animal o epitheto de intelligente.»

Para estudar a mentalidade dos animaes, Mr. Lepinay julga necessario entender convenientemente a dos entes humanos. Entre os cães, por exemplo, existem, diz elle, brincalhões, rabugentos, hypocritas, exactamente como no genero humano. Trouxeram-lhe uma vez um gato que o dono considerava doido, mas que afinal veio a perceber-se soffrer simplesmente de neurasthenia, a ultima forma de doenças em voga entre individuos humanos. Curaram-no em poucos dias com tratamento apropriado.

Um dos maiores triumphos da theoria de Mr. Lepinay, obteve o elle com um coelho bravo capturado ainda muito novo na floresta de Fontainebleau. Passados tres mezes, o animal comia á meza da familia Lepinay, pernoitava n'uma cabaninha para elle arranjada, e portava-se em todos os actos como uma creança bem educada.

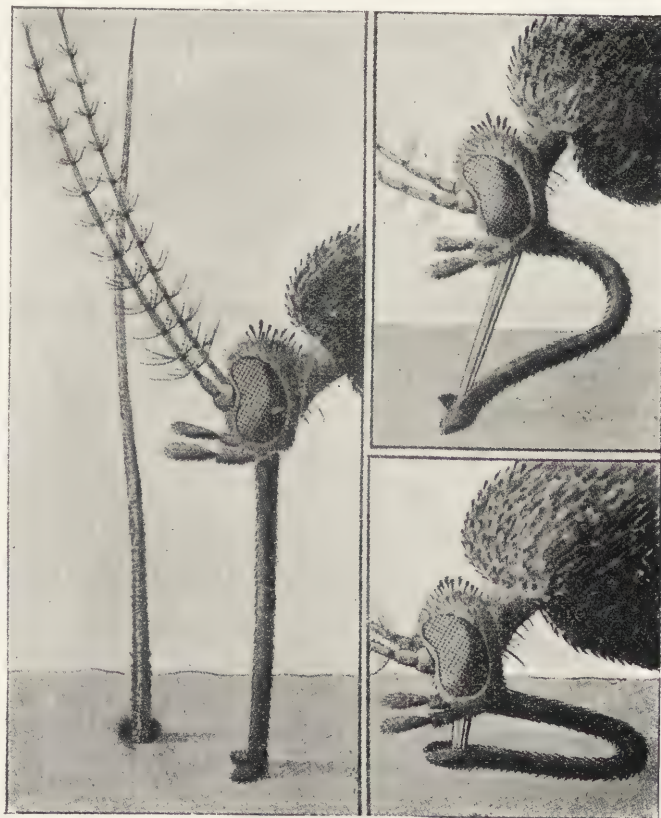
A MORDEDURA DO MOSQUITO

Affirma o naturalista inglez James Scott ser a femea do mosquito que inflinge as incommodas mordeduras de que muita gente se queixa durante o verão. O formidavel apparelho offensivo é maravilhosamente construido.

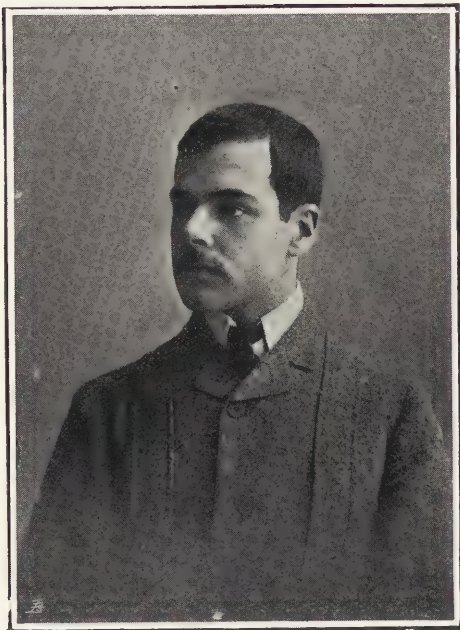
O mosquito femea tem uma tromba comprida e direita, terminando em dois lobulos ou labios sugadores. Dentro d'este receptaculo ha cinco lancetas; outra existe mais delgada, mettida n'um entalhe que fende a tromba em todo o seu comprimento, permittindo que o apparelho completo das lancetas se recolha.

O mosquito adapta os labios da tromba de encontro á pelle e abre um furo pela carne dentro. O sabio inglez, afim de experimentar praticamente, apanhou um mosquito e metteu-o dentro de uma tampa circular de vidro, ligada ao braço.

A' proporção que as seis lancetas, combinadas de modo a formar um unico instrumento perfurante, iam profundando mais e mais no braço, a tromba foi-se arqueando para a banda de traz, vibrando como uma sanguesuga no acto da sucção. Entretanto o entalhe ou fenda cerrava-se hermeticamente. Os dois labios estavam comprimidos com firmeza de encontro ao orificio d'onde o sangue espadanava, e á medida que a refeição se adeantava, podia-se ver nitidamente, atravez da membrana delgada dos lados do abdomen, o insecto a inchar até um volume anormal e a tingir-se de vermelho vivo.

O ferrão ou instrumento mordente embebeu-se completamente na carne, e então o mosquito começou a *serrar* com o ferrão n'um movimento de vaevem. O que é curioso é não ter o escriptor soffrido dôr alguma durante este trabalho, apezar de ter a *serra* de comprimento cerca de um oitavo de pollegada (0^m,0034).

O APPARELHO OFFENSIVO DO MOSQUITO

Á esquerda vê-se a imagem muito ampliada da tromba do mosquito, na qual estão embainhados os ferrões, collocados com firmeza de encontro ao braço humano. A imagem superior da direita mostra o ferrão em parte embebido na carne, e na inferior vê-se o mosquito, depois de mergulhar o ferrão agudo, saboreando apparentemente a sua ração de sangue.

Vida nas lettras

AFFONSO LOPES VIEIRA
Auctor do novo livro *Ar livre*

«AR LIVRE» Um suave pantheismo, cheio de piedade e de melancholia, reçuma das bellas paginas do *Ar livre*, o ultimo livro de Affonso Lopes Vieira. A alma das cousas, com as lagrimas que cahiram sobre o coração do vate latino, vibra na penna do lyrico portuguez. Sentimento intenso, expressão singela, sinceridade affectiva, eis as qualidades que distinguem o soberbo talento de Lopes Vieira e que o tornam um dos primeiros poetas da moderna geração, ao lado de Corrêa de Oliveira, o lyrico encantador com quem elle tem tantos pontos de contacto, embora divirjam os dois na orientação philosophica do seu pensar. E no emtanto esses dois gemeos da poesia nacional, entendem-se admiravelmente e falam ambos com egual intensidade ao nosso espirito.

O *Ar livre* pode considerar-se a consagração definitiva de um pujante talento poetico, cujos primeiros arroubamentos tão feiticeiras esperanças inspiravam Esse rapaz franzino e scismador, em cujos olhos passa de relance a doce alegria da natureza illuminada pelo sol peninsular, está destinado a gravar um profundo sulco na historia da litteratura nacional Pode por isso considerar-se um acontecimento a publicação do seu novo livro, onde todas as almas sãs poderão beber consolações e impregnar-se da dor universal, que, como diz o poeta,

«é o modo perfeito de viver».

«A RUA DO OURO» O fino escriptor de tantas luminosas e graciosas paginas de chronica e de impressões de viagem que é Alfredo Mesquita, acaba de revelar-se sob um aspecto novo. Com o seu recente livro *A Rua do Ouro* toma decididamente logar, e dos primeiros, entre os nossos romancistas mais originaes.

Este livro significa nos dominios do romance portuguez alguma coisa de novo: a representação, no sentido esthetico d'este termo, da vida publica lisboeta no seu aspecto politico dos ultimos dez annos. Alfredo Mesquita analysa, com superior argucia, alguns dos problemas e factos sociaes que, ao modo de ser da politica da nossa terra, trouxeram as novas correntes do pensamento e as novas condições d'existencia moderna.

As qualidades que n'elle revela são magnificas. A composição é perfeita. A observação cheia de justeza. A pintura dos caracteres é feita solidamente, sobre um desenho firme, em que um traço de satyra não altera, antes aviva, a essencial verdade.

Os personagens são tomados sobre o vivo e vivem na ficção com a intensidade da vida real. O dialogo, sem ter a despreoccupada correnteza do dialogo ordinario da nossa vida social, deixando perceber uma sarcastica intenção de *charge*, é superiormente tratado n'uma lingua que tem raras qualidades de elegancia, de colorido e de vida, saborosa e rica, picante e clara como uma manhã de sol á beira mar.

ALFREDO DE MESQUITA
Auctor do novo livro *A Rua do Ouro*

Vida nos campos

Março — No campo

Trata n'esta occasião o lavrador de mondar os cereaes que já se estão desenvolvendo e marcando a extensão das searas onde apparecerá mais tarde o producto de tanta canceira, e de tanto capital empregado.

Nas mondas empregam-se em geral mulheres, por ser um trabalho leve, e que pede paciencia e cuidado. Consiste esta operação em remexer a superficie do terreno semeado, com pequenas enxadas ou sachos, para quebrar a codea formada pela terra alagada com as chuvas; ao mesmo tempo destroe-se a herva, que prejudica o desenvolvimento da planta util.

Para que este trabalho não offenda nem a haste nem as raizes da planta que se deseja beneficiar, torna-se indispensavel muita attenção e habilidade.

Nas sementeiras feitas com os semeadores mecanicos a semente fica perfeitamente alinhada com intervallos regulares que muito facilitam as mondas, que tambem n'esse caso se podem executar mecanicamente com apparelhos especiaes.

Esses processos de reconhecida utilidade pratica e economica, só se justificam nas grandes lavouras, deixando a mais modestos camponezes a necessidade de utilisarem as mondas a braço.

Na vinha

Continua a cava das vinhas e bacelados para localisar na cepa toda a força da terra. As primeiras cavas, mais importantes, não só pela resistencia da terra como pela abundancia da herva, que as chuvas fizeram nascer e desenvolver, são sempre mais fundas e intensivas do que as segundas.

Os cavadores caminham a par em numero compativel com a distancia da plantação, e é ver como cada um trata de se conservar no alinhamento geral para manter os seus creditos de desembaraçado.

O trabalho das cavas, por ser mais violento, é destinado aos homens.

Nas grandes vinhas este trabalho é feito á charrua puxada com um só animal, guiado a cordões pelo proprio rabejador da charrua, ou levado pela arreata quando não está muito habituado a este genero de trabalho, que requer muita cautela.

É para empregar a charrua que os vinhateiros dispõem modernamente em alinhamentos regulares e desafogados as suas vinhas. O trabalho fica assim muito mais barato e é mais rapido.

Na horta

Continua n'este mez a cava e armação da terra em taboleiro para a sementeira das diversas plantas que mais tarde serão transplantadas para o logar definitivo do seu desenvolvimento.

Semeam-se tambem n'esta occasião os milhos cuja cultura não chegou ainda entre nós ao seu ultimo grau de aperfeiçoamento.

O milho é uma planta que pode ser completamente aproveitada, e que infelizmente o não é.

É usual approveitar-se d'esta planta apenas o grão, e o folhelho; aquelle para alimentação do homem e este para a de animaes. A canna e o carolo da maçaroca só serve para estrume ou para queimar. O seu valor assim fica muito reduzido, quando para alimentação, pelo menos a canna tão rica é.

Se cortarmos o canoilo do milho, especialmente aquelle que se dá nas hortas, como de regadio, torna-se um alimento de grande utilidade por encerrar o seu interior muito assucar. Não ha animal que o não acceite com agrado.

O retalhamento da canna de milho faz-se facilmente em apparelhos especiaes chamados corta-palhas.

O carôlo, ou interior da maçaroca, pode ser esfarelado em moinhos especiaes e ajuda muito quando misturado com qualquer comida mais succulenta. Na America moe-se a maçaroca inteira, isto é tritura-se o grão misturado com o carolo, o que constitue uma bella ração.

No Jardim

O jardineiro tem n'este mez o maior trabalho do anno pois que tem a fazer a plantação de todos os arbustos que terão de florir pela primavera como murta, alecrim, jasmim, alfazema, etc.

Tem de transplantar para o seu logar definitivo segundo o plano do jardim e a exigencia da flor as violetas, flores de primavera, margaridas, etc.

Alem de tudo isto tem de semear em alfobre as primeiras flores que deverão ornar-lhe o jardim como açucenas, cravos, goivos, mangericões, amores perfeitos, mangerona, boas noutes, etc.

O bom gosto do jardineiro pode manifestar-se muito bem n'este mez, porque é agora que inventa, escolhe e dispõe o matiz e boa distribuição das flores que a primavera vae em breve fazer florir.

Não é só em matizar porem que consiste a habililidade do bom jardineiro. Deve attender á epoca propria da floração de cada planta, de forma que a sua distribuição seja feita por forma que haja flores por todo o jardim durante o maior espaço de tempo possivel.

O jardim no campo é um salutar e agradabilissimo desafogo onde o lavrador descança, e ganha alento para o seu penoso e aborrecido labutar, por isso convem ser dirigido, cuidado e vigiado por uma senhora.

O MATCH DE «FOOT-BALL» NO CAMPO DAS SALLESIAS
Os grupos contendores

Vida no Sport

FOOT-BALL

Realisou-se a 28 de janeiro no Campo das Sallesias, em Belem, o annunciado desafio de *Foot-Ball Association* entre as *equipes* do «Grupo Sport Lisboa» e o «Club Internacional».

O «Grupo Sport Lisboa» ganhou pela homogenidade dos seus jogadores que, mais seguros do seu folego e mais scientes do seu jogo, avançavam vigorosamente sobre o campo dos seus adversarios que prejudicavam a offensiva para auxiliarem a defensiva.

O resultado foi: 2 *goals* do «Grupo Sport Lisboa» contra um do «Club Internacional».

Do «Internacional» ha a notar: o bom serviço de Shaddock a *Goal-keeper*, apesar de não ser esse o seu logar habitual; a defeza energica de Scarlett a *Half-back*.

Os *forwards* d'este grupo prejudicaram-se muito pelo jogo individual que fizeram; no entanto deve especialisar-se Fernando Pinto Bastos que marcou um *goal*.

Do «Grupo Sport Lisboa» foi magnifico o jogo da linha de *half-backs*. Couto, principalmente, mostrou-se infatigavel.

A linha de *forwards* d'este grupo contrastou com a do adversario pelo jogo combinado que só o *treino* póde dar, e que ella só com o *treino* adquiriu.

UM LANCE DO «FOOT-BALL» NO CAMPO DAS SALLESIAS

Ferreira & Oliveira, Lim.da — Livreiros-Editores

Rua Aurea, 132 a 138 — LISBOA

Fornecedores de S. M. El-Rei e Depositarios das publicações do Estado

ULTIMAS PUBLICAÇÕES:

Teixeira Botelho — O homem Primitivo, 1 vol. enc...	300
Lopes d'Azevedo — Historia dos Eclipses, 1 vol. enc...	300
Cervantes — D. Quichote, 3 vol. cada br. 200, enc...	300
Adelino d'Abreu — Serra da Estrella, 1 vol. br. 800, enc...	1$000
Francis Chassereau Coombe — The Tourist's and Visitors Illustrated Pocket Guide to Lisbon Cintra, and Cascaes, 1 vol...	300
Egas Moniz — Vida Sexual (physiologia), 1 vol. br. 1$000, enc...	1$250
» » — Vida Sexual (pathologia), 1 vol. br. 1$000, enc..... (esgotado).....	1$250
Henrique de Vasconcellos — Flirts, 1 vol. br. 500, enc...	700
Anthero de Figueiredo — Recordações e Viagens, 1 vol. br. 600, enc...	800
Maximiliano d'Azevedo — Em casa do filho, 1 vol...	200
Henrique Lopes de Mendonça — Nó cego, 1 vol...	300
Antonio Correia d'Oliveira — Parábolas, 1 vol. enc...	700
» » » — Ara, poema, 1 vol. enc...	600
» » » — Auto de Junho...	100
Theophilo Braga — Tricentenario da Publicação do Don Quichote, 1 vol. br...	200
Antonio de Soveral — Libambos, 1 vol. br...	500
A. Cruz de Rocha Peixoto — Os conflictos Internacionaes ao principiar o seculo XX, 1 vol. br...	800
Maria P. Figueirinha — Contos para as creanças, 1 vol. enc...	800
Raul Brandão — A Farça, 1 vol. br...	600
Arnaldo da Fonseca — Mulher amada, 1 vol. br...	500
Candido Figueiredo — Lições praticas da lingua portugueza, 3 vol. br. 2$100, enc.	2$700
Conde de Sabugosa — O Paço de Cintra, edição de luxo, 1 vol...	1$500
José Syder — O Jogo das Damas, 1 vol. br. 500, enc...	650
Marcellino Mesquita — Almas Doentes, 1 vol. br...	400
Alfredo Keil — Collecção e Museus de Arte em Lisboa, 1 vol. br...	200
Luiz Guimarães — Pedras Preciosas, edição de luxo, 1 vol...	1$000
Queiroz Ribeiro — Caminho do Céo, 1 vol. enc...	800
Conego Anaquim — O Genio Portuguez aos pés de Maria, 1 vol. br...	600
Gonçalves de Sousa — A seccagem da fructa, 1 vol. br...	300
Alexandre Malheiro — Chronicas do Bihé, edição de luxo, 1 vol...	1$200
Augusto Louza — Na Suissa, 1 vol. br...	500
Freire de Campos — Guia Pratico do creador e amador de cavallos, 1 vol. br...	600
Visconde de Villarinho de S. Romão — O Minho e as suas culturas, 1 vol. br...	2$000
José Joaquim d'Almeida — Coisas d'Africa, 1 vol. br...	400
J. Mattos Braamcamp — O Tiro de caça, 1 vol. br...	400
Augnsto Fuschini — A architectura religiosa na edade media, 1 vol. br...	1$500
Joaquim Madureira — Impressões de theatro, 1 vol. br. 1$000, enc...	1$200
Anselmo Vieira — A Questão fiscal e as finanças portuguezas, 1 vol. br...	2$000

NO PRÉLO

João Chagas — Bom Humor, 1 vol.

Emilio Garcia — Os que furam, 1 vol. (comedia).

Alexandre de Sousa Figueiredo — Manual de Arboricultura, 1 vol. (2.ª edição).

Pedro Dória Nazareth — Primeiros soccorros a doentes, 1 vol. illustrado.

D. João de Castro — Jornadas do Minho, 1 vol.

Jonathan Swift — Viagens de Gulliver, 1 vol. illustrado.

Lord Bulwer Lynton — Os ultimos dias de Pompeia, 2 vol. illustrados.

C. Pina Machado — Alma Errante, poema dramatico.

Typ. «A Editora»

SERÕES

Nº 9
MARÇO
DE
1906

·:· REVISTA MENSAL ILLUSTRADA ·:·

FERREIRA & OLIVEIRA, Lª LISBOA

Summario

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Pagamento adeantado

Portugal, Ilhas e Colonias		Brazil		Estrangeiro	
Anno	2$200	Anno (12 numeros)		Anno (12 numeros)	
Semestre	1$200	Moeda fraca	12$000	Frs.	15,00
Trimestre	600				

Numero avulso em Portugal: 200 réis

No Brazil e Colonias o preço do numero será marcado pelos nossos agentes

As capas e encadernação dos "SERÕES"

Os 6 primeiros numeros dos **SERÕES**, (parte propriamente do magazine) formam o 1.º vol. da 2.ª série — para a qual fizemos desenhar capas d'encadernação especial a preto e oiro — ao preço de **300** réis. **«Os Serões das Senhoras»** e a **«Musica dos Serões»** só formarão volumes no fim do anno, 12 numeros e para elles faremos tambem pastas especiaes.

Os nossos estimados assignantes das terras da provincia onde não haja encadernador podem enviar-nos os 6 numeros para encadernar — juntamente com a importancia do custo da capa 300 réis, empaste 100 réis e porte 100, ou seja réis 500, — e dentro de 4 dias receberão o volume encadernado.

O maço dos 6 numeros a enviar-nos deve ser muito bem embrulhado em papel consistente e atado com cordel forte, para que os numeros não soffram com a viagem. O pacote assim feito deve estampilhar-se com 80 réis de sellos — e ser dirigido a

FERREIRA & OLIVEIRA L.DA

Rua do Ouro 132 a 138 — LISBOA

indicando o endereço e o nome do remettente.

O 1.º semestre encadernado da 2.ª série dos **«SERÕES»** forma um bello volume de 600 paginas, com mais de 600 gravuras, ao preço de Rs. 1$600; — e se já os numeros avulso dos **«SERÕES»** se evidenceiam pelo cuidado e quasi luxo da parte material e reduzido preço — o volume completo mais mostra que os **«SERÕES»** são a publicação relativamente mais barata que se tem feito em lingua portugueza.

Correspondencia dos SERÕES

Os numeros anteriores da 2.ª serie

A direcção dos *Serões*, em consequencia da extraordinaria acceitação que tem merecido a nossa revista, viu-se obrigada, como já dissemos, a reeditar varios numeros da sua 2.ª serie.

Apezar d'isso, a 2.ª edição do 1.º numero acha-se exgotada, e está-se imprimindo com toda a diligencia a 3.ª edição.

Já se acha á venda a 2.ª edição do numero 4, e está-se procedendo á reedição dos numeros 2 e 3, tambem exgotados.

Repetindo os nossos agradecimentos pela sympathia excepcional com que o publico portuguez e brazileiro acolheu os *Serões*, fazemos estas prevenções para os colleccionadores da revista, afim de não ficarem com as suas collecções truncadas.

Será conveniente que os nossos prezados assignantes e leitores tratem de solicitar quanto antes os numeros que por acaso lhes faltarem, em vista do rapido exgotamento que teem tido as edições e reedições.

As capas dos «Serões»

Continuamos a fornecer capas para o 1.º volume da 2.ª serie do nosso magazine, correspondente ao 1.º semestre (junho a dezembro de 1905) da publicação.

Para *Os Serões das Senhoras* e para a *Musica dos Serões* estão-se confeccionando capas especiaes em que se encadernarão os numeros correspondentes ao anno que termina em junho de 1906.

Cada volume de cada uma d'estas collecções corresponderá portanto a dois volumes do magazine. Tomámos esta deliberação por isso que os volumes, correspondentes a semestres, ficariam demasiadamente exiguos, ao passo que, se encadernassemos essas collecções juntamente com o magazine, os volumes seriam em demasia compactos.

Quebra-cabeças

Com relação aos problemas insertos no nosso numero 7 apenas recebemos uma carta do sr. Luiz Braz, á qual adeante nos referimos.

Problema dos automoveis. — Diz-nos o sr. Luiz Braz que este problema já era do seu conhecimento, e que o resolvera em 25 mudanças constando-lhe porem que se resolve em 22. Pois os movimentos ainda se podem reduzir a 18, como se pode ver em seguida:

1. Carro n.º 5 para o refugio.
2. N.º 2 para o logar do n.º 5.
3. N.º 3 para o espaço entre o refugio e o telheiro de baixo.
4. N.º 5 para o logar do n.º 3.
5. N.º 3 para o logar do n.º 2.
6. N.º 2 para o refugio.
7. N.º 6 para o espaço entre o refugio e o telheiro de cima.
8. N.º 2 para o logar do n.º 6.
9. N.º 6 para o refugio.
10. N.º 3 para o telheiro de baixo, em logar do n.º 5.
11. N.º 1 para o espaço entre o refugio e o telheiro de baixo.
12. N.º 6 para o telheiro de cima, em logar do n.º 1.
13. N.º 1 para o logar do n.º 2 do telheiro de cima.
14. N.º 3 para o espaço entre o refugio e o telheiro de cima.

15. N.º 4 para o refugio
16. N.º 3 para o logar do n.º 4 no telheiro de baixo.
17. N.º 1 para o telheiro de baixo.
18. N.º 4 para o telheiro de cima.

Tribulações de um industrial.—Este problema, adivinhou-o effectivamente o sr. Luiz Braz, e, segundo os seus desejos, participamos a Matultimo que o lançamento do debito deve ser feito na importancia de 142$500 reis. Pode pois Matultimo descançar quanto antes a alma attribulada do industrial.

Damos um descanso á nossa secção *Quebra-cabeças,* que recomeçaremos apenas da parte dos nossos leitores se manifestar um acrescimo de interesse por ella.

Recebêremos pois de muito bom grado todas as contribuições que de futuro nos remettam, e dar-lhes-hemos logar quando a affluencia de original de interesse immediato nol'o permitta.

Chamamos a attenção para o programma do segundo Concurso Photographico dos "SERÕES,, do qual foi prorogado o praso até 30 de abril proximo.

O segundo concurso de PHOTOGRAPHIA

Aberto pelos "SERÕES"

O magnifico exito que obteve o nosso primeiro concurso de photographia, limitado apenas aos photographos amadores, levou-nos a abrir até ao fim d'abril um outro, a que poderão concorrer não só os profissionaes e os amadores de photographia mas os proprios paes de familia, ou outras quaesquer pessoas que tenham creanças a seu cargo, visto que o thema que agora offerecemos se, profissionalmente interessa os primeiros, não menos apaixonará e captivará os segundos.

Visto que as **Creanças,** pela graça de flor das suas phisionomias, pelo tocante encanto das suas attitudes, pela radiosa vivacidade dos seus gestos, pela cariciosa e angelica expressão dos seus rostinhos meigos, são um elemento superior de Esthetica e um manancial fecundo de Poesia e de Belleza, será á glorificação e á apotheose da infancia que este concurso se destina.

Todos poderão, portanto, concorrer com quaesquer photographias, contanto que não tenham sido publicadas, de

CREANÇAS OU GRUPOS DE CREANÇAS DIVERSAS

Devem além d'isso os concorrentes submetter-se ás seguintes

CONDIÇÕES

1.º — As photographias devem ser de qualquer formato conforme a vontade do concorrente, contanto que o minimo seja o de 9×12 centimetros.

2.º — As photographias premiadas serão publicadas nos **SERÕES** com o nome e a residencia do concorrente. Além d'isso a direcção dos **SERÕES** reserva-se o direito de publicar, com menção honrosa, todas aquellas que d'isso forem julgadas dignas.

3.º — A propriedade de todas as photographias premiadas, para os effeitos da publicação, ficará pertencendo aos **SERÕES.**

4.º — A direcção dos **SERÕES** não se compromette a devolver as provas que lhe forem remettidas, a não ser que para isso lhe enviem um envelope devidamente estampilhado.

5.º — A decisão dos **SERÕES** será definitiva.

6.º — As provas devem ser enviadas á direcção dos **SERÕES** com o boletim que abaixo publicamos, o qual se cortará da pagina e se preenchera devidamente.

7.º — Haverá TRES PREMIOS, sendo o primeiro de **10$000 réis;** o segundo **Uma collecção dos 4 volumes dos SERÕES** já publicados ou, se o preferirem, **Uma caixa com bonecos;** o terceiro **Uma assignatura de um anno nos SERÕES** a qual póde reverter em favor de qualquer pessoa indicada pelo premiado, caso este já seja assignante.

Boletim para cortar e remetter com a photographia

SEGUNDO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS "SERÕES"

Ultimo dia de recepção — 30 de abril

Titulo da photographia ....

Local em que foi tirada ....

Nome e endereço do photographo ou da pessoa que nol-'a enviar ....

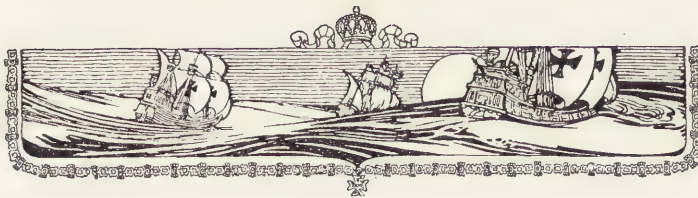
....

Declaração. — Declaro que a photographia, que junto remetto, nunca foi publicada.

Assignatura ....

Endereço: A' Direcção dos **SERÕES,** Livraria Ferreira & Oliveira L.da, Rua Aurea, 132 a 138, devendo no verso do enveloppe indicar — Concurso de photographia.

CANÇÕES DE PRIMAVERA

Quadro de W. Bouguereau

O casamento do Rei de Hespanha

AFFONSO XIII

Ja em meiados o anno de 1886 quando nasceu Affonso XIII, já envolto na purpura regia, mas que purpura essa! Agitava-se o paiz nos transes da revolta. A Rainha-Mãe, cheia de saudosa angustia pela morte do esposo, que seis mezes antes morrera tysico, era odiada pela populaça por causa da origem austriaca, e a creança era desgraçadamente enfezada. Os hespanhoes pouco podiam descobrir de hespanhol nas infantis feições regias, e logo perceberam o já formoso «beiço Hapsburgo».

Tivesse-se elle parecido com seu pae, e possivel é que elles o houvessem acclamado com alvoroço. Assim, apenas podiam vel-o como filho de uma mãe detestada.

AOS 2 ANNOS

AOS 3 ANNOS

Nascido com o peso de uma corôa molesta e unindo ao nome o mais agourento dos numeros, Affonso XIII sobreviveu, mau grado as prophecias funestas. Durante dezeseis annos, sua mãe consagrou ao seu bem-estar vinte e quatro horas por dia, suffocando os seus proprios desgostos em favor do futuro do filho, espreitando o seu juvenil espirito a despertar ás lições dos melhores mestres, e o seu corpo a fortalecer-se na vida ao ar livre. O pequeno rei aprendeu varias linguas modernas e

AFFONSO XIII—AOS 8 MEZES

bastante sciencia, economia politica e direito civil para o preparar para os deveres do governo. Mas o principal era a sua saude, e o seu physico desenvolveu-se ainda mais rapidamente que o seu vivo espirito, graças á sua regularidade na equitação, na esgrima, nos exercicios militares e gymnasticos.

Ha muito que os hespanhoes crearam affecto ao seu rei e comprehenderam quanto a Hespanha de hoje deve ao amor de uma mãe. O povo começou a dar-lhe o caricioso cognome de «El Pequeño», e tão raras vezes o via pelas ruas que o seu apparecimento como rei a valer, quando fez o juramento ás côrtes

em 1902, teve o cunho de uma verdadeira surpreza. Tinha-se tornado homem, as madeixas annelladas da infancia cediam logar á encabelladura corredia da edade viril, e no rosto trigueiro divisavam-se signaes de responsabilidade e de força. Era o rei mais moço

AOS 8 ANNOS

do mundo, e comtudo parecia comprehender o peso que tinha nos hombros. Conta-se que um dos seus instructores estava um dia a explicar-lhe o mechanismo das constituições modernas.

— Mas — exclamou a creança — que cousa me deixam a fazer em toda essa machina parlamentar? Onde está o meu logar, o meu poder, a minha autoridade?

O professor ficou tão embaraçado que tentou tergiversar.

— Não, não! — exclamou o discipulo — o que eu preciso saber é o que tenho a fazer!

Pergunta esta á qual só o correr dos annos poderia dar resposta.

Um monarcha hespanhol não tem coroação no sentido estricto de palavra. Limita-se a prestar o juramento de fidelidade á constituição. As ceremonias relacionadas com esse juramento foram impressionantes e pittorescas, e as festas duraram duas semanas. O peso dos cuidados e dos trabalhos que Affonso XIII tomou sobre si eram bastantes para intimidar um homem robusto, mas Sua Majestade Catholica tem uma personalidade notavel, uma vontade propria, uma energia invencivel. Não se satisfaz em ser uma simples figura de apparato; insiste em conhecer e comprehender os factos, e está resolvido, conforme disse recentemente, a governar o reino com o auxilio dos seus ministros. O rei é soldado, marinheiro e estadista, versado na theoria do governo, em economia politica, historia, sciencia e tactica. Falla com fluencia e escreve correntemente francez, inglez, allemão e italiano, além, está claro, da sua lingua nativa. Cavalga, guia carruagens e automoveis, esgrime, lucta, atira ao alvo, desenha, canta. Em summa, é quasi tão variado em aptidões como o imperador da Allemanha, o que é dizer bastante.

NOTAS DE UMA CURTA BIOGRAPHIA REGIA

«Bubi» era a alcunha affectiva que davam em familia á creança que nascera já rei de Hespanha. Era o nome com que o saudava a mãe, no tempo em que, de um anno apenas, elle presidia, ao collo da ama Raymunda, á sessão de abertura das cortes, e quando no anno seguinte, elle reunia n'uma festa ao ar livre 12:000 collegiaes. A alcunha tinha se divulgado pela Hespanha inteira, a ponto que um rapazito com fumos de homem feito se atreveu um dia a tocar na face do reisinho, então de seis annos de edade, dizendo-lhe com pretenciosa familiaridade:

— Como estás, Bubi?

— Bubi! — exclamou com indignação a pequenina majestade — *no! no! yo soy el rey!*

Era a consciencia da sua dignidade que des-

AOS 11 ANNOS

A RAINHA MÃE E SEU FILHO -- AOS 15 ANNOS

pertava, e que, por accasião da sua coroação lhe dictou estas soberbas palavras:

— Deus me recompense, se eu cumprir o meu juramento! Deus me castigue, se eu o quebrar!

A rigida etiqueta da côrte hespanhola não machucou a vivida persoalidade d'este adolescente corcado, ancioso de movimento e de alegria, profundamente hespanhol no seu amor pelos touros e na assoalhada vivacidade do seu temperamento.

O monarcha, descendente de S. Fernando e de Filipe II, de um santo austero e de um sombrio potentado, deixa-se levar pela impetuosidade nativa, passeiando por toda a parte com tanta liberdade e desafogo como qualquer cidadão obscuro.

Vinha elle uma tarde dos touros, quando um estudante saltou para o estribo da carruagem regia, apresentando-lhe um ramo de rosas:

— Acceita este presente, D. Affonso — disse o rapaz.

E o rei, sem pensar na audacia do estudante e nas traições occultas muitas vezes n'estes donativos, contentou-se em agradecer com um sorriso.

Ainda recentemente em Barcelona, visitou elle um dos suburbios, onde formigam os descontentes e os revolucionarios, n'essa cidade que é um dos centros mais activos do anarchismo. A policia tomara grandes precauções, e as ruas estavam guarnecidas de guardas uniformizados. Ao vel-os, o rei ordenou que os mandassem embora. Os officiaes protestaram, por isso que eram responsaveis pela sua segurança.

— Deixem-se d'isso! — disse Affonso XIII — é o rei que manda.

E passou sem escolta por meio da multidão de operarios e miseraveis, anciosos pela revo-

A RAINHA DE PORTUGAL SUA MAJESTADE
A SENHORA D. MARIA AMELIA
E O REI D'HESPANHA EM UNIFORME D'ALMIRANTE

lução. O resultado foi elles corresponderem a esta confiança e a esta coragem com vivas e acclamações.

Quando se deu a tremenda catastrophe dos reservatorios de Madrid, o rei, a cavallo, foi

AFFONSO XIII, REI DE HESPANHA
Retrato actual

um dos primeiros a comparecer no local do desastre. Alli fez quanto podia para auxiliar os feridos e organizar o salvamento. Depois voltou para o palacio, onde tinha que presidir a um concelho de ministros. Ao sentar-se á cabeceira da meza, dirigiu-se lhe o ministro do interior, começando um discurso pomposo e elegiaco:

— Senhor, é triste dever meu informar Vossa Majestade que occorreu esta manhã um terrivel desastre...

— Escusa de continuar — disse o rei — Eu estive lá...

Vê-se que a outras qualidades regias elle allia um humorismo mordente.

Ás sete horas da manhã, de verão e de inverno, o moço rei está a pé. Ditas as suas orações — porque observa estrictamente as praticas religiosas — Affonso XIII toma com a rainha mãe o seu primeiro almoço: refeição summaria e sempre a mesma, ovos quentes,

torradas e chocolate. Vae em seguida para o seu gabinete, onde despende a maior parte da manhã em negocios do estado. Duas horas são reservadas ao estudo. Todas as manhãs passa com elle uma hora um dos professores

— Receba as minhas felicitações — disse elle — Mas, bem sabe, professor, cada qual no seu officio.

Ao meio dia é o lunch, e o resto do dia pertence por completo ao rei Segundo a phrase

A PRINCEZA ENA DE BATTENBERG, FUTURA RAINHA DE HESPANHA
Retrato actual

da universidade de Madrid. Uma que outra vez, vae á escola de direito, senta-se no meio dos ouvintes, e assiste á lição. Um dia, na presença d'elle, o deputado Azcarate fez uma prelecção sobre as vantagens de forma de governo republicano. Quando terminou, o rei dirigiu-se a elle, sorrindo, e apertou-lhe a mão.

historica, *le roi s'amuse*. Gymnastica, esgrima, cavalgada, automobilismo, eis em que elle emprega os seus ocios. Uma vez, guiando um trem pelos arredores da capital, Affonso XIII, um pouco estouvado, atropellou uma creança. Saltou logo da carruagem, pegou no pequeno, e levou-o para uma taberna á beira da estrada.

A creança quasi apenas soffrera o susto, e

o rei fel-o n'um instante voltar a si. Quando o taverneiro appareceu, encontrou um rapaz alto a rir e a brincar com um petizinho muito sujo, mas muito satisfeito.

A PRINCEZA ENA AOS 12 MEZES

— Vossê é boa pessoa — disse o taverneiro batendo familiarmente no hombro do sujeito.

O rei ficou radiante. Deus a sua bolsa ao pequenito e disse ao taverneiro :

— Olhe ! d'aqui por deante pode pôr este lettreiro á sua porta : Taverna do Rei.

No automovel, o seu arrojo é pasmoso. Quando o Presidente Loubet voltou a Paris

AOS 5 ANNOS

depois da sua visita a Madrid, ainda não estava bem refeito das emoções que tinha experimentado em passeios com Affonso XIII.

— Se soubessem por que sitios me levou aquelle rapazote ! — exclamava o velho presidente — É espantoso como fiquei com vida ! Um dia sobretudo ! O rei levou-me a passeio no seu automovel. Em quanto percorremos as ruas da cidade, ia-se lembrando dos avisos cautelosos de sua mãe, e foi em andamento regular. Mas apenas se pilhou fóra, esqueceu-se de todas as promessas. Era um reisinho com o sangue na guelra ! Eu nem por isso gosto muito do automovel, mas então quando elle corre como um cometa...

AOS 4 ANNOS

E Loubet sacudiu a cabeça encanecida. É certo que o regio *chauffeur* o trouxe para casa são e salvo.

Mais louca façanha foi a sua corrida em competencia com o Sud-Express. Seu primo, o principe das Asturias, embarcara em San Sebastian para Irun. O rei despediu-se d'elle e saltou para o automovel. Apenas o comboio partiu, elle deu toda a velocidade á sua machina. De uma estação á outra, a estrada segue a linha ferrea, de forma que durante todo o o percurso os passageiros do Sud-Express poderam sempre ver o automovel regio. A velocidade era medonha, e o monarcha venceu.

Parou defronte da estação de Irun um momento antes da chegada do comboio.

É claro que tem soffrido os seus percalços, alguns dos quaes bastantes sérios. No inverno

AOS 7 ANNOS

passado, descia elle uma montanha com a vertiginosa velocidade habitual, quando o automovel se virou. O rei foi arremessado a grande distancia, mas por fortuna cahiu sobre um monte de neve.

A caça é um dos seus *sports* favoritos. Os Bourbons e os Hapsburgos teem sido sempre grandes caçadores. Em Aranjuez, no Prado, na Granja, ha enormes tapadas onde este descendente de augustas familias caça veados e javalis. Joven ainda, já conta tres mortes de ursos nos montes de Santander. Ha tres annos apenas, começou a dedicar-se ao tiro aos pombos. Venceu o campeonato de San Sebastian, batendo o marquez de Villaviciosa, até então o campeão de Hespanha.

Ganhou 32.000 pesetas, que distribuiu pelos pobres da cidade.

Eis pois um rei que se tornou querido do seu povo pela actividade da sua vida de trabalho, de estudo e de *sport*, e pela irradiação de mocidade que promana de sua pessoa. Ainda, e sobretudo, para o caracter hespanhol é fascinante a sua intrepidez juvenil, o seu desprezo temerario de todos os perigos. Quando, na sua visita a Paris, uma explosão celebre abalou a carruagem em que elle seguia com o presidente Loubet, as primeiras palavras do rei foram de carinho pelo velho chefe de Estado:

— Está ferido? — perguntou elle com anciedade — Deus queira que não houvesse victimas.

Estava absolutamente sereno e correspondia ás acclamações da multidão com um cordeal aceno. Se até então era popular, no dia seguinte era um heroe.

— O que me afflige sobretudo — dizia Affonso XIII — é ter de telephonar a minha mãe sobre este facto.

E recordou outro attentado que o alvejara Um dia, nas ruas de Madrid, tinha o rei então 14 annos, um anarchista correu sobre elle de navalha em riste. O coroado rapazelho estava inteiramente á mercê do assassino, por isso deixou-se ficar quedo. Durante um segundo o anarchista fitou n'elle os olhos; depois deixou cahir a arma.

— Não! — disse elle — é muito novo ainda!

Affrontar essa especie de morte é dever estricto dos reis pelos tempos que vão correndo. E o rei de Hespanha sabe affrontal-a tranquillamente, sem colera nem medo, de uma fórma perfeitamente regia.

A PRINCEZA ENA VICTORIA DE BATTENBERG

Está officialmente annunciado o casamento do mais novo dos reis da Europa com uma princeza ingleza, a neta predilecta da rainha Victoria. Este casamento parece ser do agrado

AOS 11 ANNOS

geral, principalmente do povo inglez. Um dos caracteres que distinguem os principes e as princezas da Grã Bretanha, em geral, é a

admiravel educação adaptada ás eminencias de um throno. A historia portugueza tem d'isso um exemplo frizante na sympathica individualidade de D. Filipa de Lencastre, mãe de

Inclyta geração, altos infantes.

Ha tempos, como é sabido, que o joven rei de Hespanha andava á procura de noiva, e é interessante e a proposito recordar n'este momento as palavras sensatas que elle disse ultimamente a um dos seus amigos intimos:

—Os casos de que a historia me dá conhecimento e os tristes exemplos de algumas das familias reinantes inspiram-me um verdadeiro terror dos casamentos unicamente devidos a razões de Estado. Comquanto não me agrade a ideia de ser impellido a ligar-me pelos vinculos matrimoniaes a uma creatura cujos verdadeiros sentimentos, caracter e habitos me são desconhecidos—por isso que sei perfeitamente que vivemos em tempos praticos, e que é facil a qualquer senhora fingir amor por um rapaz na mira de ser rainha — tenho comtudo sufficiente conhecimento do mundo para não me passar despercebida a difficuldade de encontrar uma princeza ainda nova, reunindo a uma educação austera a pureza e a candura graciosa que desejo para minha futura esposa.

Sem duvida que isto foi dito com mais simplicidade do que acima vae escripto, mas o que parece certo é que as aspirações do rei correspondem prefeitamente ás qualidades que adornam a princeza Ena de Battenberg. Foram ellas que a tornaram popular em Inglaterra. Contrahiu sinceras e calorosas amizades desde o tempo em que, ainda creança, em Osborne, costumava ler contos de fadas e contal-os depois ás suas amiguinhas da ilha e brincar com seus irmãos e alguns visinhos inglezes da *villa* de Cimiez, que a Princeza Henrique de Battenberg alugou para seus filhos emquanto esteve na Riviera em companhia da rainha Victoria.

A Princeza Victoria Eugenia Julia Ena de Battenberg tem justamente menos um anno que seu noivo, e foi no anno passado que pela primeira vez appareceu n'um baile dado por sua mãe em Kensington Palace.

Foi ella a primeiera creança de sangue real da Grã-Bretanha que nasceu na Escossia durante um periodo de perto de trezentos annos, a contar de 1600, época em que nasceu o infeliz Carlos I, que pereceu no cadafalso. É por isso que o povo escossez tem um fraco pela princeza Ena, assim como os irlandezes teem uma sympathia especial pela princeza Patricia, filha do duque de Connaught.

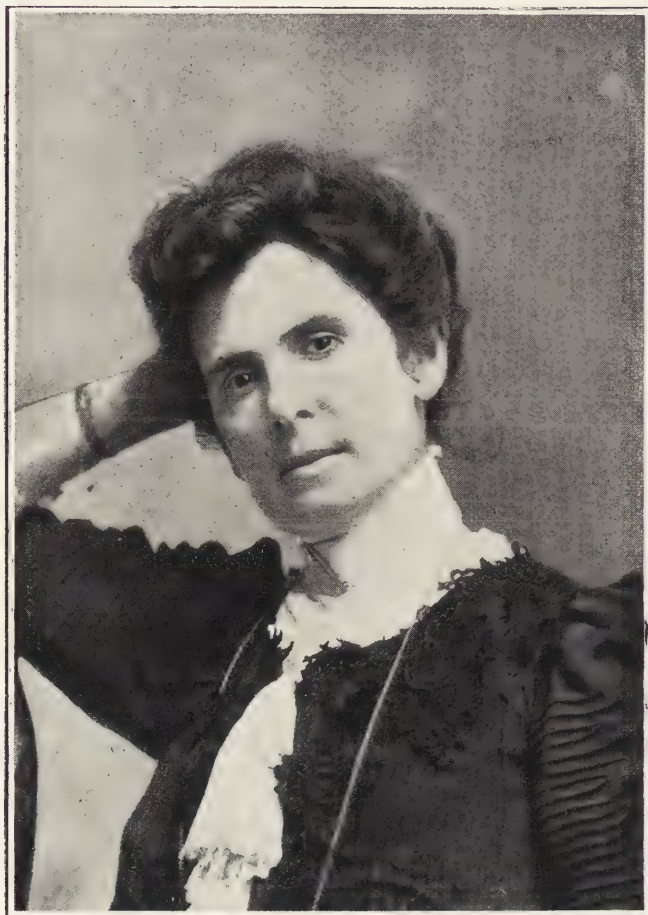
E, como Patricia, a princeza Ena é formosa, comquanto as suas feições sejam um quasi nada mais accentuadas que as de sua prima. É alta, de tez clara, de physionomia graciosa, falando admiravelmente varias linguas e tendo uma educação primorosa. É tão notavel no canto como o rei de Hespanha no jogo do *tresillo*, e tem o amor do *sport* como uma verdadeira ingleza. Diz-se que um dos seus nomes lhe foi dado em honra de sua madrinha, a ex-imperatriz Eugenia, e não surprehenderá pessoa alguma se parte, pelo menos, da avultada fortuna possuida pela ex-imperatriz, reverter para sua patria Hespanha.

Duas Glorias Litterarias do Brazil

D. Julia Lopes d'Almeida e Filinto d'Almeida

Pedem-me os *Serões* um artigo sobre a obra literaria desse encantador casal de artistas que o Brasil se orgulha de possuir na romancista D. Julia Lopes de Almeida e no poeta Filinto de Almeida. Um artigo, meu Deus! E que artigo? Um estudo analytico como os do sr. Brunetière? Uma critica profunda e grave como as do seu nobre antecessor, o sr. de Sainte-Beuve? Seria de mais, para um pobre correspondente... Ainda, porém, que a tanto me ajudasse engenho e arte, do mesmo modo me recusaria, por uma questão de principio, de coherencia. Em geral, detesto as criticas; a sua auctoridade revolta-me, dá-me somno a sua erudição, os seus comos e porquês trazem-me sempre ao espirito um grande cansaço e um grande tedio. Vejo o critico no seu gabinete revolvendo as paginas dum livro, como um chimico no seu laboratorio, farejando as composições duma droga; acompanho o desesperado esforço com que elle cata a razão de ser duma obra atravez dos seus capitulos, como o algebrista procura a sua incognita, acastellando calculos e multiplicando caracteres gregos. E, quasi sempre, de tão humana tragedia ou de tão limpido poema, a idéa que elle me transmitte é duma afflictiva complicação e duma inextrincavel confusão. Leio um novellista ou um poeta e entendo-os perfeitamente, sinto-os, escalda-me a febre dos seus arrebatamentos, deslumbra-me a resplandecencia dos seus ideaes; consulto depois um critico, a ver se comprehendi a obra — e não comprehendo o critico. Ah, não! Nessa especialidade literaria de fallar dos outros, retratar e reflectir o genio alheio, um só escriptor, um só me soube dar, até hoje, uma grande noção de belleza e um goso intellectual completo — Paul de Saint-Victor. Mas eis que esse, exactamente, não fazia critica...

Em summa, deixemos o artigo e fiquemos antes na carta. Sentir-nos-emos muito mais á vontade, meus amigos, e conversaremos muito mais alegremente. O proprio assumpto nos recommenda simplicidade, familiaridade; porque, se vos abrisse aqui uma prelecção pedantesca sobre *A familia Medeiros* e *A fallencia*, os dois grandes romances de D. Julia Lopes, certamente me falharia o proposito de vol-os fazer «ler» atravez das minhas impressões; ao passo que, palestrando singellamente comvosco acerca da insigne prosadora e de seu marido, o autor laureado da *Lyrica*, contando-vos alguma coisa da sua vida intima, do seu lar tão cheio de encantos e tão impregnado de felicidade, do seu eregrino affecto e dos seus quatro filhos, talvez consiga interessar-vos com a historia singella do mais venturoso par de almas que o destino já reuniu á mesma meza de trabalho e debaixo do mesmo tecto.

João de Deus tinha bem razão em affirmar que «Deus fez as almas aos pares». A desgraça existe, porque nem sempre, raras vezes até, ellas se encontram. Estas viram-se e amaram-se, como na velhissima canção; tinham caminhado uma para a outra, enlevados na mutua admiração das novellas e dos poemas, pela lei duma irresistivel atracção. Assim, em tempo, se vieram a adorar Maria Amalia e Gonçalves Crespo. Julia decorava os versos de Filinto, e Filinto, nos seus folhetins, louvava a prosa de Julia. Faltava

D. JULIA LOPES D'ALMEIDA

apenas um episodio casual e simples que os pozesse em frente um do outro e, sobre a concordancia dos espiritos, estabelecesse a concordancia dos corações; e esse episodio veio um bello dia, naturalmente, offerecendo-se por si áquella lei commum que regulava os dois destinos. Valentim Magalhães que então dirigia a *Semana* e tinha em Filinto, além do seu melhor amigo o seu mais querido e fiel camarada de armas, ia a casa do Visconde de S. Valentim, pae de D. Julia Lopes, agradecer á escriptora uns trabalhos enviados áquelle periodico. Convidou Filinto a acompanhal-o, nessa visita da *Semana* á sua preciosa colaboradora. Filinto foi. Conversou-se de mil coisas, havia outras senhoras em casa, os rapazes fizeram espirito, o Visconde sorria a toda essa litteratura e a toda essa mocidade... E, assim, como as coisas mais simples do mundo, nasceu o amor e se firmou para sempre, absoluta e suprema, a concordancia.

E como elles concordam, como elles se entendem, mesmo nas coisas em que inteiramente divergem e se separam! Assim, pode muito bem succeder que o autor que, a elle, o fanatize, mal lhe mereça, a ella, uma vaga consideração. Idéas trocadas, opiniões defendidas — e, ao cabo dum momento de discussão, cada qual cede ao outro o direito que, aliás lhe não poderia negar, de admirar ou desprezar. Mas a grande prova dessa harmonia de sentimentos, feita, ás vezes, dos sentimentos mais desencontrados, está neste caso, unico talvez em duas creaturas tão superiores: Ella é religiosa, elle é atheu; nos romances da esposa, a idéa de Deus apparece não raro, como um conforto, ou uma esperança, ou uma resignação; nos versos do esposo, só se falla em Deus, ao cabo

dum soneto lançado ao papel numa hora de desespero:

> *Só me peza não crer que Deus exista*
> *Para poder odial-o, com razão!*

Tão flagrante divergencia provocaria de certo em espiritos menos bem-casados, uma constante rixa ou, pelo menos, um mutuo resentimento. Elles não pensam sequer em apurar esse assumpto melindroso. Quando, a meio da palestra, Filinto solta uma phrase irreverente e os amigos da casa riem, D. Julia ri tambem, gosando muito naturalmente o exito da phrase; e quando elle encontra nas novellas da esposa a intervenção divina, a dar maior encanto a um lance, a illuminar mais vivamente uma paixão, applaude o trecho, espontanea e sinceramente. Emfim, quem melhor exprime a subtil harmonia desse antagonismo, é elle proprio, Filinto, que uma vez me surprehendeu, a meio dum cavaco encantador, com esta tirada decisiva:

— Ella é religiosa por uma questão de bondade; eu tambem por simples questão de bondade é que sou atheu. Ella comprehende em Deus todo os amores e todas as graças que tornam mais feliz a humanidade; eu, se acreditasse nelle, atribuir-lhe-ia um sem numero de horrores e de crueldades. Não posso detestar Deus, detesto a religião, todas as religiões que atravez dos seculos teem causado as guerras, as devastações, os incendios, os supplicios, as matanças em massa, toda a sorte de atrocidades a que os homens, reduzidos á condição de bestas-féras cegas e dementes, se entregam no seu desgraçado fanatismo. Ainda agora, na Russia, vinte e cinco mil creaturas trucidadas, retalhadas, pizadas a pés, entre os uivos e ganidos da multidão allucinada... Por que? Religião. Ah, não, meu caro! Nunca os homens serão verdadeiramente bons uns para os outros, nunca se congraçarão numa fraternidade perfeita, emquanto no mundo houver religiões!

FILINTO D'ALMEIDA

Entretanto, se na terra existe um lar bemfadado, uma casa sobre a qual pareça que Deus deixou cahir a sua melhor benção, é a desse atheu que pertence á peor cathegoria dos atheus, a dos atheus reflectidos, placidos, a frio. Sim, elle é um protegido das Alturas; e toda a casa se illumina dessa magnifica protecção. Entra a gente nella e sente o jubilo intimo, a paz e o consôlo dum refugio bemdito. Alli, aprende-se a viver; alli, tomam-se lições de felicidade. Elle e a esposa vivem numa reciproca adoração; consideram-se tão feitos um

VARANDA DA FRENTE DA VIVENDA DOS ESCRIPTORES

Da esquerda para a direita: Albano, Affonso, D. Julia Lopes d'Almeida, Margarida, Filinto d'Ameida, Lucia e Visconde de São Valentim

para o outro, tão unidos um ao outro. . Eu ia empregar uma imagem infeliz. Filinto resume e define tudo nesta quadra admiravel de sentido e de fórma:

As nossas almas já
Se uniram de tal sorte
Que nem mesmo a propria morte
Nol-as desunirá

A casa deliciosa fica a meio morro de Santa Thereza, bastante perto da cidade para se subir até lá em dez minutos de bonde electrico, bastante longe da cidade para a dominar inteiramente, sobre um grandioso panorama que abrange todo o centro urbano, as praças, os jardins, os caes e, no fundo a perder de vista, o mar. Elles alimentaram, como Balzac, e durante muitos annos, essa aspiração de mandar fazer uma casa sua, segundo o seu gosto, conforme as suas noções de esthetica e de conforto. Simplesmente, não lhe deram o risco, á imitação do genio da *Comedia Humana ;* limitaram-se a explicar o seu desejo a um architecto e a passar por lá de vez em quando, a namorar o ninho em construção e a pregosar a linda existencia que alli dentro lhes ia correr, estavel e segura, cheia de serenidade. O architecto, realmente, fez um brinco: paredes graciosas, largas janellas, respirando por todos os lados o ar fresco das alturas, e em tudo a simplicidade e o aconchego que convidam ao trabalho e dão ás horas de descanço um regalo mais penetrante. Quando elles se installaram houve uma festa; cada amigo plantou uma arvore no terreiro, para que mais tarde o seu bem querer estendesse sobre a casa a frescura das vivas recordações e o perfume dos affectos duradouros; e já ao lado se alinhavam, encosta acima, os taludes dum jardim que hoje se cobre de margaridas e chrysanthemos, rosas de Alexandria e rosas Paul Neyron, dando a quem passa na estrada a idéa gentil duma escadaria de flores, um amphitheatro da Primavera!

E não se sabe bem quem trata daquelles canteiros, quem dispensa tal carinho áquella terra exhuberante; porque Filinto passa o dia na sua secção da Sul America, companhia de seguros; D. Julia reparte as horas com a mais escrupulosa exactidão entre os livros e os filhos—e não ha, na casa, jardineiro. Esse é outro milagre que só elles, elles só, poderiam explicar. O marido vem de manhã para a cidade, ella fica, rodeada do seu rancho. São quatro: o Affonso, dezesete annos, acaba os seus preparatorios

para se matricular em Direito: o Albano e a Margarida estão a aprender francez; a Lucia, a mais nova, de cinco annos, começa a penetrar os segredos formidaveis do alphabeto; e todos fazem versos! D. Julia, depois de lhes dar almoço e de despachar o Affonso para as suas aulas, vendo chegada a hora de escrever a chronica para *O Paiz*, ou de ajuntar um capitulo ao romance que o editor reclama, diz-lhes, muito séria e doce:

— Filhinhos, agora vão lá para dentro, brincar com os seus bonecos e deixem-me um momento, com os meus.

E foi assim, dizendo aos filhos que ia brincar com os seus bonecos, que ella escreveu, além dos dois livros de que atraz fallei e passam por ser os mais valiosos documentos do seu talento de romancista, a *Viuva Simões* e as *Memorias de Martha*, novellas duma psychologia feminina ao mesmo tempo delicada e forte, cheia de graça e cheia de verdade; o *Livro das Noivas*, escola peregrina de esposas e de mães; a *Ancia Eterna*, contos que, na factura larga e exacta, lembrariam Maupassant se os não ameigasse um sabor poetico tão individual; os *Contos Infantis*, de colaboração com sua irmã, a poetiza D. Adelina Lopes Vieira; a *Casa Verde*, de colaboração com Filinto, a *Intrusa*, que deliciou os leitores do *Jornal do Commercio* e ainda outros livros, outros, que alcançaram, em quadra de tamanha indifferença literaria, duas e tres edições, e nos quaes todos os intellectuaes reconhecem uma arte original, soberana, inconfundivel.

Dizia-vos eu, porém, que todos os seus filhos fazem versos. Sim, todos. O Affonso começou a poetar a serio o anno passado, por causa das suas lições de historia. Lutando com uma memoria rebelde a nomes e datas, querendo fixar dum modo mais ou menos duradouro epochas, regiões, grandes factos e grandes personagens, recorreu ao systema — que para elle vinha a ser o mais simples—de reduzir tudo isso a sonetos. Esses versos, elle os escondia do pae, está claro, não só porque era seu pae como tambem porque os fazia, muito melhores. A mim, porém, velho amigo de doze annos, mostrou-me alguns e, entre elles, este, de rimas tão selectas e metrica tão elegante:

Nubia

Khartum dormita a sésta diurna, quando
A luz e a ardencia do alto o sol distila,
E com a luz e o calor, uma tranquilla
Somnolencia por tudo paira, ondeando.

De cada grão de areia que scintilla
Vem o calor em chispas emanando.
E, as entreabertas palpebras passando,
Este fulgor offusca-me a pupilla.

Pelo ar, aspiro a custo, nem uma ave
Deslisa, e as azas tremulas espalma,
Singrando o ceu azul num vôo suave...

Apenas vejo, junto ao rio, calma.
Uma cegonha olhando as aguas, grave,
Como o tedio sem fim que tenho n'alma.

Esse «tedio sem fim» num rapazelho de dezeseis annos é, seguramente o que ha de mais literario; mas o processo de estudar historia nada fica a dever, entendo eu, ás mnemonicas do meu professor de Coimbra Doutor Sousa Gomes. Não haveis de julgar agora que o Albano, de nove annos, tambem componha sonetos historicos... Não, o Albano rasteja ainda

A CASA DOS ESCRIPTORES, VISTA DA ESTRADA

pela quadrinha modesta e pelas parelhas de septissyllabos. O anno passado, estando o irmão no goso de ferias ahi para uma dessas montanhas, mandou-lhe o Albano uma carta de não sei quantas folhas, que começava assim:

A SALA-GABINETE DE TRABALHO DOS ESCRIPTORES

O Bento já está um homem,
Affonso, não imaginas!
Tamanho de um lobishomem...
Parte amanhã para Minas.

O Bento está que não pode
Co'aquella cara de bode;
Foi hoje lá ao collegio,
Com um cavaignac *egregio!*

Da Margarida, não consegui apanhar um original; até da mãe os esconde, a incorrigivel violeta. Mas a Lucia, quando outro dia lhe perguntei se tambem se não entregava ás Musas, nas horas vagas do A B C, recitou muito vaidosa e prazenteira:

O Bento já está um homem,
Affonso, não imaginas!

— Alto lá! Esses são do teu irmão.

— Não, respondeu ella, com os grandes olhos negros a brilhar de intelligencia e de faceirice. — São eguaes!

Sahida que lhe valeu uma chuva de beijos na bochecha morena e mimosa que para outra coisa parece não ter vindo ao mundo. Porque ainda, além de tudo, os filhos deste casal ultraditoso, são lindos como os amores. O Affonso, não digo, que começa a deitar buço, a fazer-se homem e, por conseguinte, feio. Mas os outros tres, são tres corações. Os olhos desta Guida perturbariam o estylo do proprio Julio Diniz; o perfil deste Albano não tem rival em nenhum pastor da Arcadia; para esta Lucia, não encontraria Donizetti harmonias capazes e condignas. Bemaventurado amor, geração de perfeições...

— E não acreditas em Deus, bandido! exclamó contra a face sempre risonha e radiante do poeta da *Lyrica*.

— Perfeitamente, porque penso nos outros.

— Mas se és tão prodigiosamente feliz...

— Sim, mas não sou egoista!

Que creaturas, Senhor, que creaturas... Nem egoistas são!

João Luso.

O CYSNE MORTO

A João Luzo

Foi em Veneza, já na hora da partida.
Sob um sol hybernal, d'uma luz dolorida,
Que os marmores doirava ao rosto dos palacios
E os invertia na agua em bellos tons violaceos,
Roseos, verdes, azues, multicores, cambiantes,
Como se de crystaes e pedras rutilantes
Fossem, assentes sobre estacas alinhadas,
No fundo da agua, em lodo, ha seculos cravadas, —
Nós o Grande Canal subiamos, tristonhos
Por deixarmos de vez a cidade dos sonhos,
A cidade do amor, do mysterio e da graça,
Que em volupias de amante o Adriatico abraça.
Seguia o vaporeto *abrindo as aguas frias,*
Entre curvos perfis de gondolas sombrias.
Ficavam para traz o molhe da Piazzeta,
De San Giorgio Maggiore a minuscula ilheta,
As columnas de pedra em caprichoso estylo:
São Theodoro, de pé sobre o seu crocodillo;
O chimerico Leão alado de São Marcos;
A Giudecca, a Dogana, os mastareus dos barcos
Duplicados á luz nas aguas da laguna;
E sobre a massa egual das casas, a columna
Quadrangular, furando o azul, do Campanario,
A cujo cimo, diz-se, o Corso temerario
Certo dia subiu a cavallo... Saudoso,
O nosso olhar gosava o derradeiro goso:
A Basilica immensa, o templo bysantino

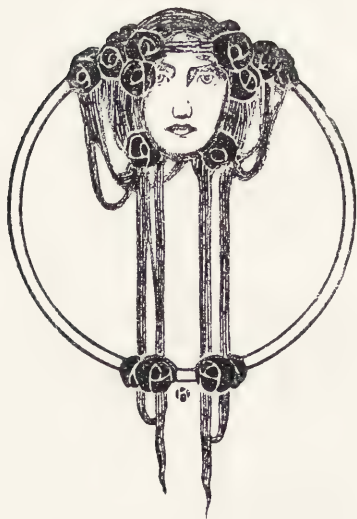
Onde brilha o Ticiano e fulge o Sansovino;
Templo menos de Deus que da Arte, alta gloria
Da Renascença, flor que dá perfume á Historia
E o espirito transporta ao esplendor de outras eras
Em que o homem amava os Santos — e as chimeras.
O palacio Ducal sumia-se, esbatendo
Na doce luz da tarde o perfil estupendo,
O lavor do seu bloco em renda, o peristylo,
A alta fachada, a pompa do seu estylo...

Nisto, o barco parou proximo de Rialto,
E um puro Veneziano espadaúdo e alto
Entrou: No seu olhar lia-se o desconforto.
Trazia, pelos pés suspenso, um cysne morto.
Da ave esbelta e pomposa a brancura nitente
Resplandecia ao sol maravilhosamente.
Tinha as azas em leque abertas e espalmadas,
Como a querer voar para as aguas amadas;
Do candido pescoço a cabeça pendida
Perdera a ondulação palpitante da vida...
No entanto, quem o via, ainda assim magestoso,
Imaginava ir ter o imaginario goso
De vêl-o ainda reerguer o alvo collo altaneiro,
Para alli desferir o canto derradeiro!

O' Veneza! O' Ideal! Arte, Musica! O' Sonho,
Entre os que o Homem sonhou, mais bello e mais risonho!
Phantasia votada ao culto da Belleza;
Ritual das fórmas, Hymno á graça e á gentileza!
Como póde o homem rudo, engolphado em mercancia,
Sobre a agua instavel crear a urbs *da elegancia;*
Como póde apprehender, com os ganhos do commercio,
Fundindo-os, os ideaes do arabico e do persio,
Linhas, côres, á India, e á Phenicia, e á Gallia,
Para erguer na laguna esta gloria da Italia?
O tempo, para ti, devia ter parado,
Veneza, perpetuando, immovel, o passado,
Poupando-te á injuncção da insipidez moderna,
Conservando, á Cidade immutavel e eterna,

Os seus costumes, os seus Doges, a sua pompa . . .
Debalde alongo o olhar, á espera de que irrompa
Da curva de um canal, da esquina de uma ruela,
Um mancebo gentil, de espada e de escarcella
Sobre os calções de malha a tres côres vibrantes,
Com chapins de fivella empedrada a diamantes,
No busto o carmezim gibão de terciopello,
Sobre os hombros fluctuando os anneis do cabello
Que no alto cinge a gorra encarnada e garrida
Com o broche de rubins prendendo a pluma erguida.
Debalde! Em vão contemplo ao longe as aguas turvas . . .
Homens, que vão e vêm nas gondolas recurvas,
Todos vestem de negro, ou de outra côr sombria,
Sem um toque sequer de graça ou phantasia,
Sem cabello em anneis e sem gorra implumada,
E têem por arma um junco ou um páo, em vez de espada!
Ah! está findo o canal; fecho os olhos, absorto . . . .
Adeus!

No caes ficou o homem com o cysne morto.

Filinto de Almeida

CAES DA RIBEIRA

O PORTO VELHO

O Barredo, á noite

NA banalidade incaracteristica do Porto d'hoje, nenhum album d'aspectos mais evocativos para folhearem os amadores de Passado «que todos nós mais ou menos somos, litteratos ou pintores, sempre á cata d'impressões ineditas» do que esses velhos bairros marginaes, tão cheios de mysterio e de pittoresco, a horas mortas, quando a confusa casaria amontoada, que a treva amalgama em perspectivas confusas, evoca uma extranha Babel de prodigio, com torres, zimborios, derrocadas de muralhas zebradas de phosphorescencias vagas de lampiões, uma êrma necropole espectral, feita de nevoa, de sombra e lua, amortalhada no silencio, vivendo d'uma outra vida de sonho e de lenda...

Massarellos, com as suas ruellas sinuosas, cortadas de escadas de pedra subindo, entre muros verdes d'heras e trépadeiras, para os arvorêdos das quintas inglezas de Villar e do Palacio de Crystal; com a sua melancolica alamêda de choupos centenarios e as suas casinhas caiadas de cujas janellas os velhos capitães da marinha mercante, invalidos, vêm nostalgicamente deitar o oculo para a barra e contemplar com olhos d'exilados os navios que partem para essas longinquas viagens que nunca mais farão; — Miragaia, em cujas claras sylabas cantantes vibram echos das vozes mouras que Garrett eternisou no *Romanceiro;* com a sua *rua Escura* que Coelho Louzada dramatisou n'uma novella esquecida d'ha cincoenta annos, e onde o genio de Camillo deu vida áquella linda e sentimental costureira Augusta que Guilherme do Amaral amou de tão delirante amor romantico; com a sua lendaria Fonte das *Musas* e as suas casas de paredes sujas, apoidas em arcarias que as cheias do Douro invadem, em frente ao casarão soturno da Alfandega, e que trazem á ideia uma Veneza esfarrapada e mendiga, com os seus trapos a seccar nas varandas de pau; — a Ribeira, de dia tão animada

e sonora do fragor metalico dos carros de bois arrastando ferragens na calçada, com os seus caes de pedra echoantes do ruido continuo das cargas e descargas, do rangido aspero dos guindastes dos vapores, de todo esse paroxismo de vida labutante, de todo esse côro immenso de vozes roucas de barqueiros, de estivadores, de vendeiras de fructas e de peixe, e que á noite com as suas fachadas mudas, sobre os muros, suggere scenarios de drama historico, á beira da agua lenta a sumir-se, com murmurios somnambulos, soluços abafados de falla-só errante, na escuridão...

CAES DE MASSARELLOS

Mas entre todos esses aspectos, o que mais impressiva suggestão de pittoresco grava, é o d'esse velho burgo medival do Barrêdo, que da Sé e do Paço do Bispo, alcandorado lá no alto, como a macissa e orgulhosa fortaleza da Fé, desce d'escantilhão até ao rio, com cazarões denegridos, ruellas invias, telhados lezardentos, escadarias — evocando, no seu bizarro agglomeramento, a imagem d'um tropel andrajoso de mendigos que uma vertigem de panico, allucinadamente, precipitasse aos galgões, pelos socalcos abruptos da collina.

Encravado na cidade nova, isolado dos centros da actividade e da vida mercantil, grande parte da população apenas conhece o Barrêdo por tradicção, e nunca de certo lá passou. Como uma purulenta chaga, que uma mascara esconde, esse bairro é um cancro de miseria no corpo branco da cidade.

Nas velhas pedras das suas immundas viélas, gastas por gerações de pés descalços, jamais a Caridade elegante aventurou o sapatinho branco de setim, com receio porventura de o perder — não como a linda Cendrillon do conto, entre as flores d'um jardim real — mas no lixo e na lama dos monturos.

Lisboa tem a Mouraria e Alfama.

O Porto tem o Barredo, mais pitoresco, porque é mais sinistro.

Habitado quasi exclusivamente por barqueiros, trabalhadores dos caes, mendigos, marinheiros, carrejões, gatunos, cegos do fado e vendilhões ambulantes, por toda essa ralé obscura das cidades que muitas vezes passa de sol a sol á procura do trabalho, do roubo, ou da esmola, sem conseguir nem uma coisa nem outra, e que, vinda a noite, onde quer se deita para dormir esse somno da fome no da miseria, que é o somno mortal dos vivos.

É sobretudo a deshoras, quando a vida pára e a Sombra, como um nevoeiro negro, phantasmagorisa e transfigura as coisas, que esse trecho absconso da cidade

reveste para o artista ou para o noctambulo o dramatico aspecto d'algum d'aquelles scenarios medievaes, tão extranhamente povoados pela phantasia genial do velho Hugo, e que Goya escolhia para fundo das suas macabras silhuetas de enforcados e de bruxas.

Ahi vão as notas colhidas uma noite, á hora romantica e lendaria em que os ventres dormem e as almas sonham . . .

*

* *

Logo a impressão singular dos caes que do lado do rio dão ingresso no Barrêdo pelos buracos negros das arcarias cavadas no velho muro da Ribeira, tem qualquer coisa de mysteriosamente inquietante, no silencio concavo da noite, á beira da agua enigmatica e opaca do rio, todo broslado de reflexos — como pinceladas d'oiro n'ma *mancha* de nankim.

BARREDO

Noite de bruma, com apparições phantasticas de lua, a espaços, como n'um ceu de ballada . . . Para a outra banda, enigmaticamente, a nevoa esbate em perspectivas longinquas a casaria de Gaia, toda salpicada de luzes, de zig-zags de candieiros, espontando os angulos das ruas, e com um ou outro reflexo metalico de vidraça fulgindo n'alguma fachada, junto ao rio.

ALAMEDA DE MASSARELLOS

No ultimo plano, corcovas de collinas, e pantanos de tinta, para além, negras solidões com latidos de cães, abysmos de treva que só de longe a longe vagos luzeiros crivam — como lanternas perdidas á noite, n'um monte.

INTERIOR D'UM ARCO DA RIBEIRA

No ceu amadornado na bruma que os faroes dos navios pontuam de estrellamentos de fogo, n'este momento, a lua esconde-se e tudo se adensa e abisma n'uma atropelada indecisão de formas, n'um vertiginoso cahos de tinta-neutra, n'uma lugubre caligem gravida de monstros e d'espectros, como um *craião* nocturno de Raffet.

Espanto, mudez das sombras!... As arvores do caes têm contracções suspensas de mendigos enforcados. Lá no alto, os candieiros da ponte lembram o tremeluzir de cirios d'um prestito de fantasmas suspenso no vacuo. E duas estrellas que de repente rebrilham e desaparecem de novo, sob uma nuvem que passa, dir-se-iam, nos seus halos arroxeados, olhos tristes com olheiras de chorar — por que irreparaveis tristezas!

D'alguma amurada de navio, ancorado no rio, uma dolorida e barbara toada de marinheiro evola-se na noite — canto de nostalgia e de exilio, canto d'amor atravez dos mares, quem sabe!.. por alguma loura fiandeira d'Irlanda, áquella hora talvez fitando os olhos n'essas duas estrellas, a sonhar no noivo errante...

LARGO DA LADA

E subitamente, lá no alto, uma suave e fluida brancura irradia, n'um reflexo da lua que volta da sua

romagem atravez dos claustros das nuvens — da macerada lua que emfim surge, monja do infinito . . .

TRECHO DA RUA ARMENIA

*

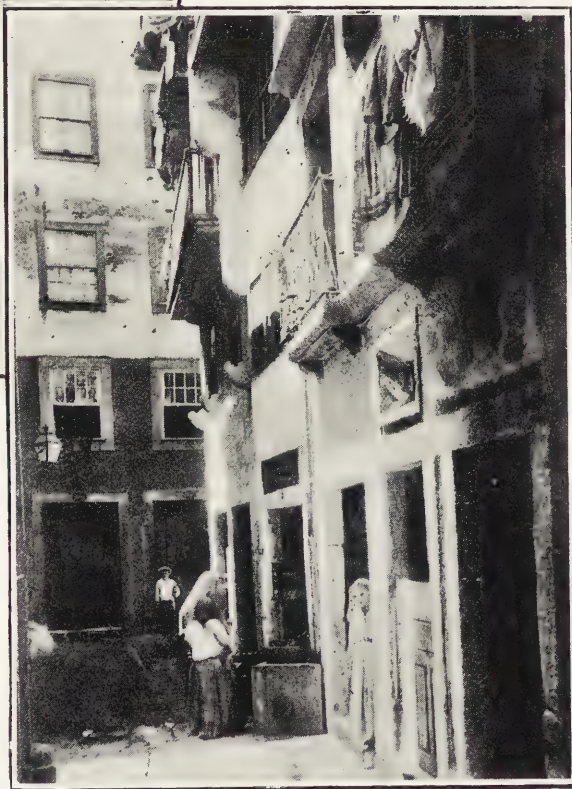
* *

Lentas badaladas n'uma Egreja, não sei qual.

Entro por um dos arcos, onde, bruxoleando, uma luzinha d'azeite arde e reza pelas *Alminhas da Ponte*, sobre o seu painel ingenuo, pregado no muro.

E detenho-me bruscamente, no espanto d'esse primeiro quadro que os meus olhos deparam, n'esta Galeria extranha da luz e da sombra em que a Noite, aguafortista singular, expõe as suas obras d'arte incomparaveis.

Á roda d'esse huguesco *Pateo dos Milagres*, que o lapis moderno de Raffaeli illustrasse — tascas, locandas subterraneas, tenebrosas alfurjas sob arcarias em tunel, tócas abertas rente ao chão, nas paredes negras, com fogachos avermelhados de candeias, lá ao fundo, como rasgões de chamma n'uma cerração de fumo.

Esqueletos de megeras despenteadas, enrrodilhadas em trapos, pelas portas, frigem peixe em fogareiros onde as brazas chispam, sob as certãs, em espirros de lume.

BARREDO

Zanguizarra de guitarras . . . Vozes roucas de gatunos soluçam as tristezas do *fado*. E vultos indistinctos, perfis fetaes,

lividas figuras, rictus rapaces de bebados e jogadores, que o reflexo ruivo das luzes aviva, em torno ás mezas, agitam-se lá dentro, formigando, com gesticulações aduncas — turbilhão amorpho de sombras, na fumaceira acre d'essas cavernosas tavernas, que recordam as télas nocturnas de Teniers, o pintor flamengo dos «interiores» populares.

Metto ao acaso, pela garganta d'uma ruella esconsa, que não sei onde vae dar. Ninguem, áquella hora, no antro do escuro bairro cheio de silencio e d'agouro. Uma lobrega escuridão d'enxovia suando crime, reçumando podridão, e onde a espaços, sómente, a chamma vacilante d'um lampeão chumbado a uma esquina accende nas orbitas negras dos charcos vivos reverbéros de pupilas d'oiro.

ARCO DAS VERDADES

A cada passo, mysteriosos beccos encruzilhamse, estreitas quelhas surdem, onde a treva se engolfa, como em guélas de cavernas, cochichantes de ciladas. E por todos os lados, portaes profundos, pateos humidos, sinuagens sinistras, pavorosas sombras, angulos bruscos, recessos, esgotos, degraus d'escadinholas de pedra galgando e sumindo-se entre muros, lá no alto, sob a curva arabe d'um arco em ferradura.

ORATORIO DE NOSSA SENHORA DA FORTUNA

Imprevistos detalhes, subito, retem o olhar: columnelos, gelozias em ogiva, cunhaes com restos de escudos heraldicos, cornijas rendilhadas, uma torréla em ruinas a uma esquina, ainda a refilar duas ameias, como dois dentes cariados de mastim — singulares retalhos da primitiva architectura mourisca, esquecidos pelo Passado n'aquelle medievico burgo assolado pelos incendios e motins de tantos seculos tumultuarios.

ENTRADA DA RUA ARMENIA

Como n'um pezadêlo, o dédalo das estranguladas vielas coleia, com escorias de despejos infectos sobre p edras viscosas, ta-

TRAVESSA DA RUA ARMENIA

los de couve, escamas de peixe, detrictos sordidos em que os pés escorregam.

E bandos de gatos, ao ruido dos meus passos, pulam, somem-se em escoamentos surdos, com as pupilas verdes phosphorando, como fogos-fatuos, á boca das sargetas.

*
* *

Desmesurados, subindo na sombra em perspectivas de scenographia tragica, os decrepitos predios sepulcraes mal deixam entrever, lá cima, um retalho vago de ceu, entre os beiraes em zig-zag — como se até a visão d'oiro dos astros fosse negada áquelles poços de trevas, e a propria lua tivesse medo de macular a cauda do seu manto de seda e prata nas pedras sordidas d'aquelle bairro da Ralé.

Bom Deus! Como é possivel viver alli dentro! E ha creancitas que nascem e morrem n'aquella escuridão, sem terem visto a luz do sol, a luz doirada, a luz divina e livre; virgens, aleijados monstros, cujos olhos jamais poderam extasiar-se, a sorrir d'encanto, no lindo ceu-estrellado, quando amavam, ou quando soffriam; velhinhos paralyticos, ao pé da cova, que na hora derradeira nem sequer terão uma restea de sol a ungil-os, lá do alto, como uma benção de Christo, misericordioso!

Roidos pelo tempo, como por chagas de lepra, ha quantos annos a chuva deliu a cal d'esses lezardentos muros que abrigaram gerações e gerações de parias?...

RUA DA LADA

RUA DE MIRAGAYA

Alguns, em ruinas, amesendando os monstruosos ventres gravidos das paredes, esburacados de janellas sem vidros, como rasgões n'uma saia, dir-se-iam enormes bruxas acocoradas, a cocar quem passa, com o clarão d'um postigo de mansarda a luzir o negrume, como um olho vesgo e sangrento.

Pelas varandas de pau, o vento agita farrapos a enxugar, brancuras lividas de lençoes — talvez para mortalhas. . .

Sob um alpendre de pedra, a uma esquina, ha uma lanterna de ferro, suspensa da corrente, a balouçar deante d'um nicho.

RUA DE S. FRANCISCO DE BORJA

TRAVESSA DE SANT'ANNA

E, no brusco reflexo d'essa luz, a sangrar e a estrebuchar na sombra equivoca d'uma viéla, nada mais estranho do que a sinistra escultura d'esse Christo, — que é porventura a obra prima genial d'algum ignorado artista d'outras éras.

Tragicamente nú, como um cadaver d'afogado, esse mirrado corpo esqueletico d'operario, a abrir os magros braços estorcidos no martyrio patibular da sua cruz de condemnado, é bem o Christo augusto e doloroso dos humildes.

Ao fundo do nicho, em volta do sopé da cruz, a luzinha humilde da lanterna

RUA DA LADA

bate nos cacos azues de duas jarras partidas, com raminhos de flores seccas como trapos.

Que tremulas mãos piedosas de noiva ou de mãe (ha quanto tempo!...) alli

ARCO DA RIBEIRA

depuzeram aquellas pobres flores votivas na esperança d'algum miraculoso sonho, que tão cedo murchou, Senhor! como ellas murcharam...

FONTE DA COLHER

*

* *

Ha-de ser tarde. Ha muito que não ouço as horas, como se as arterias do tempo se paralisassem nos relogios das ergejas.

LARGO DA PENA VENTOSA

BARREDO

Um silencio panico de necropole pesa sobre o bairro deserto. E só, embalando um berço — ó! ó!... uma voz de mulher, arrastada e triste, véla ainda n'uma mansarda, á espera do homem que está na taberna, ou na cadeia, talvez...

E eis que um grito, de subito, me faz parar, n'um calafrio... um lancinante grito que dir-se-ia romper, estrangulado, do proprio coração da Noite. Mas de novo volta, já em gemidos, balbuciando e rogando — com esse accento inolvidavel que só tem a voz das mulheres, nas dores sagradas da maternidade.

E a minha piedade, por essas lobregas alfurjas, evoca-vos, franzinas esposas, bem ditas Maters-dolorosas, ó obscuras Santas ignoradas da Miseria e da Desgraça!

Pobres creaturas raquiticas e mirradas, já de filhos ao colo na edade em que as outras brincam ainda com bonecas; ó anemicas raparigas resignadas, a chorar e a espremer os peitos sem leite, os resequidos peitos que só deitam sangue.

Os vossos noivados foram os noivados das ruas, semelhantes aos das aves errantes, nos beiraes. Na vossa precoce nubilidade descorada e gracil d'andorinhas, jámais a doçura d'um deslumbrado e amoroso sonho de ventura vos ungiu de luar as almas; nos vossos corações que as lagrimas corrosivas da desgraça esterilisaram, logo na infancia, jámais a

A espaços, o vento silva de atravez das encruzilhadas e das ruélas do bairro mudo, a longinqua voz do vento a uivar pela noite — tal um cantochão funerario, miserere rouco em que se juntassem as imprecações, os soluços e os gemidos de todas as agonias dos desherdados que se estorcem e rastejam na tenebrosa selva do mundo.

LARGO DOS GRILLOS

candida e miraculosa flôr do amor primeiro chegou a desabrochar, para vos perfumar a vida e para vos recordar o ceu, ó dolorosas!

Noivas felizes, virgens ainda, em breve esposas: vós todas, ó suaves mulheres que trazeis no peito, como n'um relicario de pureza, a doce quimera de conceber um filho — esse adoravel milagre humano que é o mais nobre e sublime destino da vossa natureza divina!

Por esses bairros negros de que ignoraes até a existencia, quantas outras, erguendo os olhos para aquella suprema esperança dos tristes que lá no alto mora, clamarão talvez por entre os soluços, ao dar á luz o fructo do seu ventre:

— O' bemdita Mãe do Ceu, para que dás a dor d'um filho á minha miseria!... Para soffrer, para chorar lagrimas de sangue toda a vida! Oh! antes m'o levasses, Mãe de misericordia!.. antes m'o levasses n'esta hora!

(Clichés Arnaldo Soares)

JUSTINO DE MONTALVÃO

ANGELUS

Quadro de Millet

PHANTASIA EM SOL MAIOR

Ao Dr. Ignacio de L. Ribera Rovira, distincto escriptor catalão.

ACABAVAMOS de ouvir Sarrazate no theatro: fomos passar o resto da noite em casa de Diogo Mendes. Diogo Mendes pegou na guitarra machinalmente e tornou a pol-a na mesa.

—Ias tocar?—perguntaram-lhe.

—Ia, mas fica para depois.

Diogo Mendes era um verdadeiro artista—um *virtuose* prodigioso, e, além d'isso, um improvisador de deliciosas phantasias, devaneios, cheios de graça, de finura, de sentimento. Debaixo dos dedos surgiam-lhe melodias encantadoras, profundamente nacionaes, vibrantes, voluptuosas e ao mesmo tempo scismadoras, d'onde elle passava para umas *tonadilhas* populares, inspiradas por uma outra musa, alegre, truanesca, como que dominadas por um côro de gargalhadas. Umas composições, todas ellas muito singulares, e impressionadoras, que lhe dariam nome entre os compositores mais originaes do nosso tempo... se elle as escrevesse! Já se vê que poderia tocar, mesmo depois de se ouvir o grande hespanhol.

—Não toco, mas vou-lhes contar uma *phantasia*—uma *phantasia*, em *sol-maior!* Sol grande—sol alto—sol de verão, em Cintra! Um *duetto*—eu e ella. Eu, que vocês conhecem—ella... que eu vi, que eu amei, que... que eu não sei quem era.

—Alguma moira encantada—e que tu desencantaste...

—Não—não era moira, porque era italiana.

—Cantora?

—Não sei.

—Dançarina?

—Não sei.

—Então fidalga, princeza?

—Tambem não sei. O que sei é que é unica!

E aqui Diogo Mendes accentuou as palavras.

—Nunca vi, nem falei com outra assim!

— Então conta lá.

—Havia uma festa qualquer num logarejo ali ao pé. Eu, levado pela attracção das massas, metti-me num carro, e fui tambem, como os outros. Um espectaculo para os olhos—mais nada. Aborreci-me e vinha de volta, a pé, saboreando o campo, a paizagem. Como eu outros, muitos—tinham tambem experimentado o mesmo sentimento de saciedade, e eu acheime com um buliçoso e alegre acompanhamento, onde se destacavam vozes de todos os timbres e procedencias! Um grande vapor de recreio trouxera a Lisboa aquella invasão de gentes moças, alegres, d'essa feliz parte da humanidade, que se pode divertir... Eu caminhava, como embalado pela harmonia discorde e original d'aquelle côro. De repente reparei que alguem me vinha seguindo muito de perto. Voltei-me.

Uns olhos, grandes como uns soes, fulgurantes, bons, vivos e alegres como a mocidade, foi o que eu vi—eram a guarda avançada. Depois uma figura alta, esbelta, elegantissimamente vestida, com uma toilette de campo de verdadeira artista. Tudo n'ella respirava fres-

— NÃO TOCO, MAS VOU-LHES CONTAR UMA PHANTASIA...

então eu lia nos seus olhos, que ella pensava no que eu pensaria d'ella.

—Pela sua *toilette* julguei-o inglez — a gente encontra-os por toda a parte. Quando se voltou, vi que me tinha enganado, e que, se eu lhe falasse, ouviria a lingua de Camões. É um dos meus poetas.

cura. Uma deslumbrante rapariga—uma conquistadora! Tudo isto eu vi—antes que ella me dissesse uma palavra, com a sua bocca carminada, que já se abria para mim num sorriso.

—*Perdonate, signore mio*—disse ella, fazendo um movimento, para tomar o logar á minha direita.

Deslumbrado pela expressão dos olhos e pela doçura argentina da voz, respondi-lhe em portuguez, como qualquer rustico:

—Perdoar o que... minha senhora?

Cuidei que a *diva* viesse acompanhada: vinha só... Foram-se affastando todos pela estrada, e nem um unico rosto se voltou para traz. Fomos caminhando sós os dois.

—*Siete portoghese?*

—*Si, io sono...*

—*Parlate portoghese, io parleró italiano*—disse-me ella, com o seu bello sorriso.

Singular creatura! Nada da *cabotine*, da aventureira. Fina no tom geral, nas expressões, falando com uma certa liberdade, ficava sempre no limite das mulheres que se respeitam. De quando em quando parava, fitava-me, e

—Alguma *institutrice*, em *villeggiatura* e á aventura—disse um dos ouvintes.

—Nada—não me tornou a falar no seu poeta. O dia era um esplendor da creação, e os nossos olhos contemplavam o espectaculo das eternas grandezas! Uma cigarra cantava ao longe no silencio da paizagem.

—O que está pensando? O que pensa de mim?—e dizendo isto meteu-me o braço.

—A *signorina* comprehende bem que eu, neste momento, não penso, sinto! Estou encantado! *Je suis sous le charme!...*

—Lisonjeiro!... Tendes razão de amar o vosso paiz. Esta terra, estas arvores, majestosas e elegantes, este sol...—Ouviu-se ao longe um sino.—*Oh! la cloche!... Cette cloche me fait penser à mon pays...*

—Onde é?

—*Venise!*—respondeu ella. E depois, como se falasse comsigo:

—Isto é muito bello, é encantador—é para poetas!

—E para...

—Para que?—perguntou ella, como acordando, e com um tom de viva curiosidade.

—Para amantes.

—Ah! sim... Eu sou muito alegre—não o direis vós depois—mas eu, neste momento, sinto-me tão feliz, que a serenidade da minha physionomia talvez vos pareça tristeza.!—Talvez que seja assim a alegria dos anjos... Ha entre nós um veu, que não é transparente—o veu do desconhecido. Não me conheceis— e eu tambem não sei quem sois. Um encontro d'occasião, este nosso—o encontro de duas mocidades. Sois solteiro? Eu sou livre. Mas os nossos rumos são differentes. Nunca mais nos veremos—mas eu nunca mais esquecerei este dia. Realisar um ideal, é caro; porém eu agora estou vendo, estou sentindo, que não é impossivel. Queria ver Portugal—Lisboa e a formosa Cintra, cantada por Byron, que esteve aqui, e queria ouvir falar a doce lingua, tão irmã da minha, e conversar com um portuguez... assim como vós sois.

E os olhos d'ella inundaram-me de luz, faiscante, deslumbradora! uma perdição, rapazes!—disse-nos Diogo Mendes—com os olhos no vago, como mergulhados num passado sorridente e saudoso.

—Pois eu quizera não vos ter encontrado!

— *Tragediante!* Ou *comediante?* — respondeu-me ella, pondo-se em pé, e passeando defronte de mim. Esqueceu-me dizer que nos tinhamos sentado á sombra d'um frondoso arvoredo. Estou a vel-a.

Eu nadava já em pleno romance. Aquelle era o primeiro capitulo.

....

Deixei-a em Sevilha. — Ahi nos separámos. Ella olhara, um dia, para um *diestro* de certo modo: reparei no olhar e encarei-a. Encarámo-nos. Ella ficou scismadora, e depois desatou a rir. Um rir nervoso.

— *Vous êtes trop fin!* — disse-me ella.

— *Mademoiselle, je m'en retourne. C'est le moment juste — l'idylle est finie.*

— *Au revoir donc, à Florence* — replicou ella. *Ne manquez pas.*

Trocámos dois beijos, e duas lagrimas... Tributo da fragil humanidade, quando nos despedimos d'estes dias, que passam rapidos, mas que nunca morrem na nossa memoria. Parenthesis divinos, que nós abrimos na vida, e que nunca mais esquecemos!...

Ha dias — continuou elle — recebi uma carta pelo correio da Itallia — Florença. Uma carta singular, como tudo d'aquella rapariga. Vão ouvil-a:

«Caro amigo—Meu nunca esquecido portuguez.

«Vae ficar talvez lisonjeado com o que vae ler—se eu lhe fiz alguma impressão, e se o meu espirito, o meu gosto, a minha linha intellectual de artista, foi justamente comprehendida pelo seu fino espirito de meridional... Tenho saudades suas, quero vêl-o, quero ouvil-o, quero sentil-o ao pé de mim...

«Venha, e traga a sua guitarra—a sua voluptuosa e encantadora *charmeuse*. E, se não o offendo com esta lembrança—ha coisas que os grandes artistas nos dizem com os seus instrumentos—que elles pensam, que elles sentem, que elles sonham, que a lingua humana não traduzirá jamais! É o ineffavel encanto da musica, da melodia. Direis que para vós tambem chegou a hora do mas... Talvez a falta fosse minha... Quem sabe? Digo-lhe agora que venha—áquelle nunca, jámais o diria. Oh! nunca!—terá todas as virtudes, mas falta-lhe a comprehensão da arte: nunca me en-

— JE SUIS SOUS LE CHARME!...

tendeu! Apenas a plastica—um Adonis andaluz—uma folha do livro da vida hespanhola,—escripta d'um lado só—no outro não tinha nada. Eu estava talvez cançada, saciada de vibrações, da poesia intensa da nossa vida naquelles dias, que jámais esquecerei!... E nunca esquecerei o teu paiz, os seus monumentos, as suas paizagens, os seus montes, e as vastas planicies, com aquelles toiros, tão serenos ali, tão grandiosos e tão terriveis na *plaza*!... E como estava saciada, talvez por isso reparei nelle... Foi um *halto*, um compasso de espera, que passou depressa. Eu não sei se, no teu espirito, fiquei como um problema—um enigma—tu, no meu, ficaste sendo-o desde aquelle dia da despedida... E grande enigma, que eu desejo, que eu quero profundar.

Ritorna, ritorna!

Margarita».

O convite—a ordem—é formal. Irei, ou não irei? *That is the question*—o enunciado é breve, e parece facil a resolução... Sel-o-ha para outros, para mim não o é. E quem sabe depois,—o terrivel depois, o amanhã d'um d'esses encontros, em que duas almas se chocam, como duas pilhas, carregadas de electricidade...

— *Hasta mañana* — e o nosso D. João Tenorio despediu-se, fazendo-nos, com a mão e a cabeça um gesto de duvida. Iria? Não iria?

31 de janeiro de 1906.

ZACHARIAS D'AÇA.

Concurso Photographico dos "SERÕES"— Menção honrosa

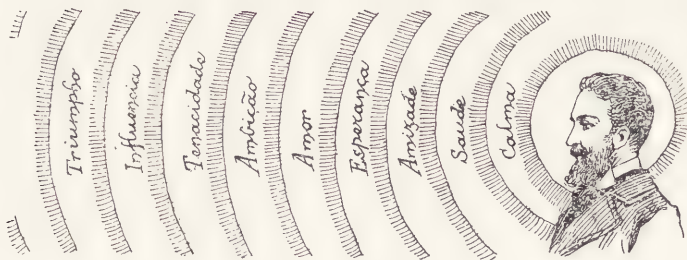
RIBEIRA DE ALGÉS

(Photographia do sr. Alfredo F. de Lemos)

Phenomenos telepathicos

Occupa-se muito a sciencia de phenomenos psychicos, que se elevaram de exercicios de simples recreação á cathegoria de assumptos scientificos. Por todo o mundo civilisado se nota uma actividade excepcional no estudo d'essas mysteriosas regiões do espirito, que pela historia adeante se teem revelado em manifestações inexplicaveis dentro dos dominios da physica e da physiologia correntes.

Um illustrado official do exercito, o sr. Cruz Andrade, que a estes estudos se tem dedicado, dá aos leitores dos SERÕES um interessante subsidio para se avaliar o estado a que a tal respeito chegou actualmente a sciencia. O seguinte artigo, primeiro de uma curiosa serie que o nosso distincto collaborador nos promette, estamos que despertará entre os nossos leitores um extraordinario interesse.

Marconi, o celebre inventor da telegraphia sem fios, diz que um som produz na atmosphera uma vibração, como n'um lago a queda d'um corpo produz circulos concentricos, que se propagam com mais ou menos relevo até ás margens, e que aquella vibração viaja com a rapidez da electricidade, fazendo sentir a sua presença a qualquer apparelho telegraphico em harmonia com o transmissor. O pensamento viaja da mesma maneira, de cérebro a cérebro, quando entre elles exista o que chamaremos *o mesmo tom de vibração*. Todavia, se é certo que o som pode ser interceptado por qualquer obstaculo d'ordem phisica, o pensamento jámais o pode ser; este não conhece barreiras, envolve o mundo e as suas vibrações são recolhidas por todos os cérebros vibrando no mesmo tom. Isto é tão certo que quando uma idéa traz intensamente preoccupado um determinado individuo, raras vezes ou quasi nunca é o unico aquem ella absorve. Haja em vista o que succedeu com Daguerre, quando procurava o meio de fixar as imagens por meio da luz, acompanhado n'esses estudos por homens de grande valor intellectual, sem que entre elles houvesse um consciente accordo; o que

FORÇA NEGATIVA

succede nas repartições que teem a seu cargo a concessão de patentes de invenção, onde, desde que um pedido é feito, para um invento de certa importancia, é logo seguido de centenares da mesma natureza, o que demonstra o accordo mental inconsciente.

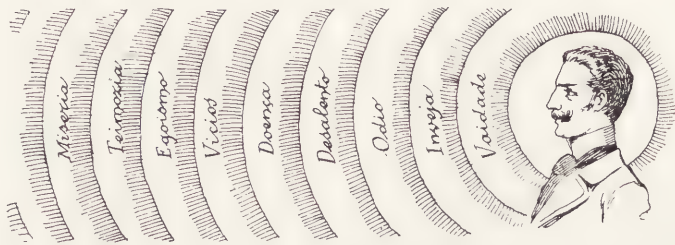
Entre nós deu-se ha annos este curioso phenomeno com o sr. Abel Botelho, que deu á publicidade um livro, cujo assumpto era tratado com grande semelhança de detalhes n'um outro que, pela mesma occasião, publicou o sr. Alberto Pinheiro, se bem me recordo. E mais notavel ainda o succedido com a «Missa Nova» do sr. Bento Faria e o «Novo Altar» do sr. Bento Mantua, duas peças de theatro, em verso, tratando o mesmo assumpto, figuras centraes perfeitamente semelhantes, terminando pela mesma fórma e quasi pelas mesmas palavras. Ora estes senhores nem se conheciam, comquanto morem em frente um do outro, quasi á mesma altura.

O phenomeno das correntes mentaes não pode pôr-se em duvida. Ha épocas em que os suicidios são em maior numero, assim como os crimes violentos, que é insensato attribuir á suggestão ou ás influencias climatéricas, por que muitos d'estes acontecimentos se produzem, como pude observar o anno passado, em diversos pontos da capital e até do paiz, no mesmo dia e quasi á mesma hora, em circumstancias que não auctorisam aquella hypothese.

Admittindo que estes acontecimentos se dão, na sua quasi totalidade, sob o imperio da mesma lei, ficam explicados os phenomenos mentaes que se conhecem por presentimentos e que todos, mais ou menos temos tido, e aquelles que bem ou mal denominamos de telepathicos.

N'esta ordem de estudos publicou o sabio norte-americano Segno, um livro em que pretende demonstrar as leis que regem a natureza d'aquelles phenomenos, livro que, apezar de simplista, é ainda o que conheço de melhor sobre o assumpto. Eis como elle define o *Mentalismo*, nome dado ao conjuncto de phenomenos que teem por séde o cérebro humano:

«A ação harmoniosa das trez faculdades mais poderosas da organisação mental: a primeira é o *pensamento*, a segunda a *energia ethérica* e a terceira a *vontade*. O pensamento é a intelligencia recolhida pelo cerebro, para uso do espirito, da parte das vibrações mentaes, errantes, em harmonia com elle. A energia etherica é a força gerada no cerebro pelo processo do pensamento, — é a força que faz viajar os pensamentos das cellulas cerebraes até ao seu destino. A vontade é a operadora que transmitte e guia os pensamentos ás estações respectivas.»

A vontade pode, pois, transmittir um pensamento com a maxima clareza a qualquer cérebro, vibrando no mesmo tom. Com effeito teem-se obtido, voluntariamente, communicações correctissimas entre individuos em perfeita harmonia mental distanciados de centenares de kilometros. Esta harmonia mental, ou melhor, este tom de vibração, dá-se entre individuos que se amem, como se pode dar entre os que se odeiam. Todos os individuos que mantenham com outros relações de estreita camaradagem e sympathia, podem adduzir, sobre este particular, centenas de casos de observação pessoal. A todos tem succedido pensar n'uma pessoa que se não vê ha annos, e mesmo até em quem ha annos se não pensa e, subitamente, apparecer essa pessoa. A todos

FORÇA ACTIVA

tem acontecido não falarem com um amigo intimo em determinado assumpto, de ha muito tempo, e n'um dado momento occorrer a ambos o mesmo pensamento. Conservo em meu poder cartas que respondem d'uma maneira indirecta a perguntas formuladas por mim, accidentalmente, em cartas escriptas no mesmo dia, por ventura á mesma hora, e mediando entre a minha pessoa e o meu correspondente uma distancia de muitas leguas. Estes casos são frequentes entre os gémeos e mais ainda, talvez, entre os surdos mudos.

VIBRAÇÃO DO MESMO TOM

Tive conhecimento do seguinte caso, que confirma a theoria sobre a produção do phenomeno telepathico:

Um individuo, cujo nome me é vedado dizer, tem uma irmã por quem é extremoso. Succede que esta senhora soffre de frequentes crises epylecticas; invariavelmente o irmão é atacado ao mesmo tempo de crise semelhante, e esta coincidencia data apenas de mezes. Para evitar o facto (um phenomeno de sympathia nervosa, como se vê) aconselhou a medicina a sua separação temporaria, indo ella para a provincia. Todavia as crises repetiram-se n'elle, vindo a averiguar-se que á mesma hora em que na provincia a irmã era accomettida.

Todos estes phenomenos são espontaneos e involuntarios e apezar d'isso d'uma notavel frequencia. Portanto, conhecida a lei, torna-se facil obter voluntariamente os mesmos phenomenos. Nenhum professor ignora que pode pela sua vontade auxiliar a memoria do alumno, sem empregar uma palavra, unicamente por manter no seu espirito o sentido da resposta.

A um dos meus amigos, o sr. Ribeiro de Seixas, alumno da Escola Medica do Porto e musico distincto, succedia muitas vezes começar a trautear uma canção que junto d'elle eu procurava recordar; isto sem consciencia por sua parte da minha preoccupação. Quando lhe fiz a observação, respondeu-me que entre musicos é caso vulgar.

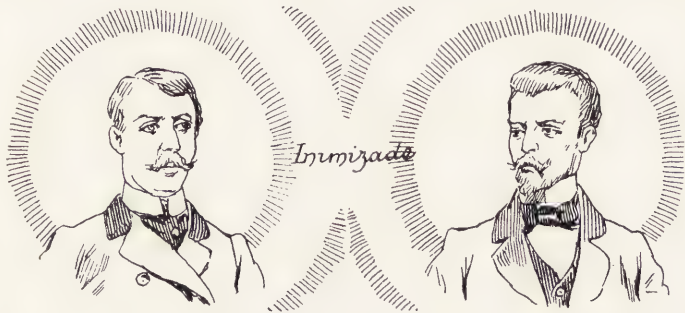
Vejamos, pois, como se pode desnvolver esta faculdade, que de resto implica o desenvolvimento d'outras, tornando-se, por isso, inapreciavel na vida moral e intellectual do homem:

O pensamento é uma força, e esta é *activa*, se concorre para a edificação da humanidade, isto é, para o seu aperfeiçoamento moral e material, assim como a bondade, a intelligencia, o amor, a actividade, a ambição, a esperança, a saude, etc.; *negativa*, se só augmenta os obstáculos áquella edificação e concorre para a destruição do bem estar geral, como, por exemplo, a malvadez, a vaidade, a doença, o egoismo, os vicios, a avareza, etc.

*
* *

Os pensamentos de esperança, de actividade, de saude ou de intelligencia, chamam a si os pensamentos do mesmo tom, engrandecem-se e auxiliam o triumpho de quem os possue; os de doença, de odio ou de inveja, attraem os da mesma natureza e o individuo que os tem está perdido.

VIBRAÇÃO DO MESMO TOM

Recordo-me que quando creança me fingia doente, para não ir á escola,

e que resultava quasi sempre adoecer devéras, depois de, permitta-se o termo mais vulgar, assim me suggestionar. Sabe-se que as grandes paixões começam por frivolas declarações d'amor. O encontro, porém, d'estes pensamentos, embora frouxos, com outros do mesmo tom, veem a tornar-se dominantes e a produzir aquellas perturbações moraes.

Ha mães que com os seus terrores á menor indisposição dos filhos acabam por implantar-lhes no cérebro a idéa da doença. Outras ha que os tornam intoleraveis, por estarem sempre a lançar-lhes em rosto todos os defeitos, com os seus peores nomes; se lhes exaltassem as qualidades, mesmo as imaginarias, acabariam por tornal-os doceis, bons e intelligentes.

Com pequenissimas excepções, todo o mal entra no corpo quando o espirito lhe abre as portas. Ora a sciencia demonstra que, especialmente, nos primeiros mezes de vida infantil, as creanças conservam com as mães grandes connexões de sensação: a mãe accorda de noite em sobresalto á mais insignificante dôr do seu menino; este chora no berço logo que a mãe *pense* em affastar-se d'elle.

VIBRAÇÃO DE TOM DIFFERENTE

Por aqui se pode vêr o perigo que correm ás pobres creanças, com aquelles sustos maternaes.

A affirmação de saude é já uma negação da doença. N'estas simples palavras está o segredo da psychotherapeutica, a que se devem já tão maravilhosas curas e cujas doutrinas estão magnificamente expostas no livro «*Saude, Energia e Riqueza*», que tive o prazer de traduzir.

Dizia-me uma vez um doente: «quando penso em saude até me parece que melhoro!» E era verdade.

Com effeito, se pronunciarmos, dando-lhe toda a expressão, a palavra *alegria*, experimentaremos, necessariamente, o sentimento correspondente. Conta Paulhan, que um dos seus amigos lhe dizia ficar triste só de pronunciar a palavra tristeza.

Sendo assim, nós podemos utilisar esta faculdade do espirito, em harmonia com o que fica dito, não só em proveito proprio, mas tambem prestarmo-nos um auxilio mutuo, tanto para melhoria das nossas faculdades e da saude, como para a cura das mais graves doenças Por isso é não só indispensavel educar a vontade, mas, tambem, ter uma grande fé, porque diz Jesus, no Evangelho de S. João: «Em verdade, em verdade vos digo, que aquelle que crê em mim, as obras que eu faço tambem elle as fará: e fará maiores que estas».

Um meu amigo tem uma filhinha que ha mezes foi accomettida d'uma grave doença; os medicos haviam decidido que não escaparia. O pobre pae andava louco de despero. Uma noite sonhou o seguinte: Que ia por um caminho, perguntando a toda a gente que encontrava se conhecia algum remedio para a doença da sua menina; todos lhe voltavam as costas desdenhosamente. Chegou a noite e elle sem parar; estava cançado, não podia mais, e julgando chegada a sua ultima hora encommendou-se a Deus. De repente, viu uma apparição que lhe pareceu Nossa Senhora e que lhe disse, mostrando-lhe certa planta vulgar: «Colhe algumas folhas, faze uma infusão, dá á tua menina e ella viverá». Dito isto, desappareceu a vizão e elle accordou.

— Pois meu caro, sahi immediatamente, fui procurar a planta, fiz o que ouvira em sonho e minha filha melhorou n'esse mesmo dia!

— Crê então, perguntei, ter sido a infusão que operou o milagre?

— Não; — respondeu elle, com firmeza — creio que foi a minha fé...

Ora, se como dissemos, o pensamento d'um individuo augmenta d'intensidade com os pensamentos do mesmo tom, sobretudo, quando o accordo preside á sua emissão da mesma maneira que o som augmenta quando secundado por outras vozes, torna-se evidente que o pensamento de vinte pessoas reunidas seja vinte vezes mais efficaz. A instituição da oração em

commum, commum tambem a todas as religiões, revella uma intuição sublime da utilidade d'essa harmonia mental.

Para que qualquer pensamento resulte fecundo é necessario que a vontade o emitta facil e fortemente, o que se consegue com uma gymnastica apropriada. A uma vontade forte corresponde naturalmente uma esphera d'acção mais ampla e maior facilidade de se harmonisar, com aquelles que podem auxiliar o progresso moral e o triumpho do individuo.

Li, não sei onde, esta profunda observação: «os patifes conhecem-se na sociedade pelo mal que desejam aos bons».

É certo, pois, que o tom de vibração é differente; não pode haver, por consequencia, affinidades psychicas. O individuo de bons sentimentos, por muito benevolo e tolerante que seja, estará sempre mal disposto em presença de individuos ignobeis; sentir-se-ha irritado contra elles sem poder explicar a si mesmo o motivo por quê. Se quizermos olhar em redór de nós, notaremos que a regra por que uns sobem e outros descem na consideração publica e no grau de moralidade individual, está em harmonia com uma lei que ensina que o semelhante attrae o semelhante.

Para educar a vontade, começaremos por educar a memoria e a attenção. Sabemos que as pessoas de bôa memoria e de grande poder de attenção são em regra de vontade forte. Observa-se, tambem, que os negociantes, habituados a fazer todas as noites um balanço do dia, possuem uma memoria muito viva. É, porém, certo que muitas vezes esta se restringe ás necessidade da profissão. Mozart decorava á primeira audição a mais complicada partitura e esquecia o nome das pessoas mais intimas; ha pintores que reproduzem, com uma fidelidade surprehendente, os traços physionomicos d'um individuo que lhe tenha sido apresentado mezes antes e que nunca mais tornaram a ver; archivistas que sabem onde está um papel insignificante de que ha mais de vinte annos se não fala na sua presença.

Um meio rapido e seguro de memorisação é o seguinte:

Todas as noites, durante o tempo que fôr necessario, passa-se em revista tudo quanto se fez n'esse dia, a partir desse momento. Deve insistir-se nas minimas particularidades e, especialmente, sobre o que seja conveniente não esquecer. Este meio, simples como se vê, é muito interessante e por isso mesmo bom para despertar e desenvolver a attenção. No fim da primeira semana nota-se uma mudança muito sensivel na maneira de encarar a vida; tudo o que até então nos era indifferente nos prende a attenção e se grava facilmente no nosso ce-

RECEPTOR

(Sr. Luciano de Vasconcellos)

rebro. No fim de quinze dias até as phrazes ditas ou ouvidas, a que não haviamos dado grande importancia, apparecem ordenadas e completas no nosso *balanço*.

Reconhecendo que podemos concentrar toda a attenção n'uma só idéa, o que é já um triumpho, sabendo-se como é relativo e insustentavel esse monoideismo, poderemos tentar, para proceder com methodo, experiencias telepathicas ou melhor, de transmissão de pensamento, como preliminares d'uma gymnastica mais complexa da vontade.

Ás primeiras sessões convem que assistam trez pessoas: um *transmissor* e dois *receptores*. Com o fim de produzir o maior grau de concentração é conveniente vendar os olhos aos receptores, munindo-os previamente de lapis e papel, afim de poderem escrever a communicações que lhes forem transmittidas. Subentende-se que o maximo silencio é indispensavel. O transmissor deverá estar assentado o mais commodamente possivel, de cabeça erguida sem constrangimento, de maneira que a circulação se effectue facilmente. Durante un cinco ou dez minutos os receptores pensam

constantemente no transmissor e este n'elles, estabelecendo assim o accordo mental. Feito isto, sem que haja uma simples palavra ou signal, os dois receptores procuram abstrahir inteiramente de si, isto é, procuram, permitta-se-me a phraze, não pensar em coisa alguma. O transmissor mantem, então, fortemente no seu espirito a palavra ou idéa a transmittir, *querendo* intensamente que elles a traduzam.

As palavras deverão ser d'aquellas a que se associa facilmente a idéa e as ordens de facil execução como, por exemplo, rasgar um papel, levantar a gola do casaco, traçar qualquer figura geometrica simples, etc. Depois tentar-se-ha produzir os mesmos phenomenos a maior distancia, com um receptor apenas, transmittindo pensamentos e phrazes em harmonia com o seu progressivo desenvolvimento.

Foi este o processo de que me servi n'uma serie de experiencias a que procedi, auxiliado pelos meus amigos Tito Livio de Moraes Sarmento, Levy e Luciano de Vasconcellos, sendo este ultimo o receptor de quem melhores provas obtive. Desde a quarta sessão deixei de lhe vendar os olhos, collocando-me, porém, de maneira que elle não podesse ver-me. Por motivo de maior silencio effectuámos as sessões de noite, obtendo-se na sexta a reproducção da presente figura, inserta na pagina 307 do *Dictionnaire Encyclopédique Illustré*, d'Armand Colin. Na décima experimentámos a transmsisão a distancia, da minha residencia, ao Castello, para o Intendente, onde reside aquelle cavalheiro, estando com elle o sr. Sarmento e commigo o sr. Levy de Vasconcellos. Ás onze em ponto transmitti as seguintes palavras: *roxo*, *salgado*, *arte*.

A transmissão deu: *roxo*, *sal*.

Se bem que só uma palavra corresponda exactamente á transmissão e a outra exprima sómente parte da sensação gustativa que eu procurara transmittir, pareceu-me concludente a prova, visto mediar entre nós uma distancia de, pelo menos, oitocentos metros. Notei desde o principio das sessões que imagens ou sensações visuaes, gustativas e olfactivas eram em regra bem recebidas; as auditivas mal e peor as tacteis. Isto demonstra, penso eu, um defeito de sensibilidade d'uma das partes, talvez de ambas. A psychologia physiologica deverá obter n'este campo curiosas revellações.

Indicando o meio de se obterem estas communicações, é só como illustração das doutrinas expendidas; cada qual poderá certificar-se por si mesmo da verdade que encerram e do bem que da sua diffusão pode advir-nos.

Fevereiro de 1906.

CRUZ ANDRADE

FIGURA TRANSMITTIDA

(Diccionario encyclopedico de Armand Colin pag. 307)

FIGURA OBTIDA

SUMMARIO DOS CAPITULOS I A IV

Benita Clifford, que se dirigia á Africa a bordo do paquete ZANZIBAR afim de se reunir a seu pae em Durban (Natal), tem por companheiro de viagem Roberto Seymour, o qual se enamora d'ella. Seymour conta como encontrou o pae d'ella e Jacob Meyer em Bambatse, no interior de Africa, onde se suppunha existir um valiosissimo thesouro escondido. A declaração do seu amor é interrompida, quando ella está para responder, pelo naufragio do paquete. Seymour salva com grande difficuldade Benita, desfallecida por um ferimento na cabeça, mettendo-a dentro d'uma lancha. Cede em seguida o logar a uma mulher e a uma creança, em riscos de afogar-se, por não caber mais gente na lancha. Antes de se lançar ao mar, deixa no seio de Benita uma carta em que pede a resposta á sua declaração, caso ainda venham a encontrar-se. Consegue alcançar a costa, extenuado. A lancha é encontrada por outro paquete, e Benita reune-se a seu pae em Durban, onde por um jornal tem noticia do encontro de um cadaver na costa por um cafre, que apresentou como prova um relogio com o nome de Seymour.

CAPITULO V

Jacob Meyer

Mais de tres semanas haviam decorrido quando uma manhã Benita, que dormia n'uma rede dentro do carro boer, se vestiu o melhor que podia n'aquelle acanhado espaço, afastou a cortina e se sentou no *voorkisse* ou almofada do carro. Ainda o sol não era nado, e o ar estava cortante com a geada, por isso que se achavam em pleno *veld* do planalto transvaliano pelos fins do inverno. Apesar da capa espessa, Benita tiritava. Chamou o cocheiro, que desempenhava tambem funcções culinarias e cuja figura embrulhada n'um cobertor se curvava sobre um brazeiro que elle estava espevitando á força de sopros, e recommendou-lhe que se aviasse com o café.

—Já vae, Missie, já vae—disse elle, com um arranco de tosse que lhe expellia dos pulmões o fumo negro.—Cafeteira ainda não chia e lume está negro que nem que fosse o inferno.

Benita reflectiu que a tradição popular pintava de vermelho esse local de tormentos, mas, sem entrar em discussões, sentou-se n'uma arca, á espera de que a agua fervesse e apparecesse seu pae.

Não tardou que este emergisse de sob o cortinado do carro, e, notando que estava realmente tanto frio que não se podia pensar em abluções, trepou para o lado d'ella e deu-lhe um beijo.

—A que distancia estamos nós de Rooi Krantz, meu pae?—perguntou ella, porque era esse o nome da fazenda de Clifford.

—A umas quarenta milhas, minha querida. Com esta junta de bois doentes, não poderemos vencel-as esta noite. Mas, em passando a torreira do dia, poderemos seguir ávante e estar lá por volta do pôr do sol. O meu receio é que tu estejas cansada de apanhar boleus.

—Pelo contrario!—respondeu ella.—Até gosto. Acalenta. Durmo dentro da rede que é um regalo. Parece-me até que não se me dava de passar o resto da vida n'este balouço.

—Está na tua mão satisfazer esse desejo,

minha querida, mezes e mezes inteiros. A Africa Meridional é immensa, e na quadra em que cresce o capim, se quizeres, podemos fazer uma longa jornada.

Ella sorriu, mas não deu resposta. Percebeu que elle estava a pensar n'aquelle sitio, lá muito longe, onde elle suppunha que em tempos os portuguezes haviam enterrado ouro.

A cafeteira estava agora a roncar alegremente, e Hans, o cosinheiro, levantando-a triumphante do lume, porque tinha gastado os bofes a soprar, deitou-lhe para dentro uma porção de café em pó que tirara de uma velha lata de mostarda.

Depois mecheu com um pausinho, tirou uma braza do lume e atirou-a para dentro da cafeteira, processo conhecido dos viajantes do *veld* para limpar o café. Em seguida desencantou umas tigelas e apresentou-as com um frasco de conserva cheio de assucar a Clifford que se conservava na almofada do carro. Leite não havia, mas o café tinha melhor sabor que apparencia. Benita bebeu duas tigelas para se aquecer e não se embuchar com a bolacha dura. Antes de surgir o dia, regalou-a aquella refeição.

Erguia-se o sol, enorme e vermelho visto atravez da neblina densa. Acabado o almoço Clifford deu ordem para atrelar os bois que estavam a apascentar-se alli perto. O *voor looper*, um rapazote zulu, que os tinha largado um instante para partilhar com Hans o resto do café, levantou-se resmungando e abalou em cata d'elles. D'ahi a um ou dois minutos, Hans deteve-se na faina de arrumar as cousas, e disse em voz baixa:

—Kek! Baas—que quer dizer: Repare!

Seguindo a linha da sua mão extendida, Benita e o pae lobrigaram a cousa de cem metros de distancia um grande rebanho de *gnus* (especie de antilopes, a que os boers chamam *wilderbeeste*) caminhando por uma quebrada fora, e parando de quando em quando para desatarem n'aquellas extraordinarias cabrio'as as quaes motivam o ditado boer de que esses animaes teem bicho nos miolos.

—Dá-me a carabina, Hans—disse Clifford—Estamos com precisão de mantimentos.

Emquanto a Westley-Richards se tirava do estojo e se carregava, só restava um antilope, o qual, tendo dado com os olhos no carro, se virara para o contemplar com desconfiança. Clifford apontou e fez fogo. O antilope cahiu em terra, mas logo a seguir levantou-se de salto e sumiu-se por detraz da quebrada. Clifford abanou a cabeça com tristeza.

—É raro que isto me aconteça, filha, mas a luz ainda é pessima. Em todo o caso, ou acertei-lhe. Que te parece? Se montassemos a cavallo para o haver ás mãos? Um pedaço de galope havia de te aquecer.

Benita, que tinha excellente coração, reflectiu que seria melhor acabar com a tortura do pobre animal, e fez um aceno affirmativo. D'ahi a cinco minutos corriam ambos a galope pela encosta acima, tendo Clifford dado ordem para o carro ir seguindo até que elles o apanhassem e mettido na algibeira um pacote de cartuchos. Alem da eminencia deparou-se-lhes um largo trecho de terra apaúlada, limitado a cousa de meia milha por outra eminencia, do cimo da qual, por isso que a atmosphera já estava bastante clara, avistaram o antilope ferido, mas ainda de pé. Seguiram avante em sua perseguição, mas antes de terem chegado a alcance de tiro, já elle se tinha afastado de novo, porque estava apenas ligeiramente ferido n'uma das ancas e suspeitava d'onde lhe provinha o incommodo.

Foi retirando sempre á medida que elles se aproximavam, até que por fim, no momento em que Clifford se dispunha a desmontar para lhe atirar mesmo de longe, o animal desatou a fugir com presteza.

—Vamos!—exclamou Clifford, já com o espirito dominado pela ancia do caçador—Nada de nos deixarmos bater!

Foram pois seguindo por alli fora a galope, trepando e descendo ladeiras que faziam lembrar a Benita a bahia de Biscaya em temporal desfeito, atravessando enormes poças meio enxutas que eram verdadeiros lagos em tempo de chuva, correndo por terrenos pedregosos e por sobre tocas de tamanduá, com risco constante de desastre. Cinco milhas pelo menos galgaram n'aquella caçada, visto que no fim do inverno o antilope estava magro e portanto muito leve, conseguindo maior velocidade, apezar de ferido, do que os excellentes cavallos que os dois montavam. Finalmente, tendo subido a uma elevação, é que elles perceberam para onde o animal se dirigia, porque se acharam de repente no meio de immensas manadas de caça grossa, milhares e dezenas de milhares de animaes que se extendiam até onde a vista alcançava.

Espectaculo maravilhoso esse, que infelizmente já hoje não se pode gozar, pelo menos

BENITA VIU PELA PRIMEIRA VEZ JACOB MEYER

no *veld* transvaliano ; eram antilopes de variadas especies, *wilderbeeste, blesbok, springbok*, em multidões innumeraveis, e entre elles alguns *quagga* e *hartebeeste*. Com um barulho similhante ao de uma trovoada, nuvens de pó que levantavam do *veld* tostado myriades de cascos, as grandes manadas dispersaram-se, ao apparecer o homem, seu inimigo, para um e outro lado, em grupos, em extensas fiadas escuras, deixando sósinho em meio do vasto capim o malfadado antilope ferido e exhausto.

Para elle se encaminharam, e em breve Clifford, que seguia um pouco á frente, se achou quasi á beira d'elle. Então o pobre animal, sentindo-se perdido, experimentou o derradeiro recurso. Estacou de repente, voltou-se para traz e precipitou-se de cabeça baixa. Clifford, colhido de surpreza, assestou a carabina com a mão direita e disparou á queima-roupa. A bala atravessou o corpo do antilope, mas não lhe susteve a marrada. Os chifres bateram na coxa do cavallo, e n'um momento, cavallo, cavalleiro e antilope rolaram de cambolhada pelo *veld*.

Benita, que ficara uns cincoenta metros atraz, soltou um grito de terror, mas, antes que ella o alcançasse, já seu pae se punha de pé a rir, perfeitamente incolume. O cavallo tambem tratou de se levantar, mas o antilope é que não se ergueria mais. Forcejou por se firmar nas partas deanteiras, exhalou uma especie de gemido soluçante, olhou em roda com ar apavorado, e rolou pelo chão, morto.

—Nunca me constou de uma *wilderbeeste* que atacasse por esta forma—disse Clifford—Que a leve a breca! Creio que o cavallo ficou coxo.

E aleijado ficara com effeito, ferido na coxa pela marrada do antilope, embora, ao que parecia, sem gravidade. Clifford atou um lenço ao chifre do antilope afim de servir de espantalho aos abutres e cobriu o corpo com umas mancheias de capim seco, no intuito de vir em cata d'elle ou mandal-o buscar. Depois montou o cavallo manco e poz-se a caminho do carro. O galope tinha-os porém levado mais longe do que cuidavam, e estava o sol a pino antes que elles chegassem ao que suppozeram ser a estrada. Como não vissem por alli vestigios de animaes ou de rodado, foram arripiando pela supposta estrada, na esperança de encontrarem o carro em descanso, mas apezar de correrem milhas e milhas, não viram signal de carro. Perceberam então que se tinham enganado, volveram sobre os seus passos, e, deixando o tal caminho no sitio em que o haviam tomado, seguiram de novo para a direita.

Entrementes, fôra escurecendo o firmamento, e por volta das tres horas da tarde rebentou em cima d'elles uma trovoada, acompanhada de bategas de agua gelida, a primeira chuvada da primavera, e de um vento cortante que os transia todos. Ainda por cima, depois da chuva grossa veiu um chuvisco miudo e uma nevoa espessa que foi carregando com a approximação da noite.

A situação dos dois tornou-se devéras precaria. Desgarrados, famintos, encharcados até aos ossos, com ambos os cavallos esbofados e um d'elles manco, foram vagueando pela solidão do *veld*. O sol, no occaso, por uns instantes traspassou de raios o nevoeiro, indicando-lhes a direcção que deviam seguir. N'esse sentido foram cavalgando até cahir de todo a noite. Pararam então algum tempo, mas perceberam que se arriscavam a morrer antes de chegar a manhã, se por acaso se demorassem sem movimento n'aquelle frio horrivel. Portanto seguiram de novo ávante. O cavallo de Clifford já manquejava tanto que elle viu-se forçado a desmontar, levando-o pela redea e caminhando ao lado da filha, ao passo que amargamente se acusava da leviandade com que a havia mettido n'aquelle aperto.

—Não se afflija, meu pae—redarguiu ella em voz quebrada pelo cansaço—não se afflija. Tanto faz morrer no *veld* como no mar ou em qualquer outro sitio.

Foram andando, andando, sem saber para onde. Benita adormeceu sobre a sella, e despertou uma vez com os uivos de uma hyena quasi ao pé d'elles, e de outra vez por lhe ter o cavallo cahido sobre os joelhos.

—Que horas são?—perguntou ella por fim.

O pae accendeu um phosphoro e consultou o relogio. Eram dez horas; havia quinze que elles andavam longe do carro e sem alimento algum. De quando em quando, Clifford, que tornara a cavalgar, disparava um tiro de carabina. Só lhe restava agora um cartucho, mas, como á luz do phosphoro elle divisasse a physionomia abatida da filha, gastou esse ultimo tiro, embora n'aquella desolação pouca esperança houvesse de qualquer socorro.

—Que achas? Paramos ou seguimos avante?—perguntou elle.

—Pouco me importa—respondeu ella—Mas

se eu parar, parece-me que será de vez. Melhor é continuarmos a andar.

Cessara a chuva, mas o nevoeiro não era menos espesso. Parecia-lhes agora que se tinham mettido pelo mato, por que lhes roçavam pelo rosto folhas humidas. Exhaustos de todo, iam por alli fora aos tropeções, quando de subito Benita sentiu o seu cavallo estacar como se uma mão lhe houvesse empolgado as redeas, e ouviu uma voz viril exclamar com um pronunciado sotaque extrangeirado:

—Mein Gott! Para onde vão?

—Sei lá!—respondeu ella como se estivesse a sonhar.

N'este momento ergueu-se a lua acima do nevoeiro, e Benita viu pela primeira vez Jacob Meyer.

Á claridade do luar, não era desagradavel o seu aspecto. Era homem de uns quarenta annos, de estatura não muito elevada, bem proporcionado e ligeiro, barba negra e ponteaguda, feições regulares e semiticas, tez eburnea que nem o sol africano conseguira crestar, e olhos pretos e brilhantes que ora pareciam dormir, ora dardejar a chamma dos pensamentos intimos. Comquanto se sentisse esfalfada, algo havia na personalidade d'aquelle homem que repellia e assustava Benita, algo de bravio e cruel. Percebeu de improviso que elle estava cheio de ambições e desejos insaciados, e que para os realizar não hesitaria deante de cousa alguma. Passado um instante, estava elle falando n'um tom que lhe forçava a attenção.

—Foi um bom pensamento o que me trouxe aqui para lhe vir em auxilio ... Um pensamento? Não! Foi mais depressa ... como direi? ... o instincto. Creio que o seu espirito devia ter falado ao meu e ter-me chamado para a salvar. Veja, Clifford, meu amigo, veja lá onde trouxe sua filha; veja, veja!

E Jacob apontava para baixo.

Debruçaram-se para olhar. Logo abaixo d'elles abria-se um enorme abysmo de que o luar não revelava o fundo.

—Vossê é mau viajante do *veld*, Clifford, meu amigo; um passo mais que dessem essas obtusas cavalgaduras, e n'essas profundezas appareceriam dois montões de carne sangrenta com sarrafos de ossos a esfuracarem-n'os; sim, n'aquelles rochedos, quinhentos pés abaixo de nós. Ah! dormiriam ambos um somno pesado, esta noite!

—Que sitio é este?—inquiriu Clifford com ar atordoado—Leopard's Kloof?

—Exacto, Leopard's Kloof, nem mais nem menos. Andaram pelo topo do monte, e não pela aba. Foi decerto um bom pensamento o que a mim veiu da senhora sua filha, porque ella, estou certo, é uma emissora de pensamentos. Este surgiu-me de repente, feriu-me como um relampago, emquanto eu andava em procura dos dois, por ter descoberto que se tinham perdido do churrião. Dizia-me assim: «Corre até ao cimo de Leopard's Kloof. E a galope!» E eu galopei por cima das rochas e ás escuras, por meio da nevoa e da chuva, e não havia um minuto que estava aqui, quando os senhores appareceram e eu lancei a mão á redea d'este cavallo.

—Creia que lhe estou muito reconhecida—murmurou Benita.

—N'esse caso dez mil vezes estou pago. Não, eu é que estou reconhecido, eu que lhe salvei a vida por via do pensamento que me transmittiu.

—Seja pensamento ou não seja, bom é tudo que bem acaba—atalhou Clifford com impaciencia—Graças a Deus que não estamos a mais de tres milhas de casa! Vá-nos guiando, Jacob. Vossê teve sempre o habito de ver ás escuras.

—Pois sim!—e a mão firme e branca de Jacob agarrou na redea do cavallo de Benita—Oh! o meu cavallo vae-nos seguindo. Metta o braço na redea d'elle, assim. Agora venha, Miss Clifford, e escusa de ter medo. Na companhia de Jacob Meyer está em segurança.

Começaram pois a descer o monte. Meyer não deu mais palavra; parecia concentrar a attenção na escolha de caminho firme em que os cavallos não tropeçassem. Benita tambem não falou mais: estava completamente exhauste, tanto que não lhe era já possivel suster o espirito e a imaginação. Como que se soltavam d'ella, adquirindo faculdades novas, qual a de penetrar os pensamentos secretos do homem que ia ao seu lado. Via-os passar pela sua frente como se tivessem vida, e no emtanto não conseguia lel-os. Algo percebeu comtudo: que ella tinha adquirido uma subita importancia para esse homem, não pela forma por que as mulheres importam geralmente aos homens, mas por outra diversa. Sentiu-se como que entretecida nos objectivos da vida d'ella, e d'alli para o futuro necessaria á sua realisação, como se ella fosse alguem que elle procurava ha muitos annos, a unica pessoa que poderia dar-lhe luz no meio das trevas.

Tanto a perturbaram estes enleios que ficou satisfeitissima quando elles passaram tão rapidamente como haviam surgido, e só então percebeu que estava semi-morta de fadiga e de frio, que lhe doiam todos os membros e que aquella ladeira parecia interminavel.

Finalmente chegaram a terreno chão, e depois de terem atravessado o leito de um riacho, transpozeram uma cancella e pararam de repente á porta de uma casa com as janellas illuminadas.

—Até que chegámos a sua casa, Miss Clifford!—disse a voz musical de Jacob Meyer—Dou graças ao Destino que nos governa, por me ter ensinado a trazel-a aqui a salvamento.

Ella não deu resposta. Deixou-se escorregar para baixo da sella, mas logo viu que não podia suster-se em pé, porque cahiu desamparadamente em terra. Jacob ergueu-a com uma exclamação affectuosa, e, chamando dois cafres que haviam acudido a tomar conta dos cavallos, conduziu-a para dentro de casa.

—Deve metter-se immediatamente na cama —disse elle, transpondo a porta que communicava para a sala—Mandei accender lume no seu quarto, no caso que chegasse, e a velha Tante Sally vae levar-lhe um caldo com cognac, e agua quente para os pés. Ah! estás ahi, velhota? Anda, ajuda esta senhora, a tua ama. Está tudo prompto?

—Tudo, Baas—respondeu a mulher, alentada mulata de rosto affavel –Vamos, minha menina. Eu já a dispo.

D'ahi a meia hora, Benita, depois de engulir mais cognac do que nunca bebera em sua vida, estava muito abafada na cama e pegava immediatamente no somno.

Quando acordou, jorrava o sol atravez das cortinas da janella, e viu então que o relogio do fogão marcava onze horas e meia. Dormira perto de doze horas a fio, e, apezar do frio e das intemperies, a não ser um certo quebrantamento de corpo e um leve atordoamento de cabeça, talvez em resultado da desacostumada dose de cognac, sentia-se bem disposta e, o o que é mais, com muita fome.

Lá fora, na varanda, ouviu ella a voz de Jacob Meyer, com a qual parecia ter-se já familiarisado, recommendando a uns indigenas que se deixassem de cantar para não acordarem a senhora que estava lá dentro. Elle empregava o vocabulo zulu *Inkosikaas*, que ella se lembrava significar senhora acima de todas ou mulher chefe. Jacob tinha pois grandes cuidados com ella, reflectia Benita, e sentia-se grata, quando de repente se recordou da repulsão, que esse homem lhe havia inspirado.

Então volveu a vista pelo quarto e reparou que era bonito a valer, bem mobilado, forrado a bello papel, com aguarellas de bastante merito nas paredes, cousas que ella estava longe de esperar n'aquelle sitio remoto. Em cima de uma meza via-se uma grande jarra com taiobas. Quem as teria alli posto? scismava ella. Não podia ser senão a velha mulata Sally ou Jacob Meyer. Quem teria pintado aquelles quadros, todos de paizagens africanas? E teve o palpite seguro de que tanto as flores como os quadros provinham de Jacob Meyer.

Na mezita de cabeceira estava uma campainha que elle tocou. Ouviu logo a voz de Sally clamando pelo café «depressa», e d'ahi a um instante entrou a velha com uma bandeja onde, alem do café, havia pão e manteiga, e torradas e ovos, tudo evidentemente preparado para ella. N'um inglez misturado de palavras hollandezas, a mulata explicou a Benita que o pae ainda estava deitado, mas que lhe mandava saudades e desejava saber como tinha ella passado. Depois, emquanto Benita almoçava com grande apetite, Sally preparou-lhe um banho, e appareceu logo a seguir trazendo o conteúdo da mala de que ella se servira no carro, o qual já chegara sem percalço á fazenda. Benita perguntou quem mandara descarregar a mala, e Sally respondeu que fôra o Heer Meyer quem dera essa ordem, afim de que não lhe perturbassem o somno e que no despertar encontrasse os seus effeitos á mão.

—O Heer Meyer tem grande cuidado nas outras pessoas—disse Benita.

—Ia, ia—respondeu a velha mulata—Elle tem grande cuidado nas outras pessoas quando lhe dá para isso, mas em quem elle tem mais cuidado é em si mesmo. Baas Meyer é homem muito esperto, olé! E o que elle quer é ser homem grande. E qualquer dia, Missee, ha de ser homem grande, muito grande e muito rico... se Nosso Senhor Deus o permittir.

CAPITULO VI

A moeda de ouro

Seis semanas haviam decorrido desde a famosa noite em que Benita chegara a Rooi Krantz. Estava-se em plena primavera, o *veld*

cobria-se de esmeralda e esmaltava-se de flores. No horto por detraz da casa, as arvores desentranhavam-se em folhas, e as mimosas floriam, enchendo os ares de perfume. Na ramagem aninhavam-se aos centos os pombos torcazes e nos empinados rochedos do precipicio os abutres de collo vermelho nutriam a sua progenie. Ao longo das margens do riacho e pelas bordas do lago extendiam os lyrios uma alcatifa branca. Todos aquelles arredores se enfeitavam, cheios de vida e de esperança. Nada parecia morto e desesperado, a não ser o coração de Benita.

Voltara-lhe de todo a saude; realmente, nunca em sua vida se sentira tão forte e saudavel; mas a alma é que emmurchecera lá dentro. O dia inteiro pensava, a noite inteira sonhava, n'esse homem que a sangue frio offerecera a vida para salvar as vidas de uma desamparada mulher e de uma creança. Scismava ella se elle acaso faria o mesmo, caso ouvisse a resposta que lhe acudira aos labios. Fôra, talvez por isso que o destino não lhe dera tempo para uma resposta que o tornaria covarde. Porque nenhuma noticia mais lhe chegara de Roberto Seymour; de facto, a tragedia do *Zanzibar* estava já esquecida. Os mortos estavam sepultos em corações mortos, e desde então mais tremendos desastres haviam occorrido pelo mundo.

DEPOIS PRECIPITOU-SE DE REPENTE NO RIO

Mas Benita é que não conseguia sepultar o seu morto. Cavalgava pelo *veld*, sentava-se junto do lago á espreita das aves bravias, ou ouvia-as de noite a esvoaçar aos bandos por sobre a sua cabeça. Punha-se á escuta do arrulhar dos pombos, do clamor dos alcaravões nos cannaviaes, do tamborilar das narcejas pelas alturas. Contava, até fatigar o espirito, os quadrupedes que passavam pela serrania. Procurava consolação no seio da Natureza e não a encontrava; buscava-a nos ceus estrellados, e que longe, que longe de si os via! Dentro d'ella reinava a morte, dentro d'ella que tão formosa se ostentava no exterior.

É certo que achava prazer na companhia de seu pae, porque elle lhe tinha amor, e o amor mitigava-lhe as feridas do coração. Tambem achava interesse na companhia de Jacob Meyer, porque lhe esmorecera o primitivo terror, e indubitavelmente elle era um homem interessante; bem educado á sua maneira, embora fosse um judeu que perdera a sua fé e rejeitara a dos christãos

Contou-lhe Jacob que era allemão de nascimento, que em pequeno fôra mandado para Inglaterra, afim de fugir ao recrutamento, que repugna aos judeus, visto o pouco proveito que grangeia a vida militar. Ahi estivera empregado n'uma casa de negociantes sul-africanos, e, como consequencia e por ter manifestado toda a habilidade da sua raça, fôra encarregado de tomar conta de uma succursal na Colonia do Cabo. Que lhe aconteceu ahi, eis o que Benita nunca logrou descobrir, mas é provavel que houvesse manifestado habilidade excessiva e de caracter pouco regular. Fosse como fosse, as suas relações com a firma terminaram, e durante annos empregou-se em viajante de negocios, o que por aquellas partes denominam *smouse* até que afinal veiu a associar-se com Clifford.

Qualquer que tivesse sido o seu passado, Benita não tardou a achal-o por extremo intelligente e insinuante. Fôra elle, nem mais nem menos, quem executara as aguarellas que enfeitavam o quarto d'ella; sabia tocar e cantar com a mesma habilidade com que pintava. Em harmonia com as informações que lhe dera Roberto, Meyer era tambem muito lido em assumptos que não são objecto habitual de estudo no *veld* da Africa Meridional: com effeito, possuia uma collecção importante de

livros, na mór parte de historia, de philosophia e de sciencia, dos quaes emprestava a Benita varios volumes. O que elle comtudo nunca lia eram obras de imaginação, dizia-lhe elle que por achar a vida real e os mysterios e problemas que a cercam muitissimo mais interessantes.

Uma tarde, andando ambos a passeiar ao pé do lago, contemplando os longos raios do sol a quebrarem-se e a tremeluzirem na superficie da agua, Benita, dominada pela curiosidade, arrojou-se a perguntar-lhe por que motivo um homem tal como elle se sujeitava áquelle teor de vida.

—No intento de chegar a vida melhor—redarguiu elle—Ah! não é no ceu, isso não, Miss Clifford! Do ceu nada conheço, nem creio que haja alguem que mais saiba. Mas aqui, aqui.

—Que quer dizer por vida melhor, sr. Meyer?

—Quero dizer—retorquiu elle, com um relampago nos olhos negros—grande riqueza, e o poder que ella traz comsigo. Ah! bem vejo que me julga muito sordido e materialista, mas o dinheiro é Deus no mundo, Miss Clifford, o dinheiro é Deus.

Ella sorriu e replicou:

—O que eu receio, sr. Meyer, é que esse tal deus seja invisivel no *veld* transvaliano. Não me parece que seja com a creação de cavallos que haja de fazer fortuna, e a respeito de poder, não ha por aqui gente a quem dominar.

—Suppõe então que é para crear cavallos que eu me conservo aqui em Rooi Krantz? Seu pae não lhe falou do grande thesouro escondido lá para aquellas paragens dos Makalangas?

—Tenho uns zuns-zuns d'isso—respondeu ella com um suspiro.—E tambem sei que ambos foram em pesquiza d'elle e voltaram desapontados.

—Ah! sim! foi o inglez que morreu afogado, esse sr. Seymour, quem lhe falou n'isso? Elle encontrou-se lá comnosco.

—Exacto! Por signal que o senhor queria dar-lhe um tiro, lembra-se?

—Valha-me Deus! quiz, sim, porque imaginei que elle vinha para nos roubar. Mas afinal não dei tiro nenhum, e fomos depois postos fora d'alli, o que importa pouco, visto que os patetas dos indigenas não consentiam que nós excavassemos dentro da fortaleza.

—Então porque pensa o senhor ainda n'esse thesouro que provavelmente não existe?

—Essa é boa, Miss Clifford! Não pensa tambem em cousas varias que provavelmente não existem? Talvez por sentir que ellas realmente existem algures. Pois ahi está! É isso exactamente que eu sinto com respeito ao thesouro, isso o que eu tenho sempre sentido. O thesouro existe, e eu hei de encontral-o . . . dentro em pouco. Hei de ter vida para ver rumas de ouro como Miss Clifford nem sequer pode calcular, e é por isso que eu continuo a crear cavallos no *veld* do Transval. Ah! ri-se? Pensa que o que eu estou a imaginar é um sonho? . . .

De subito deu pela presença de Sally, que acabava de dobrar o monticulo por detraz d'elles, e perguntou com irritação:

—Que ha de novo, velhota?

—O Baas Clifford quer falar-lhe, Baas Jacob. Veiu gente com um recado lá de muito longe, para ambos.

—Que gente é essa?

—Não sei—respondeu Sally, abanando as nedias faces com um lenço amarello—São homens que eu não conheço, magrinhos á força de andar, mas falam a modo uma especie de zulu. O Baas deseja falar-lhe quanto antes.

—Vem tambem, Miss Clifford? Não? N'esse caso dê-me licença que a deixe.

Ergueu o chapeu e afastou-se.

—É um homem exquisito, Missie—disse a velha Sally, depois de elle se sumir apressadamente.

—É—replicou Benita com indifferença.

—Exquisito a valer—continuou a velha—Aquella cabeça está sempre a trabalhar. Qualquer dia arrebenta, mas se não arrebentar, elle ha de vir a ser cousa grande. Já ha tempos disse isto á menina, e repito-lh'o agora porque creio que a vez d'elle está a chegar. E vou tratar do jantar.

Benita ficou sentada á beira do lago até á noitinha, quando começaram por cima d'ella as revoadas dos gansos bravos. Recolheu então a casa, sem pensar mais no Heer Meyer, pensando apenas que estava farta d'aquelle sitio, onde nada havia que lhe occupasse o espirito e a distrahisse da magua constantemente presente.

Ao jantar, ou antes á ceia, reparou ella que tanto seu pae como o socio d'este davam mostras de uma excitação mal disfarçada, cuja causa ella suppoz podia presumir.

—Encontrou os taes emissarios, sr. Meyer?

—perguntou ella, depois de os homens accenderem os cachimbos, e de se collocar na grosseira meza a *cara-quadrada*, como n'aquelle tempo se chamava á genebra, por via da forma da garrafa.

—Encontrei—respondeu elle—Estão lá na cosinha.

E Jacob olhou para Clifford.

—Benita, minha filha, succede um caso curioso.

A physionomia d'ella illuminou-se, mas elle abanou a cabeça.

—Não, não é nada que se relacione com o naufragio; isso já lá vae. No emtanto, é cousa que te pode interessar, se tens pachorra de ouvir uma historia.

Benita fez um gesto affirmativo; estava disposta a ouvir fosse o que fosse que lhe occupasse os pensamentos.

—Não é de todo novo para ti este caso do thesouro—proseguiu o pae—Ora bem! aqui vae a historia toda. Ha annos, depois de tu e tua mãe terem ido para Inglaterra, fui a uma grande caçada para o interior. Era meu companheiro um velhote chamado Tom Jackson, um dos melhores caçadores de elephantes da Africa. Demo-nos perfeitamente, mas por fim viemos a separar-nos ao norte do Transvaal, eu trazendo o marfim que tinhamos apanhado e negociado, e Tom deixando-se ficar por lá para outra estação. Combinámos que elle iria depois ter comigo para receber o seu quinhão em dinheiro. Eu vim para aqui e comprei esta fazenda a um boer que estava farto d'ella, e comprei-a barato, porque não lhe dei mais de 100 libras por 6000 acres. (1) A antiga casa d'elle era onde são hoje as cosinhas. Fui eu que edifiquei a casa nova.

«Só um anno depois é que puz a vista em cima de Tom Jackson, que me appareceu mais morto que vivo. Tinha sido maltratado por um elephante, e permanecera uns mezes na terra dos makalangas, lá para o norte dos Matabeles, onde tinha apanhado umas febres de mau caracter n'um sitio chamado Bambatse, na margem do Zambeze. Estes makalangas são um povo extranho. Creio que o nome d'elles significa o Povo do Sol; o que parece certo é serem os ultimos descendentes de uma antiga raça. Ora emquanto elle por lá esteve, curou de uma febre maligna o velho Molemo, ou summo sacerdote hereditario da tribu, dando-lhe quinino, e naturalmente ficaram muito amigos. O Molemo residia no meio de umas ruinas, como muitas que abundam por aquellas regiões de Africa. Ninguem hoje sabe quem as edificou; provavelmente gente que viveu ha milhares de annos. Todavia, o tal Molemo contou a Tom Jackson uma lenda mais recente que se relacionava com aquelle sitio.

«Disse elle que seis gerações antes d'elle, quando era chefe seu quarto avô (Mambo era o seu nome), os indigenas de toda aquella região da Africa Austral se rebellaram contra os brancos, creio que portuguezes, que andavam por alli á cata do ouro. Deram cabo d'elles e dos seus escravos aos milhares, acossando-os desde o sul, onde hoje governa Lobengula, até ao Zambeze, por onde os portuguezes tinham esperança de se escapulir para a costa. Por fim, os que restavam, orçando por duzentos entre homens e mulheres, chegaram á fortaleza chamada Banbatse, onde o Molemo vive hoje n'um enorme edificio em ruinas, construido pelos antigos sobre uma montanha inexpugnavel que domina o rio. Traziam comsigo uma quantidade formidavel de ouro, todo o thesouro que haviam arrecadado por aquellas terras e que se esforçavam por levar. Mas, apezar de alcançarem o rio, não conseguiram escapar por elle, visto que os indigenas, que aos milhares os perseguiam, estavam dia e noite de vela em almadias, e os pobres fugitivos não tinham embarcações. Succedeu pois ficarem encerrados dentro da fortaleza que era impossivel tomar de assalto, e ahi foram pouco a pouco morrendo de fome.

«Quando os indigenas souberam que elles estavam todos mortos, como o que desejavam era sangue e vingança, e não ouro, que de nada lhes servia, foram-se embora. Mas o antepassado do velho sacerdote, que conhecia a entrada secreta do castello e que tinha tido relações amigaveis com os portuguezes, tratou de penetrar lá dentro, e encontrou no meio dos cadaveres uma mulher viva mas doida á força de angustias, uma linda rapariga, filha do capitão portuguez. Deu-lhe de comer, mas de noite, quando lhe voltaram um pouco as forças, a rapariga fugiu-lhe, e ao romper do dia foi elle encontral-a de pé no pincaro que se debruça sobre o rio, toda vestida de branco.

«Chamou alguns conselheiros seus, e elles tentaram convencel-a a que descesse da pene-

(1) O acre é uma medida agraria ingleza que equivale 4050 metros quadrados ou 40 ares e meio, pouco mais ou menos.

dia. Ella porém respondeu que não, que o seu noivo e toda a sua familia haviam perecido, e que a sua vontade firme era seguil-os. Então elles perguntaram-lhe onde estava o ouro, porque, tendo vigiado noite e dia, sabiam que elle não fora atirado no rio. Ella respondeu que o ouro estava onde estava, e que, por mais que o procurasse, não havia negro capaz de dar com elle. Acrescentou que o confiava á guarda do Molemo e mais dos seus descendentes, até que ella voltasse. Disse tambem que, se elles não fossem depositarios fieis, o ceu lhe havia revelado que a tribu seria victima d'aquelles mesmos selvagens que tinham trucidado seu pae e a sua gente. Dito isto, ficou instantes a rezar sobre o pincaro, depois precipitou-se de repente no rio, e nunca mais a viram.

«De então para cá, as ruinas teem fama de serem frequentadas por fantasmas. Só o Molemo é que alli se recolhe a receber revelações dos espiritos. A ninguem mais é permittido pôr pé lá em cima; os indigenas mesmo antes queriam morrer que atrever-se a tanto. Por conseguinte o ouro ainda se conserva no sitio em que o occultaram. Nem Tom Jackson poude ver o interior da fortaleza, pois que, apezar da sua amizade, o Molemo não consentiu que elle lá entrasse.

«Pois muito bem! Tom nunca se restabeleceu; morreu aqui, e está sepultado no pequeno cemiterio que os boers fizeram nas trazeiras da casa para a sua gente. Foi pouco depois da sua morte que eu me associei com o sr. Meyer, porque me esqueci de te dizer que lhe tinha contado toda esta historia e que estavamos resolvidos a fazer uma tentativa para alcançar aquella grande riqueza. O resto sabes tu. Fomos de jornada a Bambatse, com disfarce de negociantes, e encontrámos o velho Molemo a quem disse ter sido amigo de Tom Jackson. Perguntámos-lhe se era verdadeira a historia que elle tinha contado a Jackson, e elle respondeu que, tão certo como o sol brilhar no ceu, era tudo verdade, porque isso, e muito mais que elle calara, tinha passado de paes a filhos, e que elles até sabiam o apellido da mulher branca que se tinha suicidado. Era Ferreira, o apellido de tua mãe, Benita, aliás um apellido vulgar na Africa Austral.

«Pedimos-lhe licença para entrar na torre que está sobre o monte, mas elle recusou, dizendo que sobre elle e os seus ainda pendia a maldição, e que ninguem alli entraria emquanto não voltasse essa senhora Ferreira. Quanto ao mais, dava-nos plena liberdade; podiamos cavar onde nos aprouvesse. Cavámos, com effeito, e encontrámos algum ouro enterrado, contas, brincos, cordões, no valor de umas cem libras. E justamente no dia em que nos appareceu esse rapaz Seymour, a excitação de Meyer era causada por um achado que fizeramos e que nos dera esperança de estarmos na piugada do thesouro: uma moeda de ouro, que sem duvida tinham deixado cahir os portuguezes. Aqui está ella—e Clifford atirou para cima da meza uma moeda delgada de ouro—Mostrei-a a um perito no assumpto, o qual me disse que era um ducado cunhado por um dos doges de Veneza.

«Não achámos nem mais um. E tudo acabou por nos terem os makalangas bispado em tentativas para entrar na fortaleza mysteriosa, e darem-nos a escolher: ou sermos chacinados, ou pôrmo-nos a andar. Escolhemos a ultima alternativa, visto que o thesouro de pouco serve a gente morta».

Clifford calou-se e encheu o cachimbo, emquanto Meyer, muito absorvido, se servia da genebra. Quanto a Benita, ficou a examinar a velha e exotica moeda, onde se abria um furo, pensando nas scenas de terror e de matança que com ella se relacionavam.

—Guarda-a—disse o pae—Fica-te bem n'um bracelete.

—Obrigada, meu pae—replicou ella—Mas o que eu não sei é o motivo por que hei de apossar-me do thesouro portuguez desde que nenhum de nós lhe porá mais a vista em cima.

—Ora essa! porque?—perguntou vivamente Meyer.

—A razão, dil-a a historia: porque os indigenas nem sequer lhes permittirão que o procurem; alem do que, procurar não é o mesmo que encontrar.

—Os indigenas mudam ás vezes de ideias, Miss Clifford. A historia ainda vae no começo ouça agora o segundo capitulo. Clifford, posso chamar os emissarios.

E sem esperar resposta levantou-se e sahiu do aposento.

Nem Clifford nem sua filha disseram palavra depois de elle sahir. Benita parecia toda empenhada na tarefa de enfiar a moeda de ouro n'uma argolinha do seu bracelete, mas no entretanto mais uma vez despertou dentro d'ella esse extranho sexto sentido. Um terror similhante ao que experimentara no ultimo

jantar do predestinado paquete, sentia-o ella agora de novo. De novo a morte e o pavor projectavam sombras crescentes na sua alma. Aquella moeda de ouro parecia falar-lhe, mas desgraçadamente ella não podia entendel-a. Só o que ella sabia era que seu pae e Jacob Meyer e mais... sim! sim!... e mais Roberto Seymour, desempenhavam todos um papel n'aquella tragedia. Ah! como podia ser isto, se elle estava morto? Como podia aquelle ouro ligal-o a ella? Ignorava isso, pouco lhe importava; o que sabia era que ella seguiria aquelle thesouro até aos confins do mundo, e ainda alem, se preciso fosse, comtanto que elle ao menos os reunisse novamente.

(*Continúa*).

RESOLUÇÃO

Posso, quero e não vou! Vergada ao soffrimento,
Que ora se abate ao pranto ou d'alto em raiva espuma,
Pareço um choupo nú, que em vão abala o vento
Embora lhe arrancasse as fôlhas uma a uma.

Posso, quero e não vou! Que a vida se consuma
N'este vae-vem de dôr, que me lembra o tormento
D'avesita que em vida um sêr cruel despluma,
Deixando-a sem abrigo ao corpo friorento.

— Posso! Que o viver morta é bem peior que o nada
E na morte completa ainda tenho fé.
— Quero! Não verei mais a sua face amada...

Eu sinto fôrça em mim para morrer de pé.
— Não vou. Se junto d'elle a vida é desolada,
Se d'elle me affastar nem vida ao menos é.

Maria O'Neill

MEDALHA DO CONGRESSO
Gravura ao Dr. Charles Richer, anverso

O Congresso Internacional de Medicina em Lisboa

Em meados de abril vão reunir em magno congresso os mais illustres medicos de todo o mundo culto, e é a formosa cidade de Lisboa a destinada a ser a séde d'esse brilhante certamen scientifico. Se a bella capital portugueza não pode mostrar a estonteante agitação de Paris, a imponente magnificencia de Vienna, a austera grandiosidade de Londres, a empolgante arte de Roma, a alegre vivacidade de Madrid, nem outras especiaes caracteristicas das grandes cidades, onde até agora teem tido logar as reuniões do Congresso Internacional de Medicina, a rainha do

PROF. MIGUEL BOMBARDA
Secretario geral

CONS. COSTA ALLEMÃO
Presidente

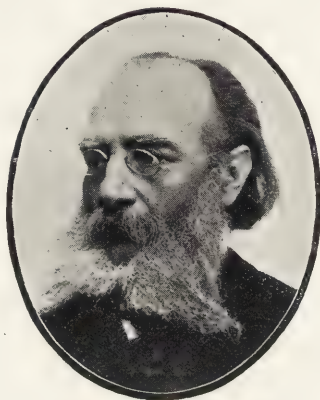
PROF. ALFREDO LUIZ LOPES
Thesoureiro

Direcção da Commissão Organisadora do Congresso

Oceano, como lhe chamou o nosso Herculano, ha de muito provavelmente captivar os seus illustres hospedes com a amenidade do seu excellente clima, com a cordealidade dos seus bondosos habitantes e com o enthusiastico acolhimento que a classe medica portugueza, e em especial a commissão organisadora do Congresso, lhes preparou.

DR. MIGUEL PEREIRA
(Brazil)

Os milhares de medicos e excursionistas que os acompanham, todos illustrados e intelligentes, hão de certamente pelas suas impressões pessoaes, que são as mais vivas, suggestivas e duradouras, apreciar tudo quanto temos de bello e de bom, levando para tantos paizes distantes recordações que não deixarão de ser agradaveis para elles e para o nosso querido paiz.

DR. RAMON Y CAJAL
(Hespanha)

DR. ESQUERDO Y ZARAGOZA
(Hespanha)

DR. PAWINSKI
(Austria-Hungria)

O congresso de Lisboa é o decimo quinto congresso internacional de medicina. O primeiro d'estes, devido á iniciativa franceza, reuniu-se em Paris no anno de 1867, com 333 membros francezes e 589 extrangeiros. As localidades e os annos em que os seguintes tiveram logar, fôram: — Florença (1869), Vienna (1873), Bruxellas (1875), Genebra (1877), Amsterdam (1879), Londres (1881), Copenhague (1884), Washington (1886), Berlim (1890), Roma (1894), Moscou (1897), Paris (1900) e Madrid (1903).

DR. MAHUMED PACHÁ
(Egypto)

DR. KALLIONTZIS
(Grecia)

Dois grandes paizes disputam já a honra de n'elles se reunir o futuro congresso de 1909; mas só na ultima sessão, que se ha de celebrar em Lisboa no dia 26 de abril, se votará qual d'elles é o escolhido.

A importancia d'estas reuniões pode-se deprehender dos quasi duzentos grossos volumes que compõem as suas actas. Da farta

O NOVO EDIFICIO DA ESCOLA MEDICA DE LISBOA
Visto do alto

communicação de estudos e observações pessoaes, ahi feita e aclarada por intelligentes e francas discussões, tem nascido muita luz para o conhecimento das verdades physiologicas, para as investigações de processos morbidos e para a descoberta de novos e proficuos methodos de tratamento. O publico não medico, ao ver esse agrupamento de milhares de homens, que em todo o mundo civilisado só pensam na maneira de lhe minorar o soffrimento, quando não podem anniquilar-lhe os males que o dizimam, deve curvar-se grato e respeitoso perante esses luctadores incançaveis que agora vão n'este canto do pequenino Portugal, permutar entre si, em proveitosa communhão scientifica, os seus conhecimentos medicos, e revigoral-os pela união de tantos esforços e de tantos estudos.

Suas Majestades El-Rei e a Rainha, comprehendendo a importancia que para o nosso paiz representa esta reunião, e a estima que merecem os membros que a vão formar, enthusiasticamente declararam tomar o congresso de Lisboa sob a sua alta protecção, dignando-se presidir á sua sessão inaugural.

CONSTITUIÇÃO DO CONGRESSO

Logo que, com annuencia do governo portuguez, se designou a cidade de Lisboa para a reunião que vae ter logar, foi constituida a commissão organisadora do congresso, da qual saiu a commissão executiva, assim composta: —Presidente, Conselheiro Costa Allemão — Secretario geral, Miguel Bombarda — Thesoureiro, Alfredo Luiz Lopes—Secreta-

ALVARO GAYA
Architecto,
que dirigiu a construcção do edificio

rios, Antonio de Azevedo, Mello Breyner, Azevedo Neves e Mattos Chaves — Vogaes, Daniel de Mattos, Ricardo Jorge, Silva Carvalho,

PROF. LANNELONGUE
(*França*)

PROF. BROUARDEL
(*França*)

DR. RICHARDIÈRE
(*França*)

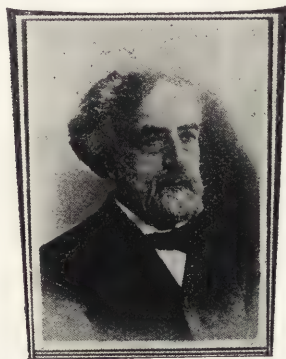
Annibal Bettencourt, Zeferino Falcão e Clemente Pinto.

A pasmosa somma de energia, dedicação e trabalho desenvolvida bem merece na verdade a consideração de todos os portuguezes, porque do extrangeiro já a teem recebido nos sinceros e repetidos louvores á maneira como tudo foi organisado. Ha mesmo novidades no congresso de Lisboa, que teem sido apontadas como dignas do maior elogio, taes são a publicação desde junho de 1904 do *Boletim Official do Congresso*, a limitação das linguas officiaes (francez, inglez e allemão) para evitar a babel a que nas ultimas reuniões se assistiu, a publicação e distribuição antecipada dos cento e tantos relatorios já apresentados e que devem servir de base ás discussões, a escolha dos membros do Congresso, etc.

ESCOLA MEDICA — ESCADARIA DE HONRA

As 17 secções em que se dividirá o congresso são: — anatomia, physiologia, pathologia geral, therapeutica, medicina, pediatria, neurologia, psychiatria, dermalotogia, e syphilographia, cirurgia, urologia, ophtalmologia, laryngologia, estomatologia, otologia, obstetricia e gynecologia, hygiene, medicina militar, medicina legal e medicina colonial.

A *élite* dos medicos portuguezes n'estas especialidades constitue as commissões preparatorias d'estas secções e teem já com afinco trabalhado para levar condignamente a cabo a sua ardua tarefa.

Em toda a Europa e nos principaes paizes restantes estão formados *comités* especiaes que coadjuvam calorosamente a trabalhosa empreza. D'elles fazem parte as maiores notabilidades medi-

DR. JACOBY
(Estados Unidos)

cas, que virão em abril a Lisboa, taes como: Brouardel, Bernheim, Ballet, Pavy, Ramon y Cajal, Waldeyer, Leyden, Posner, Mahmud Pachá, Chauffard, Richardière, Lomboso, Power,

ESCOLA MEDICA — SALA DOS ACTOS
Frizo de Salgado

ESCOLA MEDICA — UM ASPECTO DA SALA DOS ACTOS

Réclus, Brissaud, Azevedo Sodré, Neumann, etc.

O numero de congressistas é calculado em 2:000 extrangeiros e cêrca de 1:000 portuguezes.

Entre os numerosos trabalhos que vão ser presentes, far-se-hão as seguintes importantes conferencias: — Infantilismo, pelo prof. Brissaud, de Paris, — Relação entre as doenças infecciosas agudas e a tuberculose, pelo dr. P. Aaser, de Christiania, — Causas anatomicas das recidivas syphiliticas e methodos a seguir para as combater, pelo prof. Neumann, de Vienna, — Anesthesicos locaes pelo prof. Réclus, de Paris, — Radio em biologia e em medicina, organotherapia actual pelo prof. Principe João de Tarchanoff, de S. Petersburgo, — Prophylaxia da febre amarella pelo dr. R. Joyce, de Philadelfia, — Mechanismo dos reflexos e do tonus muscular pelo dr. Crocq, de Bruxellas, — Influencia da domesticação sobre as doenças dos animaes e dos homens pelo prof. Hansenwann,

PROF. VON BERGMANN
(*Allemanha*)

PROF. POSNER
(*Allemanha*)

PROF. WALDEYER
(*Allemanha*)

OUTRO ASPECTO DA SALA DOS ACTOS

SALA DOS ACTOS — TOPO, COM O RETRATO DE EL-REI D. CARLOS
Friso de Salgado, retrato de Malhoa

de Berlim, — Estudo internacional sobre o cancro, pelo dr. Nicholas Sewn, de Chicago, — Thema reservado pelo dr. J. M. Esquerdo, de Madrid, etc.

Os relatorios officiaes annunciados são em numero de 256, dos quaes 112 já estão impressos em elegantes volumes, que acabam de ser distribuidos a todos os congressistas, e as communicações scientificas sobem a algumas centenas.

Algumas d'estas communicações são de alto valor e interesse, devendo despertar grande curiosidade as que serão acompanhadas de projecções luminosas e cynematographicas para o que se estão montando as necessarias installações electricas.

TRECHO DO TECTO DA SALA DOS PASSOS PERDIDOS
Pintura de J. Vaz

Tudo, pois, faz prever o exito scientifico do congresso de Lisboa, e os oito dias que vão decorrer de 19 a 26 de abril proximo, epocha fixada para a notavel reunião, serão sem duvida gloriosos para a nossa capital, onde a classe medica, a par de muito boa vontade, de muito estudo e de muito amor pela sciencia e pelo trabalho, pode mos-

trar aos collegas do extrangeiro installações tão perfeitas como a nova Escola de Medicina, onde terá logar o congresso, e os Hospitaes do Rego e Estefania, o Instituto Bacteriologico, o Laboratorio de analyses clinicas do Hospital de S. José com a annexa installação phototherapica, o Instituto Ophtalmologico, o novo Dispensario Antituberculoso, etc, etc.

DR. PAVY
(*Inglaterra*)

A SÉDE DO CONGRESSO

O nosso edificio da Escola Medica, situado no Campo dos Martyres da Patria, justamente no local onde foi a antiga praça dos touros, vae ser inaugurado com o congresso de medicina. Ahi poderão ao mesmo tempo reunir, em vastas salas, as dezesete secções do congresso, havendo ao mesmo tempo uma bella sala de honra com outras duas annexas para conversa e visitas, gabinetes do presidente, do secretario geral e do thesoureiro, caixa, secretaria, archivos, sala da imprensa, sala para dactylographos, *bureaux* de viagens, de alojamentos, de cambios, de inscripções, de correio, de telegrapho, de telephones, galeria coberta, com *guichets* para distribuição, especial por paizes de insignias, impres-

DR. DARCY POWER
(*Inglaterra*)

SALA DOS PASSOS PERDIDOS — *Panneau de azulejos de J. Collaço*

TECTO DO GABINETE REAL
Pintura de Malhôa

sos, convites, etc., buffete, restaurantes, officinas de imprensa privativa do congresso, etc., etc.

É portanto uma extensa installação, que nunca até agora se poude conseguir n'um unico edificio, e apenas as sessões magnas de abertura e de encerramento teem de ser feitas na grande sala Portugal, da Sociedade de Geographia de Lisboa.

Constitue esta perfeita e ampla acommodação de todas as secções do congresso, em salas visinhas mas completamente independentes, um dos varios elementos pelos quaes o Congresso de Lisboa muito deve agradar.

O novo edificio, de apparencia magnificente, está excellentemente construido, e é o unico em Portugal que se recommenda pelas artisticas pinturas de seus tectos e paredes, devidas aos bellos pinceis dos nossos Malhôa, Ramalho, Vaz, Columbano, Collaço, etc.

Ao illustre engenheiro Gaia, que com

SECRETARIA DO CONGRESSO

DETALHE DO TECTO DA SALA DOS ACTOS
Pintura de J. Vaz

tanta proficiencia e bom gosto dirigiu esta grande construcção, é justo prestar o mais enthusiastico elogio, tanto mais quanto é á sua pasmosa actividade e energia que se deve o estar o edificio completo a tempo de se poder n'elle effectuar o Congresso de Medicina.

A MEDALHA DO CONGRESSO

Como todos os anteriores, o Congresso de Lisboa tem a sua medalha especial, uma bella obra de arte, gravada em Paris pelo conceituado medico Charles Richer e cunhada na nossa Casa da Moeda. Representa, como se vê pelas nossas gravuras, no anverso a sciencia desvendada pelo estudo, e no reverso, além do emblema da medicina, tem as armas da cidade de Lisboa e no fundo o arco da Rua Augusta. É de cobre prateado, e encimada por um laço de fita azul e branca. Os membros da commissão organisadora terão laços vermelhos e os delegados dos governos extrangeiros usarão laços de fita dourada.

Como alguns estudantes do quinto anno da Escola Medica de Lisboa se prestam gentilmente a desempenhar o serviço de *ciceroni* dos congressistas, ser-lhes-ha dada, como distinctivo, a medalha de cobre com a côr natural e laço de fita branca.

SESSÕES, RECEPÇÕES E DIVERTIMENTOS

Ás 2 horas da tarde de 19 do proximo abril começam os trabalhos do congresso por uma sessão solemne presidida por Suas Majestades, e com a comparencia do ministerio e mais dignidades officiaes. Terá logar na sala Portugal, da Sociedade de Geographia, e ahi serão pronunciados os discursos de abertura pelos delegados dos governos estrangeiros.

Á noute haverá recepção nas salas do Congresso, offerecida pelo conselheiro Costa Allemão, presidente da commissão organisadora.

Nos dias seguintes as sessões simultaneas das differentes secções começarão ás 9 horas da manhã e terminarão ás 3 horas da tarde, havendo do meio dia á 1 hora um intervallo para almoço dos congressistas, que poderá ser feito no restaurante existente no mesmo palacio do congresso. Em seguida á sessão da tarde, terão logar as conferencias em assembléas geraes, que já atraz ficaram indicadas.

As noutes serão livres de trabalhos, afim de terem logar as festas dedicadas aos congressistas, entre as quaes haverá um grande jantar de gala offerecido por Sua Majestade El-Rei, uma recepção dada por Suas Magestades n'um dos seus paços, um baile offere-

cido pela Camara Municipal de Lisboa, uma recepção feita no seu magnifico palacio pelo sr. conde de Burnay, outra dada pela Sociedade de Geographia, varios jantares, etc.

No domingo 22 os congressistas irão a Villa Franca em comboios postos á sua disposição pela commissão organisadora, afim de alli assistirem ao festival agricola organisado bizarramente pelo opulento lavrador sr. José Palha. Constará esta festa de varios numeros, entre os quaes produzirão execellente effeitos a ferra, derruba e corridas de touros, parada de algumas centenas de campinos e touros, coros populares, trabalhos agricolas feitos em larga escala, jogo do pau executado por muitos camponezes, etc.

N'um dia ainda não marcado, os congressistas serão recebidos na magnifica quinta de Monserrate, em Cintra, onde o seu proprietario lhes offerece amavelmente uma primorosa festa.

ALFREDO LUIZ LOPES.

(Clichés de Barcia, Benoliel e Piacentino)

MEDALHA DO CONGRESSO
Gravura do Dr. Charles Richer, reverso

Paschoa florida

ALVORADA resplandecente de luz que vinha nascendo côr de rosa das bandas do Oriente! A casita entre moitas de verdura e de flores, era um berço de creança poisado ali n'uma onda de espumas por mão de boa fada, á espera que o encantamento se operasse e da nuvem de perfumes que por todos os lados a envolvia, se levantasse, radiosamente bella, a linda dona d'aquelle ninho aromal e fresco, a que a primavera prestava uma luminosa auréola.

Do seio da terra, embebida ainda do orvalho matinal, um coro de fecundidade erguia-se, como um epithalamio, a saudar a natureza que despertava em festa, garrida e cheia de seiva, a borbulhar de vida por todos os rebentos das arvores, por todas as flores que pespontavam o verde esmeralda que tapetava as terras, por todas as plantas asperas e infecundas que não teem o brilho da côr nem a symphonia alada dos perfumes.

N'este scenario deslumbrante, sob a umbella azul do céo e a caricia doirada do sól, a casa recolhia-se n'um silencio de impenetravel mysterio, adormecida ainda em sonhos que deveriam ser de ventura, porque as persianas engrinaldadas de madresilvas pareciam rir um riso de felicidade ciumenta, cerrando-se sobre o arrulhar dos pombos que deveriam habitar aquelle berço.

O musgo avelludado e macio amortecia os ruidos que lhe vinham cahir em cima; nem uma folha de arvore bulia; nenhum sino tinha ainda tintado no ar fresco da madrugada.

Mas o primeiro passaro acordou nos ramos das acacias floridas e soltou o seu primeiro

trinado, a principio indeciso e velado como um soluço; e, como se isto fosse um signal, as folhas agitaram-se levemente, a cabelleira perfumada das acacias tremeu e de todos os ramos do arvoredo partiu, como uma aleluia, o canto de todas as aves que sahiam dos ninhos, estendendo o pescoço gracioso aos beijos aromaes da manhã que abriu por cima das collinas redondas desfazendo a neblina rosada que se ia perder em novellos nas cumiadas mais altas...

...Docemente a porta da casita mysteriosa abriu-se, um homem appareceu, o rosto aberto n'um sorriso, os olhos felizes espreitando, anciosos, para todos os lados. Nos bicos dos pés postou-se sob as frondes das grandes arvores amigas; e alli, por traz do tronco de um velho castanheiro venerando, immovel, o corpo espalmado contra a casca rugosa da arvore patriarchal, esperou. O mesmo silencio á róda, apenas atravessado pelo chilreio estonteante das aves, a mesma quietação da natureza em festa. De novo um sorriso lhe arqueou os labios e de novo os seus olhos tiveram um brilho de doce e pacifica felicidade.

Poz-se então a colher braçados de flores, a esmo — as rosas rubras que põem gritos de victoria nos canteiros, as rosas-de-chá que se escondem, pallidas, denunciadas pelo seu perfume casto, as papoilas a arder, as modestas margaridas, os cravos sumptuososos erguidos nas suas esguias hastes de um verde tenro, o jusquilho quasi espiritual, o trevo recortado, a baunilha cheirosa. De cima riam as romãs pelos seus labios em sangue, e as flores de laranjeira cahiam-lhe na cabeça orvalhando-o de perfume.

Noivos! noivos de um mez, recolhidos na sua soledade feliz, entretecida de sonhos e venturas!... A sua primeira Paschoa devia ser, naturalmente, uma Paschoa florida. Quando ella acordasse, no seu espreguiçamento de languidez, entre a espuma das rendas, abrindo os olhos vagos á luz de uma nova aurora de risos e canções, o seu primeiro olhar repousaria n'aquelle enorme ramo que elle, de surpresa, iria pôr á sua cabeceira. Via já a carita divina emergir, curiosa, d'entre o tufo nevado dos lençoes, prender os grandes olhos lyricos e escuros na moita perfumada, espraiar um sorriso, lançar-lhe os braços nús á róda do pescoço e murmurar-lhe ao ouvido: «Amas-me muito?...»

Mas de repente elle sentiu uma vertigem, o azul do céo toldar-se d'uma nuvem, as aguas tranquillas do lago, em cuja bórda se sentara para atar o ramo, revoltas e carregadas: lentamente ella vinha para elle, por sob o túnel das acacias floridas, erguendo alto nas suas mãos de fada um mólho de lilazes que quasi lhe cobriam os cabellos cahidos pelas costas e punham manchas tenues no seu vestido de musselina transparente.

—Não te entristeças! disse-lhe ella, passando-lhe as mãos pelos cabellos. Era uma surpreza?... Tonto! A minha é muito melhor... Repara nas rosas das minhas faces e aspira o perfume da minha carne... Em que jardim encantado encontrarias tu rosas com este colorido e perfume que tanto embriague?

DOMINGOS GUIMARÃES

DEITAE ALGUMAS GOTTAS D'ESTE ELIXIR N'UM COPO MEIO D'AGUA E NUNCA MAIS SABEREIS O QUE É UMA DOR DE DENTES...

CHARLATÃES

TAMBEM o charlatanismo tem feito a sua evolução. Os seus aspectos de hoje são já coisa muito differente d'aquillo que eram noutro tempo. E coisa tão differente, que se chega a ponto de se não saber á justa quaes são os que o são e quaes os que o não são. Designa-se agora por charlatanismo toda a impostura humana, qualquer que seja a forma de que ella se revista. Ha o charlatanismo politico, o charlatanismo da sciencia, o charlatanismo da litteratura, o charlatanismo da arte, o charlatanismo da moral, o charlatanismo da higiene, o charlatanismo da assistencia! O charlatão deixou de ser a creatura que d'antes se convencionava, entre gente séria, achar sempre irrisoria, e á custa de quem toda essa gente séria se julgava no direito de fazer galhófa. Tornou-se pessoa respeitavel; e já ninguem se atreve a mettê-lo a ridiculo, no receio de que elle venha a ser um dia secretario de Estado e conselheiro da Corôa, chefe de um grande partido, redactor de um poderoso jornal, critico eminente, juiz do Supremo, provedor de asilo! E como ninguem sabe para o que ainda está neste mundo, e como ninguem deve dizer «d'esta agua não beberei» — póde ás vezes o diabo arranjar as coisas de maneira que eu, ou tu, ou elle, qualquer de nós, em summa, tenha de vir a precisar que o charlatão feito ministro lhe mande lavrar o decreto de um emprego; ou que o charlatão, chefe de partido, o indigite ao Rei para ministro; ou que o charlatão, redactor do poderoso jornal, lhe defenda um monopolio; ou que o charlatão, critico eminente, lhe exalte o romance, o poema, o drama, o quadro, a estatua; ou que o charlatão, juiz do Supremo, lhe resolva bem um recurso; ou que o charlatão, provedor de asilo, o mande admittir no asilo.

Desde que se deu ao significado de charlatanismo a extensão que elle tem hoje, os charla-

O CHARLATÃO AMA O AR LIVRE, A LUZ DO SOL, OS HORISONTES LARGOS...

tães já não têm conto. Daudet, marcando a fisionomia de Tartarin de Tarascon com os traços de charlatanismo de que é sulcado todo o caracter francês, dizia: «*En France, tout le monde est un peu de Tarascon.*» D. Quichote é todo o espirito charlatanesco da Hespanha. Guilherme II é, por hierarchia, o primeiro charlatão da Allemanha.

Noutros tempos, chamar charlatão a alguem era uma coisa gravissima. Nos debates dos parlamentos, nas polemicas dos jornaes, nos dize tu-direi eu, em que a exaltação dos animos chegava á altura em que o argumento costuma dar a alternativa ao pulso, o mais destemido dos contendores, polemistas ou arruaceiros, crescia para o outro, arregalava muito os olhos, dizia-lhe na cara:

—«Charlatão!»

E acabava tudo ao murro, ao florete, ou á pistola.

Tudo o mais era nada, ou era muito pouco: bandido, assassino, falsario, scelerado, fugido das galés, eram quasi lisonjas e amabilidades. Havia até quem gostasse de ser tratado de facinora. Dava mais respeito. E citava-se, por exemplo, o João Brandão.

A este respeito, como a respeito de muitos outros casos, deu o mundo uma grande volta. «Charlatão» já não offende ninguem. Charlatona tem sido muita gente bôa. Tem sido, e é. E tanto o é, que não cabe no limitado espaço de que pode dispôr uma publicação da indole da nossa—como se costuma dizer—a completa enumeração de toda ella.

Nem cabe, nem convém!

Limitemo-nos, por isso, a uma das fórmas mais conhecidas do charlatanismo, a uma das suas mais pittorescas feições, aquella de que tem derivado, com o correr dos tempos, e num sentido acomodaticio, todas as outras: o charlatanismo de profissão.

O charlatão ama o ar livre, a luz do sol, os horisontes largos. Os echos da sua voz perdem-se pela infinidade da abobada celeste. Nas abas do seu chapeu, nos rebordos do seu taboleiro, vêm pousar, chilrear, pintasilgos e pardaes. Erguido o seu pequeno throno forrado de setineta escarlate, trepado para elle, e rodeado do seu povo confiante e bonacheirão, o charlatão tem o ar venturoso, o semblante desanuviado, d'um rei irresponsavel. Pendem-lhe do peito, a esmo, numerosas e espaventosas condecorações, que ninguem sabe ao certo o que são—se o Tosão d'Oiro ou Izabel a Catholica, se o Merito Agricola ou o Elefante Branco—mas que rutilam tanto e tanta vista fazem, sobre o peito d'elle, como aquellas que passam sobre o peito

d'outros, em dias de grande gala, para cerimonias solemnes.

Elle não as ostenta por enfatuamento: ostenta-as por conveniencia. O povinho, para se deixar governar, quer que o deslumbrem. O charlatão, para poder contar com o seu povo, precisa deslumbrá-lo. E começa por se cobrir de crachás, que é precisamente o que fazem todos os reis e todos os governos para deslumbramento dos povos.

Um homem com o peito coberto de pendu-ricalhos reluzentes, posto sobre um throno, e fazendo um discurso no meio d'uma praça ou na encrusilhada de duas ruas, fatalmente provoca a curiosidade de quem passa. O discurso, tanto póde ser um discurso da Corôa como um discurso de comicio. Só se a gente parar, e se aproximar para bem ouvir, é que poderá saber o que elle diz. O que querem charlatães, como o que querem reis e governos, é que o povo páre, se aproxime d'elles, os rodeie. O povo pára, aproxima-se, rodeia o charlatão.

Quem é elle? D'onde veiu elle? O que diz e o que quer elle?

É elle um profeta, um apostolo, um maluco, ou apenas dissidente de algum partido politico? Saíu elle de um sonho, de uma seita, de um manicomio, ou simplesmente do seio do Sr. Hintze? Diz elle que o mundo acaba, ou que a vida é eterna e a alma é immortal? Quer elle endireitar aquillo que nasceu tôrto, ou acabar de entortar o pouco que ainda vae direito?

Aproximêmo-nos. Escutêmo-lo.

Elle não é um profeta: é um positivista. Elle não é um apostolo: é um commerciante. Elle não é um maluco: é um homem de juizo. Elle não é um dissidente: é um opportunista. Veiu não se sabe d'onde, vae «para onde calhar.» Hoje aqui, amanhã acolá. O que elle quer é fazer o seu commercio, ganhar a sua vida, juntar o seu peculio. Não é ambicioso, é precavido. Arrecada para a velhice. Se fosse ambicioso, que bons meios de fazer fortuna teria elle encontrado na fecundez da sua imaginação! Houve uma vez um charlatão ambicioso. Foi o unico. Foi Rockfeller. Rockfeller, o maior millionario dos millionarios da America.

A imaginação do charlatão é uma faculdade sem egual, ingenita, só d'elle. Ninguem se faz charlatão: nasce-se charlatão. Não se é charlatão só por se querer sê-lo.

A primeira e grande condição de exito com que o charlatão entra na vida é a sua bella coragem. A fecunda imaginação, por si só, de pouco lhe serviria. Dar largas a essa ima-

TOMAE TODAS AS MANHÃS EM JEJUM UM POUCO D'ESTES PÓS NA EXTREMIDADE DA VOSSA ESCOVA...

O MESMO PREPARADO SE EMPREGA PARA EVITAR A CARIE OU PARA TIRAR NODOAS, CONTRA FRIEIRAS OU CONTRA INSOMNIAS.

ginação é que para elle é tudo. Para lhe dar as largas que lhe dá, o charlatão tem de ser, antes de mais nada, um intrepido. E é-o. É-o sempre. Invariavelmente o é.

O charlatão chega ao Rocio, ao Largo de S. Domingos ou ao Pelourinho, a meio de um arraial ou a meio de uma feira, arma o seu estrado, desdobra o seu taboleiro, desembrulha as suas caixas de pastilhas, os seus frasquinhos de elixires, os seus pacotinhos de pós, agita no ar a sua campainha ou põe a tocar o seu fonografo, e aguarda a multidão. Passa um e nem olha. Passa outro, olha, e segue. Passa outro, e pára. O caso está em haver um que páre. Porque pára logo outro, e logo outro, e, num abrir e fechar d'olhos, uma duzia. Com uma duzia d'elles deante de si, já o charlatão começa:

—«Meus caros senhores, diz elle, a vida não é uma chimera. A vida é um aggregado de principios e fins, uma successão de causas e effeitos, cuja admiravel combinação e harmonia dão razão de ser á crença que cada qual de nós possa ter no seu Deus, attribuindo a esse Deus a creação de todas as coisas visiveis e invisiveis, a engrenagem de todas ellas!»

Assim ataca o charlatão, perante o seu publico, a questão grave e eterna das religiões. E este sabio respeito pelas crenças de cada um predispõe logo os animos a uma complacente audição do mais que se seguir.

«... O corpo humano — continua elle—é sem duvida alguma a mais bella peça da materia conformada, e o primeiro dever de cada ente racional é vigilar pela perfeita conservação do seu respectivo corpo. A egualdade é a grande lei da Humanidade perante a Natureza. De facto, meus senhores, todos somos eguaes. Póde a côr da pelle não ser a mesma, póde. Mas a pele é simplesmente o involucro: o preto, o amarello, o branco têm, por baixo da pelle, o mesmo coração para amar, o mesmo estomago para digerir, o mesmo rim para segregar!»

Assim resolve o charlatão o intrincado problema das raças. Se no auditorio ha um preto, ri o preto; se ha um macaísta, ri o macaísta. E os mais, que são brancos, riem tanto como elles.

«Ora acontece, meus senhores—prosegue o charlatão—que a perfeita conservação do corpo humano demanda cuidados rigorosos e quotidianos. A limpêsa dos dentes, por exemplo, é uma das questões higienicas, para a qual chamarei muito particularmente a vossa precio-

GRAÇAS AO MARAVILHOSO INVENTO QUE VOU TER A HONRA DE APRESENTAR, ERA UMA VEZ UM GUARDA NOCTURNO...

sa attenção. Os dentes são os orgãos essenciaes da mastigação; por elles são triturados os alimentos e divididos em minusculas particulas, de fórma a poderem ser promptamente dissolvidos pelos succos digestivos e absorvidos e assimilados... Trazer os dentes sempre limpos é poupar o estomago e poupar a bolsa. A ruina dos dentes é a fortuna dos dentistas! Comprae-me uma d'estas pequenas caixas de pós, e um d'estes vidros de elixir: tomae todas as manhãs, em jejum, um pouco d'estes pós na extremidade da vossa escova e esfregae com elles os vossos dentes, os vossos preciosos dentes! depois, deitae algumas gottas d'este elixir num copo meio d'agua, e bochechae demoradamente... Nunca mais sabereis o que é uma dôr de dentes, o vosso halito terá o perfume das rosas, a comida que ingerirdes cairá com suavidade no vosso estomago, e ahi será recebida optimamente—como o grande Elias! Cada caixinha de pós—um tostão. Cada frasco de elixir—doze vintens!»

Se não é um pó ou um elixir para os dentes, é um sabonete para a barba, ou uma pomada para o cabello, ou um preparado para evitar a calvicie. Se não é qualquer d'estas coisas, é um remedio contra os calos, contra as nevralgias, contra a caspa. E tão variadas, tão multiplas são, ás veses, as virtudes do producto chimico ou do preparado farmaceutico, que o mesmo preparado ou o mesmo producto é egualmente efficaz quando se empregue para evitar a carie ou para tirar nodoas, contra frieiras ou contra insomnias!

De dias a dias, de tempos a tempos, o charlatão exhibe uma novidade do seu commercio — um sacca rolhas de novo sistema, um canivete de nova marca, um corta-unhas de novo engenho. Antehontem, no Pelourinho, havia um que contava as incomparaveis vantagens de certo invento a que elle chamava «aparelho para subir escadas sem auxilio de guarda-nocturno».

O «DERNIER CRI» DO CHARLATANISMO:
INTERMEZZOS PHONOGRAPHICOS NO «BONIMENT» D'UM DULCAMARA FEMININO.

—«Durante muitos seculos—dizia elle—a humanidade viveu na persuasão de que o guarda-nocturno correspondia a uma insuperavel necessidade publica. Ninguem ousava subir ao seu quarto andar ou á sua agua-furtada depois das dez horas da noite sem se fazer acompanhar pelo seu guarda-nocturno. O guarda-nocturno era um parasita com que todos nós embirravamos, mas a quem todos nós eramos

O CASO ESTÁ EM HAVER UM QUE PÁRE. PORQUE PÁRA LOGO OUTRO, E LOGO OUTRO, E, N'UM ABRIR E FECHAR D'OLHOS, DUZIAS D'ELLES...

obrigados a dar palmas, como acontece com certos dramas e comedias de auctores de quem somos amigos... Hoje, graças ao maravilhoso invento que vou ter a honra de pôr deante dos vossos olhos, era uma vez um guarda-nocturno! O guarda-nocturno custava-nos pelo menos, dois tostões por mez; o meu «aparelho para subir escadas sem auxilio de guarda-nocturno» custa apenas quatro vintens, ou para melhor dizer dois patacos, e chega para dois meses!»

Depois tirava do taboleiro uma coisa, e mostrava-a no ar, nas pontas dos dedos, descrevendo um arco no espaço: era uma ponta de pavio embebida em petroleo, num canudinho de latão...

Todo o charlatão parece ter nascido do coito de uma cigana com um caixeiro-viajante allemão. Quem lhe apalpasse a superficie dos ossos do craneo encontrar-lhe-ia, na protuberancia da astucia, como a anormalidade de dois caroços num fructo, a ardilosa sagacidade da mãe e o talento paterno da patranha.

Outros grandes exploradores da industria, de universal renome, nunca teriam passado da chamada cêpa torta, se não houvessem lançado mão de todos os formidaveis artificios do reclame, que se pagam por milhões, que custam rios de dinheiro. Foi-lhes preciso encher, com o annuncio da sua mercadoria, paginas compactas de jornaes, paredes inteiras de predios, milhares de folhas de livros. Foi-lhes preciso ir pendurar esse annuncio no alto das mais elevadas torres, collá-lo na encosta dos montes mais ingremes, espetá-lo no cimo das mais guindadas montanhas, deixá-lo cair do firmamento por meio de aerostatos. Foi-lhes preciso ir pô-lo na bôca de crateras, estendê-lo no fundo de abismos. Foi-lhes preciso fazê-lo cantar por poetas, estilisá-lo por artistas, chamar para elle a attenção de imperadores e reis. O chocolate Mesnier, o vinho Mariani, a emulsão de Scott, os automoveis de Peugeot, as machinas Singer, nada seriam sem o espalhafato dos seus cartazes, dos seus prospectos, dos seus disticos; sem o testemunho de Coquelin que disse não haver melhor chocolate que o do seu amigo Mesnier, ou de Pio X que con-

fessa ter chegado a papa graças ao vinho de Mariani, ou de Affonso XIII que se fortificou com a emulsão de Scott, ou do Senhor D. Carlos que prefere a todos os automoveis os automoveis de Peugeot, ou de Sarah Bernhardt que não quer outra machina de costura que não seja a de Singer.

O charlatão—é só elle! Elle, e o seu *petit boniment*. Elle e o seu throno, o seu taboleiro, o seu fonografo ou a sua campainha. Elle e a sua verve. O seu cartaz é a sua propria figura, com o seu chapeu alto ou o seu barrete turco, o seu grande bigode preto, as suas gran-cruzes e as suas medalhas, o seu sorriso e o seu gesto. Elle, elle, e só elle!

Perdão: elle—e o seu publico.

DE TEMPOS A TEMPOS O CHARLATÃO EXHIBE UMA NOVIDADE DO SEU COMMERCIO.

Clichés Benoliel

ALFREDO MESQUITA

Se a mocidade soubesse...

VI

A AVESINHA CASEIRA

RA de tarde, em Cassel, capital do improvisado reino da Westphalia.

Os dois estavam em frente um do outro na sala meio arrebicada ao gosto francez, meio tosca á moda allemã. Todos os quartos d'aquella hospedaria tinham visto, sem duvida, muito da comedia e muito da tragedia que abundam na vida; difficilmente, porém, as paredes da Aguia Imperial presenciariam lances de paixão mais intensa do que essa que fazia vibrar as duas existencias juvenis, que o destino cruel tornara seu joguete, n'aquelle dia.

De novo estavam reunidas as duas creaturas, que se tinham desposado por amor, mas que o despeito mesquinho de uma mulher apartara uma hora depois do casamento. Ambas haviam anciado irresistivelmente pelo instante em que se tornariam a ver. Desde que estava na Aguia Imperial, quantas vezes Sidonia, ao pé da janella do pequenino quarto, relanceara os olhos para a rua, como se esperasse por algum ente querido!

A tia Betty bem lhe tinha demonstrado, com argumentos irrefragaveis, que o perdido noivo a desposara sem amor, movido apenas da compaixão; ella mesma lhe havia escripto que nunca mais o veria, e que o seu casamento não era um verdadeiro casamento; apezar de tudo, emquanto olhava para a rua, conservava no dedo a alliança, como se lhe desse o maior apreço.

Pois n'este novo encontro, parecia que estavam ambos na intenção de mais uma vez se deixarem atraiçoar pela propria intensidade dos sentimentos que os dominavam. Quanto melhor não fôra que evitassem explicar-se! Um toque d'uma mão tremula em outra mão, e tudo ficaria dito e comprehendido. Infelizmente o dom funesto da palavra tem alheiado mais existencias, que mutuamente se buscavam, do que longos annos de silencio.

Quando o conde Estevam Lee de Waldorf-Kilmansegg chegara apressadamente ao pateo da hospedaria, em procura da esposa errante, trazia o coração a pulsar de amor terno e ardente. Logo, porém, que viu o rosto de Sidonia, marmore branco e immovel, pareceu gelar-se-lhe nas veias a onda de fogo que o arrojava para ella. E comtudo, pobre creança! era justamente o recondito alvoroço da sua alegria, que lhe mantinha mais glacial a fria apparencia, emquanto o marido não se desse a conhecer pela palavra, certificando-lhe que podia acreditar na felicidade.

Assim ficaram na presença um do outro. Sidonia desviou os olhos, pensando que os braços de Estevam promptamente a cingiriam outra vez. Esmorecia toda por aquelle momento. Nada se lhe aproximou, nada a cingiu, a não ser um sentimento, cada vez maior, de frio e desoloção. O som distante dos tambores e clarins das tropas do rei Jeronymo marchando para a parada, o chilrear dos passaros nas arvores do pateo, as asperas risadas da creadagem fluctuavam no ar e entravam pela janella aberta.

Voltou-se, com um olhar de cruel interrogação, para o seu esposo de uma hora e perguntou-lhe em voz forte:

—Porque veiu aqui?

No espirito de Estevam deixou logo de vislumbrar a esperança. O seu altivo sangue e tradições inglezas mal supportavam a competencia com quem só deveria ter os encantos feminis, e curvar-se-lhe com submissão. E o que n'elle havia de austriaco, ainda mais depressa o fazia assomar-se, do que se se tratasse apenas de um puro bretão. Respondeu em tom aspero:

—Porque já é tempo de acabar com este dispauterio. Porque é minha mulher. Porque não lhe consinto que vagueie por esse mundo, especialmente, louvado seja Deus! em logar como este, e sem melhor guarda que a da burgravina Betty!

Subiu de novo a côr ás faces de Sidonia, que estremeceu e ficou de olhos incendidos, quando ouviu o tom de desprezo com que foi pronunciado o nome da mulher do tio Ludovico. Replicou-lhe, procurando dar firmeza á voz, que vibrava consoante as palpitações do coração:

—Em todo o caso o sr. conde esteve para confiar a sua honra a minha tia. Como é generoso referir-se a ella d'esse modo!

—Generoso!—exclamou Estevam, já completamente dominado pela colera.— Devéras pretende dar-me lições de generosidade, tendo-me repellido, sem me permittir qualquer explicação! E é a minha noiva!...

—Pois muito bem! Estou prompta a ouvil-o. Explique-se! — redarguiu Sidonia terminantemente, no auge da excitação.

Estevam recuou com altivez e ficou pensativo durante segundos.

Alguem que se havia tornado o seu amigo mais intimo, posto que ha tão pouco tempo e por mero acaso o conhecesse, o modesto rabequista ambulante, bem o avisára d'aquelle afflictivo lance. Ainda lhe resoava ao ouvido a phrase: «Vá dizer-lhe a pura verdade!» Mas se lhe dissesse a pura verdade, que era tão desagradavel, poderia convencel-a? Convencel-a-hia, se fosse capaz de confessar-lhe: *Sua tia Betty veiu offerecer-se ao meu amor, que não existia... collocar-se debaixo da minha protecção. Como podia eu esquivar-me?*

Era coisa facil, oh, se era! para o vagueante mentor aconselhar-lhe paternalmente: «É um rapaz de bem! Vá dizer-lhe a pura verdade!...» Mas se um fidalgo tem atraz de si longas gerações de fidalgos, cada uma das quaes pautara a vida pelo codigo convencional do ponto de honra, a que os fidalgos obedecem, não póde facilmente, ainda que se trate do que mais preza no mundo, obrigar os labios a formarem palavras, que denunciem uma mulher relativamente a factos passados com elle proprio.

O *groom* estava em baixo, no pateo, a lavar o cavallo, e cantava uma modinha por entre o chapinhar da agua e o tilintar do balde. Os dois que se encaravam, com o amor e o odio a transbordar dos tolos corações, tinham ja ouvido aquella musica em momentos mais felizes, tocada na rabeca do vagabundo Hans. Causou-lhes agora uma impressão pungitiva.

—Afinal a tia Betty contou-me apenas a verdade, se bem que um pouco tardiamente. A prova é que o sr. conde nada me diz em contrario!—murmurou Sidonia, por entre os dentes, que se apertavam para reprimir um soluço.

—Digo-lhe sómente—redarguiu Estevam, aprumando-se e olhando-a com desdem—que lhe ordeno, como seu marido, que me acompanhe!

Sidonia indicou-lhe a porta.

— Sr. conde de Wardof-Kilmansegg, espero ainda hoje receber do tribunal noticias a respeito da annullação d'essa inconsiderada ceremonia, que me tornou sua esposa. O meu advogado hade ir procura-lo.

—Minha senhora—respondeu Estevam exasperado, mas curvando-se com elegancia—tenciono ficar n'esta hospedaria. Portanto não haverá difficuldade em saber-se onde podem encontrar-me. O que me parece é que essa annullação difficilmente se realisará, sem o consentimento de ambas as partes.

Ditas estas palavras sahiu, fechando a porta entre ambos.

—Não me ama! Nunca me teve amor! Só tem orgulho!

Eram para o seu coração despedaçado estas queixas; ainda assim parecia-lhe um allivio o saber que tinha Estevam perto d'ali, debaixo do mesmo tecto.

*
* *

O novo hospede, ao passar uma vista de olhos ao quarto que lhe tinham dado no *Aigle Impérial*, nem por sombras imaginava que por baixo d'elle justamente, Betty de Wellenshausen estava em preparativos de partida; que se arrumavam as malas e apromptava tudo para a mudança immediata da burgravina, da sobrinha e dos criados para os aposentos do palacio real onde o burgrave, seu esposo e chanceller do rei Jeronymo, a esperava com impaciencia.

Depois de fazer o ajuste com o estalajadeiro, o conde sahiu em busca do rabequista Hans, seu companheiro de jornada. Estava ancioso de movimento e de ar livre. Na perturbação que o dominava, não havia para elle outro recurso. Adivinhava que ia ouvir terriveis censuras áquelle homem inflexivel, por ter desaproveitado lamentavelmente a situação. Por outro lado, esperava merecer-lhe applausos em razão de se ter resolvido a vigiar pessoalmente sua mulher.

No seu cerebro excitado fluctuavam planos vagos de arrancar d'ali á força a teimosa noiva. Para esta empreza romanesca podería certamente contar com o enthusiastico auxilio do musico ambulante, cantor da mocidade, e da loucura que lhe é inherente.

*
* *

Na cidadesinha pardacenta acotovellava-se

a mais heterogenea turbamulta: parasitas da côrte, austriacos e italianos; aventureiros francezes e corsos; soldados de nacionalidades tão variadas como os uniformes ideados pela escandescida imaginação de Jeronymo: granadeiros—os ultimos de seu irmão, ephemero rei da Hollanda—de fardas vermelhas; admiraveis *hussards* azues, francezes na maior parte, de bella apparencia, grandes palradores, os mesmos que Estevam tinha visto passar em debandadada perseguidos pelos cossacos, lembrando o sagarço marinho levado pelo temporal; *dragons d'Espagne*, verdes e côr de laranja, severos, emmagrecidos, fartos de guerra, interceptados abusivamente na marcha em que iam juntar-se ao seu guia imperial e cheios ce desdem pelo rei de pechisbeque e pelo mesquinho serviço que lhes davam agora, bisonhos recrutas da Westphalia, palmilhando as ruas, cabisbaixos, em sombrio descontentamento. Espectaculosos diplomatas passavam devagar, com fardamentos pomposos: graves academicos, com as palmas verdes alastrando as bandas das compridas casacas, testemunhavam que o *manosinho* Jeronymo ainda arremedava o seu grande irmão.

SIDONIA INDICOU-LHE A PORTA

A caminho do mercado seguiam os campo-

nezes, de meias azues, colletes encarnados e chapeus de grandes abas. Passavam por Estevam desageitadas raparigas da aldeia, e damas formosas, reclinadas em carruagens de luxo. E um enxame de lacaios, postilhões, *chasseurs*, com toda a insolencia propria dos serviçaes de amos dissolutos, acotovelavam-n'o com a ancia de passarem para a frente, ou faziam a respeito d'elle desabusados commentarios. Se não estivesse tão absorvido pela dõr intima, notaria, em volta de si, a despeito d'aquellas manifestações de alegria e opulencia, certos indicios de cataclysmo imminente... a rapida passagem de um ou outro correio; o aspecto preoccupado de alguns officiaes; os grupos que se formavam pelas ruas e que dispersavam á approximação da policia; o cantar provocador dos estudantes; o mutismo rabujento dos habitantes mais pobres; e, acima de tudo, o que havia de febril e exaggerado no contentamento das classes dirigentes. Do paço de Jeronymo sahiam alegres ruidos que se repercutiam pela cidade; ninguem tinha ouvidos, dentro d'aquelles muros, para escutar os echos que reboavam desde Dresden e Leipzig.

Estevam procurou com persistencia, mas em vão, o seu amigo rabequista. Profundamente desalentado voltou para o *Aigle Impérial*, onde soube que o estalajadeiro acabava de perder os seus melhores hospedes, nas pessoas da nobre burgravina Betty e de sua sobrinha a baroneza de Wellenshausen.

Sidonia debaixo dos tectos de Jeronymo!

Havia n'aquella noite concerto no paço real.

Na sala onde se davam estas festas é que Sidonia foi, por ordem superior, apresentada a Jeronymo.

Quando se ergueu, tendo feito uma mesura ao soberano, por cuja realeza, no seu rude patriotismo e herdada tradição de raça, não sentia submissão nem respeito, encarou com elle, e viu-lhe os olhos a luzirem, fitos nos seus com um brilho de fogos fatuos. Afastou a vista para se esquivar á impertinencia, e cruzou-a com a do monteiro-mór, o coronel d'Albignac, que tambem desempenhava as funcções de estribeiro-mór, e cuja alentada figura sobresahia muito á do pequenino amo. Mirava-a egualmente com grande insistencia, lembrando animal feroz que se revê na presa. O coração da donzella confrangeu-se n'um duplo terror.

—Folgo muito—disse o rei—de ver finalmente, pelos meus proprios olhos, a joven herdeira de Wellenshausen, em cuja encantadora pessoa está investido o direito da posse de grande parte dos meus dominios.

Disse isto em allemão, com pronunciado sotaque francez, e accrescentou carinhosamente na sua lingua materna:

—Bem vinda seja á minha côrte, mademoiselle de Wellenshausen.

Betty, que tinha escoltado até á sala de audiencia a sobrinha de seu marido, logo percebeu que o olhar do rei mal deslisara por ella—pela burgravina Betty de Wellenshausen!—para se empregar completamente na bisonha rapariguita. Tornou-se livido e immovel o seu rosto, por effeito da maior commoção de quantas podiam assaltal-a: a da vaidade ferida.

—Vossa Magestade enganou-se—retorquiu Sidonia. E a voz soou-lhe, aos proprios ouvidos, como o pipilar de um passarinho, mas firme e clara.—Eu sou a condessa de Waldorf-Kilmansegg.

O decoro apparente é de regra, mesmo nas côrtes mais novatas; comtudo Sidonia poude sentir, até ao intimo, o effeito produzido por aquella participação. O semblante de Jeronymo transtornou-se de subito, como o de creança estragada pelos mimos, ao ver-se contrariada. Fitou um olhar de colera no seu chanceller. Entumesceram as veias que sulcavam a testa carmezim do estribeiro-mór.

Sem poder reprimir o despeito, a burgravina disse com voz penetrante:

—Vossa Magestade já conhece o estado em que se acham essas coisas actualmente. Foi tudo originado por um disparate quixotesco da parte de meu primo, o conde Kilmansegg... Levou-o a tão impensada resolução esta creança, infringindo as regras que lhe impunha o legitimo orgulho e o recato feminino, e desviando-o do que lhe dictava a boa razão.

Ao proferir estas ultimas palavras, dardejou contra a sobrinha um olhar furibundo, e tocou a occultas com o cotovelo no braço do burgrave, que disse immediatamente, com voz de baixo profundo:

—O processo de annullação já está em andamento.

Jeronymo recuperou o bom humor, do que deu mostras esfregando as mãos. A despeito das suas pretenções realengas, não conseguia banir a exuberancia de gestos que é habitual nos corsos, offendendo com isto o melindre aos mais pechosos dos seus subditos.

—*Il faut aller vite, vite, alors !* — ordenou com entono.

Andar depressa e gosar, eram effectivamente as praxes constantes da sua existencia. Vinha a approximar-se-lhe implacavelmente—parecia—uma quaresma de inexcedivel rigor, e por isso tanto mais vertiginoso era o seu carnaval. Tão vertiginoso que a propria rainha, verdadeira allemã, filha do Wurtemberg, que fechava os olhos para não ver, fugira do turbilhão, estonteada e anhelante, e fôra buscar abrigo em Napoleonshöhe, á espera de que o seu real esposo recobrasse o bom senso.

Eis o motivo por que era unicamente o soberano quem presidia á iniciação de Sidonia no viver da côrte.

Quando o viu afastar-se, falando animadamente com o burgrave, emquanto Betty muito desembaraçada, se apossava do coronel d'Albignac, a noivasita, sem darem por ella, escoou-se para um recanto sombrio do salão exuberante de ornatos. A dôr, que lhe tinham causado as palavras da tia, fôra tão pungente, no principio, que, para não desmaiar tivera de amparar-se aos moveis, e de chamar a si toda a energia. Então o seu espirito, naturalmente vivaz, e, n'aquella noite, extremamente excitado, começou a trabalhar. Conheceu que um perigo a ameaçava ... um perigo que ella não sabia bem qual fosse. Adivinhava, porém, que era uma coisa horrivel, mysteriosa. Os olhares que o rei e d'Albignac tinham fixado n'ella, e trocado um com o outro, mostrando que se entendiam de um modo repugnante; o obsequioso empenho com que o tio se referira á annullação do casamento, e o insulto que sua tia lhe fizera, eram outros tantos clarões que lhe mostravam o precipicio escancarado a seus pés, no meio da escuridão. E não tinha uma creatura amiga a quem podesse recorrer . . . a não ser o homem que não a amava, e um pobre musico ambulante, que iria áquella hora por algum caminho da Thuringia, tocando arias alegres no rhythmo da sua incuravel melancholia.

Apertou as mãos sobre os globos dos olhos, porque já não podia supportar a claridade das luzes.

Encostada a uma pilastra recamada de doirados, sentiu a orchestra, que estava perto d'ali, occulta por um massiço de flores, romper n'uma alegre modinha franceza, o que lhe exacerbou mais ainda o sentimento da sua profunda desgraça.

Aquellas palavras do tio: «O processo de annullação já está em andamento», como que lhe bailavam no cerebro, ao compasso da musica. Quasi a mesma phrase dissera a Estevam, mas esta agora tinha um sentido de despiedosa crueldade, inteiramente novo para ella; e quando os cornetins repetiram o motivo tocado primeiramente pelas rabecas, foi como se estivessem proclamando ao mundo a vergonha indizivel que a opprimia.

Pois era possivel que houvesse alguem tão abandonado e desprotegido ? Como a sua alma se expandiu ao pensar no abrigo puro e verde dos bosques, nas perfumadas alamedas dos pinhaes, com extensas manchas cortando as amarellas clareiras; nas enormes brenhas sombrias, onde não poderia penetrar o mais experiente caçador em perseguição de uma corça louca de medo . . . A alvorada nos bosques, no meio do gorgear dos innocentes passaritos, que esvoaçam incessantemente, emquanto a brisa sopra em liberdade, embalsamada com o perfume das violetas e fazendo tremeluzir ainda mais sobre o musgo as perolas do orvalho ... O entardecer na floresta, o meigo sol a occultar-se nos confins do valle, e trespassando ainda as ramarias ... o tordo a cantar a derradeira antiphona, no tronco mais alto do robusto pinheiro ... O cheiro da lenha que arde na lareira da casa sumida entre as arvores, onde a tia Friedel, a mãe da floresta, está fazendo a ceia para os filhos, que não tardam a chegar mortos de fome, e onde tudo respira saude, honestidade, conchego; onde, quem sabe? estaria áquella mesma hora o Geiger-Hans, sentado ao pé do lume e tocando a sua musica estranha, em que a alegria se entrelaça com a dôr, e a zombaria com a ternura, e que, escapando-se atravez da porta escancarada, irá fluctuar ao longo da nave magestosa do arvoredo !—N'este scismar, a donzella foi-se a pouco e pouco libertando das suas maguas. Viu o sol nascer na floresta, sentiu a paz do cahir da noite.

De improviso estremeceu n'aquelle recanto solitario, e, abrindo os olhos, passou furtivamente as mãos pelas palpebras humedecidas.

De certo estava sonhando. E comtudo juraria que adejava nos ares o som da rabeca do musico ambulante, com a sua penetrante suavidade, e profundeza incomparavel.

«*Allons voir danser la grande Jeanne*» bramia a orchestra, mas acima do grasnido das rabecas, do gargalhar escarninho do oboé, do rythmo desagradavel da flauta e do tambor, deslisava harmonioso, embora perfeitamente distincto, o queixume da aria montezina, a um tempo pathetico e alegre, a *modinha de Sidonia*, como entre ella e o musico se havia ajustado.

PORQUE NÃO VAE TER COM SEU MARIDO?

Se não estava a sonhar, é que tinha enlouquecido!

N'isto *La grande Jeanne* acabou de dançar, com grande estrepito e rufos de tambor, mas continuou a sentir-se, meio abafado, o som de um unico violino; e acima do clamor das risadas e da vozearia dos convidados, a donzella foi sempre ouvindo a sua modinha a chamal-a, a chamal-a, com a afflictiva persistencia de quem tivesse um grande desejo de falar-lhe.

Sem perfeita consciencia de que fazia, Sidonia escapou-se do esconderijo e, atravessando pelo meio da multidão indifferente, obedeceu áquella chamada. Todos os musicos da orchestra, menos um, tinham descido do estrado; por traz de um grupo de palmeiras, o que ficara ia passando o arco na rabeca, suavemente, em segredo, como se estivesse a ensaiar-se.

Sidonia desviou para os lados as folhas das palmeiras. O musico voltou-se. Os olhares dos dois encontraram-se.

Adivinhou tudo. Hans vinha salval-a. Que amigo verdadeiro!

Com os olhos a brilharem e o riso a illuminar-lhe a physionomia, disse por entre a verdura das palmeiras:

—Eu bem sabia que era o meu bom Hans!

E pasmou de si para si, por ter crido que elle a abandonasse quando lhe era tão necessario.

O musico não lhe retribuiu o sorriso. Tinha severo aspecto o seu rosto, que parecia outro, debaixo do cabello empoado, e por cima do uniforme côr de amora, bordado a prata.

—*Madame* Sidonia, que está aqui fazendo?

Disse com tristeza estas palavras, que o violino acompanhou com um melancholico *pizzicato*, sob os dedos inconscientes do artista.

Sidonia fitou n'elle os olhos infantis. Estava meio zangada, de ver que Hans, em quem sempre encontrara applausos, a censurava. Ao mesmo tempo agradava-lhe aquelle honroso tratamento de «Madame». A tontinha prezava no seu intimo a honra que engeitava publicamente.

—Não sabe que logar é este?—proseguiu o artista com maior severidade.—Que gente é essa que a rodeia? Nunca ouviu dizer que, se é duvidoso que alguma mulher honrada, excepto a infeliz rainha, tenha entrado pelas portas d'este palacio, é absolutamente certo que nenhuma ainda por ellas sahiu? Porque não está com seu marido? Porquê?

Sidonia tinha curvado a cabeça córada e cheia de vergonha, pois na verdade sentia, com todas as fibras sensiveis, o perigo a esvoaçar-lhe ao redor, mas aprumou-se ouvindo aquellas ultimas palavras, ditas asperamente e retorquiu com força:

—Geiger-Hans, eu não tenho marido. Sabe-o perfeitamente. Tudo isso acabou.—O coração começou a bater-lhe apressado, e os olhos arrasaram-se-lhe de lagrimas.—Por dó não quero que nenhum homem case comigo. Por dó é que me tomaram para esposa! Não acceitava, se o tivesse adivinhado. Mil vezes antes morrer!

—Morrer!—exclamou o musico, ferindo as cordas de modo que parecia que choravam.—A morte é o ultimo dos males... não, é o allivio de uma alma pura e altiva... chega a ser alegria. O final peor da vida, não é a morte. Cautela!—Mudou novamente de tom: nunca tinha falado com Sidonia tão severamente. Se ha creança egual!... Só um espirito infantil, como o seu, pode ignorar que se não trata agora de um mal para a creança, mas sim de um perigo para a mulher. Com que anciedade cheguei até aqui, para salval-a de si mesma... e com que trabalho!... O que me valeu foi que os ratos já vão fugindo da casa prestes a desmoronar-se e encontrei o segundo violino da orchestra de Jeronymo, um conhecido velho... O rato musical ia em plena debandada, justamente quando eu me dava a perros para descobrir maneira de me approximar de Sidonia. Ahi tem porque me vê com o libré do *Parvenu*. As prisões estão atulhadas de gente e Jeronymo tem medo de mim. Olhe elle, ou algum dos seus espiões, para o logar onde estamos, reconheça-me, e dentro em pouco o Geiger-Hans estará fechado tambem a sete chaves. E que será então de madame Sidodia! Volte para seu marido! Diz-me que não com a cabeça? Olhe que foi o orgulho que fez cahir o anjo... e era a Estrella de Alva!

—Não sei o que quer dizer.

—Já sabe, sim, já sabe. Que tumulto infernal não irá aqui, antes de cahir a casa! Jeronymo está planeando o seu ultimo passatempo. Não viu como elle a contemplou? Só tem para salvaguardal-a o nome de seu marido, e a sua nacionalidade austriaca, que é agora sagrada para esta gente. E quer perder esse nome! Vão fazel-a Madame d'Albignac. O titere pouco mais tempo será rei,

e como o seu estribeiro-mór não tem duvidas a tal respeito, consola-se com a ideia de salvar alguma coisa do naufragio. Sidonia e a sua riqueza são uma recompensa para um e outro... Assim foi ajustado entre ambos.

—Não comprehendo! – balbuciou a donzella, toda a tremer, segurando-se á haste de uma das palmeiras. N'um impeto repentino, supplicou-lhe:—Leve-me d'aqui! Salve-me!

—Não posso!—respondeu-lhe o artista. Era aspera a sua voz, mas tremia; aspero foi o som que elle arrancou das cordas.—Não sou eu, é seu marido quem pode salval-a. Vá ter com elle!

E começou a tocar com furia, porque voltavam já os outros musicos. Alguns olharam com curiosidade para aquella senhora tão fina, que estava falando familiarmente com o seu desconhecido collega.

Sidonia voltou-se. Muitos dos convidados tambem olhavam para ella. Ao longe Jeronymo e d'Albignac conversavam um com o outro, e—pareceu a Sidonia, mas talvez fosse obra da sua imaginação—buscavam-n'a com os olhos.

Invadiu-a um terror panico. Nem mesmo assim, porém, deixou de ser leal.

Não devia dizer mais nada ao musico, pois o contrario seria expol-o ao maior perigo. Preso o Rabequista-Hans, o seu amigo, o eterno vagabundo! Preso por causa d'ella! Isso nunca! Girou sobre os calcanhares e foi ás cegas, como a caça quando perseguida, rompendo atravez da multidão, a buscar abrigo nos aposentos do chanceller. Algumas pessoas tocaram com o cotovelo nas que lhes ficavam perto e falaram baixinho. Á porta, uma senhora de edade, de cabello todo branco e faces niveas e rosadas, segurou-a pelo vestido.

—Quem é, meu amor, e aonde vae com tanta pressa?

—Oh! Pelo amor de Deus, minha senhora, deixe-me ir. Chamo-me Sidonia de Kilmansegg e vou ter com minha tia.

Apesar da agitação em que estava, não se esqueceu do nome que podia servir-lhe de escudo.

—Está bem! Está bem!—respondeu-lhe a outra. Não ha motivo para tamanho susto. Se alguma vez precisar de auxilio, não tem mais que procurar *Madame la grande Maréchale de la Cour*. Sempre lhe poderei dar algum conselho ou prestar-lhe qualquer obsequio. Ah! Sympathiso muito com as meninas da sua edade.

Tinha na voz o rom rom felino, e não era desagradavel o seu sorriso. Sidonia foi d'ali mais socegada. Se lhe faltasse a protecção dos parentes, ainda lhe restaria outro meio de salvar-se, sem descer á humilhação inadmissivel de voltar para o homem a quem amava, mas que não lhe tinha amor. E era este o unico recurso que Hans tinha inventado!

Nos aposentos do chanceller tudo era azafama e confusão. Dois creados passaram por ella, acarretando bahus, e as creadas da burgravina corriam de um lado para outro, levando nos braços molhos de vestidos de seda, e de rendas.

Sidonia estacou cheia de espanto; o coração estremeceu-lhe. Betty teria recebido qualquer aviso e aquelles preparativos eram para ambas partirem... em busca de logar onde ficasse perfeitamente a salvo. Entrou de corrida no quarto da tia e viu-a já vestida para a jornada, guardando apressadamente as joias nos estojos. Betty ergueu-se, e toldou-se-lhe o rosto quando reconheceu a sobrinha.

—Ah! Pensou em mim?—perguntou esta.—O Rabequista é que me disse tudo. Como é horrivel!... Em menos de um minuto fico prompta. Para onde vamos!

A burgravina não lhe respondeu logo e fixou n'ella os olhos azues, com uma expressão glacial. Falou depois serenamente, mas em tom decisivo:

—Volto para a Austria. Já não posso aturar a Westphalia e tudo o que lhe pertence. Não quero saber quaes são as suas tenções, porque nada tenho comsigo de hoje em deante.

Ao dizer isto fechou o estojo que tinha na mão, produzindo um estalido que pareceu dar força ás ultimas palavras. Sidonia ficou attonita:

—Rompo com a sua Westphalia, minha querida—continuou a burgravina, com alegre despeito—rompo com seu tio, o meu Barba-Azul, *en premier lieu*, e com Jeronymo, esse plebeu, esse ridiculo *parvenu*.

Era energico o desdem com que ella proferiu estas palavras, contra quem apenas deitara uma rapida olhadela para a figurinha deliciosa da burgravina, e concentrara toda a sua attenção n'uma creança de escola. Disse, rindo ás gargalhadas:—Felizmente tenho relações, mandaram prevenir-me em segredo, para que fugisse quanto antes de *cette canaille*. Dão a Jeronymo e a seu reino uma se-

mana de vida, quando muito. Na Austria, *Dieu merci !* estarei longe bastante, para não ver a queda ridicula do *fantoche !*

A joven condessa de Waldorf-Kilmansegg estava como petrificada, emquanto a burgravina, não parando de falar, corria d'aqui para ali, como um ratinho. Afinal estacou a meio do quarto. Os olhares das duas encontraram-se, os seus pensamentos chisparam um contra o outro.

—Vae sósinha?—perguntou Sidonia, com estranho som na voz. Garras de ferro trituravam-lhe o coração.

Betty deu nova gargalhada e respondeu:

—Quem sabe?... Talvez arranje alguem para me escoltar. O conde de Waldorf-Kilmansegg vae assignar, dizem, um documento, precioso, que d'aqui a pouco lhe apresentarão da sua parte, Sidonia. Logo que o fizer, tambem dirá *Hop lá, postillon!* Como é meu primo, ninguem me levará a mal que eu lhe acceite a protecção. Não ha nada mais correcto.

A donzella estremeceu como corça assustada, e fugiu. Já ia longe e ainda sentia as pisadas de Betty a seguirem-na, imitante ao resoar das buzinas de caça.

Correu, de cabeça baixa, pelo corredor além e foi bater contra a volumosa pessoa do burgrave, que vinha de muito bom humor, não tendo encontrado o presagio dos bahus. Nem elle tinha realmente bom faro para os presagios. O seu reisinho acabava de prometter-lhe nova mercê territorial e ampla recompensa, e o burgrave não nutria a menor duvida sobre a duração do poder real.

—Para onde ias tão depressa, minha filha?—perguntou elle, agarrando-a com certo carinho. Sidonia amparou-se ao tio, com repentino enternecimento.

— Ó tio Ludovico, leve-me quanto antes para fora d'este palacio! Já! Vamos outra vez para o nosso velho burgo!

—Mas que é isso?—E ao fazer-lhe a pergunta, o chanceler desviou-a um pouco de si, muito brincalhão, excitado pelo regio Sillery, que, em companhia do soberano, estivera libando, em homenagem á mudança que ia haver nos destinos da herdeira de Wellenshausen.—Se eu agora sahia do Paço!...—E abanava a cabeça negativamente.—Falas assim porque ainda não sabes os projectos que formei a teu respeito. O casamento que fizeste com tanta pressa, nunca foi do meu agrado. Já vês que pensamos da mesma fórma. Acabo de te arranjar outro marido, e um logar brilhante na côrte. Hein, minha Sidonia! Um excellente marido e uma bella posição!

A donzella ergueu os olhos, observando anciosa o rosto carmezim do tio, que meneava outra vez a cabeça maliciosamente, e casquinava um frouxo de riso.—Ora! Ora! Ás mulheres fica bem a timidez, mas os homens é que sabem o que a ellas convem ou não convem. Devemos fazer-lhes a vontade quando fôr possivel, sem nunca ir muito longe no capitulo das concessões.

Sidonia escutava-o e lia-lhe o quer que fosse de implacavel no olhar embrutecido.

Sentindo o burgrave apertar-lhe fortementa as mãos com as suas que escaldavam, já tendo um deliquio; mas reanimou-se e gritou-lhe desesperadamente, obedecendo a uma inspiração do seu espirito feminil:

—A tia Betty está fechando as malas. Não sabe?... Vae-se embora para a Austria!

—O quê!—rugiu Ludovico. E precipitou-se pelo corredor que ia ter ao quarto da esposa.

—«Se precisar de auxilio — tinha-lhe dito aquella senhora edosa — procure por *Madame la Maréchale de la Cour*». Que triste filha de Eva precisaria mais de auxilio do que a afflicta Sidonia, collocada entre o Scylla de um perigo mysterioso e o Charybdis de uma cruel humilhação?

Não era para hesitações o seu genio. Demorou-se unicamente o tempo necessario para ir buscar uma capa de viagem, e tomou novamente pelo corredor exterior. Ao primeiro lacaio que encontrou, disse que fosse leval-a aos quartos de *Madame la Grande Maréchale*.

Lá ficaria esperando—pensou—que a illustre dama voltasse da festa. Junto d'aquella velhinha tão amavel, encontraria forçosamente refugio, bom conselho, e auxilio para voltar no dia seguinte para a sua querida floresta thuringiana.

(Conclue no proximo numero)

AGNES EGERTON CASTLE.

(Traduzido do inglez por MAXIMIANO DE AZEVEDO).

Actualidades

Grandes topicos

A CONFERENCIA DE ALGECIRAS

A conferencia de Algeciras progride lentamente.

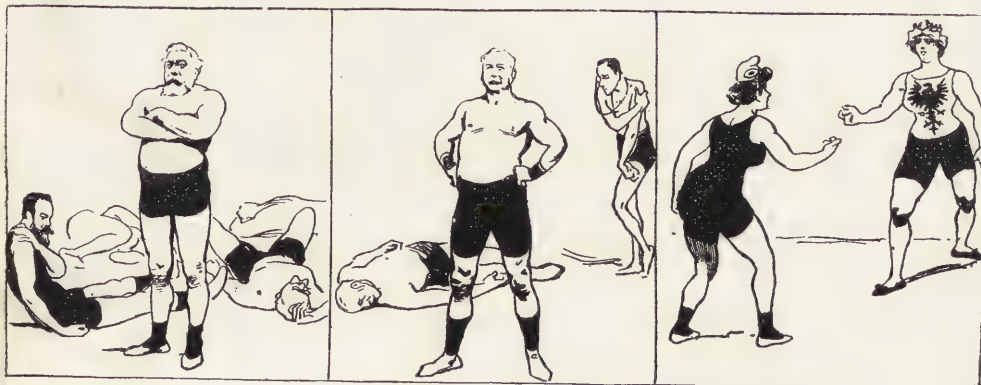
Os delegados marroquinos insistem em submetter todas as propostas ao Sultão antes de concordarem com ellas, mas não teem duvida em fazer opposição sob sua responsabilidade propria. As questões mais graves, que são a do Banco do Estado e a da organização da policia, ainda não estão definitivamente resolvidas. Quanto á primeira, a conciliação entre a França e a Allemanha não se afigura impossivel. A segunda é que, como se diz vulgarmente, tem dente de coelho.

A Allemanha oppõe-se tenazmente ás aspirações francezas. A imprensa germanica tem até descido a meios pouco dignos para exercer pressão n'esse sentido. Ainda em fevereiro os jornaes de Berlim publicaram um telegramma de Algeciras, accusando a França de romper as negociações sobre a questão bancaria, isto quando o assumpto estava a pique de resolver-se, de tentar obter preponderancia absoluta no exercicio das funcções policiaes em todo o territorio marroquino, e de pensar na incorporação de Marrocos na Africa franceza. Tudo isto era absolutamente falso. O que a França deseja é um mandato para manter a ordem em centros onde haja pessoas ou propriedades europeas a proteger. Calcula que para isso bastarão 30 officiaes europeus e 50 subalternos indigenas commandando soldados marroquinos disciplinados. Só uma imaginação exaltada supporia que esses 50 officiaes levariam a cabo a annexação de Marrocos pela França.

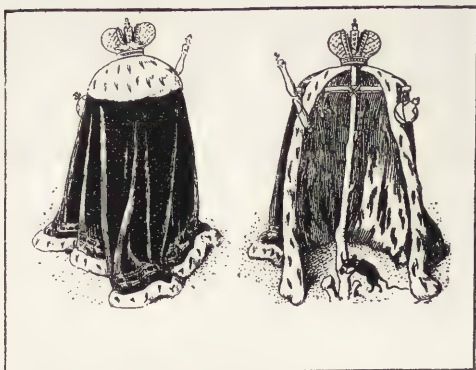
A contraproposta da Allemanha é que a policia das cidades maritimas seja deixada ao Sultão sob a inspecção das potencias secundarias. Este plano afigura-se naturalmente á maioria dos diplomatas de uma inutilidade obvia.

Certo é que a Allemanha se encontra virtualmente isolada na conferencia. A attitude da Italia, favoravel á França, até induz a imprensa allemã a aventar a ideia da revogação da Triplice Alliança, da qual a Italia seria excluida.

A QUESTÃO RELIGIOSA NA FRANÇA

A lei de separação da egreja e do estado exige a elaboração do inventario das propriedades ecclesiasticas, antes que se organizem legalmente as associaçõãs de caracter religioso que devem tomar conta d'ellas. Note-se que este inventario foi exigido e applaudido pelos proprios catholicos, e são elles os que actualmente se estão revoltando contra o cum-

JOGOS ATHLETICOS DA EUROPA

Eleição presidencial na França, eleições geraes na Inglaterra, lucta diplomatica entre a Allemanha e a França

DO «WEEKBLAD VOR NEDERLAND»

DUAS VISTAS DIFFERENTES DA AUTOCRACIA RUSSA
Como os reaccionarios a vêem, e como ella é na realidade
DO «NEUE GLUHLICHTER»

primento da lei. Os disturbios continuam na provincia, e veremos como o novo ministerio Sarrien conseguirá pôr cobro a elles.

CRISE NA HUNGRIA

O parlamento hungro foi dissolvido. O partido da coalisão opposicionista tinha a maioria. Recusou-se a tomar conta do governo, emquanto o rei não accedesse a certas exigencias. Francisco José tem resistido com tenacidade.

O rescripto regio dissolvendo a camara foi devolvido pelos deputados sem o abrirem, e foi depois lido n'uma sala vasia. Em seguida foi promulgado, sem ratificação parlamentar, o tratado commercial com a Allemanha. Os chefes da coalisão deliberaram oppor-se á cobrança de impostos e ao recenseamento dos recrutas. A venda de jornaes foi prohibida nas ruas, sendo este passo dirigido contra a circulação dos orgãos baratos e sensacionaes da Coalisão.

Nas mãos do imperador de Austria, rei da Hungria, está a serra com que se hão de amputar os ligamentos politicos entre as duas nações irmãs.

NA CHINA

CRESCE na China o espirito de nacionalismo.

Viu ella o que pode fazer o Japão, e deseja competir com elle. Mas na China o movimento reformista cobre um sentimento de hostilidade crescente contra os extrangeiros. A posição d'estes está-se tornando difficil, para não dizer perigosa, no immenso territorio do Celeste Imperio. Tamanho alvoroço tem causado esta situação nos Estados Unidos que se fala alli na retirada dos missionarios americanos. Expediram-se avisos para certas missões afim de se removerem para locaes de segurança ao primeiro rebate de perigo, e mandaram-se reforços para as Filipinas para estarem á mão em caso de necessidade. Os factos provam a razão d'estas medidas. A missão americana de Nau-Chang, a 400 milhas acima da foz do Yang-tze-Kiang, foi destruida, e assassinada uma familia ingleza de quatro pessoas mais seis missionarios catholicos.

A proxima intervenção das potencias afigura-se fatal. Mas a situação da politica internacional torna deveras melindroso este expediente.

A MAIS TREMENDA CATASTROPHE DE MINAS

EM todo o mundo produziu uma impressão angustiosa a medonha tragedia occorrida na mina de Courrières, uma povoação a cinco leguas da velha cidade fortificada de Bethune, no Pas de Calais, e a uns sete de Lille. Os mineiros haviam descido ás 7 horas da manhã do dia 10 de março, e passada meia hora ouviram-se explosões em tres poços. O fogo tinha-se conservado abafado durante alguns dias, e irrompeu finalmente a uma profundidade de uns 230 metros abaixo da superficie. Comquanto catastrophes d'esta natureza não sejam infelizmente raras nas regiões carboniferas, esta sobreleva pelo numero de victimas, 1150 homens, e pela viveza tragica dos pormenores todas as registadas nos fastos da desventura humana. O que sobretudo arripia é a longa permanencia de entes vivos nas entranhas da terra, n'uma agonia lenta, sem que nenhum soccorro lhes podesse valer.

Pela lista seguinte se póde comparar a mortalidade produzida por esta catastrophe com outras mais notaveis que a antecederam, ha quarenta annos a esta parte:

1866 — Perto de Barnsley	388
1877 — Perto de Glasgow	200
1878 — Perto de Newport	268
1880 — No paiz de Galles	101

O ORGÃO DA PAZ — MODELO DE 1906
DO «LUSTIGE BLÄTTER»

1880 — Durham		164
1880 — Newport		120
1885 — Pendlebury		177
1887 — Victoria Colliery		170
1889 — Saint Etienne		184
1890 — Saint Etienne		109
1890 — Moumouth		176
1891 — Saint Etienne		73
1892 — Bridgend		116
1892 — Anverines (Belgica)		153
1893 — Dewsbury		139
1893 — Pontypridd		61
1894 — Pontypridd		286
1901 — Caerphilly		81
1902 — Pennsylvania		105
1902 — Fernie		150
1902 — Tennessee	mais de	200
1903 — Hanna		175
1905 — Rhondda		119
1906 — Courrières		1150

AS POTENCIAS INDIFFERENTES
Emquanto a Russia está empenhada n'uma tremenda revolução, as nações europeas concentram a attenção n'outros assumptos em diversas partes do mundo. O grito dos russos opprimidos n a lhes importa.
DO «ULK»

ELEIÇÕES NA RUSSIA

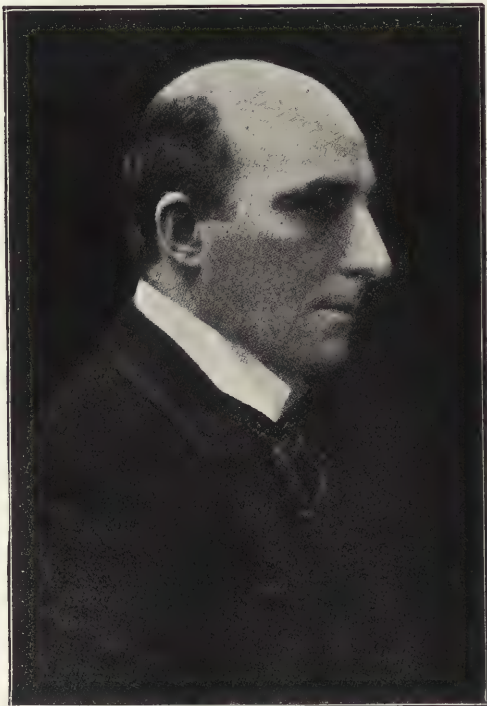
O primeiro periodo eleitoral da Russia, para a organização da Duma, vae decorrendo no meio da indifferença da maioria de população, que não crê no liberalismo das novas leis, das manifestações revolucionarias em muitos pontos do Imperio e das violentas medidas reaccionarias impostas ao governo do conde Witte pelas classes preponderantes da politica russa.

Sobre este assumpto, não podemos resistir ao desejo de transcrever uns periodos mordazes que encontramos n'um jornal londrino: «Os preparativos para a eleição na Russia vão caminhando com grande energia. Ha districtos em que quasi toda a gente de alguma educação tem sido presa, afim de assegurar um voto imparcialmente popular. Se depois d'isto os eleitores ainda hesitarem em exercer as suas regalias, serão instruidos nos seus deveres por cossacos. A nenhum eleitor será concedido lançar mais do que uma bomba na urna eleitoral.»

O VINHO E A SAUDE DE JOHN BULL

Depois da *entente* com a França, reconheceram os inglezes, ao contrario do que se suppunha até então, que os vinhos tintos de Bordeaux conteem menos acido do que os vinhos brancos da Allemanha e são por conseguinte menos prejudiciaes aos rheumatisantes. É de crer que para esta convicção concorresse quasi tanto a politica como a sciencia. Mas, como John Bull está egualmente convencido de que os vinhos de Bordeaux são os mais baratos do mundo, aconselhariamos aos lavradores e commerciantes de Portugal que trabalhassem por lhe tirar essa ideia do toutiço, não se esquecendo comtudo de luctar vantajosamente com os vinhos francezes no que respeita á pureza e á salubridade.

UM FUTURO CASUS BELLI
MARTE — *Vou apanhar isto e arrecadar. Qualquer dia deita-se-lhe uns gatos.*
DO «LUSTIGE BLÄTTER»

Vida na arte

PINERO

A NOVA PEÇA DE PINERO

Um grande triumpho obteve ultimamente em Londres o mais illustre dos modernos dramaturgos inglezes, Pinero, triumpho apenas egualado pelo que lhe proporcionou ha annos o seu conhecido drama *A Segunda Mulher de Tanqueray*. Como portuguezes, pertence-nos uma parcella de orgulho, por isso que nas veias do notavel escriptor corre, como é sabido, o velho sangue portuguez. É por isso, e por ser geralmente menos vulgarisado entre nós o movimento dramatico da Grã-Bretanha, que os *Serões* consagram a este acontecimento artistico algumas linhas que não se afigurarão descabidas.

His House in Order, é o titulo da nova peça de Pinero, e não atinamos de prompto com uma correspondencia bastante suggestiva d'este titulo, cuja traducção litteral é *A casa d'elle em ordem.* A palavra *ordem* não se limita porem n'este caso ao arranjo material. Designa mais alguma cousa: o decoro, a decencia, a seriedade, a respeitabilidade, no sentido convencional e burguez d'estes vocabulos.

Mas ao novo drama — dizem-n'o quantos o conhecem — adaptava-se uma repetição paraphraseada do titulo com que correu mundo a obra mais divulgada de Pinero. *A segunda mulher de Jesson*, eis como se etiquetaria perfeitamente uma peça na qual a segunda consorte tem de travar uma lucta constante contra a primeira, morta ha annos mas sempre presente. E este conflicto, apenas indicado na antiga peça, é o motivo central da recente.

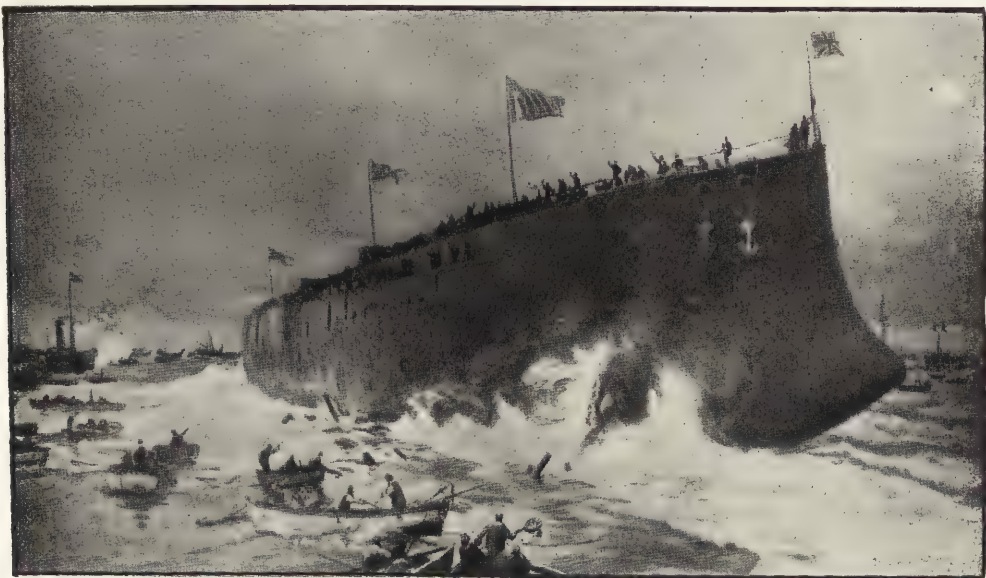
É a memoria da fallecida, consagrada em apotheose pela sua parentela e pelo proprio marido, como o anjo do lar, a personificação da virtude e da ordem material e moral, que reage continuamente sobre a sorte da esposa viva, cujas maneiras de proceder desacordam com as noções todas burguesas da respeitabilidade domestica. E todavia, graças ao velho expediente dramatico de cartas encontradas n'um movel antigo, vem finalmente a descobrir-se que, sob um veu espesso de hypocrisia, a defunta occultava um temperamento vicioso e desregrado, tendo introduzido no lar um filho adulterino e estando a pique de fugir com o amante quando um desastre lhe poz termo á vida. Ao mesmo tempo, manifestam-se na successora, sob as apparencias frivolas, solidas qualidades de caracter. É esta a triumphadora, em cujos braços cae no final o esposo, arrependido do injusto conceito que formara e mal dizendo a sua cegueira.

São estas as linhas geraes do drama, onde se põe em relevo a sciencia dramatica de Pinero e onde os caracteres são traçados com raro vigor. O elemento comico, representado pela familia absorvente e banal da fallecida, permitte ao dramaturgo o expandir a veia satyrica, porventura com uns leves toques de caricatura. Não falando do papel da protagonista, cheio de interesse dramatico, o papel masculino mais brilhante é o do irmão de Jesson, um *raisonneur* que rescende um pouco á velha escola, pelo emphatico das tiradas, mas que, tendo nas mãos o fio da acção, conserva constantemente presa a attenção do auditorio.

A NOVA CREAÇÃO DO COQUELIN

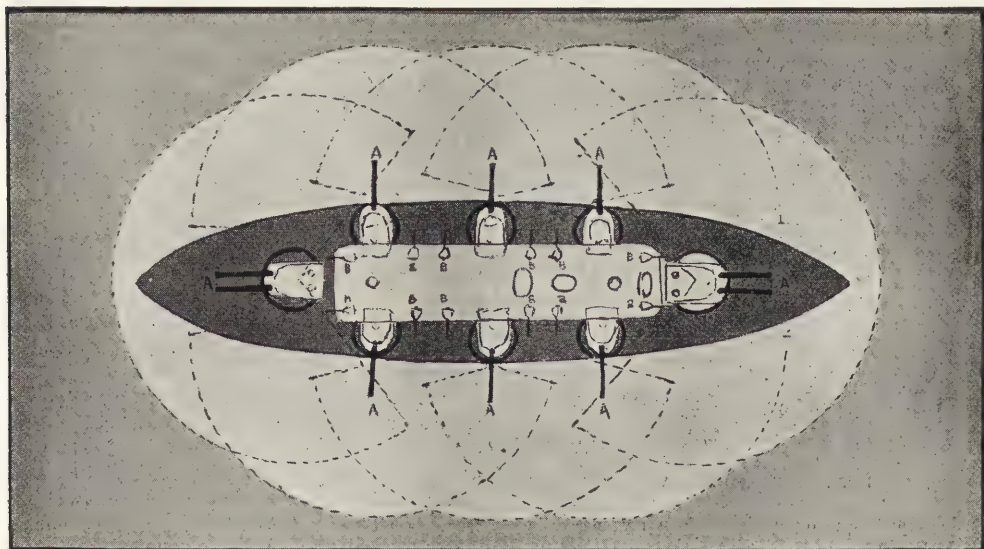
Latenta é o titulo da nova peça de Alfred Capus é Lucien Descaves, representada ultimamente em Paris. Pode dizer-se que ella é principalmente distinada a pôr em relevo as altas qualidades do mais popular decerto entre os actores francezes da actualidade. Coquelin ainé tem com effeito um papel que desempenha á maravilha: um typo essencialmente moderno, o ricaço epicurista que faz socialismo avançado, um demagogo que passeia de automovel, faz o gyro *fashionable* do Bois de Boulogne, frequenta as *premières* da moda, os casinos e os clubs mais aristocraticos, e tem a ancia de se envolver no *grand monde*. A explicação do titulo está n'um tiro de revolver com que, por questões particulares, o sujeito é ferido, e que elle faz todos os esforços para attribuir a um attentado anarchista, afim de se collocar na evidencia. Brilham na peça todas as qualidades de espirito que notabilisam Capus e a vivacidade pittoresca que distingue o seu collaborador.

O exito parece ter sido consideravel.

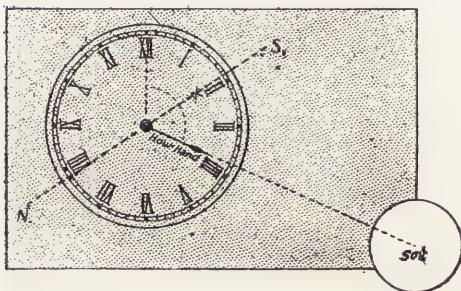
Vida na sciencia e na industria

LANÇAMENTO DO «DREADNOUGHT»
O mais poderoso dos navios de guerra do mundo

O MAIS PODEROSO NAVIO DE GUERRA DO MUNDO

O rei de Inglaterra presidiu em fevereiro ao lançamento do *Dreadnought*, o qual representará sob todos os pontos de vista um *record* na construcção naval. Será elle, quando completo, o maior, o mais veloz e o mais poderoso navio do mundo. A quilha foi posta em 2 de outubro passado Deverá fazer experiencias no proximo outono, e içará em fevereiro do anno que vem a insignia de Almirante commandando a esquadra do Atlantico.

A principal bateria do *Dreadnought* consta de dez peças de 12 pollegadas, efficazes n'uma amplitude de cinco a seis milhas, arremessando um projectil de 850 arrateis. A sua velocidade de 21 milhas, e o seu armamento, poderão equiparal-o a dois, ou talvez a tres, dos navios de guerra hoje existentes.

ACÇÃO OFFENSIVA DO «DREADNOUGHT»

COMMUNICAÇÕES INTERPLANETARIAS

A descoberta do radium e das suas surprehendentes propriedades por tal forma modificaram as concepções scientificas, que certas theorias, ha dois ou tres annos classificadas de delirios de lunaticos, estão sendo consideradas a serio pelos mais graves doutores da sciencia moderna. Uma das ultimas apresentadas é a da possibilidade de communicação interplanetaria, ideia que tem obsidido o espirito de poetas e sonhadores durante seculos. A observação da radio-actividade, que pareceria ser um phenomeno commum a quasi todos os corpos, dá origem á supposição de que o mundo esteja a pique de descobrir uma nova fonte de energia inteiramente differente de qual uer outra até hoje conhecida ou imaginada. A materia de toda a especie pensa-se agora ser apenas energia condensada em varias formas, que é licito suppor se pode libertar e utilisar para fins nunca até hoje tentados. Até ao presente, a maxima quantidade de movimento devido á intervenção humana é a dos projecteis destinados a destruir a vida humana, e n'esses a maxima velocidade attingida anda por tres quartos de milha (menos de 1400 metros) no primeiro segundo. Em comparação com a velocidade de emissão das particulas radio-activas, que se suppõe regular entre 60:000 a 200:000 milhas por segundo, isto é perfeitamente insignificante. Mesmo Mercurio que, sendo o planeta mais proximo do sol, se move com mais velocidade, attinge apenas umas trinta milhas por segundo. No emtanto, uma viagem da terra á lua com a velocidade de Mercurio levará pouco mais de duas horas, a Venus entre dez e onze dias, e a Neptuno, o planeta mais distante da terra, tres annos. Mas se, em vez da velocidade de Mercurio, podessemos chegar á velocidade minima das particulas radio-activas, os prazos das respectivas viagens reduzir-se hiam a um tempo praticamente desprezivel. Por outro lado, tão prodigiosa é a distancia das estrellas que até a velocidade das particulas radio-activas empallidece na imaginação. Assim, com a velocidade de 60:000 milhas por segundo, ellas alcançariam a estrella mais proxima da terra só dentro de uns treze annos.

BUSSOLA IMPROVISADA

É de suppôr que o mundo esteja em vesperas de alguma descoberta transcendendo outra qualquer feita desde que começou a historia da humanidade.

BUSSOLA IMPROVISADA

O systema é já divulgado, mas vale a pena relembral-o ou tornal-o conhecido a quem por acaso o ignore. Quem não disponha senão do relogio para se orientar, pode fazel-o pela maneira seguinte:

Pegue-se no relogio horizontalmente de forma que o ponteiro das horas aponte para o sol. A bissectriz do angulo feito pelo ponteiro com a linha que passa pelo numero XII e pelo centro do relogio, determina a linha norte-sul verdadeira.

FOGÃO RADIO-INCANDESCENTE

FOGÕES RADIO-INCANDESCENTES

Um engenheiro francez, Mr. Delage, applicou ao aquecimento domestico uma manga com propriedades calorificas muito desenvolvidas, anologas ás usadas até hoje para illuminação. Composta de uma mistura cujo producto activo é o *cerium*, calcula-se que essa manga irradia 100 por 100 mais de calor do que uma manga Auer identica na forma e peso. O rendimento do apparelho pode considerar-se 40 por 100 superior aos dos apparelhos já conhecidos.

Esse apparelho de aquecimento compõe-se de um certo numero de focos intosivos de gaz dispostos uns ao lado dos outros. Sobre cada foco colloca-se uma manga denominada corpo radio-incandescente. Estas mangas quasi não dão luz, mas emittem horisontalmente um calor muito intenso.

Cada foco é indipendente, de modo que pelas respectivas torneiras se pode regularizar o calor. Esta disposição é preferivel á que consiste em baixar todas as chammas por meio de uma torneira commum.

A nossa figura apresenta um dos modelos de fogão bastante elegante, já construido. Este novo systema de aquecimento, simples e commodo, está de certo destinado a grande vulgarisação.

Vida nos campos

ABRIL

No jardim

Começaram já as influencias fecundas da primavera. Mudam-se para os logares definitivos as estacas que estiveram abrigadas durante o inverno, taes como verbenas, fuchsias, heliotropios, begonias, etc.

Mettem-se na terra os tuberculos, e semeam-se *boas noites, chagas, chrisanthemos, mignonete, secias, papoulas dobradas,* etc.

Havendo bom tempo, sacham-se as plantas que vão florir, começando já a regal-as. São ellas as primaveras, anemonas, narcisos, amores perfeitos, violetas e as rosas.

Estas ultimas, especialmente as de florescencia precoce, são muitas vezes atacadas de pulgão, o que se pode combater com fumigações de tabaco, ou borrifos de agua de sabão amarello.

As fumigações de tabaco applicam-se de tarde ou de manhã, quando o ar está perfeitamente calmo.

O sabão amarello emprega-se em dissolução de 100 grammas cada litro de agua, applicando cautelosamente com um pincel sobre os pontos atacados.

Na vinha

O vinhateiro trata n'este mez de fazer as suas enxertias. Esta operação, já conhecida e empregada pelos gregos da antiguidade, é de grande importancia para o melhoramento de castas, unificação de typos, e especialmente para a transformação dos productos das cepas americanas e resistentes ao phylloxera, em productos acceitaveis nos nossos mercados.

Baseia-se a enxertia no phenomeno da soldadura de dois vegetaes, vivendo um á custa do outro.

Ha variedade de processos para se alcançar essa soldadura. O mais empregado hoje é o que se denomina de *fenda cheia*, ou *simples*.

A haste enraizada, que desejam transformar e que se chama o *cavallo*, é aparada 2 a 3 centimetros acima de um nó, e ahi é talhada uma especie de forquilha na profundidade de 2 centimetros, onde entra a haste, em que desejamos transformar a planta e que se chama o *garfo*, ajustando-se o melhor que for possivel, para o que se devem escolher diametros eguaes. Esta juncção é depois ligada solidamente com qualquer ligadura macia, no que se está empregando uma especie de junco macio e resistente, chamado *raphia*.

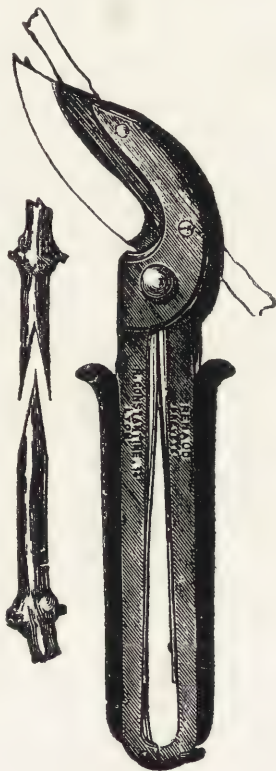
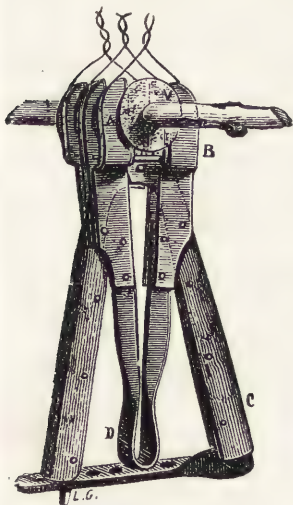
PINÇA ALLIÈS

TESOURA DESPUJOLS

A seiva que sobe pela haste enraizada penetra nos tecidos da que se lhe junta e ahi é transformada, fazendo fructificar esta com os productos naturaes á sua casta. O todo fica constituindo uma planta, cuja parte inferior tem todas as condições de resistencia ás doenças que atacam as raizes, e cuja parte superior tem todas as qualidades necessarias de uma boa cepa.

Na reconstituição das nossas vinhas destruidas pelo phylloxera, foi necessario lançar mão de apparelho que facilitasse a grande faina de importantes enxertias, habilitando qualquer a enxertar com perfeição, o que só se podia obter com bons enxertadores que não chegavam.

A nossa gravura representa um d'esses apparelhos, a tesoura *Despujols*. É uma tesoura com dois gumes reunidos nas pontas, e que corta em V qualquer haste que passe entre ellas. Assim a mesma tesoura córta o cavallo e o garfo, sendo o ajustamento dos dois o mais completo possivel.

A pinça *Alliès* serve para ajustar sobre o enxerto duas meias rolhas de cortiça, como capa protectora, e ligar tudo com arame. Este processo é perfeito, e facilita a ligadura do enxerto do bacelo na terra.

Variedades

UM RETRATO DIFFICIL DE PINTAR

Dante Gabriel Rosseti, eminente poeta e pintor inglez, recebeu um dia a visita de um principe da India, o qual lhe disse:

—«Venho encommendar-lhe um retrato de meu pae.»

—«Seu pae está em Londres?» perguntou Rossetti.

—«Não, senhor. Meu pae já morreu.»

—«Tem alguma photographia ou qualquer retrato d'elle.»

—«Nada, não temos retrato nenhum.»

—«Então como quer que lhe pinte um retrato? Bem vê que é impossivel. Não posso encarregar-me de um trabalho absurdo, como esse.»

—«Absurdo não sei porque,» retorquiu gravemente o indio. «O senhor costuma pintar retratos de Maria Magdalena, e de Circe, e de S. João Baptista, e creio que nunca poz a vista em cima d'essas pessoas. Porque é que não ha de retratar meu pae?»

Insistiu por tal forma o principe que Rossetti não teve remedio senão ceder, á mingua de argumentos. Pintou uma cabeça ideial que tinha algo de oriental e de regio no aspecto. O principe veio ao atelier, em grande cerimonia, afim de o examinar.

Apenas se descobriu a tela, olhou para elle com muita attenção e desatou a chorar perdidamente.

—«Muito mudado está meu pae!» exclamou elle.

O INTERNADO DO HOSPITAL DOS DOIDOS—Que está o senhor a fazer ahi ha duas horas?
O PESCADOR—Estou á espera do peixe.
O INTERNADO—Ah! sim? Então entre cá para dentro.

RESPOSTA Á LETTRA

O barão de Hirsch, celebre em todo o mundo como financeiro e philantropo, pertencia á raça hebraica. Um dia, na Allemanha, jantava elle na casa de um aristocrata, em companhia de um principe que proclamava alto e bom som o seu rancor contra os judeus. A descortezia d'este conviva chegou ao cumulo, quando, ao descrever uma digressão que fizera recentemente pela Turquia, exclamou:

—Ha dois costumes n'aquelle paiz que me impressionaram favoravelmente: judeus ou cães que se apanhem, dão logo cabo d'elles.

O barão de Hirsch olhou a sorrir para o seu insultador e redarguiu placidamente:

—Que fortuna não vivermos lá, nem eu nem o principe!

RIQUEZA DE BRAÇOS E PERNAS

Uma dama está mostrando uma visita a galeria de retratos dos seus antepassados

—«Este general que aqui vê,» explica ella, «era meu quarto avô. Valente como um leão, mas muitissimo infeliz, coitado! Não entrou em batalhas que não perdesse um braço ou uma perna.»

Depois accrescenta com orgulho e convicção.

—«Alli onde o vê, tomou parte em dezesete batalhas..

ABSORPÇÃO DO MUSICO NA MUSICA

COMPOSTO E IMPRESSO NA TYP. ANNUARIO COMMERCIAL - C. GLORIA, 5 - LISBOA

OBRAS PRIMAS

Bibliotheca dos melhores livros de todas as litteraturas antigas e modernas

Viagens de Gulliver

POR

JONATHAN SWIFT

INAUGURADA a nossa bibliotheca pela publicação do **D. Quichote de la Mancha,** prodigiosa obra do grande Cervantes, que, pelo esmero da traducção e belleza e modicidade da edição, constitue um verdadeiro successo no mercado litterario portuguez, resolvemos publicar um outro admiravel livro, **Viagens de Gulliver,** obra prima de imaginação e de ironia, quasi desconhecida em Portugal por ter sido até agora imperfeitamente traduzida.

As **Viagens de Gulliver,** — d'esse prodigioso Swift que pertence á raça gigante dos sublimes humoristas e dos encantadores sarcastas que se chamaram Gil Vicente, Rabelais, Cervantes, Sterne e Ariosto — offerecem mais d'um traço commum com o immortal poema de Cervantes. É um livro para toda a gente e para gente de todas as edades: Lê-se aos dez annos, relê-se aos quarenta, e n'essas duas leituras, experimenta-se um encanto egual, penetrante e profundo, embora differente.

No primeiro caso é a imaginação que é mais interessada. No segundo é a rasão que é sensivel a uma lição moral, por vezes rude, por vezes violenta, mas sempre attrahente e util. Para os que estudam de perto os acontecimentos sociaes e se interessam pela critica historica, ainda este livro tem uma nova e picante significação: a satyra politica a personalidades eminentes da epocha e á psychologia de varios povos — Lilliput é a Inglaterra, e Blefusen é a França.

Emfim, as **Viagens de Gulliver** é um dos rarissimos e felizes livros que tem o condão de, atravez das edades, constituir sempre uma abundante nascente de recreio, de meditação e de instrucção, captivando pelo magnetismo d'uma imaginação adoravel, pela lição d'uma philosophia moral e social, pelo poder d'uma formidavel veia humoristica, quer a mulheres quer a creanças, tanto a espiritos d'uma cultura media, como a intellectuaes puros.

As **Viagens de Gulliver**, que acabam de apparecer á venda n'um volume profusa e magnificamente illustrado, impresso em typo novo e excellente papel, custam apenas **200 réis** em brochura e **300 réis** em elegante encadernação de percalina com ferros especiaes.

Livraria Ferreira & Oliveira L.da

EDITORES

132 — Rua do Ouro — 138

LISBOA

N.º 10

Abril de 1906

FERREIRA & OLIVEIRA L.DA — Editores

132, Rua do Ouro, 138 — LISBOA

Summario

MAGAZINE Pag.

OS SERÕES DAS SENHORAS (27 illustrações)

A MUSICA DOS SERÕES

Composto e impresso nas officinas do ANNUARIO COMMERCIAL, C. da Gloria. 5.

Correspondencia dos SEROES

COLLABORAÇÃO ESPONTANEA

Continua a affluir á redacção dos *Serões* grande copia de subsidios de diversa indole — artigos de informação e litterarios, poesias, photographias, etc. — que muito e muito cordealmente agradecemos.

Cumpre-nos todavia, mais uma vez, e bem a nosso pezar, resistir á natural impaciencia dos autores que desejam vêr em breve prazo publicadas as suas producções. A ordem da publicação obedece a varias circumstancias, que é muito difficil explanar minuciosamente, mas entre as quaes avultam a actualidade palpitante dos assumptos, a facilidade da illustração, a extensão dos artigos, conveniencias a que tem muitas vezes de ceder o passo a ordem chronologia. A propria collaboração encommendada é muitas vezes prejudicada por essas differentes exigencias, a que tem de sujeitar-se uma publicação d'esta ordem.

Eis a resposta que mais uma vez damos a frequentes reclamações e pedidos que nos dirigem, e cuja falta de satisfação não significa menos apreço pelos amaveis collaboradores dos *Serões*.

Isto não evita que insistamos pela remessa de artigos que estejam na indole da nossa revista, especialmente todos os que digam respeito a localidades, monumentos, episodios historicos, obras de arte, etc. referentes a Portugal, Brazil e colonias portuguezas Artigos ha, convem notar isto, a que circumstancias occasionaes ou qualquer das conveniencias apontadas poderão dar cabimento immediato, e que portanto não serão prejudicados pela ordem de inscripção, á qual nunca poderemos obedecer rigorosamente.

A PINTURA DE MALHÔA

N'este admiravel artigo, devido á penna brilhantissima de um mestre em critica de arte, Ramalho Ortigão, inserimos photogravuras de um grande numero de quadros do notavel pintor portuguez. A escassez de espaço não nos permittiu multiplicarmos ainda essa illustração, a que a fecundidade de Malhôa poderia dar proporções consideraveis. Mas occorre-nos lembrar que na 1.ª serie dos *Serões*, vol. II, pag. 302, se acha raproduzido o quadro *A volta da romaria*, o qual por esse motivo não reproduzimos de novo.

QUEBRA-CABEÇAS

Esta secção não terminou, como suppõem alguns dos nossos prezados leitores. Esperamos que um acrescimo de interesse nos leve a continual-a e nos compense dos embaraços produzidos pela falta de espaço. Por agora preenchemol a com uma parte importante, a dos problemas do xadrez, que um dos mais habeis xadrezistas portuguezes, o capitão de fragata Baldaque da Silva, se prestou amavelmente a dirigir.

Quanto ás charadas, de que alguns correspondentes nos rogam a publicação, repetimos o que já mais de uma vez dissemos tanto n'estas paginas como no cabeçalho da respectiva secção. Teem cabimento, juntamente com problemas de diversa indole, todas as que se recommendem pela novidade ou curiosidade do engenho Mas não poderemos ceder e espaço, que nos é precioso, a simples producções charadisticas, elaboradas segundo o ramerrão de ha cincoenta annos a esta parte, sem despertarem uma faisca de interesse intellectual ou sem se recommendarem pela sua feição litteraria,

SERÕES DAS SENHORAS

Algumas assignantes nos teem pedido firmas e monogrammas. Encontral-os-hão na nossa folha de moldes, correspondente a este numero, e entre elles os que nos foram designados especialmente por cartas.

Temos tambem recebido pedidos de moldes especiaes, a alguns dos quaes temos directamente satisfeito. Mas, como é avultado e trabalhoso esse expediente, muitas vezes nos reservaremos a satifazel-os com a publicação. na folha de moldes, dos que particularmente nos são requisitados.

As capas e encadernação dos "SERÕES,,

Os 6 primeiros numeros dos **SERÕES,** (parte propriamente do magazine) formam o 1.º vol. da 2.ª série — para a qual fizemos desenhar capas d'encadernação especial a preto e oiro — ao preço de **300** réis. **«Os Serões das Senhoras»** e a **«Musica dos Serões»** só formarão volumes no fim do anno, 12 numeros e para elles faremos tambem pastas especiaes.

Os nossos estimados assignantes das terras da provincia onde não haja encadernador podem enviar-nos os 6 numeros para encadernar — juntamente com a importancia do custo da capa 300 réis, empaste 100 réis e porte 100, ou seja réis 500, — e dentro de 4 dias receberão o volume encadernado.

O maço dos 6 numeros a enviar-nos deve ser muito bem embrulhado em papel consistente e atado com cordel forte, para que os numeros não soffram com a viagem. O pacote assim feito deve estampilhar-se com 80 réis de sellos — e ser dirigido a

FERREIRA & OLIVEIRA L.DA

Rua do Ouro 132 a 138 — LISBOA

indicando o endereço e o nome do remettente.

O 1.º semestre encadernado da 2.ª série dos **«SERÕES»** forma um bello volume de 600 paginas, com mais de 600 gravuras, ao preço de Rs. 1$600; — e se já os numeros avulso dos **«SERÕES»** se evidenceiam pelo cuidado e quasi luxo da parte material e reduzido preço — o volume completo mais mostra que os **«SERÕES»** são a publicação relativamente mais barata que se tem feito em lingua portugueza.

Poock
POOCK
CASA CLAUSEN
RIO DE JANEIRO

Chamamos a attenção para as condições dos annuncios, que inserimos na capa dos Serões.

Veja-se na capa dos Serões, os preços e condições dos annuncios.

SERÕES

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Aurora — Revista mensal de critica social e literatura — Num. 8-9 Anno 1 — Summario — Leis positivas e leis tendenciaes, *P. Robin* — Sobre a vida e o gozo de viver, *F. Armand* — O principio de organisação, *H. Malatesta* — Mas alguem desmanchou a festa, *L. Marsolleau* —Lingua internacional, *C. Papillon* — O problema da immigração, *N. Vasco* — As prisões, *P. Cropotkine* — Volta ao mundo em 3o dias, *Lucifer* — Folheando a imprensa, *H. Dagan* — El Hombre y la Tierra — Bibliographia, *G. A. Frontini* — Registo d'entrada — Notas e avisos.

A Critica Litteraria — Publicação mensal primeira e unica no genero nos Estados Unidos.

A Vinha Portugueza — Revista mensal de viticultura, de agricultura geral. — Dedicado aos progressos agricolas, e principalmente viticolas, do paiz.

O Instituto — Revista scientifica e litteraria — Volume 53.º, n.º 3, março de 1906.

Boletim da Associação do Magisterio Secundario Official — Anno II — Março a Abril de 1906 — Fasciculo X. Summario — De sobre aviso — O caso do Lyceu de Braga — Analyses Bibliographicas — Os novos Lyceus de Lisboa e Porto — Os nossos mortos — Varia — Legislação — Bibliographia.

O Comentario — Revista mensal, publicada no Rio de Janeiro para divulgação de todos os acontecimentos que interessem á historia da Civilisação no Brazil — n.º 12 — serie III — Abril de 1906.

Guia da cidade do Rio de Janeiro — Por *Paulo Pessoa*, engenheiro civil — Publicado no Rio de Janeiro pelo 3.º Congresso Scientifico Latino-Americano.

Illustração Theatral — n.º 2 — 1 Abril de 1906. — Summario — Emilia d'Oliveira — De raspão — Os teus beijos — Novo barytono portuguez — Paga dobrada — Zigs-Zags — Chronica lyrica — Descantes — Pagina internacional — Qual é a actriz portugueza mais bonita — *Concurso*.

A Instrucção do Povo — Publicação mensal da Associação de Escolas Moveis pelo Methodo de João de Deus — Anno I n.º 8 e 9.

La Lecture — Revista de ciencias y de artes — Año VI — Abril de 1906 — Num. 64.

Lyrios Roxos — Primeiros versos — *Affonso Schmidt* — Com retrato do autor — Uma carta ás leitoras — Summario — Portico, Lyrio Rubro, Flor do Circo, Semelhança, Canção d'um triste, N'um leque, Cavalleiro da noite, Sarau, Lyrio, A voz do sino, Cigarra, Versos á Maria, Si..., Quando passas, Branca de Neve, Eil-a!, N'um album, Nevrose azul, Romantismo, Canção d'alma, Meia noite, Sorriso, Profissão de fé.

Os Annaes — Revista Brazileira n.º 77 — Anno III — 12 de Abril de 1906 — Semanario de Litteratura, Arte, Sciencia e Industria.

Portugal Agricola — Dedicado aos interesses, fomento, progresso e defeza da lavoura na metropole e nas colonias — 17.º anno n.º 8 — 15 de Abril de 1906.

Renascença — Anno III, n.º 25 — Março de 1906 — Revista mensal illustrada — Editores proprietarios *E. Belivacque & C.ª* — Rio de Janeiro — Summario — Uma lenda litteraria, *José Verissimo;* Haeckel, *Thiago Guimarães;* Ignotos, *Dr. José Goes e Sequeira;* Biblis, *Carlos da Maia*; O Fogo, *Coelho Netto;* O Pharol, *Victor Silva*; Bristo, *Rodrigo Octavio*; O corsario, *B. Paranapiacaba;* Alta Equitação, *Dr. Pires d'Almeida;* O livro da morte, *Cunha Mendes;* O Gil, *Domingos Ribeiro Pinho*; O que me disse a musa, *Mario Alencar;* O Pescador e as Sereias, *Coelho Netto;* Lyrica Ero-Archaico, *Dr. Pires d'Almeida*; Chronica Musical, *Iwan d'Hunac-Elorhard Brand.*

Revista de Manica e Sofala — Publicação mensal illustrada — 3.ª serie — Maio de 1906 — n.º 27.

Revista de Minas — Commercio, industria e lavoura — n.º 1 — Março 15 de 1906 — Proprietario *Raul Mendes* — Bello Horisonte.

Revista Portugueza — Colonial e Maritima — n.º 100, 9.º anno — 20-1-906 vol. 170 — *Ferin & C.ª* — Lisboa — Summario — Porto de Lourenço Marques, A Educação Naval em Inglaterra. Reorganisação das Esquadras Inglezas, Sul de Angola, Notas Navaes, Revista Ultramarino — Livros e publicações periodicas recebidas, Informações commerciaes.

Revue d'Italie — Directeur: *H. Mereu* — Summaire — Un dernier mot sur la conférence, *Un Ancien Diplomate;* Rabelais á Reme (Suite et fin), *Aurelio Stoppolani;* Les correspondants du Peintre Fabre, *Léon G. Pelissier;* L'exposition de Milan, *R. di Sanl'Ambrogio;* Cans de Rome, *Italo;* Chronique des lettres et de arts, *M. d'Albola;* Notes économiques, Bibliographie, *La Finance et la Bauose.*

Sociedade dos Architectos Portuguezes — Anno I — Annuario de 1905 — Summario — Trabalhos associativos, Biographias, Interesses geraes de classe, Assumptos technicos, Legislação, Varia.

Sol — «*Fléxa Ribeiro*» — Edição de A. M. Teixeira, Lisboa — POESIAS — Summario — Symphonia de luar, Alvorada, Meio-dia, Eclipse, Poente.

União Velocipedica Portugueza — Boletim official — n.º 12, 2.º anno — Março de 1906.

Estudo para o quadro
Barbeiro na aldeia

JOSÉ MALHÔA

OS OLEIROS

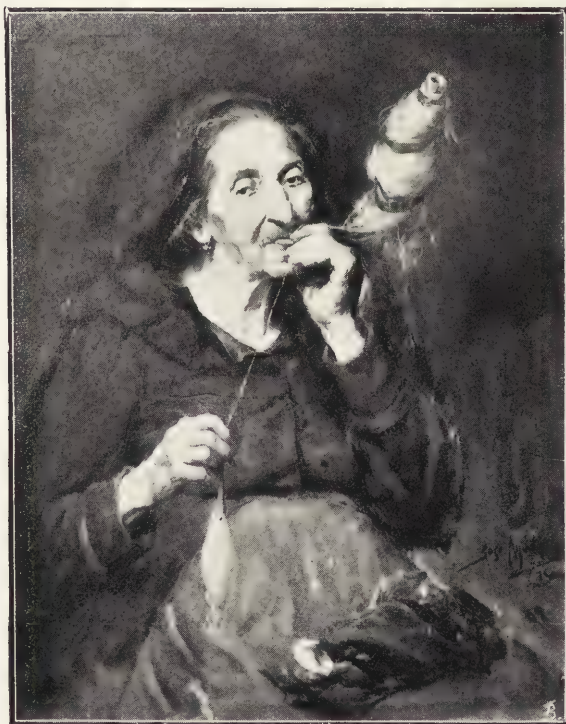
A Pintura de Malhôa

CABO de visitar a officina de José Malhôa, incluida na linda casa artistica, de que elle é morador e o proprietario feliz, em uma das mais desafogadas e luminosas avenidas da nova Lisbôa.

O predio, engenhosamente concebido e delineado para abrigar n'um recinto meigo a intimidade carinhosa da familia e da arte, destaca-se das edificações adjacentes, conciliando-se todavia modestamente com a luz, com o espaço, com a paizagem e com a urbanisação ambiente.

Ao centro da fachada, um grande arco envidraçado, por onde amplamente penetra a luz do atelier; a um lado, em ligeira curva, a breve escada de pedra alpendrada, que conduz á portinha da entrada; em frente, fechado por uma gradaria de ferro forjado, o pequeno jardim arrelvado, rescendente, florido de geranios e de violetas, offerece a esta vivenda, d'artista arranjado, uma accessibilidade jovial e discreta, que fica bem ao espirito do dono e á civilisação esthetica da cidade, trazendo á lembrança, ainda que sob a attenuação do meridiano local, as risonhas habitações de Claude Monet em França, de Leys na Belgica, de Querol ou de Sorolla em Madrid.

Interiormente, no primeiro plano do edificio, succedem-se, independentes, recolhidos, com o modesto conforto, e a ordem bem pregadinha de um *béguinage* flamengo, os apartamentos intimos da familia: o salãosinho conversador; a amigavel casa de jantar festivamente illuminada pelos tons d'ambar, de rubi e de turqueza da vidraça em luneta, de paizagem polychromica; a casa de banho em nikel resplendente; a pequena cosinha de faiança branca engrinaldada em friso pela bateria de aluminium. E, ascendendo a um lado, em frente da porta de entrada, como um envolvente festão de carpette vermelha riscada de varetas de cobre polido, a escada que sobe á vasta officina do artista, corrida a toda a largura do andar superior.

RETRATO DO SR. D. ANTONIO ALVITO

VELHA FIANDO
(Premiado na exposição de Madrid)

Aqui me appareceram reunidos, devidamente emoldurados, promptos para a embalagem do transporte, mais de cem quadros e cerca de outros tantos desenhos, que Malhôa destina á exposição que vae brevemente effectuar no Rio de Janeiro.

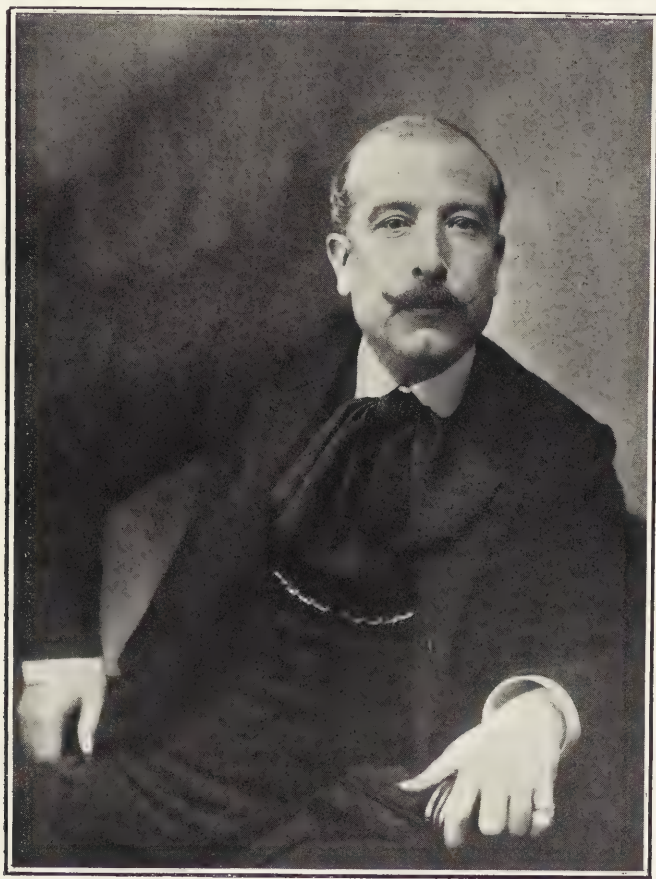
A area d'esta consideravel producção é bastante variada e extensa para que d'ella se possam deduzir os *caracteres essenciaes* do pintor que a concebeu. A serie abrange quasi todos os generos: o retrato, a pintura historica, a pintura mural, a pintura de genero e a paizagem.

Os retratos grandes e os episodios historicos destinados á decoração official de alguns edificios publicos figura-se-me constituirem

desenvolvimentos accessorios da aptidão d'este pintor. Tambem na Hollanda Berchem, Wouwerman, Metsu e Paulo Potter se metteram em tão volumosas composições como as de Rembrandt, de Franz Hals e de Van der Helst; mas são os seus minusculos quadrinhos que os immortalisam, e é como *petits-maîtres* na pintura que elles são verdadeiramente grandes na gloria.

O vasto campo em que fundamentalmente se exerce a acuidade visual de Malhôa, a vibratibilidade do seu sentimento, a fecundidade da sua veia, a bella irradiação do seu talento, é a paizagem.

É o seu modo de conceber a paizagem perante a contemplação da terra portuguesa, de seleccionar os assumptos, de submetter a technica á exteriorisação de determinados effeitos psychologicos por meio de correlativas combinações de linhas, de luz e de côr, que especialisa a sua obra e a distingue da dos seus mais illustres predecessores na interpretação plastica da vida rural da nossa terra e do nosso pôvo — Silva Porto e Arthur Loureiro.

Os dois eminentes artistas a que me refiro (um d'elles, Loureiro, ainda felizmente vivo e em plena força de trabalho) terão, creio eu, de ser considerados

O PINTOR JOSÉ MALHÔA

(Photographia de Arnaldo da Fonseca)

O REGEDOR

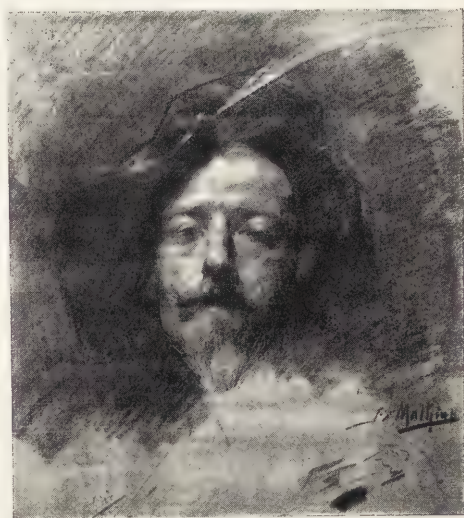
na historia da arte do nosso tempo como os iniciadores e primeiros mestres da paizagem em Portugal. Intimas analogias os relacionam um com o outro. São ambos do Porto, da terra verde e montanhosa, das empinadas e musgosas azinhagas, dos campos de milho quadriculados pelas videiras de enforcado, dos pinheiraes, das azenhas, das aguas murmurantes, das translucidas neblinas e das lindas raparigas de olhos azues e tranças louras. Ambos essencialmente minhotos, inclusos, sentimentaes e nostalgicos. Ambos conjuntamente educados em França, pintando em Fontainebleau com os impressionistas do tempo, na convivencia dos grandes mestres, de Barbison, Corot, Daubigny, Troyon, Diaz, Millet. Emfim ambos mais ou menos achacados do peito, pertencendo como taes á categoria d'aquelles predestinados *doentes de infinito* no agiologio da arte, em que Manclair compreende por symptomas communs de nostalgia poetica, de nervosidade exacerbada, de ternura febril, de insaciabilidade ideal e de melancolia mystica, certos privilegiados temperamentos como o de Wateau na pintura, o de Verlaine na poesia, o de Mozart, de Chopin e de Schubert na musica.

Loureiro e Silva Porto são sempre, atravez das suas mais hilariantes symphonias de côr, dois delicados, dois contemplativos, dois sonhadores.

De uma vez, no atelier de Silva Porto, achando-nos em frente de uma tela em que o artista virgulava por glacis uma afinação de tons numa paizagem sombria, tristonha, quase dolorida, representando um desolado trecho de charneca, ao sol posto, num céo glauco e duro, uma senhora perguntou-lhe:

— Porque escolheu um ponto tão deshabitado, tão triste, e, sinceramente, tão feio?

Silva Porto, de paleta e pinceis na mão esquerda, dentro da sua grande blusa de linho, o rôsto afogueado, os olhos baixos, torcendo o bico da barba, respondeu na sua velada voz, enrouquecida, mas concludente:

— Escolhi este ponto feio porque o acho lindo.

RETRATO DO SR. D. ANTONIO ALVITO

Nunca Malhôa concordaria com semelhante criterio d'opção. Repugnam-lhe as melancolias crepusculares, as harmonias das sombras, os extacticos silencios da natureza immobilisada, o vago somnambulismo das coisas parecendo quererem ouvir no ar a aza do anjo invisivel que passa, a campina enluctada, a contra-luz, tão predilecta de Millet, os nocturnos elegiacos, as symphonias em branco ou os caprichos em negro de Whistler. O que invade, o que alicia, o que arrebata o seu carnal temperamento, à Jordaens, à Teniers, à Van Ostade, à Goya, à Claude Monet, são as positivas, esplendentes e radiantes exterioridades do mundo. É particularmente a vida dos campos, farta, simples, lidada e festiva, toda de fóra, a que hypnoticamente o atrae, como o trapo côr de sangue, desfraldado ao sol, em labareda, atrae o touro sôlto.

APOTHEOSE DE BEETHOVEN

Salão de musica do sr. Lambertini

Chamei-lhe um paizagista, e elle o é por certo; como porem, pelo seu instincto de sympathia e de sociabilidade, o que mais o interessa na natureza é o homem, oprime-o a solidão, precisa de chamar gente, de tocar a busina ou de tanger o sino de socorro para que se complete a expressão do sitio pela concomitante physionomia do habitante. Assim, não podendo ser descritivo sem ser tambem anecdotico, elle é conjuntamente e cumulativamente tanto um pintor de paizagem como um pintor de genero.

O campo da Extremadura portugueza, tão especialmente suave e pingue, levemente outeirado, de uma grande egualdade de temperatura, longamente alfombrado, ora de verde ora de louro por ondeantes cearas como nas Lezirias, profusamente matisado d'hortas, de pomares, de vinhas e de olivaes, opulento de producções celebres como o azeite de Santarem, os vinhos famosos de Bucellas, de Torres, de Collares, de Carcavellos, do Lavradio, o mel, os lacticinios e as frutas proverbiaes do termo d'Alcobaça e das varzeas collarejas, este privilegiado campo, abundante e prospero, onde a mais humilde cabana tem todas as telhas e todos os vidros que lhe são dados, onde quase

não ha pobresa, e onde todo o trabalho parece sorrir como nas eclogas de Diogo Bernardes ou de Sá de Miranda, ninguem mais intimamente do que Malhôa o conhece, ninguem mais profundamente o ama, nos seus aspectos pittorescos, nas suas tradições, nas suas culturas e nesses usos e costumes provinciaes dos quaes disse Henri Martin, quando veio cá, que o estudo do presente é aqui tão curioso como o de uma edade antiga.

A obra paizagistica de Malhôa, sufficientemente representada nesta exposição, forma no seu conjuncto, um fiel traslado da nossa vida rural, lembrando pela similaridade do seu intuito a epopéa lapidar de Constantin Meunier consagrada á glorificação do trabalho industrial da Belgica.

Atravez de algumas dezenas de variadas composições desfilam nos quadros deste pintor quasi todas as fazes da vida dos campos e das casas rusticas do coração de Portugal: — a lavra, a sementeira, a monda, a ceifa, a debulha, a empa, a poda, a vindima, a pisa, a trasfega, a faina da eira e do lagar, os grandes acontecimentos domesticos, o baptisado, a boda, o mortorio, a matança do pôrco, a prova do azeite e do vinho novo, a extrema-uncção, a intriga eleitoral; e, acima de tudo, a vigilia e a festa do orago da freguezia, o sermão, a missa cantada, a romaria, o arraial, o repique dos sinos, o estrondear dos foguetes e dos morteiros, a feira do gado, as barracas de comes-e-bebes, a philarmonica, o bombo e a caixa de rufo, as merendas na herva ou debaixo das azinheiras, o chiar do peixe frito, o revolver das saladas, o desatar dos ôdres e o espumar do vinho nos picheis, a guitarrada gemebunda, o suspirado solo do fado, os titeres, os descantes, os bailaricos; emfim, a procissão, entre os efluvios do incenso, com o seu pendão enfunado á frente, os mesarios de opa encarnada, o juiz com a sua vara, o andor bambaleante da Senhora, e ao fundo, sob o pallio, nas mãos tremulas do velho parocho, envolto no seu veo d'hombros sobre a capa d'asperges, a custodia com a sagrada formula, circumdada de esmeraldas e rubis, por entre a multidão ajoelhada no chão tapetado de alecrim, de rosmaninho e de funcho; e, cobrindo tudo, a infinita cupola do ceu azul, por toda a parte esburacado pelos artificios pyrotechnicos, sarjado pelas canas dos foguetes, estralejado

ESTUDO PARA O QUADRO

«Apotheose de Beethoven»

O AZEITE NOVO

pela explosão das bombas, cuspinhado de errantes borrões de fumo.

Percebe-se bem na obra de Malhôa que serão estes os dias grandes da sua vida. Ao esperal-os, pensando nelles, lhe luzirá d'alegria o ôlho avido, e, uma vez chegada a festa, é indubitavel que elle amanhecerá no adro com as primeiras queijadeiras do arraial; que presenceará a inicial cambalhota ainda

ESTUDO PARA O TECTO DO GABINETE REAL, NA ESCOLA MEDICA DE LISBOA

somnolenta dos sinos para o repique da alvorada; verá descarregar a primeira carreta dos melões; ajudará a desenhar e a armar o arco de murta em frente do cruzeiro; verá subirem para o côro os timbales e o rabecão da musica; verá chegar o prégador, o fogueteiro e a caleche com a familia do fidalgo; felicitará depois das suas variações o cornetim da philarmonica; ajudará de tenôr aos motetos da missa; irá d'opa a um dos ceriaes ou a uma vara do pallio; e, só de noite, sob o sete-estrello, pela estrada silenciosa e branca de luar, elle voltará para casa com a memoria e o album d'algibeira

NO FORNO

BARBEIRO NA ALDEIA

ESTUDO PARA O QUADRO «A CÓRAR A ROUPA»

pejados de esfusiantes croquis, repisado de ruido, deslumbrado de luz e de côr, em companhia dos ultimos feirantes e dos ultimos romeiros, retardatarios, claudicantes, de cabeças entrapadas por effeito dos percalços traumaticos da bebida ou do amôr.

Na composição technica de toda esta serie de alegres, maliciosas ou commovidas anecdotas, nenhum esoterismo de processo, nenhum duplo sentido, nenhuma casuistica, nenhuma ambiguidade. Desta zona da obra de Malhôa se pode dizer o que pouco mais ou menos dizia Burger de certos hollandezes da mesma indole: sabe-se claramente de que se trata, em que logar do paiz e em que estação do anno se está, que dia é, e quantas horas são.

O processo chamado *do natural* está aqui comprehendido á letra e observado á risca. Vê-se que do trabalho de Malhôa se excluiu, como deveria excluir-se de toda a creação artistica, o modelo pago á tanto por hora para consecutivamente representar aos olhos do pintor, mais tarde aos do publico ingenuo, o porte, a figura e o gesto de um principe, de um burguez ou de um mesteiral, ou seja Cezar passando o Rubicon, Socrates bebendo a cicuta ou o Filho Prodigo guardando os seus bacorinhos. O modelo assim comprehendido é o mais inverosimil dos fingimentos, encobrindo uma falsificação tão condemnavel na arte como é no commercio a do vinho sem vinho ou a do leite sem leite. Malhôa satisfaz rigorosamente a clausula de Violet-le-Duc, que não considera desenhista senão aquelle que sabe desenhar com a vista, e tem na memoria as formas, assim como o escriptor tem os vocabulos dos objectos que vê. Os seus personagens são extrahidos, ou de memoria ou por series de rapidos apontamentos graphicos — de que dão testemunho os innumeraveis desenhos dos seus albuns e das suas pastas, — do vivo da acção que a sua pintura se destina a reproduzir. Esses desenhos são notaveis de facilidade, de precisão e de elegancia, assignalando o auctor como um dos mais completos discipulos de Simões de Almeida, o insigne mestre, que a Escola de Bellas-Artes de Lisboa, na lapide commemorativa que um dia houver de consagrar-lhe, poderá justamente qualificar acrescentando ao seu modesto nome este simples desenvolvimento — *aquelle que nesta casa fundou a sciencia do desenho.*

Destes recursos de technica e deste methodo de composição resulta a feição culminante, especialmente caracteristica na obra d'este pintor — a eloquencia da sua mimica, tão assignalada, por exemplo, nos quadros intitulados *O azeite novo*, a *Chegada do Zé Preira*, *O Barbeiro*, *A volta da Romaria*.....

A CÓRAR A ROUPA

No patim da escada que leva ao atelier na casa do artista, pende do muro, creio que como aviso previo, como bitola ou como regra preambular, uma bella reproducção phototypica do incomparavel quadro de Rembrand *Os syndicos dos mercadores de pano*. D'esta chamada retrospectiva da minha memoria ocular para um typo de pintura em que tão fundamente se embeberam os meus olhos no museu de Amsterdam, resultou talvez que, por um effeito de involuntario confronto, a côr de alguns quadros de Malhôa me parecesse hyperesthesica no seu registo de tonalidades, na sua instrumentação dos valores, no brilho symphonico das suas juxtaposições e dos seus contrastes chromaticos.

È possivel que a minha impressão tivesse sido outra se eu tivesse pensado na *Ronda da noite* em vez de somente me lembrar dos *Syndicos*.

Bem capcioso elemento o da côr na pintura! A *Ronda*, por exemplo, dá-nos o effeito de toda a escala do spectro solár. Os *Syndicos* são um simples acorde de quatro notas, com os seus sustenidos e os seus bemoes, em castanho e bistre. Ha um anno vi em casa de Sorolla dois quadros de curioso contraste. Um delles representava um laranjal de

COCEGAS

Valencia coberto de fruto e envolvido em sol. O outro era o retrato do pintor Beruete, em tamanho natural, corpo inteiro, todo vestido de preto. Este homem, de lucto pesado, sentado numa poltrona, segurando um chapeu de feltro preto nas mãos calçadas em luvas pretas, pareceu-me tão intensamente colorido como o laranjal faiscante de verde e de amarello sobre um fundo de anil.

Este effeito provem do poder da luz, unico inilludivel, soberano dominador de toda a composição pictorica. Differentemente do que se dá na physica, em que a luz e a côr são phenomenos associados, um resultante do outro, na pintura elles são consequencias distinctas de combinações diversas. Por isso o bravo e desditoso Monticelli, o mais portentoso colorista da moderna pintura franceza, dizia, nessa lingua composita e synesthesica, a cuja bastardia se não pode deixar de recorrer na critica d'arte, que na pintura o desenho, a perspectiva e a côr são como na opera o côro, o acompanhamento, o enredo e o maquinismo; *a luz é o tenôr*. Para os polyphonistas da musicalidade e da dramatologia lyrica moderna a frase de Monticelli, um tanto antiquada e rossiniesca, poderá parecer ambigua. Creio que o que elle quiz exprimir é que na gamma da paleta a luz é o *dó sustenido*, do peito. Tudo mais são gradações de esforço e de insufficiencia organica. A luz é a meta dos coloristas. O trage dos homens do campo nas provincias do sul de Portugal, trage com tão amoroso escrupulo estudado por Malhôa, restringe a pista da meta a que me refiro á mais sobria relacionação de tons quase monochromaticos.

Ainda ha pouco o grande pintor John Sargent, de viagem em Portugal, me dizia: — O homem do povo no Alemtejo e na Extremadura portugueza é, no ponto de vista da pintura, o homem mais lindamente vestido do mundo. Com a cara rapada, a tez morena e córada, de calça e jaqueta de um espesso castanho amelado, a camisa do mais bello branco, a cinta negra, e o chapeu negro mate, de aba arregaçada por um debrum de veludo, todos me parecem trajados por um figurino pintado por Velasquez.

Caberá a Malhôa como colorista corroborar demonstrativamente a tão justa observação de Sargent.

É de notar que a tão especial tonalidade, pardo alambreada, que apresentam vistos ao sol os extremenhos e os alemtejanos a que Sargent se refere, é como que o filtro dominante em que muitas vezes se embebe o pincel de Columbano. D'essa tão especial e subtil noção, consciente ou inconsciente na intenção do artista, provem o quase indifinivel encanto, o sortilegio de côr, que em alguns dos melhores retratos d'este artista nos captiva e subjuga.

ESTUDOS PARA O QUADRO «COCEGAS»

Malhôa é moço e dispõe da mais rara força d'applicação e de trabalho. Pinta sorrindo e cantando, quotidianamente, de sol a sol, e pinta com a mesma espontaneidade e o mesmo doce fluxo de seiva com que as plantas dão flor. Expoz seis ou sete vezes no *salon* em Paris, e, por proposta da Sociedade dos Artistas Francezes, foi lhe conferida a cruz da legião d'honra.

Constantin Meunier, a quem já me referi, contava 69 annos d'edade, tinha a serena consciencia da lesão mortal que lhe tocara o coração, e era já illustre e consagrado, quando corajosamente emprehendeu a tarefa monumental da sua obra definitiva, essa glorificação epica do trabalho do povo belga, hoje uma das mais altas expressões do genio contemporaneo. Malhoa tem deante de si todo o tempo, e não o desaproveitará de certo, para proseguir e levar até á apotheose final os seus fastos da vida do campo na sua terra.

Esta simples circumstancia: ser, como elle, sinceramente, convictamente, enternecidamente *da sua terra,* é já uma condição fundamental do exito. A decadencia miseravel das manifestações da arte contemporanea deve-se principalmente á impersonalidade vergonho-

ESTUDO PARA O TECTO DO GABINETE REAL NA ESCOLA MEDICA DE LISBOA

O tecto foi reproduzido no n.º 9 dos *Serões* no artigo sobre *O congresso de medicina em Lisboa.*

sa, á decapitante rasoura snobica das nossas penetrações cosmopolitas. Assim nas conclusões tão superiormente didacticas d'esse admiravel *congresso d'arte publica,* ultimamente pela terceira vez reunido em Liège com o concurso de todos os paizes civilisados, se insistiu particularmente neste principio: Renovar por toda a parte as tradições nacionaes e ethnologicas é assegurar o poderoso renascimento da capacidade humana, libertando-a do esterilisante cosmopolitismo que hoje tende nefastamente a regular todos os movimentos não só do espirito mas do coração das gerações novas.

Determinar fazer uma exposição d'arte no Rio de Janeiro, levando os seus quadros ao mercado brazileiro, é outro auspicioso indicio de sabia orientação. Pretender, pelo mais falso espirito convencional de casta, desaliar da questão de dinheiro a questão d'arte é penetrar no dominio da pura fantasia, pondo de parte toda a lição da historia. Sempre, invariavelmente, em todas as nações, atravez de toda a trajectoria da civilisação, os destinos da arte se filiaram nos destinos do commercio. Nos paizes com cuja civilisação mais estreitamente se relaciona a civilisação portugueza, durante a edade media e a renascença, na Borgonha, em Flandres, na Italia, na Allemanha, o commercio foi sempre adeante, creando a riqueza, fundando a cultura, permutando mercadorias e ideias, e difundindo dinheiro. Os artistas seguiram logicamente os mercadores. E sempre as grandes epocas da arte coincidiram com as grandes epocas da riquesa publica.

Filippe o Bom, sob cujo governo a arte da pintura tocou pelos pinceis de Van Eyck e de Memling a meta da perfeição a que anteriormente não chegára nunca e que jamais se ultrapassou depois, é o primeiro potentado do seu tempo, o alto suserano feudal que todos os magnates de França e dos Paizes Baixos se comprasem em ter por chefe. Os que não são seus vassalos — diz Michelet — não querem egualmente deixar de submetter-se-lhe, considerando-o o supremo pontifice da honra, do pun-

ESTUDO PARA O QUADRO «A VOLTA DA ROMARIA»

donôr e da cavalleirosidade. Se o rei de França tem contra o duque a sua jurisdição, o duque tem sobre todos os grandes senhores uma acção consideravelmente mais poderosa e mais decisiva, a do tribunal de honra do Tosão de Ouro, de que elle é o arbitro. Ora todo o poder enorme de Filippe tem por base a portentosa riqueza dos seus burguezes e o admiravel trabalho dos seus mesteiraes, a guilde e a halle. O proprio carneiro, que pelo seu velo dá o nome á ordem de mais prestigio e de mais força aristocratica que jamais existiu, o que é senão o symbolo, consagrado no polyptico de Gand, da riqueza flamenga proveniente do commercio da lã no mercado de Bruges?

A pintura portugueza, que no seculo XVI attingiu um limite de maestria nunca mais alcançada, deriva inicialmente da influencia de Flandres, travada não só pela alliança conjugal do duque de Borgonha com a excelsa filha de D. João I, irmã dos altos infantes de Portugal, no começo da gloriosa dynastia de Aviz, mas tambem pela preponderancia dos nossos descobrimentos sobre os destinos commerciaes do mundo. Essa pintura manteve-se durante perto de um seculo pela riqueza dos nossos negociantes, que juntamente com os de Hespanha vendiam em Anvers as especiarias da India, os diamantes e as pedras preciosas, as lãs então preferidas ás de Inglaterra, as uvas, as laranjas, as amendoas, os vinhos do Porto e do Xerez, e compravam para introdusir no reino gado, laticinios, peixe salgado, tecidos e objectos d'arte. Só o commercio das especiarias attingia a somma annual de 4 mil contos na Casa de Portugal em Anvers. Os nossos feitores habitavam sumptuosos palacios que os grandes artistas ornavam com a profu-

ESTUDO PARA O QUADRO «CHEGANDO Á CEIA»

são das suas obras. Pelo seu luxuoso teor de vida elles hombreavam com os famosos capitalistas do tempo, os Fuggers e os Medícis. Um d'elles, Manoel Cyrne, do Porto, não querendo que o cheiro da turfa molestasse o olfato dos seus convivas em dias de recepção, mandava queimar canella nos fornos da cosinha e em todas as chaminés da casa. Era por meio d'estes numerosos agentes de grosso commercio e de alta elegancia que D. Manuel encommendava esculpturas a Veit Stoss, D. João III mandava lavrar por Miguel Angelo uma estatua da Senhora da Misericordia e fazia cinselar por Benvenuto Cellini a sua espada, emquanto o infante D. Fernando tinha como intermediario Damião de Goes para a compra dos seus livros, das suas illuminuras e das suas tapessarias.

A arte, em summa — e parece-me util que esta singella noção entre no convencimento de toda a gente — é pe-

rante as transações sociaes um simples artigo de luxo,—luxo dispendiosissimo porque a joia d'arte é a unica em que o valor da materia prima é nulo. Tudo é feitio, e o seu preço é enorme. A arte custa ao estado em França vinte milhões de francos. Não custa menos á Inglaterra e á Allemanha. Um retrato por John Sargent paga-se por vinte contos. Um bom tapete persa custa em media quinze contos. Os herdeiros de um amigo de Chardin a quem o pintor pregara na parede da mais modesta casa de jantar no campo quatro pequenas telas, lembrança d'amisade considerada de nenhum valor, refugo de uma encommenda que lhe fizera a Dubarry, alcançaram recentemente uma fortuna vendendo a um milionario americano essas quatro naturezas mortas e durante cem annos esquecidas. Este luxo, defeso aos homens e aos paizes pobres, é obrigatorio para os paizes e para os homens ricos. É pelo gosto e pelo culto da arte que, em todas as sociedades e em todos os tempos, se desmaterialisa, se justifica e se enobrece a riqueza.

RAMALHO ORTIGÃO.

A PROCISSÃO

Castellos
do Norte de Portugal

De como se organisava a defeza territorial do paiz durante a Edade Média.

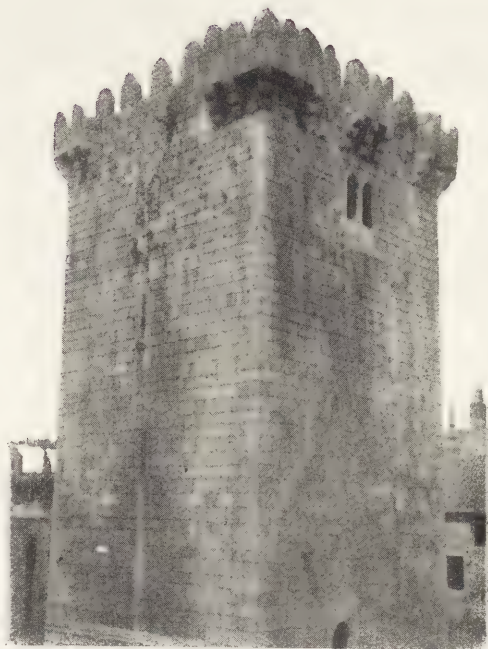
Depois da conquista, povoamento e cultura da terra foi a sua defeza o que, largamente e com ancia, preoccupou o espirito d'uma alta previdencia administrativa dos nossos primeiros monarchas.

Visto que a instabilidade social da Idade Media o exigia, repetiu-se então, mas sem a enternecida e carinhosa poesia dos ritos que a religião inspirava no mundo antigo, a pratica de levantar, em volta de cada burgo formado, o cinto de muralhas defensivas. Estas couraças de cantaria, espessas e bem consolidadas, rasgavam-se d'onde a onde para permittir a communicação com o exterior por meio das levadiças lançadas sobre o fosso de resguardo, e interrompiam-se aqui e alem nos cubellos que as reforçavam.

Dentro do perimetro assim vedado em que se abrigava uma cidade ou uma villa, havia ainda o reducto procurado, com tumulto e alvoroço, na hora amarga e extrema do perigo.

Por vezes não havia povoado, mas apenas um ponto de importancia estrategica a proteger. Então surgia estrictamente o castello, alcandorado e dominante, atalaiando o horizonte com os seus muros e torreões, cauta e sagazmente dispostos, n'um selvagem arreganho d'ameias, soba imponencia arrogante da elevada torre de menagem.

Mas nem só povoações e logares de vigilancia cumpria assegurar n'esta epocha em que os vultos da nobreza, ordens monasticas e principaes dignidades do clero assumiam, sob todos os aspectos, tão extraordinaria preponderancia na vida publica da nação.

Defenderam-se pois mosteiros como o de Leça do Balio, conventos como o de Travanca (Amarante) e casas nobres como a de Penegate, do 1.º quartel do seculo XIV, o Paço de Giella restaurado no seculo XVI (Arcos de Val de Vez) etc. etc.

TORRE DE MENAGEM DE BRAGA

Cliché de João San Romão

Certo é que, atravez do paiz, já o sarraceno para o sul, como em Santarem, e antes o legionario, como em Braga, e o luso romano, como em Castro Laboreiro, haviam cercado de muralhas protectoras os seus *habitats* com o maior interesse e attenção, sendo mais tarde porém reformados e modificados pelos dynastas affonsinos, que manifestaram assim o reconhecimento da mesma, senão mais intensa, necessidade que distantemente as motivara.

Mas acima d'este interesse restricto e assaz circumscripto, surgiu o do aggregado collectivo em cuja formação se puzera o mais apaixonado ardor e o mais porfiado empenho.

A terra commum, a terra patria, para cuja consolidação e integridade todos haviam contribuido com o mesmo esforço desinteressado, suscitando a communhão affectiva no ideal que fundamenta a vida d'um povo, não podia ficar aberta e exposta á plena mercê do desejo audaz e rapace de qualquer invasor.

D'aqui derivou a pormenorisada solicitude, o constante cuidado com que se postaram rijas e altivas sentinellas de pedra ao longo da fronteira, não só onde houvesse povoados consideraveis como Bragança, Montalegre e Miranda, mas assignaladas posições estrategicas

de repulsa como Valença, Monsão, Melgaço, Lindoso e Castro, ou pontos de facil accessibilidade ás incursões do inimigo como Lapella e Caminha.

Ao correr do littoral não seria o receio tão radicado e oppressivo, salvo em nucleos de grande importancia commercial e industrial como Porto e Vianna do Castello.

Foi pois pela raia secca que com mais insistencia e tenacidade se cuidou de proteger o paiz e é ainda agora ahi que mais frequentemente se nos deparam as melhores sobrevivencias dos velhos baluartes medievos, aquelles monumentos depois dos religiosos, que mais vivamente traduzem e suggerem essa epocha cavalleirosa e lendaria.

Não lograram porem esses exemplares da nossa architectura militar o

MOSTEIRO DE LEÇA DO BAILIO

respeito e o acato das gerações, desde que os meios de guerra se volveram outros. Dado o rebate da sua inutilidade, começaram a ser ultrajados pela brutal ingratidão dos homens, a cujos antepassados tão prestimosos haviam sido, pois que d'alma estreita e pusillanime os transformaram em calçadas, paredes e vivendas, ou os aluiram n'um passatempo da mais inaudita imbecilidade. As corporações administrativas, padecendo geralmente do morbo da ignorancia, teem consentido ou provocado taes sevicias. O poder central continua impassivel a taes affrontas da historia e da arte, quando não as patrocina, como succedeu ultimamente com a vetusta cidadella de Braga, que foi despojada d'um lanço da muralha e dos seus dois cubellos delimitantes, restando-lhe apenas a soberana torre de menagem de D. Diniz e não sem o ameaço do exterminio.

Aquelles especimensque a vesania da pilhagem ou da destruição poupou, estão desmazela-

damente abandonados aos estragos do tempo e vão ruindo, lento e lento, sem que uma simpathia consciente e reparadora os ampare, com caricia, na sua majestosa decrepitude.

E tal é a derrocada em que se encontram quasi todos esses documentos d'outr'ora, — paginas grisalhas, envelhecidas e esphaceladas!—que, em certos, só a imaginação dos eruditos, avidos em desvendar o passado, será porventura susceptivel de os reconduzir á sua integralidade inicial. Todos immersos na desolação da ruina, a que a natureza tantas vezes dá o arranjo decorativo d'uma formosura surprehendente e bizarra, avolumando a saudosa commoção que as coisas d'outrora inspiram, com o encanto de scenario feito de tons macios e gastos seduzindo sempre os temperamentos artisticos com amor e delicia!

RUINAS DO CASTELLO DE MIRANDA (LADO SUL)
Cliché de Rocha Peixoto

TORRE DE PENEGATE
Cliché de J San Romão

RUINAS DO CASTELLO DE MIRANDA (LADOS NORTE E POENTE)
Cliché de Rocha Peixoto

Estes assertos teem a sua plena confirmação com uma simples romagem ás venerandas fortalezas construidas nas linhas fronteiriças de Minho e Traz-os-Montes, que fundamentalmente obedecem ao mesmo typo architectonico, salvo a differen-

ciação de elementos secundarios evidenciadas nas da segunda provincia e a variabilidade de plano estabelecido em harmonia com as con dições do local onde foram construidas.

Em todas, alem da segurança e firmeza do seu arcabouço, observa-se o intuito d'uma astuciosa precaução pelos vestigios ou logicas conjecturas dos ardis, dos obstaculos, dos estorvos, prudente e intelligentemente elaborados e d'um tão largo alcance contra a violencia do ataque exterior, ou até d'um valioso recinto de guerra, sobranceiro á corrente internacional, que o separa da margem d'alem, antigamente hostil. Sobre o silencio e a melancholia penetrante d'esta assolação cae o deslumbramento da luz a valorisar a riqueza das tonalidades do panorama inesquecivel...

Passando por Valença, a celebre praça forte, que substituiu a oxydada armadura do seculo XIII e onde se respira uma athmospera pesada e oppressiva pela influencia immediata do conspecto das solidissimas e espessas muralhas

CASTELLO DE MELGAÇO

auxilio n'uma fuga angustiosa depois da derrota ineluctavel.

Em Caminha principiava a corrente defensiva do norte de Portugal. Mas nada resta, por assim dizer, das fortificações medievicas n'esta villa risonha e gracil, pittorescamente, acantonada entre a foz do rio Minho e a do Coura, depois de ter despido o surrado burel que a sequestrava do doce embalo das aguas.

Para leste, o primeiro élo fecha em Cerveira com o castello erguido por D. Diniz que o visitante busca por detraz do casario moderno, irregular e incaracteristico.

Transpos a uma porta carcomida e baixa, d'onde se diffundem espiritualizados remembers de sabor archaico, e subindo a pequena e tortuosa ladeira que d'ella segue, estatela-se em face o aspecto commovedor de muralhas incompletas, torres quasi de todo apeadas, como se um vento de insania, desordenada e furiosamente houvesse passado n'aquelle envolventes, portas soturnas, vias subterraneas, baluartes angulosos e espionantes, fossos cavados e pontes suspensas, levanta-se, a 5 kilometros de Monsão, a formosa torre de menagem do extincto castello de Lapella.

Fica junto á orla das aguas do Minho, n'uma baixa, e alicerçada na rocha. Mas emerge do minusculo povoado circundante n'uma tão galante e esbelta sobriedade de linhas e sobre um tão gracioso fundo de paisagem que para logo captiva os olhos mais indifferentes e rudes. A sua porta em ogiva rasga-se a dez metros do solo no lado septentrional e é sobrepujada pelo brazão de D. Fernando. Tem indicios dos miradouros de projecção. No alto irrompe do seu terraço o tufo verde negro dos louros e oliveiras ondulantes pavilhonando o padrão de guerra, agora inutil, como symbolo classico de triumpho pelo preterito e de estreita e risonha paz pelo presente.

A estrada que de Valença conduz a Lapella

é a mesma que leva directamente a Monsão, á *Porta do Sol* da valente praça forte, onde se repetem os nomes que relembram dois feitos dos mais epicos da nossa historia militar: o horroroso cerco soffrido no seculo XIV, sem capitulação mercê do estratagema lendario da heroica Deus-a-Deu Martins, e o desesperado assedio do seculo XVII com a guerra da na agua dos chuveiros E, sem mais compostura, assim ficou a nudez dos esboroamentos, desde os arranques da curva para mais destacar a proeza aos olhos dos forasteiros.

As outras portas escaparam felizmente aos alindamentos do progresso.

A Monsão segue-se Melgaço, para onde a

CASTELLO DE LINDOSO
Cliché de Rocha Peixoto

Restauração. Pois bem. O visitante ao chegar tem um testemunho excellentemente demonstrativo da sensatez e do criterio da maior parte das nossas municipalidades. Aquella porta, unica via a canalisar a communicação com as arterias exteriores, e tão vigorosa e astutamente construida, com o reforço das setteiras lateraes em toda a sua profundidade para reprimir a passagem do inimigo, quando os gonzos, armellas e ferrolhos das portadas cedessem á bravia arremettida, foi hediondamente mutilada. Em 1902, a conspicua edilidade que dirigia então os interesses locaes, mandou arrasar-lhe a extensa abobada para que a entrada na villa se fizesse desabafada, ovante e banhada na luz dos astros, ou mesmo

diligencia cambaleante e somnolenta se encarrega tambem do transporte. Alem do Peso e a certos corcovos da estrada enxerga-se a villoria poisando no alto em volta da linda torre d'uma côr esmaecida sobre o fundo azul do ceu, como a silhueta desbotada e tenue d'uma illuminura.

Arribando, logo se descobre que o abraço inerte das muralhas compostas no seculo XIII, quando Affonso III reinava, conforme o depoimento insuspeito d'uma inscripção juncto da porta occidental, rompeu-se para se não separar a terreóla das chatas magnificencias do largo principal, geometricamente arborisado, com assentos solicitos ao entretenimento da madracice indigena.

A nordeste circumscreve-se o reducto, em ellipse, com o postigo para nascente e fenestras para sul. Ao centro a torre altaneira, austera de linhas, com a sua corôa d'ameias dispostas no parapeito saliente, apoiado na cachorrada circumdante; a porta recorta-se a norte em arco de pleno cintro occupado pelo dintel raso, que assenta em dois modilhões como nos porticos das igrejas romanicas.

Uma curiosidade irreprimivel leva a subir os estreitos degraus e a perscrutar o interior. Esta indiscreção delata-nos que se acha convertido em palheiro. Nada perde porém do seu prestigio, como certos animaes que apezar de empalhados, fundamente impressionam pela soberania do seu aspecto. As inclemencias do tempo desdenham todavia da arrogancia das obras humanas. N'um dia tempestuoso, com effeito a torre airosa ficou desdentada no angulo

PAÇO DE GIELLA
Cliché de J. San Romão

TORRE DE MENAGEM DO CASTELLO DE BRAGANÇA
Cliché de Rocha Peixoto

nordeste, servindo talvez de sepultura a esses despojos a cisterna quasi subjacente.

Mas uma impressão de calma segurança e veneravel respeito se diffunde d'esta energica construcção, producto d'uma architectura estavel e definida. Levantada no seculo XII por D. Pedro Pires, prior de Longos Valles, e restaurada mais tarde na cimalha, continua como impavida e soberba atalaia multisecular que assistiu ás façanhas bellicas no tempo do Mestre d'Aviz e, inabalavel no seu posto, não desistiu de servir ao repellão das hostes napoleonicas. Contemplando-a de sobre o adarve na sua provecta quietude, tão penetrada de sol, para a ressurreição d'um quadro retrospectivo apenas falta uma figura couraçada, de lança faiscante, erecta sobre o eirado, á beira da sineta de rebate pendente de dois creneis.

A sentinella immediata d'este cor-

dão defensivo assenta em Castro Laboreiro ao sul do povoado, sobre uma agreste eminencia de fraguedo escarpado avançando abruptamente entre dorsos de serrania de que a separam gargantas profundas convergindo para a cova das *inverneiras*.

Actualmente, reserva-se ahi o espectaculo d'um vandalismo sem nome. Vencida a difficil ascensão observa-se que o plató se delimita pela muralha externa, galgando sobre os accidentes do terreno, e em absoluto vedada, salvo no extremo noroeste, onde se recorta a pequenina *Porta do Sapo* só accessivel por estreitissima vereda talhada sobre o abysmo. Reparando n'este pormenor avalia-se a recatada prudencia, tactica experiente e consummada que presidiu á edificação da fortaleza. Um valoroso solado medieval de inquebrantavel firmeza e louca temeridade seria sufficiente para resistir aos inimigos que, só podendo approximar se um a um, ao menor movimento de combate seriam arremessados successivamente ao precipicio.

Penetrando n'este inexpugnavel esconderijo, em tal grau de devastação se exhibe, que não é possivel reconstituir a sua estructura originaria. As divisões internas mal emergem aqui dos alicerces, incompletas e fendidas ali, desaprumando e ruindo alem O material da muralha envolvente foi derrubado, ora em saque, ora por divertimento selvagem. E os guias sempre dispostos a exemplificarem praticamente a acceleração progressiva do movimento dos objectos projectados do cimo dos declives, não se furtam á tentação de deslocar alguns pedregulhos para o despenhadeiro pavoroso.

Em estado pouco menos miserando se depara o castello de Lindoso, sobranceiro á ingreme encosta que margina o Lima, vigiando a margem hespanhola, que começa mesmo defronte.

A torre central reduzida a menos d'um terço, quadrellas desapparecidas, muros desabados ou toscamente reconstruidos nas obras do seculo XVIII. Todavia presente-se uma disposição, reflectida e commoda, nos seus elementos constitutivos.

Nenhumas outras ruinas como as d'este grato poiso, solitario entre serras, sobre ribas de tão variado aspecto, se prestavam mais a lamentações maguadas, se n'este paiz ainda fossem proveitosos os gemebundos queixumes d'uma jeremiada...

Em melhor conservação se encontra o de Montalegre, perfilado sobre um outeiro a norte da villa, guardando a larga chã por onde corre o Cávado, ainda insignificante e reduzido procedendo do Larouco a barrar ao fundo o horizonte n'uma vaga immaterialidade de nevoa. Quem segue de Villarinho de Negrões, ao descer a serra do Avellar, imprevistamente descortina, n'uma inapagavel surpreza, a rota e veneravel alcaçova d'uma tinta morta de folha secca, salpicada de rubros laivos, escurecidos nos bordos, como coagulos obstinados d'um sangue secular. Á medida que se declina pelas abas da montanha, mais resalta o arrogante e indomavel cubo de menagem retalhando a abobada no mesmo gesto aggressivo que lhe fixaram os alvaneus de Affonso IV. Ascende, como um emblema de inflexivel e inalteravel fidelidade ao Passado n'esta zona do planalto barrozão em que o regimen economico social é, approximadamente, o prescripto na legislação foraleira, sua coeva, e inspirado no communismo germanico...

Pedaços de muro indicam a trajectoria do cerco antigo contando ainda trez torreóes, um dos quaes da primitiva feitura no seculo XIV e os restantes derivados da restauração no seculo XVI. A meio do recinto esphacelado, a grandiosa torre com uma pequena falha na dentadura d'ameias que não prejudica o effeito do seu conjuncto d'uma estabilidade quasi irreductivel. A galba obedece ao schema generico : base quadrangular, *machicoulis* destacando nos angulos, mas ao nivel do ultimo pavimento interno, para protejer as faces e a porta em ogiva, precavidamente afastada do solo.

A sua austeridade amima-se porem com a caricia d'um arbusto — a *lamagueira* — de folhagem fina e copioso fructo sanguineo, borbulhando das junctas da velhusca silharia n'um *décor* festivo, juvenil, caloroso, o que a semelha a uma ara gigantea engrinaldada de ramos votivos.

Proximo fica Chaves com o castello muito reduzido. A torre de menagem apresenta apenas de especifico o ter entre os *machicoulis* angulares, outros centraes, na mesma horizontalidade. A noroeste sobre uma elevação alça-se o de Monforte, juncto da raia, e para o levante depara-se com o de Vinhaes.

Mas onde o espirito melhor sacia a ancia pelas reminiscencias e indicios que mais completamente despertam o preterito é em Bra-

PORTA DO SAPO, CASTELLO DE CASTRO LABOREIRO
Cliché de R. Severo

TORRE DE MENAGEM DE MELGAÇO

CASTELLO DE CASTRO LABOREIRO
Cliché Ricardo Severo

gança, na cidadella occupando a nascente o pinaculo d'uma collina. A entrada na caduca colmeia humana faz-se por uma porta ogival entre dois baluartes que avançam parallelamente sobre a superficie da muralha, logo a chocar-se para a dextra n'uma decepada quadrella — *a torre da camara*. Transposta aquella abertura, talhada em forma de mitra, que já se não cerra com fragor ao toque imperioso do *sino de correr*, atravessa-se a espessura do segundo cinto de vedação para alem do qual se abre uma ruéla, amolgada, tortuosa e estreita, conduzindo ao quartel de caçadores situado no extremo opposto. Então, abstrahindo da pouca gentana que transita com vestes da moderna fancaria e d'alguns soldados d'arcabouço pobre e parrano a desmentir a hyperbole litteraria da corpulencia dos trasmontanos, a imaginação recúa instinctivamente uns seculos pelo intenso archaismo que de todos os lados a solicita.

No segmento direito do ambito cercado enfrenta-se com o bairro humido, viscoso e sordido, sulcado de viéllas e bêccos fétidos por onde cursa, n'um socego ineffavel, toda a fauna que as lendas dos evangeliarios fixaram no affecto da alma popular e d'onde vem o ruido de bitesgas sombrias e cavernosas, de casinholos pelintras espalhando uma vida amofinada e miseravel e de poluidos valhacoutos onde se espoja a soldadesca; mais alem, e dissimulada por uma capelloria, poisa a *Casa do*

MIRANDA — PORTA DO AMPARO

Desenho de Moraes

Senado, talvez unico exemplar dos nossos edificios urbanos do seculo XII.

No segmento esquerdo alça-se a picota brigantina d'um insolito valor archeologico e o corpo principal das ruinosas fortificações d'outrora em que sobresahem *a torre da princeza* a desaggregar-se lentamente, como que roida por uma carie centenaria, e a torre de menagem, vasta e um tanto acaçapada, mas não desgraciosa, tal é o concurso artistico e nobilitcante de certos incidentes architectonicos congraçando a solidez e a esthetica. Esta, como aquella, é feita de schisto, antipatico, e rebelde a qualquer affeiçoamento, de que lhe resultou a denegrida patine de ferrugem e é solidaia nas arestas pelo granito amoldavel e robusto.

A pouco mais de meio da sua verticalidade cinge-a um friso granitico d'um inesperado alcance ornamental e ao alto dos cunhaes excrescem as bases, em secção rectangular, dos miradouros cylindricos a lançar uma nota de desvio e excepção ao typo até aqui exhibido, nas n'uma tão arguta e segura penetração de planos, que logo denuncia o magistral e douo senso constructivo que a gestou; as ameias de remate horizontal com gretas cruciformes servindo de escudos ás vigias do terraço.

A porta, como sempre, voltada ao inimigo n'um cauteloso afastamento do solo. A nascente e a sul duas poeticas janellas gothicas flammejando e alleluiando as respectivas fachadas com o fulgor que irradia da pureza dos seus lavores.

Aqui e ali, fenestras escancarando o vago e mudo negrume do interior, como golpes resequidos e hirtos de remotas punhaladas que jamais cicatrisassem. Um brazão até'gora indemne memora a interferencia de D. João I restaurando a obra de D. Diniz, que por sua vez renovara a de D. Sancho.

Para aquem de Bragança contavam-se algumas atalaias como as de Outeiro e Vimioso, hoje extinctas, mas só Miranda, a pequenina cidade morta, debruçada sobre o Douro, possuia realmente um castello. Sujeita aos acommettimentos hespanhoes, com Zamora perto, acauteladamente se abafara n'uma resistente muralha, agora muito desmantelada, mas ainda evidente em quasi tôda a cercadura e que se transpunha por duas portas: a de S^to^. Antonio já desapparecida e a do Amparo identica á de Bragança e abrindo para *a costanilha*—a pittoresca rua seiscentista. Para as escapadas sobre a tenebrosa margem do rio havia o *postigo* a nascente.

No ponto culminante, a noroeste, erguia-se a fortaleza com o seu muro especial, o fosso e levadiças a contornar o cubo de menagem fartamente empastado com additamentos de reforço.

Uma explosão monstruosa, porem, fez com que quasi tudo isto abatesse. D'esse indescriptivel desastre apenas ficaram aprumados alguns lanços de cortinas e parte da firme torre central que D. João I mandou erigir, como o attesta o escudo firmado na face do sul com a sua porta ogival aberta para a Hespanha. O aspecto do poente é desolador. A menagem amputada e desventrada, as restantes edificações aluindo, e sobre a ossatura a descoberto das paredes descarnadas vão crescendo os pensos das hervagens decorativas das ruinas. Em volta a paisagem árida e triste onde um magro hortejo, ou um arremedo bucolico de vinha mais lhe aviva a sinistra melancolia que obsidia e penalisa juncto d'aquelles destroços — perfeito simile d'esta nossa patria esquecida da sua historia.

MANUEL MONTEIRO

SUMMARIO DOS CAPITULOS I A VI

Benita Clifford, que se dirigia á Africa a bordo do paquete ZANZIBAR afim de se reunir a seu pae em Durban (Natal), tem por companheiro de viagem Roberto Seymour o qual se enamora d'ella. Seymour conta como encontrou o pae d'ella e Jacob Meyer em Bambatse, no interior de Africa, onde se suppunha existir um valiosissimo thesouro escondido. A declaração do seu amor é interrompida, quando ella está para responder, pelo naufragio do paquete. Seymour salva com grande difficuldade Benita, desfallecida por um ferimento na cabeça, mettendo-a dentro d'uma lancha. Cede em seguida o logar a uma mulher e a uma creança, em riscos de afogar-se, por não caber mais gente na lancha. Antes de se lançar ao mar, deixa no seio de Benita uma carta em que pede a resposta á sua declaração, caso ainda venham a encontrar-se. Consegue alcançar a costa, extenuado. A lancha é encontrada por outro paquete, e Benita reune-se a seu pae em Durban, onde por um jornal tem noticia do encontro de um cadaver na costa por um cafre, que apresentou como prova um relogio com o nome de Seymour. Benita e seu pae partem para a fazenda d'este, Rooi Krantz, e quando estão proximos sahem do carro para dar caça a um antilope ferido, transviam-se, e de noite estão a pique de cahir n'um precipicio, quando em seu auxilio acode Jacob Meyer, levando-os a salvo para a fazenda. Ahi lhe narram a lenda dos portuguezes mortos ha seculos em Bambatse, e do thesouro que deixaram escondido.

CAPITULO VII

Os emissarios

ABRIU-SE a porta, e transpol-a Jacob Meyer, seguido por tres indigenas. Benita não os viu nem ouviu; tinha a alma longe d'alli. No topo do aposento, toda vestida de branco, pois que só no coração usava luto, illuminada pelos raios do candieiro suspenso acima d'ella, permaneceu silenciosa e erecta, porque se havia levantado; no rosto e nos olhos grandes e negros, uma expressão extranha de ver. Jacob Meyer deu por isso e estacou; os tres indigenas deram tambem por isso e estacaram. Quedaram se todos quatro, no extremo da comprida sala, pasmados para a figura branca de Benita e para os seus olhos extaticos.

Um dos indigenas apontou com o dedo delgado para o rosto d'ella, e disse aos outros um segredo. Meyer, que lhes entendia a lingua, comprehendeu o que elle segredara. Era isto:

— Olhae o Fantasma da Rocha!

— Que fantasma, e que rocha é essa? — perguntou elle em voz baixa.

— O fantasma que apparece em Bambatse; aquella que os nossos olhos já viram — respondeu o homem, sempre pasmado para Benita.

Benita ouviu o cicio das vozes, e percebeu que falavam a seu respeito, embora não pudesse apprehender uma palavra só. Com um suspiro desafogou-se das suas visões e sentou-se n'uma cadeira que lhe ficava a geito. Então, a um e um, os emissarios approximaram-se d'ella, e cada um d'elles fez uma profunda venia, tocando no chão com as pontas dos dedos e fitando-lhe o rosto. Mas a seu pae, saudaram-no apenas levantando a mão. Ella olhava-os com interesse, e interessantes, no genero, eram

elles realmente; altos e magros, de tez bastante clara, physionomias finas e expressivas. Não havia alli sangue negro, mas antes o de qualquer povo da antiguidade, como egypcios ou phenicios: homens cujos antepassados haviam sido instruidos e civilisados ha milhares de annos, e que porventura haviam figurado nas côrtes de Pharaó ou de Salomão.

Acabadas as saudações, os tres homens acocoraram se em linha, conchegando as vestimentas de pelle, e aguardaram em silencio. Jacob Meyer pensou um momento, e disse:

— Clifford, quer dar-se ao incommodo de ir traduzindo, para sua filha ficar certa de que lhe referem fielmente o que ha?

Depois virou-se para os indigenas e falou-lhes:

— Os vossos nomes são Tamas, Tamala, e Hoba. Tamas é filho do molemo de Bambatse, que se chamam Mambo. Tamala e Hoba são seus conselheiros iniciados. Não é assim?

Elles inclinaram a cabeça.

— Bem. Tamas, conta tu a historia e torna a dar o teu recado, afim de que o ouça esta senhora, que tem uma parte no assumpto.

— Que ella tem uma parte entendemos nós — replicou Tamas — Em seu rosto lemos que tem ella a parte principal. É d'ella sem duvida que o Fantasma falou a meu pae. São estas, ditas por minha bocca, as palavras do molemo meu pae, as quaes em tão longa jornada viemos communicar.

«Quando vós dois, brancos, visitastes Bambatse ha quatro annos, viestes a mim, Mambo, pedir licença de entrada no terreno sagrado, afim de pesquizar o thesouro que os portuguezes occultaram em tempo de meu avoengo da sexta geração. Recusei-lhes permissão de ver, sequer mesmo de entrar no terreno sagrado, porque de nascença sou guarda d'esse thesouro, embora ignore onde elle jaz. Acho-me porem agora em grande aperto. Tenho noticia de que o usurpador Lobengula, que é rei dos Matabales, se escandalisou commigo por certos motivos, entre elles por eu não lhe mandar tributo sufficiente. Consta que elle tenciona no proximo verão mandar um *impi* para me exterminar a mim e ao meu povo e tornar o Kraal em carvão como o veld depois de uma queimada. De pouca força disponho para lhe resistir a elle, que é poderoso, e a minha gente não é guerreira. De geração para geração teem elles feito commercio, cultivado a terra, trabalhado os metaes; são homens dados á paz, que não desejam matar nem ser mortos. Demais, são poucos. Por conseguinte, falta-me poder para arrostar contra Lobengula.

«Lembro-me das armas que vós trazieis comvosco, as quaes podem matar de muito longe. Se eu tivesse uma provisão d'essas armas dentro das minhas muralhas, já eu podia desafiar o *impi* de Lobengula, cujos guerreiros usam azagaia. Se vós me fornecerdes cem boas armas e copia de polvora e balas para ellas, tenho uma revelação de que me será licito admittir-vos no terreno secreto e sagrado, onde podereis pesquizar á vontade o ouro enterrado, e, se o achardes, leval-o para onde vos aprouver sem objecção minha ou do meu povo. Mas quero ser leal comvosco. Esse ouro nunca será encontrado, a não ser pela pessoa predestinada para tal. Assim o disse a dama branca em tempo de meu avoengo; ouviu-o elle com seus ouvidos, e dos seus descendentes o ouvi eu com meus ouvidos, e assim ha de ser. Todavia, se me trouxerdes as espingardas, podereis experimentar se qualquer de vós é a pessoa predestinada. Eu não creio, porem, que homem algum o seja, porque o segredo está occulto n'uma mulher. Embora! Isso podereis aprender por vós proprios. Eu apenas falo conforme me ordenaram.

«É este o meu recado, dito por minha bocca, que é Tamas, filho de meu corpo, e meus conselheiros que o acompanham serão testemunhas de que elle fala verdade. Eu, Mambo, molemo de Bambatse, vos envio saudações, e vos acolherei com regosijo e cumprirei minha promessa, se vierdes a mim com essas armas que alcançam longe, dez vezes dez d'ellas, e a polvora, e as balas com que eu possa repellir os matabeles, mas não de outra forma. Meu filho, Tamas, e meus conselheiros conduzirão vosso carro ao meu paiz, mas não devereis trazer comvosco servos extranhos. O Espirito da mulher branca, que se matou ante os olhos de meu avoengo, tem apparecido ultimamente em pé no extremo da rocha; tambem me tem visitado no sitio mysterioso em que pereceram seus companheiros. Ignoro o que tudo isto prognostica, mas creio que entre outras cousas ella desejava informar-me de que os matabeles estão a pique de nos atacar. De presente vos envio uma pequena porção do ouro velho, visto que o marfim pesa demais para ser transportado por meus emissarios, e eu não possuo carro. Adeus».

— Ouvimos o que disseste — exclamou

QUEDARAM-SE TODOS QUATRO... PASMADOS PARA A FIGURA BRANCA DE BENITA

Meyer, quando Clifford poz termo á traducção —e desejamos fazer-te uma pergunta. Que queres tu dizer quando declaras que tem apparecido o Espirito da mulher branca?

—Quero dizer o que digo, branco—respondeu Tamas—Vimol-a nós todos tres, de pé em cima do pincaro, ao romper da aurora; tambem a viu meu pae e com ella falou a sós, quando de noite dormia. É esta a terceira vez em vida de meu pae que ella apparece assim, e é sempre antes de algum importante successo.

—Como é ella?—perguntou Meyer.

—Como é? Ah! tal qual como essa dama que alem está sentada. Sim, tal qual, pelo menos assim se nos afigurou. Mas quem sabe? Nós nunca vimos outras mulheres brancas, e não estavamos muito perto d'ella. Que essa senhora venha pôr-se ao lado do Espirito, para nós as examinarmos a ambas e podermos responder melhor. Acceitaes a proposta do molemo?

—Amanhã de manhã t'o diremos—replicou Meyer—Cem carabinas não se encontram de pé para a mão, e não custam pouco dinheiro. Entretanto, não vos faltará aqui que comer nem onde dormir.

Os tres homens pareceram desapontados com esta resposta, que evidentemente tomaram á conta de preliminar para uma recusa. Consultaram-se uns momentos, em seguida Tamas metteu a mão n'uma sacola e tirou de dentro o quer que fosse, embrulhado em folhas secas. Desfeito o embrulho, apresentou um collar bellissimo e desusado, de elos de ouro entrelaçados, e pedras brancas incrustadas, que os europeus não tiveram difficuldade em reconhecer por diamantes não lapidados de consideravel valor. Do collar pendia tambem um crucifixo modelado em ouro.

—Offerecemos este presente—disse Tamas—da parte de Mambo, meu pae, a esta dama para quem não teem serventia alguma o ouro em bruto. Esta cadeia tem uma historia. Quando a dama portugueza se despenhou no rio, tinha-a ella ao pescoço. Ao cahir, bateu n'uma ponta de rocha que lhe despedaçou a cadeia—vêde como está quebrada e concertada com um fio de ouro. Ficou a cadeia presa á ponta de rocha, e d'ahi a tirou meu avoengo. É um presente para a senhora, se ella prometter usal-a.

—Acceita—murmurou Clifford, depois de terminar a traducção—aliás ficarão escandalisados.

Benita disse pois:

—Agradeço ao molemo, e acceito o presente.

Tamas ergueu-se então, adeantou-se para ella e enfiou-lhe pela cabeça a antiga e tragica joia. Ao descahir-lhe sobre os hombros, sentiu Benita que era uma cadeia, com que o destino a puxava não sabia para onde, esse adorno que fôra usado por aquella mulher, enlutada e desditosa como ella propria, que só na morte pudera encontrar refugio contra a sua angustia. Tel-o-hia sentido ella arrancar do seio, pensava Benita, como ella propria, a viva de hoje em dia, o sentira cahir no seu?

Os tres enviados ergueram-se, fizeram uma venia e sahiram, deixando-os sós. Jacob Meyer levantou a cabeça como se quizesse interpellar Benita, depois reflectiu e ficou calado. Ambos os homens esperavam que ella falasse, mas ella nada disse. Foi afinal seu pae que rompeu o silencio.

—Que dizes, Benita?—perguntou-lhe com anciedade.

—Eu? Nada tenho a dizer, a não ser que ouvi uma historia curiosissima. O recado do sacerdote é para meu pae e para o sr. Meyer; aos senhores cumpre responder. Que tenho eu com isso?

—Tens muito, creio eu, minha querida, ou assim o suppunham, ao que parece, aquelles homens. Em todo o caso, eu não posso commetter a viagem sem te levar commigo, e não o farei contra tua vontade, porque a viagem é longa e cheia de complicações. O que eu pergunto é se queres ir.

Ella meditou uns instantes, emquanto os dois homens a fitavam com olhos anciosos.

—Pois sim!—respondeu finalmente, com voz serena—Irei, se assim o desejam, não porque eu pretenda achar thesouros, mas porque a historia e o paiz onde ella occorreu me interessam. Verdade verdade, eu não tenho grande fé no tal thesouro. Ainda mesmo que os indigenas sejam supersticiosos e tenham medo de o procurar elles proprios, duvido que elles lhes consentissem pesquizas, se acaso suppuzessem que elle se poderia encontrar. A mim não me parece a jornada vantajosa sob o ponto de vista do negocio, e alem d'isso tem seus perigos.

—Nós acreditamos que ella é excellente—atalhou resolutamente Meyer—E ninguem espera apanhar milhões sem soffrer incommodos.

—Sim, sim—disse Clifford—mas ella tem razão: ha perigos, e perigos serios: as febres, os

animaes ferozes, os selvagens, e outros que se não podem prever. Acaso tenho eu direito de a expôr a elles? Não é mais justo irmos sós?

— Seria escusada a ida — replicou Meyer — Aquelles emissarios viram sua filha, e envolveram-n'a na sua supersticiosa historia de uma alma, da qual eu, que sei não existirem taes cousas, não creio, aliás, palavra. Sem ella é certo que nada faremos.

— Pelo que respeita a perigos, meu pae — disse Benita — cá por mim não faço caso d'elles. O que deve acontecer tenho a certeza que ha de acontecer por força, e ainda quando eu soubesse que era destino meu morrer no Zambeze, nada me importava isso. Mas o que me palpita, não sei explicar porquê, é que meu pae e o sr. Meyer estão mais arriscad s do que eu. A ambos pertence ponderar bem se devem expôr-se a perigos.

Clifford sorriu.

— Já estou velho — disse elle — A minha resposta é esta.

— E eu cá estou habituado a aventuras d'este jaez — disse Meyer, encolhendo os hombros — Quem é que não correria algum perigo n'uma contingencia de tal modo seductora? Opulencia, opulencia, opulencia como nunca sonhámos, e o poder que d'ella vem; o poder de vingar, de premiar, de comprar honrarias e prazeres, e todas as bellas cousas que são apenas patrimonio dos ricaços.

E Meyer espalmou as mãos e ergueu os olhos, como se estivesse em adoração perante o deus do ouro.

— Excepto essas ninharias que são a saude e a felicidade — commentou Benita, com uma tintura de sarcasmo, porque tinha uma certa repugnancia por este homem e por seus appetites materiaes, especialmente ao confrontal-o com outro homem, perdido para ella, comquanto fosse certo que o passado d'este havia sido ocioso e improductivo bastante.

No emtanto, as ambições de Meyer tambem a interessavam, pois nunca encontrara em ninguem taes talentos, tal avidez e tal crueza.

— Então, pelo que vejo, é caso assente — disse ella.

Clifford hesitou, mas Meyer redarguiu immediatamente:

— É, é caso assente, pelo menos tão assente quanto possivel.

Ella aguardou um momento que seu pae fallasse, mas elle nada disse.

— Muito bem. Agora escusamos de nos embaraçar com mais duvidas ou argumentos. Vamos partir para Bambatse, lá no Zambeze, muito longe d'aqui, em cata de ouro enterrado. Confio, sr. Meyer, que, caso o encontre, os resultados corresponderão ás suas esperanças e lhe trarão toda a especie de fortuna. Muito boa noite, meu querido pae, boa noite.

— Minha filha está convencida de que esse ouro nos trará má sorte — disse Clifford, quando a porta se cerrou sobre ella. — É a maneira que ella tem de exprimir essa convicção.

— Sim — retorquiu Meyer com ar sombrio — Ella está convencida d'isso, e pertence ao numero das taes que são videntes. Deixal-o! Pode ser que se engane. Demais, a questão é esta: devemos agarrar esta occasião com todos os seus perigos, ou deixarmo-nos aqui ficar toda a vida a crear cavallos ruins, emquanto ella, que de nada tem medo, se ri de nós? Decididamente, vou a Bambatse.

Clifford ainda d'esta feita não deu resposta directa; fez apenas uma pergunta:

— Quanto tempo levará a arranjar as armas e as munições, e quanto pode isso custar?

— Cousa de uma semana para as havermos de Wakkerstroom — replicou Meyer — O velho Potgieter, o negociante do sitio, acaba de importar uma centena da Martinis e outra centena de Westley-Richards. Cincoenta de cada, com uns dez mil cartuxos, importarão ahi em 600 libras, e essa quantia possuimos nós no banco. Temos tambem a carriola nova e abundancia de bois e cavallos excellentes. Podemos levar comnosco uma duzia de cavallos, e vendel-os por bom preço no norte do Transvaal, antes de nos mettermos nos campos da mosca tsé-tsé. Os bois é provavel que os atravessem a salvo, visto que a maior parte d'elles estão «salgados».

— Vejo que vossê pensou em tudo, Jacob, mas olhe que tudo isso representa uma continha calada, sem falar de outras cousas.

— Custa, isso custa, e essas carabinas são boas demais para cafres. Quaesquer escopetas velhas serviam, mas não as temos á mão. Mas que importa o dinheiro, e que querem dizer as carabinas, em comparação com o que podem grangeiar-nos?

— Parece-me que o melhor seria consultar minha filha. Afigura-se-me que ella tem ideias assentes sobre o caso.

— Miss Clifford formou o seu juizo, e já d'alli não sae. Escuso de lhe fazer mais perguntas — replicou Meyer

Em seguida sahiu elle tambem do aposento, afim de dar ordens para a jornada a Wakkerstroom, que logo no outro dia tencionava intentar. Mas Clifford ficou alli sentado até depois da meia noite, a pensar se teria feito bem e se encontrariam o thesouro com que elle sonhava havia annos, e que sorte lhe reservava o futuro.

Ah! se elle pudesse prever!

Quando Benita veiu almoçar, perguntou onde estava Meyer e soube que elle já partira para Wakkerstroom.

— Está com pressa — disse ella rindo.

— Está — respondeu o pae — Jacob está sempre com pressa, mas apezar d'isso não tem que louvar-se por esse costume. Se formos mal succedidos, não ha de ser á mingua de ponderação e preparo da parte d'elle.

Passou quasi uma semana antes que Meyer voltasse, e entrementes Benita aprestou-se para a jornada. Nos intervallos dos seus singelos aprestos, tambem conversou bastante, servindo seu pae de lingua, com os tres soberbos makalangas, os quaes gratamente se acolhiam ao descanço depois da longa viagem. A conversação versava sobre topicos geraes, visto que por tacito assenso não se faziam referencias ao thesouro nem a cousa alguma que lhe dissesse respeito, mas habilitou-a a formar opinião favoravel sobre elles e o seu povo. Percebeu ella que, apezar de falarem um dilaecto do zulu, elles não possuiam sombras da valentia dos zulus, e viviam realmente com terror mortal dos matabeles, que são zulus bastardos; um terror tal, com effeito, que ella tinha grandes duvidas sobre o serviço que lhes prestariam as cem carabinas, caso chegassem a ser atacados por aquelle tribu.

Eram o que antes d'elles haviam sido seus paes: agricultores e operarios em metaes, não gente de combate. Tambem Benita se applicou a estudar quanto pudesse a lingua d'elles, o que não achou difficil, porque, alem de possuir uma aptidão natural para esse genero de estudos, nunca se esquecera do hollandez e do zulu, que costumava tagarelar em pequena e que n'um prompto trouxe de novo á lembrança. Dentro em pouco, já falava correntemente em qualquer d'essas linguas, pois que, alem da pratica, consumia as horas vagas a estudar-lhes a grammatica e a lel-as.

Assim foram decorrendo os dias, até que uma tarde appareceu Jacob Meyer com dois carros escocezes, carregados de dez caixotes compridos que pareciam caixões, e outros caixotes mais pequenos mas muito pesados, alem de uma grande quantidade de provisões. Como Clifford previra, nada lhe havia esquecido; até trazia a Benita varios artigos de vestuario e um revolver que ella não tinha encommendado.

D'alli a tres dias partiram elles de RooiKrantz n'uma lindissima manhã de domingo em começos da primavera, fazendo constar que iam n'um expedição de commercio e de caça ao norte do Transvaal. Benita lançou um olhar de despedida para o seu favorito recanto, deliciosamente remoroso, e para o placido lago que lhe ficava fronteiro, sobre o qual vogavam as aves aquaticas, e suspirou. Para ella, agora que ia deixal-os, aquelles sitios como que pertenciam ao seu lar, e veiu-lhe ao espirito a suspeita de que nunca mais os tornaria a ver.

CAPITULO VIII

Bambatse

Perto de quatro mezes passados, a carriola, que transportava Clifford, Benita e Jacob Meyer, acampou finalmente uma noite dentro das terras do molemo de Bambatse, Mambo de nome. Ou talvez que fosse esse o seu titulo, visto que, no dizer de Tamas, seu filho, todos os chefes que iam succedendo eram assim chamados, comquanto nem todos fossem molemos ou representantes e prophetas de Deus ou do Grande Espirito a quem elles davam o nome de Munwali. Succedia pois ás vezes que o molemo, ou sacerdote de Munwali, e o Mambo ou chefe eram pessoas differentes. Por exemplo, affirmava Tamas que elle proprio seria Mambo por morte de seu pae, mas não lhe era dado ter visões; por conseguinte, pelo menos emquanto assim fosse, não lhe competia ser molemo.

No decurso d'essa prolongada jornada, tinha-se deparado aos europeus grande numero de aventuras, como aliás era commum aos viajantes africanos antes de existirem caminhos de ferro; encontros com animaes ferozes e tribus indigenas, cheias de rios, e, o que foi peior, tres dias passados a curtir sêde por lhes falhar um poço ou fossa onde esperavam encontrar agua. No emtanto, nenhum d'estes percalços foi em extremo grave, e nunca tinha qualquer dos tres gozado mais saude do que n'aquella occasião, porque tinham tido a fortuna de escapar ás febres. Até aquelle viver sertanejo e rude tinha convindo extraordinariamente a Benita. Quem a houvesse conhecido nas ruas de

Londres difficilmente a identificaria com a rapariga tostada, activa e desempenada que n'essa noite se sentara junto á fogueira do acampamento.

Tinham-se vendido todos os cavallos, excepto aquelles que tinham morrido e tres que estavam «salgados», isto é, á prova contra a epidemia mortifera d'esses animaes. A gente de serviço tinha sido tambem recambiada para Rooi Krantz, a tomar conta de um carro escocez carregado de marfim, comprado a uns caçadores boers que o haviam trazido do norte do Transvaal. Portanto, n'este final de jornada, seus unicos serviçaes eram os tres makalangas, que guardavam e pastoreavam o gado, emquanto Benita cozinhava a caça morta pelos dois brancos ou o alimento comprado ás vezes aos indigenas.

Dias havia já que elles percorriam uma região praticamente deserta, e agora, depois de passarem um desfiladeiro, o mesmo em que Roberto Seymour havia deixado o seu carro, estavam acampados n'uma planura que, a ajuizar pelos escombros de muro que por todos os lados appareciam, fôra em tempos largamente murada e cultivada. Á direita elevava-se um terreno montanhoso, alem do qual, diziam os makalangas, corria o Zambeze, e em frente d'elles, á distancia de umas dez milhas se tanto, um grande monte isolado, nem mais nem menos que a terra que elles vinham procurar de tão longe, Bambatse, que o grande rio quasi circumdava. Um dos tres makalangas, o que tinha o nome de Hoba, adeantara-se já para annunciar na terra a chegada dos europeus.

Estavam a descançar no meio de ruinas, a mór parte de forma circular, e Benita, estudando-as á claridade brilhante do luar, suspeitou que ellas houvessem sido d'antes casas. Aquelle sitio, tão solitario agora, fôra sem duvida, ha centenas ou milhares de annos, habitado por uma grande população. Ha milhares de annos, mais do que centenas, pensava ella, visto que alli ao pé, do meio de um d'esses casebres circulares, crescia um immenso baobab, que não podia ter presenceado menos de dez ou quinze seculos desde que a semente traspassara o chão de cimento, ainda visivel em redor do tronco gigantesco.

— SENHORA, OLHA A CIDADE DO MEU POVO

Tamas, o filho do molemo, viu-a a estudar estas provas de antiguidade e approximou-se, saudando-a.

— Senhora — disse elle na sua lingua, que ella já falava perfeitamente — senhora — repe-

tiu elle agitando a mão n'um bello gesto — olha a cidade do meu povo.

— Como sabes que era esta a tua cidade ? — perguntou ella.

— Não sei, senhora. As pedras não falam, os espiritos são silenciosos, e nós esquecemo-nos. Comtudo, eu assim creio, e nossos paes nos contaram que ha seis ou oito gerações, quando muito, vivia aqui gente em barda, comquanto não fosse essa gente quem levantou estas paredes. Ainda ha cincoenta annos havia aqui muitos, mas agora os matabeles exterminaram-nos, e nós somos poucos; ámanhã verás que poucos somos. Vem comigo e repara.

Conduziu-a para o interior de um kraal quadrangular para gado, que estava perto d'elles. Viam-se lá dentro um hervaçal verdejante e algumas moutas, e pelo meio dezenas de caveiras e ossos.

— Mataram-n'os os matabeles em tempo de Moselikatse — disse elle — Agora, ainda te espantas de que temamos os matabeles e desejemos armas para nos defender d'elles, ainda que vendamos os nossos segredos para as comprar, visto que não temos dinheiro para darmos por ellas ?

— Não — respondeu ella, olhando para o negro alentado e solemne, em cuja alma tão profundos sulcos haviam deixado os grilhões do terror e da escravidão — Não, já não me espanto.

Ao romper do dia seguinte, proseguiram seu caminho, sempre por entre esses vestigios de povos mortos e esquecidos. Não tinham mais de dez milhas a percorrer para alcançar o termo da prolongada viagem, mas a estrada, se este nome se lhe podia dar, era deveras ingreme, e os bois, de que restavam apenas quatorze para puxarem o carregadíssimo vehiculo, estavam magros e estropeados, de forma que a marcha era vagarosa. Já passava do meio dia quando afinal começaram a entrar no que só por arrojada metaphora se podia chamar a cidade de Bambatse.

— Quando voltarmos, teremos de fazer a jornada pelo rio, quer-me parecer, a não ser que possamos comprar gado novo — disse Meyer olhando para os fatigados ruminantes com ar dubitativo.

— Porquê? — perguntou anciosamente Clifford.

— Porque alguns d'estes animaes foram mordidos pela mosca tsé-tsé, como succedeu ao meu cavallo, e a peçonha está começando a lavrar. Já a noite passada desconfiei d'isto, e agora tenho a certeza. Repare-lhes para os olhos. Foi ha oito dias, n'aquella moita do *veld*. Bem dizia eu que não deviamos ter alli acampado.

Chegavam n'este momento á cumiada da serrania, e logo a pouca distancia se lhes depararam as prodigiosas ruinas de Bambatse. Defronte d'ellas erguia-se um monte, que se debruçava sobre o amplo estuario do Zambeze, o qual n'uma grande extensão o protegia por tres lados. O quarto, que lhes ficava fronteiro, a não ser n'uma especie de vereda que conduzia á povoação, era egualmente defendido pela natureza, porque a rocha granitica da base se erguia quasi a pique, cousa de dezeseis ou dezesete metros.

No monte, que ao todo cobriria oito ou dez geiras de terra, e cercados por um profundo fosso ou *donga*, havia tres cercas de fortificações, umas acima das outras, muralhas possantes que evidentemente não haviam sido erigidas por mãos modernas. Ao contemplal-as, podia Benita comprehender bem o motivo por que os pobres portuguezes fugitivos haviam escolhido este local como derradeiro refugio, e tinham por fim sido vencidos, não pelos milhares de selvagens que os perseguiram e cercaram, mas só pela fome. Na realidade, o forte parecia inexpugnavel para qualquer exercito que não estivesse armado com peças de cerco.

Para aquem d'esse fosso natural, que sem duvida em antigos tempos se enchera com agua trazida do Zambeze, ficava a aldeia dos makalangas de Bambatse, um agglomerado de setenta ou oitenta miseraveis choupanas, redondas como as dos seus antepassados, mas construidas de lama e colmo. Á roda ficavam os jardins ou campos cerrados, cultivados com esmero, e n'esta quadra do anno ricos de cereaes que se douravam.

Comtudo, Benita não viu nenhum gado e concluiu portanto que o guardariam, por segurança, no monte, dentro das muralhas.

Foram descendo pesadamente pela aspera ladeira, e atravessaram em seguida a aldeia, onde as poucas mulheres e creanças embasbacaram para elles com ar de susto. Chegáram depois á vereda que, no extremo, estava bloqueiada com espinhos e pedregulhos arrancados das ruinas. Emquanto esperavam que a desobstruissem alguns homens que tinham apparecido, Benita observava a muralha massiça da cerca, com dez a treze metros de alto e talvez uns seis a sete de espessura na base, construi-

da de blocos de granito sem argamassa, com um embrechado de pedras coloridas formando ornatos exquisitos· Na sua espessura divisava ella uns entalhes, onde evidentemente tinha havido outr'ora pontes levadiças, mas estas haviam desapparecido de ha muito.

— É admiravel! — exclamou ella dirigindo-se a seu pae — Ainda bem que vim! E meu pae esteve lá em cima?

— Não, só estive entre a primeira e a segunda cerca, e apenas uma vez entre a segunda e a terceira. O velho templo, ou o que quer que seja, fica no cimo, e dentro d'elle não quizeram nunca admittir-nos. É ahi que está escondido o thesouro.

— Que se suppõe estar escondido o thesouro — corrigiu ella sorrindo — Mas diga-me, meu pae: que garantia tem de que elles nos concedam agora essa permissão? Talvez que nos apanhem as espingardas, e nos dêem com a porta, ou antes com o portão, na cara.

— Sua filha tem razão — disse Meyer — Não ha garantia alguma, e antes de descarregarmos um unico caixote, convem que a tenhamos. Ah! eu bem sei que é arriscado, e melhor fôra que nos assegurassemos de principio, mas agora já é tarde para fallarmos n'isso. Olhe lá! Os pedregulhos já se tiraram; vamos andado, vamos!

Estalou o comprido chicote, os pobres bois esfalfados deram uma arrancada nas cangas, e lá transpuzeram a entrada da fortaleza fatidica, a qual tinha apenas a largura sufficiente para lhes dar entrada. Dentro havia um grande espaço descoberto, o qual, a ajuizar pelas numerosas ruinas, fôra outr'ora cheio de edificações, agora meio occultas pelo capim, pelas arvores e pelas trepadeiras. Era esta a cerca exterior onde, em tempos antigos, tinham a sua casa os sacerdotes e os capitães. Cortando atravez d'ella cousa de cento e cincoenta metros, acharam-se a contas com a segunda muralha, identica á primeira, embora um pouco menos solida, e viram n'um terreiro de terra batida, sentados á sombra por causa do calor do dia, os habitantes de Bambatse reunidos para os saudar.

A uns cincoenta metros descavalgaram, deixando os cavallos mais o carro a cargo do makalanga Tamala. Então, Benita collocou-se entre seu pae e Jacob Meyer, e adeantaram-se todos para o rancho dos indigenas, os quaes andariam por uns duzentos, todos homens adultos.

Ao approximarem-se, á excepção de um vulto que permaneceu sentado de costas para a muralha, o circulo humano levantou-se todo em signal de respeito, e Benita viu que elles tinham aspecto semelhante ao dos emissarios, altos e sympathicos, de olhos melancholicos e ar timido, como de gente que vive dia a dia no terror da escravidão e da morte. Defronte dos europeus, havia uma aberta no circulo, e por ella os guiou Tamas. Benita sentiu então que toda aquella gente cravava sobre ella os olhos tristes. A poucos passos do homem acocorado de encontro á muralha, com a cabeça envolta n'uma manta primorosamente lavrada, estavam collocados tres tamboretes de excellente talha. A um gesto de Tamas, sentaram-se n'elles os tres, e, como não era cerimonioso que falassem primeiro, ficaram silenciosos.

— Não vos impacienteis e perdoae — disse por fim Tamas — Meu pae, Mambo, está implorando ao Munwali e aos espiritos dos seus paes que esta vossa vinda seja afortunada e que sobre elle desça a visão do que está por vir.

Benita, sentindo perto de duzentos olhares concentrados sobre ella, desejou que a visão não se demorasse; mas, passados um ou dois minutos, o seu espirito começou a afinar com o meio em que se via, e quasi achou prazer n'este extravagante episodio. Aquellas possantes muralhas velhas, erectas por mãos desconhecidas, que haviam assistido a tantas peripecias tragicas; a ronda triplice e silenciosa de homens pacificos e solemnes, os ultimos descendentes de uma raça culta; o vulto agachado envolto no manto, que se imaginava communicando com a sua divindade — tudo isto era extranho deveras, espectaculo bem digno de uma creatura farta da monotonia da civilisação.

De subito, o homem agitou-se, e lançou para traz o manto, revelando uma cabeça encanecida pela edade, um rosto espiritual e ascetico, tão macilento que todos os ossos se mostravam, e olhos negros que se erguiam sem vista, como de pessoa em transe extatico. Tres vezes suspirou, emquanto a sua gente o contemplava. Depois os seus olhos recahiram sobre os tres brancos sentados em frente d'elle. Fitou primeiro Clifford, e alterou-se-lhe o rosto; depois Jacob Meyer, e teve uma expressão de anciedade e de pavor; finalmente, cravou em Benita os olhos negros, os quaes assumiram um ar de serenidade e de ventura.

— Virgem branca — disse elle em voz baixa

— VIRGEM BRANCA, PARA TI TENHO EU BONS PROGNOSTICOS

e suave — para ti pelo menos tenho eu bons prognosticos. Ainda que a Morte de ti se approxime, ainda que a vejas á mão direita e á mão esquerda, na tua frente e atraz de ti, digo-te eu, escusas de temer. Aqui, onde conheceste profunda angustia, encontrarás felicidade e repouso, ó virgem que acompanha o espirito de uma virgem pura e bella como tu, que ha tanto tempo morreu.

Em seguida, emquanto Benita se sentia impressionada por aquellas palavras, ditas com tão doce gravidade que, embora não lhes desse credito, lhe traziam uma especie de conforto, elle olhou de novo para Clifford e Jacob Meyer, e, como dominando-se com esforço, ficou silencioso.

—Não tens nenhuma prophecia agradavel para mim, meu velho amigo? — interrogou Jacob — Para mim que de tão longe venho para a escutar?

O rosto senil tornou-se immediatamente impenetravel, desvaneceu-se d'elle toda a expressão sob uma centena de rugas, e o velho respondeu:

— Nenhuma, branco, nenhuma que seja minha missão revelar-te. Investiga tu proprio os ceus, tu que és tão sabio, e lê n'elles se acaso podes. Senhores—proseguiu elle n'outro tom—saudo-vos em nome e na presença de meus filhos. Tamas, meu filho, saudo-te egualmente; cumpriste bem tua missão. Escutae agora... Estaes fatigados e precisaes descançar e comer; no emtanto, tende paciencia de me ouvir, porque tenho uma cousa a dizer-vos. Olhae em torno de vós. Estaes vendo toda a minha tribu, que não passa hoje de vinte vezes dez acima da edade infantil, nós que eramos outr'ora innumeraveis como as folhas d'essas arvores alem na primavera. Por que razão temos perecido? Por causa dos amandebeles, d'esses perros ferozes, que ha duas gerações conduziu lá do sul Moselikatse, o general de Chaka, que nos escravisam e matam anno a anno.

«Não somos bellicosos, nós que temos sobrevivido á guerra e á mortandade. Somos homens pacificos, que desejamos cultivar a terra, e seguir as artes que de nossos antepassados herdámos, e adorar os ceus que nos cobrem, para onde partimos a juntar-nos aos espiritos de nossos avoengos. Elles porem são ferozes e robustos e selvagens, e cahem sobre nós, e assassinam creanças e velhos, e roubam nossas mulheres e nossas virgens para as escravisar, e levam-nos todo o gado.

«Onde pára o nosso gado?

«Em poder de Lobengula, chefe dos amandebeles; a custo nos deixa uma vacca que dê leite aos doentes ou ás creanças orphãs de mãe.

«E, apezar d'isso, ainda exige mais gado. Tributo, dizem seus *mutumes*, dae-me o tributo, senão virá sobre vós o meu *impi*, que vol-o arrancará com as vidas.

«Mas nós não temos gado nenhum, sumiu-se todo. Nada nos deixaram a não ser esta antiga montanha e estas velhas edificações, e uma mancheia de trigo com que vivemos. Assim vol-o affirmo, eu, o molemo, eu cujos antepassados foram grandes reis, eu que em mim tenho ainda mais sabedoria que todas as hostes amandebeles.»

E a cabeça encanecida tombou-lhe sobre o peito e deslisaram-lhe lagrimas pelas faces rugosas, emquanto o seu povo bradava:

— Mambo, é verdade isso.

— Escutae ainda! — continuou elle — Lobengula ameaça-nos, por isso eu mandei dizer aos brancos que em tempo aqui estiveram que nos trouxessem cem espingardas, e polvora e balas, para nós podermos rechaçar os amandebeles detraz d'estas nossas fortes muralhas, e que eu os conduziria ao local mysterioso e sagrado onde durante seis gerações nenhum branco poz os pés, e lhes permittiria que pesquizassem pelo thesouro que lá está occulto, ninguem sabe onde, esse thesouro que elles pediram licença para procurar ha quatro invernos. Recusei então e expulsei-os d'aqui, por causa da maldição lançada sobre nós pela virgem branca que morreu, a ultima sobrevivente dos portuguezes, que nos prophetisou sorte egual á da sua gente, se acaso deixassemos levar o ouro enterrado por alguem que não fosse a pessoa para isso predestinada.

«Meus filhos, a alma errante de Bambatse visitou-me; vi-a eu, outros a viram, e no meu somno me disse ella: «Consente que esses homens venham e pesquizem, porque com elles está alguem do sangue a quem é dada a riqueza do meu povo; e grande é o perigo que te ameaça, porque muitas lanças se approximam». Meus filhos, eu enviei meu filho e outros emissarios n'uma jornada longinqua até onde esses homens residiam, e elles regressaram passados muitos mezes trazendo comsigo esses homens, trazendo tambem comsigo outra pessoa de quem eu nada sabia, sim, aquella que está predestinada, aquella de quem me falou o Espirito.»

Então ergueu a mão mirrada e extendeu-a para Benita, dizendo:

— Digo-vos eu que alem está sentada aquella por quem teem esperado as gerações.

— Assim é — responderam os makalangas — É a Dama Branca que volta de novo a buscar o que é seu.

— Amigos — perguntou o molemo aos europeus, pasmados d'este extraordinario discurso — dizei-me, trouxestes as armas?

— Por certo — redarguiu Clifford — Estão lá no carro, das melhores que se fabricam, e mais dez mil cartuchos, comprados por alto preço. Cumprimos da nossa parte o contracto; queres agora cumpril-o tambem, ou preferes que nos retiremos com as espingardas e que vos deixemos a braços com os matabeles, apenas armados das vossas azagaias?

—Dize tu as condições do ajuste, que nós te escutamos — retorquiu o molemo.

— Pois bem! — disse Clifford — as condições são estas: Dar-nos-has alimentos e abrigo emquanto aqui nos demorarmos. Conduzir-nos-has ao local mysterioso no cimo do monte, onde morreram os portuguezes e está escondido o ouro. Deixar-nos-has fazer pesquizas onde e quando nos aprouver. Se nós descobrirmos o ouro ou qualquer outra cousa de valor para nós, consentirás que o levemos e auxiliar-nos-has na jornada, ou fornecendo-nos almadias e gente para as tripular, afim de navegar pelo Zambeze abaixo, ou de qualquer outra forma que mais facil possa ser. Não permittirás que ninguem nos moleste ou nos aggrave durante a nossa permanencia aqui. É este o ajuste?

— Alguma cousa falta — disse o molemo — Eis o que é preciso accrescentar: primeiro, que vós nos ensinareis a servir-nos das espingardas; segundo, que pesquizareis e descobrireis o thesouro, se tal fôr o destino, sem auxilio nosso, porque n'esse assumpto não nos é licito intrometter-nos; terceiro, que se por acaso os amandebeles nos atacarem emquanto aqui estiverdes, fareis o possivel para nos auxiliar contra o seu poder.

—Esperaes pois um ataque? — perguntou Meyer com desconfiança.

— Branco, nós estamos sempre á espera de ataque. Estaes pelo ajuste?

—Estamos — responderam a uma voz Clifford e Jacob Meyer.

E este ultimo accrescentou:

—As espingardas e os cartuchos pertencem-te. Cumprimos a nossa obrigação, confio na tua honra e na do teu povo, que cumprireis a vossa.

—Virgem branca— perguntou o molemo dirigindo-se a Benita — tambem estás pelo ajuste?

— O que meu pae diz, digo eu egualmente.

— Bem! — disse o molemo — N'esse caso, em presença de meu povo e em nome do Munwali, eu, Mambo, que sou seu propheta, declaro que assim está pactuado entre nós, e caia a vingança do ceu sobre aquelles que este pacto romperem. Recolham-se os bois dos brancos, dê-se ração aos seus cavallos, descarregue-se o seu carro, para que nós possamos contar as espingardas. Levem-se tambem alimentos para a casa dos hospedes, e, depois de elles terem comido, eu, o unico entre todos que alli teem penetrado, lhes darei entrada no local sagrado, para que elles comecem a pesquizar por aquillo que os brancos desejam seculo após seculo, para que o descubram, se puderem; se não, que partam satisfeitos e em paz.

(Continua)

MEDALHA DE AUGUSTO GIRARDET
(Anverso e reverso)

EXPOSIÇÃO DE BELLAS-ARTES
NO RIO DE JANEIRO

Pouco se sabe na Europa sobre o movimento artistico do Brazil, o qual se vae aliás tornando digno das attenções da critica.

É claro que não se pode esperar que exista uma grande escola de pintura ou de esculptura n'um paiz ainda novo, onde a arte tem de contentar-se com uma categoria subordinada entre os interesses humanos. No emtanto, desde o começo do seculo passado que o Brazil tem uma escola de Bellas Artes, e d'ella teem sahido alguns bons artistas, embora não sejam em grande numero. N'um centro mais propicio ao desenvolvimento das suas faculdades, esses artistas teriam attingido uma alta reputação. Basta citar para exemplo o celebre Pedro Americo de Figueiredo, cujo nome andou ha cousa de trinta annos citado na imprensa européa como o de um grande pintor de imaginação.

A Exposição, que ultimamente se realisou no Rio de Janeiro, pode dividir-se em duas secções: uma comprehendendo as obras de artistas já consagrados, outra as de artistas juvenis, que forcejam por conquistar logar na primeira fila. Entre os primeiros, devem desde já citar-se dois nomes: Henrique Bernardelli com tres excellentes retratos, n'um dos quaes, o do

RETRATO por *Henrique Bernardelli*

PAIZAGEM A AGUARELLA, por *D. Maria da Cunha Vasco*

sr. Ubaldino do Amaral, uma technica vigorosa se prestou a dar relevo a uma caracterisação singularmente forte e expressiva de uma bem conhecida personalidade; e Elyseo Visconti, primoroso artista profundamente versado em todos os processos da moderna escola franceza, e que expoz porventura o quadro mais notavel da Exposição, um esplendido retrato, em tamanho natural, de Nicolina de Assis, a esculptora brazileira.

João Baptista da Costa é o paizagista brazileiro por excellencia. É de primeira ordem como artista de ar livre, com uma paixão especial por esses effeitos de lusco-fusco e de aurora, em que a luz diffusa possue uma suavidade cheia de encantos. O seu quadro principal, *O começo do dia*, pertence ao sr. Regis de Oliveira, ministro do Brazil na Inglaterra, e acha-se actualmente em Londres.

Devemos tambem mencionar n'este grupo Pedro Weingartner, com interessantes quadros de antiguidade pagã; Modesto Brocos, que expoz um retrato bem composto e uma bella paizagem; Benno Treidler, com uma paizagem impressionista e varias aguarellas vigorosas, genero em que é mestre reconhecido no Rio de Janeiro; as suas duas talentosas discipulas, D. Anna e D. Maria da Cunha Vasco, as quaes, ainda na primeira juventude, teem direito a ser contadas entre os artistas feitos, em vista do primor com que manejam o pincel; Gustavo Dall'Ara, com duas bellas marinhas, cheias de linda luz, mostrando como o seu temperamento veneziano encontrou no Rio um campo adequado ao seu talento de colorista; e Antonio Luiz de Freitas, que tem predilecção especial por problemas de luz.

Entre os novos artistas que rapida-

A VESPERA DO NOIVADO por *A. Luiz de Freitas*

RETRATO DE NICOLINA DE ASSIS,
por *Elyseo Visconti*

mente se approximam da craveira superior, merecem especial menção Eugenio Latour, Rodolpho Chambelland e Antonio Fernandes. Eugenio Latour tem estado a estudar na Europa ha cêrca de dois annos e tem mandado para o Brazil umas vinte obras, em que se manifesta um sentimento delicado, uma technica segura, uma paleta limpida, e bellos effeitos de luz. Á similhança d'elle, Rodolpho Chambelland é de origem franceza, e as suas principaes caracteristicas são uma certa audacia no tratar effeitos de luz e um delicado sentimento do colorido. Antonio Fernandes é um hespanhol, ainda novo, que emigrou para o Brazil aos doze annos, ahi estudou até aos dezenove, em seguida passou tres annos em Roma, trabalhando sob a direcção do pintor hespanhol Barbadan, e regressou agora com uma boa technica e uns doze quadros interessantes, de genero e de paizagem.

Augusto Girardet, o medalhista, tem uma copiosa e abundante exposição, e merece ser classificado entre os mais habeis do seu mister. É tão esmerado na medalha, propriamente, como na gravura em pedras preciosas, e os seus medalhões dos diversos presidentes da

SONHOS, por *Eugenio Latour*

republica brazileira são verdadeiros primores. Possue uma technica perfeita, unida á invenção e a um encanto notavel.

Na esculptura, o unico expositor é o grande artista portuguez Antonio Teixeira Lopes, a quem não precisamos apresentar ao publico de Portugal, senão quando condignamente podêrmos celebrar nos *Serões* a sua admiravel obra e o seu genial talento. Em breve esperamos fazel-o, cumprindo gostosamente um dos principaes artigos incluidos no programma d'esta revista.

Por agora, folgamos de mostrar, por este ligeiro artigo e pelas illustrações que podemos colher, a vitalidade artistica que se accentua entre os nossos irmãos de além-mar.

EFFEITOS DE LUZ

Photographias de um poeta

AO CAHIR DA TARDE

AO LUSCO-FUSCO

ELSA — Em S. Pedro de Muel — 1903

Clichés de Affonso Lopes Vieira

O Vestido da Japoneza

por WENCESLAU DE MORAES

Kobe, dezembro de 1905

u já referi algures, — em paginas que devem correr por ahi dispersas, a lembrarem pobres folhas seccas sacudidas pelas brisas do outomno, — eu já referi algures como na arte niponica, no desenho por exemplo, especialmente suggestivo, a *musumé*, a rapariga japoneza, é, em via de regra, esboçada em rapidos traços fugidios, sem preoccupações que visem a imprimir-lhe uma feição individual, uma particularidade phisionomica; resumida emfim a um contornosinho vago, caracteristicamente feminil sem duvida, mas tambem caracteristicamente impessoal. O pincel desenha a *musumé* como desenha uma camelia, ou como desenha uma borboleta, para as quaes, — camelia ou borboleta, — a nossa concepção esthetica admitte perfeitamente que se não bus-

quem conceder qualidades distinctivas ás petalas ou intensões sentimentaes ao olhar.

Referi tambem eu que, passando da arte á realidade, do desenho á vida, a mulher japoneza nos offerece a mesma uniforme fluidez de linhas, identica impersonalidade no seu typo; o que, pelo menos, serve a justificar a arte e a absolvel-a do senão de disparatada monotonia, que muitos estranhos lhe attribuem. Com effeito (e sem já fallar de hereditariedades ancestraes que véem de longe e igualizam o typo), sujeita desde a tenra infancia a uma meticulosa disciplina educativa, que lhe prohibe o deixar transparecer no rosto os sentimentos que lhe vão dentro d'alma, — de alegria ou de tristeza, de colera, de despeito, de susto, de desejos, de dor, de tudo que pode emocionar um ser, — as feições da japoneza diluem-se n'uma phisionomia indecisa e inexpressiva, identica em todas, como se uma mascara lhes viesse cobrir as faces, apenas ligeiramente animada de modestia, de humildade e de um sorriso. Reparae nos cem rostos, nos mil rostos de japonezas que vos ficam cerca, — na sala de espectaculo, n uma peregrinação ao templo ou a um campo de cerejeiras em flôr: — todos os rostos vos parecerão os mesmos, como se fossem irmãs gemeas todas aquellas japonezas.

Pode pois, n'um estudo de comparação esthetica, eliminar-se o rosto á filha de Nippon. Assim decapitada (se a expressão me é permittida), do que resta da sua nudez, as mãos — mãos deliciosas, — e os pés — pés deliciosos, — pouca importancia téem no referido estudo esthetico : as mãos, por um gesto peculiar a esta gente, desapparecem frequen-

temente no fundo das longas mangas do *Kimono*, e os pés nas pregas rojantes d'este mesmo amplo vestido. Fica assim, por exclusão de partes, reduzida a *musumé* ao seu vestido, ao seu *Kimono:* isto é, a uma simples peça de modista, a algumas jardas de fazenda, a um trapo...

Se ha encanto n'ella, um tal encanto não poderá derivar de caracteristicas sexuaes; será, quando muito, um encanto de colorido, de linhas, de ondulações murmurantes de sedas e setins; ou ainda um encanto de flôr, um encanto de insecto, um encanto de ave de polychroma plumagem.

Mas ha encanto. O colorido japonez, as gradações dos tons, são primorosissimos e unicos, nem ha palavras que os expliquem; véem das côres da natureza, por imitação directa, revelando uma intuição prodigiosa nos dotes visuaes do artista, maravilhando, mas fugindo á nossa critica. O japonez é o mais genial colorista d'este mundo; os olhos do estranho poisam por horas, hypnotisados por um enlevo irresistivel,na doce polychromia de um vestido de mulher. Quanto ás linhas, o *Kimono* constitue talvez o trajo feminino mais gracioso; e esta forma quasi de tulipa, a que elle se amolda, quando, descendo cingido ao corpo, se alarga em calice sobre a esteira do pavimento, é incomparavel. A manga, a manga enorme, resume em si e pelo gesto o inteiro poema da *musumé*; se a *musumé* chora, é a manga que vem cahir-lhe em véo por sobre o rosto, para occultar lagrimas que não devem ser vistas; se ella ri, é a manga que vem tapar lhe a bocca, para abafar gargalhadas que não devem ser ouvidas; segredando uma phrase e inclinada sobre a orelha confidente, é a manga que poisa sobre os labios, para abafar o som da vóz; no theatro e sem duvida na vida pratica, o reter na mão tremula uma ponta da manga da donzella, indecisa ou desdenhosa, é o gesto de supplica que um apaixonado lhe dirige, de joelhos; um poeta dos velhos tempos, como invocação de amor e de saudade, pergunta a si proprio que manga de *Kimono* roçou pelas flôres do seu jardim, para as deixar tão perfumadas; por ultimo, n'um vestido que não tem algibeiras, a manga serve de cofre, de bolsa natural, onde a *musumé* guarda o seu dinheiro, o seu lencinho, o seu espelhinho, os seus perfumes...

acaso a carta recebida ás escondidas, que irá ser lida com deleite em horas propiciosas.

Vae-se fazendo luz n'esta materia. Entre a Senhora Bago de Arroz, entre a Senhora Chrysanthemo, entre a Senhora Primavera, podem estabelecer-se preferencias decisivas. A *musumé* pode ser discutida, julgada, apreciada, querida até, pelo grau do mimo colorista do vestido, pelo grau de gentileza do córte do *Kimono*, pelas curvas da seda, pela graça na mimica das mangas, pela dedicadeza do tecido.

Com respeito a esta ultima questão, nada iguala — do que se tece em todo o mundo, — a leveza, a fléxibilidade, a maciez da seda japoneza, do crépe por exemplo, o *Chirimen*—uma das grandes maravilhas sahidas dos teares de Tokyo e de Kyoto. — Constitue uma delicia palpar nos dedos um pedaço de tal seda; sobre os labios, deixa a impressão de um pecego beijado. E, aproposito de beijos: nunca peças, *touriste*, um beijo á japoneza, porque a offenderias cruelmente, não sendo o galanteio admittido no Japão; o famoso methodo de João de Deus, não o da cartilha, mas o dos beijos, não menos famoso, apresentando como dogma que «um beijo na face pede-se e dá-se», não poderia ter curso n'este imperio; mas poderás talvez beijar, sem que a *musumé* o saiba, dissimulando o gesto... o seu vestido.

O Tio Feira

You know

Eram invariavelmente seis horas da manhã quando, no verão, o tio Feira sahia do monte. Sentado no burro, sobre uma golpelha que cobria o albardão e levava de um e de outro lado a fructa para a venda, o tio Feira recebia alli as encommendas:

— Se me trouxesse um avental? — dizia uma das raparigas estendendo-lhe um saquinho com o respectivo dinheiro. — Metro e quarta, basta.

— E a mim, linha para umas meias — accrescentava outra, entregando-lhe egualmente um saquinho com dinheiro.

Os saquinhos agglomeravam-se; homens e mulheres tinham, diariamente encommendas que fazer: — E era assucar, chá, café, tabaco, papel, sobrescripto e estampilha para uma carta, rapé, emfim, tudo; e não havia memoria de elle trocar uma encommenda, nem de falhar um pedido!

De forma que, á noite, ao entardecer, o regresso do velho era aguardado com indescriptivel interesse, principalmente em dia de correio, quando elle ia por cartas ou chegava ao quartel do regimento, a ver algum soldado da familia! Porque de familia se consideravam todos, vivendo juntos, annos e annos, sem se lhes dar contas senão pela sementeira e a colheita!

O tio Feira era um velho soldado liberal, companheiro do *real senhor D. Pedro IV* e conservando pela sua preciosa memoria o culto da mais commovente veneração.

O maior desgosto d'elle fôra a pressa com

que os filhos, robustos rapazes do campo, haviam feito o serviço militar! Sempre cheios de licenças, pedidas pela mãe, que *nanja* elle! que a lingua lhe *parasse na bocca* á hora em que elle pedisse para um filho se esquivar ao seu dever!

Andava dobrado ao meio, pelas dôres rheumaticas, apanhadas nas costas, pelas invernias rigorosas, por algumas balas alcançadas, mas o seu espirito estava vivo e firme como se tivesse ainda vinte annos! — A sua alegria era constante, o seu bom humor era notavel. Tudo *tinha de acontecer*, quanto acontecia. — Em cada um nascendo, trazia no livro do destino todos os dias de vida *contados* até á hora da morte!

E, no entretanto, o tio Feira era um crente e um devoto. Ouvia missa, confessava-se, commungava; e ás noites, ao terço, quando a senhora o resava em communidade com todo o pessoal que queria associar-se, desde o mais graduado ao mais humilde dos creados, o tio Feira era o mais assiduo de todos! Pelos vivos, pelos mortos, pelos seus amos e bemfeitores, pela Familia Real...

Havia dias em que elle contava, sentado no poial do forno, aquella *triste guerra*, aquellas maldades... *todas* ... como tanto haviam confiscado aos seus amos...

— Ah! se o senhor doutor vivesse!...

E as perguntas choviam, e a attenção redobrava, quando elle contava que o seu amo vinha quasi de noite vestido de carvoeiro, com dois burrinhos carregados de carvão... e só então via a senhora! — E o morgadinho, o filhito mais velho, ficava *passado* ao avistar o pae; mas... caladinho... porque se não podiam matar o seu *paesinho*.

E mataram, mais tarde, depois da paz; mataram-o á traição... Ah! mas Nosso Senhor não dorme e *isto aqui* são dois dias!

Depois d'estas conversas, o velhote ficava vibrante, rejuvenescido, mas toldavam-se-lhe sempre os olhos de lagrimas!... Levantava-se muito dobrado, mas ainda erguendo o busto; oscillante o corpo todo, nas pernas delgadissimas de polaina e calção, trazia quasi sempre o largo chapeu de Braga deitado para traz, uma pontinha de cigarro ao canto da bocca e um varapausinho para se apoiar. Annos e annos se passavam sem, que de verão ás seis e de inverno ás sete horas da manhã, elle deixasse de sahir do monte. Ora era o leite que se vendia, ora o *almece*, ora as fructas, que tantas eram e o consumo não dava vasão! Aquellas *vendas* eram um pretexto para umas tantas pobres velhas da cidade, viuvas, irmãs de creadas, etc., terem onde *ganhar* o sustento, sem à capa humilhante da esmola, visto que ainda *podiam trabalhar!*

A *tia Maria Veronica*, uma velhinha de setenta annos, quasi sempre lhe dava uma chavena de café bem quente, no inverno, — café como só ella sabia torrar e preparar, café como não havia em parte nenhuma! Cheirava que era um consôlo!

E no verão era então um capilé que o aguardava, capilé que ella aprendera a fazer no convento com a senhora D. Luiza Francisca, mãe de uma senhora freira, e que ninguem sonhára em preparar melhor.

O tio Feira sentava-se então e fazia as suas contas *de cabeça!* Contas certissimas, mathematicas, eguaes ás d'ella, que não perdia nem dez réis de um melão ou de uma melancia:

— Porque vossemecê bem sabe, *ti* Feira, eu sempre dou o meu *melanito* lá a uma creança ou outra, ou a alguma pobre que não ha *de comer só pão!* Isto a senhora não se importa; vossemecê diga-lhe lá, sim? Porque se não, parecia que eu roubava.....

— Crédo! Ora que lembrança, a senhora dizia lá isso? *nam* que ella *nam* sabe quem a *gente* é!»

Havia annos que só aos domingos o pobre velhote descançava, e então ia quasi sempre de tarde para a lareira e contava á senhora como a sua tia avó, D. Margarida, creára os cinco sobrinhos orphãos de pae e mãe — porque a senhora não resistira á morte do marido — como elles haviam sido espoliados e a nobilissima tia os educára milagrosamente! Para o mais velho estar em Coimbra, houve dias em que quasi comeram só pão os pequeninos! E como depois elle, mais tarde, reconquistára os bens da tia, que andavam em caseiros deshonestos; como dotára os irmãos, e chorára a irmãsinha de oito annos... cujo dedalsinho conservára até á morte, com a pequenina costura, no cestinho!

— Ah! se elle não morresse, os bens confiscados voltariam.....

Mas assim tinha de ser... e foi!...

E, muito dobrado, despedia-se e lá ia deitar-se..... Tinha d'ir cêdo para a cidade.

N'aquelle domingo, porém, aconteceu haver chegado um destacamento, e a mãe de um sol-

dado, que *havia de vir*, pedira-lhe na vespera:

— Se *vomecê* pudesse, *ti* Feira, dava lá uma saltada, ámanhã, e dizia *ô mê Zé* que pedisse *lecença* e viesse.

Assim fôra, logo ás seis horas; mas então sem encommendas.

E era já tarde... tardissimo, sem haver ainda regressado!

Já se não contavam as vezes que a pobre mãe do soldado, na altura do monte, investigava, com o olhar, o horisonte indefinido, deslumbrante!... O horisonte illimitado do Alemtejo, que á hora do sol posto offerece espectaculos unicos, incomparaveis!

No verão, uma orgia de purpuras diamantinas beijando o ouro fulvo das seáras; no inverno, o roseo dourado incomparavel cahindo, como uma nuvem, na alfombra avelludada e esmeraldina.... Uma alfombra ondulante que de longe se assemelha ao mar!

O Alemtejo é avaro em arvores, todo elle se desdobra em tapetes mais ou menos floridos, de côres vivas e alegres, d'espigas douradas e pendidas....

Já era, pois, vencida de ir e voltar que a pobre creatura avistou ao longe, distrahidamente sentado no burrinho, o desejado *ti' Feira*. E parecia-lhe um sonho como elle havia de chegar!

— Viu lá o *mê Zé?* — perguntava ella ajudando-o a desmontar para cima da pedra, onde elle costumava encostar o burro para subir ou descer. — Despache, homem de Deus, parece que vem assim a *modos* que parvo!

— Vi o *tê Zé*, sim; elle vem bom e ámanhã por *hi* está! Ahi te manda roupa, uma *cêra* de figos e um *pá de escolate*...

— Tome lá um bocadinho...

— Não, não... não quero... Deus te *dê* santas noutes. Se a senhora *préguntar*, diz *le* que venho assim *asoinado* e amanhã lá vou fallar....

E passando a *arreata* pelo braço, mais dobrado ainda do que nunca, levando os olhos rasos de lagrimas, o *ti'* Feira lá foi.... com o burrinho!

Elle sahira na ideia de ouvir missa, na cidade, cousa que ha annos não lhe succedia.

E ouviu. Dirigiu-se depois ao quartel. Casualmente, o regimento estava formado; sentado no burro, encostou-se a uma parede! Ficou *vendo!*.... Seria exercicio talvez!

Elle entendia todas as vozes de commando e ria sósinho... O Senhor Duque da Terceira... o marechal Saldanha, aquillo é que era...

Mas de repente soou-lhe aos ouvidos o hymno da Carta e a bandeira appareceu...

Ia haver juramento. O velho sentiu passar por deante dos seus cançados olhos..... o esplendor luminoso do passado... reviu, de repente, *tudo*, e sobre *tudo*... um vulto fino, insinuante, heroico: o vulto do *seu Imperador*

Saltou do burro, sem o menor auxilio... tirou o chapéu e... a tremer e a chorar, ouviu *em continencia* aquelle hymno sagrado! Hymno de tanto sacrificio, de tanta lagrima, de tanto amôr!..

Lisboa, outubro, 905.

MARGARIDA DE SEQUEIRA.

A FLORESTA

Ao Padre Manso

Não chores tanto, não te afflijas tanto,
Meu pobre Amor:
— Nem sempre a vida é para nós o encanto
Do Céo azul, dos roseiraes em flor.

Nem sempre a vida é bôa; e n'este dia
Em que a dôr te allucina e esmaga e dilacera,
Julgas morta de vez toda a tua alegria
E perdida e fanada a tua Primavera.

Eu presinto, eu conheço o grande soffrimento
Que entenebrece agora o teu olhar tranquillo:
Mas é maior do que elle o eterno esquecimento,
E um dia has-de pensal-o — e nem poder sentil-o.

E depois, meu Amor, não ha sonho de gloria,
Não ha sorriso bom, não ha paz ou belleza
Que não deixe um clarão, um rastro na memoria
A que a gente se aqueça em dias de tristeza.

Nunca Dezembro foi capaz de destruir
Toda a graça que veste a Natureza em Maio:
Ha frio, ha vento, ha chuva—e as rosas a florir
Dão perfume e dão côr ao funebre desmaio...

*

Olha: houve um tempo em que, buscando o Sol em braza
Sobre a Terra fecunda e prenhe de energias,
Florestas collossaes, d'entre o ferver da vasa,
Erguiam para o Céo as altas ramarias.

Nas arvores em flor cuja elegancia altiva
Cortava o azul do ar com gestos quasi humanos
Uma seiva inquieta e moça e ardente e viva
Era como a volupia em corpos de vinte annos

Vertiginosamente. impetuosamente,
Ascendia a correr, subia a palpitar,
E só parava quando o Sol, n'um beijo ardente,
Nas folhas verdes a fazia descançar.

Nas folhas verdes, que entre a fluidez
Da transparente e fulva atmosphera,
Bebiam luz, sorviam luz — com a avidez
De quem alcança emfim a sonhada chimera.

Bebiam luz... Sorviam luz... D'instante a instante
Despontavam botões, explodiam rebentos
— Novas boccas sugando a luz do Sol radiante,
N'uma ancia d'amor, com desejos violentos.

E tanta claridade aureolava então
Os troncos juvenis, d'uma esveltez de mastros,
Que mesmo á noite, sob a funda escuridão,
Das florestas saía um doirado clarão
Como o brilho immortal d'enormissimos astros!

*

Mas todo esse esplendor, toda essa claridade,
Toda a luz embebida e presa no arvoredo,
Desapparece um dia e morre no saudade
D'uma noite perpetua e d'um triste degredo.

Foi o sólo crescendo á volta das florestas.
E crescendo e trepando e afogando afinal
—Na avançada continua, em victorias funestas—
Os troncos hirtos d'uma altura excepcional !

E onde houve luz e força e vida e energia,
E a verde confusão das folhas rumorosas,
Um pedaço de terra, adormecida e fria,
Amortalha de vez as frondes gloriosas !

Nem sequer se adivinha um ramo ou uma flor,
E a auréola que os cercou, perennemente accesa,
Não deixou um vestigio, um resto de esplendor...
...Fôra inutil o Sol—e ingrata a Natureza...

*

Milhões d'annos depois, um homem que buscava
Pedras para abrigar o lume que accendera,
Ao revolver o solo onde a floresta, escrava
Da terra impiedosa, emfim adormecera;

Trouxe na sua enxada um blóco empedernido
—Seixo pela dureza e pelo aspecto lama—
Que posto ao pé do lume ardeu, foi consumido
Erguendo nobremente uma rutila chamma.

E o homem foi cavando a inexplorada mina,
Pasmado, sem saber como essa pedra inerte
Se desfazia em luz, na eterna luz divina
Que a noite nunca vence, e o mal nunca perverte !

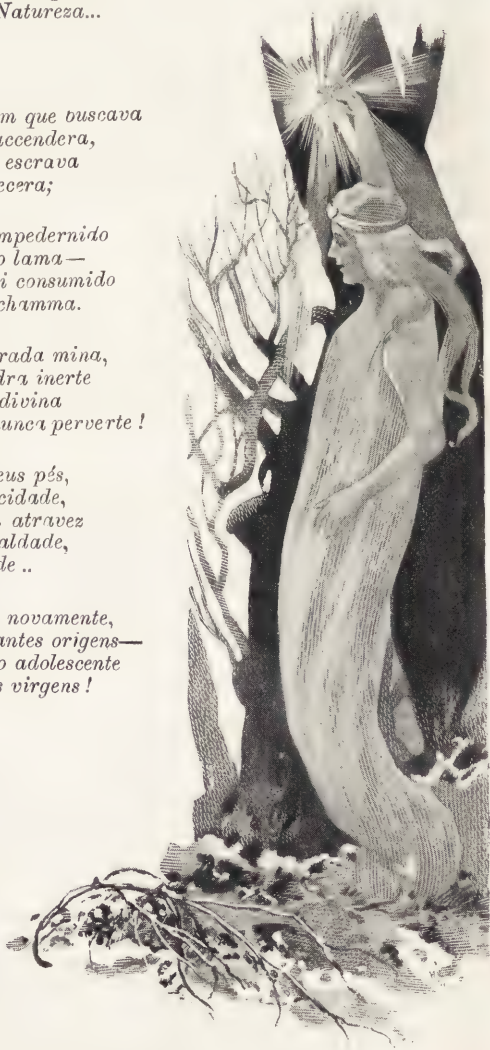
Sem saber que vivera ali, sob os seus pés,
Uma grande floresta em plena mocidade,
Que feita pedra emfim, conservára atravez
Da funda escuridão, da negra frialdade,
A antiga luz, a primitiva claridade ..

Porque era o Sol que ardia agora novamente,
—Um Sol que tinha visto as distantes origens—
Trazendo ao mundo velho o brilho adolescente
D'uma era de gloria e de energias virgens !

*

Pois assim como a Terra abrigou e escondeu
A luz, a juventude em seu vigor perfeito,
Assim tambem o amor, o sonho que foi teu,
Deve ainda viver no fundo do teu peito:

Vae procural-o bem: desenterra o passado:
Que a saudade t'o queime—e desperte o esplendor
D'um momento distante e bom e sempre amado...
E á sua chamma aquece o coração gelado,
Meu pobre Amor !...

João de Barros

A MUSICA DOS VENDILHÕES

os attributos sonoros da vida lisbonense ao ar livre, são os pregões dos vendilhões os unicos que desde a infancia nos costumámos a ouvir, umas vezes com complacencia, outras com vivo prazer. Não enfadam nunca.

Sanfonas, realejos, cantores ambulantes, — tambem de manivela, ao que parecia — houve alguem a cuja benemerencia devemos não circularem já pela capital. Seriam intoleraveis as campainhas dos electricos, se o seu desapparecimento não puzesse em risco de vida os transeuntes incautos. Os sinos, que ha mais de quatro mil annos atordoam a humanidade, nunca como ao presente provocaram tanta aversão; apesar da Historia nos dizer que o seu silencio, quando longo, é signal de suspensão nas regalias civis, ha alguns mezes, em Paris alguem pensou em supprimil-os.

Semelhante eliminação seria tão barbara como é culposa a indifferença manifestada ultimamente em Lisboa ante a intemperança d'alguns sineiros *virtuoses*, completamente empedernidos de coração... e de apparelho auditivo.

Ás horas matutinas em que uma sombrinha aberta seria offensa grave á luz temperada d'um sol acariciador, sitio nenhum de Lisboa offerece maior interesse que o mercado principal regorgitando de gente, da qual são vendilhões a maior parte. É vêl-os então nos carreiros formados na lide afanosa de transportarem para fóra da Praça todo o fornecimento do dia. Terminado elle, vendedores e vendedeiras disseminam-se pelas ruas, cruelmente ajoujados. Pasma-se então de como algumas d'ellas, racas na apparencia, de pescoço retezado, susteem gigas que são como que base d'enormes cones de hortaliça; e lá seguem assim soltando o seu pregão n'uma frequencia que nos diz elle animal-as na rude labuta, como o cadenciado *ordinario* suavisa a um troço de soldados as fadigas de longa e penosa marcha.

Regressando d'uma excursão á capital do norte, Pinheiro Chagas deixou escripto que, no Porto, os vendilhões apregoam por apregoar; apregoam porque assim convém á sua industria. Em Lisboa é vulgar poder-se notar o contrario. A vendedeira, principalmente, emitte o seu pregão com certo garbo indicador do empenho em dar realce a esses farrapos melodicos que por ahi se ouvem cantar.

— Cantar! — exclamará, indignado, algum frequentador do Lyrico ao suppôr menoscabada a arte que idolatra. Cantar! affirmamos, sem perigo d'impropriedade, nem proposito de desprestigio. Cantar, cantam esses que ahi vêdes, quando apregoam o *Dia*, as *Novidades*, a *Parodia*, e, ordinariamente, por instincto, vão modulando a voz, fazendo-a subir ou descer conforme a vogal sobre que recahe a accentuação do vocabulo. Cantar, cantamos todos quando fallamos, asseverava um dia Saint-Saëns cahindo a fundo sobre um contradictor a quem a convenção da opera beliscava os melindres d'estheta.

Um ouvido musical, bem exercitado, poderia notar as series de sons produzidos na declamação d'um discurso. Ora, para os cantos dos vendilhões, nem tão apurado ouvido é preciso. Hoje em dia, o que já se torna difficil n'alguns... é agarral-os.

Ha uma vintena d'annos a colheita dos pregões era ainda empreza facil. Algum conhecimento de solfa, um lapis, papel com a respectiva pauta, duas voltas pelas travessas e ruas

CANTAR, CANTAM ESSES QUE AHI VÊDES.

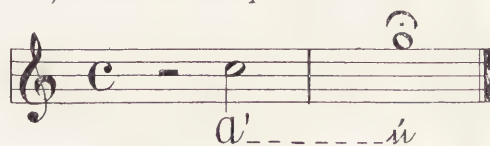
da Baixa, e de mais não se necessitava para trazer fartura d'elles. Actualmente, o caso é outro, porque as vantagens do progresso não as fruimos nós gratuitamente.

O facho que o symboliza, se irradia claridade, é á custa do que vae reduzindo ás cinzas do olvido nos usos e costumes do patrimonio nacional. Pouco a pouco, Lisboa perde de caracteristico, não só nas zonas principaes como tambem n'alguns bairros populares, onde dia a dia se vae desvanecendo esse conjuncto de traços, outr'ora tão vincados, de que se compunha a physionomia das nossas ruas. Quem nunca tenha vindo á capital, se quizer conhecer o que foram durante seculos os habitos da população, não percorrerá as largas avenidas, nem as principaes ruas da Baixa, onde já não são poucos os predios em que até as mansardas parecem ameaçadas da invasão d'escriptorios e agencias commerciaes. Terá d'enveredar pelas ruas estreitas e tortuosas, onde o movimento exterior é menos animado e o das almas que ahi vivem mais espontaneo e impulsivo. Ahi poderá colher ainda em flagrante o caracter da nossa gente nas suas varias modalidades; irá surprehendel-a nas occupações normaes, pois que lá a vida decorre meio dentro, meio fóra de casa; verá como ella palpita na alacridade do riso e no soluçar das lagrimas presenceará, emfim, o que em gerações successivas foram as ruas de Lisboa tão curiosas d'aspecto, tão cheias de pittoresco nas suas figuras populares. D'essa galeria vastissima, os melhores exemplares são os mesquinhos commerciantes com cuja mercadoria carregam.

Comecemos por uma figura typica que, não sendo originariamente nossa, por longo tempo andou ligada como nenhuma aos casos e cousas das ruas olisyponenses. Elle ahi está, divergindo apenas do que era nos seus tempos florescentes em que o Alviella não nos saciava ainda a sêde, na chapa numerada que lhe parece suspensa do umbigo. Quanto ao mais, é a mesmissima figura, porque o aguadeiro, gallego de nacionalidade, é a constancia em pessoa. Sobrio, pacato, resignado nas suas funcções de carregador resistente, indifferente a tudo que para elle não represente augmento de fundos, o gallego, oriundo d'uma região rica de cancioneiro musical, quando ao passar por *Las Portillas* começa a sua viagem migratoria, esquece quantas canções ouviu.

O assobio, tão peculiar aos typos da rua, é prenda n'elle desconhecida.

Subordina todo o seu sentimento musical ao pregão da agua, summario quanto possivel no seu justo *intervallo de quinta:*

Á... Ú

Mas circumstancia digna de notar-se é que ha gallegos eximios na fórma de fazer ouvir o curto apregoado. O *portamento* e o *smorzando*, as caracteristicas principaes do canto largo italiano, não é raro elles empregarem-n'os com verdadeira pericia. Alguns exageram até o primeiro d'estes artificiosos effeitos empregando o *glissé*. E quanto á nota aguda, ha tal que a *fila* com a suavidade indizivel com que um artista do *bel canto* faz diminuir gradualmente um som a ponto de parecer volatisar-se.

D'onde se conclue que o aguadeiro não serve para a declamação lyrica de Wagner.

Grande parte dos vendilhões circumscrevem hoje o seu giro a sitios afastados da Lisboa faustosa. São esses, d'ordinario, os mais curiosos d'aspecto. Actualmente, só por acaso se topa fóra dos bairros modestos com a figura do bufarinheiro com o seu sortido de fitas e novellos, fivellas e colchetes, agulhas e alfinetes e um cento mais de bagatelas, — sortido completo em que o negociante empregou o capital de cinco ou seis tostões e traz no mostruario, pendente do pescoço, percorrendo as ruas a apregoar :

AGULHAS E ALFINETES

Outra figura, e essa extremamente caracteristica, que, cremos bem, nunca poz pé nas avenidas no exercicio do seu mister, é a preta do mexilhão. Bradaria aos céos, na parte hodierna da capital, sentir-se a lusidia e anafada bahiana a esganiçar-se no :

Tambem por esses sitios de luxo, onde a electricidade já vae tornando raros os bicos incandescentes, é porcerto excessivamente magra a freguezia do homem do petroline. Ha de ser raridade ouvir-se por lá entoar, á hora crepuscular em que o sol esmorece no occaso, este retalho melodico tão embebido de melancholia, do qual menos prosaica applicação devia ter merecido o destillar a meiguice insinuante do canto da sereia :

A PRETA DO MEXILHÃO
uma lithographia de 1835

O leitor deve têl-o escutado recentemente em theatros lisbonenses, se não no palco de

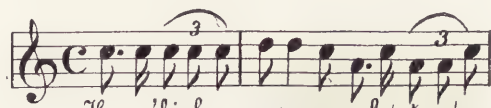
PITROLINE !

S. Carlos, no da Trindade, na parodia á *Aida*, cuja partitura, do sr. Julio Neuparth, é das cousas de geito, feitas estes ultimos tempos em musica scenica. São os primeiros compassos do *cantabile* de Amneris, em principios do º acto da *Aida*.

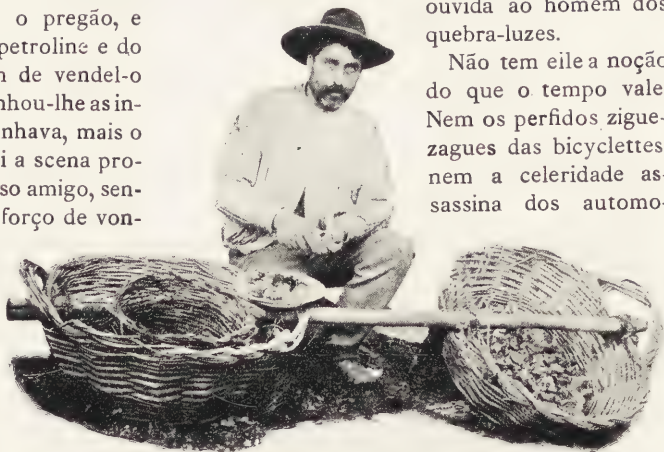
Seria fortuita a coincidencia? Com perdão aos manes de Verdi da approximação irreverente: o estro do operista insigne terá tropeçado com o do homem do petroline ?. . . Não nos é facil discriminal-o, comquanto nos inclinemos a que este pregão é mais antigo que a *Aida* em S. Carlos. Quem talvez nos pudesse esclarecer o caso é um amigo nosso, a quem, como a Kastner e a Charpentier, mordeu um dia a tarantula de notar os pregões da sua terra. Mas ignorando nós como elle tomaria a pergunta, não convém consultal-o, porque, — quem tal imaginaria ! — esse vendedor que por sobre os passeios da Lisboa antiga, candidamente, merencoriamente, vae arrastando o seu pregão em tom de sentido lamento... esse vendedor, por todos considerado creatura singela, é um finorio da gemma. Um dia o nosso amigo dispoz-se a recolher-lhe o pregão, e eil-o na peugada do homem do petroline e do azeite doce; mas este, que alem de vendel-o dir-se-hia tambem bebêl-o, adivinhou-lhe as intenções, e quanto mais um caminhava, mais o outro emmudecia. E assim se foi a scena prolongando, a ponto tal que o nosso amigo, sentindo-se já *sem pernas*, n'um esforço de vontade, acercou-se do homem do petroline e, *honteux et confus*, rogou-lhe a audição do pregão. O vendedor fez então ouvir a sua nénia e o annotador, descobrindo-se, apresentou-lhe os seus agradecimentos.

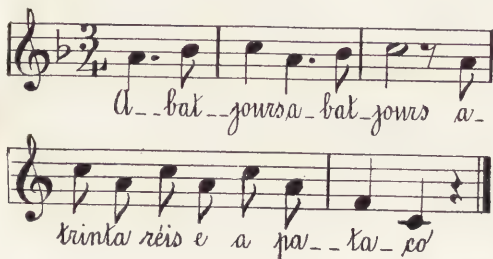
O pregão do homem das ostras:

é curto, sacudido, rijo como a concha do molusco. Vê-se que o vendedor d'ostras não pode perder tempo, por causa do que lhe gasta o abril-as.

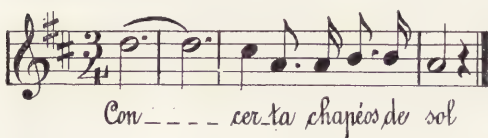
Já se não dá outro tanto com a melopéa do homem dos ossos :

quanto a nós, o mais curioso dos pregões de Lisboa. Nenhum, tanto como elle, reveste o caracter da nossa canção popular no melancholico arrastado da musica que os mouros, herdando dos arabes, fizeram conhecer á nossa gente. Deviam ser no estylo d'esta, na langorosa insistencia das tercinas, na irresolução rythmica proveniente d'algumas notas syncopadas, as toadas a que outr'ora o nosso povo chamava *aravias* e tão bem se identificavam com a sentimentalidade portugueza.

Tambem vagarosa, mas muito diversa pelo seu aspecto moderno, a musica volta e meia ouvida ao homem dos quebra-luzes.

Não tem elle a noção do que o tempo vale. Nem os perfidos ziguezagues das bicyclettes, nem a celeridade assassina dos automo-

ABRINDO AS OSTRAS

veis, fazem que este vendedor ambulante, intemeratamente postado a meio da rua, deixe d'apregoar em *adagio* :

Um pregão cujo desenho melodico deve ser d'importação é o dos galleguitos que por ahi andam, em geral aos pares, com uma caixa de ferramenta a tiracollo. Em que se empregam

Á CATA DE OSSOS

dizem-no alguns utensilios que a caixa não comporta e que lhes servem para o mister de deita-gatos e arranjos de chapéos de sol. Alli, porém, campeia a miseria a evidenciar-se na carne a espreitar pela roupa esburacada, o que diz com o pregão :

ABAT-JOURS, ABAT-JOURS!

ao qual o lamento da nota sustentada presta um ar de plangencia, proprio da lamuria em que pedem esmola.

Os hortaliceiros não teem, em geral, como tambem os peixeiros, um typo certo de pregão. Naturalmente, sendo aquelles que poderiamos considerar classicos excessivamente pobres de plasticidade, estes vendedores, custando-lhes a fixar o aspecto sonoro d'esses apregoados, adoptam uns quaesquer, mais ou menos amorphos, apenas pela necessidade de que a freguezia os sinta. Mas se isto succede com as couves e os espinafres, podendo-se mesmo dizer que

CONCERTA CHAPEUS DE SOL!

abrange toda a hortaliça, já se não dá por exemplo com as azeitonas, que, quer sejam elles a apregoal-as, quer sejam as raparigas que por ahi as mercadejam d'alguidar á cabeça, ouvem-se invariavelmente annunciadas por este pedaço de musica :

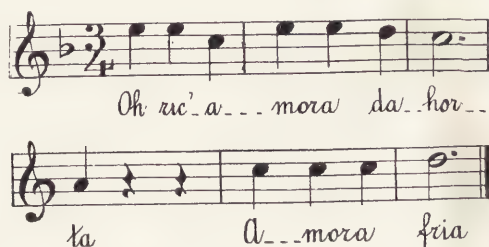
Para ouvidos exercitados, estes compassos de valsa dão a impressão de sequencia, de contiguidade.

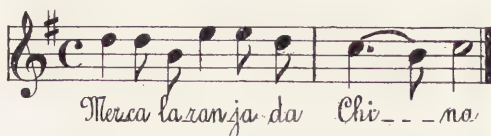
Lembram um fragmento d'uma idéa melodica de que se não ouviu o principio.

Continuando, chegámos aos fructos, com um dos quaes, o morango, se dá uma anomalia medonha no que respeita a quem vende o cabaz d'elles. Pode haver quem lhes prefira outra fructa ; gostos não se discutem. Mas de todas as fructas, cuja abundancia e variedade enriquece os nossos vergeis, nenhuma como o morango reune tamanho peculio de predicados tentadores. Elle agrada á vista na graciosidade da sua fórma curvilinea ; alegra-a na côr enrubescida ; é um regalo para o olfacto no aroma que rescende ; para o paladar uma delicia no seu sabor finissimo. E depois possue uma qualidade inapreciavel : — não é fallaz como o melão, a melancia e tambem a laranja, com toda a sua proa. O morango é o que alli está, offerecendo por isso ainda de bom poder-se-lhe avaliar a intensidade do sabor pelo tom rubro que apresente. Mas é sensivel, melindroso, creou-se para mãos femininas, e, portanto, é deploravel que quem solte o formoso pregão :

AZEITONAS NOVAS !

a que a curva franca e graciosa do intervallo de *sexta* imprime donaire e distincção, diremos até coquettismo, — seja tanto a miude o genuino saloio coberto de pó, a rebentar de manha, e ainda por cima suarento e mal cheiroso. E' uma indignidade !...

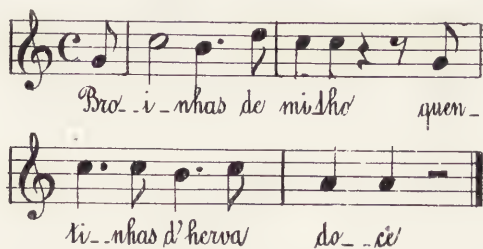
A amora negra e fria incumbe-se o rapazio de vendel-a, ao som d'um trecho de melodia que, pelo italianismo puro, parece inspirado em Donizetti. Eil-o :

Do figo aberto e rugoso é quasi sempre vendedeira mulher entrada em annos. Razão por que se ouve tanta vez como que em grita :

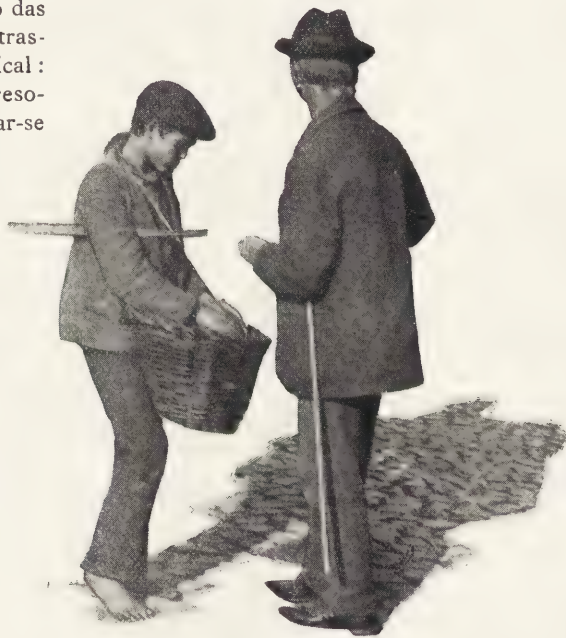
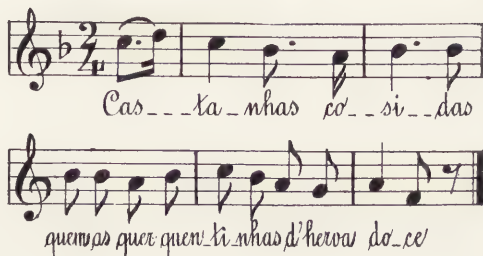
A laranja não tem typo fixo de vendedeira. Ou é a collareja ainda de carnações frescas, quando novel na profissão ; ou a varina morena e viva, esbelta como a palmeira, que vendendo peixe pela manhã, á tarde, n'um pisar ligeiro, com os quadris em saracote, passa cantarolando :

D'accordo com a portugueza usança, fomos primeiro á fructa que aos dôces. Vamos, pois, agora a estes no que toca aos seus pregões

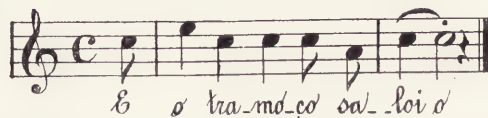
Apresentamos dois, e qualquer d'elles a titulo de curiosidade retrospectiva.

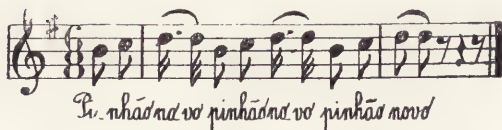
Hoje é preciso estar-se já a contas com a edade ingrata, pelo menos, para que por entre a poeira das recordações longinquas se distinga a passagem do curioso typo da rua que punha a creançada em alvoroço quando se lhe ouvia este mellifluo canto :

O outro dos dois pregões de dôce, o das broinhas, tambem já desapparecido, contrastava com o antecedente no aspecto musical : era bem marcado no rythmo cheio de resolução, mercê do qual elle parecia pavonear-se de pimponice e petulancia. Elle ahi está :

BROINHAS DE MILHO !

Dos pregões actuaes das castanhas, havendo por ahi tantos rapazes e adultos a gritar : — Quem as quer quentinhas ? — não existe um só merecedor d'especialisação. Uns não servem, por méramente individuaes, outros não são para aqui por falhos de relevo melodico.

Bem definido no seu desenho musical mas ainda coevo do chafariz do Neptuno, no largo das Duas Egrejas, era um que a tradição diz ser assim:

AQUI AS TEM, MUITO QUENTINHAS.

Industria assás decadente a venda do tremoço em Lisboa. Se uma ou outra vez nos interminaveis domingos de verão, se ouve a sacudir-lhes a monotonia esta nesga melodica :

ou esta :

quem as enuncia é a vendedeira ainda por informar. Qualquer rapariguita como essa que abaixo vêdes.

Pregão festivo e saltitante, este :

Mas a musica buliçosa d'este apregoado já não atravessa ha muito as ruas da capital. Se o *Pinhão novo* ainda se ouve, é nos arraiaes, por entre o estalar dos foguetes, d'envolta com uma vozearia infernal, cortada de improperios e chocarrices.

TRAMOÇO SALOIO

Uns lustros mais e desapparecerá de todo, com muitos outros que o Tempo arrebatará no seu torvelinho incessante São bagatellas, decerto, mas não valem só pelo lado pittoresco : valem tambem pelo que evocam no que se lhes associa.

Quando se vae já adeantado na jornada da vida, encontra-se a gente ás vezes n'uma disposição d'alma apenas desconhecida de quem jámais cuidou em se entregar a pensar. É a nostalgia do passado. Quando ella nos invade, toma-nos como que uma ancia de reconstituir em mente scenarios a dentro dos quaes nos decorreu o melhor da existencia. Prazer raiado d'amargura é esse de buscar, por entre a fumarada das recordações, as da intimidade de sêres que estremecemos, bem como as da alvoroçada alegria da mocidade e de mil venturas que não voltam, impossiveis de gosar sem o enthusiasmo juvenil. Quanto mais n'esses momentos o coração se confrange, mais exigentes parecemos no trabalho imposto á memoria de reverter ao passado.

PINHÃO NOVO !

Somos crueis na nitidez com que pretendemos a reconstituição de factos. E quando a memoria, por fatigada, já não nos dá senão as recordações da infancia, as mais impressivas de todas, é-nos grato relembrar figuras que nos alegraram em creança, como as de vendedores ambulantes, hoje desapparecidos, e outras curiosidades do aspecto antigo das ruas, que, pouco a pouco, o cosmopolitismo foi envolvendo na sua gélida mortalha...

ADRIANO MERÊA.

AMIGOS DE PORTUGAL NO ESTRANGEIRO

TOMMASO CANNIZZARO

As lettras portuguezas têem tido, ha uma duzia de annos, uma vulgarisação notavel no estrangeiro. Referimo-nos ás vulgarisações sensatas, feitas conscienciosamente por homens superiores.

Entre os nossos mais dedicados amigos, destaca pela envergadura de grande poeta, pela erudição vastissima e pelo conhecimento profundo das linguas, a figura extremamente sympathica de Tommaso Cannizzaro. Elle e W. Stork, o sabio professor da universidade de Munster, ha pouco extincto—as duas figuras excelsas, cujo amor pelos nossos grandes homens deve ser para nós, que ás vezes miseravelmente o não temos, um grato consôlo e um justificado orgulho...

RETRATO E ASSIGNATURA DE TOMMASO CANNIZZARO

Vem de ha muito a sympathia de Cannizzaro pela nossa litteratura. Devemos-lhe, além de muitos versões differentes nas *Fiori d'Oltralpe*, o melhor das *Folhas Cahidas*, de Garrett, e os *Sonetos Completos*, de Anthero, com um largo prologo critico, cartas, retratos, etc. Um volume precioso como arte, e precioso como documentação.

Para breve nos promette o extraordinario poeta os *Sonetos Completos* de Camões, os *Simples* de Junqueiro e outras versões já adeantadas.

As suas traducções são em verso — e em versos admiraveis. A lingua italiana, melodiosa ou forte, quando instrumento dum poeta como Cannizzaro, reproduz num relevo divino os nossos bellos poemas.

Damos a nota bibliographica dos trabalhos de Tommaso Cannizzaro:

Publicados (originaes): *Ore segrete*; *In solitudine Carmina* (2 volumes)

Épines et Roses; *Tramonti*; *Uragani*; *Gouttes d'âme*; *Cinis*; *Quies*; *Vox rerum*; *La voix des Deux mondes*.

Traducções: — *La mia visita a E. Sanson*, do francez; *Fiori d'Oltralpe* (2 vol.); *Sonetti Completi*, de Anthero do Quental; *Georgica*, de C. Lemos; *Dalle Folhas Caídas*, d'Almeida Garrett; *Le Orientali ed altre poesie*, de Hugo; *La Comedia di Dante* (primeira traducção em dialecto siciliano).

RESIDENCIA DE TOMMASO CANNIZZARO
Perto de Messina (Sicilia)

Ineditos: — *Antelucane* (versos); *Excelsior*, idem; *Dernières étoiles* (versos francezes); *Dalla Vita* (pensamentos).

Traducções, além das já indicadas, *O poema do Cid*, do antigo Castelhano; *Canzoniere*, di Mirza Schaffy, do allemão; *Três poetisas francezas; Mithologia Norrena dall'inglese di E. Rasmus Anderson*.

Em preparação tem ainda «*Della Natura o di quel che non é*, e *Canti popolari della provincia di Messina* (mais de 3:000 cantos).

O auctor de *Uragani*, de *Cinis*, de *Vox Rerum*, é um homem de genio, cuja obra enorme merece a admiração de todos. Quanto a nós, portuguezes, não é apenas com a admiração, mas com affecto agradecido, que devemos corresponder á gentilesa do grande vulgarisador das nossas lettras.

Toda a obra de Cannizzaro é meditada e vivida, a espraiar-se como o grande e luminoso mar que lhe beija as costas da Sicilia — a sua patria. Nos seus volumes de versos (varios em francez) ha sempre, a par duma limpida visão esthetica, uma riquesa prodigiosa. O poeta não se restringe a generos: é deliciosamente ly-

rico, heroico, uma vaga nevoa pessimista invade ás vezes o artista, ou tem a ironia dum Heine esplendidamente italiano.

Não é, claramente, benedictino cinzelador de formas, um parnaziano acanhado. A sua musa tem os magnificos cabellos soltos como as deusas; a inspiração é larga, e precisa de todas as cambiantes de forma, de toda a variedade e riquesa de metros. Tem a nobresa dos poetas classicos, mas a sua lingua é viva — «mais colhida na bôca do povo, que nos livros» — como o poeta confessa no prologo de *Vox Rerum*. O alto espirito de T. Cannizzaro, que é o dum pensador penetrante e moderno, divaga por todo o esplendor da natureza, mãe antiga e bemdita de todos os grandes poetas; ascende, no largo vôo, e ás vezes colhe as azas luminosas e deixa-se envolver um momento em nuvens melancolicas...

No seu volume *Dalla Vita* (natureza, sociedade, amor, mulheres, arte, poesia, etc), se avaliará mais nitidamente da philosophia de T. Cannizzaro, do que na musica e na beleza dos seus admiraveis poemas.

No poemeto ha pouco publicado, *Voix des deux mondes*, relativo á guerra russo-japoneza, transbordam os sentimentos mais generosos, e as ideias mais puras de liberdade e de justiça cantam nas estrophes d'essa ode hugueana, cujos alexandrinos batem grandes azas nas fulgurações duma aurora nascente... O egregio poeta, que não é creança, conserva sempre a frescura generosa da mocidade no grande coração!

Concurso photographico dos "SERÕES" — Menção honrosa

ESTRADA DE ODIVELLAS

Photographia do Sr. Alfredo F. de Lemos

Costumes de Maceió

Estado de Alagôas, E. U. do Brazil

Envia-nos um nosso amavel leitor de Maceió o seguinte interessante artiguinho sobre costumes d'essa terra, tão pouco conhecida, e tão digna de o ser, entre nós. Acompanham o artigo duas curiosas gravuras, que deliciosamente illustram o texto. Em nosso nome e no dos nossos leitores, agradecemos ao sr. Lavenère a sua valiosa collaboração e fazemos votos para que o seu exemplo seja largamente imitado.

UM CARRO DE BOIS

Maceió, capital do Estado das Alagôas, é uma cidade quasi moderna: é illuminada a luz electrica, tem estradas de ferro, cafés, bilhares, fabricas de tecidos, collegios, seminario episcopal, etc.

Esse progresso, porém, não impede que o velho carro de bois ainda transite pelas nossas ruas, calçadas de parallelipipedos, atravessadas por linhas telephonicas e telegraphicas, vias ferreas, o vehiculos menos attestadores de decadencia ou infancia.

O carro que ahi se vê transporta uma *carrada* de lenha grossa, destinada aos fórnos de padarias.

Alem desse rude serviço, o carro de bois é utilizado ainda, nesta cidade, para

UM CARRO DE BOIS

CHEGANÇA

conduzir familias aos logares distantes, na estação do Natal.

Imaginemos uma d'essas interessantes viagens.

É pela madrugada a hora da partida.

Á porta dos que vão passar o dia de Natal fóra da cidade, está o carro de bois.

Galantes raparigas empunham harmonicas, pandeiros, *ganzá*, etc.

Talvez não saiba o leitor que coisa seja um *ganzá*...

É simplesmente um tubo de folha de flandres com algumas pedrinhas dentro...

Serve para animar a nossa dança popular, o *côco* ou *samba*.

Difficil seria descrever um *côco* verdadeiramente alagoano, mas não é aqui o seu logar.

Á frente do carro vae uma caixa de provisões para o dia: a panella de mão de vacca, sarapatel, lombos cheios, fritadas de camarões, o nosso indispensavel *sururú*, e a não menos indispensavel quantidade de vinho, cerveja, aguardente fina, bem azuladinha...

Os cajús, as melancias, jacas e outras fructas encontram-se pelo caminho.

O pão quentinho é comprado á ultima hora, quando o primeiro alvor do dia apressa a partida.

Moças, creanças, as mamãs e as titias arrumam se no carro de bois, como sardinhas em lata.

Um toldo de esteiras de peri-peri abriga-as do sol.

Os rapazes e o chefe da caravana cavalgam ao lado, em animaes que até á vespera não sabiam que gôsto havia em supportar uma sella.

Não faz mal; o tempo é de festa e a festa não é bôa sem esses disparates que fazem rir.

Partiu o carro, chiando um gemido que não acaba, tombando, subindo e descendo, quebrando as costellas das creaturas, que n'outra occasiãõ chorariam em vez de rir e cantar.

Viajam assim duas horas! Atravessam ribeiros cuja agua vae molhar os vestidos de alguma das viajantes; chegam emfim, cançadas, as faces rubras, as mãos vermelhas de *palmas* que bateram acompanhando as cantigas de *côco*.

Teem que voltar ainda no mesmo carro, e voltam sem a mesma alegria da partida...

No dia seguinte o pobre carro de bois continua a carregar lenha grossa, mas não vem chiando o seu lamento que é o encanto do carreiro, porque a municipalidade não permitte que se juntem duas velharias tão velhas dentro de uma cidade tão nova.

Maceió-Brazil.

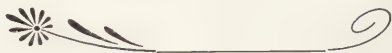
CHEGANÇA

É a *chegança* um dos divertimentos populares do Estado de Alagôas, Brazil.

Na estação do Natal a barca dos chegantes vae cada noite até a casa de um divertido cidadão, executa manobras de guerra, sua tripulação conta historias que em algum tempo foram verdadeiras, como naufragios, combates navaes, etc. e acabada a festa vem a ceia lauta que o visitado offerece aos *chegantes*.

Dura esse divertimento desde a noite de Natal até ao dia de Reis.

A barca que ahi se vê foi a mais notavel do Natal de 1905, em Maceió. A figura que está á prôa é a do *guardião*, mostrando o cornimboque em que tem o seu rapé; o outro, é o *ração*.

L. LAVENÈRE.

Na Semana Santa

Cliché Lima

A' Porta dos Martyres — O Concurso dos Devotos

Se a mocidade soubesse...

VI

A AVESINHA CASEIRA

Os aposentos da marechala eram no andar terreo do palacio, e Sidonia julgou que a sorte a favorecia quando, ao chegar lá, o porteiro lhe disse que a illustre dama acabava de entrar. Ainda mais contente ficou ao ser recebida por ella de braços abertos e arrulhantes palavras de boas vindas.

—Muito bem, *ma belle enfant!* Tenho ás vezes uns presentimentos!... Já a esperava. O grande javardo de seu tio, o chanceller, e a serigaita da mulher... Conheci-a á primeira vista: cabecinha de arveloa, genio de vespa e coração de ferro. Não era logar proprio para a menina aquella casa. A minha filha precisa de uma verdadeira amiga, e por isso fez bem em vir ter comigo, fez muito bem!—Acenou affirmativamente com a cabeça, fazendo com que a pluma da ave do paraizo, que lhe enfeitava a touca de gaze, adejasse por sobre os finos caracoes alvos de neve.

Pela segunda vez n'aquella noite os olhos de Sidonia luctavam contra a invasão das lagrimas; d'esta vez, porém, eram prantos de allivio e gratidão. A marechala deu-lhe uma pancadinha no hombro e inclinou-se para beijal-a: tinha em volta de si um delicado ambiente de pós de Parma e do ambar que aromatisava as rendas.

—E' muito bom, querida filha—murmurou ella — ter na côrte uma pessoa de amisade, alguem que possa guiar-nos atravez d'estas paragens. *Ma petite*, vamos fazer grandes coisas, afianço-lhe. Mas por emquanto não lhe digo mais nada. Não tarda a nossa ceiasinha. Que comeu hoje, *ma belle enfant?*

Tocou uma campainha de prata e appareceu uma gentil *soubrette*, que fitou atrevidamente na visitante os olhos negros de azeviche.

— Bettine, *ma fille*—disse a meliflua dama —leva... *Mademoiselle* para o meu toucador e arranja-lhe o penteado, antes da ceia.—E voltando-se para Sidonia segredou-lhe amavelmente : — Precisa tornar-se ainda mais bonita, porque tenho um convidado.

—*Par ici, mademoiselle*—disse Bettine rapidamente.

Quando já iam entrando n'um gabinete que rescendia a violetas, e cujas tapeçarias eram da côr das violetas, ouviram a marechala dizer, com os mesmos tons assucarados:

—Bettine, ha de voltar aqui. Tenho um bilhetinho para mandar, *ma fille*.

— Sim, minha senhora — respondeu a creadita franceza e fechou a porta.

Sidonia olhou em volta de si, e attentou depois na cara antipathica da *soubrette*. Pareceu-lhe que debaixo dos pés se lhe abria um abysmo, no proprio logar onde esperava encontrar terreno firme. Tinham-lhe ferido desagradavelmente o ouvido a palavra *mademoiselle* e o tom emphatico com que a senhora edosa a pronunciara. A referencia ao convidado tambem lhe causara uma certa suspeita, que a ordem relativa ao bilhete accentuara ainda mais. E observando os olhos pretos de Bettine, via n'elles uma expressão petulante e profundamente desagradavel. Perguntou com aspereza:

— Quem é que a sua ama espera para a ceia?

A creada encolheu os hombros e respondeu familiarmente.

—Ao pé de *Madame la Marèchale* ninguem se aborrece. E então os seus *petits soupers fins* são o que ha de mais delicioso e discreto. Faça-se tão bonita quanto possivel, *Mademoiselle*, e tudo lhe correrá ás mil maravilhas. *Allons!* Tire-me essa horrivel capa... Prompto! Não se quer sentar?... Oh! *Que Mademoiselle est bien faite! Mais coiffée...* Queira desculpar... o seu penteado é quasi anti-diluviano!

Foi quando Sidonia percebeu em que armadilha se deixara cahir. E, com a nitidez da sua convicção, viu tambem o que tinha que fazer. Sentou-se, como a franceza lhe dissera, e sem proferir palavra foi fazendo um exame minucioso do quarto, emquanto a aia da marechala lhe ia arranjando o penteado. Porta só havia aquella por onde tinham entrado; aos lados do toucador rasgavam-se grandes janellas, tapadas com cortinas espessas.

—Ora veja como ficou tanto melhor, *Made-*

moiselle ! — exclamou Bettine, recuando um pouco para admirar bem a sua obra.

Sidonia reflectiu anciosamente no que acabava de pensar. Uma palavra, um olhar, um indicio de fraqueza frustrariam promptamente o seu plano, á pressa imaginado. Para além d'esta possibilidade surgiam os horrores para que nem podia olhar, para que nunca olharia. Pois, no peor dos casos, ainda havia um refugio. As palavras do rabequista: «O lenitivo de uma alma pura e altiva... o que chega a ser alegria» acudiam-lhe de quando em quando ao espirito, como um echo da sua musica, e davam-lhe energia e allivio.

— Oh! Como está linda, *Mademoiselle* ! — exclamou Bettine novamente, e d'esta vez com sincero enthusiasmo. — Despede verdadeiras chammas o seu olhar, e não ha carmim que possa egualar a côr das suas faces !

— Bettine ! — chamou do quarto proximo a voz argentina da marechala. Sidonia, entrando no seu papel, com o instincto de quem se vê sem defesa, sorriu alegremente para a francezita, como a dizer-lhe que fosse ter com a patroa.

— Espero que *Mademoiselle*, quando estiver no galarim, não se esquecerá de que fui eu que a enfeitei — insinuou a creada da marechala.

— Não me esqueço, fique descançada — respondeu Sidonia, por entre dentes.

Mal viu a porta fechada, agarrou no puxador. Felizmente, a marechala gostava dos gonzos discretos e por isso a noivasinha poude abrir a porta cerca de uma pollegada, para escutar o que diziam as duas. Não lhe tremiam as mãos : sofreou a respiração para que nem o ruge-ruge da seda pudesse atraiçoal-a.

Os espiritos fortes exaltam-se nas grandes situações.

Segredavam no quarto contiguo. O ouvido da herdeira de Wellenshausen educara-se nas clareiras da floresta, cheias dos sons quasi imperceptiveis das vidas minusculas. Apanhou palavra aqui, palavra ali :

— O bilhete... nas mãos de Sua Magestade... Percebeste bem ?

— *Mais oui, madame !*

Bettine ia-se afastando, mas n'esta occasião a marechala disse qualquer coisa, em voz ainda mais baixa, que Sidonia não poude ouvir e que a resposta de Bettine não esclareceu. A resposta foi esta, acompanhada por um frouxo de riso: «Ai! Não, minha senhora. Creia que se engana. Não nos assustamos tão facilmente !»

Uma risadinha meliflua commentou o dito da creada.

— Em todo o caso, já está na gaiola a pombinha — tornou a marechala, ainda a rir.

Era mais do que bastante. Sidonia fechou a porta com suavidade. Descobriu um ferrolho, que se moveu promptamente debaixo dos seus dedos. Estava n'um phrenesi de pressa. A capa sobre o vestido de côr pallida, e o capuz sobre o elegante penteado, obra de Bettine !... E agora para a janella ! Quem fecha na gaiola uma avesinha, deve ter a precaução de verificar se as vergas estão em bom estado, porque a coitada tem azas, e o coração palpita-lhe pela liberdade, pelo companheiro, pelo ninho. Os aposentos da marechala eram no *rez-de-chaussée*, mas ainda que fossem no andar mais alto, aquella janella não deixaria de ser para a donzella o caminho da evasão.

Oh! Que impressão deliciosa a que lhe produziu, batendo-lhe no rosto, aquelle ar fresco e puro, em substituição da atmosphera quente e desagradavel, que se respirava dentro do quarto! Pelo socego e fragrancia, pela terra molle que sentiu debaixo dos pés quando sahiu para o exterior, conheceu que estava no jardim do palacio. Noite escura e chuvosa. Ao longe os candieiros da entrada do parque lançavam clarões vacillantes.

Não fazia a menor ideia da direcção que devia tomar, mas a intenção da sua alma era incapaz de desvios, como o vôo da ave que volta ao ninho. Havia só um refugio para ella, um logar só: os braços do esposo. Era claro o seu caminho: ia ter com Estevam, e, depois d'isso, mais nada lhe importaria no mundo.

Deitou a correr em direitura das luzes do portão. D'ali a instantes, já tinha encharcados e atolados em lama os sapatos de baile ; as saias estreitas pegavam-se-lhe ás meias de seda; tropeçou em moitas de verdura rentes ao chão e esteve quasi a cahir. Já não podia correr. Tinha de avançar ás apalpadellas. Os olhos foram-se-lhe habituando á escuridão. Vislumbrou a claridade de uma alameda, pelo meio das renques de arvores; por ali se encaminhou para as luzes N'aquelle chão mais firme já podia andar mais depressa, se arregaçasse um pouco as saias que lhe prendiam os movimentos. O portão estava aberto. Nem sequer havia sentinella na guarita, que desse rebate da fuga de Sidonia. De dentro do cubiculo do

porteiro vinha o barulho de cantigas, de risadas e de copos. Tal amo, tal creadagem.

A rua por onde tomou era calçada e estava quasi ás escuras. Tinha pouquissimas casas, todas do lado opposto ao muro do parque. A parte que subia parecia ir dar ao campo, e á cidade a que descia. Quasi sem reflectir, tomou por esta, apertando mais as dobras da capa contra os fatos chocalheiros, e puxando o capuz para a cara. Agora tinha de caminhar mais devagar, se bem que o bater dos pulsos lhe desse ideia dos passos de perseguidores implacaveis, e o seu desejo irresistivel fosse correr deante d'elles quanto pudesse. Atravez do escuro parque, trazia sobre si como que um pesadelo, mas a passagem pela cidade era mil vezes mais terrivel. Olhou para traz, para a escura solidão, buscando amparo.

AQUELLA JANELLA NÃO DEIXARIA DE SER O CAMINHO DA EVASÃO

Continuou a andar sem vacillações, firmemente, pelos labyrinthos das ruas sordidas: parando aqui, a perguntar o caminho a alguma matrona, e obtendo umas vezes respostas delicadas, mas sendo outras vezes repellida, como se fosse mulher despresivel, ou motejada, em vista do seu luxo lamacento. N'uma occasião cercou-a um bando de estudantes, rindo e bailando; um dirigiu-lhe graçolas em francez mascavado e outro agarrou-a pela cintura. Estava meio morta de medo, mas enfureceu-se e cobrou animo para castigar o insolente em bom e energico dialecto da Thuringia, dizendo-lhe que era indigno de um verdadeiro allemão insultar assim uma mulher indefeza.

Todos se afastaram immediatamente, vexados e respeitosos, e ella continuou a andar com resolução, se bem que o coração lhe batesse com tanta força no peito, que ameaçava suffocal-a.

Mais adeante um homem de cara escura e grosseira, e com argolas de oiro nas orelhas, acompanhou-a passo a passo, ao longo de uma rua. Foi o momento de maior angustia de toda aquella aventurosa jornada. Na sombra de um portico, viu, porém, luzir a alabarda de um vigia nocturno; foi para elle deliberadamente e, na boa lingua materna, commum a ambos, disse-lhe a cruel afflicção em que estava e pediu-lhe que a guiasse até á *Aigle Impérial*

O homem escutou-a calado, fitando os olhinhos sagazes no rosto de Sidonia, que ella fizera instinctivamente sahir um pouco do capuz, como para reforçar com este argumento as suas palavras.

Então, soltando uma imprecação contra os estrangeiros, agarrou-lhe na mão, como se estivesse tratando com uma creança.

E como creança ella o acompanhou cheia de alegria, escutando, com um sentimento vago de conforto, as palavras que o homem resmungava em dialecto thuringiano mais grosseiro, prophetisando a libertação da honrada Westphalia, a queda dos tyrannos pygmeus e a approximação do tempo afortunado, em que as mulheres decentes poderiam passear pelas ruas de Cassel sem se arriscarem a ouvir insultos, e em que os allemães genuinos reentrariam na posse do que era seu.

*

— Sou a condessa de Kilmansegg — disse Sidonia ao creado, que se lhe dirigiu, quando entrou na *Aigle Impérial*.

Pouco se lhe importando já que a reconhecessem, deitou o capuz para traz da linda cabeça desgrenhada.

O creado olhou para ella com espanto, ao ver *Mamzell* a Baroneza.—A burgravina não lhe dera outro titulo.—Mas o olhar da recemchegada era imperioso, de modo que, sem dizer palavra, o serviçal tomou a deanteira e levou-a, pelo pateo e ao longo das escuras escadas, até ao quarto do segundo andar. Ia bater á porta, mas a condessa despediu-o, dizendo-lhe:

— Pode ir-se embora. Eu mesma me annuncio.

No quarto estava o fogão acceso e havia luz, mas como Sidonia não viu ninguem, cuidou que o coração se lhe tornava tão deserto como o quarto — um vacuo doloroso. Fechou a porta e sentou-se profundamente desanimada. Passado algum tempo, foi invadindo-a uma sensação de agazalho, um calor physico e moral, que a retemperava.

Viu espalhadas em volta de si varias coisas pertencentes a Estevam. Deixou de temer que não voltasse! O vago aroma da alfazema, de que elle tanto gostava, trouxe-o de subito e vividamente á presença de Sidonia. Desatou a chorar, coitadita! Já não podia mais. Quando encostou os pés á porcellana aquecida do fogão, era como se mil pontas de agulhas estivessem a espicaçar-lh'os. Quebrantada de espirito, avassallada pelo enternecimento, haveria para ella consolação mais doce que o triumpho, n'esta hora em que se rendia a sua essencia de mulher? Parecia que aquellas lagrimas doloridas tinham apagado inteiramente a lembrança dos motejos e ameaças de Betty, e das suppostas culpas de Estevam. Ha momentos em que a alma vê alem dos factos.

O calor foi actuando n'aquelle corpinho exhausto. Sentiu-se levada para longe, embalada em sonhos vagos, para acordar logo depois com o coração a pulsar desordenadamente no peito, opprimido pelas reminiscencias das passadas angustias.

N'um d'estes sonhos, imaginou que o burgrave, Betty, d'Albignac e Jeronymo lhe tinham descoberto a pista, e que a levavam outra vez para o palacio real. Quando acordou, conheceu que estava sósinha, mas não se libertou completamente do pavoroso terror do pesadelo... A astuciosa Betty sabia certamente onde deviam procural-a e o homem que estava lá em baixo tinha-a reconhecido... Não servia de nada fechar a porta, porque o burgrave, mettendo-lhe os hombros, arrombal-a-hia de prompto, ainda que o obstaculo fosse muito mais solido. E Estevam podia voltar e não vir a saber... Ergueu-se, toda tremula, do logar onde estava sentada e olhou em redor de si.

N'isto surgiu-lhe no espirito uma ideia extravagante e infantil: o grande leito allemão da alcova era todo cercado de grandes cortinados de damasco de seda amarello. Podia então acoitar-se áquelle abrigo convidativo e correr os cortinados. Ficaria ali tão abrigada como a avesinha dentro do ninho occulto na folhagem... Era um quarto dentro de outro quarto. E escondida poderia espiar o marido, quando elle voltasse.

*

Estevam subiu as escadas vagarosamente. Durante duas horas, exasperado pelo ruido dos folguedos longinquos, medira a passo o vestibulo do palacio do rei, á espera da resposta da carta que escrevera ao burgrave, reclamando sua mulher. Afinal tinha escapado de ser preso, graças a um official de bom genio, cujo coração sympathisou com aquelle moço e gentil estrangeiro, de bolsa facil em abrir-se e rosto onde se estampava a afflicção.

Voltou profundamente triste para a *Aigle Impériale*. Talvez o rabequista se tivesse lembrado de ir lá procural-o! Encontrou, porém, a aguardal-o no *salon* publico uma personagem muito differente, que matava o tempo beberricando copitos de cognac.

Era d'Albignac, monteiro e estribeiro-mór

AH! SIDONIA!

do rei Jeronymo. Mal viu Estevam, levantou-se e cumprimentou-o com uma grande cordealidade, pronunciando rapidamente o nome e o titulo austriaco do conde, e annunciando o seu com affabilidade exaggerada.

— Já nos tinhamos encontrado — retrucou Estevam asperamente, muito bem disposto, como estava, para levar as coisas ás do cabo.

— Parece-me que não — replicou o estribeiro-mór, cujo olhar teve um lampejo de raiva, que brigava com aquelle sorriso. — Parece-me que não, sr. conde. Tenho até a certeza de que é esta a primeira vez que disfructo o prazer de lhe falar.

— Como quizer! — disse Estevam, encolhendo os hombros, com desprezo, e fitando os olhos na face bochechuda, em que já uma vez tinha assentado a mão. — Afinal de contas era o senhor que tinha mais forte razão para se lembrar. — E accrescentou com arrogancia britannica: — Diga o que quer.

O sorriso de d'Albignac sahiu-lhe contrafeito, por entre os dentes amarellados. Os dedos contrahiram-se de repelão sobre um papel

que acabava de tirar da pasta pendente do cinturão da espada. Todavia, o estribeiro-mór não alimentava illusões sobre a duração que teria o poder de Jeronymo, e aquelle papel, uma vez assignado, assegurava-lhe a prosperidade futura. Valia a pena, portanto, mostrar um minuto de urbanidade a quem, se não fosse isto, desejaria esmagar debaixo dos pés.

— Tenho que tratar com o sr. conde um assumpto bastante melindroso, mas que, espero, será facilmente resolvido n'uma conversação que tivermos a sós.

E indicou, por uma olhadela significativa, uns officiaes francezes, que estavam perto d'ali, jogando os centos e o gamão.

— Não imagino que assumpto se possa tratar entre nós, a não ser um. Em todo o caso, venha ao meu quarto. O que desde já lhe prometto é que será prompta a minha resposta.

Mal disse isto, encaminhou-se para a escada, tenuemente alumiada, e subiu com d'Albignac atraz de si. Encaminhou-se para o seu quarto, onde entrou em primeiro logar, pois um cachorro de semelhante laia não tinha direito a ser tratado de outro modo.

— Feche a porta e vamos ao que tem para dizer.

D'Albignac conseguiu outra vez dominar a furia.

— Como disse, meu caro senhor, é um assumpto melindroso. Creio que não ignora que *Mademoiselle* de Wellenshausen está agora no paço.

— Allude á condessa de Waldorf-Kilmansegg? — perguntou Estevam com intimativa.

—Oh! Esse titulo!...Bem sabe que, de parte a parte, se arrependem de ter casado. Ponha o sr. conde o seu nome n'este papel, que do resto nos encarregamos nós.

—Nós? — repetiu Estevam, que tinha estado a ouvil-o com apparente serenidade. — Que tem que ver com estas coisas o coronel d'Albignac?

Nem sempre tira um homem a melhor vingança de outro esbofeteando-o ou dando-lhe uma cutilada. Na resposta que deu d'Albignac, ficaram perfeitamente saldadas as contas antigas que havia entre ambos.

— O rei—disse elle — o meu rei, Sua Magestade o rei Jeronymo interessa-se muito pela nobre fidalga.

Foi como se a capa estivesse a estrangular o moço austriaco. Arrancou-a de si e descahiu dois passos para traz, a fim de atiral-a para cima do leito. Precisava de ter livres os braços.

A voz desagradavel do outro continuava a ouvir-se:

—E' desejo do meu soberano que a joven herdeira de Wellenshausen despose um fidalgo da sua côrte, e a escolha recahiu n'este seu humilde servo. Posso tambem dizer que a encantadora menina está de accordo...

Confusamente, atravez da zoada que o sangue lhe fazia nos ouvidos, Estevam escutava. Por um movimento machinal, fez a capa n'um molho e descerrou os cortinados de damasco, mas quedou-se atonito, silencioso, de costas viradas para o seu atormentador.

D'Albignac esfregava as mãos e sofreava um risinho mordaz. Era gôso mais completo que retribuir-lhe a bofetada com outra mais retumbante, e até melhor do que sentir o aço cortar á vontade na carne ou morder nos ossos do contrario...

O conde de Kilmansegg deixou a capa escorregar-lhe das mãos e, tendo fechado rapidamente os cortinados, voltou-se para o visitante, dizendo-lhe:

—Se o coronel quizer deixar-me esse documento, examinal-o-hei esta noite com toda a attenção e devolvel-o-hei ámanhã de manhã.

Recebeu cerimoniosamente o papel da mão de d'Albignac. Estava um pouco mais pallido que antes, mas tinha no rosto um sorriso singular e nos olhos um estranho brilho.

—E trata-se da herdeira mais rica da Westphalia! Sempre teem uma tal prôa estes austriacos!--pensou o estribeiro-mór, resfolegando alliviado.—Felizmente, bastou-me tocar no assumpto para... — Accrescentou, dirigindo-se a Estevam: — Não imagina quanto folgo por tel-o encontrado tão razoavel, meu amiguinho. Vejo que... que deseja o meu bem... Pois de certo! Os tempos vão maus e um soldado de fortuna, como eu, não pode ser muito escrupuloso. O rei... valha-nos Deus!... ceia hoje com a condessa de Kilmansegg... Não! Não! Quero dizer: com *mademoiselle* de Wellenshausen!

Alargou-se n'um sorriso momentaneo o rosto do conde.

—Que riso amarello!—disse comsigo mesmo d'Albignac.

—*À demain*, coronel, mas não antes do meio dia.

Estevam disse estas palavras com voz sere-

na, quasi carinhosa. Avançou depois a passos ligeiros para o estribeiro-mór, bateu-lhe ao de leve no hombro, e apontou para a porta.

Os dois encararam-se fixamente, surgindo com impeto os impulsos bestiaes no alentado corpo do serviçal de Jeronymo Bonaparte. Havia, porém, no olhar de Estevam um *quid* imperscrutavel, uma animação, uma quasi alegria que entibiaram o outro. Julgou que Estevam se lhe avantajava, e muito, no modo frio de encarar os acontecimentos, e recuou fazendo uma desastrada mesura, mas sem saber manejar a ironia. As suas grandes botas resoaram pela escada abaixo.

Estevam abriu com cautela os cortinados e ficou debruçado a examinar o vulto adormecido.

ERA UMA MELODIA DE AMOR, DE ADEUS, DE PARTIDA

A avesinha tinha vindo para casa finalmente! Extenuada de cançaço, estava, como creança que era, immersa em somno tão profundo, que nem a bulha feita por d'Albignac lhe causara o minimo incommodo. Tinha os delicados braços abertos para um lado e outro, e as mãos levemente contrahidas, n'uma attitude de immensa prostração. Atravez dos labios semi-abertos, respirava placidamente.

O doirado cabello espargia-se em ennoveladas madeixas, formando como que uma aureola em redor do pallido semblante. Nunca se manifestara tão exuberantemente aquella mocidade.

Mas como parecia fatigada e exhausta no meio de toda a placidez do seu repouso!... Ainda estavam sujas de lama as saias de setim, que deixavam ver um pequenino pé descalço, com a meia de seda manchada de lodo e... de sangue

A sua querida mulher!

Que difficeis caminhos não trilhara para chegar até ali!... Se escapara a algum abysmo mais escuro e profundo e mais terrivel que o do castello de Wellenshausen?...

Lentamente, sem saber o que fazia, Estevam cahiu de joelhos ao pé d'ella, tendo ainda fechado na mão, inconscientemente, o papel que lhe dera d'Albignac. Percorria-lhe todo o ser uma onda de amor, um esto de ternura protectora.

A sua querida mulher!

Ainda na rua o vigia nocturno não tinha acabado a cantilena da meia noite, quando se sentiu uma pancada secca na porta do quarto. E logo o vulto do rabequista Hans appareceu deante de Estevam, que se ergueu e dirigiu para elle.

Parou um instante, apesar de vir em urgente missão, para admirar, á luz que havia no quarto, o rosto do mancebo.

Nunca imaginara que tão pura alegria pudesse contrapôr-se á enorme desolação que arrastava pelo mundo. Foi sem a minima surpreza que viu assomar por entre os cortinados a face rosada de Sidonia : já tinha conhecido pelos olhos de Estevam que estavam juntas finalmente as creanças que amava.

—Estevam ! — disse Sidonia.

— Ah ! Sidonia !... gritou Estevam.

Correu para a noiva, e, sem se importarem com a presença de Hans, abraçaram-se doidamente. Por entre elles cahiu para o chão o papel, com que havia de annullar-se o casamento.

— Vamos, filhos ! — disse a rir o musico ambulante, mas com os olhos arrasados de lagrimas, o que ninguem ainda lhe tinha visto. — Para isso terão tempo de sobra, depois ; agora precisam aviar-se ! Vamos ! Vamos ! Tenho lá em baixo uma carruagem á sua espera. Ria comigo, menina Sidonia, ria comigo! E' nem mais nem menos que a carruagem da burgravina ! Podera ! As esposas allemãs não podem escapar tão facilmente aos maridos, ainda que seja na côrte de Jeronymo ! Betty de Wellenshausen não viajará esta noite, fugida ao seu senhor ! Nem o fará nunca, talvez! Uma berlinda e quatro bons cavallos de posta podiam lá desaproveitar-se!... Depressa, meus filhos, que não se pode perder um minuto. Afianço-lhes que antes do amanhecer cahe sobre a cidade um grande temporal !

Sidonia não tinha que fazer grandes preparativos. Poz a capa, e do fundo do capuz o seu lindo rostosinho voltou-se para o rabequista.

—Para onde vamos ? — perguntou.

— Para onde ? — repetiu o vagabundo, com uma toada na voz semelhante a um echo da sua musica. — Pois para onde havemos de ir senão para a floresta, para o verde seio que tão discretamente e sem perigo ha de acalentar esse amor? Para a casa escondida no meio do arvoredo, aonde, uma vez, levei certo rapaz que se esquecia da primavera da vida e que se perdera no caminho. Foi assim que encontrou uma e outra coisa.

*
* *

O rabequista subiu para a almofada e os cavallos romperam a trote largo. Encostada ao hombro do marido, Sidonia cahiu de novo n'uma meia somnolencia, acalentada pelo gotejar da chuva lá fora, pelo monotono balanço do carro, pelas pancadas rhythmicas das ferraduras dos cavallos contra os caminhos embrandecidos. Passaram pela estalagem dos Tres Caminhos, e já estavam cingidos pelo amplexo do cerrado arvoredo, quando ella estremeceu de repente e soltou um grito abafado.

— O que é isto ?

Um bramido surdo ainda lhe soava aos ouvidos.

— São tiros de artilharia — respondeu-lhe Estevam.—E' o fim do reinado de Jeronymo !

Ao pôr do sol chegaram á casa da floresta, onde a sua presença causou grande espanto e alegria. Depois da excellente ceia, que lhes foi servida na sala, em cujo tecto sobresahiam as longas traves, sentaram-se ao pé da grande lareira. E quando não riam nem falavam, a paz da floresta vinha cingir os dois amantes, conforme lhes tinha prophetisado o rabequista Hans. Que tarde bemdita !

Com os clarões avermelhados a bailarem-lhe no rosto, o musico apparentava uma extraordinaria serenidade.

— Ha de viver sempre comnosco, meu querido Geiger-Hans! — dizia-lhe Sidonia de instante a instante. E de cada vez que lhe ouvia isto, o musico sorria, como se estivesse de accordo.

*
* *

Ao raiar da portentosa madrugada na floresta, acordou Estevam no dia seguinte, e embora no coração tivesse tanta alegria como a de um passarinho na primavera, ainda pesava sobre elle um sentimento de perturbação e anciedade, que parecia tel-o penetrado durante os sonhos d'aquella noite.

A janella ficara aberta, para entrar o luar, que tinha ido beijal-os; mas a mysteriosa alvorada proseguia longe d'ali, velada como noiva do Oriente. Tenues vapores acinzentados pendiam, como cortinas, por deante da janella aberta.

Estevam sentou-se na cama.

Os pulsos batiam-lhe apressados. Apurou o ouvido : sentiu o rumorejar das folhas, o gotejar do orvalho, o chilrear dos passaros que iam despertando... e por fim uns accordes tão apagados, que parecia fluctuarem n'um sonho. A melodia tornou-se mais distincta,

posto que continuassem a tocal-a muito á surdina; ergueu-se depois, lamentosa, alegre e triste ao mesmo tempo: um segredo e um chamamento. E com ella vinha um rythmo como de quem ia caminhando: melodia de amor, de adeus, de partida. Enfraqueceu e sumiu-se mais uma vez nos murmurios do arvoredo. Foi silencio por fim, mas ainda parecia cantar.

Repentina magoa trespassou o coração de Estevam. Conheceu que o rabequista Hans o tinha deixado para sempre.

*
* *

O musico vae andando ao longo do bosque sombrio e humido.

Já esvoaça no ar o cheiro do primeiro lume, que accende a próvida tia Friedel, e vem lisonjear o olfacto de Hans, lembrando-lhe a lareira; elle, porém, tinha voltado as costas resolutamente á casa da floresta e á ventura juvenil que ali se abrigava. Estava acabada a sua obra. Devia, portanto, continuar a vida errante, porque era a solidão tudo o que Deus podia conceder-lhe na terra; a solidão e o movimento incessante, para adormecer a dôr que lhe retalhava o coração. Sentia-se muito velho e cançado. Tinha a face livida e severa, quando a voltou para a longa estrada.

A clareira da floresta rasgou-se de improviso para deante d'elle, e a terra começou a baixar em direcção á planicie, toda banhada em luz de oiro.

O sol vinha nascendo com brilho tamanho que parecia prometter um dia eterno.

Traduzido do inglez por Maximiliano de Azevedo).

AGNES E EGERTON CASTLE.

Historia de um veado

DURANTE O PRIMEIRO ANNO, OS CHIFRES DE UM CORÇO SÃO APENAS DUAS PROTUBERANCIAS NO ALTO DA CABEÇA, AS QUAES VÃO CRESCENDO DE ANNO PARA ANNO.

NASCEU este veado n'uma magnifica tapada de um fidalgo riquissimo, um logar de delicias onde desde seculos cresciam livremente, entrelaçando os ramos frondosos, arvores robustas e respeitaveis.

Tambem ha que seculos alli vagueavam em doce paz os seus antepassados, em vastos rebanhos que era um gosto ver, das janellas do solar, a pularem por montes e valles, ou agachados e meio occultos entre os fetos enormes, pelo meio dos carvalhos colossaes. Porventura era graças ao instincto que havia herdado, tanto como ás ordens severas de sua mãe, que elle, logo de pequeno, se deixava estar horas esquecidas deitado na sua cama de fetos secos e calcados, quietinho que nem uma estatua.

Logo com poucos dias de vida, o nosso amigo sentiu força nas pernas para galopar em companhia dos outros corços da sua egualha, tão velozes que mais pareciam voar do que correr, parando apenas uma vez por outra para calcar a relva com os cascos delicados.

Nos dias quentes do verão, os rebanhos da velha tapada passavam o tempo em attitude sonhadora, ao passo que os pequenos iam medrando á lei da natureza.

O dia começava para elles por volta das cinco horas da manhã. Preparava-lhes o guarda um bello almoço de legumes, espalhando-os para que a distribuição se fizesse com a maxima equidade, cousa de meio litro por cabeça, em media.

Depois, desde as nove e meia até ás duas da tarde, descançavam veados e corças, preguiçosamente reclinados á sombra do copado arvoredo, ou, em dias mais abrazadores, no cimo dos outeiros, onde podessem apanhar as mais leves aragens, ruminando e dormindo, de pernas estendidas.

A tarde, das duas ás quatro, era consagrada á pastagem e ao passeio. Um

veado não morde a herva tão rente como as ovelhas ou os cavallos, mas pode alimentar-se n'uma pastagem onde a ovelha morreria de fome. Junto com a herva, o veado atira-se com guloseima ás bolotas.

Cerca das quatro horas da tarde havia outro periodo de descanço, de ruminar e reflectir, seguido ás seis por outras duas ou tres horas de actividade, em que os corços cabriolavam á vontade. Apenas cahia a noite, todos os veados, grandes e pequenos, se enroscavam a dormir em cima dos fetos.

E n'este agradavel modo de vida passou o nosso corçosinho os seus annos de infancia, dormindo, brincando e repousando ; até que pelo mez de outubro, com a queda das folhas, uma grande mudança occorreu no espirito da manada.

É regra em todas as manadas haver uns poucos de maioraes, que servem de guias aos mais novos e reteem em seu poder quantas corças possam conquistar. Por conseguinte, os veados novos teem por força de esperar annos antes de furtarem uma corça ao harem do maioral, e só por direito de conquista se apossam d'ella. Quando um dos maioraes envelhece, tem que dizer adeus ás glorias da conquista, e é pouco venturoso o seu destino.

O corço tinha muitos annos deante de si para se ir habilitando á situação de maioral ; mas a natureza não perdia tempo em o ir aprestando para as batalhas da vida.

Os esgalhos do veado contam um volume inteiro da sua historia. Todos os verões começa a crescer uma camada, augmentando em tamanho e em numero de pontas, até ficar completa em agosto. O chifre é fabricado pelo sangue que circula livremente dentro de sua cobertura de veludo, ou pelle velosa, e se acaso esse veludo é offendido, o chifre pára de crescer ou cresce deformado. Por volta de agosto, começa a formar-se um lobulo no pé do chifre, interceptando o suprimento do sangue ; e o veludo vae cahindo então, e as armas do veado, já duras e limpas, estão promptas para a refrega.

TODOS OS ANNOS VÃO SURGINDO NOVAS PONTAS, E SE NADA LHES TOLHER O CRESCIMENTO REGULAR, OS ESGALHOS FICAM PERFEITAMENTE SYMETRICOS.

QUANDO OS ESGALHOS CHEGAM AO ESTADO PERFEITO, TEEM DOZE PONTAS E DÃO AO ANIMAL UMA APPARENCIA MAJESTOSA E SENHORIL.

No anno seguinte, ahi pelo mez de abril, os chifres estão na muda; mas dentro de quinze dias começam de novo a crescer, e a desenvolver-se com maravilhosa rapidez.

Os esgalhos do nosso veado cresceram por feitio regular; eram finos em forma e tamanho, compridos e limpos. Começou aos dois annos a sua carreira de combates, embora nada ganhasse com o seu esforço mais do que uma tremenda derrota, infligida pelos mais velhos e mais fortes, e um grande desgosto por se não sentir ainda com força bastante para vencer um adversario da sua egualha. Aos tres annos ainda não se podia medir com os maioraes; mas no anno seguinte já cantou victoria.

Succedeu n'esse anno um dos maioraes chegar a uma crise dolorosa na vida, e dar o primeiro passo no caminho da decrepitude.

Uma bella noite, os seus bramidos e furiosas patadas receberam uma terrivel affronta.

Estava elle ao luar, mergulhado até aos joelhos n'um massiço de fetos, em frente do seu cortejo de corças, a desafiar arrogantemente um bando de veaditos novos.

De repente, destacou-se do bando um d'elles, arrostou com o patriarcha, baixou os esgalhos e investiu para o velho guerreiro como um raio.

Entrechocaram-se os esgalhos. O veado velho recuou. Mais e mais foi recuando até ser impellido para longe das corças espavoridas,até vacillar e cahir sobre os joelhos. Então o juvenil veado deu uns passos á rectaguarda e depois investiu de novo contra o inimigo derribado, uma, e outra, e outra vez, até não ter duvidas sobre a sua definitiva victoria

E d'essa data em deante, ficou havendo na manada um novo maioral.

Contente de si, triumphante em successivas batalhas, acrescentando de anno para anno o seu cortejo de corças delicadas, lá vive elle na vetusta tapada senhorial, e todos os corços novos o encaram com veneração e temor. Lá virá dia em que por seu turno envelheça e em que um adversario mais robusto o esbulhe do seu prestigio e do seu rebanho de corças.

LENDAS AÇORIANAS

ERMIDINHA DA SENHORA DO PRANTO EM S. MIGUEL

A branca ermidinha da Senhora do Pranto tem todos os annos a sua romaria de devotos, que lá vão piedosamente offertar-lhe, junto com as suas orações fervorosas, cordeiros e trigo, fructas e flores.

A ermidinha fica arredada do caminho, lá para baixo, quasi sobre a rocha, distante dos povoados, olhando o mar, sorrindo aos navios que ao longe passam, abençoando os pescadores que todo o dia lidam nas aguas.

Naquelle santo dia da Senhora do Pranto, despovoam-se as quatro freguezias mais proximas da sua rustica ermidinha. O adro e os campos de em volta estão cheios de gente que ri e canta, ao som da viola, findo o jantar de pão e fructas, sobre a toalha verde da relva. E até que a tarde morra, pelo estreito carreiro que vae dar á ermidinha, os romeiros continuam a descer n'uma festiva via sacra,—como uma fita ondeante de mil côres estendida sobre o verde claro das seáras.

E a boa velhada parece ter, nesse dia, os olhos cheios daquelle descuidado riso da sua mocidade, vendo as dansas e folgares da rapaziada, ouvindo a gritaria chilreante das creanças.

*

Senhora do Pranto! Senhora do Pranto!

Vê como os teus filhos riem junto da tua ermidinha branca, redimidos pelo pranto que choraste!

Olha como essas ingenuas e boas almas confiam em ti e te são gratas! Como vão, cheias de crença no remedio dos seus males, tirar terra da sepultura da tua serva, beber agua da tua fonte, beijar a pedra dessa nascente, onde para sempre ficou gravada a forma do teu divino, pequenino pé! Olha! Senhora do Pranto!

Mas bem pagas tu as offertas das sementeiras e fructas novas, das flores e da cêra, com que os teus filhos vão carinhosamente adornar-te o altar. Dás felicidade aos noivos, tranquillidade aos velhinhos, riso ás creanças, abundancia ás terras... Bem lhes pagas tu!

Por isso eu nunca vi dia de festa tão ingenuamente tocante, tão cheia de riso, tão doirada de crença. Como é linda a tua festa, Senhora do Pranto!

O caminheiro que passa na estrada, e vê lá em baixo a tua ermidinha, fica a scismar porque não seria ella construida á beira do caminho e perto do povoado. Tenho mais pena, Senhora do Pranto, da ignorancia do caminheiro, que não sabe a linda historia da tua ermidinha, do que do mendigo que passou um dia com fome, sem alcançar uma migalha de pão...

Tu sustentarás o mendigo, Senhora do Pranto, e pode muito bem ser que o pobre caminheiro nunca tenha a felicidade de ouvir a maravilha do teu poder.

Abençoa a minha penna, Senhora do Pranto, que eu vou escrever a historia assombrosa da tua ermidinha, para que todos a saibam;

e ao verem-na de longe, levados pelas velas dalgum navio, sobre as aguas do mar, ou de passagem pela estrada verdejante, se descubram e rezem uma Ave-Maria, porque foi grande o teu poder, como é grande a tua misericordia.

Abençoa a minha penna, Senhora do Pranto, que eu vou escrever a historia assombrosa da tua ermidinha.

Olha! Sabes tu? Ainda ha pouco, contando-a eu a um Doutor, tal como a ouvi no tempo santo em que era tambem teu romeiro — ai! ha quantos annos, Senhora do Pranto!—elle disse-me, a sorrir, que essa historia não passava duma lenda...

Vê tu, minha boa Senhora, como são incredulos e vaidosos os sabios! Perdoa-lhes, perdoa-lhes, Senhora do Pranto, que a tua bondade é bem maior do que os nossos peccados!

*

Peccadores! Escutae!

Quando morei, pequeno, numa das aldeias visinhas da rustica ermidinha, que lá em baixo se ergue sobre a rocha, eu fui tambem romeiro da Senhora do Pranto.

Peccadores, como eu! Poisae aqui os vossos olhos, lêde a grandiosa historia daquella ermidinha rustica!

Escutae!

*

A uns quinhentos metros da costa, olhando-se da ermidinha para o mar, vê-se emergir das aguas um grande rochedo, em forma de cratera, que umas vezes as vagas revoltas açoitam com furia, que outras vezes as mansas ondas suavemente beijam.

Foi ha muitos annos, por um dia de inverno. Proximo do rochedo, deitára as suas redes um barco de pescadores, que um desabrido temporal accometteu de surpresa.

No horror das vagas alterosas, da cerração espessa, do vento que bramia, todos os esforços dos pobres marinheiros foram inuteis. O batel estava raso de agua, rotas as velas, quebrados os remos.., E então, esses quatro homens que se viam morrer mesquinhamente, deixando ao desamparo viuvas e orphãos, com o rosto em pranto e as mãos em cruz imploraram o auxilio do ceu. Uma ultima vaga lhes quebrou a ultima esperança. O barco tinha sido arremessado de encontro ao recife, despedaçando-se. Envoltos nas ondas, sem forças para luctar, iam-se já afundando os miseros naufragos...

Foi então que uma linda Senhora appareceu sobre o rochedo, envolta numa auréola de luz, e estendeu o seu divino braço para os pescadores, que subitamente se viram sobre aquellas pedras, onde o mar não ousou chegar-lhes, emquanto lá por cima, pela beira da rocha, mulheres e homens choravam afflictamente.

Passada a tormenta, um outro barco os tomou e restituiu, sãos e salvos, ao carinho das esposas, dos paes e dos filhos, a quem contaram, maravilhados, o prodigioso milagre da Virgem!

*

Escutae, peccadores! Ainda a historia não findou.

Em memoria d'este signal da bondade e do poder de Nossa Senhora, a quem chamaram do Pranto, pelas muitas lagrimas que em tristes olhos seccára, quizeram os povos daquelles sitios edificar-lhe uma ermidinha, humilde como elles, mas rica da fé das suas almas.

E foi cá em cima, á beira do caminho, que se lhe abriram os alicerces e se preparou a pedra. Mas quando toda ella estava apparelhada para a construcção da ermidinha, uma bella manhã, indo os operarios continuar a sua obra, não viram a pedra, que tinha sido levada, não se sabia por quem, durante a noite, para a beira da rocha...

Os operarios pasmaram de assombro, e todo o povo ali correu, a presenciar o mysterioso caso.

A pedra foi novamente conduzida para a beira da estrada, mas no dia seguinte amanheceu outra vez sobre a rocha!

Que milagre era, pois, aquelle?...

E foram os espiritos rusticos dos naufragos que tiveram a revellação de que era a Senhora quem a transportava de noite lá para baixo, porque queria a sua ermidinha dominando o mar, para olhar pela segurança dos que andavam sobre as suas aguas.

Ali deixaram a pedra, que não mais se moveu; e sobre a rocha alta foi construida a ermidinha da Senhora do Pranto, de quem eu fui tambem romeiro.

*

Mas escutae ainda, peccadores como eu.

Durante a fabrica da ermidinha, como ficasse longe a agua para amassar o barro, demorado se tornava o trabalho dos operarios. Houve então uma pobre mulher, velhinha e fraca, que fez promessa de todos os dias a acarretar do povoado, para não retardar o fim da obra piedosa.

Assim o fez, até que as forças de todo lhe faltaram; e cahindo de joelhos junto da ermidinha, cujas paredes começavam a erguer-se, supplicou á Santa que não a desamparasse.

E ali mesmo, ante os olhos maravilhados da pobre creatura, uma fonte começou nesse instante jorrando as suas aguas!

Está hoje a nascente envolta numa garrida gruta, feita pelas mãos piedosas dos camponezes: e uma das pedras, que resguardam o trasvazamento da agua, tem gravada a forma dum pequenino pé, que dizem ser o da linda Senhora, que ali foi beber.

Ficou a velhinha, durante a vida, sendo a guardadora da branca ermida. Hoje, as cinsas do seu corpo estão sepultadas lá dentro, sob o chão terreo da egreja, terra de abençoados milagres.

*

Peccadores! Eis a mystica e perfumada historia, a que muitos de vós chamarão lenda.

Eu, por mim, verdadeira a creio, porque muitos velhinhos ma contaram, chorando, no tempo santo em que eu era tambem romeiro —ai! que ainda o fosse! — da linda Senhora do Pranto.

*

Senhora do Pranto! Senhora do Pranto!

Na tua festa tens fructas maduras, cordeiros brancos, sementeiras novas, lumes e flores, que te vão offertar as crentes e ingenuas almas dos teus romeiros. Mas generosamente pagas tu essas offerendas, Senhora do Pranto!

Têm uma santa morte os velhinhos que levam para casa um punhado de terra da sepultura da tua serva—e a sepultura está sempre rasa!—vivem ditosos os noivos que bebem da agua da tua fonte; ha sempre riso nos labios das creanças que beijam a pedra onde poisou o teu divino pé, e nunca mais houve um naufragio nas aguas do mar que a tua ermidinha vigia!

RETABULO DO ALTAR MÓR
NA ERMIDINHA DA SENHORA DO PRANTO
(S. MIGUEL)

Senhora do Pranto! Senhora do Pranto! Repara no pranto de meus olhos! Olha que eu tambem fui teu romeiro!

Ai! quem o fôsse ainda, Senhora do Pranto!

Lisboa, 1905.

RAPOSO DE OLIVEIRA.

Os Serões dos Bébés

Vivia certa Perinha
No ramo da mãe Pereira,
Mais feliz que uma rainha,
Mais occulta que uma freira.

Assim mesmo foi bispada
Cá de baixo p'la Rosita,
Que disse para a creada:
«Ai! Que pera tão bonita!»

Foi logo apanhada a pobre,
Verde ainda, muito dura.
Se a Rosita a não descobre
Chegava a molle e madura.

Como não lhe mette dente
A lambaz da pequenota,
Deita-a surrateiramente
Para um frasco de compota.

A Pera, ao cahir na calda,
Jura vingança cruel,
Pois toda em raiva se escalda,
Tão azeda como fel.

Se a tiraram pequenina
De junto de sua mãe!
Do sol, do ar, da campina,
Que saudades ella tem!

Dias depois figurava
Ao jantar, na compoteira,
E o appetite despertava
Da Rosita lambareira.

Ninguem mais... Está sósinha...
Atreveu-se... uma corrida!...
E n'um segundo já tinha
A rija fructa engulida.

Mal no estomago se apanha,
Diz a Perinha, contente:
«Chorarás a tua manha
Na cama, que é parte quente!»

Vae deitar-se a pequenita,
Sentindo já muitas dores.
Como ella rebola e grita
Debaixo dos cobertores!

Rosna a Perinha judia:
«Se verde não me comeras,
Nenhum mal te succedia.
Tens ainda pão p'ra peras!»

E teve, pois soffreu dores
Tres semanas successivas...
Meu Deus, livrae-nos de amores
E de peras vingativas!

Zelio.

CHUVADAS DE MAIO

UM DOS AMORSINHOS, AO OUTRO — *Casos ha em que uma aberta vem fóra de proposito entre os mortaes, não é assim, ó collega?*

O LEQUE

Diz tristeza e alegria,
Desdem, capricho, paixão,
Bondade, melancolia,
O leque na sua mão!

Ha pouco (noite sombria,
O' meu pobre coração!...)
Foi um punhal d'ironia
O leque na sua mão!

Eu enlevado dizia
Versos cheios d'emoção;
E quanto de mim se ria
O leque na sua mão!

Mas ao ver quanto eu soffria,
Tomou-se de compaixão
E quazi perdão pedia
O leque na sua mão!

N'um theatro, ainda outro dia,
Bem commovente era a acção!
Que d'agitado tremia
O leque na sua mão!

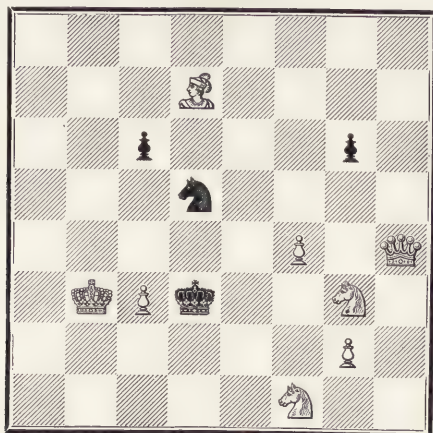
De longe attento seguia
Toda aquella vibração,
E quanto comprehendia
O leque na sua mão!

Despreza, mata, inebria,
Dá o castigo e o perdão,
Ama e detesta a poesia
O leque na sua mão!

Que estranha soberania
Que poder de seducção!
Parece feitiçaria
O leque na sua mão!

ALCANTARA CARREIRA

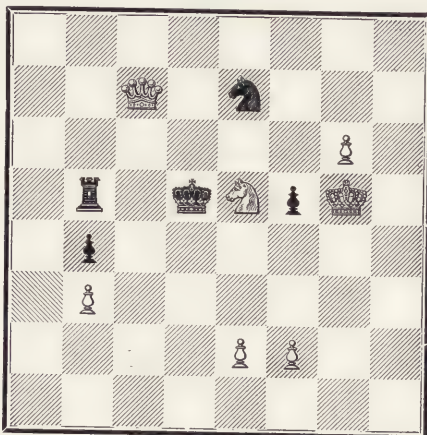
SECÇÃO DE XADREZ por BALDAQUE DA SILVA

N.º 1. Problema directo

Pretas 4

Brancas 8

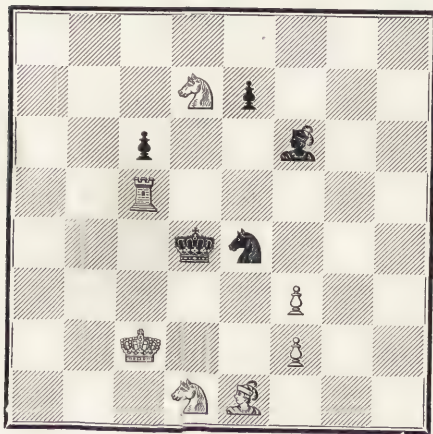
As brancas dão mate em 2 lances.

N.º 2. Problema directo

Pretas 5

Brancas 7

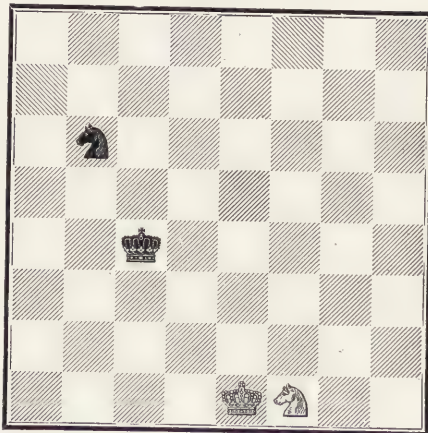
As brancas dão mate em 3 lances.

N.º 3. Problema symbolico. S (Serões)

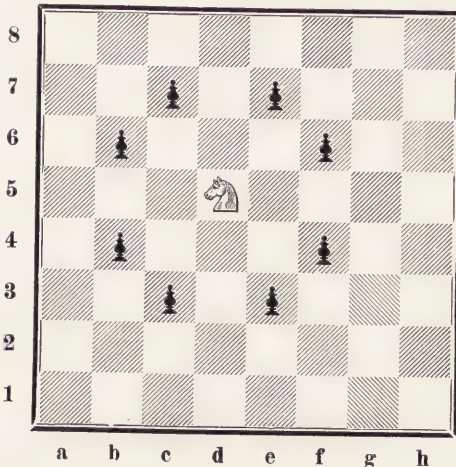
Pretas 5

Brancas 7

As brancas dão mate em 2 lances.

N.º 4. Problema retrogrado

Pretas 2

Brancas 2

1 As brancas jogam. — 2 As pretas desfazem a jogada anterior. — 3 As brancas dão mate.

Serão publicados os nomes dos resolutores de todos os problemas de cada numero. Tanto na resolução dos problemas como na indicação das partidas, empregaremos a *notação algebrica*, na qual as *columnas* são representadas pelas primeiras oito lettras do alphabeto, e as *fileiras* pelos algarismos

de 1 a 8. As lettras que designam as *peças* do xadrez. são: R — Rei; D — Dama; T — Torre; B — Bispo; C — Cavallo; P — Pião.

Adoptando esta notação, teremos que os oito movimentos possiveis do C collocado em d 5 são: Cb4, b6, c3, c7, e3, e7, f4, f6.

Grandes topicos

O Pesadelo de Marrocos

O mundo civilisado solta um suspiro de allivio. A questão de Marrocos acha-se resolvida... pelo menos temporariamente, depois de dez tremendas semanas de suspensão, emquanto os diplomatas tagarelavam em Algeciras. O pacto final assentou nas seguintes bases:

Regras restrictivas para a importação de armas em Marrocos;

Regulamentação das alfandegas;

Internacionalisação do banco do Estado, com quatro censores nomeados pelos bancos da França, Allemanha, Hespanha e Inglaterra, sendo o capital distribuido por forma que a França tenha tres quinhões, ao passo que as outras potencias terão um;

Organisação da policia, com instructores nomeados pela França e pela Hespanha, officiaes das duas nações em Tanger e Casabranca, predominio da França em Mogador, Safim, Mazagão e Rabat, predominio da Hespanha em Tetuan e Larache;

Pacto cincos annos em vigor a datar da ratificação.

DEPOIS DO LANÇAMENTO DO DREADNOUGHT

O Kaiser, olhando para o navio!—*Dois mastros! Pois eu hei de ter doze!*

Do *"Daily Mirror"*

Ao reunir-se a conferencia, o delegado allemão Radowitz declarou que n'ella não haveria vencedores nem vencidos. Os resultados justificam esta previsão.

Mas como nem a França nem a Allemanha ficaram plenamente satisfeitas, é de receiar que estes cinco annos proximos representem o intervallo de repouso *emquanto o pau vae e vem*. Depois veremos se continuarão a *folgar as costas*.

Na Russia

Vão proseguindo as eleições para a Duma, no meio de perturbações constantes. Não admira. Não é facil que o povo russo manifeste grande enthusiasmo por um parlamento que não passará de uma simples caricatura da assembléa nacional que lhe fôra promettida. O recente manifesto do Czar deitou por terra todas as esperanças. O conselho de Estado terá direitos eguaes aos da Duma, Os seus membros nomeados formarão uma maioria permanente, e o conselho terá direito de veto sobre as resoluções de Camara Baixa

AS METAMORPHOSES DO KAISER

Do *"Figaro"*

A ALLEMANHA A CAMINHO DA CONFERENCIA DA PAZ, PARTINDO DA CONFERENCIA DE MARROCOS.
Uma viagemzinha nada facil!
Do "*Lustige Blätter*"

Os ministros são apenas responsaveis perante a corôa. A' Duma não é permittido receber petições ou deputações, nem discutir o principio autocratico, e os seus membros devem assignar uma declaração de lealdade ao Czar como autocrata.

Uma comedia cujo desenlace poderá ser medonhamente tragico como muitas das peripecias já decorridas.

Mas apesar de todas as pressões e todas as violencias, o partido constitucional democratico tem triumphado em quasi todos os centros cultos do Imperio. O elemento reaccionario só pode contar com os rudes eleitores do campo, que ainda assim lhe darão porventura uma maioria esmagadora.

COMO ACABARÁ ISTO?
Com tanta força se fuma em Algeciras o cachimbo da paz que ha risco de uma explosão geral.
Do "*Wahre Jacob*"

Na Hungria

Duvidosa prosegue a situação na Hungria. O partido hungaro, enormemente forte, exigia a desnacionalisação do exercito. Os chefes não queriam tomar conta do governo emquanto o imperador não acedesse a esta exigencia, e este recusava-se terminantemente. Devia-se proceder a novas eleições, para substituir o parlamento dissolvido; mas o partido nacionalista alcançaria nova victoria, e tudo ficaria como d'antes.

Á ultima hora, parece ter-se transigido de parte a parte. Formou-se um ministerio de concentração, em que entraram os elementos de opposição, e parece que as cousas estão sanadas temporariamente.

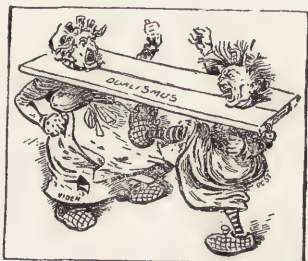
A INGLATERRA E A ITALIA EM ALGECIRAS
INGLATERRA — *Sempre te quiz bem, pequena. Chegou agora o enseio de mostrares a tua gratidão.*
Do "*Pasquino*"

A serie das catastrophes

Após o desastre de Courrières, teve o seu quinhão de calamidades a Italia, tantas vezes experimentada por terriveis phenomenos sismicos e vulcanicos. O Vesuvio abriu as fauces, exigindo á sua ração periodica de povoações. Ficaram destruidos o Observatorio e o caminho de ferro funicular, e foi cercada pela lava a aldeia de Bosco Trecase. As aldeias circumvisinhas foram abandonadas, e o panico extendeu-se até mesmo a Napoles.

UMA TAREFA DIFFICIL!
Aguentem bem as aduelas! Mais tarde concertaremos o tonel
Do "*Kladderadatsch*"

Esta erupção teve uma repercussão formidavel. A florescente cidade de S. Francisco da California foi destruida quasi completamente por um horroroso terremoto, seguido de um incendio, como a nossa Lisboa no seculo XVIII. Foram menos de certo as victimas, porque numa cidade moderna, com largas avenidas e recursos superiores de salvamento, são naturalmente attenuados os perigos pessoaes.

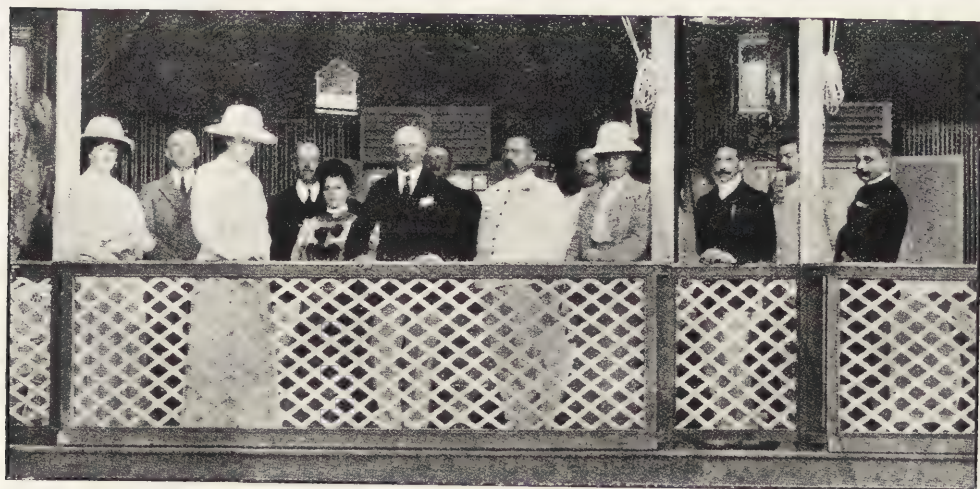
Mas os prejuizos materiaes foram enormes, elevando-se a centenas de milhões de dollares. O governo dos Estados Unidos votou importantes subsidios para accudir às victimas da catastrophe, e de todos os pontos do globo acorrem soccorros e testemunhos de sympathia, n'este alento de confraternisação humana, que é felizmente caracteristico do seculo XX.

A ASSOCIAÇÃO AUSTRO-HUNGARA SEGUNDO A VEEM OS BOHEMIOS.
Do "*Humoristicke Listy*"

Principes inglezes em colonias portuguezas

Depois de uma excursão pelas colonias inglezas da Africa do Sul, Suas Altezas os duques de Connaught, irmão e cunhada do Rei de Inglaterra, dignaram-se visitar alguns dos mais importantes pontos da nossa provincia de Moçambique. Estiveram em Lourenço Marques e na Beira, e em ambas essas cidades foram recebidos com as honras devidas á sua alta categoria e com a sympathia natural a portuguezes quando se trata de festejar representantes d'esse grande paiz, tão estreitamente alliado a Portugal.

Como recordação d'essa visita, memoravel para a historia das nossas extensas e ricas possessões da Africa Oriental, recebemos uma serie de interessantes photographias que muito sinceramente agradecemos, e algumas das quaes publicamos com grande regosijo, sentindo ser nos impossivel desde já a reproducção de todas ellas.

O VAPOR «*Prinz Regent*», CONDUZINDO OS DUQUES DE CONNAUGHT, ATRACADO Á PONTE-CAES DE LOURENÇO MARQUES — DESEMBARQUE DE SUAS ALTEZAS

REVISTA DOS PRETOS DO COMMANDO MILITAR DE ZAVALLA, POR OCCASIÃO DAS FESTAS EM HONRA DOS DUQUES DE CONNAUGHT

I. VISTA DE UMA PARTE BAIXA DA CIDADE DE LOURENÇO MARQUES E DA BAHIA. — II. PARTIDA PARA O PALACIO DA PONTE VERMELHA APÓS A RECEPÇÃO. — III. OS DUQUES DE CONNAUGHT NA BEIRA

Vida na sciencia e na industria

Propulsor portatil de barcos

CONSISTE este novo invento n'um motor e um propulsor, ambos os quaes se podem fixar em poucos momentos a qualquer embarcação miuda, transformando-a n'um barco automovel. Actua ao mesmo tempo como propulsor e como leme, e pode dar uma velocidade de 5 a 10 milhas a uma embarcação contendo cinco ou seis pessoas. O motor de maiores dimensões, desenvolvendo a força de 2 ½ cavallos, peza apenas pouco mais de 40 kilogrammas.

NOVO TORPEDO COM APPLICAÇÃO DO TELEKINO

Novo torpedo com applicação do Telekino

EXPERIMENTOU-SE ultimamente em Antibes um novo torpedo que aproveita efficazmente o apparelho a que no nosso numero 7 nos referimos, inventado pelo engenheiro hespanhol Torres Quevedo. É guiado pelas ondas Hertzianas (telegraphia sem fios), e pode por conseguinte dar-se-lhe a direcção de terra ou d'um navio sem intervenção de quaesquer ligações materiaes, no sentido commum de palavra. Os mastros é que recebem a corrente de governo.

PROPULSOR PORTATIL DE BARCOS

Sonda electrica de metaes

CONSTA esta nova sonda de um apparelho de inducção de forma especial, ligado ao telephone para indicar a presença de metaes. Este apparelho consiste n'um fio primario de arame grosso ligado a uma bateria e a um rapido interruptor automatico. O fio secundario é de arame fino, disposto exactamemte em angulo recto com o outro, e ligado ao telephone. Se o circuito primario é continúa e rapidamente interrompido emquanto o fio não está proximo de nenhum metal ou material magnetico, não se ouve som algum no telephone, visto que todas as influencias inductivas são eguaes e oppostas: mas no caso contrario, o equilibrio é perturbado e ouve-se um som no telephone.

Pode-se usar com vantagem esta

SONDA ELECTRICA DE METAES

INTERIOR DE UMA MINA DE CARVÃO

sonda no fundo do mar, ao longo de costas escarpadas, em poços e perfurações, e em terrenos abundantes de metaes que não estejam muito profundos, passando simplesmente com ella por sobre ou perto d'estas superficies.

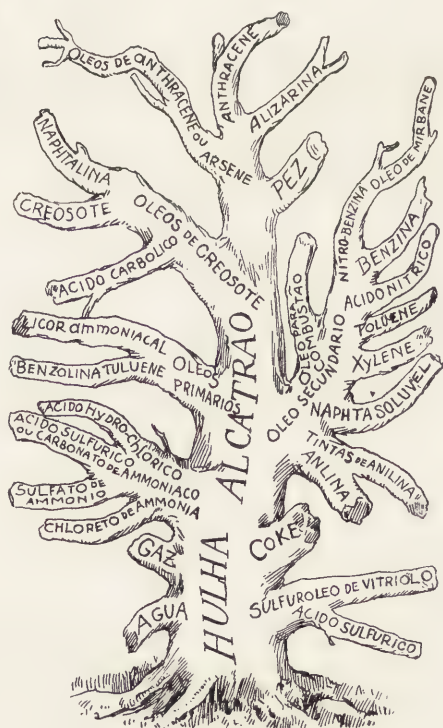
Minas de carvão

A recente e tremenda catastrophe de Courrières, o mais mortifero desastre de minas de que resa a historia, dá uma palpitante actualidade ás duas illustrações que apresentamos.

A primeira d'ellas é uma arvore schematica, por onde se afere a riqueza extraordinaria do carvão mineral, mostrando todos os productos que directa e indirectamente d'elle se extrahem. Eis a explicação dos sacrificios que a industria humana se vê forçada a exigir dos mineiros, em vista da larga compensação do capital empregado.

A outra mostra claramente o interior de uma mina de carvão, esse mundo subterraneo onde vivem milhares de operarios, na imminencia de perigos horriveis, como esse que produziu o tragico desenlace de Courrières em que mais de mil homens foram victimados.

As raias negras obliquas representam os veios ou filões de carvão exploravel, comprehendidos entre camadas de schistos e terras hulhiferas. A's vezes são bruscamente cortados ou desviados por accidentes geologicos, como se vê á esquerda da figura.

As aberturas verticaes são os poços de entrada e sahida do pessoal e do material e as horisontaes são as galerias para o movimento interno da mina, por onde passam os carros de transporte.

PRODUCTOS DA HULHA

Vida nos campos

MAIO

Jardins — ESTAMOS no mez especial das flores.

N'este mez vigia-se pela boa ordem e limpeza de terras em que vivem as diversas plantas, sachando-as para augmentar o effeito da acção do sol e do ar, desafrontando-as de plantas nocivas e inuteis, e regando-as com toda a regularidade e attenção.

A melhor hora para se proceder ás regas é aquella, em que a evaporação rapida da agua não venha prejudicar a sua acção. Sendo alguns de opinião que durante o calor se deve regar de manhã, para que a humidade atenue nas horas de maior calor o seu effeito escaldante, parece averiguado ser mais conveniente regar se de tarde, porque a prolongação do estado fresco da terra melhor resistencia prepara ás plantas para o effeito do calor do dia seguinte. Não deixa por isso de ser aconselhavel, especialmente nos jardins de mais exposição, alem das regas pela tarde, refrescar de manhã o chão e as plantas com um chuveiro leve e rapido.

A melhor agua para regas de jardins é a que se póde aproveitar das chuvas.

A agua corrente de rios ou regatos tambem é boa, embora de menos confiança. A agua estagnada tem o valor fertilizante das materias organicas que traz em suspensão, mas pode na sua evaporação causar doenças ao apaixonado que mais se demora preso ao encanto seductor das flores. As aguas dos poços são em geral muito carregadas de principios calcareos, muitas vezes prejudiciaes ás plantas: pode comtudo tornar-se melhor se a demorarmos em repouso durante algum tempo em deposito bem exposta ao ar. Servem para isto muito bem os tanques de ornamentação.

O excesso de agua prejudica a planta, especialmente se o terreno não tem a permeabilidade necessaria para regeitar esse excesso. Em vaso convem deitar no fundo areia, pedras ou matto para evitar a retenção de aguas junto ás raizes.

Horta — A' maneira que o calor vae apertando, se vão tornando mais necessarias tambem n'este ramo de cultura as regas dos talhões tanto de plantação nova, como já em plena producção de hortaliças.

É este o mez de se plantarem aboboras, cujo desenvolvimento tão facil e interessante se torna onde não falte agua,

A abobora, cuja cultura é relativamente barata e facilima, é um alimento de primeira ordem para todos os animaes domesticos. Longe de ser pobre a sua acção alimentadora, como é vulgar julgar-se, está averiguado por analyses ser de uma grande riqueza em elemento nutritrivo.

O retalhamento da abobora é facilmente feito á faca, para pequenas porções, e com machinas especiaes (corta-raizes) para o seu consumo em maior escala.

Vinha — NAS vinhas começa a enxofração dos cachos para se combater a apparição do oïdium, tambem conhecido pelo nome de *cinzeiro*.

O enxofre é o remedio mais pratico e economico para este mal, e é applicado, bem pulverisado, sacudindo sobre a videira pequenos tubos de folha de tampa perfurada, saccos de borracha, ou folles com ou sem deposito de folha, e ainda para vinha de maior importancia por meio de apparelho que disposto sobre as costas do operario permite a distribuição perfeita com a agulheta de ar comprimido.

Como ainda se torna necessario combater um outro mal que flagela a cepa por esse tempo, e o remedio a empregar é o sulfato de cobre, tem a industria combinado este sal com o enxofre para que se possam applicar ao mesmo tempo os dois productos n'um só trabalho; é o que chamam enxofres cupricos.

Campo — VAE caminhando o desenvolvimento dos trigos para a sua completa maturação.

Se as circumstancias foram favoraveis, tambem se desenvolveu a herva nas terras destinadas a pastos, ou nos prados, e o lavrador trata de a cortar para com ella alimentar o gado de mangedoura.

O corte da herva faz-se com foices, gadanhas ou machinas tiradas por animaes segundo a quantidade de trabalho a executar, ou a applicação a dar á herva.

Pode esta ser cortada á foice se é necessario trazer para a arribana apenas o bastante para o consumo de cada dia; quando porem se quer fazer um côrte mais abundante para arrecadar, o processo é differente.

Cortada a herva fica no chão exposta ao ar e acção do sol para que evaporada a agua que contem, possa ser mudada sem perigo de fermentação. Não deve porem ficar ahi abandonada, pois que, sendo a evaporação da agua produzida pela acção de elementos que veem de cima, torna-se esse effeito mais moroso ou nullo nas camadas inferiores em contacto com a terra mais ou menos humida. É preciso virar a herva para a sua perfeita preparação. Servem para esse effeito as forquilhas para o trabalho normal, ou machinas especiaes chamadas *penadeiras* puxadas por animaes.

Transformada assim a herva em feno, pode ser conservada indefenidamente e constitue uma rica alimentação para toda a qualidade de gado estabulado.

Era para desejar que os nossos lavradores prestassem a sua attenção á cultura racional da herva e sua preparação, porque não tem comparação a sua utilidade alimentar com a da palha de trigo cuja applicação para este fim só se justifica como aproveitamento de um residuo nas debulhas a pé de gado, e que o habito leva a exigir como producto imprescindivel nas modernas debulhas á machina.

Nos paizes em que reina mais humidade, torna-se moroso e muitas vezes mesmo impossivel seccar convenientemente a herva, e então é esta arrecadada antes da completa evaporação da agua que contem. Para evitar então a fermentação natural que se estabeleceria, torna-se necessario defendel-a da acção do oxygenio do ar e para isso tem de ficar bem comprimida e coberta. Chama se a este processo *ensilagem* e está muito em uso especialmente na America, Inglaterra e outros paizes, começando já ultimamente a ser empregado entre nós, não que nós não possuissemos um clima mais favoravel á preparação da herva, mas por ser esse meio de conservação mais pratico e economico.

As nossas terras de pastagem, se não teem as vantagens que o estudo alcançou poderem obter-se, como qualidades mais resistentes ao calor, vegetação sufficiente para repetidos córtes, teem o encanto, para nós sufficiente, de ser espontanea a sua producção, e essa matisada de lindas papoulas de um vermelho vivissimo, e das poeticas boninas e malmequeres que tantas revelações fornecem aos apaixonados e apaixonadas, sempre desejosos de levantar uma pontinha ao veo que lhes encobre o futuro da vida.

Vida no sport

Jogos olympicos em Athenas

Sob a presidencia do Principe Real da Grecia, realisa-se em Athenas, de 22 de abril a 2 de maio, a mais importante serie de Jogos Olympicos desde a revivescencia d'este exercicio classico, a qual data de alguns annos.

Todas as nações civilisadas foram convidadas para se fazerem representar pelos individuos mais distinctos no *sport* athletico. Mas um tal acontecimento tem, alem da sua importancia profissional, um alcance social que não se póde negar, pela solidariedade internacional a que serve de estimulo.

Realisam-se os Jogos Olympicos Internacionaes no Stadion Panathe niano. Os concursos são variadissimos, incluindo corridas pedestres, corridas de cestos, tiros de diversas especies, entre elles o disco, a pedra e a arma de fogo, lucta athletica, *lawn-tennis*, *football*, natação, mergulhagem, remos, e até a arte do bicyclo, muito popular entre os gregos.

Só è permittida a entrada de amadores, designando-se sob esta classificação todos os individuos que nunca competiram para um premio em dinheiro, nem acceitarem remuneração pelos seus exercicios, nem sejam athletas profissionaes, permittindo-se-lhes comtudo o receber indemnisação pelas suas despezas de viagem.

Entrementes, ha desde já grande affluencia para exercicios preparatorios no Stadion, o qual foi organisado por Lycurgo na primeira metade do quarto seculo A. C. Tem cerca de 200 metros de comprido por 43 de largo e pode acommodar 40:000 espectadores.

O GRANDE STADION DE ATHENAS

Automoveis electricos

Experimentou-se ultimamente, sob os auspicios do Automobile Club de França, um vehiculo de motor electrico, construido pelo conhecido estabelecimento dos Vedrines, de Neuilly. É um cab de tres logares, provido de acumuladores Agathos com capacidade de 250-ampére-hora, e pesando 700 kilos. O cab andou 62 milhas e meia de uma assentada, com a velocidade media de 21 milhas por hora. É este um grande progresso sobre os carros electricos até hoje usados, nos quaes o limite para os acumuladores não passa geralmente de 30 milhas. Esta capacidade dupla de distancia acrescentará sem duvida a utilidade pratica d'este vantajoso meio de locomoção. Crescerá a voga dos vehiculos electricos se acaso, como agora se afigura possivel, se poderem usar mais poderosos acumuladores sem augmentarem anormalmente o seu peso.

O Jiu-Jitsu na policia franceza

O exercicio japonez, ao qual consagrámos um artigo especial no nosso numero 4, vae-se generalizando na Europa. Mr. Lépine, commissario chefe da policia franceza, organizou ultimamente um curso de jiu-jitsu para os policias de Paris, afim de que elles estejam adextrados no meio de defeza pessoal, que é actualmente considerado de maior efficacia.

Vida na arte

O ESCULPTOR ANATOLE CALMELS

O Esculptor Calmels

PODE dizer-se que a arte portugueza acaba de perder um dos seus mais insignes cultores na pessoa de Anatole Calmels, porque, embora o artista não fosse portuguez de nascimento, tinham-no nacionalisado dezenas de annos de permanencia entre nós assim como os numerosos trabalhos que deixou no nosso paiz. Avulta entre elles o bello grupo que encima o Arco de Triumpho da Rua Augusta, deixando o seu nome ligado á consagração das glorias de Portugal.

O velho artista, retirado ha annos, pouco trabalhava. A sua ultima obra foram, cremos, as duas cariatides que ladeiam o portal do Palacio Palmella. A sua morte foi muito sentida no mundo da arte, onde todos o veneravam como mestre.

A nova peça de Donnay

REPRESENTOU-SE no theatro Francez o drama de Donnay, *Paraître*, o qual não pareee acrescentar muito á gloria do dramaturgo. Versa sobre a força dissolvente da opulencia n'uma familia da alta burguezia. Em consequencia do casamento de uma menina d'essa familia com um millionario, alteram-se para mal todos os austeros costumes do lar. O pae arranja uma amante, a esposa do filho cae nos braços do cunhado millionario, mais talvez por ambição que por amor, finalmente esse perturbador da virtude domestica é morto por um tiro do marido atraiçoado.

Thema de pouca novidade, defendido pelo brilhantismo do dialogo, erriçado de pontas satyricas, e tentando rejuvenescer-se por um acto de sobreposse, como epilogo, depois do natural desenlace.

Fonte monumental no Rio de Janeiro

INAUGUROU-SE no Jardim da Gloria, no Rio de Janeiro, a fonte monumental que os commerciantes do Porto, srs. Adriano Pinto Ramos & Irmão, offereceram áquella capital.

A precipitação com que era mister realizar a offerta não permittiu que ella fosse trabalho de portuguezes, como desejavam os offerentes, que n'esse intuito se dirigiram ao eminente esculptor Teixeira Lopes. Como este artista não podesse encarregar-se da execução do monumento, foi elle confiado a um esculptor francez, que d'essa missão se desempenhou com intelligencia. Se não produziu uma obra prima, fez pelo menos um monumento interessante e imponente. O material é magnifico marmore italiano. No alto ergue-se a figura do Amor. Em baixo tres mulheres de bella esculptura saudam essa figura symbolica. A agua despenha-se em tres golphões sobre a larga taça de desenho sobrio e elegante.

Celebridades musicaes em Lisboa

FOI Lisboa ultimamente o prazo dado de umas poucas de celebridades lyricas. Os maestros Leoncavallo, Giordano e abbade Perosi honraram neccessivamente a cadeira do maestro de orchestra, regendo obras suas, em que pela novidade se notabilisaram as oratorias do ultimo, *Moysés* e *Resurreicção de Christo*. O illustre Saint Säens mostrou no piano e no orgão as suas admiraveis faculdades, e por ultimo Paderewski arrebatou o auditorio com a excentricidade, por vezes genial, da sua execução.

FONTE MONUMENTAL NO JARDIM DA GLORIA (RIO DE JANEIRO)

Annuncios dos Serões

A empreza dos ***Serões,*** com uma importante tiragem e uma longa circulação em Portugal e Brazil, offerece as paginas supplementares de annuncios nas condições seguintes, para uma unica inserção.

1 pagina	**10$000 rs.**
1/2 »	**5$500** »
1/4 »	**3$000** »
1/8 »	**1$500** »
1/16 pagina	**800** »

Annuncios repetidos ou permanentes contracto especial.

PEQUENOS ANNUNCIOS

Para commodidade dos annunciantes, a empreza estabelece ainda uma secção de ***Pequenos annuncios,*** os quaes são pagos segundo a seguinte tabella:

Annuncios até 5 linhas, em columna de 1/3 de largura de pagina, 400 rèis por cada inserção. Cada linha a mais 80 réis.

Repetições ou annuncios permanentes, contracto especial.

Typ. «A Editora»

SERÕES

Nº 11

MAIO 1906

Dyllon

Summario

MAGAZINE — Pag.

OS SERÕES DAS SENHORAS (27 illustrações)

A MUSICA DOS SERÕES

Composto e impresso nas officinas do ANNUARIO COMMERCIAL, C. da Gloria, 5

A OBRA DO DR. HAUPT

Repetidas vezes recebemos dos nossos leitores pedidos e reclamações para continuarmos a publicação do valioso trabalho do Dr. Haupt *A architectura de Renascença em Portugal*, encetado na 1.ª serie dos *Serões*. Não esquecemos as promessas que a tal respeito fizemos; mas circumstancias, absolutamente alheias á nossa vontade, teem obstado á satisfação legitima de taes desejos. Avultam em primeiro logar affazeres de outra ordem que não teem permittido ao illustre escriptor encarregado da traducção applicar-se a esse trabalho, apezar das nossas repetidas instancias. Nós procuramos comtudo obviar da melhor maneira a esse contratempo e dar proximo cumprimento ao nosso compromisso.

PORTUGUEZES CELEBRES

Um nosso illustrado leitor brazileiro, quartanista de medicina, pede-nos que formemos no nosso *magazine* uma especie de galeria de portuguezes illustres, vivos e mortos, sobretudo os mais eminentes nas lettras, algum dos quaes especialisa.

Deve ter visto o nosso amavel correspondente que essa ideia esta dentro do nosso programma, e que já temos começado a pôl-a em execução. Simplesmente, a abundancia de assumptos e de original é tamanha que não podemos em todos os numeros dar cabimento a artigos d'esse genero. Fal-o-hemos sempre que nos seja possivel, e n'esse intento temos já encommendadas bastantes monographias sobre escriptores, artistas, politicos, etc., e accrescentamos que essa galeria é ampliada com as physionomias de brazileiros illustres, porque nunca nos esquecemos da nação nossa irmã de alem do Atlantico, cujas glorias temos orgulho e jubilo de celebrar.

O NOSSO CONCURSO PHOTOGRAPHICO

No proximo numero 12 contamos dar os resultados do nosso segundo concurso photographico, que a affluencia de trabalho nos tem forçado a protelar.

Aos concorrentes pedimos desculpa d'esta demora, egualmente explicada pela difficuldade de selecção entre o grande numero de trabalhos que se dignaram enviar-nos.

As capas e encadernação dos "SERÕES„

Os 6 primeiros numeros dos **SERÕES**, (parte propriamente do magazine) formam o 1.º vol. da 2.ª série — para a qual fizemos desenhar capas d'encadernação especial a preto e oiro — ao preço de **300** réis. **«Os Serões das Senhoras»** e a **«Musica dos Serões»** só formarão volumes no fim do anno, 12 numeros e para elles faremos tambem pastas especiaes.

Os nossos estimados assignantes das terras da provincia onde não haja encadernador podem enviar-nos os 6 numeros para encadernar — juntamente com a importancia do custo da capa 300 réis, empaste 100 réis e porte 100, ou seja réis 500, — e dentro de 4 dias receberão o volume encadernado.

O maço dos 6 numeros a enviar-nos deve ser muito bem embrulhado em papel consistente e atado com cordel forte, para que os numeros não soffram com a viagem. O pacote assim feito deve estampilhar-se com 80 réis de sellos — e ser dirigido a

FERREIRA & OLIVEIRA L.DA

Rua do Ouro 132 a 138 — LISBOA

indicando o endereço e o nome do remettente.

O 1.º semestre encadernado da 2.ª série dos **«SERÕES»** forma um bello volume de 600 paginas, com mais de 600 gravuras, ao preço de Rs. 1$600; — e se já os numeros avulso dos **«SERÕES»** se evidenceiam pelo cuidado e quasi luxo da parte material e reduzido preço—o volume completo mais mostra que os **«SERÕES»** são a publicação relativamente mais barata que se tem feito em lingua portugueza.

BANQUEIROS

LARGO DO CAMÕES, 11, 1.º

LISBOA

Serão attendidos todos os pedidos de tabellas de premio, prospectos e outras informações, sejam dirigidas á séde ou á filial.

Ottoni, Silva & Cia.
RUA PRIMEIRO DE MARÇO
13 e 15
·TELEPHONE 912·
RIO DE JANEIRO
MOINHO PARA CAFÉ
BOMBAS
A PETROLEO·
A LENHA
·MACHINA PARA CARNE·
A GAZ
Importação de ferragens, cutelarias, louças de ferro, fogões a gaz, alcool, kerozene e carvão tintas, vernizes, oleos de linhaça e para machinas, cimento telhas zincadas, arame farpado, chumbo, carrinhos de mão e outros artigos para construcções.
UTENSILIOS PARA COSINHAS

Poock
POOCK
CASA
CLAUSEN
RIO DE JANEIRO

AGUA CASTELLO

Minero-gazoza, lithinada natural

DE

MOURA

Refrigera os sãos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, wisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRIPTORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇÃO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.ª

LISBOA

SERÕES

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

A Construcção Moderna — Revista Illustrada — Anno VI — Num. 32, 10 de Maio de 1906— Num. 188 — Summario: — Aos nossos assignantes — Uma casa no Porto — *(Projecto do engenheiro Sr. A. Rigaud Nogueira* — Provas do 5.º anno de esculptura da Escola de Bellas Artes do Porto — Melhoramentos — Liquefacção do ar — Salubridade e hygiene urbana — As nossas barras — Porto de Lisboa — Serviços meteorologicos — Theatros e Circos.

Boletim da Real da Associação Central da Agricultura Portugueza — Num. 2, — Fevereiro de 1906 — vol VIII — Summario — A crise vinicola — *Antonio de Vasconcellos* — Revista do Estrangeiro — L'azote dans l'alimentation des plantes — Sources actuelles et fatures — Emploi du bisulfite de potasse contre la casse des vins — Conditions de l'efficacité de l'acide sulfureux — *A. Lefort* — *Trabalhos da Associação* — Assembléas geraes — Acta da sessão de 30 de Janeiro — Correspondencia — Representações ácerca da exportação de azeite estrangeiro e sobre os direitos de importação de chapas de vidro para os depositos de alcool e aguardente — A agricultura no Parlamento — A crise duriense — Projecto de Antonio Teixeira de Sousa — Informações e noticias.

La Escuela Moderna — Revista pedagogica y administrativa. de primeira e segunda enzenanza — n.º 4 — Abril de 1906 — Tomo vigessimo octavo — Summario — Necrologia, por Ramón Méndez — El estudio de la Naturaleza en las escuelas primarias americanas, por la Doctora Ernestina A. López — Conclusiones de um Congreso Internacional de educatión, por Francisco Pereira — A' la Sociedad Protectora de los Niños, por Pablo Lozano Ponce de Leão — La Enseñança en la escuela primaria, por G. Kieffer — Actualidad, por Consuelo del Rey — Vamos regenerándonos, por Emiro Ogopiz — La reforma ortográfica en su aspecto económico, por R. Róbles — Considerationes sobre la realidad de las crónicas, por Agustin Rios Sánchez — Cuestiones aritméticas, por Manuel Sánchez Rodriguez — Crónica de la Enzeñanza en el Extrangero, por A. G. — Bibliografia.

La Mujer Illustrada — Revista Quinzenal Ibero-Americana — n.º 7 — Maio 1906 — Publica-se desde este numero em duas edições sendo uma de luxo que custa em Hespanha 10 pesetas, 18 francos, estrangeiro, e outro a titulo de *economica* que custa 6 pesetas — estrangeiro, 9 francos; assignaturas por 1 anno.

O Commentario — 1.º numero — 4.ª serie — Summario: = Banco União do Commercio — The British Bank of South America — Auler & C.ª — Lugolina — Calçados Sul Americanos — Companhia «Mercurio» — Pharmacia Central — Quatro annos — Collegio Militar— O Perigo allemão — Academia de lettras — Indemnisações — Mudança do arsenal — O Prefeito — A defeza da barra — Na praça theatral — Egreja Evangelica Brazileira — A defuncta e sua herdeira — Policlinicas — Asylo dos Invalidos da Patria — Causa vencedora Registro litterario — Varias observações — A Equitativa — Loteria do E. do Rio — Therezopolis — Livraria Azevedo — Agua Pura — Horarios — Dynamosina — Mercenaria Tunes.

O Instituto — Revista Scientifica e litteraria — vol. 53.º — n.º 4 — Abril de 1906 — Summario— Historia de Beneficencia Publica em Portugal, por *Victor Ribeiro* — A Alliança Ingleza, por *Affonso Ferreira*—Movimento operario em Porrtugal, por *Campos Lima*—O Problema da Codificação do Direito Civil, por *Luiz Gonçalves* — Les Mathématiques en Portugal, por *Rodolpho Guimarães* — Factos dos Luziadas, pelo *Dr. José Maria Rodrigues* — Noticia de alguns arabistas e intrepetes de linguas Africanas e Orientaes, por *Sousa Viterbo*. Camillo Castello Branco, por *Visçonde de Villa-Moura* — Les Feuilles archéologiques de Knossos, por *Le Chevalier Joseph Jaúbert* — Exame final, por *Antonio Machado*.

O Progresso — n.º 96 — Abril, 1906 — Anno IX — Summario — O Presidente H. M. Lane-Duas Palavras — Antes da Lucta — Adão e Eva — A Guerra — A Republica de Costa Rica — Semira e Nelzir — Hygiene entre os Hebreus — Pontuação — O Telegrapho sem fios — O Exemplo Materno — Devaneio — O Bode e o Touro — Supremum Vale — Astronomia — Os prophetas — Dr. José Manuel Portugal — Actualidades.

Os annaes — n.º 78 — Rio de Janeiro, 26 de Abril de 1906 e 79 de 3 de Maio de 1906 — Semanario de litteratura, arte, sciencia e industria.

Regulamento e Programma do 1. Congresso Pedagogico da 2.ª Circumscripção Escolar, em Coimbra 3 a 7 de Junho de 1906 — Promotor — O Sr. Dr. Alves dos Santos, Lente da Universidade, Inspector da 2.ª Circumscripção Escolar.

(*Cliché de A. Barcia*)

INTERIOR DA CAPELLA DO ASYLO DE CEGAS DA RUA FORMOSA

V. artigo «OS CEGOS»

A Ilha de Porto Santo

ASPECTO EXTERIOR DA VILLA BALEIRA — AO FUNDO O PICO DO CASTELLO

Viajam uns por necessidade, outros por distracção, meramente espiritual. Poucos, rarissimos, para conhecerem horisontes novos. Entre nós, ha ainda quem prefira a uma viagem todo o conchego do lar. Póde, embora, a civilisação bater-lhes ao ferrolho, offerecendo-lhes, entre reclamos pomposos, commodidades problematicas, que o bom, o genuino portuguez, quedar-se-ha insensivel ás seducções do progresso, pelo receio de quebrar uma perna em paiz ignoto. São feitios; contra elles nada ha a fazer. Cada qual desloca-se conforme entende, gósta, ou lhe convem, tanto podendo viajar encurralado num wagon ou beliche, como no proprio quarto, em mangas de camisa, lendo Verne, ou outro auctor predilecto, na especialidade. E, a cada passagem difficil, ou incidente grave, o peregrino pela lettra d'imprensa limita-se a sentir um arrepio, dando graças a Deus de não andar por esse mundo além, exposto ás contrariedades do acaso.

Nós outros viajámos por curiosidade. Erro grande é suppor que só á mulher pertence tal defeito. Fômos e voltámos, sem mazella superior á que podessemos ter á partida. Do que passámos e vimos, minguado resumo é este artigo, a traço leve, para não aborrecer o leitor, sem queixumes pueris, para não tomarmos loiros immerecidos. De resto, a coisa mais simples, mais prosaica: uma digressão ao Porto Santo, que corre fama de ser terra portugueza, bem portugueza por signal, a primeira da nossa historia maritima, situada a 33 graus, 2 minutos e 54 segundos de latitude norte, por 18 graus, 39 minutos e 12 segundos de longitude oeste, salvo defeito dos competentes.

Mas se desejos tinhamos de conhecer tal ilha, facil não foi a realisação do projecto, e, se, por felicissimo acaso, estas nossas linhas forem lidas pelos dirigentes dos assumptos nauticos, possam ellas transformar-se em requerimento sincero, tocando-lhes os corações empedernidos, para garantia de vidas e haveres de visitantes futuros.

Duas e meia da noite quando largámos da bahia do Funchal. O *Gavião*, rebocador costeiro de pequena tonelagem, devia transportar-nos. Estava-se em julho quente, abafadiço, de temperatura irritante, aggravada pelo *léste* secco, oriundo das terras africanas, soprando rijo a queimar-nos as palpebras com particulas minusculas das areias do deserto.

Fugiamos ao supplicio d'uma atmosphera caustica, na esperança de que o Atlantico podésse conceder-nos allivio aos pulmões ressequidos. Epocha de vindimas, loirejantes os bagos resumbrando nectar, vá dito em verdade, seduzia-nos a idéa de os colhermos puros ou nas primitivas cepas, ou nos desenvoltos bacellos mandados plantar pelo marquez de Pombal (1770).

Desgarrada a ancora com meia hora de atrazo, o rebocador começou movendo-se em direcção ao *Garajau*. Na noite breuosa, as costas madeirenses, elevadas quási a prumo,

COMO SE DESEMBARCA NO PORTO SANTO

confundiam-se sem destaques, num empastamento sujo de muralha contínua. Negro o mar e negro o céu, forrado de nuvens immoveis, como se pairasse sobre nós colossal tormenta. A mareta começou desde logo dispondo-nos mal. Não era convidativo aprasimento uma noite perdida sobre o oceano, alojádos sobre convez atravancado de mercadorías, entre volumes de todas as especies e passageiros de todas as classes.

Tempo decorrido, quando a conversa escasseava e o somno ia levar-nos de vencida, o barco aproou ao sul, para dobrar a *ponta de São Lourenço*. Na linha rasa do oriente, a perder de vista, aclareava-se já a extremidade do Atlantico. Deixámos então á esquerda, num agglomerado de rochedos, a penedia onde se destacava ainda o fóco potente do pharol, e, á direita, as *Desertas*, envoltas na nevoa opalina que raro as abandona.

Estava revolta a *travessa*. Mar diabolico aquelle, apertado entre as ilhas irmans, onde as correntes parecem degladiar-se, cavando vallas profundas e formando redemoinhos subitos. Tinhamos pela frente 46 kilometros de supplicio á mercê de Deus!

O rebocador avançou intrépido e a primeira onda, quebrando-se-lhe na proa, alagou-lhe o

ASPECTO DA VILLA BALEIRA

convez. Não houve somno que resistisse á sacudidela brusca e ao matinal, inesperado baptismo. Os assustadiços refugiaram-se na camara. Nós, não. Se tivéssemos de mergulhar no barrento tumulo, preferiamos campo livre para a alma voar. Aferrados a um varão da escotilha, descobrimos assim, de mais perto, á luz escassa da manhã, as alterosas vagas rodeiando-nos, largas, fundas e lisas, como se tivessem sido cortadas á faca em montanhas de pez! O galear tornou-se em breve vertiginoso, retardando-nos a marcha. Por vezes, a helice, trabalhando fóra d'agua, quando o barco afocinhava em risco de submergir-se, produzia abalos especiaes, triturando-nos os ouvidos e o estomago. Não iam melhor os companheiros, encurralados uns na jaula inferior, outros junto ás amuras, na coberta ensopada, dando com certeza ao diabo a idéa d'aquélla viagem com similhante tempo. Trecho inquisitorial a dez tostões por cabeça, com a aggravante de ser protegido pelo governo da metropole!

ARREDORES DA VILLA BALEIRA

E, no meio dos horrores d'essa travessia, quando, na esteira do vapor minusculo e velho, a Madeira se eclipsava na cerrada bruma, o nosso pensamento apavorou-se com a certeza de que, sob o lençol espumante de vagas raivosas, teem abrigo, vivem aos cardumes, todas as especies de esqualos. Que banquete delicioso encontrariam similhantes visinhos no carregamento humano da fraquissima casca de noz!

Depois, lentamente, ficámos tambem pensando que deveria ter sido em situação analoga, ou peior ainda, que, por uma desesperada noite de tormenta, rôtas as largas velas e arrefecida a coragem, João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz encontraram, em 1418, o refugio na terra firme, em paragens para elles desconhecidas. E, desde então, na alegria de se verem salvos, o nome de Porto Santo perpetua-lhes o reconhecimento á divindade, ligando-se á nossa historia como primeiro padrão das descobertas succedaneas.

Decorridos estão 488 annos, mas as condições da viagem não melhoraram. Machina exhausta á força de trabalho continúo imprime movimento a um casco invalido, pedindo reforma. As vidas dos contribuintes confiam-se á pericia do timoneiro e ao olho álerta da Providencia amiga. No dia, remoto ou proximo, em que todo o machinismo periclitante se desconjunctar gritando *basta*, o paternal governo districtal alcunhará de *besta* o mizero patrão irresponsavel, mandando proceder a um inquerito sobre os effeitos nutritivos da carne humana nos bandulhos dos tubarões vorazes. É sepultura rapida, gratuita e sem responsos, proclamando as vantagens e a sensatez do desleixo, para gaudio da innumera bicharia aquatica que a corrente do golfo do Mexico alli conduz [1].

[1] O *Gulf—Stream*, attravessando o Atlantico e bifurcando-se a não grande distancia das costas europeias, lança um dos braços ao longo de Portugal e vae misturar-se, nas alturas do Porto Santo, com outra corrente equatorial. Do embate fortissimo das aguas oppostas resulta a turbulencia, quasi permanente, d'aquellas paragens.

A duas milhas da cósta a *travessa* civilisou-se. Hostia de sangue no altar supremo do ceu vastissimo, o sol bemdito ergueu-se. O *pico do Facho*, a maior elevação da ilha, coroou-se de oiro, resplandecendo, num fundo azul sem mácula, 400 metros sobre o nivel das aguas. Na sua especial configuração, talvez monotona, de terra quasi núa em 44 kilometros quadrados de ondulações diminutas, surgiu-nos o termo da viagem. Eis-nos de novo alguem, que do supplicio passado a memoria escôou-se breve, ficando á rectaguarda na tunica espumosa do caminho...

Comtudo, não se desembarca no Porto Santo. Entra-se em charóla, o que é diverso. A centenas de metros o rebocador lançou ferro, recebendo-nos um escalér, o qual, por sua vez, parou a distancia do areal enorme. Abandonando os rémos, ora inuteis, um dos tripulantes arregaçou-se. Eil-o presto no mar, hirto e solemne, offerecendo-nos os hombros. Coube-nos o direito, ao passo que, no esquerdo, outro companheiro foi, adolescente seminarista em férias. Escarranchados em equilibrio duvidoso, abalámos então, no cadenciado passo do conductor robusto. Entrada triumphal de gente fina, sentindo que o é realmente ao ser trasladado pelo seu similhante, reduzido á misera condição de cavalgadura amphibia!

A primeira impressão retrogradou-nos aos annos coevos da descoberta, ou, talvez melhor, do reconhecimento da ilha. A civilisação passa-lhe a distancia, revolvendo-lhe as aguas com helices potentes. Passa e não ólha sequer. Comdemnada ao ostracismo de seculos, a existencia conserva-se ali quási no primitivo estado, sem melhoramentos apreciaveis, sem amparo official, esquecidos os habitantes, aves raras dos tempos idos, moirejando á força de sacrificios, bondosos no analphabetismo, reduzidos ao que a terra-mãe póde conceder-lhes na aridez permanente, mas gratos á Providencia que, na mingua de favores terrenos, dotou-os com o magnifico ar que respiram e o beneficio gratuito da longevidade. O Porto Santo é um sanatorio, onde a morte só apparece de longe em longe, ou para evitar ás crianças o flagello da alimentação brutal, ou aos adultos, escapos d'aquella e tombando á lazeira dos annos, o aborrecimento da velhice. Morre-se ou de poucos mezes, atascado até aos gorgomillos em milho cosido, ou dos 80 aos 100, sem rheumatismo ou gotta.

Não é terra para medicos e pharmaceuticos, como não é tambem para escrivães. Criminalidade egualissimamente nulla, vivendo-se de portas escancaradas, porque os gatunos não teem que furtar. O carcereiro, com triplos mistéres, dar-se-hia a perros para conservar qualquer delinquente sob os ferros d'El-rei. Não ha grades, nem ferrolhos, banídos por inuteis. Gente boa e san, na successão, sem bastardia, dos primitivos algarvios.

OUTRO ASPECTO DA VILLA BALEIRA

LARGO DO PELCURINHO
— EDIFICIO DA CAMARA MUNICIPAL

Vê-se, neste ponto, que os exemplos antigos não colheram adeptos. Aponta-nos a Historia um dos primeiros donatarios como adultero e assassino emerito. Bartholomeu Palestrello, o terceiro, enamorando-se d'uma prima, matou a mulher, casando-se a contento. O filho unico da victima, Garcia Palestrello, sahindo ao pae, libertou-se do matrimonio por identica fórma, morrendo degolado por sentença.

Da arraia miúda pouco ha a dizer. Alcunham-na de *propheta;* o motivo é este: em 1533, Fernão Nunes, denominado o *bravo*, por viver nos ermos, filho de lavradores honrados, e Filippa Nunes, moça de 17 annos e paralytica, sobrinha d'aquelle, déram origem á alcunha. Num bello dia, o arredío montanhez declarou-se inspirado pelo Espirito Santo, vindo de longe tangendo uma sineta. A sós com a sobrinha, convenceu-a de que Deus ordenára a procurasse, pois ambos deviam prégar, confessando o povo e impondo-lhe justa penitencia dos peccados. Respondeu-lhe ella já estar prevenida de tão celestial resolução, cumprindo-a por fórma que, a breve trecho, era-lhe a moradía transformada em sanctuario. D'ali passaram a uma das primitivas capellas, em cuja portada, sempre aberta, um arauto dizia: *ouvi o mandado do santo propheta Fernão, e propheta Filippa*, que predestinados se consideravam em demasia para curar as máculas do corpo e da alma, pela força das arengas e pelo poder dos exorcismos. Ora succedeu que, entre tantos ouvintes submissos, um houve sobre modo incredúlo. Misero tabellião, João Calaça de nome, rezava na capella sem dar ouvidos ao propheta, quando este, indignado, apontou-o ao povo como descrente, aconselhando a que lhe arrancassem o diabo do corpo, pois tres dias depois ressuscitaria illeso e liberto de tal companhia. Assassinado pela turba, arrastaram-no para a ermida de Santa Catharina e de São Se-

INTERIOR DA VILLA BALEIRA

bastião, aguardando a realidade da prophecia. Entretanto, alvorotados com o succedido, seis animosos descrentes conseguiram fugir, vindo á Madeira, d'onde partiu o corregedor de Machico. Os dois prophetas, abandonados pelo Espirito Santo ás justiças terrenas, não conseguiram convencer seus julgadores, sendo condemnados a permanecer certo tempo, ella vestida e elle meio nú, com carochas e cirios accesos, á porta da Sé de Evora. D'esse castigo proveio o dictado: *quem advinha vae para a porta da Sé.* Mais leve pena tiveram os ouvintes, em bons duzentos cruzados pagos de seus haveres; mas, como sempre foi duro abrir os cordões á bolsa, pela ameaça de nova sangria nunca mais os pobres dos habitantes déram azo a castigo graúdo. Quem vae ao Porto Santo retira-se sem perda violenta d'um real, inteirinho de corpo e de fazenda tal como chegou, senão melhor. O progresso moderno só ali foi duas vezes e fez asneira. Numa, em 1852, levou-lhe a doença dos vinhedos; na outra, mais recente, destruiu-lhe a moradia historica de Colombo. Poupou-lhes os instinctos; já foi mercê!

A FONTINHA

Chama-se *Baleira* o unico torrão mais habitado da ilha. Ora, existindo no Algarve, proximo de Sagres, logarejo de nome identico, e sendo, como foram, algarvios os tripulantes de Zarco, facil é suppôr-se a origem do titulo. Villa pequena, risonha e chan, sob o patronato da Senhora da Piedade, a sua primitiva egreja foi queimada, em 1617, por corsarios moiros, mandando reedifical-a a Fazenda real, desde 1699 a 1712. Ella, e o edificio municipal, são as unicas construcções mais ou menos apparatosas, afóra uma ou outra residencia particular moderna. No seu isolamento, ou retiro, de ceu e mar, bem parcos chegaram tambem ali os engrandecimentos manuelinos, se os teve. É possivel que ao desconsolo do primeiro donatario, vendo estereis os esforços das culturas pela seccura do sólo, succedessem primeiro a usura, o despotico contracto da colonia e a ociosidade do proprietario, depois a inercia, ou desleixo, dos successores, num cruzamento de braços de resignada pobreza. A lenda da coelha prenhe levada por Zarco e dos filhos procreando-se aos milhares, não justifica a nudez dos campos. Como incidente malicioso da Historia admitte-se; a falta d'agua, não. Existe e não a procuram, limitando-se a tomal-a, em rações minguadas, embora excellente, ou medicinal na Fontinha, perto da villa, ou distante, na *fonte da areia*, na *fonte dos pombos* e na *dos jaspes*, ao passo que os terrenos ressequidos, sem arborisação e em grande parte sem prestimo, rogam-na supplices a alguma nuvem que passe. E, comtudo, a noroeste da villa, brotam das rochas abundantes tórnos, que vão perder-se no mar por não haver dinheiro para aproveitamento!

Os vinhedos desenvolvem-se assim no bravío sólo, estendidos sobre elle na configuração de reptís enormes, de parceria com arbustos ra-

chiticos, dragoeiros, ericaceas e palmeiras açoitadas pelos vendavaes, unicos tons de verdura onde, no estio, podemos descançar a vista!

No inverno, apesar de brando, e na primavera, que é suavissima, os campos offerecem melhor aspecto. Pequenas messes ondeiam como vagas curtas, compensando trabalhos e cuidados. No limite dos seus extremos a Natureza faz o que póde; assim os governos correspondessem aos seus esforços.

A villa estende-se ao sul, numa baixa areenta, sobre calcareo visivel em muitos sitios. Apesar de irregularmente disposta, não deixa comtudo de mostrar-se risonha no aspecto externo. Alcançando-a, reconhece-se porem que, na maioria, as edificações são rudimentares, a pedra solta ou com rebôco simples e telhados de barro, amassado com areia e cal, dispostas sem alinhamento ou ordem apreciavel. Uma ribeira exhausta torneja a povoação, faltando-lhe porêm a verdejante moldura, ou o córte arrojado e imprevisto das suas congeneres madeirenses.

Da varanda do modernissimo albergue a que nos conduziram, hotel limpo, arejado e sem moscas, onde iguarias modestas surgiram como preciosos manjares, a vista abrange quasi os 468 fogos da ilha, abrigando os seus 1956 habitantes. Ha, nella, affirmam, duas escolas; existem, tambem, 1724 analphabetos. É que as escolas brigam com o titulo e a gente moça, vendo-se escapa da alimentação brutal da infancia, prefere a ignorancia da liberdade e do ar puro ao suicidio lento nas montureiras officiaes!

Descendo-se do hotel entra se no *Largo do Pelourinho*. Uma palmeira enfezada dá-nos a impressão do martyrio da sede imposto aos habitantes. Legalmente justifica o titulo do sitio. Têmos ali a egreja parochial, a que já alludimos, e o edificio da camara. É linda a primeira, com requintes de asseio revelando esmero. Ajoelha-se sem tédio; reza-se sem nojo. As proprias imagens, illuminadas pelo sol rútilo, parecem obras primas.

UM MOINHO NO PORTO SANTO
ALTO DA PORTELLA

Passamos ao edificio municipal. É antigo, pesado, sem architectura definida, depois das restaurações que lhe respeitaram apenas as armas nacionaes sobre o remate da portada. Cahimos de chofre em plena sessão, ao bater do meio-dia. Os respeitaveis édis, austeros cumpridores dos deveres christãos, persignaram-se e rezaram de pé. *Deus super omnia* ..

Ha ainda a mencionar uma visita á capella da Misericordia, e, sahindo da villa, á ermida de Santa Catharina e de São Sebastião, a mesma onde o misero João Calaça esperou tres dias que o diabo se resolvesse a abandonar-lhe o cadaver. Como não ressuscitou, ainda na actualidade ali depositam os corpos dos que

UM CARRO DE BOIS — AO FUNDO, CASAS COM TECTOS DE BARRO

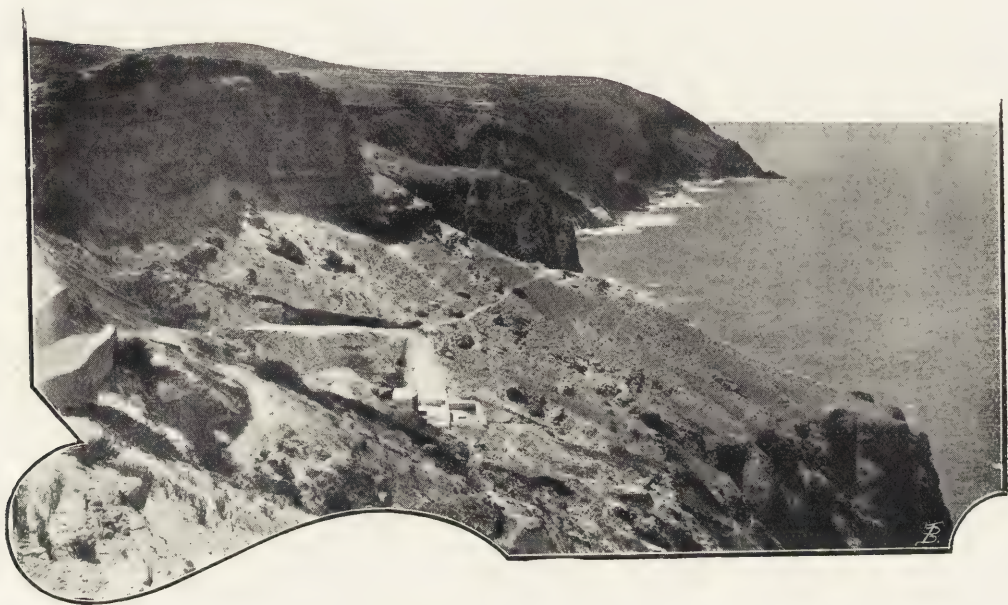
partem, antes de transportal'os ao proximo cemiterio publico.

Eis-nos em pleno campo. Sóbe-se ao *Pico do Castello*, e, a nossos pés, calcando-lhe as ruinas, abre-se um panorama extraordinario. Para accudirem um pouco á misera população da ilha, exposta aos piratas barbarescos e corsarios europeus, os reis usurpadores do dominio hespanhol mandaram construir, a pedra solta, esse reducto, mais hospitaleiro para os que nelle se refugiavam, defendendo as vidas, do que para evitar os continuos sáques. Segundo reducto teve a ilha, tão reduzido a escombros como o primeiro. Intitulava-se de *São José*, tendo sido Pombal quem mandára construil'o junto á praia. Outros locaes apraziveis á vista são: a risonha capella do Espirito Santo; o *pico do Facho*, assim chamado porque, antigamente, ali permanecia, durante a noite, um vigia para dar signaes aos navios por meio de ramos incendiados; o *pico da Juliana*, o *pico Branco*, o *pico de Anna Ferreira*, a *rocha do Penedo*, o *alto da Portella*, o *sitio da Calheta*, descobrindo-se proximo o *ilhéo da Cal* ou *de baixo*, d'onde se extrae e exporta para a Madeira excellente cal, a *rocha dos Varadoiros*, a *fonte da Areia*, a serra da *Feiteira*, e, finalmente, o *ilhéo de Cima*, escolhido para o moderno pharol, separado da terra por um boqueirão e offerecendo perto uma extensissima praia.

Vê-se depressa a ilha, que a *sereia* do transporte reclama-nos. Quem vae ao Porto Santo ou tem de permanecer quinze dias, ou poucas horas. Não ha meio termo ou possibilidade do contrario. Do que dissémos e vimos não se conclua porêm ausencia absoluta de agrado, nem falta de horisontes largos, compensadores. É árido o sólo? Embora. Recorda-nos, quasi todo, ou as lindas praias continentaes, ou os extensos campos de pão. Ora pisamos as mesmas areias d'oiro, que a luxuriosa Madeira não possue, ora descobrimos a planicie estendendo-se rasa, sem o alcantilado vulcanico da ilha irman. Não tem, como esta, nem o seu imprevisto arrojo natural, nem o resultado das antigas convulsões internas, em ravinas, despenhadeiros e crateras extinctas. Mas, compensando esses aspectos, outros encontramos mais simples, fallando-nos ao coração saudoso, na sua modestia caracteristica, original tambem. São os moinhos esparsos de vellame solto, os carros similhantes aos do norte, as nossas eiras da Estremadura, um sabor de existencia em quási tudo egual á do continente, na mesma

proverbial franqueza, sem omissão de sympathia na hospitalidade.

Não haverá motivo para aborrecimento, nem razão para desconsolo. Longe do orbe movimentado, na absoluta paz da Natureza sem atavios, deve lograr-se ali o repoiso do esquecimento completo. Offerece-lhe o oceano as suas brisas; concede-lhe o espaço seus luzeiros. Abre-se sobre ella a vastidão do infinito, e, no silencio que a rodeia, deve ouvir-se mais nitidamente a voz do Creador, perdoando culpas, se as confessarem, arreigando crenças, se as não tivérem. Terra de promissão, injustamente abandonada pelos homens cultos, como paraizo vedado ás suas ambições e ódios, resigna-se e espéra. O quê ?... Á falta d'outros beneficios, a offerta d'um pavilhão nacional, que nem sequer ali vimos tremular, para remorso d'outros e vergonha nossa !

Augusto Forjaz

FONTE DA AREIA E ROCHA DOS VARADOÍROS

Eu creio que foi na romaria de St.ª Angelica que elles se viram, os namorados d'este conto.

Quando Luiza chegára com a mãe, os varapaus começavam de ensarilhar-se num rumor secco d'arvores que se partissem.

Nascêra a desordem duma cantiga maliciosa que o *Melro*, um brigão dado a amores, desferira, á viola, e que foi, como um ferro de flexa, bater no peito da mais linda morena do monte:

Anda cá, minha trigueira,
Pois já me quizeste bem...
Olha, a videira sem uvas
Já não dá o que não tem!...

O morgado de Linhaes, com a sua jaqueta de alamares, e a faixa rubra e ardente como a sua paixão pela morena, arremessou para a nuca o chapeu calabrez, e com o marmelleiro de choupa despedaçou, gingando, a banza do cantador.

E logo os chapeus voaram, as mulheres gritaram numa algazarra. A mó do povo agitara-se, endoidecida, á maneira das messes, quando lhes bate o vento: caíam as mesas e taboleiros de doces, as canecas brancas rolavam partidas, e no meio da turba electrizada em remoínhos cyclonicos, ao fragor da debandada espavorida, ficára num carro de bois, ornamentado de folhagens frescas, uma pipa de vinho esguichando como um repuxo de sangue...

Incendio que lavra, a raiva acirrava os camponios de manjaricão na orelha, e os lódãos zigzagueavam, partindo cabeças e desengonçando costellas. O largo, com o seu cruzeiro de pedra e as suas pacificas e velhas arvores, convertêra-se em momentos num arraial de guerra. Os sinos da ermida tocavam. O rapazio empoleirára-se como lestos gorilhas, nos ramos altos

dos carvalhos. E da casa da escola, onde se albergavam, uns soldados saíram em linha, mas apenas o alferes e o corneta avançaram, por entre a multidão espavorida, para o bando assanhado dos jogadores de pau.

O official, um moço pallido, que vinha talvez de ler, embevecido, algum romance de Ponson du Terrail, admoestou, com a espada desembainhada, a turba dos desordeiros, onde se viam já papoulas e fios de sangue, e onde as pragas se tinham abafado num silencio rancoroso, d'estes em que parece que ouvimos estalar corações. Mas a briga era agora mais estrategica, mais meticulosa e previdente no assalto; os jogadores cobriam se e atacavam como grandes mestres d'armas. Alguns paus estalavam, partiam; um ou outro batalhador caía de borco... Então a gritaria enchia os campos, onde a natureza, silenciosa e luminosa, se diria sonhar sob o ceu imperturbavel. Os sinos tocavam mais. E a briga continuava, teimosa e enraivecida, tal se um largo rastilho de colera sacudisse e mexesse aquelles homens ageis. De novo, nervosamente, o alferes, pallido, ergueu a espada fina, e clamou, já rouco, palavras bem altísonas, — mas que se perderam e voaram como folhas. Nesse momento um rapagão espadúado e loiro rodopiava tonto d'uma pancada, e caía. O phrenesim da pugna não quebrava — e a pipa continuava tambem a esguichar o seu vinho escarlate, como uma coisa bacchica, sob os ultimos clarões do sol poente!...

Então o official, cada vez mais livido, deu uma ordem rapida — e o corneta tocou a reunir. Aquelle som vivo e marcial, que poz um calafrio no povoleu suspenso, e echoou nos montes longiquos como um funesto clarim de guerra, não desanimára ainda os desordeiros, valdevinos do amor, rufiões e marialvas, que os ciumes e o vinho desvairavam. E ao ver a rede de varapaus crescer mais, num estralejar bravio, o alferes soltou a voz de fogo — e uma descarga alta reboou, pois quando os homens se transmudam em feras, parece ainda preciso fustigar-lhes os flancos com balas.

Os paus foram-se aos poucos quedando. Os athletas fugiram, ainda aureolados de sol. Fez se uma clareira; e viu-se, mais longe, um homem moço e alto caír ferido... O povo accorrêra — egual a um enorme formigueiro alaranjado de sol vasquejante. Luiza tambem fôra com a mãe, no bando das mulheres lacrimosas: e foi uma das que ajudaram a soerguer o rapaz que tombára, e que uma bala ferira. Era um mancebo dum trigueiro pallido; o bigode, d'amora retinta, pendia-lhe aos cantos, melancolizando-lhe mais o rosto meigo. Viera de longe, d'além das montanhas, não entrára na briga, que apenas contemplava a distancia, dum alto, como certos generaes da Historia. Mas pagára pelos ruñões avinhados, prostrado por bala assassina, aquelle moço d'olhos pretos e amantes.

* * *

Foi então, creio eu, que se viram pela primeira vez o ferido e Luiza. O casal abastado da rapariga era perto, e lá recebeu elle o primeiro tratamento, até que abalou para a sua aldeia, além serra.

Era uma linda noite de luar, quando partiu, ainda doente, com a mãe que o viera buscar, no carro da carreira. Luiza, a sua meiga enfermeira d'alguns dias, viera dizer-lhe adeus — e os seus claros olhos enturvaram-se... A romaria de St.ª Angelica acabava. Na fachada da ermida tremeluziam ainda, ao longe, os arcos da illuminação festiva. No alto todo o ar se estrellára, duma pureza diaphana, como se Deus se entretivesse a desfolhar malmequeres d'oiro pelo ceu... Da romaria apenas chegava, áquella hora de despedida melancolica, a toada lenta e suspirosa do *Malhão*, num queixume que o vento leve esfarpava. Que linda noite! Um foguete distante pingava as suas lagrimas no azul alvacento, tepido, nupcial. Havia um aroma amoroso de cravos...

E o certo é que se amaram. Pouco depois elle vinha vê-la a miudo. Luiza esperava-o anciosa, com os olhos remirando o caminho da serra. Mas aqui já começa a novella a ser triste: já em torno ás figuras lealmente amorosas começam de esvoaçar as aves de rapina — instinctos de cobiça, de perfidia e inveja, mesquinhas companheiras, muita vez invisiveis, da triste vida do homem.

Vieram as represalias, e depois as violencias. Luiza foi sequestrada cruamente ao amante. O pae, brusco e cioso da sua riqueza, dissera-lhe uma vez:

— Has-de casar rica, e a meu modo. Não te criei p'ra freira, cachopa; mas tira o sentido d'onde o trazes...

E vendo a rapariga córar e os olhos a orvalharem-se:

— Mal vae se torno a enxergar o Manuel-

...TIRA O SENTIDO D'ONDE O TRAZES. .

zinho... Não me queiras desgraçar, Luiza. Nada de caramunhas!...

Luiza chorára muito. Aterrára-a o ar sinistro do pae, teimoso e rude, com formidaveis coleras. E tratou de avisar o namorado para que não viesse, até que se desvanecesse aquelle rancor, que o tempo gastaria. Confiava na bondade do destino, quasi sempre enigmatico e triste como os emblemas das tumbas; rezou aos santos que intercedem suavemente pelos namorados nas longiquas venturas do ceu, e tinha fé no seu amor, que era grande, e no tempo que até vae roendo as pedras duras, quanto mais a maldade da gente.

E o outomno foi passando. As folhas desprendiam-se amarellentas, como as antigas illusões de poetas. Já mal havia flores. A natureza empallidecia, mirrava-se, como se aquella terra exuberante e viçosa se espiritualizasse e emaciasse para um recolhimento claustral. Mas para os corações encantados e para a legião dos bardos e dos tristes o outomno cria e abre rosas mais redolentes!

Manuel obedecêra: não viera como até ahi, ao lusco-fusco, quando os morcêgos avoejam; mas vira-a durante dois mezes doloridos, escondido na diligencia que passava na estrada Do largo, já Luiza ouvia as campainhas dos machos, que tiniam aos seus ouvidos, no silencio da tarde, como a mais doce musica da terra — e corria ao muro, para olhar o carro e encherem-se-lhe depois os olhos d'agua ..

*
* *

Logo que veio o inverno, bravo e rispido, puderam os dois ajustar encontrar-se no alpendre, noite alta, quando todos dormissem. As desconfianças do pae tinha-as levado a ausencia de Manuel e a neve de janeiro. E foram noites continuas de susto e d'amor no velho cobêrto do casal.

A chuva caía, o vento desgrenhava as arvores, parecia latir nos descampados — e ás vezes respondia-lhe na serra o uivar dos lobos.

Eram dum terror quasi delicioso essas noites de invernia. Sobresaltos e medos mais forte tornavam esse amor, mais doces ainda aquellas horas vagas... Ás vezes parecia que vinham passos... Luiza estremecia, empallidecia como as mortas, que ainda levam no somno do ataúde um eterno sorriso d'amor...

— E se era o pae?! Seria?!...

— Não; era o vento... Não era nada.

E eil-os de novo a tecer, encantados, as teias de illusão que os namorados tecem.

Depois um cão ladrava. Seria gente que elle vira? Jesus!

Manuel tranquillizava-a. E se fosse? Não eram noivos? Que tinha?!

Ella apertava-lhe a mão; olhava receosa a sombra horrivel e profunda da noite. Docemente Manuel afagava-lhe os cabellos.

De novo o vento uivava, com a afflicção dum doido esfarrapado a correr pela treva.

— Ouves, Manuel?!

— São os lobos... É o vento...

E voltavam a fallar, tiritando sob a telha vã do alpendre, ácerca dum lar futuro, onde nos duros invernos arderia o lume aquecedor e benefico. E as chimeras voavam, junto d'elles, com a doçura que devem ter nas visões mysticas, as azas, sempre brancas, dos anjos.

— Olha, Manuel, escuta: já canta!

Effectivamente um gallo cantava. Era o signal de partida.

— Adeus, meu amor!

— Adeus, Manuel!

E Luiza lá ia descalça, para que os passos não fossem despertar alguem no casarão silencioso; elle lá seguia, sob o tecto negro e agoireiro da noite, por onde o não enxergassem, palmilhando os caminhos da serra, onde só os pegureiros passavam.

Mas o inverno apertava. Certa noite elle disse-lhe:

— Queres tu fugir comigo, Luiza? Vamos p'ra longe, casamos, seja o que Deus quizer!

Ella mordeu o beiço, linda, scismando, os olhos como espantados num grande sonho.

— Queres, ámanhã, pois queres, Luiza? Eu venho mais cedo...

Ella receava. Sentia o peito oppresso, as mãos gelavam-lhe de commoção...

Elle tomou-lh'as, com uma grande bondade carinhosa:

— Então queres, Luiza? Pois fugimos?

Afinal combinaram. Iriam para o Azinhal, que era distante: lá tinha elle um casebre que o avô lhe deixára: haveria um grande lume. Casariam, seriam felizes. O padrinho d'elle, o abbade, havia de interceder e apiedar o pae...

— Pois sim, Manuel, pois sim!...

E elle abalou, por essa noite gelida e clara. Ia quasi offegante, radioso, como os que vão para os sonhos d'amor.

Aquelle idyllio, aquellas horas de emoção tão suave, as travessias nocturnas nos barrocaes da serra, enchiam-lhe o coração dum amor forte e poetico, como se a lua do monte lh'o tocasse de belleza.

Pelo caminho, conchegando o capote, ao tremer azulado dos astros, Manuel suspirava pelo dia nascente, para ir preparar o seu ninho no Azinhal. Oh! como Luiza era boa, que tudo abandonava por elle! Como a luz dos seus olhos era abençoada e clara, que ainda nas noites mais negras todo aquelle caminho lhe alumiava!...

Ao pintar do dia Manuel correu ao Azinhal, e levava no peito mais aurora do que a que vinha alumiando o ceu. Se dormiu? Quem é que dorme, aos vinte annos, nesse esplendor romantico da vida! O coração é então como as flores que se abrem só ao brilho da lua... Tudo é sonho!

O padrinho, velho abbade risonho e athletico, que militára na Patuleia, prometteu carinhoso interessar-se. Sorriu-se, não teve assomos de rigidez ascetica; conhecia que a vida era uma grande hossana d'amor, um excelso e harmonioso cantico de seivas. Os seus cabellos raros tinham encanecido a esse fulgor do sol, que tem para a natureza o beijo augusto e casto, que sempre faz florir a terra namorada.

— Elle fallaria ao pae de Luiza. Elle os casaria... E que tivessem filhos, para honra e gloria d'aquella raça forte!

Manuel exultava. Afinal a sua felicidade viria, tão anciada e linda, quando a noite estendesse o seu largo veu nupcial d'estrellas.. Ah! se chegasse a tarde! Os crepusculos de inverno eram rapidos e mal doirados; as noites frias e vagarosas. Mas o seu futuro todo se enchia de oiro refulgente, e até o inverno da vida é passageiro, se acaso o amor o embala.

—ENTÃO, QUERES LUIZA? POIS FUGIMOS?

Quando o sol se atufou, p'ra lá das serras, cabeça fulva e ensanguentada dum heroe que degolaram, o namorado sentiu, naquella hora vesperal e elegiaca, uma expansão de jubilo suavissimo — que era o aroma das rosas encantadas, que abriam na sua alma...

*
* *

Noite velha, Luiza foi, pé ante pé, para o telheiro. Levava a respiração suffocada, o coração batia-lhe rijamente. Tinha os olhos mais

brilhantes, o rosto parecia de cêra. Tremula, mal segurava na mão a trouxa com alguma roupa e o seu oiro...

Mas ao alpendre ainda não chegára o noivo. Esperou anciada. O frio cortava, e a neve caía em flocos, que se esfarpavam ao luar. Ella conchegava a capa, espiava os campos e o caminho solitario.

Ninguem! Como custa esperar por quem se adora! Ao longe ouviu um tiro, que echoou longamente nas serras, — para ficarem depois mais silenciosas. Jesus! toda ella tremia, á lembrança de que fosse Manuel. Uma ideia cruciante de morte suffocou-a; de assustada, os seus doirados cabellos ergueram-se. Olhava a noite, afflicta: a paizagem azulava-se ao luar frio, a neve ia caindo semelhante a nebulosas desfeitas... Luiza, os labios entreabertos, olhos quêdos e extaticos, esperava. Ninguem! Ninguem vinha! A noite continuava imperturbavel, branca e algida como o marmore dos tumulos. Tudo jazia numa quietação immensa; apenas os astros tremiam como vagalumes, e a neve caía em polvilhos e em flores...

Á magua súbita, succedeu-se uma ventura que quasi a embalava, porque os namorados andam em nuvens d'oiro, e parece que ainda aspiram aquella flor da lenda, com cujo perfume não havia ninguem que não sonhasse!... Manuel não tardaria! Já os gallos, velhos arautos do sol, tinham cantado — e Luiza sentou-se, olhando com receio de ser alli surpresa, prestando o ouvido ao ruido mais vago. Estava linda, dum pallor mais gelado, com o cabello mais d'oiro, que apparecia em madeixas debaixo do grande lenço de merino. Assim se quedou uns instantes, scismando nas horas amoraveis que alli passára, ouvindo Manuel fallar da sua ventura. Sempre a ventura a acariciá-la e a envolvê-la!...

Desde essa romaria a St.ª Angelica que o seu amor sempre fôra crescendo, como estranha rosa feita de fogo e luz... Depois vieram tristezas — mas tristezas d'amor são venturas. Senhor, mas como elle tardava! Se elle viesse depressa, para fugirem depressa, sob o luar nupcial e sob a neve, que lhes viria do ceu como os confeitos e a missanga das bodas!...

E Manuel não vinha! A noite arrastava-se longa, presaga, algente. Luiza gelava, a tremer, embrulhada na capa; a mão já mal podia tactear a trouxa com o seu oiro. Outro gallo cucuritava, metallico, no ar gelado. Jesus, Jesus, que tarde!

Então uns uivos vieram da serra... De repente Luiza ergueu-se, sacudida, com um terror que lhe mortificava e lhe vincava o rosto. O peito arquejou, numa onda de summa afflicção, que lhe encheu os olhos de agua. Teve um presentimento pavoroso — e ficou numa postura de afflicção tamanha, que a bocca abriu-se-lhe num espasmo de estertor. Cambaleante, como ébria, as pernas a quebrarem-se, foi de novo espreitar a serrania e a noite: e tudo lhe pareceu, mais do que nunca, um cemiterio enorme. E não ha outro maior, bem ao certo, que aquelle onde se afundam, para sempre, as nossas illusões, o nosso sonho!

*

Quando procuraram no monte o cadaver de Manuel, não o encontraram. Apenas lhe appareceram as sapatas ferradas. A alcateia devorou-o na noite do noivado. Ao luar phantastico, como havia de ter sido espectral e pavorosa a apparição dos lobos!

Elles vieram decerto descendo as fragas, co-

vardes, acompanhando de vagar a presa, como quem não tem pressa do repasto cubiçado. Outros foram correndo amarellados, com o pêlo hirsuto — e assentaram-se sarcasticos, de orelha fita, como inquisidores que se comprazem na tortura das victimas. Depois foram apertando o circulo de morte; e quando a fome é negra, não ha treguas: é prodigiosa a elasticidade d'estas feras no assalto, quando as guelas vermelhas se escancaram, e se fincam as garras como laminas de ferro.

Manuel disparára um tiro, que perdeu. E a noite a desfolhar-lhe estrellas sobre os sonhos!...

Talvez que as suas ultimas palavras fossem o adeus a Luiza. Sabem-no apenas as rochas e a neve d'esses montes. .

Luiza pouco sobreviveu áquella morte Transfigurou-se, livida, semelhante ás donzellas que se erguem dos esquifes, pelas noites de ballada mortuaria, com grinaldas já murchas nos cabellos revoltos. Eu ainda a vi doida, atirando ramos de murta e flores ás diligencias que passavam na estrada... Lembro-me sempre d'ella! Tinha os olhos enormes, cheios duma grande tristeza de lua e de morte — como a da noite pavorosa. E ainda me fico a scismar na santa rapariga, que eu vi tam linda na romaria de Santa Angelica, e no esbelto rapaz desventurado — que nasceu para ser ferido dos soldados, e devorado pelos lobos!...

JULIO BRANDÃO.

O Chapeu Alto

Entre o trigo que o sol cora
Vae cumprindo o seu destino,
Foi tão imponente outr'ora
Hoje é triste... pequenino!

Numa canna, a baloiçar
Ao vento mau, desabrido,
Elle faz afugentar
O passaredo atrevido.

Tão velho, tão desgraçado,
Não tem outra serventia,
O chapeu alto, coitado,
Que tanto resplandecia!...

Muita gente, quando passa,
Alegre, pelo caminho,
Sem dó d'aquella desgraça,
Põe-se a rir do pobrezinho!

E, na canna baloiçando,
Ao vento mau, desabrido,
O chapeu vae-se rasgando,
Tão velho e tão perseguido...

Nesse triste captiveiro,
O chapeu alto, infeliz,
Faz lembrar um prisioneiro
Bem longe do seu paiz!

Julio Baptista Ripado

Protecção aos Desvalidos

Quadros fugitivos da acção caritativa da bôa e generosa alma portugueza

Os Cegos

Honra-nos o Sr. Victor Ribeiro, illustre chronista dos institutos caridosos de Portugal e já vantajosamente conhecido dos leitores dos «Serões» pela bella monographia sobre D. Frei Caetano Brandão, com uma serie de artigos, subordinados ao titulo significativo "Protecção aos desvalidos".

São elles a condensação, em quadros pittorescos e interessantes, do vasto trabalho a que o benemerito escriptor applica as suas bellas faculdades, sob o titulo de Historia da Beneficencia Portugueza, *e no qual minuciosamente se estudam os varios institutos em que desde os primeiros tempos da nossa existencia independente se tem manifestado a caridade nacional: as albergarias, gafarias, hospitaes, mercearias, misericordias, asylos, casas-pias, crèches, dispensarios, manicomios, lactarios, etc.*

O primeiro d'esses artigos é o que começamos a publicar, tendo por assumpto Os Cegos e resumindo nitidamente a historia de quanto a caridade publica e particular tem feito em Portugal a favor d'esses infelizes, privados do mais portentoso meio de conhecimentos que ao homem doou a natureza.

E' um drama pungente, de lucta contra o destino adverso, empenhado por grandes corações; drama desenrolando-se atravez das paginas da historia, cheio de peripecias pungentes e de façanhas consoladoras, até terminar nos admiraveis institutos em que a sciencia humana supprc, o melhor que é possivel, com admiravel tenacidade, as deficiencias fataes dos desvalidos de luz.

Dá uma triste actualidade a este assumpto o fallecimento recente de um dos mais devotados apostolos d'esta cruzada em Portugal, o Dr. Aniceto Mascaró, ferido em pleno exercicio da sua actividade scientifica.

Pela exposição do Sr. Victor Ribeiro se verá quanto o nosso paiz, e em particular os cegos portuguezes, devem a este medico eminente.

Os cegos! Triste legião de seres a quem a mais horrivel e miseranda de todas as anormalidades organicas afflige, restringindo-lhes o ineffavel prazer de cooperar na actividade geral humana, limitando-lhes o campo e os processos da observação directa, infelizes a quem não é dado vêr seus proprios filhos, parentes e amigos, nem contemplar o vasto e vivificante panorama da terra e dos mares, nem sequer admirar a luz do astro brilhante do dia, que tudo aviventa e anima!

O preconceito antigo, filho da ignorancia, suppunha-os incapazes para o trabalho, e assim os acorrentava fóra de todo o contacto social, mergulhados em profundo desconhecimento da vida humana, sem procurar aproveitar-lhes as naturaes aptidões, que em alguns excedem e muito as faculdades creadoras dos videntes.

Eram os pobres cegos, no dizer significativo de Blacklock, *prisioneiros do mundo,* reclusos n'um isolamento lamentavel, avolumando com o seu espectaculo, que apiedava os animos mais crús, a grossa legião dos mendicantes.

Comtudo observações curiosas demonstraram, repetidas vezes, a inanidade d'este preconceito antigo, que inda ao presente impera nas

MILTON DICTANDO O «PARAIZO PERDIDO» A SUAS FILHAS
Quadro do celebre pintor hungaro Munckacsy

populações menos cultas. Aponta-nos a historia humana, os nomes de grandes cegos, cujo talento irrompe violentamente, quebrando essas cadêas, e irradia em manifestações de sociabilização da sua actividade, na vida universal.

A arte, a musica, a poesia fornecem-nos os mais brilhantes exemplos. Homero, nome que significa — o *cego* — após as suas peregrinações cegou, diz-nos a sua biographia lendaria, e para conquistar o pão cantava mendigando de terra em terra, como os rhapsodas, recitando trechos dos seus immorredouros poemas, em troca da esmola e da hospitalidade. E cego, abriu escolas em Chios, onde ensinava os videntes, e de onde se espalhou a fama do seu talento e das suas obras.

A litteratura celebrou o facto e outros analogos. Victor Hugo n'uma carta escripta em 1842 a Castilho dizia-lhe :

> Chante ! Milton chantait ; chante ! Homère a chanté
> Le poëte des sens perce la triste brume ;
> L'aveugle voit dans l'ombre un monde de clarté.
> Quand l'œil du corps s'éteint, l'œil de l'esprit s'allume.

André Chénier, o desditoso poeta, traduziu nos mais sentidos versos a desventura de Homero, assumpto do formosissimo poema que intitulou — *O cego.*

Milton perdeu subitamente a vista e assim se completou o quadro dos seus infortunios, apenas minorados pela ternura de sua filha Debora, que o amparava e auxiliava como a lendaria filha de Œdipo. Exemplo analogo nos offerece a vida do cego poeta Ossian, amparando-se na extrema dedicação de sua filha Malvina.

Regista a historia nomes de alguns egregios professores de faculdades como Dydimo, Doutor da egreja, cego desde os quatro annos, que ensinou philosophia no Egypto no seculo IV ; como Nicasio de Malinas, professor de Direito canonico e civil em Colonia, e mais recentemente, na Inglaterra, os celebres Moysés e Sanderson, professor da Universidade de Cambridge (seculo XVII).

Ainda em nossos dias muitos cegos illustres deixaram seus nomes assignalados. Citemos Maurice de la Sizeranne e o professor excursionista e alpinista arrojado Guilbeaud ; o esculptor Vidal, mestre de modelagem, e o insigne John Marchant Mundy, dos Estados Unidos, auctor de uma estatua de Washington Irving.

O celebre Jacques Arago, tão conhecido

pelas suas viagens á roda do mundo, após a travessia do Sahará cegou, nos ultimos dias da vida, e então em Lisboa conheceu Castilho, com o qual entabolou as mais estreitas relações de amizade.

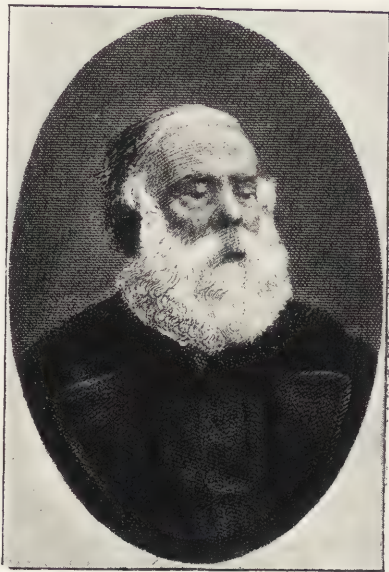
Cultivavam ambos a poesia. Castilho, — o *rei das canções*, — como lhe chamava Herculano, — *O poeta das creanças, das flôres, do amor, da melancholia e dos desgraçados*, — como lhe chamou Camillo, sem vista desde os seis annos, mostrou bem quanto pode a educação espontanea de um cego, tornando-se egregio

PADRE THEODORO DE ALMEIDA
Inventor das cartas em relevo

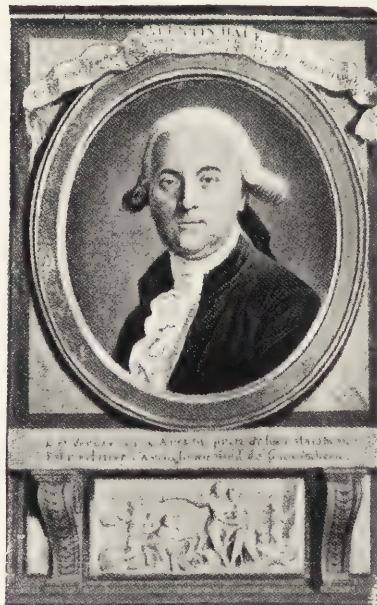
cultor das musas, conhecedor das linguas grega e latina e dos idiomas modernos, que manuseava a primor, e até, inventando um methodo de ensino para videntes, methodo de que foi o mais strenuo apostolo, e simultaneamente o evangelizador da Instrucção e do Progresso.

N'uma carta que lhe endereçou dizia Victor Hugo — «*Os cegos não teem vista porque irradiam luz*».

E quantos outros casos de cegueira, torturando alguns dos nossos homens mais eminentes poderia eu apontar aqui!

Cegaram os dois grandes artistas Alexandre Giusti e Machado de Castro, como em meio da sua brilhante carreira artistica cegou o grande actor José Carlos dos Santos. Camillo

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

Castello Branco, nos ultimos dias da vida cegára. Conta-o elle nas *Nosltalgias*:

> Serra saudosa, eu te lego
> Estas trovas que compuz,
> Vêr-te? Não mais; estou cego,
> E tu tão cheia de luz!...

VALENTIN HAÜY
Iniciador em França do ensino dos cegos.
(Fallecido em 1822)

O sol immenso que accende
Milhões de mundos sem fim,
De tantos raios que esplende,
Não tem um só para mim!

Apagado é tudo! Resta
Esconder de pranto o pejo;
....

O POBRE RABEQUISTA
Quadro e gravura de José Rodrigues (1854)

O eminente zoologo, gloria das sciencias portuguezas, sr. dr. Barbosa du Bocage teve no fim da sua vida gloriosa de trabalho, a triste e fatal cegueira a entenebrecer-lhe a alegria dos seus incomparaveis serviços; e o douto e acrisolado investigador da historia portugueza, o sr. dr. Sousa Viterbo, meu illustre e excellente amigo, como Ossian e como Milton, achou a mitigar-lhe as amarguras da mesma cruel enfermidade, o auxilio sublime de ternura, de sua filha, intelligente e dedicadissima collaboradora nos trabalhos litterarios, com que, em incansavel afan, continúa dia a dia a enriquecer as lettras patrias.

O erudito academico e bibliothecario Antonio Ribeiro dos Santos, ao cabo de uma longa vida de trabalhos litterarios e scientificos, morreu cego em 1818, aos 73 annos, a despeito dos esforços tentados pela medicina para o salvar.

Mais notavel é o caso do desditoso poeta Thomaz Antonio dos Santos e Silva, grande amigo de Bocage, o qual cego desde os 48 annos, é acolhido primeiro com carinho excepcional, por fim caiu de miseria em miseria até morrer esquecido no fundo de uma enfermaria de indigentes, em 1816, sem achar sequer amanuenses que podessem interpretar com correcção as producções constantes do seu estro, d'entre as quaes ficou celebre para sempre a *Brasiliada*.

Áparte exemplos isolados e raros, entre os quaes se aponta o da protecção que Carlos Magno, em 805, manifestou em favor dos cegos, pode dizer-se que a verdadeira cruzada de amparo a estes infelizes foi iniciada em França pelo rei S. Luiz, que em 1254 fundou em Paris o asylo dos *Quinze-Vingts*, destinado a receber 300 asylados, asylo que inda hoje existe, e do qual recebem protecção cerca de 2 000 cegos indigentes externos.

Ao mesmo tempo varias congregações religiosas fundavam hospitaes para cegos em Angers, em Ruão, em Caen, em Chalons, em Orleans e em Chartres, onde existia uma communidade de cegos denominada dos *Six-Vingts*.

CEGO VENDENDO FOLHINHAS, REPERTORIOS E REZAS
Lithographia n.º 7 do Album de Costumes Portuguezes

No seculo XVI os institutos de enfermagem de S. João de Deus abrigavam, como ainda hoje abrigam, os cegos conjunctamente com outros anormaes e enfermos.

Em França nasceu tambem, seculos depois, em 1745 o benemerito Valentim Haüy (irmão do famoso mineralogista do mesmo appelido) o qual antes de 1800 concebeu a idéa de ensinar alguns mendigos cegos de Paris a ler e escrever por meio de livros impressos em relevo, ensinando-lhes por este processo, aliás simples, a musica e a geographia.

Não que antes delle se não tivessem feito diligencias para ensinar os cegos, quer por meio de lettras moveis, em relevo, como o cego Du Puiseaux, de que nos fala Diderot, quer por meio de lettras formadas pelas picadas de um alfinete. Haüy, observando que uma folha impressa de fresco conservava o relevo das lettras pelo reverso, mandou fazer em 1783 caractéres especiaes invertidos, com os quaes tirava exemplares em papel humedecido. Foi esta a primeira origem da *typographia dos cegos*.

A fama deste miraculoso ensino rompeu as fronteiras e Valentim Haüy, sollicitado pelos governos da Prussia e da Russia, acceitou o encargo de ir a S. Petersburgo e a Berlim estabelecer escolas e, regressando a Paris dirigiu alli os primeiros cursos de cegos, até á sua morte, em 1822, tendo fundado em 1791 o *Instituto Nacional de creanças cegas*.

Era rudimentar e imperfeito o systema de Haüy. Pouco antes, em 1774, o nosso oratoriano P.e Theodoro d'Almeida, emigrado em Paris para fugir ás iras do Marqnez de Pombal, e vivendo alli do ensino particular, preconisava em epistola ao sabio dr. Antonio Nunes Ribeiro Sanches umas cartas geographicas de madeira, que elle inventára ou copiára em França, para ensino dos cegos.

Logo depois surgiram os aperfeiçoadores. Lançou bases fundamentaes do ensino o official de artilharia Carlos Barbier, francez, que se immortalizou pelo invento de uma notação dos sons e articulações, por meio de pontos em relevo. Este invento foi de importancia capital.

Luiz Braille (1809 — 1852), cego desde os tres annos, discipulo da escola de Haüy, imaginou um alphabeto especial para os cegos, aproveitando o processo de escripta de Barbier, e eternizou-se principalmente pela sua admiravel musicographia.

No campo da litteratura a cruzada do ensino

dos cegos tinha naquelle tempo defensores de elevada cotação intellectual. Diderot escrevêra a sua — *Carta aos cegos para uso dos videntes*, e Chénier publicava o seu encantador poema.

Na pratica iniciou o apostolado o benemerito Haüy. E como lhe acudiu ao espirito tão generosa idéa?

Digamol-o.

Assistia em 1771 a um espectaculo na feira de Santo Ovidio; o que viu causou-lhe tão profunda impressão que desde logo pensou a serio na educação intellectual e profissional dos cegos.

Naquella barraca de feira ignobeis saltimbancos exploravam alguns desventurados cegos, mascarando-os de uma maneira irrisoria, e pondo-lhes deante estantes com musicas, faziam-os executar trechos horrisonos e extravagantes. O publico ria e escarnecia alvarmente da ignorancia dos cegos, para cumulo de ridiculo encarapuçados com grandes orelhas de burro.

O CEGO PEDINTE

Desenho de Nogueira da Silva, gravura de Coelho.

Foram sempre, e ainda hoje isto succede, os desgraçados cegos objecto da especulação ignobil de farçantes que procuram auferir vantagens pela exhibição de infortunios, para incentivo ao obulo com que almas compassivas facilmente lhes acodem.

O generoso Haüy pensou logo em promover a regeneração social daquelles desprotegidos, habilitando-os a poderem impor-se pela sua educação artistica e profissional, e até mesmo a cooperar efficazmente na vida da Humanidade.

Os esforços de Valentim Haüy foram coroados do melhor exito.

O methodo de ensino que Haüy iniciára, foi examinado em 1785 por uma commissão composta por Desmarets–Demours, Vicq–d'Azir e duque de la Rochefocault, a qual deu parecer favoravel, e perante elle a Academia resolveu dar a sua approvação ao methodo inventado por Haüy [1].

No dia de Natal do mesmo anno de 1785 o rei Luiz XVI quiz verificar pessoalmente e com toda a sua côrte, os progressos dos alumnos de Haüy, os quaes em numero de 24, exibiram exercicios de leitura, de escripta, de calculo, de geographia, de trabalhos manuaes, de canto e de musica.

Esta sessão conquistou á causa dos cegos protectores illustres, como Necker, Lafayette e Bailly. A revolução de 1789 decretou uma verba para a manutenção dos mestres e dos alumnos.

Começaram desde logo a fundar-se os institutos de cegos de Edimburgo, de Londres, de Boston, de New-York, de Philadelphia, de Munich, de Milão, etc.

Do Instituto Nacional dos Cegos, de Paris foram saindo discipulos, alguns dos quaes levaram a outros paizes o methodo de ensino de Braille, com o qual foram educados, tornandose por vezes seus fanaticos apologistas, refractarios ás innovações e aperfeiçoamentos successivos com que outros dedicados tiphlologos teem procurado elevar o ensino dos cegos

O cego brasileiro José Alvares de Azevedo, alli educado, regressou á patria em 1853 e sabendo que o dr. José Francisco Xavier Sigaud, medico do Paço Imperial, tinha uma filha cega,

---

[1] Haüy pobre e doente acolheu-se á protecção e amparo de seu irmão o celebre René Just Haüy, eminente mineralogista, fundador da *crystallographia*, cujo retrato já dei a publico no meu livro *A Terra e o Homem* pag. 103. Vidé esta obra, que constitue o vol. VI da edição portugueza das *Maravilhas da Natureza*. Lisboa. Empr. Edit. da Historia de Portugal — 1905.

offereceu-se para lhe ministrar o ensino pelos processos que apprendera em Paris.

Interessou-se pelo caso o sapiente monarcha o imperador D. Pedro II, e logo determinou a fundação do *Imperial Instituto dos Meninos Cegos*, inaugurado em 17 de Setembro de 1854.

Alvares de Azevedo, fallecido aos 19 annos, não chegou a vêr fructificar a sua obra. A sua discipula Adelia Sigaud foi no novo instituto a primeira professora, e seu pai o primeiro director.

A memoria deste acha-se alli perpetuada por um magnifico busto de marmore collocado no salão de honra do magnifico edificio onde presentemente está installado o Instituto.

Em Portugal, como no Brasil, os cegos eram protegidos geralmente pela acção caritativa da bondade natural e espontanea do povo sempre solicito a minorar a sorte destes desvalidos. Esta atmosphera de amparo, de conforto, de auxilio vale bem todo e qualquer outro ensino.

Escolas, asylos, processos de educação litteraria não existiam para os cegos, e comtudo quantos conseguiam obtel-a, pelo auxilio dos irmãos, dos parentes, dos amigos! Castilho tornou bem frisante a possibilidade deste ensino valedor; e quantos outros, privados da celebridade do illustre poeta, constituirão exemplos desconhecidos de mais limitada educação litteraria!

CONDESSA DE RIO MAIOR
Fallecida em 1890

Regista-se com louvor a proposta, caida no olvido, do deputado brasileiro Cornelio Ferreira França, que em 1835 pedia a creação de cadeiras de ensino para cegos e surdos-mudos.

ASYLO DE CEGAS DA RUA FORMOSA
OFFICINA DE COSTURA
Cliché de A. Barcia.

A musica, poderoso elemento ensinativo, foi sempre um recurso vulgar. O cego, em todos os tempos, toca e canta, e assim, menestrel ambulante, vai de terra em terra, calcando o pó das estradas, conquistando o pão e a pousada, a troco dos cantares sentidos que entôa com o acompanhamento da viola. *O cego da viola* é um dos typos populares caracteristicos da nossa terra, do qual ainda se observam exemplares interessantes nas festas das aldeias.

Outra usança egualmente curiosa nos revela a protecção e estima que esta classe de desditosos soube sempre conquistar da alma generosa e bôa do povo portuguez.

Vejamos este quadro emocionante da Lisboa antiga:

Grupavam-se os cegos da capital em irmandade, sob a invocação do *Santissimo Nome de Jesus, dos homens papelistas e rezadores, sita na velha parochial egreja de S. Jorge*. Fôra-lhes concedida por seu compromisso, que devia datar de 1600, uma curiosa e interessante prerogativa.

Consistia esta no privilegio, muitas vezes confirmado por Provisões regias, desde D. João V até D. João VI, de venderem pelas ruas e em sitios para este fim designados pelos usos camararios e populares da cidade, as *folhinhas, os papeis volantes noticiosos*, com os quaes se pascia a curiosidade ingenua do bom povo da capital, naquelles tempos em que não surgira ainda a *gazeta* regularmente publicada.

Mesmo depois, a par com essas folhas de noticiario escasso e sobrio, o povo acolhia com agrado os noticiarios volantes, ainda hoje representados nas folhas avulsas, em que se relatam em prosa ou verso os crimes de sensação.

Existe ainda na Bibliotheca Nacional de Lisboa um livro manuscripto, onde se conteem muitos documentos curiosos relativos a este privilegio dos cegos de Lisboa. Comprou-o a Bibliotheca em 1867 ao livreiro Mathias José Marques da Silva; o livro pertencera ao antigo livreiro da Rua do Ouro, o cego Manuel Marques da Silva, ultimo secretario da irmandade, a qual successivamente esteve em S. Jorge, em Santa Barbara e em S. Martinho.

Pelas Provisões regias de 1735 (22 de Dezembro), de 1756 (5 de Janeiro), de 1749 (7 de Janeiro), de 1751 (4 de Março), e outras se concedia aos cegos da irmandade o exclusivo direito da venda, dentro do Patriarchado, de folhinhas, historias, relações, reportorios, comedias portuguezas e castelhanas, e outros papeis avulsos. De 1777 em deante, se lhes restringiu este direito á venda de livros de *quarto* para baixo e de livros usados; e em 1825 se lhes concedia a impressão, reimpressão e venda de noticias tiradas das gazetas, mas só um dia depois da publicação official.

Sahiam pois os cegos pelas ruas, com seu moço ou seu cão, rezando alto pelas portas, pedindo esmola e apregoando em cantilena as noticias mais sensacionaes,—ou armavam tenda

e mantinham usual armario e cordel em certos sitios da cidade, como no Terreiro do Paço, no adro da velha egreja da Misericordia, no Pelourinho ou sob os arcos do Rocio.

Alli expunham á venda os folhetos e livros, suspensos em cordeis que passavam por dentro das folhas entreabertas. Deste uso vinha a locução popular, desdenhosa, de *livros de cordel*.

Havia as chamadas *comedias de cordel*, vendidas desta sorte pelos cégos, como as do afamado Nicolau Luiz e de muitos outros.

ASYLO DE CEGAS DA RUA FORMOSA

CASA CHAMADA DA PAIXÃO

UM GRUPO DE CEGAS

Clichés de A. Barcia.

A industria era, ao que parece rendosa, e os cegos tiveram por vezes que luctar com a ganancia dos commerciantes.

Os cegos rezadores fôram ainda até fim do seculo XVIII e principios do XIX uma revivescencia do antiquissimo uso que aproveitava os cegos como rezadores nos templos, e depois como sacerdotes. Na nave majestosa de Notre Dame alguns cegos, ornados com uma flor de liz, deslizavam por entre os fieis, durante os officios, a indicar o santo do dia, e recitando orações. Conserva-se inda viva a tradição dos sacerdotes cegos que dizem a *Missa da Virgem* de memoria, e no recente congresso de Edimburgo (1905) appareceu um padre cego, abençoando com as formulas rituaes, a obra d'aquella memoravel assemblêa.

Estes privilegios curiosos mostram-nos uma das mil manifestações do carinho com que o povo portuguez acudiu sempre aos desditosos cegos. Póde quasi affirmar-se que nunca em Portugal cego algum teve a luctar duramente com dolorosas privações.

Onde quer que appareça um cego logo o povo generoso e bom reparte com elle o seu pão, e lhe dá guarida caridosa.

Com o andar do tempo esta caridade concretizou-se nos asylos e hospicios, sequestrando os cegos indigentes á miseria, procurando educar os menores, é certo, mas privando-os da liberdade, da sociabilidade, da convivencia na lucta da vida, em que se gera as mais das vezes, o elemento poderoso da educação espontanea.

Em 1863 um bondoso compatriota, cujo nome deve ficar vinculado em lettras de ouro na singela historia das dedicações humanitarias da patria portugueza, o dr. João Diogo Juzarte de Sequeira Sameiro, natural de Castello de Vide, a patria formosa de Mousinho da Silveira, fundou alli, no antigo convento de recolétos, o *Asylo de Nossa Senhora da Esperança*, que se inaugurou com 4 cegos 2 e cegas.

Attribulado pela propria cegueira, pela de alguns de seus irmãos, e pela morte de tres filhos, o instituidor dedicou-se de coração ao venerando instituto, que creou com tanto amor, e morrendo legou-lhe valiosa fortuna.

ASYLO DE CEGAS DA RUA FORMOSA
O REFEITORIO
(*Cliché de A. Barcia*)

Vergonhosos pleitos disputaram a dotação do Asylo; mas vencidos porfim, este persistiu, dando apenas aos asylados o pão e o amparo de seus dias. Só muito depois o regente padre Diniz Porto introduziu no estabelecimento o ensino dos cegos, coadjuvado pelo professor Manuel Diogo Coelho e pelo medico Antonio José Repenicado.

Estabeleceu-se alli o ensino profissional e o ensino musical, e com elles a alegria no coração dos pobres reclusos. Tristeza infinda! sobre a cegueira a reclusão, o isolamento!

A banda dos alumnos cegos do Asylo de Castello de Vide apresentou-se em 1897 na Exposição do Palacio de Crystal do Porto, e em 1898 no cortejo civico, realizado em Lisboa, pelo Centenario da India, tocando algumas noites na Feira Franca, na Exposição da Imprensa e na Explanada Jansen.

Tambem na Casa Pia, onde em tempo o terrivel mal das ophthalmias, ia causando a cegueira de muitos asylados obrigou a pensar no ensino d'aquelles infelizes, a piedade de um dos membros da commissão admistrativa, Victor Jorge, determinou antes de 1841 a organização da celebre *banda dos cegos da Casa Pia,* que tão grande popularidade veiu a adquirir na capital tocando na praça dos touros e em muitos arraiaes e festas populares. Ainda hoje existem alguns dos cegos que constituiram aquella popularissima banda.

Proseguiram os exemplos de caridosa benignidade com os cegos. Uma senhora illustre, tão intelligente como bondosa, a senhora Condessa de Rio Maior, D. Isabel de Souza Botelho, condoída da sorte das infelizes creanças cegas, pensou em estabelecer, sob o patrocinio da *Associação de Nossa Senhora Consoladora dos Afflictos* um asylo de creanças cegas do sexo feminino, o qual se fundou em 1878, no antigo convento de Carmelitas da rua Formosa, com entrada pela rua dos Cardaes (hoje de Eduardo Coelho) n.º 1, abrindo apenas com 7 asyladas. Esta illustre senhora, mãe do celebre Provedor da Misericordia de Lisboa, o Marquez de Rio Maior, Antonio, repartia por outros institutos de caridade os thesouros inexhauriveis da sua alma e os fartos donativos do seu bolsinho. E' mais um nome a juntar á galeria, ainda muito incompleta, dos grandes bemfeitores da miseria publica!

Estas rapariguinhas cegas, apenas aprendem a tocar e a cantar nas festas da sua capella E apesar d'isso tem-se manifestado alli curiosos exemplos da poderosa educação espontanea, ou *auto-educação*, dos quaes é digno de mencionar-se o da intelligentissima asylada de nome Virgilia a qual tendo frequentado

no Asylo Maria Pia as aulas de ensino commum, a par dos outros alumnos videntes, se tornou conhecida pelas suas excepcionaes aptidões, por quantos se interessam por estes assumptos da rehabilitação social dos cegos.

O edificio d'este asylo é o do antigo convento da severa ordem das carmelitas descalças. O que foi o convento e a vida monacal das freiras, o que nos resta do antigo edificio, os bonitos claustros e a formosa egreja, largamente o descreve nas deliciosas paginas da *Lisboa antiga* (1.ª parte, 2.ª edição, tomo IV, pag. 203 a 237) o sr. Visconde de Castilho, meu illustre e muito prezado mestre e amigo. Ali se descreve em todas as minucias a capella cuja primorosa reproducção photographica offerecemos aos leitores

ASYLO DE CEGAS
DA RUA FORMOSA
O DORMITORIO
Cliché de A. Barcia.

Cliché de A. Barcia.

ASYLO DE CEGAS DA RUA FORMOSA — UM GRUPO DE CEGAS

segundo um cliché do sr. A. Barcia, collaborador artistico d'esta revista, que ali foi expressamente tirar este e os outros clichés relativos ao asylo, e cujas reproducções acompanham este artigo. Esta capella recommenda-se á visita do archeologo e do artista não só pela obra de talha e pelas pinturas, como principalmente pelos azulejos azues que revestem as paredes do templo, e que são como diz o sr. Visconde de Castilho, dos mais bellos e primorosos de Lisboa.

Teem ainda, para mais valor, a recommendal-os o facto estarem assignados pelo seu auctor J. Van Oort, de Amsterdam.

São portanto os mais bellos especimens dos azulejos hollandezes, que tão abundantemente se veem no nosso paiz.

Analogamente creou a irmandade de Nossa Senhora da Saude e S. Sebastião um pequeno asylo de S. Luiz, instituido por Maria Balbina dos Reis Pinto.

Tambem da celebração do IV Centenario da Misericordia Portuense em 1899, derivou a fundação de um grande asylo para cegos, devido á iniciativa brilhante do sabio e zeloso Provedor o dr. Paulo Marcelino. Destina-se o novo asylo para 100 albergados, 50 de cada sexo. O edificio é expressamente construido para aquelle fim, e entre os donativos que se lhe destinam, sobreleva o de um caridoso anonymo, que offereceu á Santa Casaa elevada quantia de dez contos de reis.

Abriu o asylo com 5 cegos e ainda ao presente alberga apenas 6. O edificio está por concluir, mas numerosos legados, entre os quaes avulta o da fallecida D. Thereza de Jesus Gomes de Oliveira (1905), promettem-nos o seu acabamento. Esta benemerita senhora portuense, cujo retrato a Misericordia do Porto mandou pintar a oleo por Antonio Teixeira Carneiro Junior para a galeria dos seus bemfeitores, e reproduziu no *Relatorio de 1904-1905*, entre grande numero de legados caritativos que deixou, testou para o asylo dos cegos o capital nominal de dez contos de reis em inscripções.

Todas estas tentativas se referem mais ou menos ao sympathico impulso da Caridade, mirando apenas a albergar os cegos desvalidos e proporcionando-lhes alimentos, casa, vestuario e limitado ensino.

(*Conclue.*)

VICTOR RIBEIRO.

A SOPINHA DA CARIDADE

—DEUS NOSSO SENHOR AVIVENTE QUEM DÁ DE COMER AOS POBRES

Episodio vulgar do eterno drama humano
O que hontem succedeu.
Abre para o Oceano,
Na costa alcantilada, amplissima bahia
É madrugada: a luz esverdeada e fria.
O mar, o immenso mar, em rithmo solemne,
Como um seio arquejante, arfa, murmura, geme;
A vaga que se empolla em branco a crista empluma,
E, na ressaca, alastra alvo estendal de espuma;
Mas outra vez se enrola e, em turbilhão, vidrenta,
Com languidez se esvae, ou tumida rebenta,
E nos calhaus da praia extensa e arenosa,
A espuma branca arrenda a trama luminosa.

*
* *

A meia encosta fica o misero logar;
Quasi que um arraial de gente só do mar,
É uma aldeiasita á beira d'um caminho.
Casas de taipa em barro, assim como é o ninho
Da andorinha. Quando aperta mais a inverna,
Cada cabana é fria e humida caverna.

Hontem geou, e, nesta, nem cinzas no brazido
Se quer havia. A um canto, um grupo adormecido,
O pae sobre uma rêde e a mãe com os tres filhos
Em uma enxerga só. Miseria! Mas ha brilhos,
Imprevistos de luz, na casa onde ha creanças,
Porque jamais é noite onde existem esp'ranças.
Se nasce ao pobre um filho é mais um sol doirado.
Na parede sem cal, Jesus crucificado
Abre os braços na cruz. É uma ingenua escultura,
Obra de artista rude. Embora, essa figura,
— Oh espirito immortal do drama do calvario! —
Vista na casa onde habita um proletario,
Como que esparge em tudo a luminosa essencia
Dum resignado olhar, sublime de paciencia.

*
* *

Sôa fóra a buzina; ao chamamento antigo
Acorda o pescador; ergue-se; abre o postigo.
— «Com os diabos diz, lá me parece que este
«Ventinho môrno traz recados do sudoeste!
«Já hontem não foi bôa a côr da tremulina.
«O vento é certo á tarde e havemos tê-la fina!
«Não vou hoje pescar.»
— «Quando é que irás então?»
Rosnou de lá a mulher.
— «É grande a cerração.»
— «Pois eu nem oiço o mar»
— «Está como um azeite;
«Mas o tempo é do sul, não tardará que deite,
«Na volta da maré, desfeito temporal.
«A tempestade é certa »
E ella, teimando: — «Qual!
«Mau tempo é quando peixe ahi não apparece!»
— «Tambem.»
— «E o peor é se um de nós adoece»
— «O comprimisso dá botica á marujama
E paga ao cirurgião.»

— «*Mas a dieta e a cama*
Quem é que no-la dá?»
— «*Por certo que não é*
O dono da armação»
— «*Lá esse, penso até*
«*Que mais se affligirá se lhe ficar perdido*
«*Um ferro nesse mar, do que se houver morrido*
«*Um homem da campanha*»
— «*É que um custa dinheiro,*
«*E o outro não.*»
— «*Olé! p'ra o rico está primeiro*
«*Que tudo o seu dinheiro.*»
— « *É como se Deus fôra!*»
— «*Adora-o mais talvez do que nós á Senhora*
«*Dos Navegantes, pois!*»
— «*Gente rica.. coitada!*»
— «*Coitado é quem não tem* »
— *É quem não ganha nada;*
«*Se pede esmola, diz-lhe a santa caridade:*
«*Deus lhe perdõe, irmão, o ter necessidade;*
«*Se rouba é um ladrão, e mais tarde ou mais cedo*
«*Irá então p'ra o mar, caminho do degrêdo.*»
— «*E ás costas da mulher a filharada toda*
«*Cá fica. Má ideia a de acabar co' a* róda!
«*Aos filhos uma pobre assim, que ha de fazer,*
«*Sem nada p'ra lhes dar?*»
— «*Matá-los ou morrer.*
— «*Pois olha que não ha uma só codea em casa...*»

Filhos, filhos. Senhor! como da fragil aza
A borboleta deixa, em nossas mãos, subtis
Moleculas de côr, as graças infantis
Nos corações dos paes deixam poeira d'astros
E os paes p'r'a não perder caminharão de rastros!

O mar ia passando em furta-côr fugaz
D'azul a côr de rosa, a côr que a aurora traz.

— «*Está bem! não vale a pena a gente guerrear,*
«*Se em casa não ha pão, irei ceifa-lo ao mar.*»

E o pescador partiu.
Pela porta entre-aberta,
Na misera cabana entrava a luz incerta
D'uma manhã tardía em cinza peneirada.
A mãe aconchegou na enxerga a pequenada
E foi-se a ver largar a lancha da campanha;
Mas deu-lhe o coração uma pancada estranha.
Lembrou-se então de Deus, balsamo e esperança
Dos simples corações!
— «Senhora da Bonança,
Reza baixinho, oh! mãe dos pobres navegantes
Acudí aos que vão nas ondas inconstantes!...»
. . . .

*
* *

Á tarde rebentou com furia o vendaval.
Rodando a sudoeste, o vento augmenta o mal,
Pois junta á travessia os turbilhões da chuva.
A lancha luctou muito, e já de manhã clara,
Com avaria entrou no porto. O mar levára
Um homem só. Ha mais tres orfãos e uma viuva.

Castello d'Arade
15 de Fevereiro de 1904

COELHO DE CARVALHO.

O Carnaval no Rio de Janeiro

TEMIA-SE que a catastrophe inolvidavel do *Aquidaban* e outros desastres, menores quanto ao numero de victimas, mas, por tão proximos d'aquelle, de dolorosissimo effeito no espirito publico, estendessem sobre as festas do Carnaval uma sombra e um frio desanimadores. É que, desde o principio do anno, assistimos apavorados a uma serie de fatalidades, qual d'ellas mais cruel. Mal nos refizeramos do angustioso desespero de Jaquecanga, onde as aguas pacificas haviam tragado, com tão bravos e honrados chefes, uma mocidade tão brilhante, começavam a chegar de Campos, cidade do estado do Rio, a dez horas de viagem, as noticias da enchente do Parahyba, rio deleitoso e amado, onde os poetas teem bebido tão suaves inspirações e a cujos murmurios Carlos Gomes pediu a alma da sua musica immortal.

O Parahyba, quebrando, como fragil estacada, todas as suas tradições de doçura e amor, cresceu subitamente, n'um impeto de fera por longo tempo contida, ganhou ondas, cobriu-se d'uma fervilhação raivosa de espumas e atacou a cidade formosa que no espelho das suas aguas se revia, faceira e descuidadamente. E, com furias progressivas na sua arremettida, sepultou os habitantes ribeirinhos, trepou ás ruas do commercio, galgou ás altas moradas dos ricos, desalojou e poz em fuga a população inteira, logo a principio desvairada de panico, perseguida afinal por todos os flagellos, a miseria, a doença, o frio, a fome...

Depois, aqui mesmo, no Rio, chuvas continuas e torrenciaes causaram estragos enormes, afogaram vidas sobre vidas. Dias houve em que, sob as casas desmoronadas, pereceram vinte e tantas creaturas. Deram-se accidentes fataes nas estradas de ferro, nas linhas de bonde, nas fabricas; os jornaes andavam cheios de mortos; e a mais recente lembrança de tão longa successão de desgraças, deixara-a a derrocada do Club de Engenharia, predio que obedecia a um projecto grandioso e que, por uma sinistra ironia do acaso, fôra o unico a cahir na Avenida já quasi inteiramente edificada.

Só a gente ingenua, todavia, receiava que o enthusiasmo e os esplendores do Carnaval viessem a soffrer com a desconsoladora recordação de todas essas prágas que o anno de 1906 trouxera do berço e ainda sobre os seus dias futuros estendiam novas ameaças e agouros... Porque, na verdade, o Rio adora o Carnaval com uma paixão suprema, incomparavel; é de certo a sua unica festa verdadeiramente popular; as outras, religiosas ou profanas, quer abalem as ruas com o estridor das bandas de musica regimentaes, quer encham de canticos e incenso o recinto sagrado dos templos, mal o sacodem da sua amodorrada indolencia dos grandes dias. O Rio, quando não trabalha, fica em casa, de chinellos, a preguiçar; em regra — e quantas vezes, por isso, o teem os chronistas invectivado! — não quer saber de festas. Com o Carnaval, porém, é outra coisa; falem-lhe em Carnaval

AVENIDA CENTRAL—TERÇA FEIRA GORDA PELAS CINCO HORAS DA TARDE

e tel-o-hão disposto a tudo — a encher as ruas do centro da cidade, a gritar e dar vivas até perder a voz ou ir para a cama, a rir como um perdido e a cantar como um heroe, a gastar até ao ultimo tostão das suas economias e a contrahir dividas até á ultima migalha do seu credito. Já lhe não sorri o repouso caseiro, já o não paralysa a tão falada *indifferença* da sua índole, já não quer saber de desgraças nem de preoccupação alguma d'esta vida!

De resto, nem se pode bem explicar se o Carnaval d'este anno tinha mesmo que ser dos mais barulhentos e esplendorosos, ou se exactamente porque o povo vinha ha dois mezes experimentando toda a sorte de amarguras e terrores, assim se atirou, soltando a alma inteira, aos prazeres e desvairamentos permittidos pelo deus Momo, para se atordoar, esquecer, lograr finalmente alguns dias de pura alegria e perfeita felicidade. O facto é que ha muito tempo se não vê — se já alguma vez se viu — a macambuzia capital tão disposta a divertir-se e a estroinar; nunca lhe correu nas veias tão clara e crepitante chamma de regosijo; nunca, na sua ajuizada gravidade, passou tão violento sopro de loucura. Logo ás primeiras horas da noite de sabbado, as mascaras surgiram da rua do Ouvidor, atirando, ao passar, o classico *Você me conhece?* de quem se contenta com esse mysterio e esse espirito; bandos entrudescos, com clarins e Zé-pereira, acudiram de todos os pontos, a annunciar á grande arteria que o reinado do rufo e do estrondo fôra officialmente inaugurado; e, quebrando todas as tradições, antecipando-se com delirante soffregidão, o *Club da Tijuca* rompeu por alli abaixo com o seu prestito, entremeado de bandas de musica, esplendido de carros de fantasia entre fogos de Bengala — e mantendo orgulhosamente o seu principio de que, com gente de sociedade e algumas lindas crianças, tambem se pode fazer uma passeiata deslumbrante.

Escusado será dizer a quem leu o meu artigo sobre o moderno Rio e a sua moderna Avenida, que para esta convergiram todas as attenções e toda a animação. Pela primeira vez, a Avenida offerecia o seu vasto campo de luxo civilisado e garrida magnificencia ás luctas e folganças do Carnaval.

Todos os prestitos alli passariam, todos os *cor-*

dões alli iriam batucar os seus pandeiros e saracotear as suas danças pittorescas, todos os mascarados alli guinchariam e intrigariam — e todos aquelles que se limitam á funcção e ao prazer de espectadores alli desejaram um camarote de gala. Imaginar-se-hão então os fabulosos preços a que subiram as janellas e sacadas, para essas tardes e noites de domingo e terça, promissoras de tal espectaculo e taes phantasmagorias Duzentos, trezentos, quinhentos mil reis, uma janella ou uma sacada; houve quem alugasse para realugar; quem especulasse, á ultima hora, com a affli̧ção da gente abonada; quem se sujeitasse a meia janella ou a um quarto de sacada para os dois dias, pelo custo em que lhe fica a casa de moradia, para o mez inteiro. E os carros ? a fabulosa extorsão dos alquiladores? Quem queria figurar montado n'um razoavel alazão ou n'um tordilho menos anguloso que Rocinante, dá para cá quinhentos mil reis — isto é, o preço pelo qual se compra no interior — na provincia, dirieis vós — um bicho de egual estampa e, porventura, superiores acções. Ninguem, apezar de ser a epoca ferozmente consagrada á estatistica, se lembrou ainda de calcular o dinheiro que o Carnaval faz girar n'esta bella terra de S. Sebastião; deve andar por muitas centenas, milhares, talvez, de contos de reis.

No domingo gordo, reinaram superiormente os *cordões*. Instituição, para vós, completamento ignorada, bem sei. O cordão é um agrupamento e uma união para a vida e para a morte de sujeitos que fazem do Carnaval uma idéa á parte, porque o não consideram uma quadra de desenfreada folia, nem de tresloucado jubilo, e, muito menos que tudo isso, de simples e descuidada pagodeira. Não, para elles, significa alguma coisa de sublime, de respeitavel, de sagrado; é um culto verdadeiro, uma verdadeira religião. Momo é um deus a sério; e o cordão não obedece a outro principio senão ao de lhe render o culto mais fervoroso, com a mais convicta das devoções. Para isso, se ajuntam mensalidades o anno inteiro; se compram tamborins, pandeiros, e aquelles instrumentos compostos d'uma taboa estriada sobre a qual se esfrega um pau curto e que dão pelo nome deliciosamente pittoresco onomatopaico de *xequedês*; para isso, se envergam pesadas vestimentas de *Rei* ou se enfiam *maillots* côr de chocolate — com este calor da estação, faça-se idéa — de *Guarany*, encimando a fronte do altivo e rutilante cocar de pennas e empunhando a flecha formidavel das guerras e das caçadas; para isso, se compõem cantigas dolentes e nostalgicas na toada, embora a lettra não raro seja jocosa e quasi sempre disparatada; para isso, finalmente, se sae para a rua de manhã cedo e até á madrugada seguinte, sem descanço nem abatimento no ardor devoto, se tangem os adufes, se canta até enrouquecer e, mesmo depois, se dança repicada e phreneticamente, ao longo das ruas, dos bairros, da cidade inteira! Só o fetichismo, na verdade, poderia inspirar tal heroismo e impôr tal sacrificio.

O baptismo adoptado pelos cordões representa

CLUB DOS TENENTES DO DIABO—CARRO DA AVENIDA CENTRAL (*)

outra especialidade em que todas as imaginações se surprehendem e ante a qual os *Incriveis Almadenses* só teriam que correr, envergonhados da sua semsaboria. Passo os olhos n'um jornal e, através da longa columna que apenas os enumera, encontro estes, para offerecer ao vosso regalado espanto: Destemidos da Infancia do Livramento, Filhos da Flor do Proposito, Filhos da Lua da Cidade Nova, Grupo Carnavalesco da

---

(*) A estas photographias, tiradas nos telheiros onde os trabalhos foram executados e não na rua, pois que os prestitos sahiram já noite fechada, falta o adorno principal dos carros: as formosas hetairas que, apezar dos escandalisados protestos do sr. Arthur Azevedo e outros chronistas da imprensa diaria, nem os Clubs nem o publico dispensam.

CLUB DOS FENIANOS

CARRO DA CANHONEIRA PORTUGUEZA «PATRIA»

Paz de Botafogo, Choro da Alegria, Terror dos Innocentes do Morro do Pinto, Caprichosos da Rainha do Mar — mas isto sem escolher, a seguir, todos assim!

E, já agora, não deixarei de vos dar algumas amostras dos poemas que elles trazem nos labios e cuja musica, heroica ou sentimental, se adapta sempre ao *retetum, retetum, tum* dos tamborins matraqueados a toda a força d'aquelles braços que trabalham na Alfandega, nas pedreiras, nos caes, nas officinas. Um d'elles, que manda a multidão fender-se respeitosamente á passagem do bando, é classico e adoptam-n'o todos aquelles que no seu gremio não contam algum legitimo afilhado de Apolo:

Oh! abre alas
que eu quero passar!
Eu sou da Lyra,
não posso negar.

Essa Lyra, claro está, póde tambem ser Lua, ou Morro, ou Chammas, conforme o lettreiro bordado no estandarte e sem nenhum compromisso de metrica ou de rima. A maior parte, porém, abalançam-se a compôr os seus hymnos, ora exaltando o proprio valor e grandeza e pregoando victorias certas como este:

No largo de S. Francisco,
quando a corneta tocou,
era o triumpho Roza Branca
pela rua do Ouvidô.

ora allusivos e ironicos, visando irreverentemente o proprio Chefe do Estado:

O Doutô Rodrigues Alves
só bebe agua fria,
depois que cahiu
o Club de Engenharia.

lyricos e amorudos como o da *Papoula do Japão:*

Toda a gente pressurosa
procura a flôr em botão;
é uma flôr recem-nascida
a papoula do Japão

Docemente se beijava
uma rola,
attrahida pelo aroma
da papoula.

celebrizando alheios exitos, como o dos *Filhos do Relampago do Novo Mundo:*

Sou o Ferramenta,
vim de Portugá;
o meu balão
se chama Nacioná.

e, finalmente, doloridos, associando-se ás grandes dores da Patria:

A 21 de janeiro
o *Aquidaban* se incendiou;
explodiu o paiol da polvora,
toda a gente naufragou.

Côro

Os filhinhos choram
pelos paes queridos,
as viuvas soluçam
pelos seus maridos!

CLUB DOS FENIANOS — CARRO DO ESTANDARTE

É tempo, porém, de deixar os cordões, que, em numero superior, talvez, a duzentos, constituem uma nota carnavalesca sem duvida dominante, além de rigorosamente caracteristica — para falar dos Clubs de grande monta, os aguerridos *Fenianos*, os audazes *Democraticos* e — que saudades não despertarei aos antigos portuguezes do Rio, hoje *brazileiros* em Portugal! – os famosos *Tenentes do Diabo*. O segundo, enfraquecido nos orçamentos pela mudança de predio e outras reformas, annunciara prudentemente que só sahiria á rua, para não deixar passar o Carnaval em branco, mas de modo nenhum entraria em competencia com os prestitos dos outros. De maneira que a lucta se travava entre os *Fenianos* e os *Tenentes* e só entre elles se dividia a expectativa do publico que na terça-feira se agglomerava na Avenida e rua do Ouvidor, compacta e suffocantemente. Duas horas antes da passagem dos Clubs, já era impossivel a qualquer senhor que não dispuzesse dos hombros de Hercules atravessar por alli. E manda a verdade dizer que as opiniões se inclinavam de ante-mão para os *Fenianos*, já por se saber que nos seus carros collaboraram o esculptor Correia Lima e o pintor Fiuza, ex-alumnos da Escola de Bellas Artes, premiados com a viagem á Europa, já porque os *Tenentes*, n'estes ultimos annos, tinham soffrido as mais lamentaveis derrotas, parecendo accusar uma decadencia progressiva e desesperadora.

Ao anoitecer, apontou ao cabo da Avenida o primeiro prestito, o dos *Fenianos*, precedido da sua banda de clarins — trinta ou quarenta clarins — e já de longe recebido com applausos delirantes. Trazia quatorze carros e entre elles alguns de execução verdadeiramente primorosa. O *chá das sextas*, allusão ás recepções do Ministerio da Justiça, era um encanto de linhas e de côres: De enorme chicara japoneza inclinada sobre um pires surgia uma *geisha*, fazendo a apologia do chá e dos seus effeitos na politica official. Em outro carro, o *Poder do Mundo* symbolisava-se n'uma colossal maçã, sustentada por quatro dragões e levando ao alto uma Eva... novo seculo. A *Patria* vinha deliciosa, toda engrinaldada, couraçada de flores, levando á ré uma fanfarra a tocar os mais queridos fados de Portugal. E outros bellos carros figuravam ainda no prestito, de fantasia ou de *critica*, em que os dois artistas haviam posto a sua imaginação moça e esmerado a sua technica perfeita...

CLUB DOS TENENTES DO DIABO — CARRO DA AVENIDA CENTRAL

Mas, quando o primeiro carro dos *Tenentes*, a *Avenida Central*, se ostentou em toda a sua belleza, correu pela multidão um oh! de assombro. Era todo movimentado, todo elle girava, n'uma profusa scintillação de luz electrica. Tiravam-n'o oito cavallos, em cujos arreios ardiam outras lampadas coloridas; e os cochei-

ros, sotas e batedores traziam ainda no boné ou no chapéo armado luzes do mais garrido effeito. Começou logo ahi a victoria inesperada dos *Tenentes*. Depois, a cada carro, rebentavam as palmas e acclamações do povo inteiramente conquistado. É que este Club entregara o seu prestito a um habil scenographo, Marroig, que é tambem um habil «machinista». E as suas composições venceram, pela apparencia vistosa entre os fogos de Bengala, e o effeito giratorio, o que os bellos trabalhos de Correia Lima e Fiuza possuiam de correcção artistica. Paciencia; é sempre assim.

Além da *Avenida Central*, os *Tenentes* apresentaram um *Pombal* apparatosissimo, uma *Phantasia de Sèvres* de grande merecimento scenographico, as *Estrellas cadentes*, verdadeiramente feericas.E, como isso vos será especialmente grato, ahi vos dou o vibrante soneto distribuido pelos tripulantes do carro da *Patria*:

Patria, formoso nome, ó Luzitania altiva!
Toda a gloria do mar, a epopéa brilhante
Dos Gama e dos Cabral resurge n'este instante,
E é cada vez maior e cada vez mais viva!

A grande raça antiga, a gente primitiva,
Cujo heroico valor e genio fulgurante
Passeiou desde a Guiné a Cypango distante,
Ainda hoje é o mesmo sol que os outros sóes captiva!

Brazil e Portugal! E tu'lingua formosa,
De Bocage e Camões, dá-me os teus sons divinos
Para que eleve e cante os sentimentos sãos!

Canhoneira gentil da maruja amorosa,
Vê como um pai e um filho, entre applausos e hymnos,
Se transformam na Historia em perfeitos irmãos.

Conclusão, que já bem longo o meu artigo: Carnaval extraordinariamente animado, immenso regosijo, prestitos de primeira ordem — e á ultima hora, pelas nove da noite de terça-feira, uma chuvarada diluviana. Por falar n'isto, não deixarei de vos mandar ainda uma nota da minha carteira de *reporter*:

Defronte da casa onde eu estava, na Avenida, parou de repente um automovel com a machina desarranjada. O sujeito que o alugara bracejava, sob a batega formidavel, rodeado da familia egualmente desesperada. N'isto approxima-se um *landau*, por incrivel felicidade, vasio. O homem chama-o, atira esta pergunta anciosa:

— Pode-me levar ao Cattete?

— Ás ordens! responde o cocheiro.

— Quanto?

Tratava-se d'uma curta corrida, um quarto de hora de bom trote, no maximo.

— Quatrocentos mil réis.

O homem bracejou ainda um momento — e tomou o *landau*.

João Luso

SUMMARIO DOS CAPITULOS I A VI

Benita Clifford, que se dirigia á Africa a bordo do paquete ZANZIBAR afim de se reunir a seu pae em Durban (Natal), tem por companheiro de viagem Roberto Seymour o qual se enamora d'ella. Seymour conta como encontrou o pae d'ella e Jacob Meyer em Bambatse, no interior de Africa, onde se suppunha existir um valiosissimo thesouro escondido. A declaração do seu amor é interrompida, quando ella está para responder, pelo naufragio do paquete. Seymour salva com grande difficuldade Benita, desfallecida por um ferimento na cabeça, mettendo-a dentro d'uma lancha. Cede em seguida o logar a uma mulher e a uma creança, em riscos de afogar-se, por não caber mais gente na lancha. Antes de se lançar ao mar, deixa no seio de Benita uma carta em que pede a resposta á sua declaração, caso ainda venham a encontrar-se. Consegue alcançar a costa, extenuado. A lancha é encontrada por outro paquete, e Benita reune-se a seu pae em Durban, onde por um jornal tem noticia do encontro de um cadaver na costa por um cafre, que apresentou como prova um relogio com o nome de Seymour. Benita e seu pae partem para a fazenda d'este, Rooi Krantz, e quando estão proximos sahem do carro para dar caça a um antilope ferido, transviam-se, e de noite estão a pique de cahir n'um precipicio, quando em seu auxilio acode Jacob Meyer, levando-os a salvo para a fazenda. Ahi lhe narram a lenda dos portuguezes mortos ha seculos em Bambatse, e do thesouro que deixaram escondido. Uma deputação da tribu dos makalangas, naturaes de Bambatse, vem procurar Clifford e Meyer, promettendo-lhes todo o ouro que poderem encontrar se lhes levarem quinhentas espingardas e os respectivos cartuchos, afim de resistirem aos Zulus. Elles concordam, compram as armas e as munições e partem para Bambatse.

CAPITULO IX

O Juramento de Maduna

Clifford e Meyer levantaram-se para voltar ao carro afim de superintenderem no descangar dos bois e no desapparelhar dos cavallos. Benita ergueu-se tambem, inquieta por que se apromptasse a refeição promettida, porque sentia grande appetite. Entretanto, o molemo estava conversando com seu filho Tamas e acariciando-lhe a mão, quando de repente Benita, que assistia com interesse a esta scena domestica, percebeu atraz de si um alvoroto. Voltando-se para descobrir o motivo, divisou tres homens alentados, em traje de guerra, escudos no braço esquerdo, lanças na mão direita, plumas negras de abestruz erguendo-se dos anneis polidos entrelaçados no cabello, pelles pretas cingindo lhes os rins, caudas de boi negro atadas abaixo dos joelhos, os quaes marchavam pelo meio dos makalangas como se não os vissem.

— O matabeles! Os matabeles estão comnosco! — gritou uma voz.

E outras vozes clamavam:

— Fujam para as muralhas!

E outros ainda:

— Matemol-os! São poucos.

Mas os tres homens caminhavam indifferentes até se apresentarem perante Mambo.

— Quem sois vós, e que procuraes? — perguntou o velho arrogantemente, embora fosse

evidente o terror que d'elle se apossara á vista dos extrangeiros, porque o seu corpo tremia todo.

— Devias sabel-o, chefe de Bambatse — respondeu com uma gargalhada o lingua dos adventicios – porque estás farto de ver gente parecida comnosco. Somos filhos de Lobengula, o Grande Elephante, o Rei, o Touro Negro, o Pae dos Amandebeles, e temos uma mensagem para teus ouvidos, velhinho, e achando teus portaes abertos, viemos entrando para t'a communicar.

— Dizei pois a vossa mensagem, mutumes de Lobengula, dizei-a a meus ouvidos e aos ouvidos do meu povo — disse o molemo.

— Teu povo! Esta gente toda é quanto constitue o teu povo? – replicou com desprezo o lingua. — É boa! Que necessidade tinham os indunas do rei de enviar um impi tão possante com um grande general contra vós, se bastava um troço de garotos armados de varas? Nós julgámos que isto eram apenas os filhos do teu lar, os homens de tua familia, que tu havias chamado para comerem na companhia dos extrangeiros.

— Cerrae a entrada da muralha — bradou o molemo, mordido de furia pelo insulto.

E uma voz respondeu:

— Já está cerrada, pae.

Mas os matabeles, em vez de se intimidarem, tornaram a rir, e o lingua disse:

— Vêde, irmãos, cuida elle apanhar-nos, porque somos tres apenas. Pois mata-nos, Velho Bruxo, mata-nos se queres, mas fica sabendo que, se uma só mão se erguer, esta minha lança te traspassa o coração, e que os filhos de Lobengula custam a morrer. Fica tambem sabendo que o impi, que não longe espera, vos exterminará a todos, homens e mulheres, rapazes e virgens, meninos que andam pela mão e creancinhas de collo; nenhum ha de escapar, nem um só que possa dizer: «Aqui viveram em tempo os cobardes makalangas de Bambatse». Vamos! não sejas imbecil, fala-nos com brandura, porque é possivel que assim vos poupemos as vidas.

Então os tres homens collocaram-se costas com costas, de forma que vigiassem para todos os lados, e não pudessem ser feridos á traição, e esperaram.

— Eu não mato emissarios — disse o molemo — Mas se forem desboccados, atiro-os para fóra das minhas muralhas. Dae o vosso recado, amandebeles.

— Já te escutei. Attende agora ás palavras de Lobengula.

O mutume ou emissario começou então a falar, usando do pronome *Eu*, como se fora o proprio rei matabele que falasse ao seu vassallo, o chefe makalanga:

— Mandei-te recado no anno findo, escravo que ousas chamar-te Mambo dos makalangas, exigindo um tributo de gados e mulheres, e prevenindo-te de que se, não viessem, eu os tomaria. Não vieram, mas d'essa vez poupei-te. Novo recado te envio. Entrega aos meus mutumes cincoenta vaccas e cincoenta bois, com pastores que os conduzam, e doze virgens por elles approvadas, aliás exterminar-vos-hei, a vós que ha tanto turvaes o mundo, e isto antes que outra lua haja minguado.

«São estas as palavras de Lobengula — concluiu elle».

Em seguida tirou da fenda da propria orelha a caixa de rapé feita de chifre, serviu se e passou-a insolentemente ao molemo.

Tamanha era a raiva do velho chefe que, perdendo a cabeça, arremessou a caixa das mãos do seu verdugo a terra, onde o rapé se entornou todo.

— Assim, graças á tua temeraria loucura, se derramará o sangue de teu povo — disse serenamente o emissario, apanhando a caixa e os bagos de rapé que poude colher.

— Escuta! — disse o molemo, em voz debil e tremula — Teu rei exige gado, sabendo que todo elle se sumiu, que a custo salvei uma vacca que desse alimento a uma creancinha sem mãe. Exige tambem virgens, mas se elle levasse as que pede, nenhuma deixaria para os nossos moços casarem. E porque é isto? Porque o abutre, Lobengula, nos tem espicaçado até aos ossos; sim, vivos nos tem arrancado a carne. Anno após anno, seus soldados teem roubado e matado, até que por fim nada nos deixem. E agora exige aquillo que nós não temos para dar, afim de levantar contenda e exterminar-nos. Nada possuimos já para dar a Lobengula. Eis a minha resposta.

— Deveras? — replicou o emissario com sarcasmo — Como é pois que eu vejo alem um carro carregado de petrechos, e bois á canga? Sim — repetiu elle com intenção — petrechos como os que temos visto em Buluwayo; porque Lobengula tambem ás vezes compra espingardas aos brancos. Ó misero makalanga! Tem juizo, dá-nos o carro mais a sua carga e os bois e os cavallos, e por insignificante que seja o

TEMOS UMA MENSAGEM PARA TEUS OUVIDOS, VELHINHO...

tamos fartos d'estas longas e incommodas jornadas para tão parca colheita. Cuidae das vossas searas, moradores de Bambatse, porque, em nome de Lobengula vos juro, não as vereis amadurecer mais.

A turba dos assistentes makalangas estremeceu a estas palavras, mas no velho molemo pareceram ellas apenas excitar uma tempestade de furia prophetica. Durante um momento, de pé, fitou o ceu azul e estendeu os braços como se orasse. Depois falou n'uma voz differente clara e serena, que não parecia a sua voz habitual.

— Quem sou eu? — disse elle — Sou o molemo dos makalangas de Bambatse; sou o escadorio entre elles e o Ceu; pouso no ramo mais elevado da arvore que os abriga, e ahi, na copa d'essa arvore, fala comigo o Munwali. Aquillo que para vós são ventos, são para mim vozes que murmuram aos ouvidos do meu espirito. Outr'ora, meus antepassados foram grandes reis, eram Mambos de toda esta terra, e é esse ainda meu nome e minha dignidade. Viviamos em paz, trabalhavamos, a ninguem faziamos damno. Então vós, zulus selvagens, cahistes do sudoeste sobre nós, e o vosso caminho avermelhou-se de sangue. Anno após anno roubastes e destruistes; arrebatastes nosso gado, trucidastes nossos homens, raptastes nossas virgens e nossos filhinhos para vossas mulheres e vossos escravos

presente, nós contentar-nos hemos com elle, e nada mais pediremos por este anno.

— Como posso eu dar o que é propriedade de meus hospedes brancos? — perguntou o molemo — Ide vos e fazei vossos damnos, aliás lançar-vos hei das muralhas da fortaleza.

— Pois bem! Mas, fica sabendo, não tardará que voltemos e daremos cabo de vós todos. Es-

até que afinal, de uma enorme cova cheia dos germens da vida, resta apenas uma mancheia insignificante. E esta mancheia, appeteceis devoral-a ainda, para que não caia em bom terreno e não cresça de novo. Em verdade vos digo, não creio que tal venha a succeder. Mas, succeda ou não succeda, tenho tambem um recado para os ouvidos de vosso rei. Dizei-lhe que tres são as palavras do velho e sabio molemo de Bambatse.

«Vejo-o a elle acossado como uma hyena ferida, pelos rios, pelas moutas espessas, por sobre os montes. Vejo-o a morrer de dôr e na miseria; mas sua sepultura é que eu não vejo, porque homem algum d'ella terá noticia. Vejo os brancos conquistarem-lhe a terra e todas as suas riquezas; crêde, a elles e não a filho do vosso rei dará seu povo o Bayete, a saudação real. Da sua riqueza e do seu poderio não lhe restará mais do que isto: um nome amaldiçoado pelas gerações adeante. E por ultimo vejo paz sobre a terra e sobre os filhos de meus filhos».

Calou-se um momento, depois accrescentou:

— E para ti, perro damninho, esta mensagem envia tambem o Munwali, pelos labios do seu molemo. Não ergo a mão para ti, porque não viverás para ver de novo o rosto de teu rei. Vae-te sem detença, vae fazer os teus damnos.

Durante um momento os tres matabeles deram mostras de susto, e Benita ouviu um d'elles dizer aos companheiros:

— O Bruxo deitou-nos feitiço! Deitou feitiço ao Grande Elephante e a todo o seu povo. Devemos matal-o?

Mas o lingua varreu rapidamente do espirito os seus terrores, deu uma gargalhada e respondeu:

— É pois para isto que trouxeste aqui gente branca, velho traidor, para conspirar contra o throno de Lobengula?

Voltou-se para traz e encarou os dois europeus; em seguida accrescentou:

— Pois bem, Barba Grisalha e Barba Negra. Sou eu mesmo que vos hei de dar tal morte como nunca haveis sonhado. Quanto á rapariga, visto que é formosa, ha de fabricar a cerveja do rei, e entrar no numero das esposas do rei, a não ser que elle haja por bem dar-m'a a mim de presente.

Foi um instante. Palavras não eram ditas, Meyer, que tinha estado a escutar com indifferença as ameaças e as bravatas do emissario, pareceu despertar de repénte. Fuzilaram-lhe os olhos negros, o seu rosto pallido assumiu uma expressão cruel. Sacando o revolver do cinturão, apontou e fez fogo n'um movimento apenas; e por terra, morto ou moribundo, caiu n'um relance o matabele.

Os homens nem se mexeram, quedaram-se pasmados. Costumados como estavam á morte no meio bravio do sertão, a rapidez d'aquelle feito surprehendeu-os. O contraste entre o selvagem arrogante e brutal que havia um instante se via erecto e firme e esse farrapo inane e negro que se estendia em terra, era assaz extranho para impressionar as imaginações. Alli jazia o orgulhoso emissario, e sobre elle, com a pistola fumegante em punho, erguia-se Meyer, rindo.

Benita sentiu que o acto era justo e merecido o tremendo castigo. Todavia, aquelle riso de Jacob bulia-lhe com os nervos, porque se lhe afigurava ouvir n'esse riso o coração d'elle a falar; e a sua voz era implacavel. Ah! decerto que a Justiça não ri quando vibra o gladio!

— Vêde! vêde! — disse o molemo em voz serena, apontando com o dedo para o matabele morto — Acaso minto? Não é certo que este homem não tornará mais a contemplar o rosto de seu rei? Pois bem! o que aconteceu ao servo, acontecerá ao senhor, embora com mais tardança. É o decreto do Munwali dito pela voz de sua bocca, o molemo de Bambatse. Ide, filhos de Lobengula, e levae comvosco como offerta a primicia da colheita que os brancos hão de ceifar entre os guerreiros de vosso povo.

A voz debil esmoreceu de todo. Houve um silencio tão intenso que a Benita pareceu-lhe ouvir o arranhar das patas de um lagarto verde, que a cousa de dois metros ia trepando por um pedra acima.

Depois, de subito, o silencio quebrou-se. De subito, os dois restantes matabeles voltaram o rosto e desataram a fugir, e, assim como quando os rafeiros correm, um rebanho de ovelhas começa a dar voltas e a perseguil-os, tal fizeram os makalangas. Lançaram os gadanhos aos matabeles, despedaçando-lhes os atavios; bateram-lhes com varas, atiraram-lhes pedras, até que por fim os dois homens, contusos e ensanguentados, achando cortadas todas as abertas para a evasão, porventura guiados por algum instincto, retrocederem aos tropeções para o local em que Benita contemplava horrorisada esta scena medonha, e lançando-se por terra, aferraram-se lhe ao vestido implorando misericordia.

— Afaste-se um pouco, Miss Clifford — disse

Meyer — Tres d'essas bestas-feras não me pesarão mais na consciencia do que um só.

— Não, não, tal não fará — redarguiu ella — Mambo, estes homens são emissarios; poupa-os.

— Prestae ouvidos á voz da piedade - disse o velho propheta — e que ella não se erga debalde onde nunca existiu piedade. Deixae-os ir. Sêde misericordiosos com os faltos de misericordia, é ella que á custa de supplicas lhes compra as vidas.

— Vão conduzir os outros sobre nós — resmungou Tamas.

E o proprio Clifford abanou tristemente a cabeça. Mas o molemo disse :

— Mandei eu. Deixae-os ir. O que tem de acontecer não deixa de acontecer, e d'este acto não virá damno algum, que aliás não viesse.

— Bem ouvis. Parti sem demora —disse Benita em zulu.

Foi com difficuldade que os dois homens conseguiram pôr-se de pé, e, arrimados um ao outro, ficaram de pé deante d'ella. Um d'elles, homem de physionomia intelligente e audaz, cuja carapinha negra estava entremeiada de cãs, dirigindo-se a Benita, arquejou :

— Escutae-me. Esse imbecil que ahi jaz — e apontou para o cadaver — cujas bravatas chamaram sobre elle a morte, não passava de um ente mesquinho. Eu, que guardei silencio e o deixei falar, sou Maduna, principe da régia familia, que com justiça mereço morrer porque voltei as costas a esses perros. Comtudo, eu e meu irmão, que aqui está, das tuas mãos recebemos a vida, Senhora, que, reflectindo melhor, penso que a recusarias das mãos d'elles. Porque, quer eu fique, quer me vá, nada importa isso. O impi espera, os matadores estão á beira das muralhas. As cousas que estão decretadas hão de succeder; falla verdade o velho Bruxo alem. Escuta, Senhora: se por acaso tiveres ensejo de exigir duas vidas que estejam nas mãos de Maduna, em seu nome e em nome de seu rei, elle t'as promette. Em segurança as terás, e tudo quanto lhes pertença, sem tributo algum. Lembra-te do juramento de Maduna, Senhora, na hora em que d'elle necessites, e tu, meu irmão, sê testemunha d'elle em presença do nosso povo.

Depois, endireitando se conforme puderam, esses dois homens gravemente magoados ergueram o braço direito e dirigiram a Benita a saudação devida a um chefe feminino. Feito isto, sem fazerem caso de mais ninguem, foram manquejando até á cancella que para elles se abrira, e sumiram-se por detraz da muralha.

Durante este tempo todo, Meyer conservou-se silencioso ; n'este momento falou com sorriso amargo.

— A caridade, Miss Clifford, diz um certo Paulo, como se menciona no seu Novo Testamento, a caridade cobre um multidão de peccados. Oxalá ella sirva para pôr nossos restos a salvo dos abutres, depois de encontrarmos a morte tal qual essa fera nos prometteu.

E apontou para o cadaver.

Benita olhou interrogativamente para seu pae.

— O que Meyer quer dizer com isto, filha, é que commetteste uma loucura pedindo as vidas d'aquelles matabeles. Ficavamos mais seguros se elles estivessem mortos; assim, foram por ahi fora ardendo em ancias de vingança. É claro que o teu movimento foi natural, comtudo. . — hesitou e calou-se.

— Não é isso o que disse o chefe — acudiu Benita com agitação — Alem d'isso, mesmo que assim fosse, que me importava a mim? Já foi horrivel ver matar um homem d'este feitio — e Benita tremeu toda — e eu não podia supportar mais scenas similhantes.

— Não devia encher-se de colera pela morte d'este patife, visto que a causa foi o que elle disse a seu respeito — observou Meyer intencionalmente — Se não fosse isso, podia elle ter-se retirado a salvo; pelo menos não seria eu que lhe fizesse mal. Quanto ao resto, não intervim, porque logo vi que era inutil a intervenção; eu cá tambem sou fatalista, como o nosso amigo molemo, e creio na força do destino. A verdade é — accrescentou elle asperamente — que as senhoras estão deslocadas no meio de selvagens.

— Porque não disse isso lá em Rooi Krantz, Jacob? — perguntou Clifford — Bem sabe que eu sempre pensei assim, mas fiquei vencido. O que eu lembro agora é a conveniencia de nos safarmos d'aqui quanto antes, já já, apenas tivermos comido alguma cousa, antes que tenhamos a retirada cortada.

Meyer olhou para os bois que haviam sido desapparelhados : andavam nove a tosquiar quanta relva encontravam, mas os cinco, que se suppunha terem sido mordidos pela tsé tsé, estavam estiraçados no chão.

— Nove bois esfalfados e estropeados não são capazes de puxar o carro — disse elle — Alem do que, segundo todas as probabilidades, o logar está já cercado pelos matabeles, que

POR TERRA, MORTO OU MORIBUNDO
CAHIU N'UM RELANCE O MATABELE...

nos deixaram entrar simplesmente no intento de se apossarem das espingardas, de que teriam conhecimento por seus espias. Por ultimo, depois de gastar tanto dinheiro e de dar tantas passadas, não estou resolvido a ir-me embora sem aquillo que nós procuramos. Em todo o caso, se vossê pensa que sua filha corre mais perigo dentro d'estas muralhas do que lá fora, experimente, se fôr capaz de contractar serviçaes, o que eu duvido. Ou talvez, se se encontrarem remadores, possam descer o Zambeze n'uma almadia, arriscando-se ás febres. Vossê e sua filha que decidam, Clifford.

— Por todos os lados, difficuldades e perigos. Que dizes, Benita? — perguntou Clifford muito perturbado.

Benita reflectiu um momento. O seu desejo era afastar-se de Meyer, de quem estava farta

e tinha receio, e para isso a muito se sujeitaria. Por outro lado, seu pae estava prostrado de fadiga e necessitava repouso; demais, seria para elle um golpe cruel renunciar agora a esta aventura. Alem d'isso, á mingua de gado e de gente, que se havia de fazer? Por ultimo, alguma cousa no seu intimo, a mesma voz que lhe aconselhara a viagem, parecia ordenar-lhe que ficasse. Rapidamente, tinha a sua resolução formada.

— Meu querido pae — disse ella — obrigada por pensar em mim, mas, pelo que vejo, maior risco corremos se tentarmos partir do que se nos deixarmos ficar. Fui eu que quiz vir, sem attender aos seus cautelosos avisos, e agora tenho de me sujeitar ás consequencias e confiar em Deus que nos leve até ao cabo a salvamento. Com todas estas carabinas, com certeza que os makalangas serão capazes de sustentar um logar fortificado como este contra o poder dos matabeles.

— Assim espero — redarguiu seu pae — mas esta gente é muito medrosa. Em todo o caso, embora tivesse sido muito preferivel não termos cá vindo, tambem me parece que o melhor é deixarmo-nos estar onde estamos, e confiarmos em Deus.

CAPITULO X

O cimo do monte

Se acaso os nossos aventureiros, ou algum d'elles, esperavam n'aquelle mesmo dia ser levados aos mysteriosos recintos da fortaleza, ficaram redondamente enganados. O resto do dia gastou-se no arduo trabalho de desenfardelar carabinas e uma quantidade de munições, assim como tambem em dar a alguns makalangas de mais importancia instrucções preliminares sobre o seu uso, assumpto a respeito do qual as suas ideas eram o mais vagas possivel. O resto da tribu, tendo trazido as mulheres e as creanças para a cerca exterior da velha fortaleza, e mais as ovelhas e as cabras e o restante gado que ainda possuiam, empregou-se em entulhar a entrada de maneira permanente com pedras; o ingresso e a sahida fez-se d'ora ávante por um atalho secreto na margem do rio, o qual se podia vedar em meia duzia de minutos. Mandaram-se tambem fora um certo numero de homens como espias, afim de descobrir, sendo possivel, qual o paradeiro do impi matabele.

Que um impi havia, d'isso estavam elles quasi certos, por uma mulher que havia seguido o capitão maltratado, Maduna, e o seu companheiro, e que contou terem-se elles encontrado, á distancia de umas tres milhas de Bambatse, com um pequeno troço de matabeles, os quaes estavam escondidos n'umas moutas, e armaram liteiras em que os levaram. Para onde é que ella não sabia dizer, porque não se atrevera a espional-os até mais longe.

Essa noite, passou-a Benita na casa destinada aos hospedes, a qual não passava de uma choupana um pouco maior que as outras, emquanto os dois homens dormiram no carro mesmo á porta. Tão cançada estava ella que lhe custou a socegar. O seu espirito persistia em pairar sobre os successos do dia: as extranhas palavras d'esse velho e mystico molemo, com relação a ella; a chegada dos brutaes mensageiros e a indaba que se seguiu; depois o subito e medonho assassinio do lingua ás mãos de Jacob Meyer. Não lhe sahia a scena de ante os olhos: via-a de novo, e de novo ainda; a rapida transformação da physionomia impassivel de Meyer, apenas o guerreiro começara a insultal-a e a ameaçal-a, o movimento fulmineo da sua mão, o lampejo, a detonação, a mudança da vida para a morte, e a gargalhada atroz do matador. Que terrivel se tornava aquelle Jacob Meyer, em as paixões o excitando!

E que motivo as excitara então? Benita não podia duvidar de que fosse ella propria, e não o simples cavalheirismo para com uma mulher. Ainda quando elle fosse capaz de sentimentos cavalheirescos, nunca por tão singela causa se arriscaria a taes complicações e revindictas no futuro. Não: algo de mais fundo alli havia. Nunca por actos ou palavras o dera a entender, mas de ha muito que o instincto ou uma excepcional perspicacia levara Benita a suspeitar as labutações d'aquelle espirito, e agora tinha a certeza d'ellas. Terrivel era esta ideia; peior que todos os outros perigos juntos. É certo que ella tinha seu pae para a defender, mas ha uns tempos que elle andava mal disposto. A edade, as jornadas laboriosas, as anciedades constantes, haviam-n'o abatido. Se por fatalidade lhe acontecesse alguma cousa, se elle morresse, por exemplo, que horrenda posição a d'ella, sósinha, longe de todo o soccorro, com selvagens .. e Jacob Meyer!

Oh! se não fôra aquelle tremendo naufragio, que differente seria hoje a sua sorte! Pois fôra exactamente a lembrança do naufragio e a saudade d'aquelle que alli a tinha perdido o que a envolvera n'esta aventura, na esperança

de entorpecer o dolorido espirito; e agora tinha de encarar de frente as consequencias. Ainda podia confiar em Deus. Afinal, se acaso morresse, que importava?

O velho molemo tinha-lhe comtudo promettido que estava livre da morte, que alli encontraria felicidade e repouso, não o repouso do tumulo. Promettera-o, falando como quem conhecia todo o seu desgosto, e l go pouco depois, com respeito ao guerreiro matabele, tinha-se elle manifestado propheta de tremendo prestigio. Alem d'isso, sem ella saber como nem porquê, agora, como d'antes, no intimo do seu coração sentia ella que eram verdadeiras as palavras do velho sonhador, e que para ella, de uma forma extranha e imprevista, ainda havia repouso sobre a terra.

Um pouco alliviada com esta intuição, Benita adormeceu finalmente.

Na manhã seguinte, ao sahir da choupana, veiu logo seu pae ao encontro d'ella, e annunciou-lhe com aspecto alegre que por emquanto não havia signal de matabeles. D'ahi a poucas horas, vieram alguns espias informar que algumas milhas em roda nada se via nem se sabia d'elles. Em todo o caso, continuaram os preparativos de defeza; forneceram se armas aos cem homens mais rebustos, os quaes foram sendo exercitados por Tamas e seus dois companheiros, Tamala e Hoba, já habituados a manejar perfeitamente uma espingarda em consequencia da sua longa viagem em companhia dos europeus. Todavia, o tiro d'esses recrutas bisonhos era verdadeiramente deploravel, tão perigoso até que, quando algum d'elles apontava para um alvo collocado na muralha, se via a necessidade de ordenar a todos os outros que se agachassem. E foram victimas innocentes do exercicio um boi de tiro, que por fortuna estava doente, e duas ovelhas.

Receiando a escassez de mantimentos no caso de um cerco, Meyer, previdente como sempre, já tinha decretado a morte dos bois mordidos pela mosca tsé-tsé. Foram pois abatidos e, depois de esfolados e esquartejados, cortou-se a carne em tiras compridas, afim de seccarem ao sol adusto, como carne de enxerca. De si para si, Benita contava nunca ser convidada a comel-a. Tempo viria comtudo em que ella engulisse de bom grado aquella carne dura empeçonhada.

Pelo meio do dia, depois de terem comido, Clifford e Meyer foram ter com o molemo, que estava sentado junto á segunda muralha, e, apontando para os homens armados de carabinas, disseram-lhe:

— Cumprimos o nosso ajuste. Cumpre agora o teu. Leva-nos ao local sagrado, afim de encetarmos as nossas pesquizas.

— Está dito — redarguiu elle — Segui-me, brancos.

Sem mais comitiva, guiou-os então á roda da muralha in'erior até chegarem a uma vereda de pissarras, de um metro de largo, se tanto, abaixo da qual havia um precipicio de uns dezeseis metros de fundo, quasi a pique sobre o rio. Cerca de vinte passos andaram por essa perigosa vereda, e viram que ella terminava por uma fenda na muralha, tão estreita que por ella não cabia mais de uma pessoa de cada vez. Era evidente que devia ser por alli o accesso á segunda fortaleza, visto que dos lados estava forrada de pedra lavrada, e até o granito da soleira estava gasto pelos pés humanos que alli tinham passado durante longos seculos. Esse caminho serpenteava na espessura da muralha até finalmente os conduzir ao recinto da cerca, um amplo trecho de terreno em declivio, coberto como o da parte inferior das ruinas vacillantes de edificações, entre as quaes cresciam moutas e arvoredo.

— Deus permitta que o ouro não esteja aqui enterrado — disse Clifford examinando o sitio — porque, se estiver, podemos perder as esperanças de o encontrar.

O molemo pareceu suspeitar, pela expressão da physionomia, o sentido das palavras, porque respondeu:

— Não creio que seja aqui. Os sitiantes tomaram este logar e aqui estiveram acampados semanas e semanas. Posso mostrar lhes onde é que elles accenderam as fogueiras e tentaram minar a ultima muralha, dentro da qual se mantiveram os portuguezes até que a fome deu cabo d'elles, visto que não podiam alimentar-se do seu ouro. Ide-me seguindo.

Foram trepando pela ladeira até chegarem á base da terceira muralha, e egualmente a contornaram, attingindo um ponto sobranceiro ao rio. Mas agora não havia passagem, a não ser uns degraus curtos e quasi precipitosos, cortados em penedos, levando do sopé da muralha até ao cimo, a uma altura superior a dez metros.

— Realmente — disse Benita, contemplando com desalento a perigosa escada — não são nada commodos os caminhos dos pesquizadores de thesouros. Não me palpita que possa subir.

Seu pae olhou egualmente para os degraus, e sacudiu a cabeça.

— Temos que arranjar uma corda — disse Meyer ao molemo, em tom de irritação — Como demonio havemos nós de trepar áquella altura sem corda, com um abysmo d'estes debaixo dos pés?

— Velho sou eu, mas sou capaz de lá trepar — respondeu o molemo com serena surpreza, elle que toda a sua vida tinha feito aquella ascensão e que não a suppunha difficil — Em todo o caso — accrescentou elle — tenho lá em cima uma corda de que costumo servir-me em noites escuras. Eu vou subir, e deito-a para baixo.

E subiu com effeito; e era realmente um assombro ver-lhe as pernas encarquilhadas a marinhar de degrau em degrau com tanta facilidade como se se movessem por uma commoda escadaria acima. Não podia haver macaco mais agil, nem menos susceptivel da vertigem das alturas. Não tardou que se sumisse na crista da muralha, e logo tornou a apparecer no ultimo degrau, d'onde atirou para baixo uma valente corda, observando que estava atada com segurança. Tão ancioso estava Meyer de penetrar no mysterioso local com que a tanto sonhava, que mal esperou que o chicote lhe chegasse á mão para começar a trepar, o que levou a cabo sem accidente.

Depois, sentando-se no topo da muralha, recommendou a Clifford que enlaçasse com a extremidade da corda a cintura de Benita, a qual se abalançou á ascensão.

FOSSE POR DESGEITOSO OU POR DEFEITO DE NERVOS... POZ UM PÉ EM FALSO.

Não era tão difficil como elle imaginara, pois que era agil e dava-lhe confiança o saber que a corda evitaria um desastre. N'um abrir e fechar de olhos se agarrou á mão estendida

de Meyer, e foi puxada a salvo atravez de uma especie de abertura acima do degrau superior. Outra vez se deixou cahir a corda para Clifford, o qual a atou a meio do corpo.

E fortuna foi que o fizesse, pois que a meio caminho, fosse por desgeitoso ou talvez por defeito de nervos, percalços que não são de admirar n'um velho, poz um pé em falso, e, se não fosse o seguro aferro de Meyer e do molemo na corda, com certeza que se despenharia no rio de uma altura de umas boas dezenas de metros. Em todo o caso, susteve-se, e chegou lá acima offegante e muito pallido. Alliviada do susto, Benita beijou-o, e, ao beijal-o, de novo lhe veiu ao pensamento que estivera por um triz para ficar sósinha na companhia de Jacob Meyer.

— É bom tudo que bem acaba, querida filha — disse elle — Mas palavra de honra que começo a desejar ficar-me pelos modestos proventos de creação de cavallos.

Benita não respondeu; pareceu-lhe tardia e escusada qualquer consideração sobre o assumpto.

— Gente esperta, esses homens de outro tempo — disse Meyer — Ora veja.

E explicou a Benita como, puxando um pedregulho que estava mesmo por cima da abertura por onde elles haviam penetrado, se cortava absolutamente o accesso aos inimigos, por isso que a muralha era chanfrada no topo para a parte exterior, e não para o interior, como é de uso n'estas velhas ruinas.

— Exacto! — replicou elle — Ainda bem que estamos em segurança cá dentro, porque não sinto grande vontade de voltar agora lá para fora.

Detiveram-se então a examinar os sitios, e eis o que viram:

A muralha, construida como as de baixo de blocos de pedra sem argamassa, mantinha-se ainda n'um estado verdadeiramente maravilhoso de conservação, porque os seus unicos inimigos tinham sido o tempo, as chuvas tropicaes e o desenvolvimento de arbustos e arvores que n'um e n'outro ponto haviam rachado e deslocado as pedras. Cercava o cimo inteiro do monte, talvez umas tres geiras de terra, e em intervallos regulares erguiam-se d'ella uns pilares de pedra saponaria, cada um com cerca de quatro metros de alto, e affeiçoados no topo á configuração grosseira de um abutre. Muitas d'estas columnas tinham comtudo desabado, talvez por effeitos do raio, e estavam quebradas em cima da muralha, ou, tendo cahido para dentro, junto á sua base; algumas, porem, umas seis ou oito, ainda se mantinham erectas.

Soube depois Benita que ellas deviam ter sido alli collocadas pelos antigos phenicios, ou pelo povo, fosse qual fosse, que construira aquella fortificação gigantesca, e se relacionavam com a determinação exacta das differentes estações do anno e suas subdivisões, por meio das sombras por ellas projectadas. Por então, comtudo, não ligou ella grande attenção ás taes columnas, porque estava absorta a comtemplar uma reliquia mais notavel da antiguidade, que se levantava mesmo á beira do precipicio, ficando de um e d'outro lado a base da muralha.

Era o grande cone de que lhe falara Roberto Seymour, de mais de dezeseis metros de altura, similhante aos que se encontram na maior parte dos templos phenicios. Este porem não era construido de alvenaria, mas affeiçoado por mãos humanas n'um unico e gigantesco monolitho de granito, tal como os que ás vezes se encontram na Africa, que ha milhares ou milhões de annos permanecem assim erectos quando em volta d'elles a rocha mais macia se foi gastando com o tempo e com as intemperies. Do lado de dentro d'este cone havia uns degraus suaves por onde se podia subir com facilidade, e o topo, que teria talvez dois metros de diametro, era cavado em forma de taça, provavelmente para cerimonias de culto e sacrificios. Este extraordinario monumento, que só do lado do rio podia ser visto em razão do declivio do monte, estava ligeiramente inclinado para fora, de forma que uma pedra que do topo se deixasse cair verticalmente viria parar ao fundo do rio.

— Foi d'aqui — disse o molemo — que meus avoengos viram a ultima pessoa do troço dos portuguezes, a formosa filha do grande capitão Ferreira, precipitar-se depois de ter confiado o ouro á nossa guarda, e lançado sobre elle o seu anathema, até que ella voltasse. Assim a tenho eu tambem visto e ouvido em meus sonhos, e outros ha que a tenham visto egualmente, mas esses só de lá de baixo, estando no rio.

Calou-se um momento, fitando Benita com o olhar extranho de sonhador; depois ajuntou de repente:

— E tu, senhora, não te recordas d'esse episodio?

Benita perturbou-se toda, tão despropositada lhe pareceu a pergunta, tanto lhe buliu com os nervos.

— Como posso eu recordar-me? — interrogou ella — eu que nasci ainda não ha vinte e cinco annos?

— Não sei — respondeu elle — Como podia eu sabel-o, eu que não passo de um velho preto ignorante, que nasci ha pouco mais de oitenta annos? Mas dize-me, senhora, porque de teu saber me fio, d'onde nasceste tu? Da terra ou do ceu? Como assim? Abanas a cabeça? não te recordas? Pois nem eu me recordo; e comtudo é certo que todos os circulos se encontram algures, e é certo a virgem portugueza ter affirmado que voltaria, e por ultimo é certo que ella era tal qual tu és, porque apparece n'este sitio, e eu, que a tenho visto sentada alem ao luar, conheço de sobra a sua formosura. Possivel é todavia que ella não volte em carne, mas o seu espirito é que volte; de teus olhos o vejo a fitar-me. Vamos! — atalhou ella abraptamente—Desçamos da muralha, porque, visto não poderes recordar-te, mais alguma cousa tenho a mostrar-te. Não tenhaes medo, os degraus são commodos.

Desceram com effeito sem grande difficuldade, por isso que, devido á accumulação de entulho e a outras causas, a muralha era consideravelmente mais baixa d'esse lado, e acharam-se na espessura usual de vegetação e de abrolhos, cortada por um atalho estreito. Por elle passaram para alem das ruinas de edificios, cujo destino estava de ha muito esquecido, porque os telhados tinham desabado havia centenas ou milhares de annos, e chegaram á entrada de uma caverna situada quasi na base do cone monolithico, mas a trinta ou quarenta metros de distancia da cerca murada. Ahi lhes mandou o molemo que parassem, emquanto elle accendia as luzes lá dentro. Passados cinco minutos, voltou, dizendo que estava tudo prompto.

— Não vos assusteis com o que possaes ver, — exclamou elle — porque deveis saber que, afora meus avoengos e eu proprio, ninguem mais entrou n'este logar desde que os portuguezes aqui pereceram, nem nós, que vimos aqui apenas para orar e receber o verbo do Munwali, nos abalançámos jámais a fazer qualquer alteração. Como tudo estava, assim tudo ficou. Vem, senhora, entra; aquella cujo espirito está comtigo foi a ultima da tua raça branca a transpôr esta porta. Cumpre pois que teus pés e teu espirito sejam os primeiros a penetrar de novo n'este recinto.

Benita hesitou um instante, em vista do aspecto phantastico da aventura; mas, resolvida a não mostrar temor em presença do velho sacerdote, pegou da mão esqueletica que elle lhe estendia e caminhou avante de cabeça erguida. Os dois homens começaram a seguil-a, mas o molemo deteve-os, dizendo:

— Isso não! A virgem branca entra primeiro sósinha comigo; a casa é d'ella, e quando lhe apraza convidar-vos a entrar, cumpra-se a sua vontade. Mas primeiro cumpre que ella percorra a sua casa sem mais companhia.

— Que tolice! — exclamou Clifford irritado — Não consinto. Ella vae ficar assustadissima.

— Senhora, confias em mim? — perguntou o molemo.

— Confio — redarguiu ella, e aecrescentou logo — Meu pae, parece-me melhor deixar-me ir sósinha. Por mim, não tenho medo, e acho talvez mais prudente não o contrariar a elle. O caso é extranho deveras, fora do vulgar, e realmente é preferivel que eu entre sósinha. Se acaso não voltar tão depressa, então me seguirão.

— Aquelles que veem espreitar o somno dos mortos devem andar mansinho, muito mansinho — ciciou o velho molemo em voz cantarolada — O halito da virgem é puro, é leve o seu andar; seu halito não escandalisará os mortos, nem seus passos os perturbarão. Brancos, brancos, não encoleriseis os mortos, porque os mortos são poderosos e vingar-se-hão de vós quando morrerdes, em breve, muito em breve, quando morrerdes tambem; quando estiverdes mortos em vossas maguas, mortos em vossos peccados, mortos, reunidos aos mortos que nos aguardam aqui.

E sempre entoando a sua cantilena mystica, foi guiando Benita pela mão, para longe da luz, para o meio das trevas, para longe da vida, para a mansão da morte.

(Continua).

Quantos dos nossos leitores, ao atacarem ao almoço a saborosa costelleta panada ou o succulento e substancioso *Rump-steak*, teem a perfeita consciencia do sacrificio e do trabalho que provocaram para poderem, a troco de alguns vintens, tel-os ali, á sua meza, promptos a serem immolados ás suas vorazes necessidades alimenticias? Bem poucos, talvez... Todos sabem, decerto, que um bello e pacifico animal, chamado boi, passa periodicamente do estado de ser para o estado de coisa, n'um local chamado matadouro, a fim de que a humanidade possa... enriquecer os seus *menus*. Mas a maioria, começando por não ligar importancia, não prestar quasi attenção a esse odioso sacrificio de todos os dias que representa a immolação de um dos mais formosos e mais nobres animaes á glutoneria humana, desconhece tambem o desenrolar das numerosas e empolgantes phases d'esse drama quotidiano, assim como a scena em que elle se executa. É talvez mesmo a esse desconhecimento dos factos que se deve a indifferença com que elle olha para o prato, ao atacar ao almoço a saborosa costelleta panada, ou o suculento e substancioso *Rump-steak*...

Mas o nosso fim não é fazer perder o apetite a esses leitores, e tão sómente descrever-lhes o Matadouro de Lisboa e a maneira como ali se prepara a carne que todos nós comemos. Se, entretanto, ao termo da descripção, elles não tiverem vontade de a comer, a culpa não será nossa...

OS ANTIGOS MATADOUROS

Antigamente, os matadouros, ou antes, *curraes de matança*, como então se dizia, eram de propriedade particular, achavam-se dispersos por differentes bairros e escapavam a toda e qualquer fiscalisação sanitaria. A vigilancia municipal começou a exercer-se sobre elles, em principios do seculo XV, quando todos se haviam agrupado em S. Lazaro, no sitio onde hoje está a escola municipal. Foi esse o embryão do moderno matadouro.

Essa vigilancia exercia se n'um campo quasi exclusivamente administrativo, tendendo apenas a averiguar se eram ou não cumpridas pelos marchantes, magarefes e cortadores as leis que sobre elles haviam já então sido promulgadas. E é curioso que, ao compulsarmos essa legislação, reconhecemos que, se já n'essa epocha o publico era lesado por todos elles, os prevaricadores ficavam sujeitos a penas bem mais severas do que as que hoje soffrem... Assim, por uma Carta regia de D. João III, de 28 de novembro de 1528, «todo o cortador que não fizesse o peso exacto da carne, devia ser, pela primeira vez, *impicotado* (collocado na picota, ou pelourinho, com a carne ao pescoço), e pela segunda vez, açoitado publicamente, com baraço e pregão e prohibido de talhar carne.» E um regulamento do Senado, publicado em 1544, ordenava, «que fosse inflingida a pena infamante de açoites aos cortadores que *tirassem* os lombos sem serem *carregados*, para que uns não levassem só carne boa e outros má».

Quanto á fiscalisação sanitaria, corria parelhas, como é de calcular, com a prophilaxia da epocha, da qual se poderá fazer ideia sabendo-se que, no *curral da matança*, era exercida principalmente por... uma vara de porcos ali creada, e cuja missão consistia em destruir, comendo-os, os despojos dos animaes mortos.

As condições de salubridade do local que, pelo exposto, já não se podiam chamar boas, eram ainda agravadas pela accumulação de carnes mortas, a que davam origem dois factos de ordem diversa. O primeiro consistia em que os magarefes e os cortadores não trabalhavam aos domingos e dias santos, pois a superstição e o espirito da epocha os declaravam incursos nas penas eternas — de maneira que a carne que devia ser gasta n'esses dias era morta na vespera; foi necessario, para acabar com isso, pedir uma bulla ao papa Paulo IV, que elle concedeu em 8 de novembro de 1559. O segundo era que a camara apenas permitia a venda da carne no recinto do *açougue geral*, contiguo ao *curral da matança;* foi em 1701 que D. Pedro II concedeu, pela primeira vez, o estabelecimento de um talho fóra d'aquelle recinto (em Santa Martha), para abastecer a ucharia da rainha de Inglaterra, então em Lisboa; no reinado de D. João V fez-se egual concessão a favor do nuncio, da Inquisição, do Hospital de Todos os Santos, do embaixador de Inglaterra e de alguns, poucos, particulares, e só em 1755, depois do terremoto, o marquez de Pombal auctorisou que os talhos se espalhassem pela cidade.

EM SEGUIDA AO SACRIFICIO

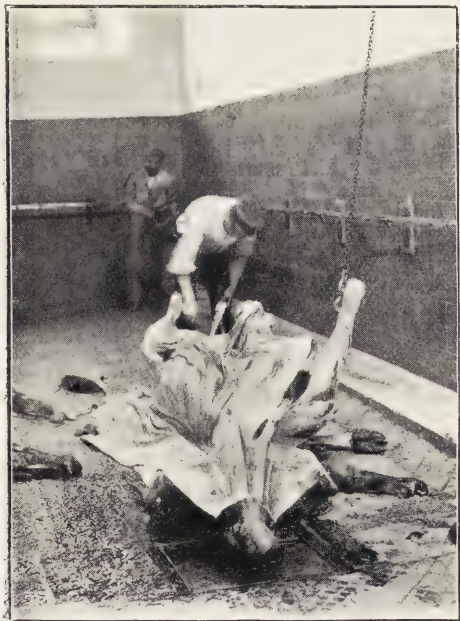
Não admira, portanto, que os habitantes das immediações do *curral* se queixassem do incommodo visinho. Esses queixumes começaram a ser manifestados em fins do seculo XVI pelas freiras do convento de S. Bernardo, a Sant'Anna, que pediram a transferencia do matadouro, a pretexto da insalubridade e mau cheiro. Não foram, porém, attendidas e egual sorte tiveram as reclamações apresentadas por esses seculos fóra — até que, em sessão de 22 de dezembro de 1852, a camara resolveu a construcção do actual matadouro, encarregando o seu engenheiro Pedro Peserat de fazer o respectivo projecto, para a execução do qual levantou dois emprestimos, na importancia de 176:500$000 réis.

Entretanto, o *curral da matança* de S. La-

HALLE CENTRAL
— PROMPTOS PARA ESQUARTEJAR

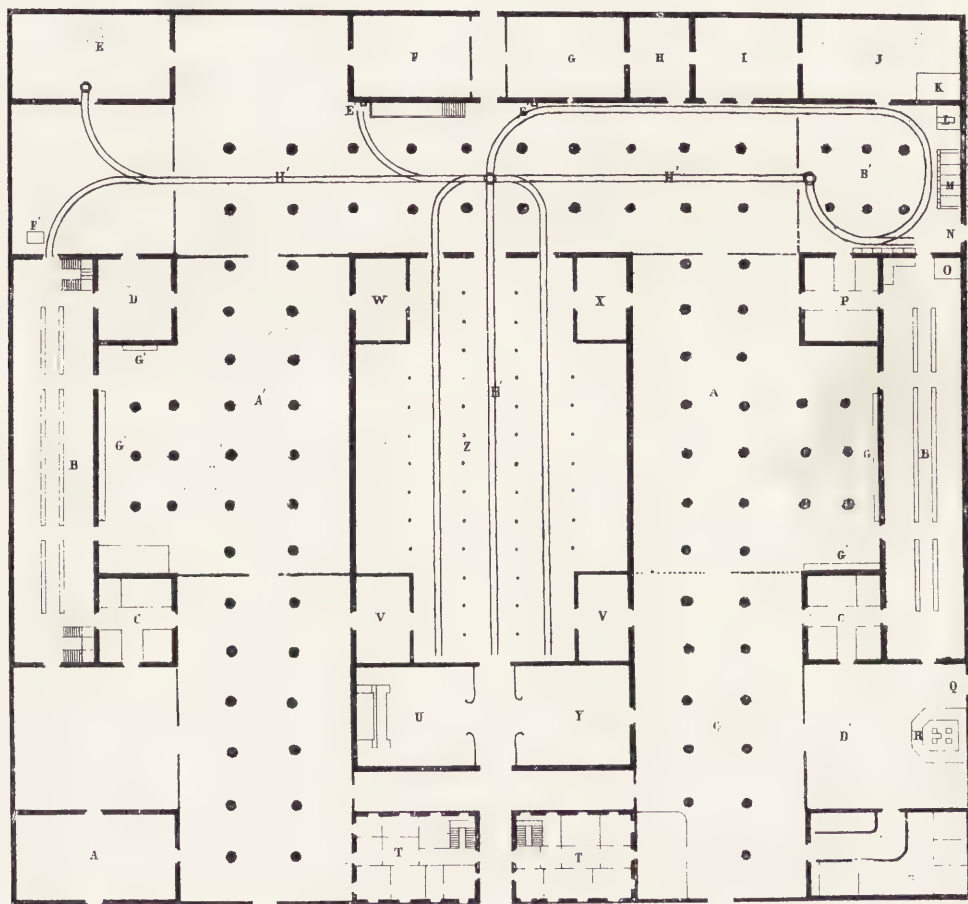
zaro continuou funccionando até 1863, data em que foi inaugurado o seu successor.

O ACTUAL MATADOURO

Situado entre as antigas terras de Valle Pereiro e as das Picôas, o espaço comprehendido pelas suas diversas instalações forma um rectangulo cujos lados maiores medem 120 metros e os menores 111, o que representa a superficie de 13.320 metros quadrados.

ESFOLANDO O BOI

A meio da fachada principal, que deita para o sul, erguem-se dois corpos eguaes, cada um com dois pavimentos, e separados por um corredor que vae dar á casa da matança, edificada ao centro do rectangulo. No pavimento inferior d'esses corpos estão instalados os escriptorios, os quartos do porteiro e do guarda da alfandega, a estação da guarda municipal e a habitação do ajudante do fiel; no superior, as habitações do fiel e do escrivão. Nos extremos d'esta fachada, e formando angulos com as do nascente e do poente, ha duas casas destinadas, a da direita, á pesagem do gado vivo e á delegação da alfandega, e a da esquerda ao talho municipal.

Ao centro da fachada do poente eleva-se um corpo constituido por uma abegoaria, uma cavallariça e um redil, e que dois pateos de serviço separam do talho municipal e da casa de arrecadação do carvão.

É por esta casa que principia, do lado esquerdo, a fachada norte do rectangulo, seguindo-se-lhe mais cinco, eguaes, que servem: a 2.ª de vestiario dos moços e de oficinas de carpinteiro, serralheiro e funileiro; a 3.ª de enxugadouro da tripa; a 4.ª, de oficina de preparação da tripa; a 5.ª, de oficina de preparação de dobradas; e a 6.ª de oficina de fusão do sêbo.

A — Talho municipal.
B — Abegoaria.
C — Redis.
D — Cavallariça.
E — Arrecadação.
F — Casa de vestir para os moços.
G — Enxugadores de tripas.
H — Officina de preparação de tripas.
I — Officina de preparação de dobrada.
J — Officina de fusão de sebo.
K — Caldeiras geradouras do vapor.
L — Chaminé.
M — Retretes.
N — Porta para sahida dos estrumes.
O — Cosinha para os moços.
P — Estabulo de vitellos.
Q — Porta para a entrada do gado e sahida das carnes.
R — Reservatorio d'agua.
S — Delegação d'alfandega do consumo e balança de pesos vivos.
T — Escriptorios, porteiro e guardas d'alfandega.
U — Casa de peso de carne limpa.
V — Casa da matança dos carneiros.
W — Casa da matança do gado para os Israelitas.
X — Casa da matança das vitellas.
Y — Casa de arrecadação de carnes.
Z — Casa da matança dos bois.
A' — Pateos para a inspecção de gado vivo.
B' — Pateo para a lavagem dos estomagos e para despejos.
C' — Pateo para o gado depois de pesado.
D' — Pateo para o gado antes de pesado.
E' — Postigos para passagem das pelles para a salga.
F' — Postigos para a passagem do sebo para a arrecadação.
G' — Rebedouras.
H' — Pias ferreas para o serviço interior.

PARA ALIMENTO DOS ISRAELITAS — O RABBINO ANALISANDO A REZ

Segue-se a esta oficina, na fachada do nascente e por sua ordem, um pateo de despejos, onde estão collocados os tanques para a lavagem dos estomagos, as retretes e a porta de saida dos estrumes; o estabulo de vitellas; uma abegoaria egual á da fachada opposta, tendo interiormente tres pequenos quartos, destinados, dois, a dormitorio de guardas, e o terceiro a cosinha dos moços; um redil; um pateo que serve para deposito do gado, antes de ser pesado, e onde se abre a porta de entrada do mesmo, e de saida de carne para os talhos; e, finalmente, a delegação da alfandega.

A casa da matança, edificada, como dissemos, ao centro do rectangulo, tem 50 metros de comprimento e 34 de largura, e é dividida em cinco naves, por quatro ordens de columnas de ferro. Nos quatro angulos foram feitas interiormente outras tantas divisões que servem, as do sul, para a matança dos carneiros, as do norte, uma para a observação do gado dos israelitas e a outra para a matança das vitellas. Entre a casa da matança e os escriptorios ha duas casas destinadas respectivamente á pesagem da carne limpa e á arrecadação da carne preparada. Lateralmente e pelo norte a casa da matança é separada dos outros corpos por uma larga avenida, dividida por grades de ferro em cinco pateos: dois para o exame do gado vivo; um para deposito do gado depois da pesado e dois para serviço. Uma via ferrea, de 421 metros de extensão, liga a casa de matança com as restantes oficinas, servindo para o transporte dos despojos das rezes, que se effectua em carros de ferro.

A rapida descripção que fizemos do matadouro abrange já os 13.320 metros quadrados que elle occupa, mas não ficam, todavia, por aqui todas as suas instalações pois possue-as tambem subterreneas, que são as oficinas de salga de pelles e de arrecadação do sêbo. Occupam ellas todo o lado poente do rectangulo, comunicando com o resto do edificio por meio de escadas e postigos.

O RABBINO OBSERVANDO AS MIUDEZAS

A CASA DA MATANÇA DAS VITELLAS

COMO SE MATA O GADO

São quatro os processos de morte adoptados no matadouro: o de peito, o de punho, o de degolação e o de jugo.

Pelo primeiro, o operador coloca-se a um dos lados da rez e introduz-lhe junto á primeira costella, na direcção do torax, uma faca triangular (faca de sangrar), cortando assim a aorta, pela qual o sangue sae a jorros. É a authentica sangria, dando-se a morte pela suppressão das funcções do coração. Este processo, porem, é hoje rarissimas vezes posto em pratica, porque a morte do animal é muito demorada e aflictiva.

O segundo, usado só com as rezes mais ariscas, consiste em cortar a espinal-medulla com uma faca triangular (faca de jugar), mais pequena do que a de sangria. O operador, collocado do lado esquerdo da rez, e segurando o chifre do mesmo lado, pega na faca de jugar com a mão fechada em forma de murro, e dá o golpe perpendicularmente ao espaço que fica entre as vertebras atlas e axis. O animal cae de chofre.

No processo de degolação, exclusivamente usado pelos israelitas, o animal é deitado de dorso no chão e amarrado pelos quatro membros, com o pescoço estendido e a cabeça apoiada no solo pelos chavelhos. O operador, um sacerdote, depois de lavar com agua o pescoço da rez, golpeia-o com um alfange até ás vertebras cervicaes.

O processo usado habitualmente é o *de jugo*, que difere do *de punho* apenas no modo de ferir o animal. Vejamos como elle se pratica:

Logo que o boi chega ao local do sacrificio, um laço destramente deitado prende-o pelos

Á ESPERA DO SACRIFICIO

ASSOPRANDO AS VITELLAS

paus. Um dos magarefes, segurando, do lado esquerdo, a corda do laço, mantem-lhe a cabeça baixa, ao tempo que um outro, armado com a *faca de jugar*, se approxima do grupo, segura com a mão esquerda o chavelho direito do boi, visa-lhe rapidamente o cachaço, procurando o sitio que ha de ferir (o espaço que fica entre o occipital e a vertebra atlas) e descarrega o golpe: immediatamente o boi cae por terra como uma massa. O magarefe, que se desviara um pouco para o deixar cair, põe-lhe um pé sobre o focinho, a fim de lhe sujeitar a cabeça, e torna a introduzir a faca no mesmo sitio, completando a secção da espinal-medulla; feito o que, pratica a sangria. Acto continuo, abandona a sua presa e vae repetir a operação com outra rez, alguns passos mais adeante... Entretanto, a pobre victima

ESFOLANDO OS CARNEIROS

fica para ali a estrebuchar em convulsões cada vez mais fracas, com os olhos vitreos e a ferida hiante do sangradouro a jorrar sangue...

Apenas o ultimo signal de vida desapparece, apodera-se d'ella outro algoz — para a esfolar, operação esta feita rapidamente e com tal pericia que a pelle sae toda, intacta, e sobre a outra, branca e fina, que fica a cobrir o corpo do animal, não se vê a mais pequena arranhadura causada pela faca; depois, um outro que, do que um outro lhe põe a marca do talho a que é destinada. E emquanto os moços transportam os quatro *quartos* para a casa da pesagem, e d'ahi para a da arrecadação, os despojos do animal são conduzidos, nos carros de ferro, para as diversas officinas, afim de serem preparados.

Todas estas operações são feitas com tal rapidez, que não havendo interrupção de uma a outra, entre a entrada do boi para a casa da

OFFICINA DE PREPARAÇÃO DO SEBO

com dois pequenos cortes, lhe estrae a lingua; um terceiro, que a abre de alto a baixo, a cutello, e lhe tira o estomago e os intestinos, lançando-os desprezivelmente para o lado, sobre o asphalto, onde elles ficam espapaçados até que os moços os venham buscar; a seguir, um grupo de cinco ou seis homens suspende-a pelas mãos e por meio de correntes de ferro, a duas das columnas que sustentam o tecto; um d'elles, lança depois mão de um cutello e esquarteja-a, dando um golpe longitudinal a todo o comprimento da espinha, e dois outros transversaes, entre a aba e o peito, que a dividem em quatro partes, as quaes ficam ligadas entre si apenas por algumas fibras. Uma vez assim disposta, a carne é cuidadosamente limpa por um ajudante, depois

matança, a fim de ser sacrificado, e a sua sahida, em *quartos*, para a casa da pesagem, medeia apenas o espaço de dez minutos... É um verdadeiro *record*.

A preparação do gado destinado aos israelitas é feita da mesma forma, com a simples differença de o exame sanitario ser mais demorado e meticuloso, sobretudo nas chamadas *miudezas*.

As vitellas são mortas pelo processo de *jugo*, seguido do de *degolação* Um moço suspende-as pelas pernas, servindo se para isso de uma corda que passa por uma roldana presa ao tecto, e, uma vez n'essa posição, o operador juga-as, e, immediatamente, degola-as. Logo que o sangue estanca, arreiam-se, faz-se-lhes n'uma das pernas, junto á pata, uma incisão

PREPARAÇÃO DO SANGUE

que interessa apenas a pelle, e por ella são *assopradas*, com um folle, até a pelle ficar perfeitamente retesada. Por meio d'essa operação a carne da vitella fica mais rosada, e por consequencia, com melhor aspecto.

A morte dos carneiros executa-se pelo processo de *jugo*. Em seguida são sangrados por degolação.

Durante estas operações dão-se, por vezes, interessantissimos episodios. Comquanto o pessoal encarregado d'ellas seja muito perito, é frequente, na matança dos bois por exemplo, o magarefe errar o golpe, ao *jugar*, ferindo apenas, mais ou menos gravemente, o animal. Quando isso succede, este, galvanisado pela dôr, dá um arranco tão violento que o homem que o mantem sujeito pelo laço tem de largar logo a corda — e o boi lança-se doidamente pela casa fora, arremetendo com tudo e com todos. É então, durante alguns minutos, uma verdadeira tourada, em que toma parte quasi todo o pessoal da casa da matança, já bastante experimentado n'essas *lides*, e entre o qual ha individuos com excellentes aptidões para a arte de Montes. Executam-se as mais variadas *sortes*, desde as *pégas*, de todo o genero e o *quiebro de rodillas*... forçado pelas circumstancias, até á sorte de morte com que o *espada*, isto é, o magarefe, termina o divertimento.

SECCAGEM DAS TRIPAS

O VENTRE DE LISBOA

Vem agora a proposito um pouco de estatistica, pois nos parece que, sem alguns numeros elucidativos, não ficariam completas estas

DEPOSITO DE COIRAMA

notas que offerecemos á curiosidade dos nossos leitores. A grande maioria d'elles não sabe, decerto, quantos bois Lisboa devora por anno. Vamos nós dizer-lh'o. O anno passado, por exemplo, a carne sahida do matadouro para consumo procedeu de 31.082 bois. Á primeira vista, esta cifra parece enorme, mas, depois de uma rapida analyse, chegamos a uma conclusão precisamente opposta. Senão, vejamos: fixando a população da capital em 300.000 pessoas, resulta que, durante o anno de 1905, cada uma d'ellas comeu uns 26 kilos de carne — calculando o peso de cada boi em 250 kilos — ou seja approximadamente 70 grammas por

LIMPEZA DE MÃOS E CABEÇAS

dia, o que é pouquissimo. É certo que a quasi totalidade d'essas pessoas adopta a alimentação mixta, mas é certo tambem que a grande maioria d'ellas pertence ás classes pobres, e todos os outros alimentos teem, nos ultimos annos, encarecido extraordinariamente. D'aqui se conclue que a população de Lisboa é mal alimentada.

Esta conclusão, já bastante digna de reparo, toma, porém, proporções graves se nós olharmos um pouco para traz. E, comquanto este artigo não tenha sido feito para tratar de questões economicas, julgamos não ser demais apontar n'elle factos que interessam a toda a gente.

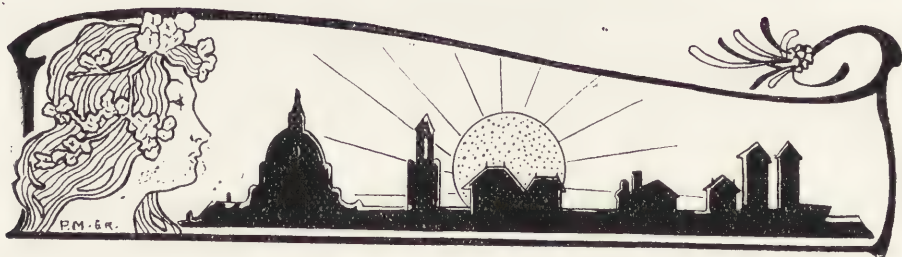
Esses factos são a diminuição progressiva e constante do consumo da carne em Lisboa, e as suas naturaes consequencias.

Folheemos a estatistica. Diz-nos ella que a carne consumida na capital, em 1890, pertencia a 36.550 bois; em 1895, a 30.849; em 1900, a 30.478, e, finalmente, em 1905, a 31.082. Como se vê, o consumo foi diminuindo progressivamente, a partir do inicio da crise economica, e só o anno passado essa progressão se deteve—o que não quer dizer que ella não prosiga de novo, como parece indicar o consumo dos primeiros mezes do anno corrente.

Vejamos agora o consumo das chamadas carnes de luxo. Em 1890, o matadouro distribuiu pelos talhos 9.824 vitellas e 20.931 carneiros; em 1895, 9.874 vitellas e 22.632 carneiros; em 1900, 11.026 vitellas e 32.625 carneiros, e em 1905, 17.629 vitellas e 68.289 carneiros. O consumo foi, portanto, em progressão crescente, bastante acentuada. Parece que esta conclusão vem destruir a primeira, mas tal não succede, visto que de 1890 para cá a população augmentou consideravelmente, sendo esse augmento determinado, sobretudo, pelo numero de pessoas abastadas que vieram estabelecer-se em Lisboa — e são essas precisamente que consomem carne de vitella e carneiro que, pelo seu preço, raras vezes pode chegar á meza do pobre.

Apontámos o facto, visto elle se relacionar intimamente com o objecto do nosso artigo. A discussão ou o remedio d'elle é que já não nos diz respeito a nós — que apenas quizemos dar aos nossos leitores uma pallida ideia do que é o abastecimento das carnes em Lisboa.

Clichés Benoliel

ASSOPRANDO E ESFOLANDO OS CARNEIROS

O Sonho da America

Depois da violenta erupção do Vezuvio, que inundou de lavas, escorias e cinzas, tantas cidades e aldeias da Campania, coube a vez a S. Francisco e outras cidades da California de pagarem o seu tributo á destruição e á morte, com o recente terremoto, um dos mais violentos que o mundo presenceou depois do de Lisboa em 1755.

Nos Estados Unidos da America vivem 140.000 portuguêses, dos quaes 40 000 habitam a California. Os restantes distribuem-se pelos estados de Massachussets, Rhode Island, Pennsylvania, Georgia, Luisiania e Virginia. Empregam-se nos trabalhos do campo, na creação e exploração do gado, no mar como marinheiros e pescadores e nas industrias mecanicas, principalmente como fabricantes de tecidos.

Alguns, como os Srs. Bernardo Fernandes, natural da Figueira da Foz, e Manuel T. Freitas, da Ilha de S. Jorge, são tidos por millionarios. Os peculios de 20.000 dollars são numerosos e passam quasi despercebidos; ainda mesmo os possuidores de 100.000 dollars, 200.000 dollars, 300.000 dollars não dão na vista. Os milhões dos Vanderbildt, dos Carnegie, dos Rockefeller, offuscam na America todas as pequenas fortunas.

A colonia portuguêsa merece muita estima dos americanos. As suas perfeitas qualidades de sobriedade, amor ao trabalho e respeito pela lei grangearam-lhe uma excellente reputação. Os portuguêses que emigram para a America do Norte americanisam-se rapidamente, sem todavia perderem o amor da terra em que nasceram. Começam por aprender o inglês, para mais facilmente poderem participar da formidavel labuta que é toda a vida americana. Chegam mesmo a só falar inglês entre elles; mas a sua leitura predilecta em horas vagas é sempre a dos nossos bons auctores nacionaes, aquelles que mais lhes falam ao coração das coisas ternas do seu paiz. Lá têm as suas egrejas, construidas e sustentadas á sua custa; as suas associações de beneficencia e de soccorro mutuo, numerosas e deveras importantes; as suas escolas e os seus jornaes impressos na sua lingua; as suas festas populares, como as do Espirito Santo; as commemorações festivas das datas patrioticas como o 1.º de Dezembro.

A tremenda catastrofe que, de um dia para outro, involveu nos escombros uma avultada parte d'aquella formosissima terra da California, destruindo tantos lares d'esses nossos irmãos, aniquilando tanto esforço, interrompendo tanta energia, esfacelando tanta esperança, impregna de uma palpitante opportunidade o artigo que se segue e as illustrações que nelle se intercalam.

Por informações do Ministro de Portugal em Washington, o Sr. Visconde de Alte, que immediatamente á catastrofe partiu para S. Francisco, sabia-se já que muito reduzido fôra o numero de mortes entre os portuguêses. Pela leitura d'este nosso artigo se verá agora quanto os formidaveis e inexgotaveis recursos de toda a immensa terra da America vão facilitar, aos sobreviventes do terremoto e do incendio, a reconquista da fortuna, a victoria da tenacidade do homem sobre uma das mais caprichosas revoluções da natureza.

Quando foi proclamada a independencia dos Estados Unidos, a área dos treze estados, que então formaram a Republica federal, era de quinhentas mil milhas quadradas, comprehendendo apenas uma estreita zona de terreno ao longo do Atlantico e desde a Georgia até o Canadá. Agora, e por successivas acquisições, o territorio da Republica tem uma área oito vezes maior, quatro milhões de milhas, com o Atlantico, o Pacifico, o golfo do Mexico e o Oceano Arctico por fronteiras naturaes.

As mais aceleradas communicações ligam os pontos mais distantes do immenso

MONUMENTO AO TRABALHO EM MARKET STREET, S. FRANCISCO

çam-se os fios de que é urdida a rêde dos telegrafos, desdobrada sobre todo o territorio.

O trabalho, a industria, a intelligencia avançam sempre, aperfeiçoam-se sempre. A America gosa, com justo fundamento, da reputação de ser a terra dos inventos praticos. Só quem uma vez entrou nas galerias, absolutamente indescriptiveis, do Patent Office em Washington, o palacio onde se guardam e se mostram as collecções de modelos que justificam as patentes de invenção, poude avaliar, muito por alto, as faculdades inventivas do povo compatriota de Fulton, de Francklin, de Edison, de Morse.

O espirito da associação e do desenvolvimento da sciencia contribuem cumulativamente para a maior prosperidade agricola. O *trust* reuniu todos os esforços isolados; as

continente. Os melhores, mais amplos e mais commodos barcos a vapor percorrem as suas bahias, os seus lagos, os seus rios e os seus canaes; as mais possantes locomotivas incessantemente passam, como em corridas de monostros vertiginosos, sobre os milhões de kilometros de caminho de ferro que atravessam todos os estados, e entre uns e outros se encruzilham e se emaranham em todos os sentidos.

Dos postes que correm ao longo das incommensuraveis campinas e d'aquelles que esfusiam dos quasi inacessiveis pincaros das montanhas, prendem-se, entrela-

machinas substituiram os braços. A semente deixou de ser lançada á terra pela mão do homem; os ceifeiros passaram a só ser os conductores das machinas de segar. A debulha pelo attrito da pata do cavallo e esperando a brisa que hade separar a palha do grão tornou-se uma coisa de riso, á entrada triumfal das formidaveis debulhadoras mecanicas nas vastas planicies de ceara.

O progresso intellectual acompanha o progresso das industrias. Ao lado das fabricas e das officinas fundam-se as escolas, abrem-se as bibliothecas. O povo

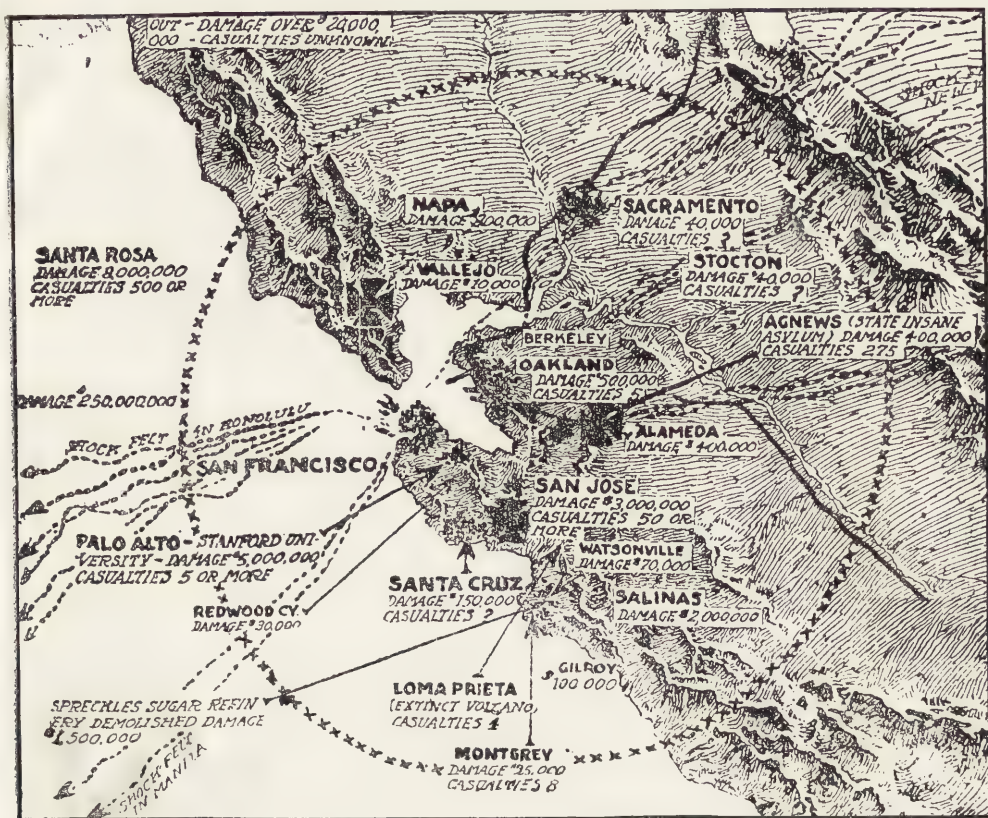
das cidades e do campo, laborioso e instruido, conhece e aprecia o valor das garantias sociaes que a lei lhe dá, sabe distinguir os deveres e os direitos do cidadão, e, sem outro auxilio mais que a sua intelligencia, a sua actividade, o respeito de si mesmo, tem aberto deante de si o caminho que conduz á fortuna, ás popularidades, aos mais elevados cargos da republica.

O povo delega o seu poder na auctoridade que elle proprio elege; e a auctoridade illustra o povo, facilita-lhe o ensino, garante-lhe a boa ordem de todas as coisas dentro da sociedade civil, estimula-lhe por todos os modos as faculdades progressivas.

O progresso religioso acompanha o desenvolvimento intellectual. A plena liberdade de cultos chama ao convivio benevolo da mesma terra, pôe sob o mesmo benigno céo, ao abrigo de velhas e renhidas luctas, catholicos, protestantes, israelitas. Desde que a construcção do templo obedece aos preceitos que regulam as edificações urbanas; desde que as fórmas de propaganda religiosa não exorbitam os limites da ordem, o Estado nada tem que ver com o resto.

Afigura-se absorvente a natural tendencia do povo americano para as industrias; mas nem por isso as sciencias, a litteratura, as bellas artes ficam sem cultores. Em que isolado reconcavo da Europa vive ainda o triste ignorante que não conhece Edwards, o metafisico; Rittenhouse, o mathematico; Andubons, o naturalista; Prescott, o historiador; Irving ou Cooper, os novellistas da amenidade; Longfellow e Bryant, os poetas do enternecimento. E pintores como Allston, Bierstadt, Cole Copley e Sargent; e esculptores como Powers, Greenough, Miss Hosmer?

A CITY HALL, EM S. FRANCISCO

Era uma construcção magnificente, como se vê por esta gravura. Tinha custado cerca de 6.000 contos de réis. Depois do terremoto, apenas restou o esqueleto, em ferro, que supporta o grande zimborio

ZONA DE MAIOR INTENSIDADE SISMICA NA COSTA DA CALIFORNIA
(Do *Saint Louis Post-Dispatch*)

Entre os aventureiros que primitivamente devassaram o solo americano, levando á virgindade d'aquellas florestas os germens da civilisação, uns arrebatados pelo sonho da fortuna, outros constrangidos a procurar em terra estranha a liberdade que a patria lhes negava, engrossava a corrente da emigração a raça anglo-saxonia; e a indole pratica e liberal dos inglêses logo foi infundindo no espirito do povo que se formava o estimulo da dignidade civica. Um bello dia, surge Washington das massas populares, primeiro nas armas

J. G. DE MATTOS JUNIOR
Senador português do Estado da California

REV.º DOMINGOS GOVERNO
Fundador e parocho da Egreja Portuguêsa em Centerville, California

M. R. MATHIAS
Enthusiasta do movimento associativo português na California

DR. SOUSA BETTENCOURT
Medico português e actual vice-consul de Portugal em S. Francisco

JOAQUIM MENEZES
Redactor do «Arauto» iornal português em Oakland California

que conquistam a independencia do solo, primeiro na obediencia devida ao Congresso, representante do supremo poder que emana de todos os cidadãos. Querem que presida elle á nascente republica, e ahi se torna elle o mais alto exemplo da abnegação e da honestidade politica. Afilados por esse padrão de consummada honradez e de profundo amor patrio, todos os outros homens depois chamados a tomar conta do governo da nação, que incessantemente floresce, vêm perpetuando na republica a manutenção das instituições or-

EFFEITOS DO TERREMOTO NUMA CASA DE MADEIRA

sob o influxo benevolo da civilisação, na razão directa da riqueza do solo, do bem-estar da familia, da garantia individual.

A noticia d'esse Novo Mundo, revestida de maravilha e de promissão, inquietou a cubiça de portuguêses animosos e buliçosos. Não cuidava a patria de lhes quebrar os impetos da aventura, nem desvanecer-lhes a ancia de tentar outras paragens d'onde lhes acenasse a fortuna; antes parecia que tudo, dentro da propria patria, os espicaçava ao rompimento e lhes gritava: «Emigrae!» Gritavam-lh'o os abusos do poder, o desperdicio dos governos, a parcialidade da justiça, a escassez da instrucção, os direitos na importação das machinas, a divida fluctuante e a divida consolidada, as loterias, os negociantes do trigo, a immoralidade de muitos...

O EDIFICIO DO SAVINGS BANK
Na cidade de los Angeles, California, todo em ferro, nada soffreu com o terremoto

ganicas e a constante obediencia ás leis — Jefferson e Munroe, Harrison e Lincoln, Mac-Kinley e Roosevelt...

O vinculo federal, que politicamente liga os differentes estados da União, sem os prender quanto a interesses de administração interna, responde pela unificação das dezenas de milhões de almas, que vão constantemente augmentando em numero,

UMA CASA DOS PRIMITIVOS COLONOS DE S. FRANCISCO DAS POUCAS QUE FICARAM DE PÉ

Para lá foram; e, á medida que lá iam chegando, o sonho de maravilha tornava-se-lhes realidade.

O português, que emquanto não sae de Portugal parece crêr que toda a sua vida e todos os seus movimentos andam á mercê dos fados, das bruxas e dos governos, e tudo põe sob o patronato de santos e empenho de politicos, toma, em chegando á America, um vehemente poder de iniciativa directa. A concepção do espirito do homem afinado por mil annos de progresso intellectual, dispondo de todos os recursos da velha civilização européa, e agitado por aquelle meio novo, alarga-se, estende-se, amplia-se a proporções surprehendentes. Sistematisa-se a vontade, elasticisa-se o esforço até tornar o esforço numa faculdade. É esta faculdade, inteiramente nova, exclusivamente americana, que se chama — *improvement*. O *improvement* consiste em precipitar a evolução de qualquer designio pelo emprego das energias maximas. Na America — dizem os americanos — faz-se em vinte annos tudo quanto na Europa só se poderia fazer num seculo. Incide sobre tudo, sobre todos os actos e sobre todas as idéas, um jacto continuo de energia — energia fisica ou energia moral. A vida de Edison, a ponte de Brooklin, o *trust* do Aço, são sintheses formidaveis de formidaveis séries de energias.

MISTRESS ANNA FRANÇA
Presidente suprema da Sociedade Portugueza do Estado da California

A lucta não admitte tréguas, é de todos os dias, é de todos os instantes, dura toda a vida. Mas não é já a lucta pela vida, que a vida é nada: é a lucta pelo milhão, pelo milhão que é tudo!

PORTUGUEZES TRABALHANDO NOS CAMPOS DA CALIFORNIA

O TYPO MAIS EXPRESSIVO DA GALANTE MULHER AMERICANA
Encontra-se em S. Francisco

A vaidade do dollar é um sentimento tão intenso como o pode ser a vaidade do genio. Conquistar o dollar para poder desperdiçar o dollar é crear nome, arranjar fama, affirmar individualidade. Cada grande negocio, por muito grande que seja, por maior que seja, resulta sempre da concepção de um só homem, do arrojo de um só homem, da energia de um só homem. Os dominios abrangidos ás veses por um só d'esses negocios são taes, assumem taes proporções de vastidão e importancia, que o homem, unico a mandar, unico a governar, chega a exercer tanto poder de mando e de governo como o que exerce um rei. E ha então o Rei do Aço, o Rei do Petroleo, o Rei do Carvão... Ha mesmo dinastias: os Vanderbilt são já uma dinastia.

São innumeraveis os casos em que o homem de negocios na America, partindo de um ponto de humildade extrema, attinge situações de notavel pro-eminencia. Um dos maiores potentados dos caminhos de ferro da California andou a trabalhar no assentamento dos carris da primeira das linhas ferreas que formaram a immensa rêde de que elle veiu a ser o primeiro dono. A experiencia, o conhecimento exacto, a pratica directa de um negocio são a base de todo o exito que esse mesmo negocio alcança entre as mãos do que o promoveu e conduz.

Elle não será ainda senão o aprendiz, o marçano, o principiante, neste ou naquelle officio, neste ou naquelle commercio, e já verá deante de si um alvo de vida,

EGREJA PORTUGUEZA EM CENTERVILLE, CALIFORNIA

irá já no encalço de uma idéa, seguirá já um proposito e pôr-se-ha já caminho da realisação de um sonho. Ainda o que elle ganha é pouco menos que nada, e já d'esse pouco menos que nada elle vae pondo de parte alguma coisa. A historia, direi antes o romance de cada uma d'essas grandes fortunas, começa sempre por um pé de meia. Ha milhões que são contos de fadas, milhões de dollares que se desdobraram de um dollar.

UM VELHO TYPO DE PORTUGUEZ AMERICANISADO

Todo o americano que delibera metter hombros a um negocio, trata, antes de mais nada, de arranjar o capital que esse negocio demande. São-lhe precisos, suppunhamos, dois mil dollars. Chega-se ao dia em que elle já possue mil novecentos e noventa e cinco dollares. É um sabado. Mais cinco dollares, e já na segunda-feira, principio de semana, bom dia para principio de empresas, elle poderia principiar... Mas não. Fica para a outra semana, para a outra segunda-feira. E na segunda-feira seguinte, ao metter na empresa os seus dois mil dollares de economias, esse homem não terá mais de seu do que a roupa que tiver no corpo. A sua empresa crescerá, alargar-se-ha, tomará proporções que exorbitem toda a expectativa; dentro de poucos annos, esse homem valerá milhões, as lettras com que se escreve o seu nome serão aquellas que maior numero de veses se hão-de repetir nos livros dos bancos mais solidos e das mais poderosas companhias; e esse homem nem um só dia deixará de levantar-se da cama ás sete horas da

PRESBYTERIO DA EGREJA PORTUGUEZA EM CENTREVILLE, CALIFORNIA

AVALON, FOSMOSISSIMA PRAIA NA ILHA DE SANTA CATALINA, FREQUENTADA PELA GENTE RICA DA CALIFORNIA

manhã, para estar nos seus escriptorios ás nove horas precisas.

Em toda a America do Norte impera o bom senso popular, como se fosse instituição organica da sua constituição politica. Ella não offerece sómente ao Velho Mundo o espectaculo atordoador da sua sempre crescente prosperidade — a sua exportação fenomenal, o enorme desenvolvimento das suas industrias, o alarga-

UM GRUPO DE BANHISTAS NA PRAIA DE AVALON

PORTUGUEZES TRABALHANDO NOS CAMPOS DA CALIFORNIA

mento illimitado da sua agricultura : mosra-lhe como, pelo amor da escola, pelo respeito da lei, pela pertinacia no trabaho, se formam as solidas sociedades civis, sem distincções de raça, nem de nacionalidade, nem de religião, sem privilegio de nascimento ou de fortuna.

ALFREDO MESQUITA.

Epigraphe d'um livro

Se tu presides sempre, casta e pura,
A todos os meus doidos pensamentos,
Ao que me delicia ou me tortura,
Breves horas de dor, leves momentos
D'alegria, de paz e de ventura,
Tal como o sol que os raios do alto ceu
Lança por sobre a Terra e sobre as aguas,
Que este livro de risos e de magoas
Por epigraphe tenha o nome teu.

ALCANTARA CARREIRA.

VISTA DA ENTRADA DA BATERIA DO BOM SUCCESSO

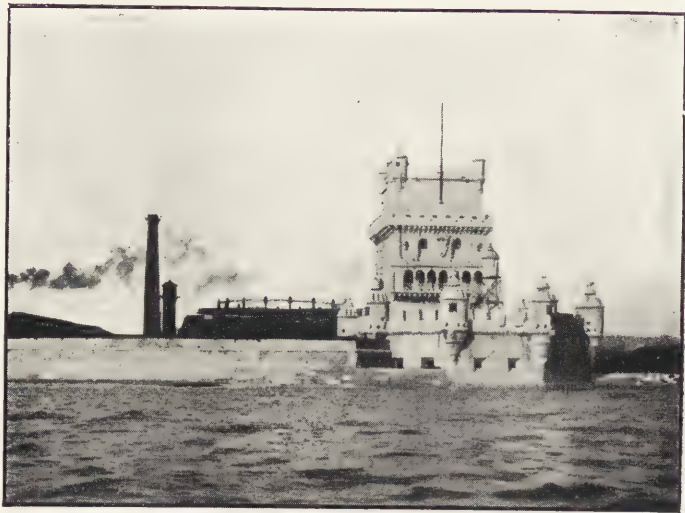
A Torre de Belem

No seu interessantissimo livro a *Architectura da Renascença em Portugal*, de que os *Serões* já publicaram uma parte e que em breve continuarão a dar aos seus leitores, diz Albrecht Haupt que é certamente unico no mundo o aspecto dominador e guerreiro da formosissima torre assente na margem direita do Tejo, entre Belem e Pedrouços.

Quem uma vez admirou aquelle encantador monumento, sobretudo quando a atmosphera é azul e luminosa, nunca mais esquece a graciosidade e leveza das linhas geraes, a delicadeza e bem acabado de todas as minucias, e menos o julgará um edificio na realidade existente que uma d'essas concepções da nossa phantasia, quando, embalados na leitura de uma novella de cavallaria, imaginamos os castellos situados no paiz do Sonho, de que o esforçado Amadis ou o impavido Galaor tem de ir arrancar as suas bellas.

A Torre Velha — A construcção da actual

Em tempos de D. João I, a fim de se evitar que navios inimigos pudessem percorrer o Tejo a seu salvo, como tinham feito pouco antes os castelhanos durante o cerco de Lisboa, foi construida na margem esquerda uma fortificação, que veiu a chamar-se Torre Velha, com o volver dos annos.

D. João II, querendo que na margem direita houvesse tambem uma fortaleza para cruzar os fogos com aquella, deu o encargo de traçar-lhe o plano, ou de debuxal-a, como então se diria mais commummente, ao seu pagem de escrivaninha, ou secretario, Garcia de Rezende, a quem a nossa litteratura deve uma historia do reinado d'aquelle monarcha, escripta sob o titulo de «Chronica dos valorosos e insignes feitos de el-rei D. João II», e um Cancioneiro, recopilação de trovas por elle compostas, em grande parte na côrte portugueza, onde viveu largos annos, na privança do grande rei, que tamanho impulso deu ás nossas navegações e conquistas de além mar.

A TORRE E O SEU VISINHO GAZOMETRO, VISTOS DA BANDA DO TEJO

ENTRADA (LADO DE LESTE)

A Torre como elemento de defeza

Esta construcção não tem hoje a minima importancia sob o ponto de vista de defesa do porto de Lisboa, e seria até para desejar que muito mais longe d'ella estivessem as fortificações a que está incumbida uma tal missão, a fim de evitar-se que algum projectil para estas dirigido, em caso de ataque, fosse damnificar o admiravel monumento de architectura militar.

Já vão afastados os tempos em que a Torre de Belem podia entrar em lucta com os navios que do Tejo pretendessem affrontar a nossa soberania. De dois casos nos lembramos em que ella entrou em acção.

O ataque de um almirante francez

O primeiro foi em 11 de julho de 1831, quando o contra-almirante barão de Roussin forçou a barra do Tejo e, tendo canhoneado as fortalezas das duas margens, veiu ancorar deante do pontal de Cacilhas, a fim de exigir uma reparação ao governo de D. Miguel

A TORRE VISTA DO TERRAÇO QUE AVANÇA SOBRE O TEJO

pelos insultos e prejuizos de que tinham sido victimas cidadãos francezes. No relatorio que, sobre a ingloria façanha, Roussin dirigiu ao general Sebastiani, ministro de Luiz Filippe, lê-se: «Ás quatro horas a *Suffren*, tornada chefe de fila e seguida da *Cidade de Marselha* e *Alger*, e das fragatas *Pallas*, *Melpomène* e *Dido*, acommetteu a Torre de Belem a 60 toezas e a combateu vivamente.»

A nau *Suffren* era o navio que ar-

BALCÃO NA FACE DE LESTE

vorava a insignia do commandante da esquadra. Esta, havendo passado a Torre de Belem, cessou o fogo. É sabido como foram satisfeitas completamente as exigencias da França, e como o governo realista se sahiu tristemente d'aquella aventura, que nos custou a perda de alguns navios e de não pequenas quantias, exigidas como indemnisação.

Um conflicto com os americanos

No segundo caso a Torre de Belem desempenhou o papel de aggressora.

Estava accesa a guerra civil nos Estados Unidos da America. A 26 de março de 1865 entrou no Tejo o monitor *Stonewall*, dos Estados Unidos do Sul ou Conferados, e horas depois a fragata *Niagara* e a corveta *Sacramento*, dos Estados Unidos do Norte ou Federaes. Respeitando as leis da neutralidade, o governo portuguez intimou ao navio conferado a que levantasse ferro no praso de 24 horas, e aos federaes prohibiu a sahida antes de passarem outras tantas horas depois que o primeiro tivesse deixado o nosso porto.

Porque se demorou o fornecimento de carvão, o monitor só poude partir no dia 28 de manhã. Á tarde, os navios federaes, que estavam ancorados em frente de Belem, levantaram ferro, parece que na intenção de irem deital-o mais a montante, deante da rocha do Conde de Obidos.

Succedeu, porém, que a *Niagara*, a fim de poder voltar mais facilmente — disse depois o seu commandante — se dirigiu para a barra, o que, sendo observado pelo governador da torre de Belem, tenente coronel reformado Manuel Joaquim da Silva, fez com que este official mandasse dar signal á fragata para retrogradar, e, não sendo isto bastante, romper o fogo contra ella. Foram disparados sete tiros, dos quaes acertaram tres balas no costado do navio federal.

Originou-se com isto uma reclamação do ministro americano, em consequencia da qual o tenente coronel Silva foi, pela ordem do exercito de 1 de abril do mesmo anno, exonerado do governo da Torre de S. Vicente de Belem e reprehendido, por haver mandado fazer fogo sobre uma fragata dos Estados Unidos da America, depois d'esta ter arreado a sua bandeira e virado de bordo, «reconhecendo assim o signal dado pela mesma fortaleza, que lhe fizera alguns tiros com o fim de que não continuasse a navegar na direcção da barra do Tejo.»

Esta solução desagradou muito em Lisboa e em todo o paiz, por se julgar

que o tenente coronel Silva não tinha feito mais do que cumprir as ordens recebidas do governo. Não obstante ser ministro da guerra o visconde de Sá de Bandeira, de tão glorioso passado militar, deu-se aquella satisfação, porque... a corda quebra sempre pelo mais fraco.

A 6 de abril arvorava-se na Torre a bandeira das estrellas e riscas, e a nossa artilharia dava uma salva de 21 tiros, a que a *Niagara* correspondeu com outra egual.

Não seria tão facilmente immolado o governador da Torre de Belem ás conveniencias da politica internacional, se o cargo ainda ao tempo fosse exercido pelo duque da Terceira, que o desempenhou desde 1834 até 1860, data em que falleceu, nem por outros militares illustres que o occuparam, taes como o visconde de Jerumenha, o marquez de Vagos e o marquez de Marialva.

O logar tinha sido muito appetecido e sómente se concedia por alta mercê, emquanto se impoz a todos os navios que entravam no Tejo a contribuição de 3$800 réis, da qual se davam 1$600 réis ao governador e o resto era distribuido de maneira que tocássem 7 réis a cada soldado da guarnição. Este tributo deixou de existir pouco depois de se estabelecer definitivamente o regimen constitucional.

Como se quiz aproveitar a Torre e como se prejudicou

Reconhecido o diminuto ou nenhum valor da Torre de Belem como obra de fortificação, pensou-se em aproveital-a para museu militar, chegando até, em 1869, a ser o visconde de Pernes encarregado de organisal-o, o que não poude effectuar-se por falta da verba indispensavel. Bom foi certamente que assim acontecesse, visto que as quatro salas correspondentes aos diversos andares do edificio teem pouca luz e são um tanto humidas.

Como admiravel monumento militar é que ella deve ser conservada, e grande lastima é que tenha havido alguem, tão desprovido de senso esthetico e de pa-

O RIO, VISTO ATRAVEZ DA ARCARIA DO BALCÃO

triotismo, que permittisse o inqualificavel attentado de se estabelecerem tão perto de ali officinas da Companhia do Gaz, com dois gravissimos prejuizos para a Torre. O primeiro, o que para a vista resulta da visinhança de desmantelados casebres, do grande panellão negro do gazometro e dos montões de carvão de pedra, constituindo um fundo absolutamente medonho. O outro, mais grave ainda, provém das emanações exhaladas dos depositos de productos da distillação da hulha,

BALAUSTRADA EM TORNO DO PATEO CENTRAL, COM A ESTATUA DA VIRGEM

que vão corroendo a pouco e pouco a pedra finamente lavrada da linda maravilha architectonica, ao mesmo passo que o negro de fumo penetra por todos os intersticios das paredes, especialmente da que se oppõe ao rio, e se incrusta nas fendas da pedra, que, n'aquelle lado, de branca já se tornou preta.

Vergonha é esta que nos tem já valido severas e merecidas censuras. Não ha muito que o conhecido escriptor francez Paul Bonnetain, ao subir o Tejo n'um transatlantico e desconhecendo ainda a repugnante malfeitoria, chamou para a tolda do paquete os seus companheiros de viagem, ancioso de mostrar-lhes a linda preciosidade, que elle já admirara detidamente, em outra visita que tinha feito a Lisboa. Vê a Torre a projectar-se nos hediondos negrumes da fabrica de gaz, e de tal indignação fica possuido, que escreve immediatamente para o *Figaro* uma diatribe furiosa, em que nos tratou quasi tão mal como Lord Byron nas celebres paginas do *Childe Harold*... e com muita mais razão infelizmente.

Um admiravel monumento de architectura guerreira

Não é só de longe que o bello edificio produz um magnifico effeito esthetico, como com muitos outros monumentos succede. Examinado de perto, a impressão é egualmente dominadora e profunda.

A porta de entrada fica do lado do nascente, estando a ponte levadiça quasi de nivel com a areia da praia. Depara-se-nos logo a bella galeria abobadada das casamatas, em cujo centro ha um pateo aberto. Em volta d'este ha uma serie de arcos ogivaes, e superiormente corre uma balaustrada que, como os arcos, tem por motivo principal de decoração a Cruz de Christo.

Para a torre quadrada se entra por uma escada de poucos degraus, a qual sobe de um terraço que avança para o lado do sul e é rodeiado de guaritas, com a cupula em gomos, e ameias

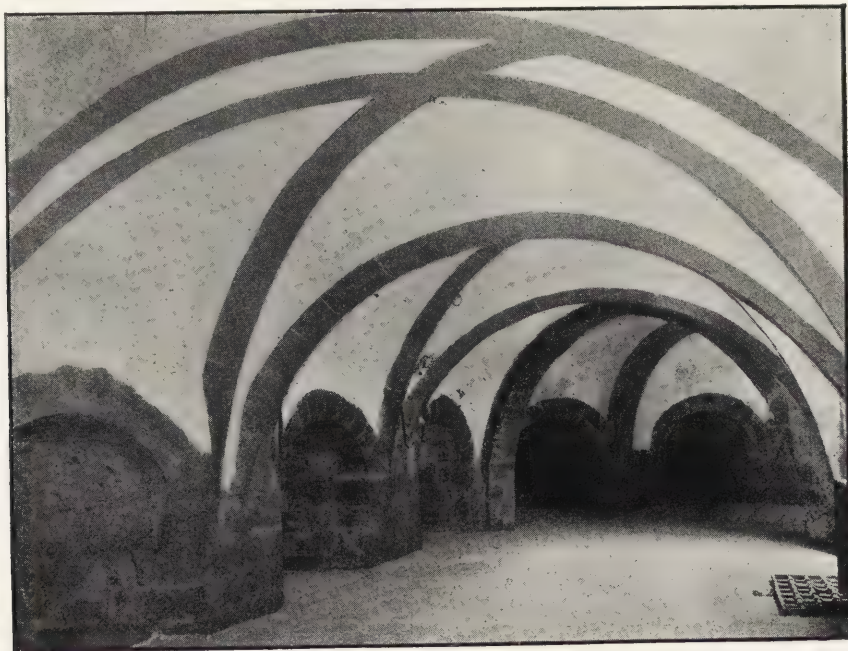
graciosamente lavradas, tendo cada uma d'ellas esculpidos o escudo e a cruz de Christo.

N'esse terraço estavam antigamente montadas peças de artilharia, assim como na bateria casamatada que fica no pavimento inferior, em cujo centro ha uma abertura rectangular, rodeiada de balaustradas de lindo lavor, sobre as quaes um baldaquino delicioso abriga uma bella estatua da Virgem com o Menino, tendo por emblema um cacho de uvas, suggestionando porventura a importancia vinicola do paiz. Para esta especie de cova deitavam as portas das antigas masmorras. Da bateria casamatada sobe-se para o terraço immediatamente superior por uma escada de pedra, encostada por um dos lados á muralha da torre.

Por sobre esta escada, formando mainel para quem do terraço se lhe aproxima, ha uma balaustrada cujo desenho destôa do que predomina em toda a construcção, na qual figura sempre a cruz de Christo. É sobremaneira desagradavel e anachronica a ornamentação da parte superior da balaustrada feita com granadas.

É um dos poucos, senão o unico vestigio de mau gosto com que as reparações feitas no seculo passado inquinaram o puro e bello estylo do maravilhoso monumento.

O engenheiro Antonio de Azevedo e Castro, que em 1846 presidiu aos trabalhos executados na torre sob os auspicios do marechal duque da Terceira, então ministro da guerra, mostrou um respeito meticuloso pelo plano primitivo. Não seria elle com certeza que permittiria aquelle monstruoso attentado.

A meia altura da torre sobresae, para o lado do rio, um grande balcão alpendrado, apoiado sobre cachorros, aberto com columnas, arcos e parapeitos rendilhados. Pequenos balcões similhantes existem nas outras faces da torre.

BATERIA CASAMATADA COM A GRADE DE UMA MASMORRA

Acima d'estes balcões existe outro pavimento com janellas, bipartidas nas faces lateraes, com columnas que todas se differenciam nos lavores. As da face sul são singelas, ficando entre ellas as armas portuguezas. Superiormente existe o adarve egualmente apoiado em cachorros e ameiado como o terraço. A plataforma superior, tambem ameiada, é guarnecida por quatro guaritas nos angulos.

Os pormenores, que succinctamente apresentamos, ampliam e rectificam em certos pontos a descripção de Haupt, a qual se pode ler no vol. IV dos *Serões* (1.ª serie) a pag. 114. Vê-se por elles que não foram tão descuidadas como dá a entender o sabio allemão as restaurações feitas na Torre.

Não pode comtudo deixar-se passar sem reparo a triste ideia do pharolim lenticular, de luz vermelha, montado em 1865 no terraço da Torre e assente n'uma *mesa de serviço* de ferro. Comquanto na forma geral se quizessem imitar as guaritas do monumento, é desastrado o effeito d'aquelle pespego.

A Torre era d'antes completamente cercada pela agua. Diz Damião de Goes que dentro da agua foi ella construida. Teria sido uma fortuna grande que assim houvesse continuado. O Tejo amigo defendel-a-hia por esta forma da horripilante visinhança do gazometro.

PANORAMA DA MARGEM DIREITA DO TEJO COM A BATERIA DO BOM SUCCESSO, VISTO DA TORRE

Clichés de A. Lima.

O Pedro e os seus companheiros

O rapaz chamava-se Pedro, e vivia só com a mãe, que era uma pobre viuva.

Um dia, como no logar não ganhava nada, pediu á mãe que lhe fizesse um bolo na cinza do borralho e que matasse a gallinha preta, porque queria ir em busca de fortuna.

A mãe fez lhe a vontade e o Pedro abalou na manhã seguinte, quando vinha rompendo o sol.

A viuva acompanhou-o até á porta do quintal e perguntou-lhe:

— Que queres tu, ó Pedro? Metade do bolo e da gallinha, com a minha benção, ou todo o bolo e toda a gallinha com a minha maldição?

— Oh! Minha rica mãe — respondeu o Pedro — não queria a sua maldição, nem que viesse com todas as riquezas do sr. marquez dos Sete Castellos.

— Pois então, filho, aqui tens o bolo inteiro e toda a gallinha, e a benção da tua mãe.

E emquanto ella o viu, não se tirou da porta do quintal, pedindo a Deus Nosso Senhor que levasse em bem o filho.

O Pedro foi andando, andando, até que se sentou para descançar á beira d'um caminho. Olhou para traz de si e viu um regato, e mettido n'elle um burro, com a agua quasi a cobrir-lhe a cabeça. E o burro disse-lhe:

— Acode-me, Pedro, se não afogo-me. Estou mettido no lodo e não sou capaz de arrancar-me d'aqui.

O rapaz agarrou-se com uma das mãos ao ramo de uma arvore e com a outra á arreata do burro, e puxou tanto que o animal sahiu d'ali para fóra.

— Obrigado, ó Pedro, disse-lhe o burro, quando se viu em terra firme. Oxalá possa ainda fazer-te um grande favor. Para onde vaes?

— Vou em busca de fortuna.

— Pois se queres vou comtigo, para ver se tambem a encontro.

— Pois vem, mas toca a andar, que se vae fazendo tarde.

Atravessaram d'ali a pouco um logar e viram um bando de garotos, a perseguir um cão que tinha uma lata presa ao rabo.

O cão pediu ao Pedro que lhe acudisse, e o Pedro deu um bofetão n'um dos garotos e o burro desatou a zurrar com tanta força, que todos os outros deitaram a fugir com medo.

— Muito obrigado, ó Pedro. D'aqui por deante nunca mais te largo. Para onde vão vocês?

— Vamos em busca de fortuna.

Foram andando os tres e chegaram ao pé de outra aldeia. O Pedro sentou se no chão, abriu o farnel que a mãe lhe tinha arranjado, e repartiu a comida com o cão. Estavam ambos a comer e a tagarellar, quando appareceu um gato muito magro e enfezado.

O cão ia rosnar-lhe, mas o Pedro aquietou-o e disse ao gato:

— Ai! Pobre bichano! Parece não teres comido n'estes ultimos quinze dias.

— Se não morri já de fome, respondeu o gato, é porque não tenho onde cahir morto.

— Pois então vae rilhando essa aza de gallinha.

O gato comeu, e disse depois:

— Obrigado, ó Pedro. Será atrevimento da minha parte perguntar-te para onde vaes?

— Vou em busca de fortuna. Se queres vem comnosco.

— Vou, sim, e hei de ser teu amigo para a vida e para a morte.

Os quatro metteram-se a caminho e quando iam passando ao pé de um souto de azinheiras, ouviram uma restolhada e viram apparecer uma raposa, com um gallo na bocca.

— Uã! Uã! Larga o pobre bicho, grande ladra! fez o burro, zurrando com tanta força que lembrava um trovão dos mais fortes.

E o Pedro gritou ao cão:

— Salva o desgraçadinho!

Palavras não eram ditas, e o cachorro atirou-se á raposa, que desatou a fugir com quantas pernas tinha.

O pobre do gallo, vendo-se livre, veiu todo a tremer juntar-se ao rapaz e aos seus companheiros, e disse:

— Ai! Em boa hora passaram por aqui!... Já me julgava no papo da raposa malvada! Felizmente nem sequer me feriu! Muito obrigado! Muito obrigado! Cócórócó! Cócórócó! Mas para onde vão vocês?

— Vamos em busca de fortuna, disse-lhe o Pedro, e se quizeres podes vir com a gente.

Continuaram todos cinco a jornada, e foram andando, andando, sem avistar sombra de aldeia nem de casal.

O sol já se tinha escondido e o rapaz disse aos companheiros:

— Como é verão, a noite não ha de ser fria, e o melhor é irmos para aquelle pinhal, onde certamente se arranjará poiso para nós cinco.

Foram, e o Pedro, mais o gato e o cão deitaram-se n'uma caminha de caruma de pinheiro, emquanto o gallo se empoleirava n'um ramo, e o burro ia pastando uma erva muito tenrinha que descobriu perto d'ali.

O Pedro, o gato e o cão já estavam a bom dormir e até o burro se tinha deitado, depois de comer toda a erva, quando, no instante em que ia tambem pregar olho, sentiu o gallo a cantar no poleiro, e a bater as azas.

— Cala-te, mondongo! — disse-lhe elle muito zangado. Porque fazes tanto barulho?

— Porque já vem amanhecendo, e, como sou gallo, tenho obrigação de dar o signal.

— Qual amanhecer, nem meio amanhecer! respondeu-lhe o burro, mais zangado ainda.

— Pois não vês aquella luzinha, lá muito adeante? – perguntou o gallo. É o sol.

— Ai que tu ainda és mais burro do que eu! — disse-lhe o outro depois de se

levantar e olhando para a tal luzinha. Aquillo é uma candeia, que está accesa dentro d'uma casa.

— Podemos ir lá pedir pousada — acudiu o cão, que tinha acordado com o falatorio, assim como o rapaz e o gato.

E foram todos cinco pelo meio dos troncos, das silvas e dos rochedos, e chegaram ao pé d'uma janella onde apparecia a luzinha.

— Não façam bulha — disse o Pedro — e vamos pé ante pé saber que qualidade de gente é a que ali mora.

E assim foram, e viram lá dentro cinco ladrões armados de facas, pistolas e bacamartes, sentados á roda de uma meza, comendo e bebendo.

— Lá vae á saude do marquez dos Sete Castellos! — disse um ladrão, que tinha deante de si um grande pratalhaz de comida e um enorme copazio de vinho.

Outro ladrão respondeu: E á do guarda-portão do marquez, que nos deixou entrar, para roubarmos tanta coisa boa.

E todos os ladrões despejaram para as guelas os copos, emquanto o Pedro dizia em voz baixa aos companheiros:

— Unir fileiras, minha gente, e attenção ao signal que eu der.

O burro assentou as patas deanteiras no peitoril da janella e o cão na cabeça do burro; o gato agarrou-se ao cachaço do cão e o gallo ao lombo do gato.

E apenas o Pedro fez o signal, romperam todos n'um barulho de seiscentos demonios.

— Him! Han! Him! Han! — zurrou o burro; — Ão, Ão, Ão! — ladrou o cão; — Miau! Miau! Miau! — miou o gato; — Có! cócórócó! — cantou o gallo.

— Apontem bem as pistolas, gritou o Pedro, e escangalhem-me aquelles patifes. Não quero que escape nem um só. Fogo!

Repetiram o berreiro e fizeram em fanicos todos os vidros da janella.

Os ladrões tiveram tamanho susto que apagaram as luzes, e fugiram pelas trazeiras da casa até ao sitio mais occulto do bosque.

O Pedro e os companheiros entraram logo, fecharam os postigos, accenderam muitas luzes e comeram e beberam emquanto tiveram vontade. Depois foram descançar, indo o Pedro para a cama, o burro para o curral, o cão para o capacho da porta, o gato para o borralho e o gallo para o poleiro.

A principio os ladrões deram graças a Deus por se verem livres no meio do arvoredo, mas por fim sentiram-se vexados.

— Esta relva sempre faz differença do nosso quarto muito agazalhadinho — disse um.

E apenas o Pedro fez o signal, romperam todos n'um barulho de seiscentos demonios.

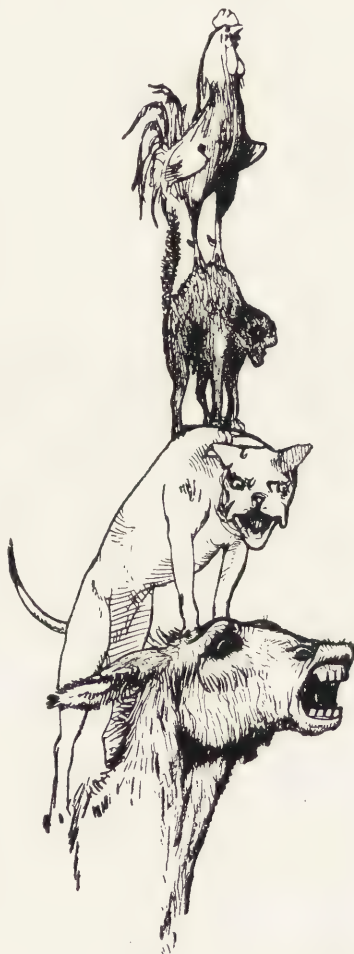
E outro respondeu:

— Tive que deixar em meio a bella petisqueira que estava papando.

E outro:

— Cá por mim não cheguei a beber a primeira golada do vinho que ia emborcar.

E o quarto ladrão disse:

— E todo o oiro e prata do marquez de Sete Castellos que lá deixámos!

— Pois muito bem — atalhou o capitão dos ladrões — afoito-me a voltar atraz e verei se podemos tornar a apanhar alguma coisa.

— Bravo! exclamaram todos os outros, e o capitão voltou sósinho á casa d'onde tinham fugido.

Entrou e encaminhava-se para a lareira, guiado pelo clarão das brazas, quando o gato lhe saltou de repente para a cara, arranhando-o e mordendo-o. O capitão de ladrões soltou um grande berro e tratou de ver se accendia uma luz, mas pisou o rabo do cão, que se lhe deitou logo ás canelas, ferrando-lhe os dentes com quanta força tinha.

— Ai! Que me matam! — berrou o ladrão. Toca a fugir d'esta maldita casa!

Ia já a sahir pela porta da cozinha, quando o gallo, deitando-se abaixo do poleiro, começou a bicar-lhe a cara e dar-lhe com os esporões. Só por um triz é que não lhe tirou ambos os olhos.

Sem saber por onde ia, entrou ás cegas no curral, e ouviu uma bulha muito forte. Era o burro, que zurrava e que lhe mandou uma parelha de coices, acertando-lhe em cheio na parte mais larga dos calções. Foi cahir de cabeça para baixo na estrumeira, e lá ficou uns tempos meio desacordado. Afinal ergueu-se e foi-se arrastando até ao sitio do bosque onde estavam os outros ladrões.

— Então? — perguntou um d'elles — Já podemos ter esperança de recuperar o que é nosso?

— Ai! — gemeu o capitão — Sabem lá o que me succedeu! Quando entrei na cozinha, cresceu para mim uma velha muito horrenda — uma bruxa! — que estava a cardar linho, e... podem ver-me na cara o que ella me fez com os bicos do sedeiro! Corro para outro quarto e dou de encontro a um sapateiro que estava a trabalhar sentado na tripeça e veiu para mim... que altura de homem!... armado com a sovela e com o martello. Se não fez uns sapatos com a minha pelle, foi porque lhe passei o pé com ligeireza. Mas ai! Ia chegando á porta, e já me fazia escapo ao maior perigo, quando me cahiu em cima o proprio diabo e desatou ás unhadas contra mim, e a esfuracar-me com os chifres, na ancia de tirar-me os olhos. Fujo e entro no curral, onde estava um leão, que rugiu e me atirou uma sapatada, fazendo-me ir pelos ares até cem passos de distancia. Se julgam que minto, vão vocês tambem tentar a experiencia.

Os ladrões acreditaram em tudo e safaram-se a sete pés, com medo de que a bruxa, o sapateiro, o diabo e o leão fossem perseguil-os até ali.

No dia seguinte, antes que o sol tivesse sahido de valle de lençoes, já o Pedro e os seus companheiros estavam levantados e a tratar da vida. Almoçaram á ufa com o que tinha ficado da vespera e resolveram ir apresentar-se ao marquez dos Sete Castellos, levando-lhe todo o oiro e prata que os ladrões lhe tinham roubado e que o Pedro metteu dentro de um sacco e poz ás costas do burro. Os cinco puzeram-se a caminho e foram passando valles e montes até que chegaram ao principal castello do marquez.

Cá fora, deante da ponte levadiça, estava o guarda-portão, de cabeça empoada, grande fardalhão de velludo bordado a oiro e com alamares, calção tambem de velludo com um galão de cada lado, meias de seda e sapato de fivela.

Como viu que o Pedro se dirigia para a ponte, o guarda-portão disse-lhe com muita arrogancia:

— Olá, ó amigo, passe de largo! Não tem cá entrada.

— Assim como vocemecê não tem boa educação — respondeu-lhe o rapaz.

— Arredem-se ou corro tudo a pontapés! — berrou o homem de cabeça empoada.

— Assim devias ter feito aos ladrões que roubaram o que era de teu amo, em logar de lhes abrires a porta — disse-lhe o gallo, que se tinha empoleirado entre as duas orelhas do burro.

A cara do guarda-portão poz-se mais branca do que os pós que elle tinha na

cabeça, tanto mais que o marquez dos Sete Castellos e a sua linda filha acabavam de apparecer a uma janella, que havia justamente por cima da entrada.

— Sempre quero ouvir o que respondes ao cavalheiro do Topete Encarnado — disse-lhe da janella o fidalgo.

— Que elle está mentindo, sr. marquez. Pode crer que não abri a porta aos cinco ladrões.

— E como sabes que eram cinco, ó meu pobre innocente? — perguntou-lhe o amo.

— E saiba o sr. marquez que lhe trago aqui todo o oiro e prata que os ladrões lhe furtaram de combinação com este homem.

O marquez dos Sete Castellos desceu logo, a receber o Pedro e os seus companheiros, emquanto o guarda-portão fugia a bom fugir pelos campos alem, com as abas do fardalhão a baterem-lhe nas pernas.

E o fidalgo mandou que o burro fosse para o curral, o gallo para a capoeira, que estava cheia de gallinhas, o gato para o borralho, o cão para o pateo de entrada, e levou comsigo o Pedro para a sala de jantar do castello, e sentou-o á sua mesa, apresentando-o, com muitos elogios, á mulher e á filha.

E a marqueza achou que o rapaz tinha apparencia de pessoa fina, e ainda mais foi d'esta opinião quando o Pedro, n'aquella tarde, appareceu muito bem vestido, com um fato que o marquez lhe mandou dar, juntamente com um bonito relogio, e dinheiro e muitas outras coisas, em paga de elle se ter portado tão bem.

Por fim mandou-lhe que fosse buscar a mãe, e a viuva ficou vivendo no castello, assim como o Pedro e os seus companheiros, todos muito contentes e muito felizes, vindo elle mais tarde a ser mordomo do marquez.

Emquanto ao guarda-portão, esse juntou-se aos ladrões, e morreu com todos elles, n'um assalto que deram a outro castello do fidalgo.

Quando soube isto, o gallo cantou na capoeira:

> Não tenho dó
> Có! Córócó!

E o burro, que andava pastando no campo, zurrou de longe:

> Tenho amanhã,
> Him! Han! Him! Han!

E o gato miou do borralho:

> Roubar é mau!
> Miau! Miau!
> Menos se fôr
> Um carapau!

E o cão, no pateo, ladrou por fim:

> Nenhum ladrão
> Terá perdão.
> Ão! Ão! Ão! Ão

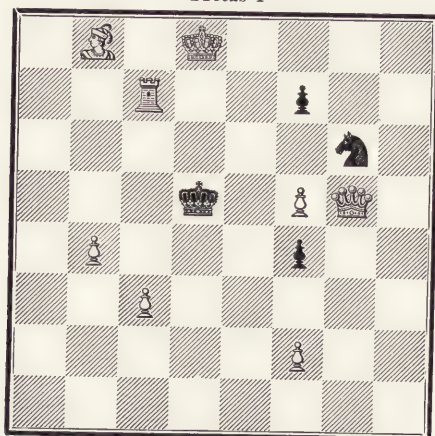
SECÇÃO DE XADREZ por BALDAQUE DA SILVA

N.º 5. Problema directo

Pretas 4

Brancas 8

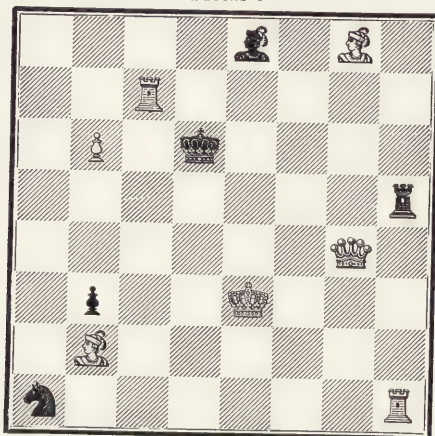
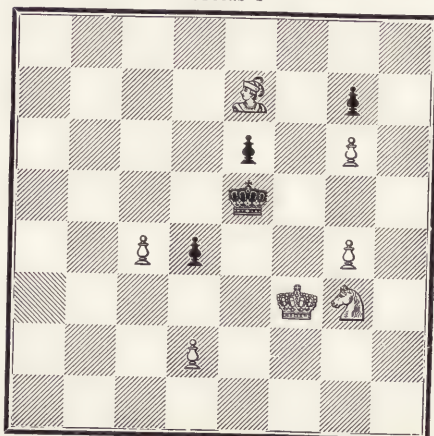
As brancas dão mate em 2 lances.

N.º 6. Problema directo

Pretas 4

Brancas 7

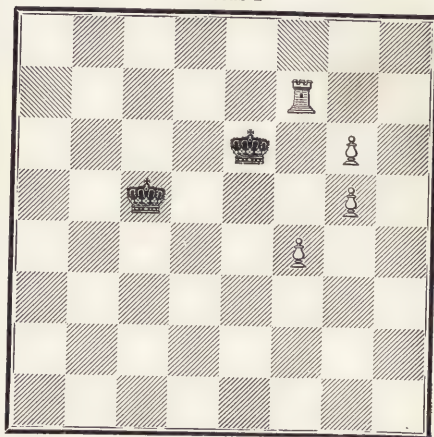
As brancas dão mate em 3 lances.

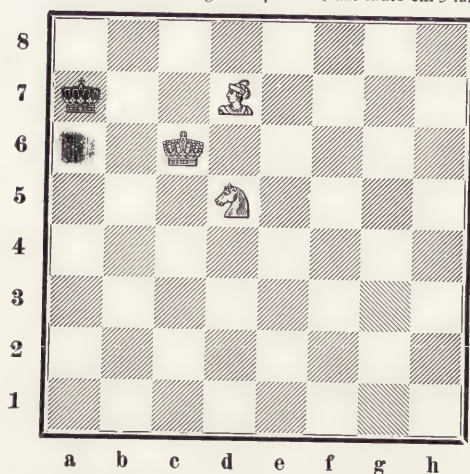
N.º 7. Problema inverso

Pretas 5

Brancas 7

As brancas obrigam as pretas a dar mate em 3 lances

N.º 8. Problema humoristico

Pretas 1

Brancas 5

As brancas dão mate n'um lance.

Mate só com bispo e cavallo — Apresentamos hoje aos amadores a regra para dar o difficil mate, ficando no fim do jogo só com o bispo e cavallo.

Consiste ella em *obrigar o Rei adverso a refugiar-se no canto do taboleiro da côr do bispo.* O exemplo seguinte dá ideia do processo a seguir:

1 $\frac{\text{B c 8}}{\text{R b 8}}$ 2 $\frac{\text{R d 7}}{\text{R a 7}}$ 3 $\frac{\text{R c 7}}{\text{R a 8}}$

4 $\frac{\text{C b 4}}{\text{R a 7}}$ 5 $\frac{\text{C c 6 +}}{\text{R a 8}}$ 6 $\frac{\text{B b 7 =|=}}{}$

E' preciso notar que as jogadas do R preto são as mais desfavoraveis para as brancas.

ERRATA — No problema n.º 1, publicado no numero anterior, o pião **c 6** é branco

Grandes topicos

Na Russia

O velho imperio dos czares acaba de passar por uma radical transformação. Ainda não ha muitos mezes, Nicolau II respondia a uma commissão de subditos que lhe fôra pedir uma urgente mudança de regimen, a bem do Estado e do seu proprio chefe, que estava absolutamente resolvido a manter integros todo o seu poder e prerogativas, pois desejava legar a seu filho, intacta, a herança que recebera de seu pae. Mas os reis põem e os povos dispõem. A breve trecho, o czar viu-se obrigado a ceder. Um vento de revolta perpassava por todo o seu imperio, desde o Caucaso ao Oceano glacial, e ameaçava derrubar, na sua passagem vertiginosa, o throno de Pedro o Grande e de Catharina II. Um minuto de hesitação e era a queda inevitavel e irremediavel.

Cedeu. Mas cedeu, como costumam ceder os homens collocados na situação de Nicolau II — o menos possivel, o *quantum satis* para salvar um throno e acalmar a exaltação de um povo. Daria a este a faculdade de, por meio dos seus representantes, apresentar collectivamente as suas queixas e as suas reclamações ; entretanto — que isso ficasse bem assente — elle, czar, não abdicaria um apice do poder que lhe fora conferido por Deus continuaria a ser o autocrata de todas as Russias, senhor absoluto da vida e dos haveres dos seus subditos, e satisfaria, ou não satisfaria — como lhe approuvesse — as queixas ou reclamações por elles apresentadas.

COMO O POVO RUSSO CONSIDERAVA A DUMA
Do *Kladderadatsch*

Fazem-se as eleições dos delegados do povo. Para que o futuro parlamento — A Duma — apezar das suas reduzidas prerogativas, não causasse embaraços á execução do novo plano governativo, isto é, não pudesse ir alem do que ao czar convinha, as auctoridades começaram por prender todos os candidatos liberaes... e os seus respectivos

EXTRAORDINARIO METHODO DO CONDE DE WITTE PARA SALVAR A RUSSIA EM PERIGO DE SE AFOGAR
Do *Iskry*

Agora que o sol (Rei Eduardo) *sorri novamente sobre a Alleman a, ella aquece-se toda contente aos seus raios.*

Do *Simplicissimus*

tuido. Na sua acção depositaram todas as suas esperanças os cidadãos russos — desde o simples *mujik* ao mais alto aristocrata, estando todos elles absolutamente dispostos a defendel-a até á ultima. D'esta maneira, ou o czar satisfaz as exigencias d'estes modernos Estados Geraes — e a Russia passa a viver no regimen rasgadamente liberal; ou não as satisfaz — e a Russia passa a fazer a Revolução...

A INVASÃO

O Cão—*Se não te safas d'ahi quanto antes, vamos ter chinfrim.*

(A palavra ingleza *Turkey*, que designa a Turquia, significa tambem *peru)*

De *The Tribune*

eleitores. Ficariam assim só em campo os reaccionarios e os que, embora de tendencias liberaes, não causavam ao governo o menor receio.

Concluido, porem, o acto eleitoral em toda a Russia, reconheceu se que a maioria dos eleitos é constituida por... liberaes avançados. E, uma vez reunida a Duma, a 10 de maio, todos elles, que até então haviam calado as suas opiniões politicas, se lançam n'uma formidavel campanha revolucionaria, exigindo do imperador não só a execução do programma do manifesto imperial de 30 de outubro — do qual já elle se esquecera — mais muito mais ainda.

Ora a Duma, tal como está, é um parlamento regularmente consti-

MARUSA SPIRIDONOVA

Revolucionaria russa presa por assassinar um funccionario, condemnada á morte e maltratada por um official na prisão onde morreu. Milhares de photographias d'ella são vendidas na Russia, apesar da prohibição das auctoridades.

Inglaterra e Turquia

PARA aquelles que não conhecem os processos da diplomacia turca, a guerra esteve imminente ha quinze dias, em pleno continente europeu. Eis o caso:

Em virtude de antigos tratados, a cidade de Tabah, situada ao noroeste da peninsula arabica, pertence ao Egypto. A Turquia, porem, que em materia de direitos só reconhece os d'ella, mandou occupar essa cidade pelas suas tropas. O Egypto protestou, mas de nada lhe valeram os protestos. Interveio então a Inglaterra, exigindo do governo de Constantinopla que fizesse retirar as suas forças de Tabah. A

UM VERDADEIRO AMIGO

A Italia permanece, no dizer do Barão Sonnino, fiel á Triplice Alliança, leal á «entente» com a Inglaterra, e prompta a proseguir no feliz entendimento com a França

Do *Kladderadatsch*

A CRISE AUSTRO-HUNGARA

REI OSCAR—*Já tive um pé n'esse estado. Amputei-o, e fiquei melhor. Porque não fazes o mesmo?*

Do *Weekblad voor Nederland*

Turquia, como sempre, tergiversou; seguiram-se as costumadas negociações diplomaticas, até que a Inglaterra, perdendo a paciencia que sempre é preciso ter para tratar com o Ildiz-Kiosk, enviou ao governo do sultão um *ultimatum*: ou evacuava Tabah, ou então era com ella que se havia de entender. Na vespera da expiração do praso para esse effeito marcado no *ultimatum*, chegaram á entrada do Bosphoro cerca de trinta navios de guerra inglezes. Horas depois, as tropas do sultão abandonavam a cidade egypcia.

E assim terminou este incidente—como sempre terminam todos os que a Turquia tem com as grandes potencias...

I — O DOENTE DE MARROCOS...
2 — E COMO O CURARAM.
Do *Wahre Jacob*

nos, a Italia procurou desde logo apertar so laços de amisade que já a uniam á França e, por intermedio d'esta, fazer uma approximação com a Inglaterra, o que facilmente conseguiu.

Assim, a patria de Garibaldi encontra-se presentemente n'uma situação estranha no concerto europeu: por um lado, presa ainda *oficialmente* ao compromisso tomado em 1886; por outro, manifestando ostensivamente as suas novas inclinações, que em absoluto contrariam as bases principaes d'esse compromisso.

Quanto tempo durará essa situação e como ella será resolvida, são duas incognitas que, segundo todas as probabilidades, em breve conheceremos.

A Italia e a Triplice

A Conferencia de Algeciras, convocada para resolver apenas a questão de Marrocos, teve outra consequencia de grande alcance: foi dar o golpe de misericordia na já bastante combalida Triplice alliança. Como se sabe, a Italia collocou-se, n'essa assemblea, absolutamente ao lado da França, o que, como era de esperar, provocou a hostilidade da Allemanha para com a sua alliada, hostilidade manifestada não só na linguagem violenta dos jornaes, como n'um celebre telegramma enviado pelo Kaiser ao ministro dos negocios estrangeiros da Austria.

Virtualmente desfeita a Triplice, a despeito de todos os protestos de fidelidade dos homens de estado italia-

A IDEIA QUE O SULTÃO FORMA DO BANCO MARROQUINO
Do *Kladderadatsch*

A crise austro hungara

Constituido o novo gabinete hungaro, com o concurso dos principaes chefes dos partidos da opposição, a crise austro-hungara entrou n'uma phase mais calma. Transigindo a corôa e transigindo a nação, ficou por um momento afastado o perigo de um rompimento armado, que ha pouco mais de um mez esteve imminente.

A aspiração da alma madgyar continua sendo cada vez mais intensa; provam-no as eleições, que deram ao partido de Kossuth enorme maioria.

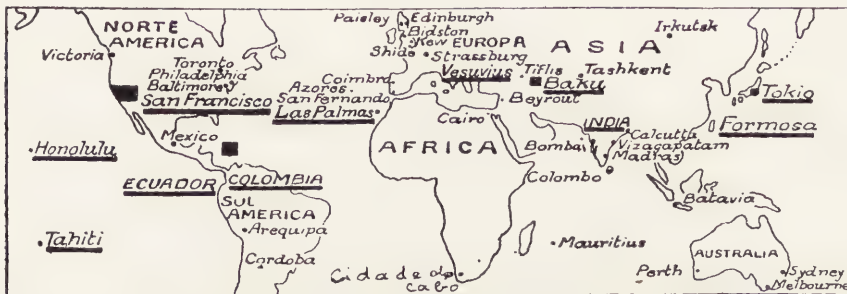
Vida na sciencia e na industria

PANORAMA DA CIDADE DE NAPOLES, COM O VESUVIO AO FUNDO

Os recentes terremotos e as erupções vulcanicas

O PROFESSOR Judde publica sobre este assumpto um substancioso artigo, em que chega ás seguintes conclusões, que summariamos:

1—Os terremotos occorrem em toda a superficie da terra, chegando a registar-se por anno uns 30:000, mas os mais terriveis estão limitados a certas areas hoje perfeitamente definidas. Doze d'essas areas foram determinadas pelo professor Milne, e n'uma d'ellas, a da America Central, está incluida a cidade de S. Francisco da California. As ilhas Britannicas—eis o fausto prenuncio que o illustre sabio faz aos seus compatriotas—acham-se fóra de qualquer d'essas areas, e portanto provavelmente immunes d'uma catastrophe similhante á ultimamente occorrida.

2—Desde tempos remotos que se reconheceu intima connexão entre os phenomenos sismicos e os vulcanicos. Estes ultimos são invariavelmente annunciados ou acompanhados pelos primeiros. Por occasião da erupção do Kilauea (ilhas Sandwich) em 1887, deram-se dentro de 19 horas 618 abalos de terra. Definiam-se d'antes os terremotos como «esforços incompletos para formar um vulcão.» Mas hoje os geologos

AS PRINCIPAES REGIÕES DE PERTURBAÇÕES VULCANICAS E SISMICAS EM 1906

Os districtos affectados teem os nomes sublinhados. Os outros nomes indicam as principaes estações de observação dos terremotos.

PIERRE CURIE

estão convencidos de que, embora as erupções vulcanicas sejam sempre acompanhadas de terremotos, a inversa é absolutamente falsa. Grandes teremotos occorrem em regiões onde não existe o minimo vestigio de actividade vulcanica. Na crosta solida da terra occorrem constantemente fracturas, originando terremotos.

3—O augmento gradual de temperatura, á medida que se profunda na terra, faz suppor que a certa altura as rochas devem estar tão quentes que fiquem no estado fluido ou só pela grande pressão se possam manter solidas.

Mas este augmento de temperatura é differente segundo as localidades. Em alguns casos ella cresce 1.º Fahreneit em cada 20 pés (6m,6) de profundidade; n'outros corresponde egual accrescimo a dez e vinte vezes maior profundidade. Estes caprichos eram difficeis de explicar antes do descobrimento do radio e do calor por elle desenvolvido. Hoje, a explicação pode achar-se nas lentas mas seguras alterações nos elementos chimicos das rochas.

As mudanças de temperatura teem como resultado mudanças no volume das rochas, e portanto deslocamentos de massas colossaes, de centenas ou milhares de milhas cubicas. Alguns d'elles são feitos lentamente, e portanto insensivelmente; outros porem, realisados de subito, dão origem a abalos na crosta solida.

Qualquer causa ligeira pode produzir estes movimentos de rochas, que se acham em equilibrio instavel. Durante uma secca, por exemplo, passam milhões de toneladas de agua para fóra da superficie terrestre, ao passo que a chuva grossa ou a neve dà um grande acrescimo de pezo á crosta da terra. Outras causas meteorologicas influem, e outras mais geraes teem sido invocadas pelos astronomos como produzindo estas distensões que resultam em terremotos e manifestações vulcanicas.

4—Ha pouco mais de trinta annos que, com o auxilio de instrumentos delicados (o sismoscopio e o sismographo), se inaugurou o estudo exacto dos terremotos, e os resultados são já muito animadores. Sabe-se que um grande terremoto em qualquer parte do globo dá origem a abalos, registrados em estações disseminadas por todo o mundo.

Todas as nações civilisadas teem collaborado para este progresso scientifico. Póde-se pois affirmar que não existe estudo com mais ricas promessas de resultados valiosos do que a investigação sismologica.

MADAME CURIE

Morte de Curie

Um desastre banal acaba de privar a sciencia moderna de um dos seus cultores mais abalizados. A 19 de abril, uma carroça esmagou em Paris Pierre Curie, que produziu ha annos com a descoberta do radio tamanho alvoroço no mundo scientifico. Essa transcendente descoberta, em que collaborara notavelmente sua esposa, valeu-lhe o premio Nobel que aos dois foi conferido em 1903.

Em 1904 foi creada para Pierre Curie uma cadeira de physica geral na Sorbonne, sendo nomeada para chefe dos trabalhos do respectivo laboratorio a illustre Madame Curie.

É pois de applaudir que, por morte do grande homem de sciencia, cujo nome está vinculado a uma das mais importantes descobertas do presente seculo, a sua eminente viuva fosse escolhida para o substituir na regencia d'essa cadeira.

É uma leve consolação á dôr causada pela morte estupida do sabio o ter ella dado occasião para esse passo nas aspirações feministas.

ENTRADA DA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE MILÃO

Vida nos campos

JUNHO

Jardins

UMA das flores que maior predilecção merece logo ao principio do mez é sem duvida o *cravo*.

Está tão ligado ás popularissimas festas de S. Antonio o cravo, que não podemos deixar de nos occupar aqui da sua cultura.

Attribue-se ao rei de Anjou chamado Renato a importação d'esta na flor Europa.

O craveiro necessita de muito cuidado. Deve escolher-se para elle uma terra mais siliciosa do que argilosa, e preparar-se antecipadamente á sementeira, que pode ser feita em agosto ou setembro, misturando-lhe esterco de curral e revolvendo-o bem.

A semente pode ser disposta no chão ou em vasos, convindo separal-a no primeiro caso, segundo as variedades, com a distancia de dois a tres centimetros. O local escolhido deve ser bem abrigado, sendo mais commodo semear o craveiro em vasos que se abrigam mais facilmente. A terra deve ser regada diariamente e sem excesso. Logo que a planta lança algumas folhas, pode ser transplantada, podendo sel-o novamente passado um mez ou mez e meio para sitio definitivo no chão ou em vaso maior onde tenha mais espaço para se desenvolver.

Esta planta multiplica-se facilmente por meio de estacas, e ainda com maior segurança, por meio de alporques, ou mergulhias. Consiste este processo em despir de folhas os rebentos mais baixos da planta e fazel-os passar pela terra, conservando debaixo d'ella uma parte do seu comprimento e continuando fora d'ella a sua vegetação. A parte enterrada da haste enraiza e pode então constituir esse rebento uma planta independente se a desligarmos da planta mãe.

Durante esta parte da vida do craveiro, que é n'este mez até ao seguinte, devem as regas ser mais frequentes, sendo de grande utilidade para o desenvolvimento da planta se a agua tiver em dissolução um pouco de bosta de vacca.

O craveiro afilha muito, sendo util á boa qualidade da flôr, desbastar esse afilhamento.

Ha cravos de muita variedade de cores e combinações, sendo o seu aroma delicadissimo. Esta flor vae ganhando cada vez mais a predilecção dos amadores.

Hortas

N'ESTE mez pode fazer-se com vantagem a enxertia de algumas arvores de fructa.

A enxertia é o meio de melhorar a producção de qualquer arvore, quer em qualidade quer em quantidade. Pode tambem variar com isso a natureza do fructo, e as qualidades da arvore.

Attendendo á simplicidade da operação, não se explica a obstinação em trazerem os horticultores para os grandes mercados fructas de sua qualidade, cujo preço de venda, tão pouco paga os trabalhos de cultura e transporte.

FIG. 1

O enxerto mais vulgar é o denominado de escudo.

O modo de operar é o seguinte:

N'uma haste da arvore cujas qualidades desejamos enxertar n'outra, dá-se um córte transversal alguns millimetros acima de um rebento bem constituido. De cada extremo d'esse córte dá-se outro com uma pequena curva cada um a vir cruzar-se dois centimetros, approximadamente, abaixo do rebento, o que forma uma especie de V, ou escudo, d'onde lhe vem a denominação, o qual se levanta com cautela destacando-se sem destruição do rebento.

Na haste da arvore cujo fructo se deseja transformar dá-se outro córte transversal de tamanho egual ao que formou o escudo, e outro vertical perpendicular ao primeiro, formando com elle um I. — O escudo é então mettido dentro da casca levantada pelo golpe vertical do T, fazendo com que o bordo superior ajuste perfeitamente ao bordo da casca cortada pelo córte transversal do mesmo T. Ajusta-se sobre o escudo a casca levantada e amarra-se bem tudo com junco ou raphia, deixando ficar livre o rebento. A ligadura não deve ficar apertada demais, mas sim o sufficiente para ajustar bem o enxerto no seu lugar.

FIG. 2

Passado um mez deve desligar-se e cortar-se a haste obliquamente acima do enxerto tres pollegadas.

Este typo de enxerto é o mais solido e certo, servindo para a maior parte de arvores e arbustos.

Para o amador constitue a enxertia um curioso passatempo com que pode alcançar fructos de grande merecimento.

FIG. 3

Vinhas

E' n'este mez que os ataques da perigosa doença das vinhas, *o mildiu*, se apresentam mais intensamente quando o

tempo lhe corre favoravel, isto é quando a uma certa humidade se junta o effeito do calor.

O flagelo apparece primeiramente nas parras em forma de nodoas empoladas e com uma camada de pó esbranquiçado semelhando assucar.

Isto emquanto á pagina inferior da parra. Na superior apparece, nos pontos atacados pelo lado de baixo, umas manchas mais ou menos amarelladas.

Pelo andamento da doença as folhas apresentam tons variados entre o verde natural, e o amarellado mais ou menos torrado das manchas que se alastram. As folhas assim atacadas caem facilmente deixando o cacho exposto, o que só bastaria para a sua ruina se não fosse tambem invadido pela doença. Quando comtudo o fructo se salva, resente-se sempre da doença que o ameaçou dando um vinho defeituoso.

O tratamento mais vulgar e efficaz é a applicação da *calda bordeleza* em chuva meúda sobre a rebentação como tratamento preventino em fins de abril, e em segundo tratamento agora, epoca mais favoravel ao desenvolvimento da doença.

A calda bordeleza prepara-se da seguinte forma. Toma-se :

2 kilogr. de sulfato de cobre
1 » de cal em pedra
100 litros de agua

N'uma vazilha, que comporte mais de 100 litros, e que seja de madeira ou qualquer material vidrado, deitam se os 100 litros de agua suspendendo na parte superior do liquido um cesto ou panno com os 2 kg. de sulfato. Começando a saturação do liquido pela sua camada inferior, torna-se morosa a dissolução do sulfato, se estiver no fundo da vasilha. Emquanto se opera a dissolução prepara-se em vasilha separada a cal com 5 litros de agua lançada pouco a pouco sobre as pedras. Obtido assim um cesto de cal, lança-se esta gradualmente na solução de cobre mexendo a mistura com um pedaço de madeira.

Composta assim a calda, carrega-se com ella o deposito dos *pulverisadores*, apparelhos de cobre que á maneira de mochila são levados pelos operarios que com a mão esquerda accionam a alavanca de uma especie de bomba que faz sahir o liquido com pressão por uma agulheta, e com a direita dirigem esta para conduzir a chuva por onde é precizo.

A camada do remedio deve ser o mais tenue possivel, para que elle fique depositado sobre a planta, e não seja arrastado para o chão. Depois de seccó deve ver-se a parra revestida das pequenas marcas de calda a qual, se tiver sido bem preparada, se deve aguentar bem sobre a folha e não cahir ao passar-lhe os dedos por cima.

A applicação deve ser feita com bom tempo, e quando não haja vento.

Cada hectare de vinha pode consumir 300 a 400 litros de calda.

Quando o ataque é forte, o que facilmente succede quando se não faz o tratamento preventivo em abril ou maio, pode-se reforçar a composição da calda augmentando até ao dobro a quantidade de sulfato.

Campos

E' n'este mez que o lavrador trata de colher o seu trigo ceifando as searas logo que apresentem o tom amarellado de maturação.

Se o trigo tiver de ser removido a muita distancia para a eira, deve haver o cuidado de o cortar não completamente secco, pois que n'esse estado perde algum grão que se destaca da espiga durante o trajecto.

A ceifa é sempre operação muito animada, especialmente se no rancho se encontram rapazes e raparigas, que em cantigas rimadas com mais ou menos engenho declaram os seus sentimentos não só áquelles a quem se dirigem mas a toda a communidade que os aprecia a seu bel-prazer.

Na grande lavoura em que se apresentam a um tempo á foice grandes searas, não seria possivel ceifar-se tudo a braço de homem, porque o primeiro trigo teria de ser cortado ainda verde e o ultimo secco de mais para que a colheita se fizesse a tempo.

Alguns lavradores contractam em outras provincias homens para augmentar o numero dos que teem na sua região, outros porem lançam mão de machinas, que fazem esse serviço e só requerem um homem e uma junta de bois ou parelha de gado, para serem conduzidas.

É bastante engenhosa essa machina, de que ha duas especies de varios fabricantes. Umas cortam o trigo, juntam-n'o em paveias sobre um taboleiro e depõem-n'o assim junto no chão, onde essas paveias de volume egual e alinhadas em carreiras esperam os atadores que as enfeixam e as ligam com os baraços para serem conduzidos para a eira.

Outras machinas não só cortam e juntam o trigo como tambem o atam com fio especial de pita, deixando ficar os molhos já prompto, a serem carregados.

São de muito engenho as machinas e adaptam-se perfeitamente ás exigencias da nossa lavoura, exigencias que ás vezes se apresentam mesmo durante o trabalho e a que o homem pode de prompto attender por meio de alavancas especiaes que lhe ficam á mão. É por isso bom que o homem estude e pratique bem no manejo do machinismo, para que com o seu concurso indispensavel se complete este conjuncto que tanto beneficio pode trazer á vida economica do nosso lavrador.

Longe de ser este invento prejudicial ao operario vem pelo contrario harmonisar a distribuição de operarios, visto que faltam em certos pontos e abundam n'outros, e alem d'isso facilitam o alargamento das sementeiras, com o que sem duvida lucra o pessoal.

Vida na arte

O Jubileu de Ellen Terry

Foi quasi uma festa nacional para a Inglaterra o quinquagessimo anniversario da estreia artistica de Miss Ellen Terry, considerada a maior das actrizes modernas do theatro britannico.

Este cincoentenario não indica que Ellen Terry seja de edade provecta, pois que aos 8 annos se estreou no papel de Mamilius do *Conto de Inverno* de Shakespeare denunciando desde logo aptidões excep[illegible]es. E d'alli por [illegible]que foi sobretudo no repertorio Shakespeareano que ella encontrou as suas creações mais notaveis, a começar no Puck do *Sonho de uma noite de verão*,

O apogeu da sua carreira gloriosa foi quando, em companhia do grande Irving, ella representou no theatro Lyceum de Londres: Ophelia, Desdemona, Lady Macbeth, Viola, Portia, foram as suas creações culminantes. E ainda hoje, com applauso geral, desempenha papeis das mais variadas indoles, do comico ao tragico. Ainda ultimamente deu um brilho excepcional á representação das *Alegres Comadres de Windsor*, essa admiravel farça do maximo entre os poetas tragicos do mundo.

O seu jubileu foi celebrado com o mais caloroso enthusiasmo, manifestado por pessoas de todas as classes sociaes, a começar na rainha Alexandra que presenteou a grande actriz com uma joia magnifica.

Morte de Ibsen

No momento de entrar na machina esta folha, chega-nos a noticia do fallecimento do grande dramaturgo Ibsen, e lamentamos não lhe poder prestar mais do que a homenagem de ligeiras linhas, para registro do triste acontecimento. O facto porem é de tal natureza, que em artigo especial, e brevemente, se occuparão os *Serões* do homem que no theatro tem originado mais renhidos debates depois de Wagner. Qualquer que seja a opinião a seu respeito, é inegavel que o seu nome accentua uma profunda evolução na litteratura dramatica.

A ACTRIZ ELLEN TERRY

Exposições de arte

No extrangeiro, as exposições artisticas annuaes estão-se realizando com grande concorrencia de trabalhos, entre os quaes não vemos comtudo citados nenhuns de transcendente valor. Estão abertos os dois Salons de Paris e a exposição da Royal Academy de Londres.

Entre nós, a Sociedade de Bellas Artes realisou a sua exposição, notando-se n'ella a quasi completa ausencia dos nomes primaciaes da arte portugueza, com excepção de El-Rei D. Carlos, Carlos Reis, Condeixa e não nos recordamos se mais alguns. Dos novos, apresentam-se brilhantemente os esculptores, havendo obras interessantes dos discipulos de pintura da Escola de Bellas Artes.

Outras pequenas exposições teem demonstrado o interesse que entre nós vão despertando os progressos artisticos. Citamos a de figurinhas, lembrando as de Tanagra, do esculptor Gouvêa, a de pintura e esculptura de Thomaz Costa, a de retratos em relevo sobre sola de Oliveira e Silva, e finalmente a de ceramica de Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro, herdeiro de um grande nome, o de Rafael Bordallo.

Ainda citaremos a de artes femininas, realisada em Paris, com grande gloria para a secção portugueza.

Annuncios dos Serões

A empreza dos **Serões,** com uma importante tira-
em e uma larga circulação em Portugal e Brazil, offe-
ece as paginas supplementares de annuncios nas condi-
ões seguintes, por uma unica inserção.

Annuncios não illustrados

1 pagina	10$000 rs.
1/2 »	5$500 »
1/4 »	3$000 »
1/8 »	1$500 »
1/16 pagina	$800 »

DESCONTOS

Anno 20 %, semestre 15 % e trimestre 10 %.

Annuncios illustrados

UM ANNO

1 pagina	150$000 rs.
1/2 »	100$000 »
1/4 »	70$000 »
1/8 »	50$000 »
1/16 »	35$000 »

Semestre 60 % } Ao preço do anno
Trimestre 40 % }

PEQUENOS ANNUNCIOS

Para commodidade dos annunciantes, a empreza es-
abelece ainda uma secção de ***Pequenos annuncios,*** os
uaes são pagos segundo a seguinte tabella:

Annuncios até 5 linhas, em columna de 1/3 de largura
le pagina, 400 réis por cada inserção. Cada linha a mais
;o réis.

SERÕES
JUNHO DE 1906
RJ
Nº12

Summario

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Pagamento adeantado

Portugal, Ilhas e Colonias		Brazil		Estrangeiro	
		Anno (12 numeros)		Anno (12 numeros)	
Anno	2$200	Moeda fraca	12$000	Frs.	15,00
Semestre	1$200				
Trimestre	600				

Numero avulso em Portugal: 200 réis

No Brazil e Colonias o preço do numero será marcado pelos nossos agentes

Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial.—Calçada da Gloria, 5.

Correspondencia dos «SERÕES»

AOS NOSSOS COLLEGAS DA IMPRENSA

Os *Serões* são em geral devedores de carinhoso acolhimento por parte dos seus collegas da imprensa, e temos o maior prazer em repetir os nossos protestos de gratidão. Comtudo, por vezes, um ou outro jornal deixa de accusar a recepção dos nossos numeros. Conhecemos sufficientemente a faina do jornalismo diario para não attribuirmos taes omissões senão a lapsos de memoria, perfeitamente desculpaveis. Todavia, pedimos com a maxima instancia aos nossos collegas façam o possivel para supprir taes omissões, afim de que o publico seja informado do apparecimento dos nossos numeros. Ficar-lhes-hemos profundamente reconhecidos por este obsequio.

FRANQUIA DOS «SERÕES»

Como publicação periodica, tem a nossa revista direito a meio porte nos correios. Succede porem que alguns dos nossos correspondentes, ao devolver-nos um que outro numero, se esquecem d'essa vantagem e ficam sobrecarregados com a franquia inteira. Para gozar da vantagem alludida, basta collocar na cinta os dizeres: *Serões — Revista mensal.*

Ficam por esta forma avisados os nossos obsequiosos correspondentes, a quem desejamos evitar um prejuizo inutil.

MELHORAMENTOS NOS «SERÕES»

Um quidam, assignante dos «Serões», escreve-nos uma carta muito amavel, em que se conteem, alem de elogios que nos penhoram, conselhos e indicações que egualmente agradecemos.

Pedimos licença para notar que algumas d'essas indicações já de ha muito teem tido realisação, como por exemplo a que se refere a artigos firmados por escriptores conhecidos. A collaboração dos *Serões* afigura-se-nos que tem sido variada e selecta, e abstem-nos de citar os nomes illustres que já teem dado brilho á nossa collecção.

Aconselha-nos o nosso dedicado amigo que sigamos passo a passo o modelo do *Je sais tout* na nossa revista. Não negamos que é excellente o methodo adoptado pelo *Je sais tout*, que desde o 1.º numero temos tido ensejo de percorrer. Entretanto, cada revista tem a sua feição especial, e a nossa approxima-se de preferencia dos *magazines* inglezes e americanos, que são os primeiros modelos do genero. A methodisação das materias, tal como se adopta no *Je sais tout*, offerece graves difficuldades de ordem administrativa e material que seria longo explanar, e que só uma colossal empreza pode vencer. Repare o nosso amavel correspondente que nem os proprios jornaes diarios, de mais larga circulação em Portugal, conseguiram ainda systematisar a materia que preenche as suas numerosas columnas.

A actualisação dos assumptos só na sua parte generica pode ser objectivo das revistas da indole da nossa, e nunca perdemos de vista esse objectivo.

Desejosos de conglobar, em todo o caso, n'uma unica publicação periodica, todos os elementos de justa curiosidade para as sociedades modernas, nós não desdenhamos até a parte concreta das actualidades, ás quaes em todos os numeros consagramos cerca de 8 paginas, porque de mais espaço não dispomos.

Eis o que sobre este ponto se nos offerece responder ao nosso obsequioso amigo. Quanto aos, outros alvitres apresentados pensaremos n'elles. A figurinos masculinos é que não é facil dar cabimento na nossa revista, a não ser occasionalmente. Uma secção permanente estamos mesmo certos que não encontraria um numero muito extenso de leitores.

Outro estimavel correspondente do Porto nos aconselha tratemos de um assumpto *muito interessante e novo na nossa litteratura.* Simplesmente, indica-nos esse assumpto n'uma calligraphia que a todos os nossos esforços de interpretação tem rijamente resistido. Pedimos-lhe o especial favor de nol-o indicar de novo por forma que não envergonhe a nossa habilidade paleographica, que nem o proprio nome do signatario conseguiu desvendar.

O ANNIVERSARIO DOS «SERÕES»

Com este numero 12 completa um anno de existencia a 2.ª serie dos *Serões*. E' occasião de renovar os nossos agradecimentos a todos aquelles que nos teem permittido entrar n'um caminho de prosperidade, pouco vulgar em publicações d'este genero no nosso paiz; aos nossos collaboradores, aos nossos agentes, aos nossos assignantes, aos nossos leitores em geral, aos nossos collegas da imprensa, a todos emfim que nos teem dispensado auxilio e sympathia. Conscios já agora de que esta publicação, a mais barata que em Portugal se tem tentado, corresponde a uma necessidade e representa um elemento civilisador, continuaremos a envidar esforços para a manter á altura que lhe indica a nobreza da sua missão e a melhoral-a constantemente, como até aqui temos feito.

Completa-se com o presente numero o 2.º volume da 2.ª serie, da parte magazine, e o 1.º volume dos supplementos *Os Serões das Senhoras* e *Musica dos Serões*. Para estes ultimos se estão elaborando, como dissemos, umas capas especiaes em percalina, que em breve estarão ás ordens dos nossos estimaveis assignantes e leitores.

Terceiro Concurso Photographico

ABERTO PELOS "SERÕES"

Em artigo especial, inserto no presente numero, apresentamos o programma d'este novo concurso, ao qual são exclusivamente admittidos

Photographos Amadores

e procuramos elucidar os concorrentes sobre os intuitos de natureza artistica que inspiram estes certamens. A elles pedimos pois que leiam attentamente este artigo, afim de comprehenderem bem as condições de ordem esthetica a que teem de subordinar-se, e que n'este logar rapidamente resumimos.

O thema d'este terceiro concurso é o seguinte:

Um quadro photographico de composição, com figuras humanas, ou de animaes, ou das duas especies, n'um scenario de payzagem ou de interior, agrupados de forma a dar qualquer intenção, resumida n'um titulo simples ou n'uma legenda explicativa.

São as seguintes as

CONDIÇÕES

1.ª — As photographias podem ser de qualquer formato, á vontade do concorrente, comtanto que o minino seja 9 × 12 centimetros.

2.ª — As photographias premiadas serão publicadas nos «**Serões**» com o nome e residencia do concorrente. Alem d'isso a direcção dos «**Serões**» reserva-se o direito de publicar, com menção honrosa, todas aquellas que d'isso forem julgadas dignas.

3.ª — A propriedade de todas as photographias premiadas, para os effeitos de publicação, ficará pertencendo aos «**Serões**»

4.ª — A direcção dos «**Serões**» não se compromette a devolver as provas que lhe forem remettidas, a não ser que para isso lhe enviem um enveloppe devidamente estampilhado.

5.ª — A decisão do jury, escolhido pelos «**Serões**», será definitiva.

6.ª — As provas devem ser enviadas á direcção dos «**Serões**» com o boletim que abaixo publicamos, o qual se cortará d'esta pagina e se preencherá devidamente. Caso o concorrente prefira guardar o anonymo até resolução final do concurso, poderá enviar o boletim em sobrescripto fechado, tendo as palavras «Terceiro concurso photographico dos Serões» e um lemma repetido nas costas da prova, ou o titulo da photographia por extenso. N'este caso, só se abrirão os sobrescriptos depois da decisão do jury.

7.ª — Haverá **tres premios,** sendo o primeiro de **10$000 réis;** o segundo **Uma collecção dos quatro volumes da primeira serie dos SERÕES;** o terceiro **Uma assignatura de um anno dos SERÕES,** a qual pode reverter em favor de qualquer pessoa indicada pelo premiado, caso este já seja assignante.

Boletim para cortar e remetter com a photographia

TERCEIRO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS "SERÕES"

Ultimo dia de recepção — 31 D'OUTUBRO

Titulo da photographia: ....

Local em que foi tirada: ....

Nome e endereço da photographia: ....

....

Declaração. — *Declaro que não sou photographo de profissão e que a photographia, que junto remetto, nunca foi publicada.*

Assignatura: ....

Endereço: Direcção dos SERÕES, Livraria Ferreira & Oliveira Lda., Rua Aurea, 132 a 138
No verso do enveloppe a indicação: Terceiro concurso photographico.

Poock
POOCK
CASA
CLAUSEN
RIO DE JANEIRO

Chamamos a attenção para as condições dos annuncios, que inserimos na capa dos Serões.

SERÕES

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

Silhouetes — *Amelia de Freitas Bevilaqua* — Editor, Manuel Nogueira de Sousa — Livraria Economica — 17, Rua Barão da Victoria Recife — 1906 — Pernambuco — Indice: — Algumas palavras antes de abrir o livro — Silhouettes — O amor perfeito — Paiz dos sonhos—Juramento—No campo —Meu noivado — Razel — Jandyra — 1 vol, in 8.º com perto de 200 paginas impresso em bom papel de luxo.

Jornadas no Minho — D. João de Castro — 1 vol. in 8.º com perto de 400 pag. — Impressões, aventuras e travessuras de dois excursionistas meridionaes — Lisboa, Ferreira & Oliveira Limd Editores

Bom Humor — João Chagas — 1 vol. in 8.º com perto de 400 pag. — Tres annos de camaradagem e collaboração com Raphael Bordallo Pinheiro. — Lisboa, Ferreira & Oliveira Limd. Editores.

Manual do medico sanitario — 1 vol. in. 8.º com perto de 400 pag. enc. — Accacio Guimarães e Cassiano Neves medicos pela Universidade — Adoptação portugueza do *Prontuario dell Igienista* de E. Van Esmark e Francesco Abba — Lisboa, 1906 Ferreira & Oliveira Limd. Editores

Problema feminista — Olga Moraes Sarmento da Silveira — Conferencia realisada na «Sala Portugal» da Sociedade de Geographia de Lisboa na noite de 18 de maio de 1906, anniversario das convenções de Haya.

Angela Pinto — 1 vol. in 8.º com perto de 200 pag. — Esboços, homenagens e apreciações criticas de varios escriptores, muito illustrado com diversos retratos da actriz — Lisboa, 1906 — Livraria Editora Tavares Cardoso.

Renascença — *Revista mensal illustrada* — Anno III — n.º 26 — Abril de 1906 — Summario — Mortos illustres, Vieira Fazenda — Imagens, (soneto) Luiz Guimarães — A noiva do Golfinho, Xavier Marques — A Egreja de S. Pedro, Araujo Vianna — Os teus cabellos, C. Tavares Basto — Cruz e Sousa, Hemeterio dos Santos — O Brazil Social, Sylvio Romero — Escola de Bellas Artes, Victor Vianna — Cantiga ao genio de meus lares, Alberto Torres — A alvorada de hoje, Dr. Pires de Almeida — Chronica musical, Iwan a'Hunae — Jornalistas argentinos, Alcibiades Furtado — Historia de uma cruz, J. C. Vidal — Aristo, Rodrigo Octavio — A actual Directoria do Instituto Historico, Dr. A. Cunha Barbosa.

Revista de minas — Commercio, Industria e Lavoura — n.º 2 — Abril — 1906 — Distribuição gratuita.

Revista Portugueza, *Colonial e Maritima* — n.º 103 — 9.º anno — 18.º vol. — 20 de abril de 1906 — Summario. — Alumiamento e balisagem da bahia de Lourenço Marques — (Concusão) por Hugo de Lacerda. — Reorganisação dos hospitaes em Inglaterra, por A. Apra — Alguns factos passados no districto de Lourenço Marques no tempo da guerra anglo-boer, (Continua) por Carlos Ramos Machado — Dados genealogicos e biographicos d'algumas familias fayalenses, Continua) por Antonio Ferreira de Serpa — Notas navaes, por E. de V. — Revista Ultramarina, por Augusto Ribeiro. — Livros e publicações periodicas recebidas — Informações commerciaes — Generos viudos d'Africa para o mercado de Lisboa.

Vera-Cruz — Quinzenario Politico, Litterario e Humoristico — Anno III — n.º 11 — 6 de maio de 1906.

No seu artigo de fundo explicando a suspensão do *Vera-Cruz*, começa assim

O *Vera-Cruz* não morreu.

Dormia sobre os tropheos colhidas durante a sua honrosa missão. Hoje, porém, elle se apparece armado e equipado, e prompto para a lucta, é que assim o exigem as necessidades da terra que o viu nascer...

A Construcção Moderna — Revista Illustrada — Anno VI — n.º 32 = 20 de maio de 1906 — n.º 189 — Summario — Casa do Sr. Ernesto Empis, em construcção na Avenida Duque de Loulé tornejando para a rua Luciano Cordeiro. Architecto Sr. Antonio Castro — Liquifação do ar — Novas minas de diamantes e outras pedras preciosas — Substancias explosivas — O Edificio da Assistencia Nacional aos Tuberculosos — Os affluentes occidentaes do caminho de ferro de Simplon — Uma casa no Porto — Serviços meteorologicos — Candeeiros com tres luzes — Theatros e Circos.

Illustração theatral — Serie I — 1-4-906 — Emilia d'Oliveira — De raspão — Os teus beijos — Novo barytono portuguez — Paga dobrada — Zig Zags — Chronica lyrica — Descantes — Pagina Internacional — Qual é a actriz portugueza mais bonita? — A' imprensa.

Os annaes — Semanario de Litteratura, arte, sciencia e industria — Rio de Janeiro — Anno III — n.os 80, 81, 82, 10 de maio, 17 de maio e 24 de maio de 1906.

Boletim photographico — n. 73 — Janeiro de 1906 — Setimo anno — Summario, dos principaes artigos — Setimo anno — Impressões de negativos duros — Uma galeria de pannos brancos = Photographias de interiores — Tom azul — Productos e material novo — Formulario, etc.

Este numero veio muito atrazado pelo motivo do seguinte, que vem publicado como expediente:

Uma modificação importante a fazer no arranjo e aspecto do **Boletim**, e que ia constituir agradavel surpresa para os seus leitores, fez com que demorassemos a publicação do primeiro numero d'este anno.

Não podendo, á ultima hora, pôl-a ainda em execução sem agravar o atrazo já grande do **Boletim**, decidimos adiá-la para o proximo anno, pedindo de tudo desculpa aos nossos leitores.

Echo Photographico — Jornal de Propaganda Photographica — Anno I — n.º 1 — Junho de 1906 — Grande numero de artigos sobre a photographia e uma estampa de uma photographia em fino papel, em photogravura a côres, sendo a vista d'um bello *trecho d'uma quinta na Ilha da Madeira.*

A vinha portugueza — *Revista mensal de Viticultura e agricultura geral* — Dedicada aos progressos agricolas, e principalmente viticolas, do paiz.

Publicada e dirigida por *F. d'Almeida e Brito* antigo inspector geral dos serviços phylloxericos, depois chefe da repartição d'instrucção agricola e mattas e actual inspector dos epiphystios e *Adolpho F. Fassio*, com a collaboração dos mais distinctos agricultores, viticultores e agronomos portuguezes e estrangeiros.—Anno XXI—Maio de 1906—n.º 5—Summario.—Chronica e noticias—F. d'Almeida Brito.—Vinificação—A. L. U (Continuação)—O. Pourridie — A. Fassio — O verão e o vinho — Z. — O trust dos vinhos do meio dia de França — Consultas 19 — Occasião da applicação 20 — Riparias & Rupestris 3306 e 3309 — Trabalhos no mez de Junho.

PARA A CERA DE SANTO ANTONIO!

Quadro de Manuel Maria Bordallo Pinheiro
(1876)

ANTIGO MOSTEIRO DE SANTA CLARA, EM COIMBRA

A Rainha Santa

O culto de Izabel de Aragão — A biographia virtuosa d'uma Santa — O antigo mosteiro de Santa Clara — Suas recordações historicas — Uma bella peça de architectura que se submerge. . . — O novo mosteiro — Trasladação dos restos da Esposa de D. Diniz — O seu tumulo — A crença popular: milagres e superstições — Como se tem representado a figura sacra de Santa Izabel — A obra de Teixeira Lopes.

Já bem perto, nos primeiros dias de julho, quando as varzeas e os campos parecem dolentemente adormecidos na placida ardencia, que lhes trazem primeiros calôres do estio, e toda a vegetação risonha das mil cambiantes da faustosa e terna paizagem das margens do Mondego patentêa, em multipla reverberação metallica, a prodiga exuberancia de sua seiva, a esposa do rei *lavradôr*, a gloriosa Rainha Santa, como já se dizia em tempos recuados de Affonso V, tem a sua festa, cheia de uncção popular e tocante apparato de crença.

É por certo um dos cultos mais sinceramente abraçados pela alma singela do povo e, em terras de Portugal, uma das tradições mais fervorosamente votadas, mais intimamente radicadas e mais suavemente tecidas de terna e mystica essencia, o de Izabel de Aragão. Assim devia ser. O espontaneo, brusco e vivo sentimentalismo da alma dos simples é como barro virgem em mãos de artista caprichoso; submisso, n'uma receptividade quasi irresistente, obedece aos contornos e feições primeiras, ás novas circumvoluções e delineamentos variados e multiplos que lhe transmittem as mãos nervosas do artifice. A forte impressão do sobrenatural, o facto que alarma a consciencia e faz crepitar viva a chamma da imaginação cava semelhantemente sua mais profunda senda, toma vulto, logo predomina na inspiração e pratica, n'uma mais intensa remodelação, recolhe tradições,

lendas e milagres na sua mais transcendente significação, e é desde já um culto, uma poderosa influencia de mais alto que faz ajoelhar, curvar as mentes e bater nos peitos. Ás vezes uma tunica esfarrapada, uma vida solitaria e precariamente vegetariana, um repto de eloquencia illuminada ou um gesto mais persuasivo e caloroso, fizeram um apostolo, um martyr, um santo, tanto bastando para conquistar adeptos, invadir reverentemente o espirito suggestinonado das turbas. E como quer que todos estes effeitos, como radicalmente filhos que são da natureza humana, têm muito de externamente patenteado e convincente, attrahindo o olhar e por egual alliciando o sentimento — o idealismo, as formulas ardentes da crença revestem tanto maior e mais vitalisado symbolismo, se apraz além no passado ir chumbar seus primeiros élos na ampla lapide d'um acontecimento historico, no tumulo e memoria d'uma grande e poderosa figura, acaso o perfil modesto d'um romeiro ou a irradiante e excelsa magnanimidade d'uma nobre, d'uma virtuosa testa ungida.... A Rainha Santa pertence legitimamente a esta ultima categoria.

TUMULO DE PRATA DA RAINHA SANTA

A ESPOSA DO REI LAVRADOR — SUA EXISTENCIA — UMA IMAGEM DO SECULO XVI — UMA BIOGRAPHIA AUTHENTICA : «A LENDA DA RAIHNA SANTA».

Ha algumas bem contadas centenas de annos, por entre a clamorosa rudeza medieval, n'uma edade de espontaneo e fecundo sentimentalismo e de grandes e profundas excitações, quando a imaginação abrazada dos povos mergulhava bem intensamente na plena necessidade do *sobrenatural*, uma mulher de alma candida e generosas intenções creou a sua obra de suggestivo e elevado mysticismo. Viveu uma vida inteira de Bondade, Luz e Amôr, esmolando, enxugando lagrimas, curando males e dôres, n'uma pratica incansavel de sãos exemplos e superiores ensinamentos, despertando affectos puros por élos de concordia, semeando o Bem, a Harmonia e a Fraternidade. Realisou em si e no mundo aquelle ideal de existencia, pura e fertil, de sobrelevada essencia e excelsas normas, distribuindo o perdão e o óbulo, n'uma tarefa immensa de dedicação, trilhando com humildade aquella senda tortuosa e anor-

mal da vida, que os homens interpretam olhando o firmamento e chamam santidade. É singularmente verdadeira e justa, d'entre as varias versões de que sobre a pessoa da Rainha Santa dá testemunho a iconographia liturgica, uma illuminura do seculo XIV, em que a esposa de D. Diniz nos apparece, revestida d'um pobre habito de estamenha, em vez das vestes reaes, cingido pelo cordão de esparto franciscano, na cabeça um véu de freira e corôa de espinhos, e na mão um crucifixo, com a divisa ao fundo: «Crux et spinea Domini mei sceptrum et corona mea».

COLLAR DA RAINHA SANTA
De ouro com algumas pedras e perolas

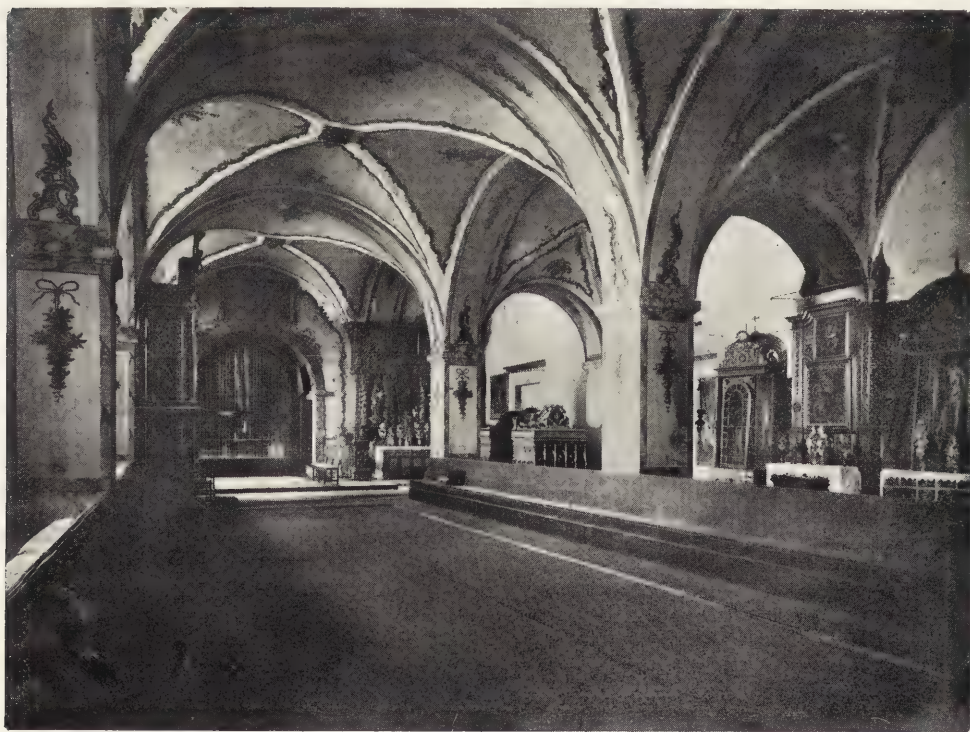
Existe um livro simples, sinceramente recolhido da bocca do povo, que é a mais pathetica, curiosa e primeira resenha e biographia da esposa do Rey D. Diniz: a «Lenda da Rainha Santa» que frei Brandão não esqueceu inserir na «Monarchia lusitana». Alli, bem pormenorisada e intima, familiarmente narrada, a existencia evangelica de Izabel de Aragão decorre ante o leitôr, do nascimento

CORO DE BAIXO E TUMULO DE PEDRA DA RAINHA SANTA, NA EGREJA DE SANTA CLARA

IMAGEM DA VIRGEM DO PILAR
QUE SE DIZ TER PERTENCIDO A RAÍNHA SANTA

Em prata artisticamente burilada, tendo os escudos de Portugal e de Aragão, alternados por toda a correia que a cinge, e cuja extremidade pende adeante. Assenta sobre duas cabeças de leão. No peito da imagem ha um relicario.

á morte, reproduzindo alegrias e tristezas, trabalhos e desgostos, dando testemunho franco de suas devoções, praticas de caridade e até virtudes domesticas, em linguagem chã e despretenciosa, com o sabôr reverente de paginas amarellecidas e archaicas. As virtudes excelsas da soberana, a sua dedicação, dotando donas e donzellas, provocando com lagrimas uma reconciliação, vestindo e alimentando a indigencia, e até simulando ignorar culpas, criando e dando abrigo aos filhos naturaes de D. Diniz, n'uma esplendorosa e recolhida magnanimidade de coração, resaltam e commovem a cada pagina da «Lenda» e das narrações lavradas pela ingenuidade monastica em suas chronicas, biographias, agiologios e devocionarios.

Morto el-rey, a rainha renuncia mais terminantemente ao mundo, sem esquecer resalvar algumas de suas justas prerogativas. Veste o habito de lã e cinge-se com a corda nodosa das freiras de Santa Clara, vela sua cabeça com o panno de linho das noviças e, um anno passado sobre o passamento de D. Diniz, foi fixar sua residencia nos Paços de Santa Clara. Tempos após, abalada já sua saude pelos trabalhos, cilicios e declinar dos annos, a virtuosa esposa de D. Diniz, victima do *carbunculo* conforme a opinião erudita do Snr. Dr. Garcia de Vasconcelloz no seu notavel estudo «Izabel de Aragão», esmorecendo pouco a pouco e cerrando suavemente os olhos, balbuciando uma ultima prece, findou tranquillamente. a sua existencia terrena N'aquelle momento a Rainha Santa iniciava uma segunda vida, gloriosa, perenne, ternamente sobrehumana!

QUADRO QUE SE DIZ DO SECULO XIV

O original está em Colonia, sendo esta reproducção de outra que pertenceu a el-rei D. Luiz e já foi publicada na obra «Rainhas de Portugal» de Benevides. É desenho de Columbano e gravura de Alberto. Inserta na obra do Dr. Garcia de Vasconcelloz.

O VELHO MOSTEIRO DE SANTA CLARA — UMA PRECIOSIDADE E UM PROBLEMA DE ARCHITECTURA GOTHICA — O CLAUSTRO AMENO DAS FREIRAS CLARISTAS — AGUA DA FONTE DOS AMÔRES — RUINAS VENERANDAS.

Galgada a ponte que então ligava as duas margens do Mondego, á esquerda, poucos passos entrados no chamado burgo de Santa Clara, deparava-se com o antigo e bello monumento da mesma invocação, a instituição de D. Mór Dias, que a Rainha Santa escolhera para manso recolhimento de sua viuvez.

Na planicie fertil e bem regada, dentro dos limites d'uma ampla cêrca rasgada ao poente pela portaria encimada por uma grande e florida *rosacea*, e por isso denominada *porta da rosa*, erguia-se o velho mosteiro, sumptuoso, severo mas elegante e bem destacado, rasgando os ares com a sua bem delineada contextura gothica, n'um perfeito acabamento de estylo e geraes delineamentos.

ILLUMINURA DO SECULO XVI, REPRESENTANDO A RAINHA SANTA
Copia de uma gravura inserta na obra do Dr. Garcia de Vasconcelloz

As naves da egreja offereciam uma extranha particularidade, como observa um erudito; a central era mais larga ao fundo do côro do que junto da entrada da capella-mór, e as naves lateraes ao contrario são mais estreitas no tôpo occidental do que no d'oriente: o caso constitue um verdadeiro problema architectonico.

ANTIGA IMAGEM DA RAINHA SANTA

As naves vinham terminar em ábside, sendo as duas lateraes bem mais pequenas que a central, e em cada uma dellas, segundo a erudita referencia de Filippe Simões, «os capiteis das columnas são mais perfeitos que os outros da egreja. A abobada é muito elegante, á maneira de cupula e artezoada». Do lado norte um portico magestoso, tendo fronteiro um alpendre hoje quasi completamente destruido, dava entrada aos fieis. Cruzes rematam a construcção, a do oriente tendo gravado um escudo com as quinas em uma e outra face, e a do lado occidental com quatro escudos, dois com as quinas de Portugal e dois com as barras de Aragão.

O templo, a que acabamos de fazer rapidas referencias, offerece ainda a curiosidade architectonica de haver dentro d'elle *outra egreja*, pequena e inteiramente distincta da principal. Ao fundo, sobre a abobada e no corêto ficava o tumulo da Rainha. O claustro principal do antigo mosteiro era de vasta e sumptuosa architectura, segundo o descreve a chronica de

Esperança, transcripta no notavel estudo do Snr. Dr. Garcia de Vasconcelloz. As arcadas que o cingiam, de primoroso lavôr e rêde de pedra, sustentavam abobadas, sobre as quaes havia amplos terraços em toda a volta.

Ao centro espelhava o céu e a luz um grande e aprazivel tanque, alimentado pelas aguas de muitas fontes, e entre ellas *a dos Amôres,* da quinta do Pombal, hoje quinta das Lagrimas, e jorrando pela bocca de variadas figuras, sendo a maior uma serpe mansamente enroscada no braço d'uma nympha. Ainda para além ficava o refeitorio e junto a elle uma casa formosissima sobre columnas e arcos, onde as freiras vinham lavar suas mãos n'um curioso chafariz.

De toda esta sumptuosidade hoje apenas restam as paredes e abobadas do côro e egreja, tendo já desapparecido a propria ábside central. O abandono a que se tem votado esta gloriosa peça architectonica constitue por certo uma das paginas menos honrosas da historia da arte portugueza.

Na sua constante obra de demolição, o Mondego soterrará um dia a ultima pedra do venerando edificio, e ter-se-ha assim inteira e ingloriamente sepultado um dos mais curiosos e bellos specimens da architectura gothica em Portugal!

IMAGEM MODERNA DA RAINHA SANTA
Esculptura de Teixeira Lopes

A OBRA CARITATIVA DA RAINHA SANTA — HOSPICIO E PAÇO — UM POUCO DE HISTORIA — O NOVO CONVENTO E D. JOÃO IV — A TRASLADAÇÃO SOLEMNE — O SAQUE DA GENTE FRANCEZA — VISITAS REAES AOS RESTOS INCORRUPTOS DA RAINHA SANTA.

Junto ao mosteiro mandara a Rainha Santa construir, além de seu Paço, um hospicio para pobres e mais outros edificios. Beneficiar os infelizes foi desde então, mais que nunca, seu fim exclusivo, e os chronistas de Izabel de Aragão lembram com singeleza o que succedeu no calamitoso anno de 1333, em que a Rainha, esmolando sem conto, albergando os sem pousada, e até mandando sepultar e rezar responsos aos mortos, quasi se arruinava e esteve a ponto de não ter com que passar. Isto lhe observavam os familiares; porém a soberana a nada attendia senão a alliviar a desgraça, espalhando o bem e o amparo, n'uma prodigalidade fecunda e celestial de virtude e radioso contentamento.

Mas todos aquelles logares de suave recordação historica foram ruindo, sorvidos pelas aguas do rio. Testemunhas da bondosa existencia da Rainha Santa, aquelle templo e paredes, que têm vinculadas datas memoraveis da historia portugueza, vivem hoje de recordações abstractas, reminiscencias tra-

zidas a lume pela penna dos eruditos. Alli se sepultaram os restos de Ignez de Castro, «a misera e mesquinha», antes da sua trasladação solemne para Alcobaça; o Mestre de Aviz, defensor do reino, foi acclamado de suas janellas e campanario; na capella sepulcral da Rainha Santa contrahiu D. Duarte matrimonio com a infeliz D. Leonor de Aragão; n'aquelle templo orou o infante D. Pedro, o «Regente», nos ultimos momentos de vida que lhe precederam a cilada ignominiosa de Alfarrobeira, como sob suas abobadas pronunciou seus votos e fez profissão religiosa D. Joanna de Castella, segunda mulher de Affonso V, *a excellente senhora*; e foi tambem do pulpito da veneranda egreja do antigo convento de Santa Clara, que a austera e virtuosa figura de D. Frei Bartholomeu dos Martyres pronunciou, perante a leviana côrte de D. Sebastião, uma das suas mais clamorosas e sãs prédicas de evangelica e desassombrada eloquencia.

CRUZ PROCISSIONAL DE AGATA

Centro e engastes de prata burilada e dourada. Tem os escudos de Portugal e Aragão.

Em fins do seculo XVII o templo ameaçava franca ruina. Então D. João IV ordenou a mudança do convento para o vizinho monte da Esperança, sitio devéras pittoresco e de largas e bellas vistas, o Marquez de Marialva D. Antonio Luiz de Menezes foi encarregado da superintendencia das obras, e a frei João Turriano, architecto notavel e lente de mathematica da Universidade, foi incumbida a planta do edificio (1).

Finalmente, em julho de 1696 realisou-se com grande e faustosa solemnidade a trasladação, que era a terceira, do corpo da Rainha Santa para a ampla egreja do novo mosteiro de Santa Clara.

O caixão com o corpo de Santa Izabel foi introduzido no tumulo de prata, que tinha sido collocado anteriormente na tribuna especial para isso fabricada, acima do altar-mór e por debaixo do throno. Não seria, porém, ainda o definitivo logar. O saque dos exercitos de Bonaparte, escorraçados do Bussaco, apavorou as

CALIX DO SECULO XIII

(1) Snr. Dr. *Garcia de Vasconcellos* — Izabel de Aragão — pag. 498 e seguintes. D'esta obra temos extrahido grande somma de apontamentos historicos.

CRUZ PROCESSIONAL DE CRISTAL E PRATA DOURADA

Diz a tradição do convento ter pertencido á Rainha Santa, mas na opinião do Sr. Dr. Garcia Vasconcelloz, mais parece obra do seculo xv

freiras; encerraram o corpo da Rainha Santa n'uma cella, d'onde foi tirado annos depois e conduzido para o côro do mosteiro, para estar mais commodamente disposto para ser venerado pelas pessoas reaes que o têm visitado. Estiveram alli D. Miguel, D. Maria II, D. Pedro V e seus irmãos; e já tambem se patenteou o corpo incorrupto de Santa Izabel ante a presença do fallecido rei Humberto, do rei D. Luiz e da Rainha D Maria Pia, do infante D. Augusto, do imperador do Brazil D. Pedro II e dos actuaes monarchas portuguezes.

D'uma das vezes que se realisou o acto da abertura do tumulo da Rainha Santa e foram

RAMO DE CORAL SOBRE DOIS LEÕES DE PRATA

Serve de sustentaculo a um relicario do mesmo metal contendo um fragmento do Santo Lenho. Tambem tem as armas da Rainha Santa.

patenteados seus restos, existem curiosos documentos transcriptos na obra do Snr. Dr. Garcia de Vasconcelloz.

O acto solemne, a que nos referimos, foi em principios do seculo XVII, em 1612. N'uma carta particular, o licenciado Manuel Martins, secretario do Bispo-Conde D. Affonso de Castello Branco, dá testemunho simples do que viu e observou. Contemplou o rosto senhoril (mui alvo e formoso, accrescenta n'um escripto outra testemunha presencial, o Dr. Balthazar d'Azeredo, ao tempo lente de prima jubilado de medicina na Universidade, physico mór de Sua Magestade e um dos peritos que assistiram á abertura do tumulo), os cabellos louros e toda a incorrupta figura muito semelhante á que repousa na lapide tumular. O corpo estava envolto n'um tecido encerado, n'uma ampla colcha de seda branca e em pannos como lençoes. O tecido encerado de duas dobras era tão forte, escreve ainda n'uma carta tambem transcripta o mestre Sebastião Coutinho de Sousa, que se não poude abrir senão com um escopro de carpinteiro. Em cima d'este tecido estava um bentinho, porventura a bolsa de esmolar da Rainha, e um bordão como muleta, com as pontas engastadas em ouro ou prata dourada e cravejado de muitas conchinhas. A Rainha Santa, dissera o physico-mór, parecia ter morrido na vespera!

O tumulo onde se encerram os restos da Rainha Santa é obra notavel. Em fórma de arca monumental, tem quatro faces amplas de bello e alto relêvo, n'uma variedade bem estylisada de motivos e decorações, bem cavados nichos bem talhadas figuras, elevando-se magnificente até ao alto, a larga pedra e cobertura sepulcral, sobre a qual descança a estatua da Rainha, cuja fronte se abriga na sombra d'um baldaquino de boa altura. A attitude e expressão são humildes e significativas: a soberana sobraça o bordão de peregrina, o livro de orações e a bolsa bem recheada de moedas, cujas fórmas redondas se salientam na pedra. A tradição, trazida singelamente pela crença ingenua do povo, refere que, quando nos momentos de crise da patria portugueza, se espalha sempre pelo templo suave aroma exhalado do tumulo; e é lenda que do rosto da estatua da Rainha Santa, jacente em seu tumulo, deslizaram copiosas gottas de suor n'aquelle dia nefasto da infeliz jornada de Alcacer-Kibir!

A OBRA DA CRENÇA POPULAR — CURAS E MANIFESTAÇÕES SOBRENATURAES — A RAINHA SANTA E A ARTE

O culto da Rainha Santa Izabel, ainda hoje profundamente enraizado na alma e crença do povo portuguez, tem amplas e veneraveis tradições historicas. As chronicas, biographias e devocionarios que se referem á Rainha Santa nserem longas resenhas, ferteis divagações, relações de milagres, o producto sincero da pratica religiosa popular coada atravez do mysticismo monastico dos seculos passados. Curas de surdos, e cegos; ulceras sanadas; paralyticos recuperando perdidos movimentos, e a tradição que nenhum chronista esquece do liquido aromatico que escorre sobrenaturalmente do ataúde da Santa... A representação material da imagem venerada tem surgido sob diversa e multipla fórma na imaginação dos artistas; a arte acompanhando racionalmente a inspiração do vulgo, que sempre e necessariamente concretisou os objectos de adoração, n'uma synthese material, visivel e palpavel que vae desde a philosophica concepção pantheista até aos rudes e reduzidos delineamentos da estatueta, da imagem, ou da illuminura.

A primeira imagem da Rainha Santa, segundo dá nota Papiniano, apresentou-a trajando vestes reaes, coroada, tendo no regaço rosas brancas e vermelhas, symbolismo todo que resurge na concepção ultima de Teixeira Lopes. A imagem é do seculo XVI, como ao mesmo seculo se attribue o typo iconico da Rainha Santa, a que já nos referimos, de estamenha, véu de freira e coroa de espinhos.

Tem-se representado ainda sob outra forma, imitação da estatua sepulcral: vestida de freira clarista, coroa real cingindo o véu, que lhe cobre a cabeça e na mão o bordão de peregrina. Em Braga, diz ainda o Snr. Dr. Garcia de Vasconcelloz, apparece outro typo: D. Izabel vestida de Rainha, com toda a opulencia e magestade da realeza; a fimbria do vestido, um pouco levantada, deixa vêr a estamenha do habito franciscano, que está por baixo.

Das representações referidas, a mais vulgar é a primeira, tendo-se-lhe addicionado um pobre que, de joelhos junto da Rainha, recebe a esmola d'uma rosa, cujas petalas mal encobrem uma moeda de ouro.

A ultima concepção artistica da imagem da Rainha Santa é a do grande artista Teixeira Lopes. Á luz da sua bella e alevantada imaginação, natural e simples, escutando a inspiração do povo e acalentando bem no amago da sua profunda alma toda aquella singela intuição que dá vida ao bloco frio e significação ao marmore mudo, o esculptor firmou e consagrou elevadamente uma das suas mais tocantes, perfeitas e immortaes producções. Por certo Teixeira Lopes não *creou*, arrancando, n'um esforço espontaneo e repentino, n'um clarão

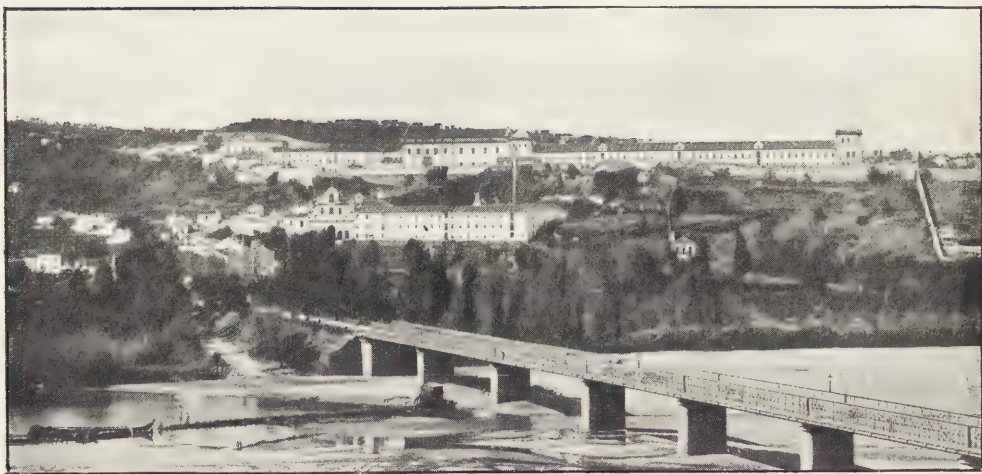
CALIX QUE SE SUPPÕE OFFERECIDO POR EL-REI D. MANUEL AO MOSTEIRO CLARISTA

Para servir ao culto da Rainha Santa, quando veiu de Roma o privilegio da Beatificação — Photographia de J. Sertorio e phototypia de E. Biel.

scintillante de imaginação, uma figura incognita (não querendo nós dizer que a imaginação e mente do grande artista não sejam capazes de *motivar* n'uma poderosa *originalidade conceptiva)*, do que era *nada*, tosco uniforme e inexpressivo, e agora é bello, sublime, olympico e divinal....

Soube, porém, com extraordinaria e inexcedivel correcção de escopro, resuscitar Izabel de Aragão, dar-lhe luminosa e soberana vida na plana d'um pedestal, com suas vestes cheias de humana e natural compostura, suas mãos delicadas e em suave intenção, e principalmente na bondosa e humilde expressão do rosto, que tem vida e sentimento humano e não apavora nem intimida extranhamente como as faces de alguns santos, mas que tem por egual mystica e ciliciada transcendencia, porque é de Izabel de Aragão, da Rainha Santa Izabel.

É por isso que o povo na sua eterna e acreditada suggestão, ao passar o andor da Rainha Santa, olhando as faces subtís da soberana, parece ter uma indecisão, aquelle olhar e attitude attrahem-no; e elle como que caminha, reverente e humilde, a solicitar auxilio, abrigo para a sua desdita, e esmola para a sua acrisolada indigencia. E das mãos delicadas da Santa, capellas frescas, rosas brancas e vermelhas, rolam sempre, transmutadas e lendarias, perfumadas e viçosas para os pobres e humildes da terra de Portugal!

José Lobo d'Avila Lima

VISTA GERAL DO NOVO CONVENTO E BURGO DE SANTA CLARA

A TEIA D'ARANHA

Foi n'uma tarde pelo estio.

Antonio, o sapiente e beato Antonio, que trocára de bom amor o seu lindo nome de Fernando e o luzido traje de sua casa illustre, um, por quatro syllabas anonymas e humildes, outro, pela samarra deselegante e austera da ordem, escolhera n'aquelle dia a hora vespertina e o campo, para no silencio d'esse instante deserto scismar e comprehender melhor os mysterios da vida.

Não era aquelle moço que a phantasia dos namorados idealizou, de linda bocca sensual e annelados d'ouro sobre a fronte; era um homemsinho vulgar, obêso, ligeiramente curvado, humilde como um mendigo, cujo rosto adiposo e inexpressivo mal deixava adivinhar as torrentes de bondade e sapiencia em que jazia mergulhada a sua alma grave e formosissima.

Nada mais simples que o seu vulto entre as coisas simples da campina... Não era mais pacifico um ramo d'oliveira sobre um muro, nem mais amoravel e tranquillo o aroma dos vallados.

Scismava no mysterio da morte e na justiça divina, e escurecia-lhe a vasta fronte aquella nuvem singular que accusa o pensamento que trabalha, perscrutador e attento.

Eis que ali perto, á beira do atalho florido de espinhosas, uma pequenina carriça, implume quasi, cahida n'uma teia, a piar, n'um afflictivo bater d'azas, veiu perturbar o transcendente curso em que n'esse momento gravitava a ideia ousada do franciscano Antonio.

A pequenina ave, cada vez mais preza na teia espessa de uma enorme carangueja, debatia-se angustiada clamando por soccorro, chamando os paes talvez, que andavam longe. E Antonio, curvando-se mais, de braços estendidos, precipitou-se, como se um vento de piedade o impellisse, para a innocente vida ameaçada, completamente esquecido do seu thema transcendente e todo entregue ao goso de libertar um captivo.

A aranha, como uma pythoniza fascinadora, esperava immovel que as malhas da sua rêde acabassem de paralysar a ave: — o seu jantar.

Antonio, ao vel-a de perto, não poude conter um movimento de repulsão.

Era na realidade horrendo o phantastico animal, com o seu enorme papo listrado de negro e ouro, lembrando uma armadura, com os seus olhos ovaes de uma fixidez insupportavel e as suas longas pernas, como estyletes curvados, em forma de garra.

«Se o seu tamanho fosse proporcional á sua fealdade, «pensou Antonio», seria esta vivente creatura a Bêsta do Apocalypse. Seria o monstro dos monstros, que, ao vel-a, iriam occultar-se tremendo no mais profundo das cavernas».

Ergueu por fim a vista para a ave, agora quieta, preza de todo pela teia, e comparou aquellas duas formas de *ser*: uma, pareceu-lhe adoravel, meiga, harmoniosa; a outra, apenas repellente... e, n'um gesto lento, grave, que parecia derramar justiça, ergueu o braço e libertou a aza.

Descia já a pequena escarpa esboroante, quando d'entre as moitas ouviu uma voz ironica dizer-lhe:

— Que fizeste, frade?

Antonio, surprehendido, voltou-se lentamente, sempre com a ave aconchegada ao peito, e ergueu os olhos. Ao alto, por entre uma

aberta de carquejas, emergia uma cabeça desgrenhada, cujo rosto parecia vir de seculos, torcido n'um sorriso de escarneo. Antonio estremeceu, como se houvesse visto uma outra especie de aranha.

—Que fizeste, frade? repetiu a apparição.

—Libertei um captivo, tornou Antonio.

—Frade, o orgulho dos homens cega-te, pois não vês que, libertando o captivo, condemnaste

DO ALTO... EMERGIA UMA CABEÇA DESGRENHADA

um innocente. Baixa os olhos, abre-os bem, perscruta bem... que vês a teus pés?...

Antonio, calado e humilde, fitou a terra com interrogações no olhar.

—Considera, continuou o desgrenhado, que formidavel destroço em tão exiguo espaço; e apontava a sombra do tojal, onde, suspensa d'um só fio que resistira á catastrophe, a aranha, acocorada e encolhida, parecia medir toda a extensão da sua desgraça.

— Comprehendes agora o que fizeste, suppondo estar na pratica de um acto justo? Essa admiravel renda que ha pouco viste, tão habilmente lançada entre canniços e agora desmantelada, valia tanto, tanto, como a cabana do pobre que o vento destruisse, inspirando-te uma lagrima de piedade e um gesto de soccorro... E, torcendo mais a bocca no seu sorriso eterno de pungente ironia, continuou: Vês esta aranha? É uma victima da vida e da fome, e és tu, doutor da Egreja, que a sacrificas, tu, que não te lembraste que nunca te esqueces de jantar. Comprehendes? Foste injusto, leviano... Persistes em que praticaste um acto de justiça?

— Como todos os que Deus inspira á piedade humana, disse Antonio imperturbavel, fitando a pequenina ave assustada.

— Enganas-te frade; não foi a justiça que te inspirou, porque a justiça... não existe sobre a terra. Se existisse e tu a comprehendesses, nada tinhas que fazer entre essas duas creaturas; e apontava a aranha e a ave.

O unico *direito*, se assim lhe queres chamar, que se impõe aos teus olhos é o da força, e foi arrimado a elle que libertaste a ave, assim como a ave se tivesse força poderia fugir e, finalmente, como a aranha poderia devorar a preza se tu não apparecesses.

— A protecção de Deus não abandona os fracos, disse Antonio de olhos baixos.

—Assim, suppões ter sido para a ave a protecção de Deus, porque, como viste, sem ti, ella teria sido fatalmente devorada.

Mas quem protege a aranha? Não será o mesmo Deus? Não será ella tambem uma vivente creatura na qual reside o mesmo mysterio, o mesmo principio divino que a faz viver?

— A aranha é venenosa; a ave é inoffensiva, disse Antonio commovido e com voz apagada.

— Mais uma vez te enganas, frade. Na vida não ha venenos nem elixires, ha defezas. O veneno é a defeza da aranha como a aza é a defeza da ave. A aranha, atacada, fére; a ave levanta o vôo e foge. Qual é mais digna de piedade? — A aranha. Essa que ahi vês está moribunda de fome... e de desgosto. Veiu uma ave cahir-lhe na teia, rompendo-a; anniquilando o delicadissimo trabalho que mãos humanas não praticam e que com tanto cuidado foi construido. E essa ave voltava do pasto facil para o ninho com o estomago cheio.

Imprevidente, deixou-se cahir na rêde. Que havia de fazer a aranha, que esperava attenta que a piedade do acaso lhe enviasse o pão?

— Quem és tu? Balbuciou Antonio, cujos olhos exprimiam confusão e espanto.

— Um homem! Respondeu o desgrenhado.

— E que fazes?... Em que te occupas?

— No soffrimento.

— Que crime commetteste?

— Amar e crêr.

— E porque ris continuamente?

— Porque soffro.

— Vae-te! E que Deus te illumine, exclamou Antonio, escondendo o rosto, como a occultar uma luz que se fazia no seu espirito.

— Um momento ainda, disse o homem; não quero deixar o teu espirito confuso, é necessario que se faça n'elle a plena luz. Falta-me dizer-te a razão por que libertaste a ave...

Dize-me, se visses uma aranha no bico d'um passaro esforçavas-te por salval-a? Tu nunca mentiste! Responde...

— Não, respondeu Antonio simplesmente.

— Pois bem; a ave é linda, a aranha é horrenda; tu bem o notaste, e eis o que se passou: sacrificaste ao teu egoismo a forma horrenda da aranha pela forma harmoniosa da ave! Sacrificaste o fraco que rasteja para libertar o fraco que voa, porque tambem gostavas de voar. Não foste piedoso nem justo, foste egoista! E, dizendo isto, como se a indignação de todas as victimas, de todos os tristes desherdados lhe subisse aos olhos, rompeu n'um pranto vesanico de soluços tragicos, e, mordendo a propria carne, d'ella arrancou um pedaço, que arremessou, n'um gesto espargidor de sangue, á pobre aranha moribunda.

Antonio, espavorido, recuou tapando os olhos. Quando os abriu, rodeava-o a mais silenciosa solidão; apenas pelo solo e nas folhas dos arbustos uns salpicos de sangue attestavam a verdade do sacrificio do Homem.

O franciscano, que, attonito, deixára escapar a carriça implume quasi, que, sacudindo as pennas, piava alegremente n'um ramo proximo, sentiu vergarem-se-lhe as pernas e quasi de chofre cahiu de joelhos exclamando:

— Senhor, se me querias illuminar, porque atribulaste e tanto confundiste a alma do teu servo? Porque me enviaste como mensageiro o espirito d'um rebellado com clarões divinos? O que é Justiça, Senhor meu?

Sobre estas palavras, como por encanto, caiu a noite pesadamente, confundindo os maus com os bons, os fortes com os fracos, as aranhas com as aves!

Então, até alta noite, no silencio, ali se ouviu Antonio soluçar baixinho, misturando e confundindo com o murmurio e aguas das fontes os seus soluços e lagrimas.

Mal a madrugada rompeu, Antonio viu um resplendor finissimo de prata sobre a cabeça; parecia a estrella da manhã! — Era a teia da aranha, — que só contava inimigos na terra por ser feia, por não agradar aos olhos, — que resplandecia beijada por um raio de sol.

João Gouveia

— O QUE É JUSTIÇA, SENHOR MEU?

TORRE DO TOMBO — SALA DE LEITURA

A Torre do Tombo

A instabilidade da côrte portuguesa durante os primeiros reinados não permittiu que, logo no inicio da nossa existencia autonoma, se organizasse entre nós um archivo real permanente e unico. Os monarchas suppriam essa falta mandando lavrar numerosos exemplares dos actos mais importantes, e distribuindo-os por differentes dignitarios e auctoridades, como o reposteiro, o mordomo, o chanceller, o capellão, e pelos cartorios das corporações religiosas a que eram particularmente affeiçoados.

O mosteiro de Sant' Iago da Costa, em Guimarães, o de Santa Cruz de Coimbra, o de S. Vicente de Fóra, o de Alcobaça eram amiude escolhidos para depositarios de documentos regios e officiaes.

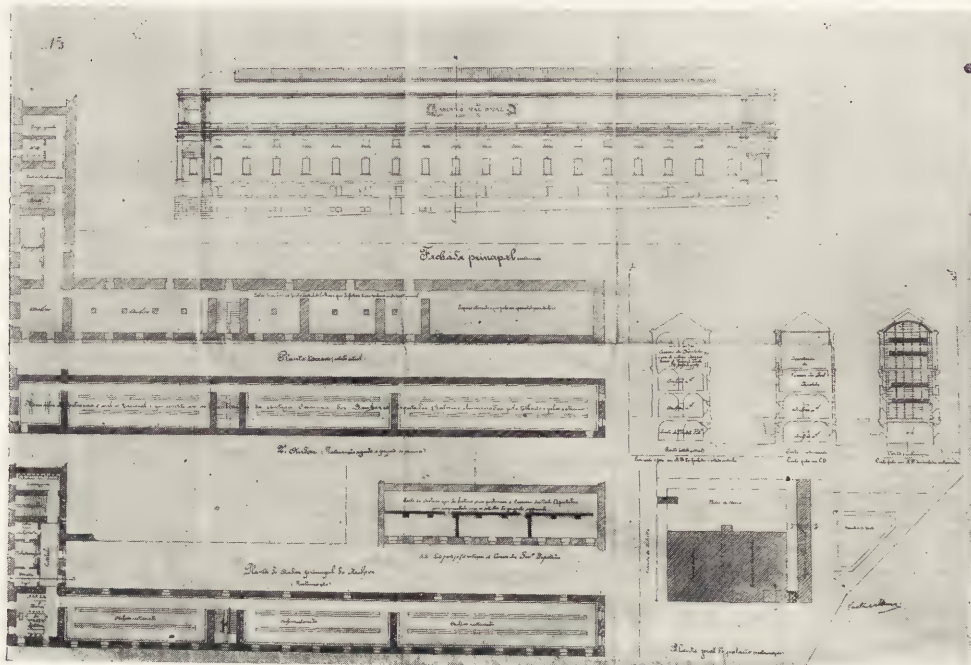
O padre Antonio Carvalho da Costa, ao tratar de Guimarães, na sua *Corografia*, refere, é certo, que o conde D. Henrique edificou alli Casa de Relação, Casa dos Contos e *Torre do Tombo*, accrescentando que os documentos guardados no Archivo da antiga e ridente povoação minhota lá se conservaram até que D. Manuel, em pro-

visão de 13 de maio de 1511, ordenou a sua transferencia para o Archivo do castello de Lisboa. Mas, se assim foi, se o conde D. Henrique organizou, de facto, um cartorio em Guimarães, — o que, aliás, não custa crer, antes é naturalissimo, — os seus successores no governo de Portugal não consideraram esse cartorio como nucleo do Archivo geral da monarchia, e não ordenaram que se lhe fossem successivamente reunindo os documentos officiaes — mantido elle na primitiva séde, ou transferido para Coimbra, para Lisboa, ou para qualquer das outras cidades do novo estado peninsular.

A fundação do Archivo real deve ser facto coevo da fixação da residencia dos nossos monarchas em Lisboa, no famoso paço roqueiro da Alcaçova, que já fôra acaso elegante habitação do alcaide ou governador em dias do dominio muçulmano, que, desde D. Dinis, seu reformador, até os fins do seculo XV, constituiu o «verdadeiro e proprio aposento dos reis destes regnos», segundo a phrase de Damião de Goes, e em cujas memorias, esmaltadas de brilhantissimas tradições de festas sumptuosas, avulta o facto de haver alli nascido, digamos assim, o theatro português, com a recitação do *monologo do vaqueiro*, de Gil Vicente, a 8 de junho de 1502, na camara onde, na ante-vespera, a rainha D. Maria dera á luz o seu primogenito.

GABINETE DO DIRECTOR

E foi tambem na acropole que o Archivo real encontrou alojamento. O paço, ignoramos se ficava ou não dentro do castello propriamente dito, — do *castellejo*, segundo a designação do architecto João Nunes Tinoco, — que occupa o vertice noroeste do recinto fortificado.

Quanto ao Archivo, sabemos que lhe

ANTE-PROJECTO DE RESTAURAÇÃO DA TORRE DO TOMBO, PELO ARCHITECTO MIGUEL VENTURA TERRA

fôra destinada uma das dez fortissimas torres ou cubellos do castellejo.

Exceptuada a torre *da cisterna*, que se levanta no vertice nordeste do castello e na qual vem inserir-se a muralha da alcaçova — todas as torres são massiças até ao nivel do adarve ou caminho de ronda, isto é, até á altura de dez metros.

A escolhida para Archivo, a torre denominada *albarrã*, designativo de origem arabe applicado igualmente a outras torres de outros castellos de Portugal, e tambem *do haver*, porque nella se arrecadava todos os annos o saldo das rendas e imposições, essa, era talvez mais resistente ainda que as outras. Fernão Lopes, o admiravel chronista português, tão antigo e tão moderno, em cuja narrativa, movimentada e pittoresca, palpita a *vida* dos tempos de que tratou, escreve que essa torre *era mui forte e nom foi porem* (por isso) *acabada*; e, como accrescenta que ella *estava em cima da porta do castello*, ficamos sabendo que era a situada a meio da face sul, junto da entrada principal.

Na interessante monographia do sr. Augusto Vieira da Silva, *O Castello de S. Jorge*, encontramo-la minuciosamente descripta, no seu estado actual.

A cavalleiro da muralha, em relação á qual avança uns oito metros, mede em planta $13^m \times 9^m$. A alguns decimetros de distancia da face meridional, ergue-se, até á altura de um primeiro andar, um muro espesso, — da primitiva edificação, ao que parece, acaso parte da barbacã, — muro em que se esteia um terraço, segundo patamar da escada que contorna duas das faces do cubello. Desse terraço, parte uma communicação, que, primeiro fechada, na direcção sul norte, e depois a ceu descoberto e em escadas, no sentido oeste-leste, conduz até ao adarve.

A torre compunha-se de dois pavi-

VISTA PARCIAL DE UMA DAS SALAS DO ARCHIVO, ANTIGO REFEITORIO DO CONVENTO

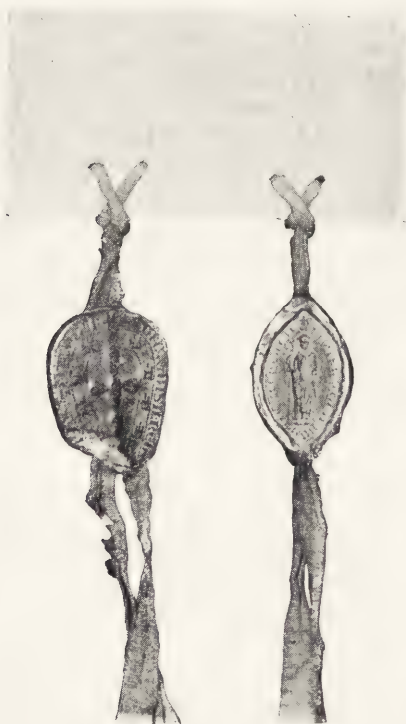
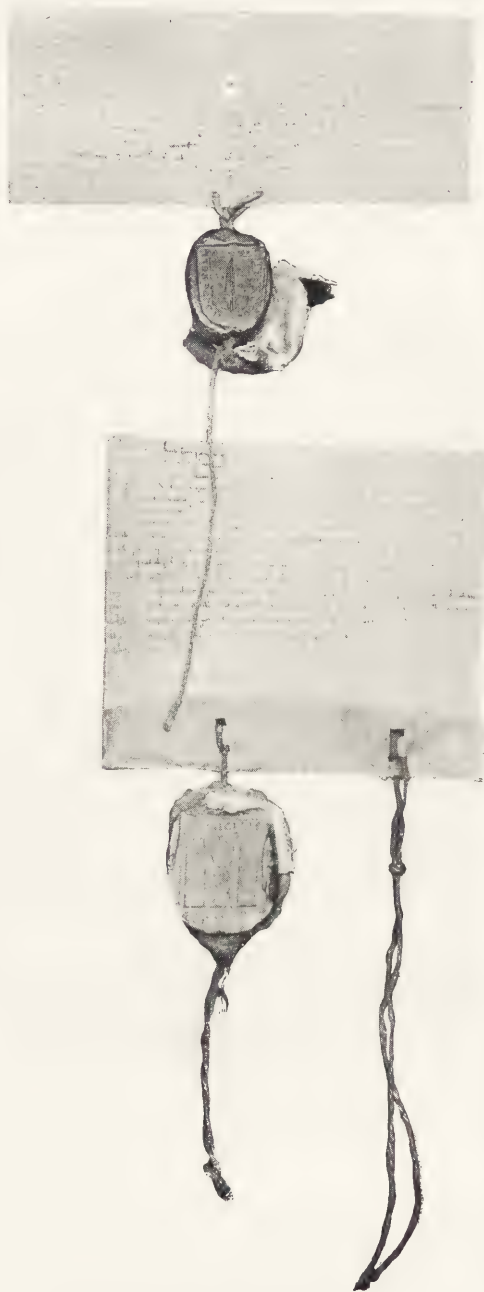
de haver sido desmoronada, com as construcções que nella se apoiavam. Ainda assim, o espaço era insufficiente, e a prova é que, em 1569, segundo um documento publicado pelo meu erudito collega e amigo Sousa Viterbo, foi necessario depositar umas sessenta caixas com papeis na camara do rei D. Fernando, nos paços da Alcaçova.

Agora, uma pergunta: O cubello que descreve mos, a torre *albarrã* ou *do haver*, a torre escolhida para Archivo geral do reino, seria porventura a torre *de menagem* do castello de Lisboa? É muito de crer que o fosse, — embora Fernão Lopes affirme ter sido expressamente construida. A torre de menagem, o logar de honra e, ao mesmo passo, o logar forte por excellencia do castello, o ultimo reducto do alcaide e dos defensores, era sempre de todas a mais elevada e mais resistente. Ora, a torre *do haver*, depois torre *do tombo*, era, entre as dez do castellejo, a maior e porventura a mais forte, e, certamente porque o era, é que foi escolhida para thesouro e para archivo.

mentos, pelo menos, como de varias referencias se deprehende, e tinha, em planta, maiores dimensões do que as actuaes, sendo de crer que, anteriormente a 1755, se prolongasse por sobre o pateo de entrada. Um dos seus muros de fachada levantava-se talvez sobre a muralha que separa esse pateo do recinto oriental do castellejo (o recinto dos *quarteis velhos*) e em cujo coroamento se percebem ainda vestigios

Mas, se assim foi, outro dos cubellos ficou sendo considerado torre de menagem, porque, no auto da acclamação de D. João II pela cidade de Lisboa, no 1.º

de setembro de 1481, declara-se que o logar-tenente alcaide, Gonçalo Annes (o alcaide-mór era o conde de Monsanto, D. João de Castro), *tomou ũa bandeira com as quinas e coroa de rei... e a foi logo primeiro poer na torre da menagem*, quando os vereadores e o corregedor de Lisboa se lhe dirigiram, para arvorarem a bandeira da cidade numa das torres do castello, o que fizeram na que estava *sobre a cassa dos leões, de contra o recio*. Ora, se a torre de menagem tivesse cumulativamente outro destino, é quasi certo que o auto, cuja minuciosidade o torna interessantissimo sob o ponto de vista da topographia da cidade e do castello, de algum modo o deixaria perceber.

Não obstante a sua valentia, a acção implacavel do tempo e os abalos de terra, mais ou menos intensos, que

DOCUMENTO DO SECULO XIV, EM PERGAMINHO, COM SELLOS PENDENTES

DOCUMENTOS DO SECULO XIII, EM PERGAMINHO, COM SELLOS PENDENTES

em Lisboa por vezes se tinham feito sentir, especialmente, talvez, o de 1531, haviam ameaçado a tal ponto a torre *do tombo*, que, não muito antes de

1755, o illustre e dedicado guarda-mór Manuel da Maia solicitára do Conselho da Fazenda trabalhos de reparação, que não chegaram a ser executados. Não admira, pois, que o violentissimo terremoto do 1.º de novembro daquelle anno a derrocasse inteiramente. Poupou-a, no entanto, o incendio subsequente, que noutros pontos da cidade e até do proprio castello tantos estragos causou.

Retirados de sob os escombros, os livros do Archivo foram provisoriamente acondicionados numa barraca de madeira expressamente levantada na *praça de armas* do castello, até que, dois annos depois, foram transferidos para a ala sul do mosteiro de S. Bento, que, na opinião dos architectos Eugenio dos Santos de Carvalho e Carlos Mardel e de outros funccionarios consultados, se recommendava para tal fim pela resistencia das paredes e abobadas e pela distribuição interna, e que foi arrendada á communidade por 480#000 réis annuaes.

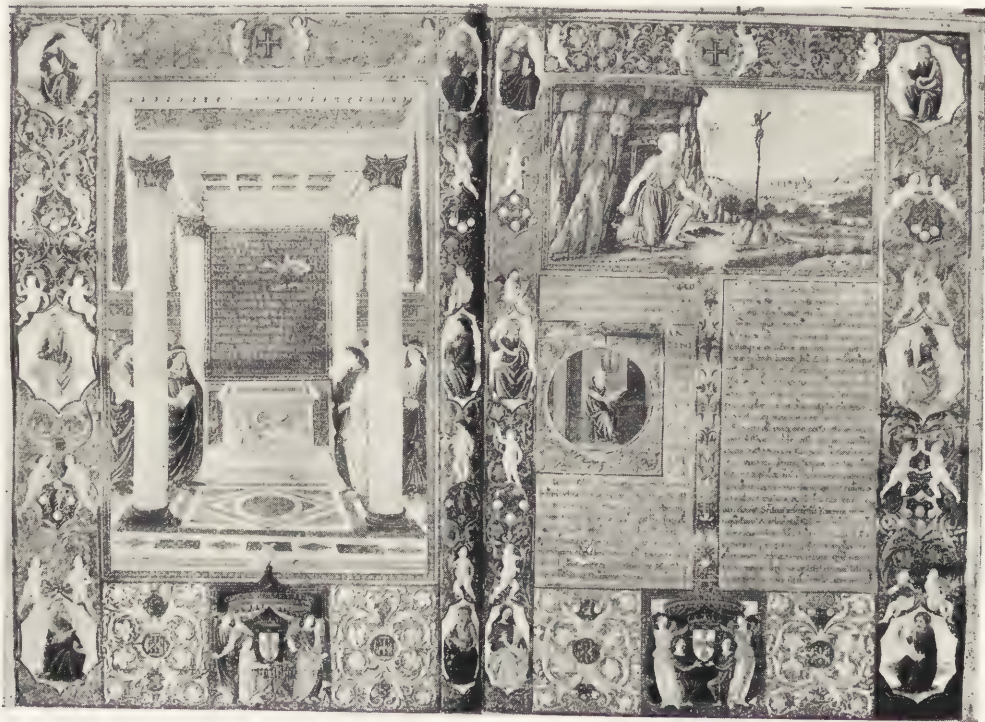
FRONTISPICIO DO «LIVRO DAS SENTENÇAS» DE PEDRO LOMBARDO, TRABALHO ITALIANO DOS FINS DO SECULO XV

Cêrca de um seculo se conservou o Archivo nessa parte da pesada construcção filippina. Em 1862, vieram desaloja-lo as obras da camara dos pares, passando elle então para o lado opposto, onde ainda se encontra, — embora a actual installação não corresponda exactamente á primitiva, por isso que, nos quarenta e tantos annos decorridos, tem o Archivo, por differentes vezes e mercê de varias circumstancias (entre as quaes avulta a construcção da nova camara dos deputados), ora perdido, ora conquistado, espaço.

Alem de não possuir a amplitude

necessaria para a conveniente disposição da grande copia de livros e quasi innumeravel multidão de documentos que constituem as suas actuaes collecções ou series; sobre não permittir o integral cumprimento dos preceitos legaes que ordenam a encorporação, no Archivo, de muitos milhares de tomos, pergaminhos e papeis, de proveniencia se conjugam para reduzir as collecções.

Este depoimento, a que dá singularissimo valor a auctoridade especial dos depoentes, justificaria por si só, plenamente, a cruzada de esforços que, em prol do Archivo, está empenhada.

Immerso durante annos e annos em mysteriosa penumbra, ignorado de uns, esquecido de outros, comparado talvez

FRONTISPICIO DO TOMO II DA «BIBLIA» DO CONVENTO DOS JERONYMOS EM BELEM, TRABALHO ITALIANO DOS FINS DO SECULO XV

ecclesiastica e civil, por ahi dispersos, não a bom recado, em virtude de intencional e sytematica descentralização, mas, no geral, em perigoso abandono, que não póde, não deve, protrahir-se, — a parte do edificio de S. Bento occupada pelo Archivo da Torre do Tombo é tão impropria para essa applicação, que dois dos seus conservadores não hesitaram em affirmar, num livro recente, que, afóra a chuva e o roubo, todos os meios de destruição alli

por alguem aos tenebrosos circulos infernaes que o Dante só ousou percorrer guiado pelo divino poeta mantuano, o velho Archivo da Torre do Tombo está agora em luminosa evidencia. Frisa eloquente e convictamente a sua importancia, na camara dos pares, o sr. conde de Sabugosa, reclamando para elle a solicitude do governo; discute a Academia Real das Sciencias os pontos essenciaes da representação que, a seu respeito, vai dirigir aos poderes publi-

cos; occupa-se delle com frequencia a imprensa; visita-o, cheia de interesse, a Academia de Estudos Livres, que préviamente edita, incluindo-o na serie dos seus *Annaes*, o livro a que já alludi, *O Archivo da Torre do Tombo*, escripto pelos conservadores Pedro A. de Azevedo e dr. Antonio Baião, e que é mais do que um simples guia do visitante, porque constitue uma completa e elucidativa monographia ácerca do Archivo nacional.

Todos, *una voce*, condemnam a actual installação e reconhecem que, entre as providencias com que é necessario acudir ao Archivo, a mais instante, a que não póde protelar-se, porque se tornaria inutil, é a que tenda a assegurar a integridade, tão sériamente compromettida, das suas preciosas, inestimaveis, collecções. E, de facto, a remodelação do curso de bibliothecarios e archivistas, o alargamento dos quadros, a consignação de verbas especiaes para a elaboração e impressão de catalogos e para a publicação de documentos, seriam medidas pouco menos do que inuteis, quando não fossem precedidas ou acompanhadas daquella.

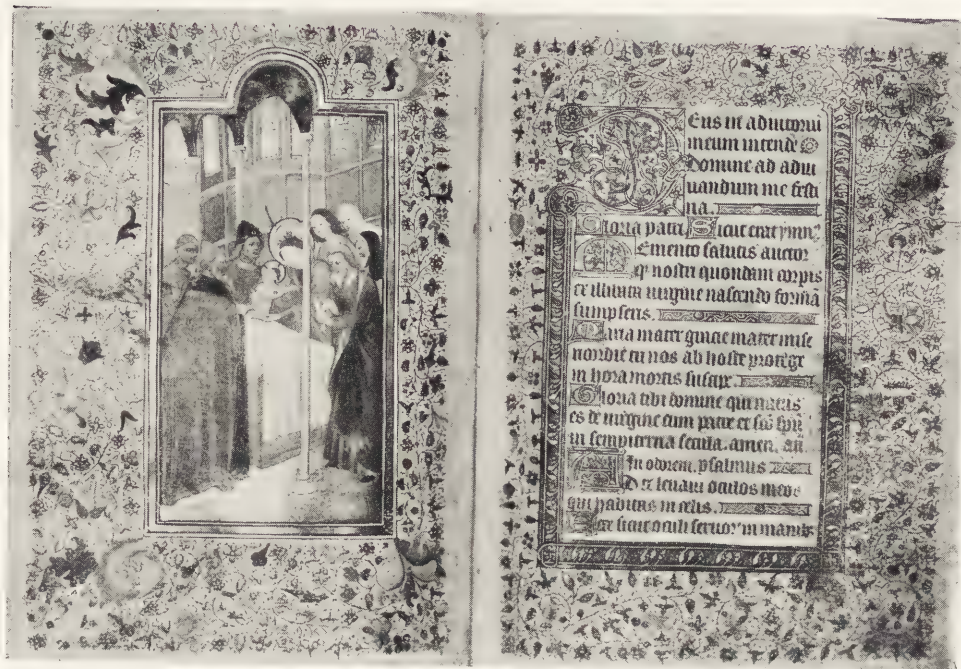
Mas, como providenciar com acerto? Ha quem entenda que só num edificio construido expressamente, segundo as indicações da sciencia dos archivos, seria possivel encontrar a realização de todas as exigencias. Talvez; mas é necessario adoptar uma solução pratica, exequivel, que não exija avultadas sommas nem demande longos annos, — e só quem desconheça completamente a historia dos nossos modernos edificios publicos poderá pensar que o seja a construcção de um edificio proprio... A escolha tem evidentemente que fazer-se entre conceder, *de facto*, ao Archivo toda a ala norte do edificio de S. Bento, que, *de direito*, lhe foi ha muito concedida, e proceder alli a obras que a transformem radicalmente, — ou apropriar outro edificio, que, menos distanciado do typo ideal, seja susceptivel de mais perfeita accommodação.

Não está na indole dos *Serões*, nem nos intuitos desta rapida noticia, debater esses dois alvitres. Lembrarei apenas que o distincto architecto Ventura Terra, quando, ha oito annos, dirigia a a construcção da camara dos deputados (projecto seu, como se sabe), estudou, de sua iniciativa e com o enthusiasmo que no seu espirito de artista e de bom português despertaram as inapreciaveis riquezas historicas que o Archivo encerra, um plano de adaptação da parte do velho edificio monastico que lhe ficava destinada, — plano que, dada a indiscutivel competencia do auctor, constitue decerto elemento de estudo que não deve ser desprezado, quando porventura se haja de resolver em definitivo sobre o alojamento do Archivo nacional.

Ao Archivo seria destinada toda a ala do edificio que olha para a praça de S. Bento — de onde desappareceria o mercado.

Nessa ala, cuja extensão e altura são consideraveis, estabelecer se-hiam — afóra o terreo — tres andares, divididos em igual numero de salas, a toda a largura do edificio, das quaes teriam duas galerias as do andar principal e as do segundo.

Estas ultimas, sem janellas, quer para o norte quer para o sul, receberiam ar de ventiladores abertos junto do pavimento, e luz de um grande lanternim. A continuidade das paredes permittiria aproveitar toda a sua consideravel superficie para a collocação de estantes.

Na face externa dessa verdadeira arca, para o lado da praça de S. Bento,

PAGINAS DAS «HORAS» DE EL-REI D. DUARTE. Á ESQUERDA, A APRESENTAÇÃO DE JESUS CHRISTO NO TEMPLO

inscrever-se-hia, numa placa de fórma e decoração caracteristica, a designação official do Archivo.

Onde a substituição das actuaes abobadas fosse necessaria, empregar-se-hiam pavimentos de ferro e abobadilhas de tijolo, formando tecto na parte inferior.

Na fachada norte, as janellas seriam raras — mais raras, segundo as ideias actuaes do illustre architecto, do que se vê no ante-projecto.

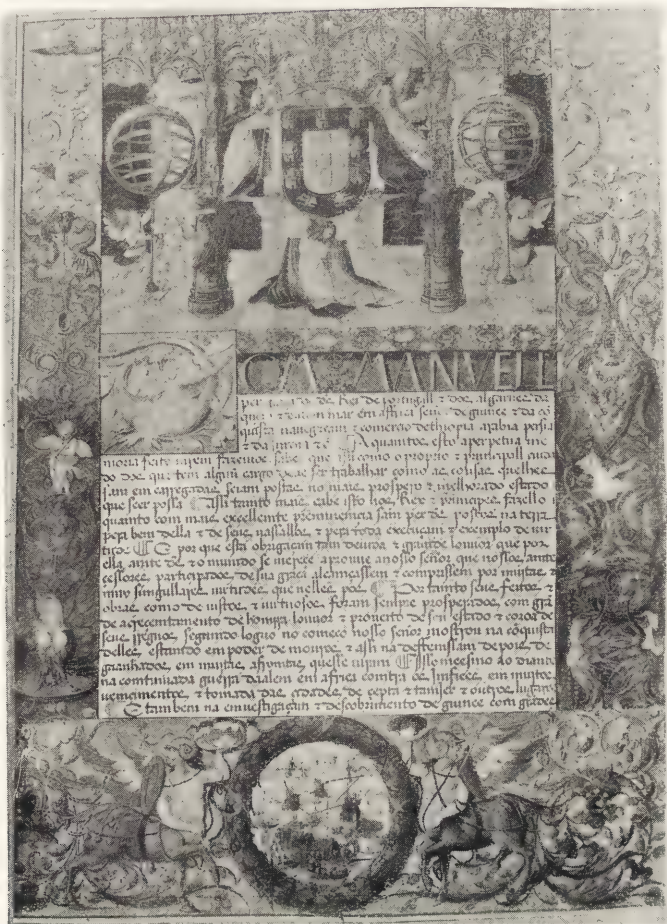
Mais numerosas e de proporções especiaes — altas e estreitas — seriam as da fachada sul, que, em parte, dá para a passagem que isola o Archivo do parlamento, e que mede de largura uns 8 metros, e, em parte, para a vasta *cour d'honneur* das camaras; e, como todas as divisorias longitudinaes desappareceriam, o sol innundaria completamente as salas. Para que nem sequer o primeiro pavimento, cujo nivel é inferior, para o lado das camaras, ao do terreno, deixasse de receber luz do sul, praticar se-hia ao longo de toda a fachada uma cava *(cour anglaise)* e para ella se abririam janellas.

No espaço que o Archivo hoje occupa sobre o largo das Côrtes, e no que se conquistaria, ou, antes, reconquistaria, á camara, estabelecer-se-hiam salas e gabinetes de trabalho e outras dependencias.

O Archivo poderia assim alojar o dobro, pelo menos, dos livros e documentos que actualmente possue, e teria em abundancia luz e ar, como importa.

*

* *

Corresponde ao tempo de D. Fernando, — esse desequilibrado mas sympathico principe, que Oliveira Martins definiu «um pobre homem de talento», — a mais antiga referencia até gora encontrada a um archivo regio permamente, no castello de Lisboa. A 4 de

PRIMEIRA PAGINA DO «LIVRO 4.º DE ALEM-DOURO», UM DOS CODICES DA «LEITURA NOVE» ORDENADA POR D. MANUEL

Na parte central da tarja inferior, dentro de uma coroa formada de folhas e fructos, uma armada composta de tres naus, para as quaes se dirigem muitos barcos cheios de gente, e em que se vêem as cruzes de Christo e de Sant'Iago. Ha quem julgue que esta illuminura representa o embarque de Vasco da Gama, na sua primeira viagem á India.

novembro de 1378, era expedida pelo védor da Chancellaria ao védor da fazenda, João Annes, uma provisão, em que se lhe ordenava mandasse passar uma certidão da *torre do castello de Lisboa*, que, pelo reitor da Universidade, Martim Domingues, fôra requerida.

Essa provisão deixa logo entrever o caracter *fiscal*, digamos assim, que o Archivo por esses tempos tinha e só quasi em nossos dias perdeu.

Era o védor da fazenda quem nelle superintendia em 1378; e póde affirmar-se que, até á extincção do antigo regime, os guarda-móres do Archivo, com rarissimas excepções, eram conselheiros da fazenda ou desembargadores dos diversos tribunaes. O proprio vocabulo *tombo* (do latim *tomus*), que, mesmo antes de se fixar definitivamente em *Torre do Tombo* a designação do Archivo real, nos apparece nos varios modos de dizer que serviam para o indicar, — *escripturas do «tombo»*, *«tombos» da torre, etc.*, — denuncia aquella feição: o *tombo* a que se alludia era o livro ou a serie dos livros *de Recabedo Regni*, isto é, dos Proprios da Corôa. A palavra *tombo* tem sempre designado os livros em que se consignam as demarcações das propriedades e se transcrevem os respectivos titulos.

É certo, comtudo, que nem só documentos e livros relativos á fazenda real constituiam já nesse tempo o archivo.

A certidão que, em virtude da referida ordem de 1378, foi passada á Universidade em maio do anno immediato, reproduzia um documento de natureza diversa: — a carta, de 12 de novembro de 1288, em que alguns dos nossos prelados impetravam de Roma

a confirmação da cedencia que de parte das rendas de seus beneficios haviam feito a favor da Universidade ou *Estudo geral*, que, a esse tempo, funccionava já activamente em Lisboa. Dessa carta, ficára sem duvida archivado um exemplar no país, — talvez na Chancellaria, estação official que concentrava os serviços hoje distribuidos pelas secretarias de estado, e cuja séde (segundo vagamente conjecturam os auctores do livro já citado, *O Archivo da Torre do Tombo*) seria acaso na *torre da escrevaninha*, tantas vezes mencionada em documentos do seculo XIV, e de que o sr. Vieira da Silva se occupa em mais de uma passagem dos seus valiosos estudos sobre as antigas fortificações de Lisboa, localizando-a no ponto onde veiu a construir-se o edificio da Misericordia, actualmente igreja da Conceição Velha, — ponto banhado então pelo Tejo. Da estação official onde se guardava, esse exemplar havia passado, como se vê, para o Archivo.

Permitta-se-me um parenthese, para recordar que, junto á *torre da escrevaninha*, habitava o opulento mercador, de origem francesa ou flamenga, Bartholomeu Joannes, homem de rasgada e benefica iniciativa, que, em seu testamento, datado de 28 de novembro de 1324, ordenou fosse construida na Sé de Lisboa, para sua sepultura e de seus companheiros, uma capella dedicada a S. Bartholomeu, — a elegante capella ogival, agora restaurada, que muitos dos leitores decerto conhecem, e que se encosta á fachada norte da velha cathedral.

Outros factos apontados pelo erudito João Pedro Ribeiro, nas suas *Memorias para a historia do Real Archivo*, mostram igualmente que nem só livros e documentos referentes aos Proprios da Corôa se archivavam na antiga *torre do haver*. Assim, por exemplo, do regimento dado á alfandega do Porto em 18 de agosto de 1410, e da carta de declaração da lei mental a favor do conde de Barcellos, datada de 12 de setembro de 1434, determinou-se que alli se archivasse um exemplar.

É de crer que os livros findos da Chancellaria tivessem sido igualmente encorporados, logo de comêço, no Archivo. De que as suas collecções se foram tornando cada vez mais opulentas e variadas no decurso dos seculos XV e XVI, dá testemunho indirecto um documento de 1621, em que se affirma faltarem, na Torre, livros de côrtes, de homenagens, de direitos reaes, de chancellaria, de capellas e de linhagens, cancioneiros, alvarás e instrucções para embaixadores, vice-reis da India e governadores dos outros estados ultramarinos, bullas e breves, papeis tocantes ás tres ordens militares, cartas de pontifices e cardeaes, de principes e potentados da Europa, Asia e Africa, de embaixadores e de governadores dos nossos dominios de além-mar, etc., explicando-se o facto não só por imprudencia dos officiaes do Archivo, que fiavam de seus creados as chaves, como tambem por haverem sido entregues a secretarios, a chronistas, e a guarda-móres e escrivães da Torre muitos livros e papeis de alta importancia, que, em vida, não haviam restituido e, depois, se não conseguíra averiguar onde paravam, entendendo-se que seus parentes e creados os tinham vendido a «pessoas curiosas», cujos nomes se não sabiam...

Como nos é desconhecido o regulamento de 1526, — o mais antigo, — ignoramos quaes as categorias de livros e

documentos que, por esse tempo, deviam ser encorporados no Archivo. Que, na primeira metade do seculo de quinhentos, não era, porém, muito avultado o numero de tomos e cartas que o constituiam sabemo-lo pelos conhecimentos que Fernão de Pina assignou em 1532, quando, nomeado guarda-mór em substituição de seu pai, o chronista Ruy de Pina, recebeu do escrivão Thomé Lopes a livraria *nova* e *velha*, cadernos e cartas avulsas que lhe estavam confiadas.

Em 1569, a entrega de cêrca de sessenta caixas com documentos a Damião de Goes, então guarda-mór, pelo secretario de estado, Pero de Alcaçova Carneiro, veiu enriquecer sensivelmente o Archivo.

Mas foi só depois de meado o seculo XVIII que se tornou mais intensa e regular a encorporação de documentos no cartorio real. Organiza-se o *Bullario*, formado dos documentos pontificios que se encontravam na secretaria de estado e noutros logares; archivam-se papeis referentes á extincta Companhia de Jesus; recolhem-se sessenta volumes tocantes ao governo da India (os denominados *Livros das monções*); encorporam-se os livros de chancellaria das ordens militares, e, por ultimo, duplica-se (póde afoitamente asseverar-se) a riqueza documental do Archivo, com a entrada de grande numero de cartorios de tribunaes e repartições extinctas, de cabidos, collegiadas e mosteiros.

(Continúa.)

D. José Pessanha.

Os dois extremos da escala

O fidalgo

O bicho de cosinha

Clichés de A. Castro

ABANDONADA

Os olhos da outra gente hão de envolvêr-te
talvez, em magua pura...
Mas eu, pobre creança! não sei vêr-te
sem mágua e sem ternura...

Que braços te embalaram, ave implume
que chora, sem saber
(mas como que advinha e que presume...)
quanto custa nascer?

Quem é que a luz embala em seu delírio
e á vaga um berço deu?
Quem é que embala a nuvem? quem o lírio?
quem a estrella do céu?

Como tudo o que sae da mão divina
ao místerio conduz!
Nascêste pobre e linda — triste sina!
A noite em tôrno á luz...

É dos anjos o céu — pátria que encerra
um paraíso em flôr.
— Anjo! regressa á patria, porque a terra,
bem vês: é luto e dôr...

E heide eu olhar o azul que se recobre
de joias scintilantes,
e vêr-te a camisita que mal cobre
teus seios hesitantes!

Rodam séges d'um brilho que se inflama
no fulgôr das librés...
Tu, mal pódes andar... Calça-te a lama
os melindrosos pés.

Em macios coxins dorme a Opulencia...
E tu, se a noite esperas,
ai, tu nem sequer tens — triste indigencia!
um antro, como as féras...

Desdobra as azas, sobe! Quem pudésse
voar, voar, voar!
subir como o perfume, como a prece...
Partir e não voltar!

Porque andas desterrada? Quem te opprime?
Se é Deus que te condemna,
que monstruoso, incomparavel crime
para tamanha pêna!

Senhor! póde o teu braço enfurecido
fulminar-nos até!
Mas a culpa do lírio ter nascido
é do lírio? não é...

Manuel de Moura

Impressões de Portugal

O que pensam de nós estrangeiros illustres

A' gentileza de uma illustre escriptora allemã, enthusiasta por Portugal e pelos portuguezes, devemos o brilhante artigo que segue. Duplamente brilhante, pois que, se pelo assumpto nos interessa e lisonjeia o nosso orgulho patriotico, a pureza da linguagem em que é escripto mostra o subido apreço que ao nosso idioma consagra a talentosa escriptora. Esse apreço pela nossa lingua e pela nossa litteratura tem sido aliás repetidas vezes manifestado por Madame Louise Ey, em primorosas traducções de obras de poetas e prosadores portuguezes.

Actualmente em Portugal, a insigne senhora prometteu-nos uma collaboração mais aturada, de que o presente artigo é o magnifico inicio. Por elle se vêem as agradaveis impressões que de Portugal levaram os congressistas medicos estrangeiros, com quem Madame Ey travou relações, sobretudo os do longiquo Japão, que lhe deixaram recordações amaveis.

Seria curioso cotejar os sentimentos dos civilisados japonezes, visitando a «occidental praia lusitana», com as impressões deixadas ha mais de tres seculos pelos primeiros portuguezes que pozeram pé no Japão, ainda barbaro. Taes impressões acham-se consignadas em varios livros preciosos, entre os quaes avulta essa formidavel «Perigrinação» de Fernão Mendes Pinto. O confronto marcaria sem duvida os gigantescos progressos da humanidade, mas não deixaria de marcar a viva e remota influencia que tiveram portuguezes para o recente ingresso do imperio nipponico na civilisação occidental. O artigo de Madame Ey é um precioso elemento para esse curioso confronto.

Em nome dos nossos leitores, effusivamente agradecemos á illustre senhora o seu bello artigo e as suas esperançosas promessas, entre as quaes temos desde já a indiscrição de revelar um proximo estudo sobre a evolução do feminismo, de que Madame Ey é uma das mais notaveis propagandistas.

PEDE-ME V. para a sua interessante revista «Os Serões» algumas linhas que reflictam as impressões dos congressistas que tive occasião de conhecer e acompanhar durante a sua estada n'esta capital.

É-me este convite duplamente grato, por isso que escrever impressões de Portugal não é senão dar-me á minha occupação predilecta, ao meu quasi officio, pois, ha muitos annos para cá, não faço outra coisa.

Além d'isso, se de outras vezes as déra sob a minha propria *trade-mark*, d'esta vez irão sob a responsabilidade d'outrem, de maneira que eu não ficaria mais responsavel do que um interprete ou um gramophone, caso aos doutos visitantes succedesse dizer e eu repetir disparates como o d'aquelle viajante que, passando por Paris e sendo n'um restaurante servido por um criado gago, vesgo e de cabello ruivo, lançou na sua carteira este apontamento como caracteristico da metropole: «Em Paris os criados são gagos, vesgos e têm cabello ruivo».

Se d'um lado não teria de assumir respon-

sabilidade de algum juizo, menos exacto por falta de conhecimento e de tempo, de outro lado não teria nenhum merito, mas tambem não seria suspeita d'adulação, se transmitisse exclamações declamatorias como as teve aquelle *touriste* francez que, temendo o conhecido melindre portuguez, exclama em cada pagina do seu «Livro de impressões»:

«Que vous êtes jolis, que vous me semblez beaux: Vous êtes tous fils d'Albuquerque!»

não acharam — apesar da sua muita illustração — termos que exprimissem a grata surpreza e admiração que lhes causára em primeiro logar a Escola Medica, que declaravam ser a mais bella do mundo, e a admiravel organisação do Congresso, tanto na sua parte scientifica, como na parte recreativa.

Exultaram em palavras de maximo elogio aos organisadores e ao trabalho gigantesco por elles realisado, assim como á maneira fidalga e discreta, com que se houveram durante todo o decurso do Congresso, já recebendo os estrangeiros, já dirigindo os trabalhos scientificos ou as festas que tanto brilho deram a esses dias memoraveis.

ESCOLA MEDICA DE LISBOA

Pois, se disse que o convite de V. me é duplamente grato, é porque me dá a bemvinda occasião, de ser echo, não de disparates, nem de adulações, mas sim de palavras tão sinceras, como agradaveis de dizer e agradaveis de ouvir. Nem V. me teria pedido estas linhas, se não conhecesse esse facto, como tambem que é uma fanatica por este seu bello paiz a pessoa a quem as pede e que, ainda que o culto por este nosso querido Portugal não a cega absolutamente, não seria capaz de falar em impressões de estrangeiros — se as houvesse — proprias a *impressionar* os nacionaes ou então só no intuito de chamar-lhes a attenção, para que, tomando-as em consideração, ficasse mais efficaz a nossa propaganda por este velho Luso, que menos annos precisou para descobrir o mundo, do que o mundo levou de seculos para o descobrir a elle.

Os doutores e as senhoras que acompanhei,

Se comtudo houve tambem palavras de sentimento, significavam ellas mais uma lisonja para Lisboa e Portugal: lamentavam os medicos o facto de o Congresso de Lisboa ser precedido pelo de Madrid, o qual, ao que parece, não deixou gratas recordações aos congressistas, que em parte nem esperaram o fim d'elle para se retirárem. Concordaram todos que o Congresso de Lisboa ficou prejudicado por esta precedencia, que afugentára muitos medicos de participar n'elle, com receio de encontrar aqui uma segunda edição do da capital do paiz visinho.

Lamentemos este facto e o prejuizo resultante d'elle, mas congratulemo-nos tambem,

ASSIGNATURA DO PROFESSOR Y. TERU-UCHIO, DE TOKIO

LEQUE DA AUTORA COM A LETTRA DO HYMNO JAPONEZ ESCRIPTA POR UM DOS CONGRESSISTAS JAPONEZES

porque elle d'uma vez para sempre estabeleceu e fez vêr d'um modo positivo a todos esses povos cultos do velho e do novo mundo, — que comtudo apenas conheciam até hoje «cosas de Eapaña» e não coisas de Portugal —, que

> «Vós, oh geração de Luso, digo,
> «Que tão pequena parte sois do mundo»,

todavia não quereis, nem deveis ser confundidos com outras nações, nem nas vossas fronteiras, nem na vossa lingua rica e viril, nem nos vossos costumes pittorescos e suaves, nem no vosso caracter, na vossa illustração, nas vossas tradições!

«Que gente tão differente dos hespanhoes!» diziam os medicos admirados. E que essa dif-

ASSIGNATURA DO DR. K. KAMON, DE KYOTO

ASSIGNATURA DO DR. HEIJIRO NAKAYAMA, DE TOKIO

ASSIGNATURA DO PROFESSOR KUBO FUKUOKA

GRUPO DE CONGRESSISTAS JAPONEZES

ferença foi toda em favor de Portugal («seu protegido», diz a nossa amiga D. Anna de Castro Osorio com a sua fina graça satirica) foi para mim causa de intima satisfação.

Fica pois registada a realisação do desejo de Camões:

> «Fazei, Senhor, que nunca os admirados
> «Allemães, Gallos, Italos e Inglezes
> «Possam dizer, que são para mandados,
> «Mais que para mandar, os Portuguezes».
>
> Lus. c. x 152

Como não poude deixar de ser, causou tambem o mais sincero enthusiasmo a *garden-party* em Monserrate, o passeio por Cintra e as vistas que ali se desfructam.

O grupo que me deu as honras de *cicerone*, levei-o entre outros á propriedade do sr. Monteiro, em Cintra, vedada por um enorme portal fechado, que porém, como tudo n'este abençoado paiz, se abriu como por encanto deante d'um pedido ormulado em termos persuasivos da suave lingua de Garrett.

Subimos á torre-mirante, estendendo-se aos nossos pés o risonho valle com as suas alegres verduras, matisadas d'arvores em flôr; quadro encantador, emmoldurado por uma facha de «argenteas ondas Neptuninas». No primeiro plano a pittoresca villa de Cintra, caracterisada pelas gemeas chaminés do Paço, gigantesco binoculo, que, ao que parece, o formoso céu, que está namorando esta terra, envolvendo-a no seu immenso olhar de azul profundo, depoz ali muito á mão, para sempre poder descobrir qualquer belleza escondida, que escapasse ao seu olhar enternecido d'olho nu... Paizagem fim-do-mundo, ante-camara do Eden paradisiaco, que justamente abria de par em par as suas portas d'ouro, para receber o astro do dia que recolhia, cobrindo com languidos e demorados beijos doirados a sua amada terra lusitana...

> «E nas serras da Lua conhecidas
> «Subjuga a fria Cintra o duro braço,

— a serra austera, a coroa da «Pena» na altiva testa, mirava imperturbavel o majestoso espectaculo, a despedida do Sol, o eterno leitomar em que adormecia o dia — como quem por *sæculum sæculorum* não teve deante dos olhos senão espectaculos feitos para a realeza.

> Eis aqui, quasi cume da cabeça
> Da Europa toda, o reino Lusitano;
> Onde a terra se acaba, e o mar começa,
> E onde Phebo repousa no Oceano.
>
> Lus. c. iii. xx.

Mudos de commoção se descobriram os meus companheiros deante de tanta formosura.

«Vimos muita terra», diziam, «e de todas quanto havia de mais bello; mas este golpe de vista é ao mesmo tempo o mais grandioso e gracioso que temos visto».

E eu, sentindo-me orgulhosa e como que natural d'este paiz de que tive o condão de poder fazer as honras aos meus patricios, agradeci, como costumam fazer os amaveis nacionaes d'elle, quando nos mimoseam e ainda agradecem a nossa satisfação.

Continuando a falar das impressões, causadas directamente pelos arranjos do Congresso: despertou todo o interesse, deixando a mais grata impressão, a sympathica festa da Sociedade de Geographia, que proporcionou aos congressistas o conhecimento de musica e de danças populares, como o das colonias portuguezas.

Igualmente as festas no Tejo e em Villa Franca deixaram-os muito penhorados.

Interessante o parecer differente dos individuos das differentes nações sobre as touradas:

Os japonezes, que — dir-se-ia — estariam um tanto endurecidos com a vista de luctas e fe-

ridas, declinavam em absoluto o espectaculo d'uma tourada isto é: d'uma lide de toiros.

Os allemães, admittindo que seria algo brutal «enfeitar» o touro, concordaram em que não deixava de ser curioso vêr provocada e vencida a força brutal da féra pela intelligencia e dextreza do homem, executada com arrojo, elegancia e ligeireza. Comparada com a tourada hespanhola era um torneio.

CINTRA — CASTELLO DOS MOUROS, LADO NORTE

Um americano (ou foi uma americana?) antipoda dos japonezes, declarou sympathisar com as touradas theorica e praticamente.

E todos, enthusiasmados pelas «cortezias», apparatoso e elegante espectaculo, ficaram encantados com o *jogo da rosa*. Effectivamente não é facil vêr cousa mais graciosa: um torneio, cujo premio é a rainha... das flores; as armas um sorriso, o escudo uma elegante evolução d'um nobre cavallo. Mesmo os filhos do Japão, d'esse paiz de flores e de festas de flores, confessavam: «Não temos no nosso paiz jogo que possa rivalisar em graça e formosura com este».

Foi-me especialmente interessante conhecer as impressões que tiveram os japonezes d'um paiz distante do d'elles de toda a extensão d'um hemispherio. E como alem de falarem correctamente o francez e inglez, se expressavam admiravelmente em allemão, chegámos quasi a sentirmo-nos como patricios no *pays de connaissance* d'esta lingua, conversando sem reserva.

Eram todos doutores e lentes de universidade. Alem de sabio, um d'elles poeta. Escreveu-me uma poesia japoneza no meu leque, promettendo enviar-me mais poesias d'elle traduzida a lettra para o allemão, para eu as pôr em linguagem rythmica. Estudaram allemão tanto no Japão como na Allemanha, de que, diziam, importavam constantemente a cultura.

«Fizemos uma alliança politica com a Inglaterra; com a Allemanha estreitámos uma duradoura alliança intellectual e civilisadora».

Estranhavam que aqui a lingua allemã não estivesse mais propalada, e que, sendo uma das tres linguas adoptadas pelo Congresso, houvesse quem reparásse que elles tivessem discursado em allemão.

«Viemos cá com muito prazer», diziam-me, «pois foi de Portugal que recebemos a primeira civilisação e a primeira arma de fogo. Foi tanto por aquella como por esta, que ficámos vencedores da Russia, n'uma guerra premeditada e preparada ha 30 annos com conheci-

mento de todos os nacionaes do Japão e de cujo exito nunca se duvidou no nosso paiz».

... E assim vieram filhos do extremo Oriente, revestidos da toga de lentes d'universidade, para confirmar ás gentes do extremo Occidente, primeira fonte da sua cultura, o que o Poeta-Propheta prevê e conta:

> «Mas não de.xes no mar as ilhas, onde
> «A natureza quiz mais afamar-se:
> ....
> «É Japão, onde nasce a prata fina,
> «Que illustrado será co'a Lei divina.»
> (Lus. c. x. cxxxi)

E não desdoiram os discipulos os seus antigos mestres com respeito á cultura. Longe d'isso! Mas quem diria que o impávido japonez, esganando com mão de ferro o gigantesco Urso branco, se incommodasse com umas bandarilhas no pescoço d'um touro, com as cambadas de passarinhos na Praça da Figueira ou com uma chicotada nas costas d'uma cavalgadura macilenta que não póde com um carro calçada acima?!

Eu lhes disse que tanto os passaros como as bestas de carga já tinham encontrado o melhor advogado no poeta ([1]) de «O Ninho», e «O Burro e o Bebado», e no coração de muita da melhor gente portugueza.

Depois d'isso já apenas me surprehendeu que confessassem encontrar pouco encanto na symphonia dos pregões de que tão harmoniosamente resoam as ruas.

Dir-se-ia que o japonez, apezar de guerreiro e medico, é effeminado, confirmando esta supposição o seu semblante imberbe e de tacita observação, o seu andar lento e cauteloso, o seu sêr silencioso, que parece um protesto contra qualquer barulho que não seja indispensavel e euphonico como o trovão dos canhões.

E apesar de civilisador e poeta, talvez desconheça ainda esta poesia suprema, este cunho de summa civilisação dos nossos paizes cultos, que cá se apregoa em: «E' o numero setecentos e noventa e treeeeees!...»

Escutavam com amavel deferencia a minha zelosa defesa que nem todos os pregões eram numeros; havia tambem os pittorescos «melões de Coimbra tão bons!» os «cabazes de morangos», os «vintem cada mómómómómómólho», as «tezouras e navalhas», as« ré–nda» o «azeite doce» e sobretudo as mil especies de peixe... sorriam resignados: «Sim, e ámanhã anda a roda! E' o *Dia*! Já cá está o *Mundo*!...» Desistí.

N'um ponto que, a par de sabão, cautelas e luz electrica é considerado medidor do gráo da civilisação d'um paiz, todos os congressistas confirmaram um notavel atraso de Portu-

([1]) Affonso Lopes Vieira: *Ar livre.*

CINTRA — VILLA ESTEPHANIA

Cliché Benoliel

TOURADA EM VILLA FRANCA — AS CORTEZIAS

gal: nenhum d'elles tinha dado pela falta da sua carteira ou bolsa, e esta levavam-na menos vazia que calcularam... Ainda bem!

Apenas o director d'um grande instituto medico em Colonia se queixava entre riso e pranto da carestia dos caminhos de ferro na Hespanha e em Portugal.

Tinha-se resolvido tarde a assistir ao Congresso, de maneira que já não houve tempo de se utilisar das regalias para a viagem.

Em compensação, como viesse pela linha do Douro, ficára extatico deante das serras imponentes, o rio pittoresco, os ridentes campos das provincias do norte, que tanto mais alegram os olhos do *touriste* quanto mais aridas, desertas e faltas de interesse se mostram as vastas planicies da Hespanha, percorridas pela via ferrea.

Se tivesse, como eu, estacionado algum tempo no paiz visinho, teria tambem notado a consideravel differença no asseio que ha entre os dois paizes.

Applaudiram o grande asseio das cervejarias de Lisboa, não deixando de admirar o afan com que se varriam a toda a hora as ruas de mais movimento, sem até dar descanço á vassoira nas tardes do domingo.

E então os carros electricos?! Como os de cá não os havia em todo o mundo. Não se andava, voava-se. Rivalisavam com os automoveis, sendo porém muito mais agradaveis no seu deslisar.

E que bellos passeios promettiam o Campo Grande e o passeio maritimo á beira do Tejo, já tão bem principiados! E havendo, como seria natural que houvesse um dia, carros electricos de Cascaes para Cintra e para Collares, explorando-se tambem a formosa estrada, tão bellamente delineada e tão deserta, de Alcabidéche e Collares, como um ponto culminante de formosura paizagista, e povoando-se o rio Tejo com barcos de passeio... oh, senhores, com que rastos d'ouro todos estes passeios seriam depressa dourados, d'ouro que não emanasse unicamente d'esses bellos raios do sol de Portugal!

> «E tu, nobre Lisboa, que no mundo
> «Facilmente das outras és princeza,
> «Tu, a quem obedece o mar profundo...

Tu caes da Europa! Abençoada lembrança!

E o clima?! Este tão afamado clima, que tem sempre as honras do primeiro logar, quando se fala nas bellezas de Portugal e es-

pecialmente de Lisboa?! Ai, eu não lhes digo nada... Aqui vae em ultimo logar, pois se elle se houve segundo a maxima popular: «Ganha fama e deita-te a dormir!»

Durante os dias do Congresso o clima esteve «desperto» apenas para assistir á *garden-party* em Monserrate e á tourada em Villa Franca.

Nos mais dias esteve «adormecido», substituindo-o um vento aspero e glacial, que como que tinha empenho em desmentir as minhas apaixonadas asserções, que era anormal este frio, que no inverno tinha estado mais calor do que então. As minhas patricias tiritavam, lastimando não ter trazido a roupa de inverno, já posta de parte e. . perderam d'uma vez para sempre o medo dos calores de Lisboa. «Â quelque chose malheur est bon!»

Todos levaram saudades, fazendo tenção de cá voltar, para mata-las n'este

«Jardim da Europa á beira-mar plantado
«de louros e de acacias olorosas;
«de fontes e de arroios serpeado,
«rasgado por torrentes alterosas,
«onde n'um cêrro erguido e requeimado
«se casam em festões jasmins e rosas;
«balsa virente de eternal magia
«onde as aves gorgeiam noite e dia.»

LOUISE EY.

CINTRA — CASTELLO DOS MOUROS, LADO SUL

EGREJA DE MOREIRA DA MAIA

Singular desastre de automovel

O PASSEIO

O meu amigo C *** convidou-me ha dias para ir jantar com elle e a familia, a Leça da Palmeira. E accrescentou:

— Espere-me ámanhã no Carmo, ás 4 1/2. Vou buscál-o no automovel com os rapazes. Qualquer d'elles, creia, é um *chauffeur* de uma canna. Verá; vae dar um passeio lindissimo.

No dia seguinte, á hora aprazada, mettia-me no automovel com o meu amigo. Occupavam os logares da frente os seus dois filhos, um dos quaes, pondo os monstruosos oculos, começou de guiar a moderna machina.

Sahimos da cidade tomando pela rua Oliveira Monteiro, que vae desembocar á nova e ampla estrada da circumvallação, onde ha trechos de caminho extensissimos, em linha recta, que parecem traçados de proposito para um automovel desenvolver toda a sua velocidade.

O sitio é dos mais pittorescos dos arrabaldes do Porto. Verdes pinhaes bordam a estrada de ambos os lados, impregnando o ambiente de aromas saudaveis.

A tarde estava formosissima, luminosa; não corria uma aragem.

Como que animando a paizagem, embora em monotona e dura fila, viam-se os guardas fiscaes, preservativos não raro falliveis contra a reles candonga, em pé, junto das guaritas, entretendo a ociosidade a pensar, eu sei... na morte da bezerra.

No momento em que passavamos, levantando nuvens de pó envolvidas n'outras de fumo, fixaram-nos elles com olhos espavoridos, julgando-se de certo felizes por, na sua quietude obrigatoria, não correrem o perigo em que nos suppunham, vendo o automovel despejar caminho de um fórma vertiginosa.

Quando chegámos ás proximidades de Leça, mudámos de rumo; isto é, o *chauffeur*, em vez de nos conduzir para casa, metteu a machina pelo caminho que leva a Santa Cruz do Bispo.

Durante esse transito, o nosso homem moderou o andamento; o estado lamentavel da

estrada não permittia caminhar tão rapidamente, sob pena de, n'alguma cova, o vehiculo tombar ou dar qualquer solavanco que nos ficasse de memoria.

Chegámos á egreja de Santa Cruz do Bispo e de lá seguimos para Moreira da Maia, onde tambem ha outra egreja com o seu bello cruzeiro, assombrado de virente arvoredo. Não pude apreciar a architectura de qualquer dos templos, mas afigurou-se-me o da Moreira um tanto original, embora talvez não deva muito á formosura esthetica.

— Aquelle portão, disse-me o meu amigo apontando para o lado direito, dá ingresso á bella propriedade de Luiz de Magalhães, filho...

— Bem sei, do grande tribuno que eu ainda conheci, José Estevão Coelho de Magalhães.

— Proximo da egreja de Santa Cruz do Bispo, continuou o meu amigo, ha outro portão pelo qual se entra para a quinta que foi dos frades, magnifica propriedade tambem. Só em buxo tinha, e não sei se continua a ter, uma riqueza.

— Como o Ramalhão...

— Ainda lá deve existir um tronco de arvore colossal, medindo não sei quantos metros de circumferencia...

— Ha de ser curioso.

— Muito curioso. Conta-se que, ha annos, o pai do abastado e illustrado proprietario portuense Christiano Van Zeller entrou, por acaso, na quinta e viu um homem do campo, um rustico, de machado em punho, preparando-se para derrubar o secular tronco. Indagando com que direito o fazia, soube que o homemzinho o comprara, na vespera, por uma libra, para fazer lenha. — «Quer você duas por elle?» pergunta Van Zeller — «Quero, sim senhor. Ellas que venham» — «Então o tronco é meu». E assim se salvou o venerando madeiro.

Fomos ainda até Barreiros e ahi, retrocedendo por se começar a fazer tarde, tomámos, em parte, pelo mesmo caminho para nos dirigirmos a Leça da Palmeira.

EPISODIO

Para cá de Santa Cruz do Bispo, n'uma estrada tambem contornada por extensos pinhaes como a da circumvallação, divisámos, ao longe, um cavalleiro muito atrapalhado da sua vida porque o garrano que montava se espantara ao ouvir a corneta de aviso do nosso *teuf-teuf*.

O cavalleiro parecia homem de meia edade, segurava na mão direita um grande chapéo de sol aberto e agarrava-se, com a esquerda, ás crinas do desinquieto cavallicoque de modo tal, que chegava a dar vontade de rir. O animal, ao sentir approximar-se o automovel, partira á desfilada, quasi sem governo, pelo pinhal fóra. Viu-se então quasi perdido o cavalleiro. O guarda-sol, embaraçando-se nos ramos mais baixos dos pinheiros, voltou-se. O chapéo fugiu-lhe da cabeça, e, na lucta com o garrano para lhe abrandar o passo e com os obstaculos que a todo o momento se lhe deparavam, o pobre homem tomava posições tão grotescas, que nós quatro, apesar da pena que a infeliz victima do progresso nos inspirava, soltámos uma unisona gargalhada.

Perdemos de vista cavallo e cavalleiro, e ainda riamos a bandeiras desprezadas do episodio. Chegava a ser uma deshumanidade, mas não estava mais na nossa mão.

Chegados a Leça, á meza do jantar, o comico incidente foi o mote principal da conversação, e com elle ainda riu a bom rir a familia do meu amigo.

O DESASTRE

Quando nos levantámos da meza, já o automovel, desempoeirado e reluzente, descançava, na cocheira, dos seus 30 a 40 kilometros, que fizera em cerca de hora e meia.

Eu tinha de regressar ao Porto, mas, como ainda era cedo, lembrou-se o meu amabilissimo amigo de irmos passar um bocado da noite ao Passeio Alegre, onde, no verão, costumam reunir-se as familias mais gradas da cidade invicta.

Assim fizemos. Tomámos um electrico, do qual nos apéamos, o meu amigo, os dois filhos e eu, no formoso jardim da Foz. A temperatura baixara, e tinha-se levantado vento; por isso, poucas pessoas se viam n'aquelle tão aprazivel passeio em noites amenas, quanto desagradavel e até perigoso nas agrestes.

Resolvemos, portanto, para fugir ao frio, abrigarmo-nos no café do Casino da Foz, estabelecimento elegante, onde um regular sextetto fazia as delicias dos frequentadores.

Entrámos. Todas as mezas estavam tomadas; porém, de uma d'ellas, levantavam-se tres sujeitos despedindo-se dos dois que ficavam.

Approximámo-nos, e quando nos iamos a sentar, o meu amigo, vendo que estes ultimos eram seus conhecidos, immediatamente me apresen-

tou e aos filhos, a ambos. Eram, segundo a apresentação que tambem me foi feita de suas pessoas, o mais velho, que devia orçar pelos sessenta annos, o administrador do concelho de ***, chefe do partido progressista da localidade; o outro, que não teria mais de quarenta e cinco, o medico do sitio, grande influente regenerador.

Aquelles dois rivaes partidarios, abancados á mesma meza, conversando como bons amigos, symbolisavam os nossos costumes politicos d'estes abençoados tempos de agora.

— O que ha de novo? perguntou-lhes o meu amigo.

— Nada, que eu saiba, respondeu com uma certa rudeza na voz e nos modos o mais velho. Tagarelavamos a respeito d'estas novas endrominas do progresso—bicycletas, automoveis, o diabo que os carregue...

— Coisas que eu aliás muito admiro e tenho na maior consideração, obtemperou o mais novo, o medico.

— Parece impossivel, depois de... e dando um forte murro na pedra da meza, em risco de a partir, o velho administrador, verdadeiro typo do homem chão mas grosso, muito grosso, continuou:

— Pois eu não, eu abomino essas choldras francezas — os dirigiveis, os velocipedes, os automoveis, que só servem para quebrar as costellas á gente quando não nos dão cabo do canastro, como tambem detesto os comes e bebes da estranja, mixordias que se mettem no estomago para dar que fazer aos medicos, como você...

Eu, para o ouvir, disse:

— A proposito de automoveis, estes amigos levaram-me hoje a um passeio lindissimo, no seu automovel...

Mas o nosso *chauffeur*, que estava a arrebentar por contar o caso do cavalleiro do pinhal, interrompe-me, dizendo:

—Por signal que assitismos, apesar da rapidez em que iamos, a uma scena engraçadissima...

— Então que foi? perguntou bonacheiramente o medico. Conte, conte lá o que foi.

E o bom do *chauffeur* começou de referir o episodio presenceado na estrada com o homem do garrano, apimentando o caso, collocando o pobre diabo, como lhe chamava, em situação ainda mais ridicula do que, na verdade, aquella em que o vimos.

O medico parecia escutar a narração com interesse, tendo de vez em quando um sorriso sardonico para o narrador; mas o outro, o casca grossa do administrador, logo ás primeiras palavras do *chauffeur*, embezerrou e a cada graça mais pesada que nos fazia rir, todo elle se torcia.

Por fim, o alegre *chauffeur* terminou o seu raconto, dizendo:

— Perdemos de vista o cavalleiro da triste

CRUZEIRO DA EGREJA DE MOREIRA DA MAIA

figura quando elle e o seu rossinante se embrenhavam no pinhal, deixando ficar nos esgalhos das arvores mais baixos o panno vermelho do guarda sol, que era por uma penna o do João Semana das *Pupillas do sr. Reitor*. O que lhe succedeu depois, não sei; mas desconfio que o garranote não lhe deixou um osso inteiro.

— Engana-se, meu caro, disse o doutor com um ar de bonhomia impagavel, antegosando a surpreza que nos ia causar. Os ossos do cavalleiro ficaram tão inteiros como a seda do guarda sol. Quando V. Ex.as entraram, acabava eu de contar o famoso successo aqui ao nosso administrador...

— N'esse caso, sabe V. Ex.a quem era o cavalleiro, disse o outro filho do meu amigo, que, menos loquaz do que o irmão, pouco fallara até ahi.

— Sei perfeitamente.

— Então quem era? quem era? diga.

— Era eu.

Ficámos os quatro passados, não chegando a perder os sentidos, por um milagre, o chocalheiro do nosso *chauffeur*.

— Era eu, proseguiu o medico sorrindo ainda mais sardonicamente, eu que, não sendo adverso ás conquistas do progresso, amaldiçoei n'aquelle momento o vosso automovel porque espantou o meu garrano e me fez passar um mau quarto de hora.

— Peço desculpa se... gaguejou enfiado o *chauffeur*.

— Não tem de quê; V. Ex.a não foi culpado em coisa alguma.

— Mas...

— Bem sei; quem conta um conto accrescenta um ponto. Eu, de mais a mais, medico da aldeia, posso-me parecer com o João Semana, do Julio Diniz... talvez me pareça, menos no chapéo de sol, que é de seda preta, como vêem. E mostrou o chapéo a que se encostáva pachorrentamente com ambas as mãos. Em todo o caso, o que lá vae, lá vae, e não fallemos mais n'isso.

— E' melhor, é, resmungou o administrador.

— Além do que, estamos pagos. Se eu me vi afflicto, montado no garrano, ao passar do seu automovel, V. Ex.a afflicto se vê agora, assentado n'esse banco, ao achar-se na presença do heroe da sua engraçada narrativa. Em resumo, não ganhámos ambos para o susto.

— Eu considero o que acaba de me succeder, disse o *chauffeur* creando animo a pouco e pouco, um singular desastre de automovel, e confesso, com franqueza, que talvez preferisse a este, qualquer outro dos mais communs n'aquelle genero de *sport*, embora tambem de mais funestas consequencias.

DESFECHO

Foi o pae do vexado *chauffeur* quem acabou de tirar o filho da embaraçosa situação em que se via, advertindo-o paternalmente de que não é bom rir á custa alheia — elle, o outro filho e eu tinhamos rido tanto como o pobre rapaz — e pedindo desculpa ao medico, do terrivel damno que lhe ia causando o seu automovel.

Terminou, mandando vir uma garrafa de Champagne para envolver o caso nos poeticos vapores d'aquelle vinho espumoso, que n'um abrir e fechar de olhos se evolam.

Todos sentiram alma nova com este desfecho. Apenas o administrador do concelho, carregando mais o farto sobr'olho ao ouvir, logo depois, o estalar da rolha da garrafa, pareceu dizer comsigo:

— Preferia uma caneca do verdasco da minha ramada

RANGEL DE LIMA.

Protecção aos Desvalidos

Quadros fugitivos da acção caritativa da bôa e generosa alma portugueza

O ASYLO DE S. MANOEL, PARA CEGOS FUNDADO PELA MISERICORDIA DO PORTO — VISTA GERAL

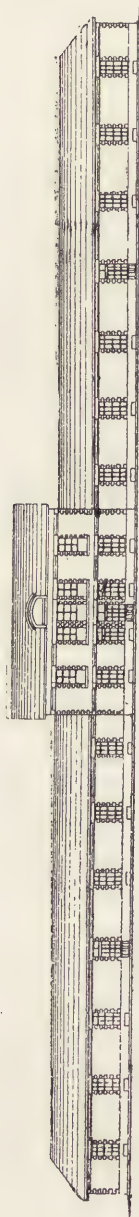
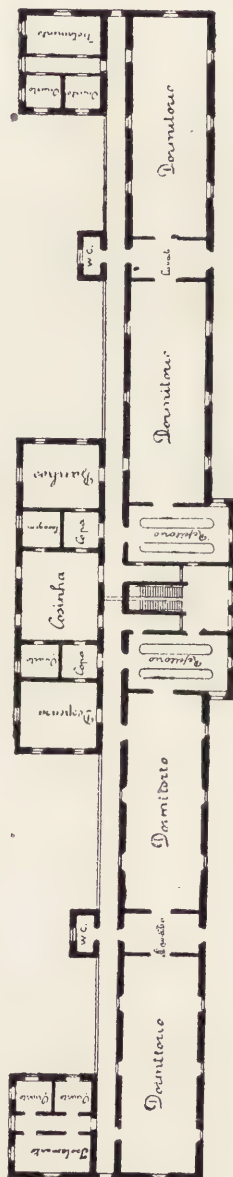
Os Cegos

II

DIZER como veiu a introduzir-se e a radicar no nosso paiz a cruzada do ensino racional dos cegos, é o objecto especial a que se destina este segundo artigo, por quanto o primeiro se consagrou a relatar apenas o que dizia respeito á acção benefica de simples protecção e amparo exercida pela caridade publica para com esta classe de desditosos indigentes.

A completar o que n'elle se dizia ácerca do Asylo de S. Manuel, fundado pela misericordia do Porto, incluem-se n'este segundo artigo as duas gravuras pelas quaes o leitor poderá fazer idéa d'aquelle instituto, e juntamente o retrato do seu dedicado iniciador.

O ensino dos cegos constitue porem outro capitulo não menos interessante de moderna e bem orientada beneficencia.

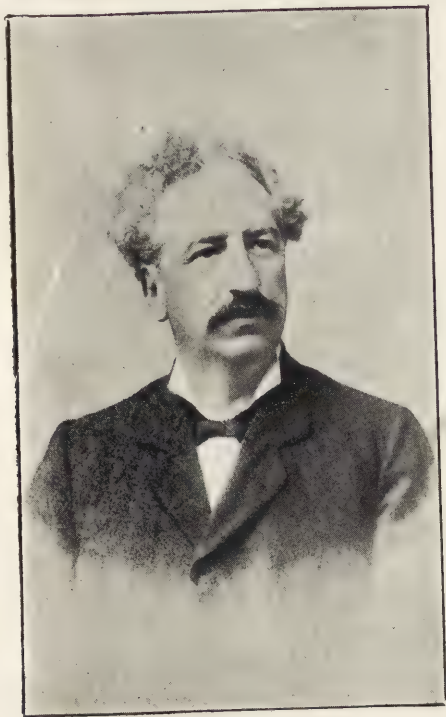
Foi outra filha do celebre dr. Xavier Sigaud vinda para Portugal, onde se tornou muito conhecida sob o nome de madame Souto, quem, encontrando dedicados auxiliares no sr. A. M. de Lima Carvalho, no cego sr. Léon Jamet, antigo alumno do Instituto de Paris, organista e musico da capella real, e no dr. Aniceto Mascaró, e conquistando a bôa vontade e protecção da alta sociedade portugueza,

ASYLO DE S. MANUEL — ALÇADO E PLANTAS DO EDIFICIO

procurou crear uma forte corrente affectiva de typhlophilos de que resultou a *Associação promotora do ensino dos cegos.* Após uma reunião nas salas do *Commercio de Portugal*, onde alguns cegos executaram em publico exercicios de leitura, escripta e musica, captivando assim a adhesão de espiritos intelligentes e cultos, fundou esta Associação em 1889 o seu *Asylo escola Antonio Feliciano de Castilho*, situado primeiro ao Calvario, perto da residencia da instituidora. D'alli passou para Pedrouços e depois para o palacete na rua de S. Francisco de Paula, onde hoje se encontra.

Abriu apenas com 4 alumnos e 5 alumnas, menores, todos filhos de familias pobrissimas, alguns dos quaes antes recorriam á mendicidade; hoje mantém 57 asylados de ambos os sexos.

Directores intelligentes e dedicadissimos promoveram a implantação do ensino profissional a par do da instrucção primaria, de portuguez, de francez, de musica, de piano, e de violoncello e canto, que já existiam.

Crearam-se em 1899 as officinas de escovas e de sapatos de trança, bem como as de obras de malha, crochet, flores e rendas de Peniche. Alguns dos professores são cegos, e ultimamente com os alumnos de musica se formou alli uma pequena orchestra, que tem tocado em concertos publicos, com applauso dos auditorios.

Ainda no dia 20 de maio ultimo, nas salas do *Real Gymnasio Club*, se effectuou perante numerosa concorrencia um sarau, onde os ceguinhos com a sua orchestra, sem regente, executaram difficultosos numeros do programma musical. Além disto, porém, recitaram poesias, cantaram, dansaram, com admiravel precisão, e apresentaram exercicios de gymnastica sueca, em que os alumnos de ambos os sexos fôram pacientemente adextrados pelo professor sr. Annibal Pinheiro.

DR. PAULO MARCELLINO DIAS DE FREITAS
Provedor honorario da Misericordia do Porto
e iniciador do Asylo de S. Manuel

Pelas nossas gravuras verá o leitor alguns aspectos do asylo e grupos de asylados nos seus varios mistéres. São reproducções de bellos clichés que o nosso habil collaborador artistico sr. A. Barcia alli foi expressamente tirar, mediante graciosa concessão dos actuaes e zelosos directores do Asylo.

Parallellamente, a corrente das idéas pedagogicas ia insuflando no *Instituto Imperial dos meninos cegos*, do Rio de Janeiro, notavel desenvolvimento e radical transformação.

Foi o dr. Xavier Sigaud quem primeiro lhe deu impulso inicial, para demonstrar—«o erroneo preconceito de que o cego é um invalido condemnado á ignorancia, merecendo só compaixão e cuidados corporaes».

O seu continuador, depois de 1856, dr. Claudio Luiz da Costa, consagrou-lhe durante 13 annos egual dedicação, e por fim seu genro o illustre dr. Benjamin Constant, nomeado director em 1869, foi, quando ministro do governo democratico, o seu feliz reformador. Até 1889 o grande asylo, que D. Pedro II patrocinára tanto, doando-lhe terreno onde se construiu em 1872 o vasto edificio, era apenas um hospicio onde se acolhiam e albergavam cegos indigentes.

O espirito lucido de Benjamin Constant esboçou o novo plano, e deu ao Instituto, pelo Decreto de 17 de maio de 1890, o caracter de uma verdadeira escola de ensino theorico e profissional.

É curioso vêr nos relatorios e noticias elaboradas pelos seus ultimos directores dr. Brazil Silvado e Jesuino da Silva e Mello, como alli, similhantemente ao que succede no Instituto Braille, em Saint Mandé, de que é proficiente director o dr. Péphaud, se ensina aos cegos, com processos e material de ensino interessantissimo, a geographia, a historia natural, além das linguas vivas, da historia patria, da mathematica elementar, etc.

E, a par do ensino theorico, veem-se tambem as officinas onde aprendem o fabrico de escovas, de vassouras, de espanadores, a empalhação de moveis, e os misteres de typographos e de encadernadores. As raparigas aprendem a fazer crochet, bordados, flôres e obras de missanga.

Benjamin Constant morreu em 1891, e o governo brasileiro, entre as honras que tributou á sua pranteada memoria, deu o seu nome ao Instituto, de que elle fora durante 21 annos o mais dedicado director.

O ensino de musica e de canto occupa tambem alli, como nos asylos de Lisboa, um logar

Cliché de A. Barcia.

O ASYLO ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

Edificio actual na Rua de S. Francisco de Paula em Lisboa

Cliché Benoliel

GRUPO DE CONCERTISTAS CEGOS NO ASYLO ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

importante, visto serem artes mui peculiarmente cultivadas pelos cegos.

Para esse fim mantém aulas de canto e de canto coral, de instrumentos de sopro e de corda, de piano, harmonium e orgão, e do concerto e afinação destes instrumentos; nestas aulas se tem habilitado a ganhar honrosamente a vida muitos musicos, pianistas e afinadores.

Havia no Instituto uma banda, que o director Brazil Silvado transformou em orchestra. Com ellas se effectuaram magnificos concertos e saraus, como os do nosso Asylo Escola Antonio Feliciano de Castilho. Para uma destas soberbas festividades, escreveu o illustre e malogrado poeta brazileiro Valentim de Magalhães inspiradas poesias.

Uma destas poesias intitula-se—*Os dois edificios* (*A Cadeia e a escola*), e a outra *Os cegos*.

Nesta ultima se enaltecem as aptidões aproveitaveis dos cegos, ante os quaes se abre o mundo do Ideal, o mundo do Pensamento.

Não é possivel resistir á tentação de transcrever aqui, apesar de extensa, esta sentida poesia, obra prima do poeta brasileiro. E' um serviço prestado aos nossos leitores que não facilmente conseguiriam lêl-a de outro modo.

Foi escripta no Rio, em agosto de 1898.

Eil-a:

Ha dois mundos no mundo. Um palpavel e enorme,
Composto de milhões de formas e de aspectos.
Que ao sol palpita e vive e que nas trevas dorme;
Mundo de sensações, de contactos. de objectos.

E' o visivel......
....

Esse mundo é o que nós de vista conhecemos;
Só de vista, que a essencia e a origem ninguem sabe.
Nelle vemos a luz e nelle a luz perdemos...
Esse mundo sem fim numa pupilla cabe!

O outro é o que se vê sem olhos, o que ao tacto
Escapa e nenhum sabio inda póde graphar;
É o que palpita e ruge e canta, immenso e intacto;
Tem mais astros que o céo, mais perolas que o mar.

É o mundo do Ideal, do Pensamento; é o mundo
Interior, que não tem formas nem apparencias;
Em cujo intimo seio, incognito, profundo,
Tumultua, fervendo, a mó das consciencias.

Cegos, é nesse mundo o vosso reino, o vosso
Céo é esse, em que ha luz e não ha vendavaes;
Cujo sol — o Ideal, não tem, qual tem o nosso,
Occaso, eclipse e noite, e não morre jamais.
....

Cégos, a vossa luz é a luz d'Alma, é a bôa,
A que não se macula em charcos e paües;
Vem d'um céo em que o Bem serenamente vôa,
— Pomba de neve e rosa em páramos azues.

Cégos, vêdes p'ra dentro e melhor e mais certo
Que os que cegos não são; os males e as desgraças
Adivinhaes, se tanto; estaes de Deus mais perto;
Seguís dos anjos d'Elle as luminosas traças...

Nunca vereis a chaga, o sangue, o pús, a lama
Nunca vereis matar, nunca vereis morrer!
Ignoraes o que seja a Fealdade, e o drama
Do crime não o podeis, horrorisados, ver!

Do amor tendes sómente a essencia delicada.
Toda a mulher p'ra vós é formosa e perfeita...
Não tendes, como nós, a alma insaciada,
Desejando sem tregua e nunca satisfeita.

Cegos, porquê? porque não vêdes o que vemos?
O nosso mundo vil, o nosso inferno atroz?
Tristissima cegueira esta em que nós perdemos!
Oh! Como vêdes bem!
Os cegos somos nós!

*
* *

Lancemos agora uma rapida vista de olhos pelos processos ou systemas inventados para o ensino dos cegos.

Ao francez Carlos Barbier, fallecido pouco antes de 1850, se deve a idéa-mãe, a base principal em que todos os systemas se fundaram —a dos pontos salientes para os cegos lêrem as lettras em relevo, pela palpação com os dedos. Esta idéa simples e engenhosa teve a opinião favoravel da Academia das Sciencias de Paris, em tres relatorios successivos de 1820, 1823 e 1830, firmados por nomes celebres como os de Lacépède, Cuvier, Ampére e Molard.

Barbier chamava á sua escripta—*escripta nocturna*—por ser applicavel a videntes, cegos, surdos-mudos e até aos ignorantes da leitura usual, em razão da sua extrema simplicidade.

Luiz Braille, contemporaneo de Barbier, aproveitou a idéa e dispoz os pontos em relevo de modo a formar signaes convencionaes correspondentes ás lettras e algarismos.

Outro francez, Ballu, desenhava as lettras do nosso alphabeto por fieiras de pontinhos picotados ou em relevo, tornando assim mais difficil e morosa a sua leitura pelos cegos.

Analogo tambem é o systema do abbade Carton, que comtudo procura desenhar a lettra do alphabeto commum, approximando-se já de uma perfeição ideal.

Surgem depois outros systemas de escripta, denominados *estylographia*, em que a cravação ou relevo da lettra se faz por meio de traços

ASYLO ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

Cliché de A Barcia GRUPO DE CEGOS

seguidos e não de pontos. Foi seu dedicado promotor o conde de Beaufort, tendo por seguidora M.elle Mulot.

Llorenz, inventor do systema usado em Hespanha, era filho da Catalunha, berço do ensino dos cegos. A escripta de Llorenz é a lettra commum estylographada. O inglez Moon adoptou a linha

GRUPO DE ALUMNAS CEGAS
Exercicio de leitura

TRABALHANDO EM RENDAS DE BILROS

LAVORES FEMININOS

Clichés de A. Barcia

em relevo, mas seguiu um alphabeto convencional.

Vemos portanto que Hauy e Barbier deram a base de todos os systemas — a cravação, o relevo. Braille aproveitou a idéa, mas afastou-se de Hauy, e como cego só cuidou da leitura dos cegos, sem pensar no proveito que haveria em tornal-a accessivel aos videntes.

Por fim o medico catalão Aniceto Mascaró, de Gerona, licenceado em medicina e cirurgia pela Universidade de Barcelona, e que em 1870 veiu estabelecer-se em Lisboa, onde por muitos annos exerceu a clinica ophthalmologica, começou desde 1889 a dedicar-se á typhlologia, isto é, ao estudo da pedagogia dos cegos.

Aproveitando o que havia de bom nos systemas inventados, o dr. Mascaró creou o seu systema de escripta para cegos e videntes, e fundou na rua do Alecrim, n.º 20, o seu *Instituto Medico-Pedagogico Mascaró*, para habilitar os cegos e todos os anormaes á frequencia das escolas communs dos videntes, assim como para formar professores idoneos, dos cegos e videntes.

Neste systema de escripta, porém, os pontos picotados obedecem á regra de definir o mais possivel a letra commum, maiuscula, marcando-lhe o principio, o meio e o fim, ou só o prin-

ASYLO ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

AULA DE PIANO, VENDO-SE AO FUNDO O BUSTO DE CASTILHO

cipio e o fim, sendo ligados pela evolução ou traço impresso a preto, como os pontos, de modo que o vidente lê numa escripta deste systema, como em qualquer livro vulgar.

Eis conseguido o supremo ideal! A escripta Braille, carecendo a iniciação previa no alphabeto, ou a chave da leitura, só serve para cegos ensinados no seu systema, os quaes tacteando com os dedos os signaes convencionaes nella traçados, conseguem lêl-a com rapidez. — «Mas, diz-nos o dr. Mascaró, a escripta para cegos e videntes permitte que a mãe ensine o filho cego a fim de que possa frequentar as aulas communs».

Leigues, ministro da Instrucção publica de França, reconheceu, e assim o declarou ao proprio dr. Mascaró, que o seu systema representava o aperfeiçoa-

REFEITORIO

Clichés de A. Barcia.

GRUPO DE CEGAS DO ASYLO ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

mento do de Braille e como demonstração de apreço concedeu-lhe as *palmas* da Academia. Em 1900, no Congresso de Paris trezentos votos o approvaram.

O eminente typhlologo J. Cunningham, de Paisley, declarou que este processo tão simples e engenhoso fazia honra ao seu inventor.

Escusado será encarecer as vantagens desta

ASYLO ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO — OFFICINA DE ESCOVAS

Clichés de A. Barcia

escripta, que para nós tem ainda a recommendal-a o facto de ter nascido em solo portuguez, embora de um auctor extrangeiro, mas de nação visinha e irmã na raça e no sentir. É um invento portuguez.

ASYLO ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO — CEGAS NO RECREIO
Cliché de A. Barcia

Estes systemas de escripta em relevo applicam-se egualmente á notação musical. Braille deixou memoria immorredoura na sua perfeitissima musicographia.

Muitas outras analogas na base do processo dos signaes em relevo estão porém em uso.

No Instituto Nacional dos Cegos de Madrid (que é de cegos e só por cegos dirigido, apenas com protectores ou patronato) ensina-se a musicographia Abreu.

O dr. Mascaró tem tambem a sua, que mereceu em 1900 do conselho escolar do Conservatorio de Lisboa parecer favoravel, attendendo a que todos os signaes e notações se assimelham aos da musica usual, dispensando a pauta e as claves, formando portanto um methodo de facil comprehensão.

O distincto critico e musicographo sr. Ernesto Vieira tambem se tem dedicado com especial predilecção ao ensino musical dos cegos, obtendo na Academia dos Amadores de

O INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT, NO RIO DE JANEIRO, PARA EDUCAÇÃO DOS CEGOS.
VISTA GERAL DO EDIFICIO

O CEGO LUIZ BRAILLE

AUCTOR DO ALPHABETO E SYSTEMA DE LEITURA PARA CEGOS

Musica os mais lisonjeiros resultados, dignos de registo e de admiração, em alumnos que hoje exercem com proficiencia o ensino da musica. É auctor de uma musicographia egualmente notavel.

Cada systema tem seus adeptos. A França conserva o culto de Braille, que se extendeu ao Brasil, onde o director do Instituto Benjamin Constant, o sr. Brazil Silvado, se manifestou braillista, com tendencias pronunciadas para o ensino mixto de cegos e videntes. Em Hespanha domina o systema Llorenz e entre nós, onde o systema de Braille tem tido seguidores, o de Mascaró tem produzido optimos resultados.

Perfilhou-o com prazer o sabio Provedor da Misericordia de Lisboa, o fallecido dr. Thomaz de Carvalho, alma grande, sempre aberta a todas as idéas generosas e bôas, quando a pedido do dr. Garcia Peres, de Setubal, albergou na Misericordia um cego, remunerando o professor Barreiros, que alli o ia leccionar, bem como a outros que depois aproveitaram egual protecção. Este beneficio, porém, cessou.

Um dos discipulos do dr. Mascaró, o cego Lobo de Miranda, tendo sido devotadamente leccionado pelo fallecido general Claudio Chaby e pelo sabio lente da Universidade de Coimbra sr. dr. Bernardino Machado, apostolo da instrucção popular, e ambos enthusiastas pelo systema Mascaró, foi nomeado professor de videntes na Escola Normal de Lisboa, cujas aulas frequentou com as melhores classificações.

Muitos operarios cegos se acham hoje trabalhando livremente, em concorrencia com os videntes, em diversas officinas de escovas e pinceis, nas dos asylos de Santo Antonio e de D. Maria Pia, assim como no officio de cesteiros, sob a direcção de outro cego Adolpho A. Lobato.

Infelizmente Aniceto de Mascaró y Cós, acommettido de subita doença em plena sessão do Congresso medico de Lisboa, no momento em que mais uma vez ia usar da palavra em reuniões publicas internacionaes, para defender com tenacidade inabalavel a causa do ensino dos cegos, morreu a 25 de abril ultimo, sem

ALPHABET MASCARÓ ET SON EQUIVALENT BRAILLE

A B C D E F G H I J

K L M N O P Q R S T

U V X Y Z Ç É À È Ù

Â Ê Î Ô Û Ë Ï Ü Œ W

, ; : . ? ! ( ) « * »

1 2 3 4 5 6 7 8 9 0 $

COMPARAÇÃO DOS ALPHABETOS DE MASCARÓ E DE BRAILLE

ter conseguido vêr a definitiva victoria do seu methodo.

Toda Lisboa estimava o bondoso e caritativo ophthalmologista, que fôra o primeiro a fundar em Portugal, sem auxilios officiaes, a clinica e o ensino gratuitos dos cegos, exercendo a sua missão philantropica com uma dedicação sem limites.

Filho da Catalunha (onde nascera em 1842, em Liadá), dessa provincia onde predominam o caracter vivo e a actividade febril, Mascaró, que enriquecera na America, conservou sempre essas qualidades caracteristicas da sua origem, e sob um aspecto original, conquistava as sympathias pela graça insinuante, fina e vivaz que nunca perdia nem mesmo nos momentos de mais acerbo azedume.

O dr. José Lourenço da Luz dizia que se todos os hespanhoes fossem Mascarós estaria feita de ha muito a união iberica.

O DR. ANICETO MASCARÓ

Cliché Muniz Martinez

Nenhumas contrariedades, que as teve e muitas, o demoveram da sua paixão philantropica. A protecção e o ensino dos cegos eram o seu desinteressadissimo enlevo. — «Os cegos não vêem, dizia elle, mas imaginam; e como os povos da Peninsula são muito ricos em imaginação, os meus cegos hão de vêr na mente o que a sensibilidade dos dedos descobre na escripta».

Como o soldado morreu no seu posto de combate, advogando no congresso a causa de que era estrenuo e devotadissimo apostolo!

Sirvam estes singelos periodos do meu artigo de modesta homenagem de saudade pela inesperada morte do dedicado bemfeitor dos cegos, e meu bom amigo dr. Aniceto Mascaró.

O seu systema realiza o ideal moderno do ensino mixto de normaes e anormaes. É no dizer do proprio auctor, o aproveitamento do processo natural, que pode affirmar-se foi sempre o systema portuguez, isto é a *auto-educação* na lucta pela vida.

É um methodo simples, espontaneo, affectivo, amoravel, bello como o *methodo portuguez* e como a *Cartilha Maternal!*

É util a convivencia promiscua de cegos e videntes na escola e na officina. O companheiro vidente empresta ao companheiro cego a sua vista, e o seu auxilio a todo o momento. Desta sorte o cego distrahido do isolamento das trevas como que vê pelos olhos dos camaradas de trabalho e recebe a instrucção das cousas, a noção do mundo exterior que desconhece.

É por este processo natural e espontaneo que tantos cegos apprenderam officios, artes, sciencias.

Admirou-os el-rei na sua viagem ao Algarve ao vel-os trabalhar nas fabricas de rolhas a par dos videntes; assignalou-os em egual mister o sr. Baldaque da Silva, em Sines; temol-os nós todos visto habeis sineiros, cesteiros, corticeiros.

Quantos exemplos de notavel acuidade intellectual não derivada de ensino poderiam apontar-se. Não falando na biblica historia da cegueira de Tobias, inspiradora do soberbo quadro de Botticelli, nem na lenda,

hoje contestada, da barbara mutilação infligida ao celebre general grego Belizario, lenda de que aproveitaram as artes e as lettras, nos quadros de Van Eyck e de Gerard, no romance de Marmontel, na tragedia de Jouy e na opera de Donizetti, mesmo nos dramas ignorados e simples da vida contemporanea abundam exemplos notaveis. Citarei alguns, como o de um edoso empregado do deposito de materiaes do sr. Sabido, na rua de S. Bento, o de um conhecido vendedor de jornaes hespanhol, Manuel Criado Fernandez, que costuma estancear na rua da Betesga, dando notaveis provas de esperteza na sua vida activissima, e ainda o de um cego que vive na Arrentella, de nome Augusto Catraeiro, o qual, tendo perdido a vista em tenra edade, exercia o mister de barqueiro, conduzindo sosinho o seu bote no Tejo, em carreiras do Beato a Cacilhas, e manifesta em muitos outros factos extrema penetração de sentidos e uma percepção facil do mundo exterior que o cerca.

PAUTA METALICA SOBRE A QUAL OS CEGOS ESCREVEM COM O PUNÇÃO, AS LETRAS EM RELEVO.

Em mistéres mais elevados são dignos de menção o fallecido Silva Campos, que durante muitos annos exerceu o logar de escrivão da nobreza do reino, o sr. Brito e Cunha, que victima de um desastre continua a dirigir com proficiencia a sua fabrica de productos chimicos, e o sr. Doria, da Covilhã, que dirige uma tinturaria.

E quantos mais! Musicos e professores vêmol-os eximios. No conservatorio de Lisboa deixou memoria illustre o conhecido cego João Nepomuceno de Seixas, fallecido em 1873, o qual alli regeu a cadeira de rudimentos e de recta pronuncia; como musicos são exemplos dignos de registar aqui o sr. Leon Jamet musico da real camara, o afinador da casa Neuparth e do conservatorio sr. Francisco Llorente, e o celebre violinista brasileiro Luiz Margutti, professor do instituto dos cegos do Rio de Janeiro, onde muitos outros professores são egualmente cegos.

E deste instituto brasileiro muitos antigos alumnos teem constituido familia, vivendo independentes, e mantem até um delles, Cesario Lima, um externato de videntes de ambos os sexos, muito frequentado.

O *Magasin pittoresque* de 1854, fala-nos com elogio de um portuguez de nome Diogo Alvares, que apesar de cego, tinha tão bonito talho de lettra que os seus escriptos se guardavam como preciosidades.

*
* *

Os esforços dos typhlophilos teem sido constantes em favor desta causa sacrosanta. Quasi todos os annos se reunem em congressos e conferencias, nos principaes centros da Europa culta, a discutir processos, a relatar e aquilatar resultados. Vemol-os em Paris, em 1878 e 1889, em Bruxellas em 1902, em Milão em 1901, e por fim, em Edimburgo, nos fins de junho do anno passado.

Entre nós a propaganda tem sido intensa. A *Revista Mascaró* tem fornecido elementos de leitura e ensino aos cegos e videntes, e publicado na escripta do seu director poesias, como a *alma minha* de Camões, trechos do D. Quixote, etc, impressos em cartão, ou em seda, e até em lindas placas de porcelana, havendo nestas a traducção do soneto de Camões em catalão e em latim. Esta ultima versão é do mallogrado e sapiente dr. Santos Valente, e as chapas de porcelana dedicadas ao dr. Thomaz de Carvalho.

PUNÇÃO COM QUE SE FAZEM OS PONTOS E OS TRAÇOS EM RELEVO NA ESCRIPTA DOS CEGOS.

Poderiam registar-se entre muitas outras diligencias em-

ERNESTO VIEIRA

pregadas para o ensino dos cegos, as escolas profissionaes de cegos de Lisboa e Porto, de acção restricta, o *Jornal dos Cegos*, impresso para propaganda entre videntes, o grande numero de esmolas e donativos que por disposições testamentarias distribuem a Misericordia de Lisboa e outros institutos.

E para fecho desta resenha muito incompleta, cumpre dizer que obedecendo ao pensamento sympathico de tornar pratico e effectivo o ensino mixto de cegos e videntes, pensa o actual director geral da Instrucção Publica, o sr. cons.º Abel de Andrade, em organizar a admissão e ensino dos cegos nas escolas primarias do reino, onde já actualmente os recebem, habilitando o professorado a tão proficuo e louvavel intento. Muitos directores de collegios particulares e de estabelecimentos industriaes de Lisboa e Porto offereceram ao Ministro do reino a concessão de entrada livre nas suas aulas e officinas a todos os cegos do paiz que as queiram frequentar. Assim se evitam ao Estado as despesas da creação e manutenção de asylos e escolas, e se procura manter, na maxima liberdade, sem encarceramentos humilhantes, as infelizes creanças.

Não terminarei este artigo, que vai já extenso, porque o interesse excepcional de assumpto tão pouco conhecido por certo da maioria dos leitores, me compelliu a alongal-o, sem chamar a attenção de quantos fizerem a honra de me lêr, para esta sacrosanta cruzada do Patronato dos cegos, que deveria implantar-se de uma maneira pratica, simples, affectiva, pela cooperação dedicada de todos, promovendo-se a vida livre, harmonica, completa dos anormaes, a quem se devem abrir todas as aulas, todas as officinas, todos os recreios e distracções de que os videntes gosam e aproveitam, numa communidade fraternal, verdadeira aspiração de supremo conforto e amparo a esta classe infelizmente numerosa de desvalidos.

Castilho

ASSIGNATURA DE A. F. DE CASTILHO

Nem é facil de presumir a quantos infelizes está abençoada propaganda poderá aproveitar! Não existe uma estatistica official dos cegos indigentes e não indigentes existentes por todo o paiz, além dos 150 que se acham internados em asylos e hospicios. De uma tentativa, feita em 1904 e na qual se confessa a insuperavel deficiencia do trabalho, calcula-se haver no reino mais de 4500 cegos indigentes e de 2700 não indigentes, sendo 895 menores de 21 annos.

Taes são os numeros que uma imperfeita estatistica nos accusa, inferiores por certo á triste verdade, com respeito á população cega do paiz, a bem da qual forçoso se torna en-

MUSICA PARA CEGOS, SYSTEMA MASCARÓ
COMPARAÇÃO COM O SYSTEMA USUAL PARA VIDENTES

vidar todos os esforços da caridade, dispensando-lhes a protecção na indigencia e o ensino, o amparo intellectual e moral de que todos elles carecem.

Esta cruzada santa é dever que a todos cumpre, mas muito especialmente aos medicos, aos institutos especiaes onde os cegos são tratados, albergados e protegidos. Aos medicos sem a menor duvida, quando mais não seja, como muito espirituosamente dizia alguem, pelo dó e commiseração que devem merecer-lhes todos os que elles deixaram cegos.

Tal foi o caso celebre que nos conta Pedro Dufau no seu magnifico livro — *Os cegos*, publicado em Paris em 1850. Passou-se na Catalunha que, como se vê, tem sido o berço de notaveis ensinadores dos cegos. O celebre cego Jaime Isern, de Mataró, depois musico notavel, e auctor de uma famosa musicographia, fôra durante algum tempo tratado por um medico distincto, depois seu biographo, que debalde tentou arrancal-o á cruel cegueira. Desanimado, vista a impossibilidade da cura, este medico bondosissimo dedicou-se de corpo e alma a ensinar o seu doente, procurando por este modo, já que por outro o não conseguira, remediar a desventura de Isern.

Reconhecido ao inapreciavel beneficio da instrucção, que lhe abriu uma vida nova, dizia Isern que o seu medico lhe proporcionára — *un beneficio que le pareció tan apreciable como la adquisicion de la vista por la que en vano hizo el viaje.*

Commovedora phrase que bem nos pinta o ineffavel prazer do cego quando pela educação consegue entrar no convivio do pensamento, na vida da Humanidade.

VICTOR RIBEIRO

EFFEITOS DE LUZ

Photographia de um poeta

A ESPHYNGE

Cliché de Affonso Lopes Vieira

SUMMARIO DOS CAPITULOS I A X

Benita Clifford, que se dirigia á Africa a bordo do paquete ZANZIBAR afim de se reunir a seu pae em Durban (Natal), tem por companheiro de viagem Roberto Seymour o qual se enamora d'ella. Seymour conta como encontrou o pae d'ella e Jacob Meyer em Bambatse, no interior de Africa, onde se suppunha existir um valiosissimo thesouro escondido. A declaração do seu amor é interrompida, quando ella está para responder, pelo naufragio do paquete. Seymour salva com grande difficuldade Benita, desfallecida por um ferimento na cabeça, mettendo-a dentro d'uma lancha. Cede em seguida o logar a uma mulher e a uma creança, em riscos de afogar-se, por não caber mais gente na lancha. Antes de se lançar ao mar, deixa no seio de Benita uma carta em que pede a resposta á sua declaração, caso ainda venham a encontrar-se. Consegue alcançar a costa, extenuado. A lancha é encontrada por outro paquete, e Benita reune-se a seu pae em Durban, onde por um jornal tem noticia do encontro de um cadaver na costa por um cafre, que apresentou como prova um relogio com o nome de Seymour. Benita e seu pae partem para a fazenda d'este, Rooi Krantz, e quando estão proximos sahem do carro para dar caça a um antilope ferido, transviam-se, e de noite estão a pique de cahir n'um precipicio, quando em seu auxilio acode Jacob Meyer, levando-os a salvo para a fazenda. Ahi lhe narram a lenda dos portuguezes mortos ha seculos em Bambatse, e do thesouro que deixaram escondido. Uma deputação da tribu dos makalangas, naturaes de Bambatse, vem procurar Clifford e Meyer, promettendo-lhes todo o ouro que puderem encontrar se lhes levarem quinhentas espingardas e os respectivos cartuchos, afim de resistirem aos Zulus. Elles concordam, compram as armas e as munições e partem para Bambatse.

Vem uma embaixada dos matabeles declarar guerra aos makalangas. Meyer mata um dos embaixadores que falta ao respeito a Benita. Os europeus, no recinto interior da fortaleza de Bambatse, preparam-se para o cerco, e resolvem começar as suas pesquizas.

CAPITULO XI

Os documentos da caverna

Como todas as outras passagens n'esta velha fortaleza, o accesso da caverna era apertado e sinuoso; é de presumir que assim o dispuzessem os antigos para facilitar a defeza. Comtudo, passada a terceira curva, Benita lobrigou na sua frente uma luz que jorrava de uma candeia indigena accesa no arco da entrada. Ao lado d'este arco havia uma excavação em fórma de concha, cortada na rocha a cousa de um metro acima do solo. A ella, pareceu-lhe familiar aquelle aspecto; o motivo, não tardou que o soubesse, embora n'aquelle momento não lhe achasse relação com objecto algum determinado. A caverna que se abria alem era ampla, bastante alta, e não completamente natural, porque as paredes haviam sido evidentemente formadas, ou pelo menos afeiçoadas pela mão do homem. Provavelmente era aqui que os phenicios haviam estabelecido o seu oraculo, ou local das offerendas.

A começo não poude Benita ver bem, visto que n'aquella enorme caverna pouca claridade davam duas candeias de oleo de hippopotamo. Mas seus olhos depressa se acostumaram á meia obscuridade, e á proporção que elles iam caminhando, percebeu ella que, salvo uma manta de pelle em que ella suspeitou se sen-

tasse o molemo para as suas devoções solitarias, e algumas cabaças e malgas para agua e comida, o topo da caverna parecia completamente vasio. Alem, no centro, estava um objecto de algum metal brilhante, que, em vista de um duplo manipulo e de um rolo sustentado em supportes de rocha, ella tomou por uma especie de sarilho ou guincho, e não se enganava, porque abaixo d'esse objecto escancarava-se a bocca de um grande poço, que fornecia agua a este baluarte superior da fortificação.

Alem do poço via-se um altar de pedra, com a configuração de um cone ou de uma pyramide truncada, e a pouca distancia, sobre a parede do fundo, lobrigou ella, á claridade bruxuleante da candeia que estava sobre o altar, uma cruz colossal, d'onde pendia, esculpida com vigor, embora rudemente, em pedra branca, a imagem de Christo crucificado, com a corôa de espinhos descahida. Comprehendeu então. Qualquer que houvesse sido o primeiro culto a que se consagrára aquelle local, tinham-n'o conquistado christãos e alli tinham posto o symbolo sagrado da sua fé, cuja visão mais tremenda apparecia n'aquelle meio. Sem duvida tambem, a concha da entrada servira de pia de agua benta aos devotos d'essa capella subterranea.

O molemo foi buscar a candeia ao altar, atiçou a luz e levantou-a em frente do crucifixo. Embora não fosse catholica, Benita curvou a cabeça e persignou-se, emquanto elle a observava com curiosidade. Em seguida, o velho baixou a candeia, e ella distinguiu então no solo de cimento um grande numero de vultos, deitados e amortalhados, que á primeira vista tinham o aspecto de gente adormecida. O molemo encaminhou-se para um d'elles e tocoulhe com o pé; immediatamente se desfez em pó o panno da mortalha, descobrindo por baixo um esqueleto branco.

Todos aquelles dormentes repouzavam alli ha pelo menos duzentos annos. Alli jaziam homens, mulheres e creanças, mas d'estas ultimas poucas. Alguns d'esses cadaveres tinham joias e adornos sobre os ossos, outros estavam revestidos de armaduras, e junto de todos os homens viam-se espadas, ou lanças, ou adagas, e n'um que outro ponto objectos que se afiguraram a Benita armas de fogo primitivas. Havia alguns que ao ar secco se haviam transformado em mumias; objectos grotescos e hediondos de que ella de bom grado desviava os olhos.

O molemo conduziu-a até aos pés do crucifixo, onde, um sobre o degrau inferior e outro sobre o chão de cimento logo abaixo d'elle, jaziam dois vultos decorosamente cobertos de chales de qualquer estofo pesado entretecido de fios de ouro, em cujo fabrico eram famosos os makalangas quando os portuguezes começaram a travar relações com elles. O molemo agarrou nos pannos que pareciam quasi tão perfeitos como se se tivessem acabado de tecer, e levantou-os, mostrando os rostos de um homem e de uma mulher. As feições estavam irreconheciveis, comquanto o cabello, branco no homem e de um negro de corvo na mulher, se conservasse intacto.

Tinham sido pessoas de representação, porque reluziam condecorações ao peito do homem, e a sua espada tinha os punhos de ouro, e os ossos das mulheres estavam enfeitados de collares e joias preciosas, e a mão segurava ainda um livro com encadernação de prata. Benita agarrou n'elle e examinou-o; era um livro de missa primorosamente illuminado, que sem duvida a desgraçada estava a ler quando acabou por cahir exhausta no somno da morte.

— Eis o fidalgo Ferreira e sua mulher — disse o molemo — que sua filha assim collocou antes de ir reunir-se a elles.

Então, a um gesto de Benita, tornou a cobril-os com os pannos de ouro.

— Eis onde elles dormem — proseguiu elle n'uma especie de molopéa — cento e cincoenta e tres são elles, cento e cincoenta e tres, e quando eu n'este recinto sonho de noite, tenho visto as almas de todos elles surgirem dos corpos e deslizarem pela caverna, o esposo com a esposa, a creança com a mãe, e veem olhar para mim e perguntar-me quando tornará a virgem branca a tomar posse da herança e a dar-lhes sepultura.

Benita tremeu toda; o caracter solemne e mysterioso da scena e do local subjugava-a. Começou a parecer-lhe que tambem ella via aquelles espectros.

— Basta! — disse ella — Vamo-nos embora.

E foram-se. O Christo lastimoso e agonizante, para o qual ella relanceava de instante a instante de soslaio, foi-se desvanecendo n'uma mancha branca, até se diluir de todo na treva, atravez da qual, de geração em geração, ella velava sempre sobre os mortos, esses mortos que no meio do desespero lhe haviam clamado por misericordia e orvalhado de lagrimas os seus pés.

Que alegria a d'ella, quando deixou atraz de si essa mansão de fantasmas, e tornou a ver luz amorosa e propicia.

— Que viste tu?

— Que viu, Miss?

Foram as perguntas que a um tempo sahiram dos labios de Clifford e de Meyer, apenas lhe divisaram o rosto pallido e apavorado.

Benita deixou-se cahir n'um assento de pedra á entrada da caverna, e, antes que pudesse abrir a bocca, o molemo respondeu por ella:

— A virgem viu os mortos. O espirito que a acompanha esteve a saudar os seus mortos de que tanto tempo se apartou. A virgem fez reverencia ao Deus Branco que está pregado na cruz, e implorou-lhe a bençam e o perdão, assim como aquella cujo espirito a acompanha fez reverencia ante os olhos de meus avoengos, e implorou a bençam e o perdão antes de se despenhar na morte.

E apontou para o pequeno crucifixo de ouro que pendia no seio de Benita, preso ao collar que o emissario Tamas lhe offerecera em Rooi Krantz.

— Agora — continuou elle — agora está quebrado o encanto, e os dormentes teem que ir dormir para outro sitio. Entrae, brancos, entrae, se não tendes receio, e implorae o perdão e a bençam se encontral-os puderdes, e levae d'aqui esses ossos mirrados e o thesouro que era d'elles, se encontral-o puderdes, e vencei a maldição que ao thesouro está ligada e que recae sobre todos, á excepção de uma só pessoa, se acaso puderdes, se puderdes, se puderdes! Fica tu aqui, virgem branca, no tepido soalheiro, e segui-me vós, homens brancos, á escuridão dos mortos em busca d'aquillo por que os brancos suspiram.

E mais uma vez se sumiu pelo corredor fora, voltando-se uma que outra vez para lhes acenar, emquanto elles o seguiam como arrastados contra vontade. Porque, n'este ultimo momento, do velho dimanava para elles um vago terror supersticioso, que em seus olhos se manifestava.

A Benita, meio desfallecida no poial de pedra, pelo profundo abalo que o incidente lhe produzira, pareceram apenas alguns minutos, mas realmente perto de uma hora decorreu antes que seu pae tornasse a apparecer, tão pallido e transtornado como ella propria surgira.

— Onde está o sr. Meyer? — perguntou ella.

— Oh! — respondeu elle — Está recolhendo todos os ornatos de ouro d'aquelles pobres cadaveres, e acamando as ossadas n'um canto da caverna

Benita soltou uma exclamação de horror.

— Sei o que te vae no espirito — disse Clifford — Mas aquelle maldito a nada tem respeito, embora a principio parecesse tão succumbido como eu proprio estava. Disse elle que, visto nós não podermos começar as pesquizas com todos aquelles cadaveres por alli a esmo, o melhor era tiral-os d'alli para fora quanto antes. Ou talvez elle tivesse realmente pavor e quizesse provar a si proprio que esses corpos não são mais que umas mancheias de pó. Benita — proseguiu o velho — para falar com franqueza, de todo o coração desejaria que não nos tivessemos mettido n'esta empreza. Não creio que d'aqui surdam bons resultados, e é certo que não nos teem faltado inquietações e desgostos. Aquelle velho propheta, o molemo, tem o dom da dupla vista, ou cousa que o valha, e não faz mysterio das suas opiniões; lá continua com as suas cantilenas n'aquelle antro de horrores, a resmungar agouros.

— A mim só fez promessas fagueiras — disse Benita com um leve sorriso — embora eu não perceba como ellas hão de realizar-se. Mas se está desgostoso, meu pae, porque não desiste? porque não trata de fugir?

— É já tarde, minha filha — redarguiu elle com calor — Meyer nunca accederia a ir-se embora e eu não posso dignamente abandonal-o. Alem d'isso, eu passaria o resto da vida a rir de mim proprio. E afinal de contas porque não havemos nós de nos apossar do ouro, caso o encontremos? Esse ouro não pertence a ninguem; não o devemos nem ao roubo nem ao assassinio; essas bagatellas não servem de nada a portuguezes que estão mortos ha duzentos annos, e cujos herdeiros, se os teem, é impossivel descobrir. E bem se importam elles de ficar apartados como morreram ou como os collocaram depois da morte, ou amontoados a um canto. O nosso terror afinal não passa de uma superstição lugubre que nos metteu no corpo aquella ave agourenta do molemo. Não estás de accordo?

— Sim, assim me parece — redarguiu Benita — comquanto talvez haja agouros que se prendam a certos objectos ou a certos sitios. Em todo o caso, penso que já não vale a pena voltar atraz, ainda que tivessemos a retirada livre. O melhor é andar para deante, e esperar pelo fim da aventura. Faz favor de me passar a garrafa de agua? Estou com sede.

D'ahi a pouco, appareceu tambem Jacob Meyer, trazendo uma enorme trouxa de preciosidades embrulhadas n'um dos pannos de ouro, trouxa que escondeu atraz de um penedo.

— A caverna agora está muito mais desafogada — disse elle, sacudindo a poeira espessa que a sua obra de profanação lhe tinha accumulado nas mãos, no cabello e no fato.

Depois bebeu com avidez, e perguntou :

— Já entre os dois formaram algum plano para as nossas pesquizas futuras ?

Elles abanaram as cabeças, negativamente.

— Pois formei eu. Estive a parafusar n'isso emquanto andava a acarretar ossos, e eis o que pensei. É escusado tornarmos outra vez lá para baixo : em primeiro logar, a caminhada tem seus perigos e leva seu tempo ; e depois, estamos mais seguros aqui, onde não nos falta que fazer.

— Mas — disse Benita — e a respeito de comer e de dormir, e tudo o mais ?

— Isso não tem difficuldade, Miss Clifford : mandamos vir para cima o que nos fôr preciso

ELLA DISTINGUIU ENTÃO NO SOLO DE CIMENTO UM GRANDE NUMERO DE VULTOS, DEITADOS E AMORTALHADOS

Os cafres trazem isso até á base da terceira cerca, e nós com uma corda guindamos tudo arriba. Agua, parece que ha em abundancia n'aquelle poço, que é alimentado por uma fonte a uns cincoenta metros de profundidade; a antiga corrente ainda está na roldana, portanto basta mandar vir dois baldes que temos no carro. Lenha para a cozinha tambem não falta, a crescer aqui mesmo. Podemos pernoitar dentro da caverna ou cá fora conforme o estado do tempo. Agora deixem-se aqui ficar emquanto eu desço. D'aqui a uma hora estarei de volta com parte da bagagem, e então me ajudarão a içal-a.

Com effeito, antes de anoitecer já elles tinham petrechos sufficientes para as suas necessidades immediatas, e quando chegou a segunda noite, á custa de um trabalho arduo, tinham conseguido installar-se com razoavel conforto n'aquella extranha habitação. O cortinado de lona do carro dispoz-se em feitio de tenda para Benita, e os homens dormiam perto, ao abrigo de uma arvore muito copada. Debaixo de outra arvore, á mão de semeiar, improvisou-se a cozinha. Armazenaram-se á bocca da caverna as provisões de toda a especie, incluindo uns dois caixotes de garrafas de genebra e basta quantidade de carne secca dos bois abatidos, juntamente cmo uma porção de munições de guerra. Todos os dias lhes traziam carne fresca, emquanto a houve, a qual era içada em cestos, e com ella trigo para pão e legumes da terra. Por conseguinte, como a agua do poço se achou excellente e perfeitamente accessivel, não tardaram a ficar providos de tudo o necessario, afora os supplementos de que de quando em quando se lhes proporcionava ensejo.

Em todos estes aprestos tomou parte o molemo, e, quando completos, não mostrou desejo de se separar dos europeus. Descia todas as manhãs para o meio do seu povo, mas antes de anoitecer voltava á caverna, onde ha muitos annos se costumara a dormir, pelo menos alguns dias em cada semana, na lugubre companhia dos portuguezes mortos. Jacob Meyer persuadiu a Clifford que o empenho do velho era espial-os, e falou de o expulsar, mas Benita, que ao molemo se ligou por extranha sympathia, oppoz-se, observando que elles estavam muito mais seguros na companhia do velho sacerdote, que para elles representava uma especie de refens, do que se ficassem sósinhos; alem do que o seu conhecimento da localidade e de outros assumptos podia servir-lhes de grande auxilio. Accordaram pois afinal que elle ficasse, como aliás era seu pleno direito.

Durante todo este tempo, não houve o menor indicio de ataque pelos matabelles. Até certo ponto, ia-se realmente dissipando o terror inspirado por essa ameaça, e Benita, ao lançar os olhos do topo da muralha, viu que todos os dias se levavam á pastagem os nove bois que lhes restavam, mais os dois cavallos, porque morrera o de Jacob Meyer, e mais as cabras e as ovelhas dos makalangas. Via tambem as mulheres occupadas a fazer a colheita no solo fertil que contornava a muralha inferior. Em todo o caso, mantinha-se uma rigorosa atalaia, e á noite toda a gente dormia dentro das fortificações. Egualmente proseguia a recruta dos homens e a instrucção para o uso das armas de fogo, dirigida por Tamas, o qual, em consequencia da edade adeantada de seu pae, era o chefe virtual da tribu.

Foi na quarta manhã que, terminados os preparativos, se encetou finalmente a valer a pesquiza do thesouro. Começaram por interrogar apertadamente o molemo sobre o seu paradeiro, por pensarem que, embora não o conhecesse com exactidão, poderiam ter-lhe chegado aos ouvidos algumas tradições a esse respeito, por via de seus antepassados. Elle porem declarou terminantemente que nada sabia, a não ser o ter dito a virgem portugueza que o thesouro estava escondido. Accrescentou que nunca lhe surgira sonho ou visão que o esclarecesse no assumpto, com que elle nada se importava. Se era n'um sitio ou n'outro, os brancos que procurassem e vissem.

Sem grande motivo, concluira Meyer que o ouro devia ter sido occulto dentro ou nas proximidades da caverna, e por isso foi por ahi que começaram as investigações.

Occorreu-lhes primeiro o poço, onde poderiam tel-o lançado, mas houve serias difficuldades em fazer esta verificação. Ataram um pedaço de metal, uma velha guarda de espada portugueza, a uma corda, depois deitaram-n'a em guiza de sonda, e viram que tocava na agua a uns quarenta metros de profundidade e no fundo a pouco mais de quarenta e oito. Havia portanto uns oito metros de agua. Alastraram um balde e mergulharam-n'o até pousar no fundo, depois içaram-n'o umas poucas de vezes. Da terceira vez trouxe para cima um osso humano e uma manilha de fio de ouro. Isto porem nada provava, a não ser que algum ho-

mem de tempos idos, talvez ha milhares de annos, tinha sido arremessado ou cahira por acaso ao poço.

Ainda não satisfeito, Jacob Meyer, que era intrepido a valer, deliberou investigar em pessoa o interior do poço, tarefa assaz difficil e perigosa, por faltarem escadas apropriadas e, ainda mesmo quando as houvesse, não haver onde se aguentassem. Lembraram-se portanto de armar uma especie de balso com assento de madeira no extremo de uma velha corrente de cobre e arriar Meyer pelo poço abaixo á laia de um balde. Mas Benita objectou que a difficuldade não estava em arrial-o, estava em haver força sufficiente para o içar de novo, pois no caso contrario o resultado seria desastroso para Meyer. Por isso, depois de preparado o balso, fez-se a experiencia com uma pedra que pesava proximamente tanto como um homem. A Benita e a seu pae nada custou o descel-a, mas, como haviam previsto, quando se tratou de a trazer arriba, as suas forças juntas mal chegavam para a tarefa. Tres pessoas podiam içal-a com facilidade, mas com duas o caso era arriscado. Meyer então pediu, ou antes ordenou ao molemo que chamasse alguns homens seus para o ajudarem, mas o velho chefe recusou-se terminantemente.

Primeiro, apresentou um estendal de desculpas. Estavam todos occupados nos exercicios militares e na vigilancia por causa dos matabeles; tinham medo de se aventurar até alli; e outras razões d'este jaez. Por fim Meyer enfureceu-se, lampejaram-lhe os olhos, rangeu os dentes, e desembestou em ameaças.

— Branco — disse o molemo, quando o viu assim transtornado — isso não pode ser. Eu já cumpri aquillo a que me obrigara. Agora procurae vós o ouro; encontrae-o se puderdes, e levae-o em boa hora. Mas este logar é sagrado. Ninguem de minha tribu, á excepção de quem desempenha o cargo de molemo, pode pôr os pés aqui dentro. Matae-me se quereis, nada me importa; mas assim mesmo é que é, e se me matardes, elles depois vos matarão.

Então Meyer, vendo que nada se conseguia por violencia, mudou de tom, e pediu-lhe que os ajudasse elle, se quer ao menos.

— Estou velho, escassas são minhas forças, — replicou elle. — Em todo o caso, farei o que puder. Mas, se eu estivesse no vosso caso, não descia ao poço.

— Pois desço eu, e não ha de passar de amanhã — redarguiu Meyer.

CAPITULO XII

O começo das pesquizas

Procedeu-se portanto no dia seguinte á grande experiencia. Poz-se á prova o sarilho e a corrente, e viu-se que tinham força sufficiente para aguentar o peso. Apenas faltava pois que Meyer se sentasse no balso, levando comsigo uma candeia de azeite, e, para o caso d'ella se apagar, fosforos e velas, de que havia grande abundancia.

Meyer, com todo o arrojo, assim fez. Deixou-se balouçar por sobre a bocca do poço, emquanto os outros tres se agarravam com força ás manivellas do sarilho. Começaram então a arriar devagarinho, e pouco a pouco o rosto branco foi-se sumindo nos negrumes do abysmo. De quando em quando paravam, para Meyer examinar á vontade a parede do poço. A uns dezeseis metros de profundidade, gritou elle que aguentassem a descida; assim fizeram, ouvindo as martelladas que elle dava na rocha, que n'aquelle sitio soava a ôco.

Passado algum tempo, elle bradou-lhes que continuassem a arriar. Obedeceram, até estar desenrolada quasi toda a corrente, e perceberam que elle devia estar á flor da agua. Benita debruçou-se então sobre a borda, e viu que se sumira a estrellinha luminosa. A candeia tinha-se apagado, e parecia que elle nem sequer tentava reaccendel-a. Gritaram-lhe para baixo, mas, como não vinha resposta, começaram a içar o mais depressa que puderam. Para isso congregaram todas as forças de que podiam dispôr, e estavam deveras esfalfados quando Jacob tornou a apparecer. Á primeira vista, julgaram pelo seu aspecto que elle estava morto, e com effeito, se elle não se houvesse amarrado á corrente, morreria com certeza, porque evidentemente tinha ha muito perdido os sentidos. Descahira todo para fora do assento, d'onde lhe pendiam as pernas frouxas, e o seu peso era aguentado pela corda que lhe passava debaixo dos braços e que estava solidamente amarrada á corrente.

Puxaram-n'o para fora da borda e salpicaram-lhe o rosto com agua, até que, com grande allivio d'elles, o aventureiro principiou a arquejar e volveu á vida, quanto bastou para que, em parte por seu pé, fosse conduzido para o ar livre.

— Que lhe succedeu? — perguntou Clifford.

— Foram os gazes que me envenenaram, creio eu — respondeu Meyer com um gemido,

porque sentia violentas dores de cabeça.—O ar é quasi sempre mephitico no fundo dos poços muito altos, mas eu nada sentia, nem sequer mau cheiro, quando de repente perdi os sentidos. E a descoberta estava por um triz, olá se estava!

Logo que se sentiu mais animado, contou-lhes elle que n'um certo ponto, a bastante fundura, da banda do rio, descobrira uma especie de corte na rocha, de uns quatro metros por metro e meio, tapado depois com pedra de outra qualidade, presa com cimento ou argamassa dura. Logo a baixo viam-se uns buracos onde ainda restavam os extremos de umas vigas, suggerindo que alli tivesse havido um sobrado ou plataforma. Foi na occasião em que elle examinava esses barrotes meio podres que a insensibilidade o prostrou. Suppunha elle que devia ser alli a entrada do esconderijo, onde se achava o ouro.

— Se assim fôr — disse Clifford — lá ficará para sempre; não pode ter melhor guarda do que o ar mephitico. Alem d'isso, essas plataformas são vulgares em todos os poços para evitar que o lixo caia na agua, e a obra de cantaria que o meu amigo lá viu foi provavelmente feita pelos homens de outras eras apenas para remendar alguma falha da rocha e evitar que a parede desabasse.

—Espero que assim seja—redarguiu Meyer—Aliás, se a atmosphera não se purificar deveras, não sou eu decerto que me atrevo a lá descer segunda vez. E se ninguem lá descer, não é facil obter a certeza, comquanto seja possivel que uma lanterna, pendente de uma corda, nos esclareça algum tanto.

Ficou por aqui a primeira tentativa. Só na tarde seguinte é que se renovaram as pesquizas, quando Meyer se restabeleceu um pouco dos effeitos do envenenamento e das esfoladuras produzidas pela corda debaixo dos braços Do primeiro mal nunca elle ficou completamente restabelecido, porque de então por deante Benita, que por motivos muito seus o vigiava de perto, descobriu uma mudança accentuada e progressiva nos seus modos. Até alli tinha elle apparentado uma grande reserva e bastante dominio sobre si proprio, e se ella alguma cousa sabia d'elle, era mais por suspeita ou deducção do que por elle se manifestar. Em duas occasiões apenas, havia Meyer posto a claro deante d'ella os seus sentimentos: no dialogo que ambos tinham tido á beira do lago Chrissie, no dia da chegada dos emissarios, em que elle declarara o seu ardente desejo de riqueza e de poder; e recentemente quando elle matara o enviado matabele. Ella tinha comtudo a certeza que o coração d'elle era muito apaixonado e insoffrido; que a sua serenidade se assimilhava ao gelo que occulta a torrente, debaixo da qual correm precipitosamente caudaes de agua ninguem sabe para onde. O relampejar dos seus olhos negros, ainda quando o seu rosto pallido permanecia impassivel, dizia-lhe isto e muitas outras cousas.

Por exemplo, na occasião em que voltava a si do desmaio, as primeiras palavras que lhe sairam dos labios foram em allemão, lingua que ella entendia um tanto, e pareceu-lhe que ellas se ajustavam ao seu nome envolvido em epithetos affectuosos. Desde então foi-se tornando menos reservado, ou, antes, como que foi perdendo gradualmente o poder de se dominar. Tinha excitações sem motivo apparente, e começava a declarar o que tencionava fazer quando encontrasse o ouro, de como se havia desforrar no mundo de todo o mal que lhe fizera padecer, e de como se tornaria «rei».

— Receio muito que lhe pareça um pouco solitaria essa posição eminente — disse Benita com um riso descuidoso.

Mas arrependeu-se logo em seguida de ter falado, porque elle respondeu, fitando-a por um modo de que ella não gostou:

— Deixe-se d'isso! Ha de haver uma rainha, uma rainha encantadora, que eu hei de dotar com riquezas e cobrir de joias, e cercar de amor e de adoração.

— Ditosa creatura! — disse ella, rindo sempre, mas aproveitando um pretexto para se afastar.

Outras vezes, principalmente ás escuras, passeiava elle de um para outro lado defronte da caverna, resmungando comsigo ou entoando com a sua bella voz canções semi-barbaras da velha Allemanha. Poz-se tambem no habito de trepar á columna de granito e sentar-se-lhe em cima, e mais de uma vez a chamou para subir para junto d'elle e partilhar do seu «throno». Estas explosões eram comtudo tão casuaes, que Clifford, cuja percepção se afigurava a sua filha ter-se embotado um tanto, nem por ellas dava, e quanto ao mais não se conhecia alteração sensivel nas maneiras de Meyer.

Postas pois de parte pesquizas ulteriores no poço, empenharam-se em seguida n'uma inspecção minuciosa da caverna-ermida. Exami-

MEYER ENFURECEU-SE, LAMPEJARAM-LHE OS OLHOS, RANGEU OS DENTES E DESEMBESTOU EM AMEAÇAS

naram as paredes pollegada por pollegada, percutindo-as com um martello para ver se o som era cavo, mas sem resultado. Examinaram o altar, que reconheceram ser um bloco de rocha massiça. Com o auxilio de uma pequena escada por elles construida, examinaram o crucifixo e descobriram que a imagem branca fora evidentemente afeiçoada de alguma estatua gentilica de calcareo macio, porque lhe viam nas costas fragmentos de vestidurase,

cabello comprido que o artista não julgou necessario cortar. Tambem reconheceram que os braços haviam sido accrescentados e eram de pedra ligeiramente differente, e que o peso da imagem se aguentava em parte n'uma chapa de ferro que sustinha o corpo, e em parte n'um grosso arame de cobre enleiado para fingir corda, e pintado de branco, o qual se enrolava nos pulsos e sustentava os braços. Esse arame enfiava em olhaes de rocha abertos nos braços da cruz, a qual fora apenas esculpida em relevo sobre a propria pedra da parede.

O que é bastante curioso é que esta parte das pesquizas foi levada a cabo por Clifford e Benita, visto a reluctancia que para isso pareceu manifestar Jacob Meyer. Judeu de nascimento, professando abertamente a descrença em qualquer religião, parece que tinha no emtanto um certo terror d'este symbolo de fé christã, classificando-o de horrendo e sinistro; elle, elle mesmo, que sem escrupulo nem remorsos despojara e profanara os mortos que jaziam a seus pés.

Pois o crucifixo nada lhes revelou; mas quando Clifford, de lanterna em punho, descia a escada que Benita estava segurando, Jacob Meyer, que estava em frente do altar, bradou com alvoroço que alguma cousa descobrira.

— Então conseguiu mais do que nós — disse Clifford arriando a escada no chão e correndo para elle.

Meyer estava sondando o pavimento com um cajado, operação que encetara depois que as paredes não deram resposta que prestasse.

— Ora escutem! — disse elle, batendo com o cajado no chão, a poucos passos para a direita do altar, onde elle produziu o som estridente e metallico de pedra massiça, quando percutida. Depois foi collocar-se em frente do altar e bateu de novo, mas d'esta vez houve uma resonancia cava e reverberante. Repetiu varias vezes a experiencia, até se marcar exactamente a linha que limitava rocha massiça e onde parecia começar a parte ôca, um espaço de quasi um metro quadrado de superficie.

— Estamos-lhe na pista! — disse elle com ar de triumpho. É esta a entrada do esconderijo onde está o ouro!

E os outros inclinavam-se a concordar com elle.

Mas agora, para pôr á prova a sua theoria, restava uma tarefa de não pequena difficuldade. Tres dias de arduo e continuo trabalho lhes custou. Não deve esquecer que o pavimento da caverna era todo revestido de argamassa, e primeiro que tudo tinha que despedaçar-se essa argamassa, a qual era de excellente qualidade, composta de granito pulverisado. Com a ajuda de um pé-de-cabra, feito de aço, que elles haviam trazido no carro, levou-se finalmente a bom termo esta parte da tarefa, descobrindo a rocha que ficava por baixo. N'esta occasião já Benita estava convencida de que, fosse o que fosse que alli se escondesse, não era decerto o thesouro, pois era evidente que os pobres portuguezes moribundos não teriam nem tempo nem forças para fazer aquelle revestimento de argamassa. Todavia, quando deu parte aos outros d'esta suspeita, Meyer, persuadido de que estava na pista correcta, respondeu que sem duvida aquillo fora feito pelos makalangas, depois do tempo dos portuguezes, visto ser mais que sabido terem elles conhecimento das artes constructivas dos seus antepassados até um periodo muito recente, em que os matabeles começaram a dizimal-os.

Quando finalmente se tirou a argamassa e se varreu aquelle troço de chão, descobriram elles, pela linha nitida de contorno, uma enorme pedra embutida no chão, a qual deveria pesar umas poucas de toneladas. Ligada como estava com argamassa, viu-se logo ser completamente impossivel levantal-a, ainda mesmo quando elles tivessem força bastante para manobrar as alavancas indispensaveis. Restava apenas uma cousa a fazer: furar a pedra de lado a lado. Depois de gastarem bastantes horas n'esse trabalho, e conseguirem apenas abrir um orificio de decimetro e meio de profundidade, Clifford, já moido e com as mãos em sangue, lembrou que talvez fosse preferivel rebentar a pedra com o auxilio de polvora. Despejou-se pois no buraco um polvorinho de arratel, tapou-se com argila secca e um pedregulho, deixando-se um intervallo para um rastilho improvisado com isca de algodão. Preparado tudo, deu se fogo á isca, e sahiram da caverna e ficaram á espera.

Passados cinco minutos, chegou-lhes aos ouvidos o estampido surdo de uma explosão, mas só mais de uma hora depois é que a fumarada e os gazes lhes permittiram entrar lá dentro, para terem uma decepção, pois que os resultados não corresponderam á sua espectativa. Em primeiro logar, a lage tinha estalado apenas, não se despedaçara, pois que a força da polvora se havia desenvolvido para cima,

e não para baixo, como teria acontecido com a dynamite, que infelizmente lhes faltava. Alem d'isso, ou o pedregulho que elles haviam collocado em cima, batendo no tecto da caverna, ou a força do ar violentamente impellido, tinham feito desabar muitas toneladas de rocha e produzido fendas extensas e na apparencia perigosas. Embora nada dissesse, tambem Benita julgou notar que a grande estatua branca do crucifixo se inclinava um pouca mais para deante do que o costume. Por conseguinte, o resultado da experiencia foi simplesmente obrigal-os a remover enormes escombros do tecto que tinham cahido sobre a lage, a qual permanecia quasi tão solida e tenaz como d'antes.

Não havia portanto outro recurso senão continuar a trabalhar com o pé-de-cabra. Afinal, pela tardinha do terceiro dia de trabalho, quando os dois homens já estavam de todo em todo extenuados, escancarou-se um buraco atravez da pedra, o qual demonstrou que por debaixo d'essa tampa existia uma cavidade qualquer. Clifford, para não falarmos em Benita, que de coração estava farta e refarta da empreza, desejava adiar para o dia seguinte o proseguimento da tarefa, mas Jacob Meyer oppoz-se. Labutaram pois até cerca das onze horas da noite, que foi quando a abertura alcançou largura sufficiente para por ella caber um homem. Como succedera com o poço, sondaram com uma pedra atada a uma corda, e acharam que a cova não tinha mais de dois a tres metros de fundo. Depois, para verificarem as condições do ar, arriaram uma vela, que primeiro se apagou, mas que depois ardeu regularmente. Determinado este ponto, foram buscar a escada, pela qual Jacob desceu com uma lanterna.

D'ahi a um minuto, ouviram os dois erguerem-se pragas gutturaes germanicas do interior da cova. Clifford perguntou o que era, e teve em resposta que tal cova era um tumulo, onde não havia mais que um excommungado de um frade morto, informação que Benita não poude resistir a acolher com ruidosas gargalhadas.

Tanto ella como seu pae decidiram-se a descer tambem, e viram effectivamente os restos mortaes de um velho missionario, com o seu capuz e um crucifixo de marfim ao pescoço, e sobre o peito um pergaminho noticiando que elle, Marcos, nascido em Lisboa em 1438, fallecera em Bambatse no anno de 1503, havendo apostolado no imperio do Monomotapa durante dezesete annos, tendo padecido muitos e grandes trabalhos e conquistado um grande numero de almas para Jesus Christo. Accrescentava o pergaminho que o morto exercera o mister de esculptor, antes de entrar nas ordens sacras, e que fôra elle quem modelara a figura do Crucificado, afeiçoando o idolo da deusa pagã que n'aquelle sitio estivera desde a mais remota antiguidade. Terminava por uma supplica, dirigida em latim a todos os bons christãos, para que esses, que em breve estariam como elle, rezassem pela sua alma e não lhe mexessem nos ossos, que alli jaziam na esperança da bemaventurada resurreição.

Quando este pio desejo foi traduzido a Jacob Meyer por Clifford, que ainda tinha umas certas reminiscencias das humanidades, laboriosamente estudadas em Etou e em Oxford, o judeu a custo conteve a sanha. Olhou para as mãos ensanguentadas, e, em vez de rezar pela alma do excellente missionario, cujos restos conseguira ver á custa de uma labuta ardua e incessante, amaldiçoou-o onde quer que elle estivesse, e sem mais cerimonia varreu os ossos, que o documento lhe rogava deixasse em paz, para um recanto da sepultura, afim de verificar se por baixo d'elles não haveria acaso alguma escada.

— Acautele-se, sr. Meyer!—disse Benita que, apezar da solemnidade do local, não poude reprimir uma zombaria. Se as trata assim de resto, as almas d'esta gente são capazes de o importunar com visitas.

— Isso é se puderem! — retorquiu elle n'uma furia. Eu cá não acredito em almas do outro mundo, e desafio-as a todas.!

N'este momento, lobrigou Benita um vulto que deslizava das trevas para o circulo da luz, n'um tal silencio que ella estremeceu, por lhe passar pelo espirito que fosse algum dos taes espectros em que Jacob Meyer não acreditava. Mas afinal era o velho molemo, que estava no costume de se abeirar d'elles por aquelle feitio.

— Que está a dizer o branco? — perguntou elle a Benita, circumvagando o olhar de sonho pelos tres e pela cova do tumulo violado.

— Diz elle que não acredita em fantasmas, e desafia-os — respondeu ella.

— O branco, que anda em cata de ouro, não acredita em fantasmas e desafia-os — repetiu Mambo na sua voz cantarolada. Não acredita em fantasmas, e eu vejo-os n'este momento á roda de mim, os espiritos irritados dos mortos, a falarem entre si no sitio em que elle ha de ficar sepulto e no que ha de succe-

der-lhe dopois da morte, e de como elles acolherão aquelle que lhes perturba o repouso e desafia e pragueja, á procura do ouro por que suspira. Vejo agora um d'elles, de pé, ao lado d'elle, envolto n'uma vestimenta escura, com uma imagem de marfim como a que ahi está — e apontou para o crucifixo que Jacob tinha na mão — a levantal-a acima da cabeça, a ameaçal-o com seculos de agonia sem tregua, quando for tambem um dos espiritos em que elle não crê.

Então Meyer desafogou a sua raiva. Voltou-se para o molemo e injuriou-o na propria lingua d'este ultimo, affirmando que elle bem sabia onde estava escondido o thesouro, e ameaçando-o de que, se não lh'o indicasse, o mataria e o mandaria fazer companhia aos seus amigos espiritos. Tão selvatico e hediondo era o seu aspecto, que Benita recuou um pouco, ao passo que Clifford forcejava debalde por acalmal-o. Mas apezar de Meyer levar a mão á faca que trazia á cinta e de avançar para elle, o velho molemo não buliu uma pollegada nem deu o minimo signal de medo.

— Deixal-o esbravejar! — disse elle quando Meyer se calou por fim, extenuado. É assim mesmo que em tempo de borrasca fuzilam relampagos e ribomba o trovão, e espumeja a agua ao desabar na face do rochedo; mas logo o sol volta, e o monte está como estava, o temporal é que se dissipou e se perdeu. Eu sou o rochedo, elle não é mais do que o vento, o fogo e a chuva. Não está escripto que elle me faça damno, e aquelles espiritos em que elle não crê estão amontoando pragas para as deixar cahir como penedos sobre a cabeça d'elle.

Em seguida, relanceando para Jacob um olhar desdenhoso, o velho voltou as costas, e sumiu-se na escuridão d'onde surgira.

(Continua)

A Exposição de Ceramica

DE

Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro

A arte de Manuel Gustavo, toda feita de rapidas impressões, colhidas no desenrolar vertiginoso da vida de que elle, ainda que sob um aspecto comico, se tornou por dever de officio o commentador, toma agora uma orientação mais profunda. Com algumas das inexperiencias d'um principiante, a obra de ceramista por elle presentemente exposta revela já, na sua intenção geral e em certos detalhes, a força d'um artista sobre quem pesa uma grande herança, e que, em vez de a renegar, heroicamente a invoca. E' sob a invocação da memoria de seu pae que esta exposição é feita, e foi ainda o sentimento de respeito e orgulho filial que o lançou no caminho encetado, procurando não quebrar uma tradição tão gloriosamente iniciada.

De tudo o que pelo artista é patente ao publico, e que podemos vêr, faianças e pequenas estatuetas, se conclue que o caricaturista que só procurava até

aqui a deformidade e o ridiculo das coisas, sabe tambem surprehender com verdade a vida, dando-lhe fórma, e, com o poder da côr e o alphabeto multiplo da linha a que vem juntar-se os recursos especiaes da chimica, arrancar do fogo pequeninas obras d'arte que são, ao mesmo tempo, objectos de uso, isto é obras de verdadeira industria artistica.

MANUEL GUSTAVO BORDALLO PINHEIRO

Sem ter a imaginação poderosa de seu pae, nem a sua facilidade por vezes monstruosa, Manuel Gustavo, por isso mesmo, mantém na decoração das suas obras mais facilmente o indispensavel equilibrio; e assim os seus potes, os seus canudos, e os seus vasos, que vão desde a jarra egypcia até ao gordo cangirão e o typico pichel, se não offerecem a riqueza maravilhosa de detalhes que caracterisava a obra de Raphael, recommendam-se por uma harmonia e uma sobriedade que lhes dá mais

logica e os tornam mais praticos e familiares. E esse caracter de familiaridade é tudo. As obras de arte applicada precisam essencialmente de poderem ser utilisadas, harmonisando-se, sem grande destaque, com o meio em que são chamadas a intervir e em que devem pôr uma nota de distincção fundamentalmente discreta. Só assim, ellas se conformarão como seu destino pratico e com o seu fim accessorial

E dentro d'esta orientação, que permittirá o seu barateamento e a sua entrada em todos os lares ainda os mais modestos, as industrias artisticas representam um papel educativo da mais alta importancia. Manuseadas constantemente, são tambem constantemente para os homens com quem estão em contacto, uma alta e proficua lição, educando-lhes o gosto e preparando-os para a contempla-

ção e comprehensão das obras de arte pura.

E é esta justa e boa intenção, a revelada por Manuel Gustavo nas primicias que nos dá dos seus esforços. Salvo pequenos desvios com exotismos, como o da sua «jarra amachucada com caranguejo», nº 38, Manuel Gustavo procura resolver o problema da ceramica artistica, e muito bem, com os mais simples recursos, os que lhe fornece o emprego de fórmas sobrias, enriquecidas com motivos da maior discrição, a que a

nota de côr e o brilho do esmalte vem dar maior valor. E é quanto basta. Na arte applicada, o bom gosto solido e simples foi e ha-de sempre ser a qualidade maxima.

Mas além das suas faianças, as suas pequeninas figuras merecem ainda especial menção. Raphael Bordallo foi n'isso primacial. Os seus typos populares e as suas caricaturas do genero tem tal caracter que attingem por vezes o symbolo. Todos as temos presentes. Ora, n'este ponto, Manuel Gustavo acompanha-o de perto. As suas pequeninas figuras não resistiriam com certeza a um desenvolvimento que as puzesse n'uma escala mais proxima

da proporção natural, mas tem um tal encanto, pelo movimento e caracter que o artista lhes soube dar, que a sua linha decorativa, que era o fito essencial procurado por Manuel Gustavo, é o mais feliz e interessante possivel. O seu homem e mulher «fadistas», o seu par da «Polka Pires» e, sobretudo, o que compõe o grupo do «minuete», em que ha ainda, na figura de mulher, um pouco da influencia má do caricaturista, são sem duvida pequeninos *bibelots* d'uma grande suggestão e cujo estylisado recorte mostra bem como é original e elegantemente aristocratico o temperamento do moço artista.

E essa boa aristrocacia revela-se em tudo: nas formas e nos tons. Como as ornamentações com que decóra os seus barros, as côres de que os banha, são ricas mas d'uma riqueza que não fere e que deixa em quem os olha a melhor e mais sugestiva impressão. Não são, assim das menos valiosas das suas obras expostas esses seus specimens, livres de decorações que nem sempre deixam á linha todo o seu encanto, encanto que, sob a caricia do vidrado d'uma grande

pureza, reveste ainda um maior valôr.

Manuel Gustavo de posse d'uma technica já poderosa, colhida nos trabalhos de seu pae e nos esforços dos seus collaboradores, que são os mesmos de Raphael Bordallo, caminha por esta forma corajosamente procurando acompanhar o movimento ceramista moderno tão brilhantemente affirmado na exposição de 1900. Como Alexandre Bigot, Taxile Doat e Michel Cazir, Manuel Gustavo, mais do que ineditismos, só possiveis em altas cozeduras, processo este incompativel com o barateamento que é o seu principal fim, visa sobretudo ao arranjo artisto do objecto á sua decoração simpes e logica, e ao mesmo brilho, solidez e resistencia da materia de que lança mão e em que, com maior ou menor felicidade, deixa sempre impressa todo o seu gosto tão fino, educado e discreto.

José de Figueiredo.

UM QUADRO

A' D. Aurea e ao Dr. Arthur Muniz

primeira coisa que me feriu a retina, ao entrar, um dia, em uma casa onde fui de visita a uma amiga, foram duas creanças muito mimosas que se achavam assentadas ao longo do tapete immenso que se estendia defronte da mobilia de jacarandá e onde surgia bem no centro, bordada em alto relevo, a figura de um leão com a juba eriçada, a bocca aberta, sanhuda e feroz como se estivesse prestes a morder. O sol muito alegre, sol de verão, ao meio dia, tremente de esplendores, doirava fortemente, luzindo, toda a sala, onde os objectos muito modestos adquiriam côres differentes, tomando aspectos bellissimos aos reflexos dos vidros azues e vermelhos que ornavam as bandeirolas das janellas, indo esses raios celestes banhar de claridade as cabeças das duas pequenitas que, unidas em um só grupo, tinham nos labios um desses sorrisos que os pintores desenham arrodeados com um bello e magico fulgor de luz, symbolisando a aureola divina. Muito lindo, realmente, esse mystico painel, onde a alvura de uma se confundia com o moreno da outra, entrelaçando-se ao mesmo tempo os cabellos louros com os cabellos côr de ebano, muito longos, espalhados docemente em cachos que esvoaçavam por cima de ambas, brincando e pulando com a viveza e o encanto que ellas mesmo possuiam.

Nas visões do meu passado, vejo ainda com a mesma limpidez esse quadro luminoso da primavera de uma creança de seis annos, prestes a fenecer debaixo da acção brusca de um acontecimento que lhe veiu ferir o coração! Quando me approximei para beijal-as, notei que a morenita, a mais moça, sorria contente, porem ao mesmo tempo desconfiada; seus olhares de felicidade exprimiam tambem constrangimento. A outra sorria como ella; entretanto, dentro dos olhos azues profundamente pensativos, tremia melancolicamente uma lagrima prestes a se derramar!

Sem comprehender de momento aquelle estertor paralysante, adivinhei logo pela claridade virginal de suas meigas pupillas a grande perturbação que lhe ruminava no cerebro; toda a suavidade de sua alma exquisita e bôa transparecia no seu olhar que possuia a mesma claridade do azul do céo formoso; e a sympathica e arrebatadora tristeza das noites penumbrosas se destacava no circulo negro de suas palpebras franjadas de pestanas delicadas que se dilatavam alternativamente, enchendo-lhe o rosto de luz e sombra como o despertar da aurora, ou o entardecer nas estações estivaes do nosso bello paiz. Nesse instante em que eu as contemplava com o pensamento mergulhado n'um verdadeiro abysmo, quasi a perder o equilibrio, a morena, muito esperta, suspendeu nos braços, como um bébé, uma grande boneca, luxuosamente vestida, que tirára de uma caixa perfumada, toda forrada de setim, e disse-me com a voz mysteriosa e baixa:

— O tio Pedro não deu boneca a ella, deu a mim e ella ficou triste...

Defronte dessa injustiça que fizera nascer a primeira dôr no coração da creança que não era querida e trazer tambem a ambas um precoce amadurecimento intellectual a respeito dos sentimentos da humanidade, immediatamen-

— O TIO PEDRO NÃO DEU BONECA A ELLA...

te, com a revolta desse insignificante acontecimento, uma grande tristeza me avassallou como um circulo de ferro que viesse *ex abrupto* magoar-me as carnes.

Mais tarde voltei á mesma casa trazendo uma outra boneca para a mimosa esquecida, de quem guardei para sempre o olhar de reconhecimento que me lançou ao receber a dadiva, premio da reserva e angelica resignação que lhe deram no mesmo instante o realce admiravel de uma verdadeira mulher com o formato vaporoso de anjo pequenino! Tão bella e seductora! Enleio, harmoniosa canção de anjos, natureza! Porque será que se estabelece irresistivelmente na vida, por qualquer coisa, a ligação electrica e espontanea de uma sympathia que o tempo e o espaço não teem muitas vezes o condão de conseguir apagar? Será o acaso? Ou (quem sabe?) talvez unicamente a força incomprehensivel da fatalidade que age e impera no espirito. Desde esse tempo que essa creança foi para mim como a visão celeste que appareceu a Jesus quando chorava resando no jardim das Oliveiras, coberto de sangue com o coração dilacerado de tristeza. Na terra tambem existem desses anjos cheios de meiguice que sabem amenisar os soffrimentos e que sorriem com a mesma pureza dos cherubins adoraveis das celicas e desconhecidas paragens do infinito.

Recife, Março, 1906.

AMELIA DE FREITAS BEVILAQUA

CONCURSOS PHOTOGRAPHICOS DOS "SERÕES,,

Resultados do segundo — Programma do terceiro

numero avultado de provas photographicas recebidas para este concurso demonstra exuberantemente como por todo o paiz se tem desenvolvido o gosto pela photographia. Quasi todos os concorrentes eram amadores; os poucos profissionaes que se apresentaram foram desclassificados por motivos que abaixo apontamos e que não importam desdouro para a sua pericia. E antes de continuarmos nas nossas considerações, digamos desde já qual foi a decisão definitiva, a que depois de muitas hesitações chegou um jury imparcial, formado de criticos de arte e de um technico em materia photographica:

1.º PREMIO: — *sr. Luiz Marques de Sousa*, Porto.

2.º PREMIO: — *sr. Antonio Pinheiro Azevedo Leite*, Guiães.

3.º PREMIO: — *sr. Alberto Lima*, Lisboa.

MENÇÕES HONROSAS: — *srs. Cypriano Trincão*, Lisboa; *José Arthur Barcia*, Lisboa; *Luiz C. Pereira Carvalho*, Lisboa; *Paulo de Brito Namorado*, Ilhavo; *Thiago Silva*, Alcacer do Sal; *Victorino Cardoso*, Porto.

Congratulando-nos com os concorrentes que do illustrado jury mereceram estas distincções, passamos aos commentarios que nos suggere este concurso e que servirão de elucidação para os seguintes.

Muitas hesitações dissemos nós que houvera da parte do jury. Estas hesitações proveem sobretudo da falta de comprehensão do nosso objectivo, por parte de muitos dos concorrentes. As condições do concurso seriam porventura forçadamente laconicas, resultando que a nossa ideia não assumiu absoluta nitidez. Mas algumas das nossas phrases com relação á importancia artistica que pode ter a photographia, conjugadas com a indole especial da nossa revista, poderiam induzir o espirito dos photographos nacionaes á intelligencia do nosso proposito. Aproveitamos o ensejo para o explanar tão claramente quanto nos seja possivel, para que essas explanações sirvam de norma a futuros concursos.

PERPLEXIDADE

Primeiro premio—Cliché do sr. Luiz Marques de Sousa, Porto

Não sendo os *Serões* uma revista da especialidade, não é condição unica, embora seja importantissima, o primor technico dos *clichés* ou das provas photographicas enviadas a concurso. A outras clausulas, de natureza artistica, se deve attender cuidadosamente: a escolha do assumpto, a composição, as gradações de luz, a differenciação de planos, todas as circumstancias emfim

que concorram para que o *cliché* produza o effeito de um quadro, quer de paisagem, quer de genero, quer ainda historico. No presente concurso, por exemplo, algumas das photographias enviadas não passam de simples retratos, que, embora ás vezes excellentemente executados sob o ponto de vista do *métier*, são destituidos de interesse artistico. A ensaios de photographia pictorica desejamos nós estimular os amadores portuguezes, animando-os á procura do meio, á escolha das figuras, á sua disposição artistica, á selecção de todos os pormenores de luz, de composição, de belleza esthetica emfim, que, a exemplo do que succede em paizes extrangeiros, tendam a incluir a photographia na categoria das bellas artes, transformando uma simples diversão n'um solido elemento de educação esthetica.

N'esse intento, desde já abrimos um NOVO CONCURSO, ao qual serão admittidos exclusivamente os amadores, alargando d'esta vez o nosso thema a TODAS AS COMPOSIÇÕES, COM FIGURAS HUMANAS, OU DE ANIMAES, OU DAS DUAS ESPECIES, N'UM SCENARIO DE PAIZAGEM OU DE INTERIOR, AGRUPADAS DE FORMA A DAREM QUALQUER INTENÇÃO AO QUADRO. Quer dizer: a composição deve ter um caracter episodico ou anecdotico, quer dramatico quer comico, e ser acompanhada de um titulo simples ou de uma legenda que lhe explique a intenção, como fazem os pintores para os seus quadros.

EM VIAGEM

Segundo premio — *Cliché do sr. Antonio Pinheiro Azevedo Leite, Guiães*

Isto tenderá a estimular a imaginação

dos photographos amadores, e portanto a desenvolver o seu gosto artistico. Áquelles cuja fantasia fôr escassa, aconselhamos a estudar nos quadros dos grandes mestres de pintura a maneira de compôr e agrupar para produzirem um bello effeito artistico. A imitação não fica mal aos neophytos da arte. E assim poderão aproveitar brilhantemente as aptidões technicas de que estão dando promettedoras provas.

As restantes condições do novo concurso podem ver-se nas paginas supplementares dos *Serões*, onde, como de costume, as inserimos.

NO MEIO DA CREAÇÃO

Terceiro premio — Cliché do sr. Alberto Lima, Lisboa

Os Serões dos Bébés

Num rico jardim, embellezado das mais raras e das mais bellas flores, havia uma que diziam ser magica. Á hora em que o sol se apresentasse mais radioso é que essa linda flor tomava aspectos fantasticos e deslumbrantes. Ninguem sabia a quem pertencia tão maravilhoso jardim, todos ignoravam quem cultivava tão delicadas plantas.

Perto dali havia um homem que tinha dois filhos. Um, adorava-o elle como se fosse um anjo; ao outro, que era o mais velho, aborrecia-o tanto, que affirmava que nem que a morte o levasse se apoquentaria.

Ninguem podia comprehender a sua lastimavel maneira de pensar, pois o filho que elle detestava, o Manoel, era o rapaz mais bondoso que se podia encontrar, embora fosse o rapaz mais feio que se podia descobrir.

Talvez fosse por isso que o pai o não podia ver com bons olhos.

Mandava-lhe fazer os trabalhos mais grosseiros e não o deixava descançar nem uma hora por dia.

Uma occasião, que Manoel andava a roçar matto, principiou a chorar por não poder supportar mais semelhante trabalho, pois o pai tinha-lhe imposto a tarefa de roçar um enorme monte todo coberto de matto, tojos e carquejas. E o sangue já lhe vertia das pernas, como a agua duma fonte.

Com a voz entrecortada de soluços monologou:

— Agora que já não sou criança, já conheço que meu pai me aborrece e adora o meu irmão. Mas nem por isso quero mal a nenhum dos dois. Nem todos podemos cair em graça, neste mundo. A sorte é para uns e para outros a dor. Paciencia.

Mal acabara de pronunciar estas palavras quando, em frente, se lhe deparou uma flor igual á do jardim mysterioso.

Tão maravilhosa apparição deixou o rapaz attonito.

— No meio do matto uma flor tão bella!!...

E a rosa, tomando o aspecto duma linda cara de mulher:

— Pois é assim mesmo que é o teu coração. Tens vivido e crescido só no matto; mudaste de côr e de feições, mas o teu coração não mudou de belleza — disse a flor.

—... VAE PARA CASA SEMPRE RISONHO...

Em seguida, na bocca da mulher appareceu um frasco.

— Aqui tens um balsamo. Toma-o. Com elle curarás todas as arranhaduras dos braços e pernas. Depois vai para casa sempre risonho, porque será assim que has de torturar o teu pai, amargamente.

Manoel, cheio de assombro, perguntou:

— Mas quem vos dá tamanho poder e quem sois vós?

— Não o podes saber agora, mais tarde o saberás. Cala-te, porque se perguntas duas vezes quem sou, ficarás mudo.

Manoel não prestou attenção a isto e não queria mais saber quem era, limitando-se a agradecer-lhe o balsamo offertado e que tantas dores lhe tirava.

E lá foi Manoel para casa depois de carregar um grande carro de matto que parecia uma pyramide do Egypto.

E a bella flor partiu para o seu jardim.

Ao chegar a casa, notou o pai que Manoel vinha muito alegre e jovial.

Ficou azabumbado com o caso e não se pôde calar:

— Ah! se tu trabalhasses bem, não vinhas tão tagarella e tão risonho! Deixa estar que já vou ver ao monte se todo o matto está roçado.

— Não vá tão longe, meu pai! Vá ao quintelho e veja a carrada que lá está.

O pai assim fez. Viu o carro e ficou estupefacto deante da colossal altura do matto.

Veiu para casa e, em vez de se mostrar contente, observou ao filho:

— Se vias que tanto era, para que tanto roçaste? Deixasses ficar algum no monte.

Como se vê, nunca dava galardão ao filho, nem mesmo quando a consciencia lhe protestava contra tanta maldade. Manoel com tudo se mostrava satisfeito.

— Pois bem, meu pai, para a outra vez lhe farei a vontade. Agora tenha paciencia.

O pai começou agora a notar que o filho tinha as mãos alvas como a neve ao luar e não lhe viu a menor arranhadura nas mãos, o que o atormentou deveras.

— Ó rapaz! tu parece que mandaste os servos roçar o matto e que te entretiveste a caçar grillos. Não tens mãos de quem pegou na roçadeira.

— Pois, meu pai, não sei como isso possa ser. Bem vê que nenhum dos servos foi comigo e quem roçou todo o matto fui eu e só eu.

Palavras não eram ditas, quando entrou pela porta dentro Luiz com uma porção de gaiolas com grillos, enfiadas num pau. Mas vinha tristonho, aborrecido, queixando-se de dores nas mãos.

O pai abeirou-se logo delle, contristado:

— Que tens, meu filho, que tens? Vens com as mãos todas ensanguentadas. Que te aconteceu?

— Foram umas silvas que assim me arranharam.

— Valha-me Deus!

E voltando-se para Manoel, em tom desabrido:

— Vá já buscar agua e vinagre para seu irmão. Lave-lhe já as mãos. Não vê o estado delle, seu palerma?

E Manoel, sempre filho submisso, lá foi buscar o que o pai lhe ordenou. Mas, condoido intimamente do seu irmão, em vez de botar na tigela agua e vinagre, deitou-lhe do balsamo que a flor lhe tinha dado.

Luiz gostava muito do irmão e quando acabou de lhe lavar as mãos, abraçou-o:

— Ah! meu querido irmão! As tuas mãos parecem dum santo! Que allivio tu me deste! Parece que as silvas eram venenosas e eu já não podia supportar tamanhas dores!

O pai ouviu o que Luiz dissera ao irmão e redarguiu:

— Ora elle não é santo, nem santa. O que te fez bem foi a agua e vinagre, meu filho! O que tu tiveste devia elle te-lo para saber as dores que tu soffreste. Mas elle é um figurão que até parece que tem pelle de sapo. Foi ao monte roçar matto e nem sequer uma beliscadella traz nas mãos; pelo contrario, olhando para ellas, parece que calçou sempre luvas.

*

Ao outro dia o pai pensou na tarefa que havia de impor ao filho.

— Hoje, Manoel, has de quebrar toda a pedra daquella pedreira. Quero vende-la para com esse dinheiro mandar o teu irmão tentar fortuna em terra extranha. É a unica parte que posso vender da nossa herdade e por isso posso já em vida doar-lh'a.

Manoel, sem uma palavra de contrariedade, sem a menor contracção do rosto, mas antes muito prasenteiro, muito jubiloso, lá se dirigiu á pedreira.

O pai ficou subjugado pela sua obediencia, mas logo o assaltou a irritação de elle o não contrariar nas suas ordens, para ter o pretexto de lhe dar uma forte sova.

Quando Manoel chegou perto da montanha, lá divisou a flor illuminando toda a pedreira com o seu brilho extranho.

— Viva a mais bella das flores — saudou Manoel.

— Viva o mais formoso dos corações — respondeu a flor. A tua obediencia encanta-me. Espero que terás o mais bello premio que pode haver.

Manoel ficou admirado infinitamente com o que a flor lhe disse.

— Bem! Começa o teu trabalho e não te apoquentes, que hoje, ao fim da tarde, toda a pedreira estará derrubada e toda a pedra quebrada.

Assim foi. Ao cair da tarde, Manoel chegava a casa com uma carrada espantosa de pedra, attingindo uma altura extraordinaria.

Apenas o pai viu o carro, assustou-se e disse-lhe:

— Ó rapaz! isto parece a Torre de Babel! Agora aonde hei de eu metter tanta pedra?

— Não se afflija, meu pai; maior é o patrimonio de meu irmão. E a pedra vende se ahi mesmo do carro.

O pai teve a repentina impressão de que o filho era magico, mas logo ponderou:

— Não, não; não me cheiras a magico! E ficou-se...

Vendeu o homem a pedra, e o filho querido, o seu Luiz, lá foi para terras

extranhas, onde conquistou uma fortuna colossal. Mas tão má estrella guiava o pai que o rico filho o votou ao maior esquecimento.

Notava Manoel que o pai chorava todos os dias e isso affligia-o; mas impossivel era conseguir arrancar-lhe uma palavra que explicasse as suas tristezas.

Manoel, sempre carinhoso, sempre bom filho, trabalhava sempre, velando pelo pai, a quem amparava com profundo amor.

Decorreu muito tempo e Manoel amargurava-se por não poder valer a seu pai, restituindo lhe a antiga alegria. Passava dias e noites com o coração triste como a propria noite. Chorava e quando as suas lagrimas lhe banhavam o rosto, num desses dias mais lugubres, appareceu-lhe a flor.

— É com esta a terceira vez que te appareço e é sempre nas tuas maiores afflicções. Que desejas de mim? — disse a flor.

— VÁ JÁ BUSCAR AGUA E VINAGRE PARA SEU IRMÃO

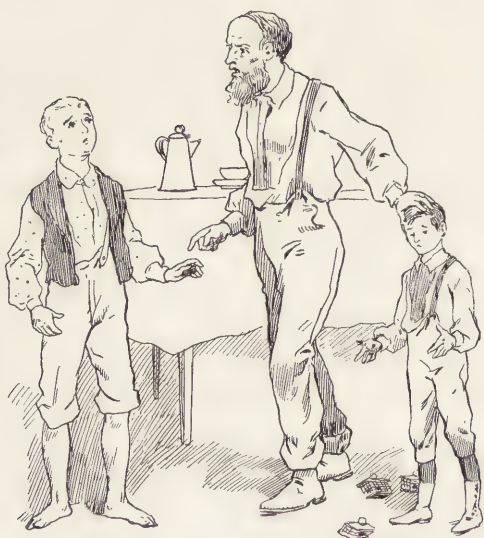
— Ah! bemdita flor! se tu pudesses dar consolação a meu pobre pai! . . .

— Pois sim, darei alegria ao teu pai!

— Bem hajas, flor amada. Se pudesses dar arrependimento ao meu irmão, para que se lembrasse de quem nunca o esqueceu . . .

— Serás attendido. O teu irmão não tem tido descanço, um momento sequer, mas agora terá um grande remorso, seguido dum arrependimento sincero.

— Abençoada sejas, flor bem amada.

— Para ti soou a hora do teu premio. Teu pai chora mais de arrependido do que te fez, do que do esquecimento a que o lançou teu irmão. A tua generosa alma, cheia de candura, vai ser recompensada e o teu formoso coração vai ter o seu premio. Apparece junto á porta do jardim onde eu vivo. E uma vez alli, não receies coisa alguma do que vires. Mostra-te sempre corajoso e obediente.

A flor transformou-se immediatamente numa serpente:

— Segue-me — disse-lhe ella.

E Manoel seguiu-a.

Quando chegaram ao jardim, a porta abriu-se, de par em par. A serpente entrou. Manoel, cheio de pavor, hesitava em segui-la. Por fim resolveu cumprir o que ella lhe havia dito.

O jardim fechou-se novamente. A serpente chegou ao pé duma roseira e enroscou-se, dizendo a Manoel:

— Agora deves matar-me e irás derramar o meu sangue junto daquella grande palmeira.

Manoel não sentia forças para matar a serpente, á qual o prendia um affecto inexplicavel, mas, obedecendo ás suas determinações, matou-a.

Aproveitou o sangue que pôde e foi lança-lo ao pé da palmeira indicada.

E de repente a palmeira transformou-se num magestoso palacio.

Manoel, como louco de alegria, correu para junto da roseira, para ver se lhe apparecia a mesma flor, que o animasse a olhar para tanta surpreza que o deslumbrava.

Lá estava ella com todo o seu esplendor.

— Desenrosca-me essa serpente morta do meu tronco — disse-lhe ella.

Manoel assim fez. E logo caiu desmaiado ao ver junto de si a mulher mais formosa do mundo, que era uma princeza a quem elle corajosamente quebrara o encanto.

A princeza, inclinando-se, beijou o rosto pallido do seu salvador. E Manoel, ao calor daquelle beijo, despertou do seu extasis, num deslumbramento, e seguiram, mãos nas mãos, para o palacio.

Noivaram. No dia esponsalicio houve festas maravilhosas, e toda a gente dos povos visinhos accorreu a assistir ás brilhantes illuminações do jardim edenico, estrellado de flores variegadas, e as musicas, os hymnos e os cantares formavam um conjuncto delicioso.

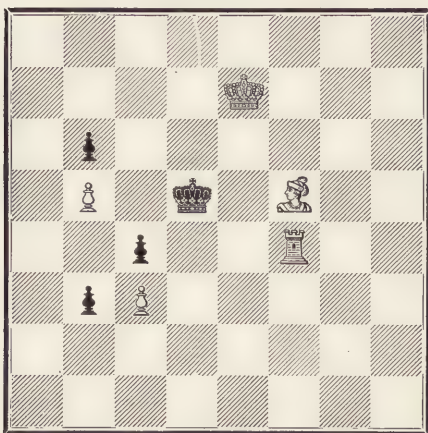
Para o seu palacio chamou o pai, que viveu uma feliz velhice, emquanto o irmão morria, ao longe, na miseria e torturado pelo remorso da sua ingratidão.

Maio — 1906.

MARIA PINTO FIGUEIRINHAS.

.. CHAMOU O PAI QUE VIVEU UMA FELIZ VELHICE...

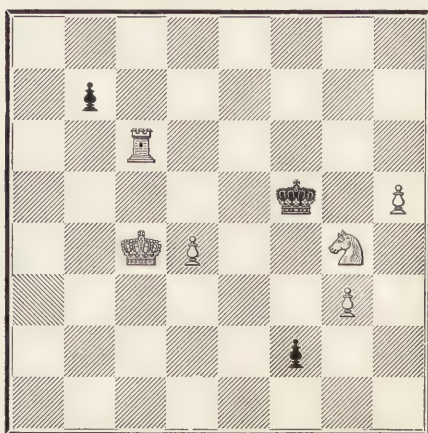
SECÇÃO DE XADREZ por BALDAQUE DA SILVA

N.º 9. Problema directo

Pretas 4

Brancas 5

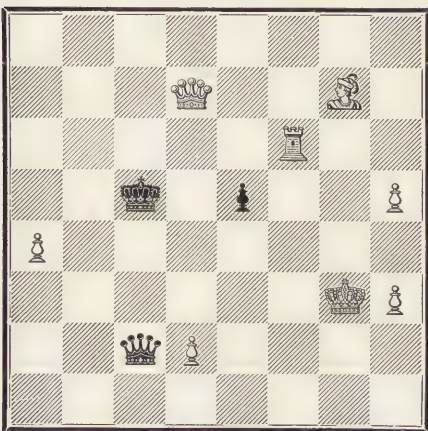
As brancas dão mate em 2 lances.

N.º 10. Problema retrogrado inverso

Pretas 3

Brancas 6

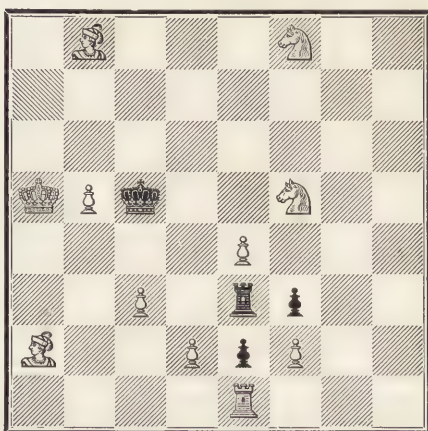
1.º — As brancas desfazem a jogada anterior.
2.º — As brancas jogam.
3.º — As pretas jogam.
4.º — As brancas jogam e obrigam as pretas a dar mate.

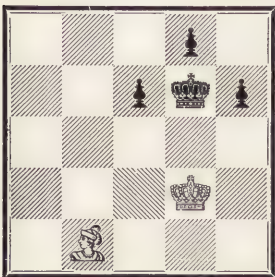
N.º 11. Problema inverso

Pretas 3

Brancas 8

As brancas obrigam as pretas a dar mate em 3 lances.

N.º 8. Problema inverso

Pretas 4

Brancas 11

As brancas obrigam as pretas a dar mate em 4 lances.

Soluções: — Prob. n.º 1 = **D d 8**. N.º 2 — **C f 7**. N.º 3 = **C e 3**. N.º 4 = **R d 2, C a 4, (D b 6), C e 3**.

Resolutores: — Os Srs. Pereira Machado, Avila da Graça e Nunes Cardoso.

Final de partida. — Segundo os mais recentes estudos, em contrario do que ha 20 annos se suppunha, o *bispo* empata contra *tres piões* unidos. São as pretas que jogam primeiro.

ERRATA — No problema n.º 8, publicado no numero anterior, o rei **c 5** é branco.

Grandes topicos

Na Russia

NA resposta ao discurso da corôa, a Duma expoz ao czar as reclamações da Russia, isto é, as reformas de ordem politica e social que o povo russo julga necessarias á sua existencia. Todo o mundo viu logo que o czarismo não satisfaria uma grande parte d'essas reclamações por serem excessivamente radicaes, mesmo para um regimen verdadeiramente constitucional. Mas o que todo o mundo viu tambem foi a necessidade e a justiça de serem satisfeitas algumas d'ellas — as fundamentaes. Sem isso, a Duma não teria razão de existir, e a sua concessão denunciava-se logo uma authentica burla, tanto mais odiosa quanto visava a liberdade e a vida de milhões de homens.

Afinal, a expectativa geral foi illudida. O czarismo resolveu repellir todas as exigencias formuladas pelos delegados do povo. Assim o declarou o governo em plena Duma, que lhe retorquiu votando por unanimidade a sua demissão immediata. E' claro que o governo não se demittiu, mas, desde logo, entre elle e o parlamento ficou aberto um conflicto que de dia para dia se tem agravado e ameaça tomar as mais sinistras preparações.

Acobertado com a corôa, o gabinete mantem se n'uma absoluta intransigencia; por seu turno, o parlamento prosegue na sua tarefa reformadora, tendo já perdido aquella extraordinaria calma que caracterisara as suas primeiras sessões. E, ao mesmo tempo, por toda a parte se ergue o grito de revolta que, aqui e alem, começa a ser escutado pela tropa.

O DEDO DO DESTINO (DEPOIS DE ALGECIRAS)

KAISER — *Faze força com o dedo. D'esta vez é bem feito o que lhes acontece*

Do *Pasquino*

A situação, como se vê, é grave, e só poderia *talvez* ser resolvida pacificamente ainda, se o governo, isto é, se a autocracia cedesse. Mas como o mais provavel é que não cêda, pode quasi considerar-se certa e imminente uma tremenda e decisiva revolução na Russia.

Austria-Hungria

O conflicto austro-hungaro entrou n'uma phase nova, sem duvida mais interessante do que a primeira. Como se sabe, uma das reclamações da Hungria é a autonomia economica. Assim, quando ultimamente se procedeu á revisão das pautas aduaneiras, o gabinete de Budapest exigiu logo que a nova pauta fosse considerada não do imperio austro-hungaro, mas autonoma de cada uma das suas partes. E, com grande espanto de toda a gente, talvez mesmo dos proprios hungaros, o imperador Francisco José declarou estar disposto a satisfazer essa reclamação.

Toda a Austria se levantou então e, á frente d'ella, o proprio governo, n'um movimento de protesto contra o monarcha, acusando-o de alimentar as aspirações separatistas da Hungria. Para não transigir, o governo demittiu-se, e só ao fim de laboriosas negociações se encontrou para o substituir um grupo de figuras apagadas da politica, sob a chefia do barão Beck co-

PONTO DE VISTA GERMANICO SOBRE A DUMA

O CZAR — *É tempo de preparar a ratoeira para o nosso querido povo.*
WITTE — *Isso de pouco serve. A isca já esta em mau estado. Deita um cheirete que trezanda por essa Russia fóra, e os Socialistas Democratas teem um olfacto tão fino!*

Do *Wahre Jacob*

nhecido pelas suas ideias reaccionarias

Escusado será dizer que o novo gabinete não veiu para desfazer o que está feito. O imperador prometeu satisfazer a exigencia da Hungria, e esta conta com isso. O papel reservado ao barão Beck é apenas o de conciliador, havendo, porem, sobejos motivos para duvidar que elle o desempenhe a contento das trez partes.

A coroação de um rei

Na antiquissima cathedral de Trondhjen realisou-se, no dia 22 de Junho, a coroação do rei Haakon da Noruega. Recebidos á porta da cathedral pelos bispos de Christiania, de Trondhjen e de Bergen, vestindo paramentos amarellos, e por cincoenta padres com habitos brancos, o rei e a rainha dirigiram-se processionalmente para o interior do templo, onde estavam armados dois thronos, nos quaes tomaram logar. Terminado o sermão, proferido pelo bispo da diocese o rei, precedido pelo generalissimo do exercito, qne empunhava a bandeira da Noruega, caminhou para o altár mór, onde o bispo de Christiania o ungiu.

Em seguida, o presidente do conselho de ministros tomando de sobre o altar a coroa real, collocou-a na cabeça do monarcha; o ministro dos estrangeiros e um bispo entregaram-lhe o sceptro; o ministro do commercio e um outro bispo, um globo; e o ministro da guerra e um terceiro bispo, a espada. Por ultimo, o ministro da justiça poz-lhe sobre os hombros o manto real. Estava coroado rei da Noruega Haakon VII.

Como se vé, na patria de Ibsen o rei é consagrado pelos bispos, como representantes de Deus; mas é coroado pelos ministros, como representantes do povo, recebendo das mãos d'elles todos os atributos do poder.

O NOVO REGENTE DA ORCHESTRA

Parece que o rei Eduardo assumiu a regencia do concerto europeu, com o habil auxilio do Presidente Roosevelt

Do *Nebelspalter*

Franquia universal do vintem

Um membro do Parlamento Britannico, o sr. Heiniker Heaton, iniciou uma campanha no sentido de uniformizar ao preço de um *penny* (aproximadamente 20 réis) a franquia postal em todo o mundo.

As vantagens do projecto são intuitivas. As difficuldades oppostas são porem, como é de prever, consideraveis. O sr. Heaton apresenta, para as vencer, um grande numero de argumentos, entre os quaes avultam as anomalias espantosas do porte.

Assim, por exemplo, uma carta de Inglaterra para França, 21 milhas de distancia, paga 2 *pence* e meio, ao passo que da mesma proveniencia para as ilhas de Fidji, 11000 milhas, a franquia é apenas de um penny.

Mas o principal argumento consiste nos lucros consideraveis que em todos os paizes do mundo produzem os correios. É em vista d'elles, expressos na seguinte tabella, que o sr. Heaton considera perfeitamente viavel o seu projecto, sobre o qual recaem aliás as sympathias de um grande numero de personagens importantes em muitas nações do mundo civilizado, e que alguns governos teem começado a adoptar na posta intensa e colonial dos respectivos paizes, tendo de presenciar que outros não tardem o seguir o exemplo.

LUCRO POSTAL NAS PRINCIPAES NAÇÕES DO MUNDO

	Francos
Allemanha	76,812,000
Austria	4,776,000
Belgica	13,612,000
França	73,863,000
Grã-Bretanha	120,000,000
Hespanha	16,260,000
Hollanda	5,000,000
Hungria	15,350,000
Italia	4,000,000
Japão	12,700,000
Portugal	2,300,000
Russia	78,000,000
Suecia	2,600,000
Turquia	4,950,000

KAISER E CHANCELLER

KAISER — *A Allemanha, com tantas curiosidades, não possue um vulcão como a nossa infiel amiga.*
BÜLOW — *Qual não possue! Para vulcão e lava, não ha Vesuvios nem Pelées que se comparem a Vossa Majestade.*

Do *Pasquino*

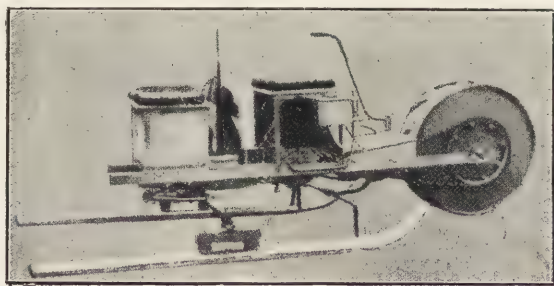
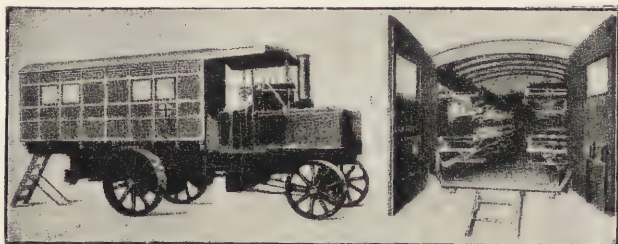
Vida na sciencia e na industria

Expedição Polar, novissima

O mais recente plano para se attingir o Polo Norte é por meio de aeronave e trenó automovel. A expedição é dirigida por Mr. Walter Wellman e custeada por Mr. Victor Lawson, de Chicago. A gigantesca aeronave, em que os exploradores farão rumo para o Polo, é a maior que se tem construido. Transportará um carro de aço, tres automoveis com um total de 80 cavallos de força, um barco de aço, trenós automoveis, cinco homens, com mantimentos para 75 dias, instrumentos, utensilios, e cerca de duas toneladas e meia de gazolina para os automoveis. O comprimento anda por 53 metros, e espera-se que tenha uma velocidade media de 12 milhas por hora.

A base da expedição é a ilha de Spitzbergen. D'ahi, por todo o mez de junho, trinta e cinco homens de sciencia, engenheiros, aeronautas, machinistas e operarios tratarão de encher o balão e de fazer os preparativos necessarios para a arrojada viagem.

Spitzbergen fica a 600 milhas de distancia do Polo, e calcula-se que a provisão de gazolina será mais do que sufficiente para a viagem de ida e volta. Caso seja preciso, os exploradores poderão recorrer aos trenós automoveis, vehiculos de extranho aspecto, correndo sobre uma larga roda central na frente com grandes patins na parte posterior. A expedição deve custar provavelmente umas 50.000 libras esterlinas. Se a primeira tentativa falhar, repetir-se-ha a expedição para o anno que vem.

A EXPEDIÇÃO WELLMAN AO POLO NORTE — A AERONAVE MONSTRO

TRENÓ AUTOMOVEL DA EXPEDIÇÃO WELLMAN

NOVAS AMBULANCIAS MILITARES CONSTRUIDAS PARA O GOVERNO PORTUGUEZ

Novas ambulancias militares

Construiram-se em Inglaterra uns carros ambulancias, de novo systema, destinados ao governo portuguez, para se usarem nas nossas colonias. São os maiores que se teem feito, e conteem provisões para transportarem não menos de 12 homens cada um, tendo tambem cada um oito camas. Afim de se adaptarem a terrenos escabrosos, foram necessarias disposições especiaes para obviar á trepidação. Para isto inventaram os constructores srs. Carter, de Londres, um apparelho automatico a que deram o nome de «Rastilon», o qual se adapta ás camas. As molas possuem uma força de repercussão egual á das almofadas de ar, por mais irregulares que sejam os caminhos e qualquer que seja o peso dos doentes. As machinas teem a força de 45 cavallos.

Atravez de Africa

Em meiados de junho chegavam a Broken Hill os rails do grande caminho de ferro do Cabo ao Cairo. Este ponto fica 374 milhas ao norte das Cataractas Victoria e a 2016 milhas de distancia da cidade do Cabo. N'esta gigantesca empreza, estão empregados 3 a 5 mil indigenas e cerca de 350 brancos.

De Londres a New-Yoak por terra

Não é uma simples phantasia de romancista esta deia que actualmente se debate na Inglaterra e na America. Trata-se de um caminho de ferro que atravessará em tunel sob as aguas do estreito de Behring, ligando directamente a Asia á America. Esse tunnel não é de construcção impossivel. É aberto em rocha a toda a distancia, e o material excavado não excederá, segundo dizem o arrancado para o caminho de ferro subterraneo de New-York.

A profundidade do mar regula entre 150 e 192 braças, sendo apenas de 90 entre as ilhas de Ratmanof e Kruzenstern, nas quaes se abrirão poços de ventilarão. Assim, a não ser no estreito de Calais, onde aliás na varios projectos de travessia pelo caminho de ferro, toda a viagem se realisará sem que o passageiro tenha que sahir do comboio. A extensão approximada da linha ferrea, de Londres a New-York, será de 26.000 a 27.000 kilometros, a qual, á velocidade de 50 milhas (92,6 kilometros), se vencerá em doze dias.

A viagem de Londres a Irkutsk já actualmente se faz em menos de cinco dias. A travessia de New-York a Vancouver realiza-se em dois dias. Resta ligar estes dois pontos, e para isso se trabalha activamente no territorio americano de Alaska, construindo-se um caminho de ferro cujo fim immediato era servir as minas de ouro d'aquella região, e projectando-se uma nova linha desde o cabo Principe de Galles a Vancouver.

Automovel blindado

Damos acima a gravura do automovel blindado, em uso actualmente na França. As experiencias tem dado magnificos resultados. Em todos os paizes do mundo se estão adoptando estes formidaveis apparelhos bellicos, justificando a sciencia a fantasia de um romancista illustre, o inglez Wells, que n'um interessante conto celebrou *Os couraçados da Terra.*

Papel de turfa e de hastes de cereaes

Na Irlanda e na Escocia tem-se tentado uma vez por outra, em pequena escala quasi sempre, a manufactura do papel de turfa.

Ha duas firmas que estão actualmente fabricando com a turfa papel de embrulho, mas o chamado papel de turfa contem apenas umas tres quartas partes d'este material. Até hoje pelo menos, ainda não se conseguiu branquear a massa da turfa. Por isso só se póde fabricar com ella o papel pardo. Os papeis de palha e de serradura ficam mais baratos. Muito mais promettedora é a nova industria de fazer papel com as hastes dos cereaes.

A ser verdade, como se affirma que uma tonelada d'esse papel, tão bom como o fabricado de madeira ou de trapos, pode sahir por 22$000 a 25$000 réis (o custo do fabrico do papel de madeira ou de trapos, anda por 60$000 á 75$000 réis), então está decidida a victoria em favor do novo fabrico, e os lavradores podem encontrar para o restolho uso mais proveitoso do que reduzil-o a cinzas ou a adubo.

AUTOMOVEL BLINDADO

Os microbios do Oceano

Poucas investigações se tinham até agora feito sobre a existencia dos microbios no mar. Dois autores allemães, Moritz Otto e R. O. Nuemann, publicaram recentemente exames bactereologicos da agua do oceano Atlantico, as quaes preenchem em parte esta lacuna.

Por meio de um apparelho especial, os autores recolheram uma serie de amostras de agua do mar, durante a derrota do navio em que se guiram de Boulogne para a Bahia.

Mostraram as suas pesquizas que o numero de bacterias, ás vezes consideravel perto das costas, sobretudo na zona em que desaguam os grandes rios, decresce no mar alto até não passar de algumas centenas por centimetro cubico á superficie, e diminue ainda á medida que augmenta a profundidade. Á altura de uns 200 metros, não ha mais de 1 a 14 germens por centimetro quadrado.

Efficacia dos serums

O dr. Brunon, director da Escola Medica de Rouen, affirma que o serum Chantemesse reduziu a mortalidade pela febre typhoide, no hospital geral, de 17 a 3 por cento, e que todos os doentes tratados na primeira semana foram curados. O sorum anti-dysenterico Vallard, obtido de cavallos pela forma usual, tem produzido resultados beneficos muito notaveis.

Vida na arte

IBSEN AOS 30 ANNOS

Ibsen

Henrik Ibsen nascera em Skien, a 20 de março de 1828. Começando a sua vida como pharmaceutico, bem depressa trocou essa profissão pelas letras. e sob o pseudonymo de Brynjolf Bjarme, publicou o drama *Catilina* — a sua primeira obra. Entrando para a Universidade, fundou um jornal literario, no qual foi publicada a sua satyra *Norma, ou o amor de um homem politico*.

Mais tarde passou a ser o auctor dramatico *oficial* do theatro de Bergen e, em seguida, do de Christiania. Foi n'este theatro que elle fez representar algumas das suas peças de maior sucesso. A *Comedia do amor* que subiu á scena em 1863, valeu-lhe uma subvenção para ir em viagem de estudo ao estrangeiro. Residiu durante alguns annos em Munich, Dresde e Roma, escrevendo n'esta ultima cidade um dos seus mais celebres dramas: *Brand*.

Alem das obras citadas, Ibsen escreveu muitas outras, sendo as mais conhecidas: *Edda Gabler*, *Os espectros*, *Solness o Constructor*, *O gato bravo*, *Casa da Boneca*, *Peer Gynt*.

O tribunal de arbitragem internacional

Duzentos e dezesete architectos de quasi todos os paizes do mundo entraram no concurso aberto pelo millionario Carnegie para o projecto do Palacio da Paz na Haya. Foram enviados nada menos de 3038 desenhos. O primeiro premio foi adjudicado a Mr. Cordonnier, cujo projecto apresentamos. É uma concepção esplendidamente executada, no estylo dos *châteaux* do norte da França. O corpo principal é flanqueado de torres elevadas, duas das quaes ficam nos extremos da fachada. No interior haverá uma magnifica sala de Tribunal, onde de futuro se decidirá a sorte das nações.

PROJECTO PREMIADO PARA O PALACIO DA PAZ

IBSEN AOS 70 ANNOS

O theatro em Portugal

O meio theatral portuguez acha-se em ebullição, em virtude de um requerimento feito por um particular para a adjudicação do theatro de D. Maria II, mediante um arrendamento e sob certas clausulas protectoras dos interesses de literatura e de arte dramatica. No momento em que escrevemos, trata o conselho de arte dramatica de elaborar o seu parecer, o qual lhe foi pedido pelo governo. Cá fóra, dividem-se naturalmente as opiniões, conforme os interesses em jogo, sobre a vantagem ou desvantagem de alterar o regimen existente. Veremos o que de tudo isto resulta, e oxalá que seja tudo para bem!

Vida nos campos

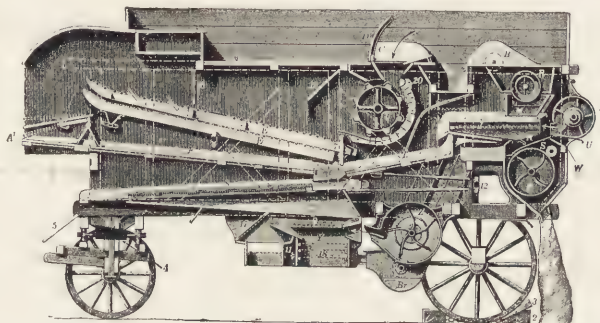
JULHO

Debulhadora de trigo a vapor.

Esta machina consiste n'uma caixa sobre quatro rodas, dentro da qual ha um machinismo composto de cylindro, crivos, ventoinhas, etc. os quaes postos em movimento pela correia motora que vem da machina a vapor, debulha, separa, limpa e prepara o trigo, que he é deitado em rama pela abertura indicada na nossa gravura pela letra C.

O trigo cae no espaço entre o cylindro batedor U e uma especie de grade recurvada, cuja approximação do cylindro se segura no ponto 20. O cylindro tem um movimento de mil e tantas voltas por minuto e n'essa velocidade desfaz a espiga donde se soltam os grãos, que, misturados com a palha, batem no anteparo 14 e cahem nos sacudidores E. O movimento dos sacudidores obriga a palha a caminhar por elles acima até cahir pela sua extremidade sobre o crivo A ou sobre cylindro munido de navalhas e dentes que a cortam e esmagam para poder servir de alimento para o gado. O grão atravessa o crivo dos sacudidores e cae na bandeja F que o conduz a um outro crivo 8 onde se apura o grão limpo do cacho ou boccados de espigas que teem de voltar á machina. O grão cae no crivo 9 donde passa a outros crivos 18 soffrendo nova limpeza por meio da ventoinha Z que lhe tira o cazulo e a moinha que saem pelo canal 10. O trigo limpo e despejado passa por um boccal á caixa B onde os alcatruzes de uma nora o elevam á caixa superior B donde passa ao escovador R. Depois de esfregado ahi ou escovado é novamente limpo pela ventoinha T que o assopra ao passar pelos crivos J J e passa pela calha N para o calibrador rotativo R que o separa em classes distinctas de grandeza e o despeja nos diversos boccaes onde se prende a bocados desaccos que o recebem.

E' este o machinismo ordinario de uma debulhadora. Não obstante ha varios systemas que variam entre si em detalhes a fim de produzir melhor ou maior quantidade de trabalho.

As mais modernas possuem ainda um jogo de crivos oscillantes onde cae a palha, sendo n'elles apurado e limpo com ventoinha qualquer quantidade de grão que ella ainda traz da machina. A este acessorio chama-se pagucheiro.

DEBULHADORA DE TRIGO A VAPOR

As debulhadoras podem debulhar 10 a 20 moios de trigo por dia e mais, e necessitam uma machina a vapor da força de 8 a 12 cavallos, cujo modelo é em geral dos denominados locomoveis.

Estas machinas estão muito generalisadas entre nós, por poderem produzir muito trabalho sem dependencia de vento que muitas vezes falta, causando prejuizo ao lavrador.

Ratoeira para insectos

Eis a descripção de um apparelho inventado por Mr. Paul Noel para destruição dos insectos.

Imaginem uma tira de flanella com os extremos cosidos um ao outro, formando uma tella sem fim que se estende sobre duas roldanas, munida a superior de uma manivella. A inferior mergulha n'uma cella contendo a mistura seguinte:

Mel, 10 kilos.
Assucar mascavado, 2 kilos.
Melaço, 2 kilos.
Agua 1 litro.
Cerveja, 1 litro.

Esta mistura deve ter cosido a fogo lento durante uns dez dias, tempo precso para desenvolver o aroma que deve attrahir as victimas.

Quando se anda com a manivella, o panno desenrola-se e ensopa-se na mistura. Os insectos movidos pela gula, aproximam-se, mas veem esbarrar com uma rede metallica, que defende o panno. Assim, a gulozeima dura indefinidamente, bastando de vez em quando deitar lhe mais agua.

As roldanas e a rede metallica estão mettidas n'uma caixa de madeira com 1 metro de alto. Na parte superior ha um vidro, e as paredes teem uns furos, com uma especie de funis de rede metallica com a parte mais larga para fóra. Os insectos entram, mas não são capazes de dar com a saida.

Não podendo penetrar na rede interior que protege o panno ensopado, agglomeram-se no cimo da caixa, e cahem pouco a pouco extenuados e moribundos no fundo. Formam ahi uma camada espessa de cadaveres, que teem de se tirar no fim de 5 ou 6 dias para evitar a podridão, eque podem aproveitar se para alimentar-se as capoeiras, pois que cada semanas e apanham 2 ou 3 kilos de insectos.

Vida no sport

Concurso Lisboa-Coimbra Lisboa

Uma das mais interessantes provas sportivas realisadas até hoje em Portugal foi o Concurso de excursionismo organisado pelo R. A. C. P. e effectuado nos dias 27, 28 e 29 de maio ultimo.

Haviam sido inscriptos 26 automoveis e todos elles realisaram a primeira parte do percurso estabelecido (Lisboa-Coimbra, por Santarem), mas apenas 5 voltaram á capital tendo cumprido todas as condições do concurso.

Foram elles, por ordem de chegada:

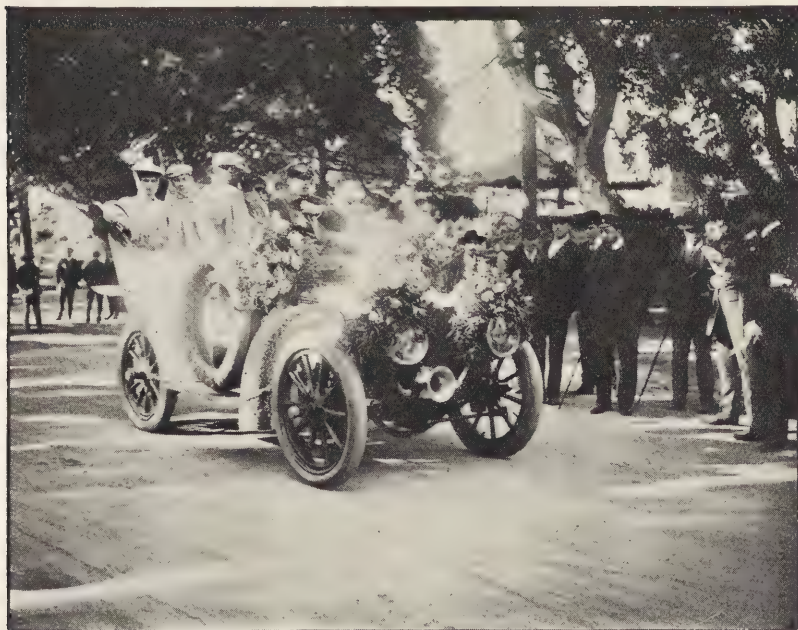
O do sr. D. Antonio Praia.

O do sr. dr. Antonio Maria de Sousa.

O do sr. Henrique Burnay.

O do sr. Infante D. Affonso.

O do sr. Vasco Infante da Camara.

Os dois primeiros automoveis fizeram o percurso no mesmo tempo regulamentar, quer dizer, chegaram a todas as *contrôles*, tanto á ida como á volta, dentro da hora official e até mesmo adeantando-se a ella. Como, porem, o adeantamento não lhes podia ser descontado e a classificação devia ser feita unicamente sobre a hora regulamentar, a ambos foi conferido o primeiro premio, isto é, medalha de *vermeil* e diploma.

A CHEGADA

UM AUTOMOVEL FLORIDO

Os carros haviam sido agrupados em quatro cathegorias, pertencendo os vencedores á terceira, da qual tambem foram classificados os dos srs. Henrique Burnay e Infante D. Affonso. Na quarta cathegoria não houve classificação porque nenhum dos carros inscriptos compareceu á partida. Na segunda foi apenas classificado o do

REGATA DA TAÇA LISBOA — A LARGADA

sr. Vasco Infante. Na primeira — *voiturettes* — tambem não houve classificação porque nenhum effectuou todo o percurso.

Taça Lisboa

Foi disputada esta taça no dia 24 de maio, realisando-se, para esse effeito, quatro corridas, com o seguinte resultado:

1.ª — Entre a Real Associação Naval e o Club dos Aspirantes de Marinha, correndo este só por a primeira não ter comparecido.

2.ª — Entre o Real Club Naval e o Club Naval Madeirense, vencendo este.

3.ª — Juniors. Entre a Real Associação Naval, o Real Club Naval e o Club Infante D. Manuel, ganhando a primeira.

4.ª — Entre as embarcações vencedoras nas series eliminatorias: *Altair*, do Club dos Aspirantes de Marinha e *Insula*, do Club Naval Madeirense.

Venceu a ultima, pelo que a taça fica na posse do Club Naval Madeirense até maio do proximo anno, em que é de novo disputada

Jacquelin

O campeão do mundo em 1900 esteve entre nós ha quinze dias, correndo no Velodromo de Lisboa. E comquanto elle já não seja para o sport o Jacquelin de ha seis annos, os amadores da velocipedia tiveram occasião de admirar os extraordinarios recursos d'esse corredor, ainda hoje bem visiveis.

Jacquelin desafiou Messori e a *equipe* de *tandem* Couto Lopes, que o haviam batido respectivamente na segunda e na primeira tardes. O desafio foi marcado para o dia 29

A INSULA, DO CLUB NAVAL MADEIRENSE

INDICE

DOS

ARTIGOS E GRAVURAS CONTIDAS NO VOLUME II

(2.ª SERIE)

Annuncios dos Serões

A empreza dos **Serões,** com uma importante tiragem e uma larga circulação em Portugal e Brazil, offerece as paginas supplementares de annuncios nas condições seguintes, por uma unica inserção:

Annuncios não illustrados

1 pagina	10$000 rs.
1/2 »	5$500 »
1/4 »	3$000 »
1/8 »	1$500 »
1/16 »	$800 »

DESCONTOS

Anno 20 %, semestre 15 % e trimestre 10 %.

Annuncios illustrados

UM ANNO

1 pagina	150$000 rs.
1/2 »	100$000 »
1/4 »	70$000 »
1/8 »	50$000 »
1/16 »	35$000 »

Semestre 60 % }
Trimestre 40 % } **Ao preço do anno**

PEQUENOS ANNUNCIOS

Para commodidade dos annunciantes, a empreza estabelece ainda uma secção de **Pequenos annuncios,** os quaes são pagos segundo a seguinte tabella:

Annuncios até 5 linhas, em columna de 1/3 de largura de pagina, 400 réis por cada inserção. Cada linha a mais 80 réis.

Typ. «A Editora